

Augusto César Dias de Araujo

**O Espiritismo, “esta loucura do século XIX”:
Ciência, Filosofia e Religião nos escritos de Allan Kardec.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

Juiz de Fora
2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Araujo, Augusto César Dias de.
O Espiritismo, "esta loucura do século XIX": : Ciência, Filosofia e Religião nos escritos de Allan Kardec. / Augusto César Dias de Araujo. -- 2014.
287 p.

Orientador: Volney José Berkenbrok
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2014.

1. Espiritismo. 2. Ciência. 3. Filosofia. 4. Religião. I. Berkenbrok, Volney José, orient. II. Título.

Augusto César Dias de Araujo

**O Espiritismo, “esta loucura do século XIX”:
Ciência, Filosofia e Religião nos escritos de Allan Kardec.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Ciências Sociais da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Religião.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Volney José Berkenbrock (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Clodomir Barros de Andrade
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. André Andrade Pereira
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Luiz Antônio Signates Freitas
Universidade Federal de Goiás

A Maria Madalena Terror de Araújo, minha avó.

AGRADECIMENTOS

Em primeiríssimo lugar quero agradecer a meus pais, Antônio e Marina, pelo amor incondicional. Sem eles nada disso seria possível.

Em seguida quero agradecer a João, meu companheiro, por nunca me deixar desistir e por sempre estar ao meu lado, mesmo nos momentos mais difíceis. Nem todas as pessoas têm a sorte de encontrar um *amor pra sempre e além*. Felizmente, eu não estou neste número.

Sou especialmente grato a Volney, meu orientador, por sua paciência e determinação frente a meus bloqueios e demoras.

A meus amigos Mauricio Oliveira e Rogério Bettoni pelas traduções dos Resumos; e, a Vital Cruvinel que muito contribuiu com a revisão do texto final.

Agradeço também aos membros da *Confederação Espírita Pan-americana* (CEPA) pela oportunidade de interlocução contínua ao longo de todos esses anos, através de sua lista de discussões. De modo especial gostaria de citar Vital Cruvinel, Herivelto Carvalho, Eugenio Lara, Gustavo Leopoldo Daré, Milton Medran, Salomão Benchaya, que, dentre todos os demais amigos e amigas que ali encontrei, foram os que mais tiveram disposição para o diálogo.

Aos membros da *Associação de Estudos e Pesquisas Espíritas de João Pessoa* (ASSEPE) pela amizade construída e pelas críticas e debates sempre construtivos.

À *Federação Espírita Brasileira*, na pessoa de sua bibliotecária, Ana Prado, pela possibilidade de acesso a algumas fontes originais desta pesquisa. E à *Fundação Maria Virgínia e J. Herculano Pires* pela doação dos livros de seu patrono, que muito me auxiliaram na pesquisa.

Devo agradecer também a meus colegas, professores da Coordenação de Ciências Humanas e suas Tecnologias (CCHT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, *campus* João Pessoa (IFPB-JP), pelo suporte e companheirismo que me foi ofertado no período final de escrita desta tese. E a meus alunos, pela parceria e compreensão.

Por fim, mas não menos importante: a realização deste trabalho teria sido muito difícil sem a bolsa concedida pela *Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais* (FAPEMIG).



Allan Kardec (1804-1869)

Eh bien! le Spiritisme, cette folie du dix-neuvième siècle, selon ceux qui veulent rester au rivage terrestre, nous découvre tout un monde, monde bien autrement important pour l'homme que l'Amérique, car tous les hommes ne vont pas en Amérique, tandis que tous, sans exception, vont dans celui des Esprits, faisant d'incessantes traversées de l'un à l'autre.

– Allan Kardec

RESUMO

Nascido em meio às disputas doutrinárias do Espiritismo brasileiro, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o chamado *tríplice aspecto* tem sido apresentado como a fórmula mais adequada para definir a natureza ou identidade da doutrina espírita tal como foi apresentada por Allan Kardec [1804-1869] em sua obra. Em sua configuração mais comum – que será analisada nesta tese – esta fórmula afirma que o Espiritismo seria uma doutrina simultaneamente *científica, filosófica e religiosa*. E, embora o fundador do Espiritismo nunca tenha se referido em seus escritos a este *tríplice aspecto*, os conceitos nele envolvidos são, de tal forma, centrais para a compreensão do processo de formação da doutrina kardeciana, que uma averiguação junto aos textos-fonte deste movimento se torna necessária. Somente assim poderemos definir se, de fato, o *tríplice aspecto* reflete, em essência, o pensamento de Kardec acerca do problema da identidade do Espiritismo. O objetivo deste trabalho, portanto, é realizar esta investigação; buscando compreender de que modo Kardec relaciona os conceitos que constituem o *tríplice aspecto* ao conceito de Espiritismo ao longo de todo o percurso de composição de sua obra doutrinária. Para a consecução deste objetivo nos debruçamos sobre o *corpus* kardeciano a fim de interpretá-lo a partir de uma postura de *crítica imanente* ao papel dos conceitos nesta obra, bem como ao papel desempenhado por Kardec na composição da mesma. Ao final, esperamos oferecer elementos para uma compreensão mais acurada do processo de formação identitária do Espiritismo.

Palavras-chave: Espiritismo. Ciência. Filosofia. Religião.

RÉSUMÉ

Apparu parmi les disputes doctrinaires du spiritisme brésilien, entre la fin du XIX^{ème} siècle et les premières décennies du XX^{ème}, le *triple aspect*, comme il est connu, est en général présenté comme la formule la plus appropriée pour définir la nature ou l'identité de la doctrine spirite telle qu'elle a été exposée par Allan Kardec (1804-1869) dans son oeuvre. Dans sa configuration la plus connue – celle-ci sera analysée dans cette thèse – telle formule affirme que le spiritisme serait une doctrine simultanément *scientifique*, *philosophique* et *religieuse*. Et, bien que le fondateur du spiritisme n'ait jamais fait référence dans ses écrits à ce *triple aspect*, les concepts qui s'y rattachent sont si essentiels pour la compréhension du processus de la formation de la doctrine kardéciste qu'une investigation auprès des sources primaires de ce mouvement devient nécessaire. Seulement ainsi nous pouvons définir si réellement le *triple aspect* reflète, dans son essence, la pensée de Kardec sur le problème de l'identité du spiritisme. Le but de ce travail est donc de réaliser cette investigation, en essayant de comprendre de quelle manière Kardec lie les concepts qui constituent le *triple aspect* à celui du spiritisme au long de tout le parcours de la composition de son oeuvre doctrinaire. Pour aboutir à cet objectif nous nous penchons sur le *corpus* kardéciste afin de l'interpréter à partir d'une position de critique immanente à la fonction des concepts dans cette oeuvre, ainsi que le rôle représenté par Kardec dans sa composition. A la fin, nous espérons offrir des éléments pour une compréhension plus précise du processus de formation identitaire du spiritisme.

Mots-cléf: Spiritisme. Science. Philosophie. Religion.

ABSTRACT

The so-called *triple aspect*, conceived between late 19th and early 20th centuries during the doctrinal disputes of Brazilian Spiritism, has been introduced as the most suitable formula to define the nature or identity of Spiritist doctrine as proposed by the work of Allan Kardec [1804–1869]. In its most common arrangement, which will be analysed in the present thesis, the *triple aspect* formula claims that Spiritism doctrine is simultaneously *scientific*, *philosophical* and *religious*. Although the founding father of Spiritism has never referred in his writings to the *triple aspect*, the concepts involved in it are so central to understand the formation process of Kardecian doctrine that an investigation of its source texts is required. Only through this inquiry, it will be possible to determine if the *triple aspect* really reflects Kardec ideas about the problem of the identity of Spiritism. Therefore, this work aims at this investigation; it is an attempt to understand in which ways Kardec relates the concepts that constitute the *triple aspect* to the concept of Spiritism throughout the writing of his doctrinal work. To achieve this aim, we look through the Kardecian *corpus* in order to interpret it from an *immanent critique* position in relation to the purpose of the concepts in his work and to the role played by Kardec in the composition of his work. Finally, we hope to offer the essential elements to a more accurate understanding of the identity formation process of Spiritism.

Key-words: Spiritism. Science. Philosophy. Religion.

LISTA DE ABREVIATURAS

As abreviaturas desta lista são baseadas nos títulos originais das obras de Allan Kardec.

LE = *Le Livre des Esprits*.

LE₁ = 1ª Edição (1857)

LE₂ = 2ª Edição (1860)

IP = *Instruction Pratique sur les manifestations spirites* (1858).

QS = *Qu'est-ce que le Spiritisme?* (1859).

LM = *Le Livre des Médiuns* (1861).

VS = *Voyage Spirite en 1862* (1862).

IE = *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme* (1864).

ES = *L'Évangile selon le Spiritisme* (1866).

CE = *Le Ciel et l'Enfer ou la Justice Divine selon le Spiritisme* (1865).

GMP = *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme* (1868).

OP = *Oeuvres Posthumes* (1890).

RS = *Revue Spirite* (1858-1869).

SUMÁRIO

Introdução	O Espiritismo: esta loucura do século XIX	12
Capítulo 1	O Espiritismo em seu tríplice aspecto	27
1.1.	De Rivail a Kardec: marcas de um itinerário	29
1.2.	O <i>tríplice aspecto</i> como problema	50
1.3.	Kardec e a questão da identidade do Espiritismo	59
1.4.	O <i>corpus</i> kardeciano e os períodos do Espiritismo	74
Capítulo 2	O Espiritismo como ciência positiva	89
2.1.	O Espiritismo: uma <i>nova</i> ciência?	91
2.1.1.	O Espiritismo diante das <i>ciências positivas</i>	93
2.1.2.	Comte e o problema concernente à psicologia	103
2.1.3.	Kardec diante do problema da psicologia	109
2.2.	Elementos constituintes da ciência <i>nova</i> do Espiritismo	118
2.2.1.	Delimitação do objeto	119
2.2.2.	Do método	123
2.2.3.	Dos instrumentos de controle do ensino dos Espíritos	130
Capítulo 3	O Espiritismo: uma doutrina filosófica?	147
3.1.	A <i>filosofia espírita</i> no período <i>científico-filosófico</i>	151
3.1.1.	O Espiritismo como <i>doutrina sistemática</i>	152
3.1.2.	O conceito de <i>doutrina</i> e suas implicações dogmáticas	158
3.1.3.	Allan Kardec, o <i>codificador</i>	162
3.2.	A <i>filosofia espírita</i> no período <i>religioso</i>	169
3.2.1.	O Espiritismo como <i>fonte</i> : o problema da revelação	173
3.2.2.	O Espiritismo como <i>chave</i> para o passado e o futuro da humanidade	179
3.2.3.	<i>Revelação e teologia</i> no Espiritismo	190
Capítulo 4	A religião do Espiritismo	206

4.1. O problema da religião no período científico-filosófico	208
4.2. O período religioso	218
4.3. <i>A terceira revelação</i> e o Espírito de Verdade	229
4.4. O Espiritismo: uma <i>nova</i> religião?	247
4.4.1. Uma <i>religião em sentido filosófico</i>	248
4.4.2. A organização do Espiritismo	254
Conclusão Os tempos são chegados!	266
Referências	274

INTRODUÇÃO

O ESPIRITISMO: ESTA LOUCURA DO SÉCULO XIX.

A rigor, uma introdução deve conduzir (*ducere*) o leitor ao cerne (*intro*) onde a questão fundamental que move determinado trabalho de pesquisa se situa e ganha força e originalidade. Contudo, este esforço positivo não isenta o autor de uma importante tarefa preliminar que pode ser assim enunciada: “Quem quer que se disponha a discutir o que quer que seja deveria sempre começar dizendo o que não está em discussão”.¹ Neste sentido, esta *Introdução* deve começar por uma declaração categórica: a expressão que aparece na primeira parte de nosso título, embora possa causar certa perplexidade, não indica de minha parte qualquer juízo desfavorável acerca do Espiritismo. Retirada de um trecho da obra do próprio Allan Kardec [1804-1869], a frase “esta loucura do século XIX” utilizada para caracterizar o Espiritismo, retrata a percepção de que este, em seu nascimento, posicionando-se contra aquilo que o autor considera o elemento próprio de sua época – o cientificismo de fundo materialista – sem, contudo, renunciar à sua linguagem e aos modos correntes de sua auto-representação, torna-se uma proposta que soa como loucura aos ouvidos de seus coetâneos.

Loucura porque procura subscrever o Espírito², entidade metafísica, como objeto de uma *especialidade científica*; uma psicologia entendida como um discurso sobre a alma, calcado sobre bases empíricas, ou positivas. Loucura porque, embora critique o materialismo da ciência, não se afasta da autoridade do discurso científico e da legitimidade que ele pode oferecer. Loucura porque, à parte de sua pretensão de se configurar exclusivamente como uma ciência do Espírito e uma filosofia racional, livre dos prejuízos do *esprit de système*; acaba por se constituir como uma *revelação* e uma mundividência de caráter eminentemente

¹ CHESTERTON, G. K. *Ortodoxia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 19. (Trad.: Almiro Pisetta).

² Ao longo deste trabalho utilizarei a distinção gráfica criada por Kardec na segunda edição de *Le Livre des Esprits* (1860): toda vez que escrever a palavra *espírito* estarei me referindo ao princípio espiritual em geral; ao contrário, ao escrever *Espírito*, estarei fazendo referência à individualidade espiritual, dotada de inteligência e livre-arbítrio e que, unida ao corpo, formam o ser humano. Da mesma maneira, seguindo o uso de Kardec, escreverei o nome Espiritismo com inicial maiúscula sempre que estiver se referido à doutrina e ao movimento iniciados por este autor.

religioso. Uma resposta ao materialismo e ao *néantisme*³ da segunda metade do século XIX, que teriam relegado as explicações religiosas ao rol das superstições.

Também não nos interessa averiguar se o Espiritismo seria *de fato* uma ciência, ou uma filosofia, ou uma religião, ou as três coisas simultaneamente, através de qualquer tentativa de definir *a priori* tais conceitos. Tal tentativa seria infrutífera principalmente por não haver qualquer consenso possível, ao menos até o momento, no estabelecimento destas definições. Se o fizéssemos, ao optar por qualquer uma das várias definições possíveis, indicaríamos prévia e prematuramente uma opinião que careceria de maior credibilidade.

O que se pretende, na verdade, é verificar como Kardec compreende e articula estes conceitos em seus escritos ao conceito de Espiritismo ao longo da história do desenvolvimento de seu projeto de estabelecê-lo como um corpo doutrinário sistemático e como um movimento de escala mundial. Conforme se verá, esta não será uma tarefa simples. Pois, na obra kardeciana, os conceitos de *ciência*, *filosofia* e *religião* são articulados de maneira a não poderem ser considerados separadamente, sem prejuízo para a compreensão do todo. Tradicionalmente, esta inter-relação tem sido interpretada nos meios espíritas como se, a partir da obra kardeciana, o Espiritismo pudesse ser representado como uma doutrina *ao mesmo tempo* científica, filosófica e religiosa (ou moral, dependendo da pertença ideológico-institucional à qual se ligue o intérprete).

Partindo, portanto, da problematização desta tríplice configuração, ou *tríplice aspecto*⁴, da doutrina espírita, a pesquisa se volta para os textos-fonte da tradição espírita em busca de uma melhor compreensão desta suposta *síntese complexa*. Por textos-fonte, compreende-se aqui, aquele conjunto de textos que fundam uma tradição religiosa e que se tornam, para ela, a fonte e origem de sua identidade. É o conjunto de textos, para o qual se voltam os adeptos de determinada tradição religiosa nos momentos em que surge o questionamento sobre a fidelidade ao carisma originário de seu fundador. No caso específico do Espiritismo trata-se da obra espírita do pedagogo francês Hippolyte-Léon Denizard Rivail,

³ A palavra *néantisme* foi utilizada por Kardec em *Le Ciel et l'Enfer ou La Justice Divine selon le Spiritisme*, obra de 1865, para descrever o que ele considerava a consequência imediata do materialismo: a doutrina de que, ao morrer, o ser humano, a individualidade que pensa e sente, seria aniquilado. Para ele, a difusão de tal compreensão da existência humana levaria a sociedade a viver uma situação de imoralidade; uma vez que os valores tradicionais da moralidade seriam infundados e a única motivação para a existência seria tirar dela o máximo de prazer egoísta.

⁴ A expressão *tríplice aspecto*, como se verá no Capítulo 1, parece ter sido criada em 1929 pelo jurista, escritor e orador espírita Carlos Imbassahy.

mais conhecido como Allan Kardec. Esta obra, pois, será o objeto de interpretação neste estudo.

Tal pretensão, anunciada por um pesquisador que se declara *não espírita* que procura lançar um olhar hermenêutico sobre a obra de Allan Kardec pode vir a ser, e foi, em alguns casos, objeto de alguma desconfiança por parte dos adeptos. Este fato gerou, normalmente, três tipos de reações mais ou menos entrelaçadas: para uns a obra kardeciana dispensaria todo esforço interpretativo, já que, diferentemente dos textos-fonte de outras tradições, esta obra primaria pela clareza da linguagem e pela objetividade. Essa parece ser a opinião do próprio Kardec que acredita terem sido seus escritos compostos com tal precisão e clareza que não se prestariam a interpretações divergentes.⁵ Para um segundo grupo a abordagem da obra kardeciana feita por um *não adepto* seria no mínimo incompleta e, mesmo, completamente equivocada, já que este pesquisador não disporia de certo *saber prático* sobre o que é o Espiritismo; saber que apenas estaria acessível àquele que adere completamente aos postulados doutrinários. Por fim, haveria ainda um terceiro grupo para o qual o esforço hermenêutico do *não adepto* apareceria como *apenas* mais uma interpretação subjetiva. Ou seja, retrataria tão somente a opinião do pesquisador, sem, contudo, esclarecer ou refletir a *intenção do autor* interpretado.⁶

Como deve o pesquisador se posicionar frente a tais pré-juízos? O que deve responder? A obra kardeciana carece ou não de interpretação? O pesquisador que se arvora em intérprete está ou não qualificado para a empreitada? Uma *boa interpretação*, ou uma interpretação *objetiva*, é a que necessariamente reflete a *intenção do autor*? Todos esses questionamentos conduzem-nos à necessidade de uma breve reflexão sobre a orientação metodológica desta pesquisa.

Neste quesito, tenho tomado como principal referência teórica alguns elementos da teoria da interpretação do semioticista Umberto Eco. Segundo este autor, o ato interpretativo

⁵ Afirma Kardec: “[...] compusemos nossos escritos de maneira que não deem lugar a nenhuma interpretação contraditória, e nos esforçaremos para que seja sempre assim.”[tradução minha]. No original: “[...] nous avons fait en sorte que nos écrits ne puissent donner lieu à aucune interprétation contradictoire, et nous tâcherons qu’il en soit toujours ainsi”. [RS, Déc/1868, p. 376].

⁶ Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, em meus contatos com membros do movimento espírita, passei alternadamente por situações representativas dessas três posturas críticas. Mas, é preciso que se registre que, igualmente, encontrei entre os adeptos sempre a melhor disposição para a interlocução e para o debate. Essa facilidade de contato e diálogo evoluiu, em alguns casos, para a amizade e o trabalho conjunto. Foi assim, por exemplo, que a *Associação de Estudos e Pesquisas Espíritas* (ASSEPE), na cidade de João Pessoa (PB), entidade filiada à *Confederação Espírita Pan-americana* (CEPA), me convidou para fazer a conferência de abertura em seu IV Fórum do Livre Pensar Espírita, em novembro de 2010.

incluiria uma interação entre três *intenções*: a *intentio auctoris* (intenção do autor); a *intentio lectoris* (intenção do leitor); e, a *intentio operis* (intenção da obra). Essa dinâmica parece-me interessante porque sempre houve, na história da hermenêutica, quem defendesse que o objetivo de uma interpretação era *compreender a intenção do autor empírico* (no nosso caso, Kardec). Houve mesmo quem defendesse que fosse possível compreender a *intenção do autor*, melhor que ele mesmo. Ora, parece-me claro que numa interpretação o *autor* está sempre implicado, afinal de contas ele escreveu aquela obra para *comunicar seu pensamento* a um *leitor ideal*. Contudo, este *leitor ideal*, ou *leitor modelo*, só existe para o *autor empírico*. Ele nada mais é que a projeção de sua expectativa de ser compreendido em sua *intenção* original. Por outro lado, quando a obra é recebida pelo *leitor empírico*, com suas próprias disposições e preconceitos, o *autor empírico* desaparece e, em seu lugar, surge o *autor ideal* que reflete, em grande medida, a *intenção* daquele *leitor* ao se deparar com a obra.

A partir desta relação complexa se formaram teorias da interpretação voltadas tanto para o *autor*, quanto voltadas para o *leitor*. As primeiras correriam o risco de uma radicalização do sentido literal da obra. O que geraria um problema: entre a época histórica em que a obra foi escrita e a época histórica em que o intérprete empreende seu projeto de interpretação, a linguagem se modifica. Conceitos que eram claros e evidentes para o autor, acabam por se tornarem verdadeiros desafios de compreensão para o intérprete. E não apenas isso, mesmo que autor e intérprete vivam a mesma época histórica, ou o mesmo contexto sócio-cultural, ainda assim deverão se haver com o *mal-entendido* oriundo dos usos da linguagem e das pré-compreensões que cada um deles traz consigo. Diante desse quadro, a proposta de uma interpretação literal correria o risco de se converter na *canonização da obra*, ou antes, na *canonização de um modelo de interpretação* como sendo o correto, o ortodoxo, etc. Por outro lado, as teorias voltadas para o *leitor* parecem correr o risco da relativização e poderiam abrir a atividade interpretativa para o que Eco chama de *superinterpretação* que ocorre quando as pré-concepções do *leitor empírico* são tão fortes que ele lê na obra que busca interpretar apenas os elementos que confirmem seus próprios preconceitos ou expectativas de sentido.

A proposta do pensador italiano para sair desse problema é o estabelecimento de uma espécie de *princípio popperiano* que servisse como critério para *deslegitimar* interpretações que fossem meramente fruto da pretensão irrealizável de expressar objetivamente a *intentio*

auctoris, ou da projeção acrítica da *intentio lectoris* sobre aquilo que deve ser interpretado.⁷ Eco chama este critério de *intentio operis* e poderia ser assim definida: “[...] uma interpretação, caso pareça plausível em determinado ponto de um texto, só poderá ser aceita se for reconfirmada – ou pelo menos se não for questionada – em outro ponto do texto”.⁸ Ou seja, em última análise, as inevitáveis *conjecturas interpretativas* projetadas pelo leitor sobre a *obra*, a fim de se constituírem como uma interpretação válida ou legítima daquela obra, deveriam passar pelo crivo da *intentio operis*:

A iniciativa do leitor consiste em fazer uma conjectura sobre a *intentio operis*, conjectura essa que deve ser aprovada pelo complexo do texto como um todo orgânico. Isso não significa que só se possa fazer sobre um texto uma e apenas uma conjectura interpretativa. Em princípio, podemos fazer uma infinidade delas. Mas, no fim as conjecturas deverão ser testadas sobre a coerência do texto e à coerência textual só restará desaprovar as conjecturas levianas.⁹

Assim, se estabeleceria a posição do que Eco chama de *leitor crítico* que buscaria, com sua interpretação, fazer convergir o *autor ideal*, fruto de suas prospecções de sentido, e a *obra*, como coerência do texto, como um *ponto virtual* a partir do qual a conjectura se sustentaria.

Esta é a posição que busquei neste trabalho. Não tive ilusões de que minha interpretação possa ser a interpretação definitiva da obra kardeciana. Não me preocupei em estabelecer ou fundamentar qualquer *ortodoxia*, ou mesmo me colocar na posição de quem estaria oferecendo a *palavra final* sobre a questão do *tríplice aspecto*. Ao longo de todo o processo de escrita deste trabalho busquei manter acesa a consciência de minha própria *expectativa de sentido* e de meus *preconceitos*, tanto teóricos quanto práticos. E, neste sentido, a interpretação que se apresenta é bastante pessoal e subjetiva. Isso a torna uma interpretação *limitada e parcial*? Com certeza. Contudo, não vejo como poderia ser diferente. Por outro lado, minha interpretação não poderia ser apenas o fruto de minhas pré-concepções. E é neste sentido que busquei o elemento crítico de meu trabalho na tentativa de *dar voz* à Kardec na questão do *tríplice aspecto*. Se eu possuo ou não a qualificação necessária para tanto deixo ao julgamento dos que lerem este trabalho. Todavia, creio que seja interessante, no

⁷ Cf.: ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 16-18.

⁸ Idem. Ibidem. p. 14.

⁹ Idem. Ibidem. p. 15.

esforço de delimitar minha abordagem nesta tese, narrar brevemente como surgiu meu interesse por esta questão específica.

Como já declarei anteriormente, não sou espírita. Desse modo, meu interesse pela obra de Allan Kardec não se funda sobre o comprometimento pessoal que, geralmente, motiva o adepto e que poderia lançar a suspeita de que a pesquisa a seguir fosse o resultado de uma intenção apologética. Se assim fosse, não teria qualquer embaraço em assumi-lo, mas não é. Contudo, tampouco sou adversário do Espiritismo. Muitas vezes, nos meios doutrinários, parte-se da compreensão equivocada que um pesquisador não-espírita que se disponha a estudar a obra de Kardec precise necessariamente ocupar uma dessas duas posições: ou defenderá os postulados básicos da doutrina, ou se esforçará por contradizê-los. Ao longo desta pesquisa tive a oportunidade de estabelecer vias de interlocução com vários adeptos da doutrina kardeciana dos mais variados matizes ideológicos e doutrinários. Em muitos desses casos me vi pressionado a responder qual seria, afinal, minha intenção em estudar a obra do fundador do Espiritismo. E minha resposta tem sido, em todas essas situações, invariável: motiva-me a curiosidade intelectual própria a um pesquisador do fenômeno religioso.

Desde o período de minha graduação em Filosofia, passando pelo Mestrado em Ciência da Religião, sempre tive um interesse especial em estudar o que chamo de *textos-fonte* da experiência religiosa a partir de um recorte filosófico e hermenêutico. Nem sempre minhas escolhas me conduziram à realização desta intenção, mas o desejo permaneceu e pôde tomar forma quando de minha inscrição neste doutorado. Meu primeiro contato com o Espiritismo e, conseqüentemente, com a obra kardeciana se deu há muitos anos. Na década de 1990, durante minha graduação, por influência de um amigo muito próximo, espírita, frequentei algumas reuniões públicas em um centro na cidade de São João del-Rei [MG]. Como é de minha índole, não pude ficar somente na experiência de frequentar essas reuniões e logo me vi lendo a obra capital de Kardec – *Le Livre des Esprits* – e outros livros ligados à doutrina.

Assim como muitos que passaram pela experiência desta leitura, fiquei maravilhado. Como dizemos aqui em Minas Gerais: *li tudo de uma sentada!* A clareza da linguagem, o modo como os argumentos eram colocados, e, sobretudo, o caráter didático da obra, deixaram uma marca memorável em mim. Naqueles dias eu não conseguia enxergar qualquer brecha para o questionamento maduro daquela obra. No entanto, nem mesmo essa primeira

impressão foi suficiente para me fazer aderir ao Espiritismo como opção religiosa. Hoje, lendo o testemunho de espíritas célebres, como o francês Léon Denis ou o brasileiro Bezerra de Menezes, que afirmam ter passado por certa sensação de *reconhecimento* das ideias expressas em *Le Livre des Esprits*, tenho a impressão de que passei, mais ou menos, por experiência semelhante, mas com um efeito menos duradouro. Minha avaliação atual é que, no meu caso, essa experiência se deveu ao fato de que o modo como a doutrina é ali apresentada – de modo amplo e sistemático – serviu para causar sensação similar. Era como se tudo, de repente, fizesse sentido e cada coisa ocupasse seu lugar.

Desse modo, minha primeira experiência com a leitura de Kardec foi marcada por um sentimento de grande *simpatia*. Uso aqui essa palavra em seu sentido forte, etimológico, marcado pela compreensão de que as ideias defendidas por Kardec encontraram ressonância em mim, nas minhas aspirações, e que fui atingido por elas de uma maneira bastante positiva. Essa primeira experiência, viva em minha memória até hoje, deu a tônica de minha escolha em me dedicar a conhecer mais a obra do fundador do Espiritismo em minha pesquisa de doutorado.

Após essa primeira experiência, contudo, meu interesse especial pelo Espiritismo e por Kardec arrefeceu e fui levado pelas circunstâncias, e por minhas escolhas, a outros estudos e realizações. Quando, porém, em 2008 decidi preparar um projeto de pesquisa para o doutorado, a lembrança de Kardec me veio como uma opção bem concreta. Eu havia lido o livro de Peter Washington sobre a teosofia e Madame Blavatsky¹⁰, no qual o autor, logo no primeiro capítulo, após analisar brevemente os motivos pelos quais “o século XIX foi uma grande época de mestres espirituais independentes [...]”¹¹, ou seja, que se estabeleceram à margem do domínio das religiões formalizadas e criaram seus próprios movimentos espirituais; apresenta o Espiritismo como um desses movimentos. Na verdade, com base em seu diagnóstico do século XIX, Washington afirma que o Espiritismo, durante algum tempo, foi “[...] uma poderosa fonte [...]”¹² de *verdadeira espiritualidade*, identificada como “[...] o conhecimento da suprema realidade experimentado como algo fora das formas expressivas comuns. [...] um modo de salvar o espiritual dos efeitos corruptores das instituições

¹⁰ WASHINGTON, Peter. *O Babuíno de Madame Blavatsky*. Místicos, médiuns e a invenção do guru ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2000.

¹¹ Idem. Ibidem. p. 17.

¹² Idem. Ibidem. p. 21.

religiosas”.¹³ E, mais, o Espiritismo também se apresentava como uma chave que permitia compreender “[...] o mais profundo de todos os mistérios”¹⁴, o mistério da morte.

A partir daí, o autor segue numa descrição histórica sucinta do processo de surgimento e expansão do Espiritismo, não apenas nos Estados Unidos – onde teria surgido com os episódios de Hydesville – mas também com sua entrada e expansão na Europa. Ele cita, como precursores do Espiritismo, o sueco Emmanuel Swedenborg [1688-1772] e o suábio Franz Anton Mesmer [1734-1815]; mas, curiosamente, cala-se em absoluto em relação a Allan Kardec, embora cite o sucesso do Espiritismo em terras francesas. Essa situação chamou-me a atenção. No Brasil, invariavelmente, ligamos a ideia do Espiritismo à personalidade de Kardec. E, embora eu já soubesse àquela época que, certamente, o pedagogo francês não tivesse sido o único a se envolver com o tema na França oitocentista; considereei como falha significativa tal omissão.

Imediatamente, portanto, imaginei que eu pudesse me dedicar a investigar, na obra kardeciana, como o Espiritismo se converteria nessa *fonte* e nessa *chave* para o século XIX. E, comecei minhas leituras buscando delimitar esse questionamento. Nessa busca, pude perceber que havia uma grande escassez, mesmo entre os espíritas brasileiros, de obras que se dedicassem, com exclusividade, ao pensamento kardeciano. Não havia, por assim dizer, uma tradição hermenêutica consolidada dentro do movimento espírita brasileiro. Havia iniciativas isoladas de grandes expoentes da intelectualidade espírita, mas nada muito sistemático e consolidado. Claro, sempre houve exegese da obra kardeciana no Espiritismo brasileiro. Como veremos mais à frente, no primeiro Capítulo desta tese, a questão do *tríplice aspecto da doutrina* nasce justamente desse esforço exegético e do desejo de manter-se fiel ao pensamento original do codificador.¹⁵ Contudo, esse labor exegético esteve mais ligado ao aspecto prático da aplicação imediata dos princípios kardecianos na vivência nos centros e federativas espíritas que, propriamente, a uma reflexão teórica sobre o modo como Kardec compreende a doutrina por ele criada. Em outras palavras: tratava-se, antes, de como adaptar as intuições kardecianas aos novos tempos e às novas circunstâncias em que o Espiritismo

¹³ Idem. Ibidem. p. 20-21

¹⁴ Idem. Ibidem. p. 21.

¹⁵ Codificador: Kardec é chamado assim no seio do movimento espírita. A ideia é que ele não tenha sido o autor da doutrina, mas apenas o *codificador* do ensino de Espíritos superiores. Para nós, contudo, dizer que Kardec é autor ou codificador da doutrina possui o mesmo significado, pois, como discutiremos no Capítulo I, sua função na composição doutrinária se afirma como a de um intérprete. E, justamente, nessa função, o papel de autor e o de codificador podem conviver harmoniosamente.

começava a se inserir, mais do que voltar-se para a obra e o pensamento de Kardec em si mesmos.

Desta constatação veio-me o desejo de que meu trabalho, como disse anteriormente, se caracterizasse por uma tentativa de *dar voz a Kardec*. Em meio às tantas vozes que hoje falam *em nome de Kardec*, minha intenção era a de *ouvir Kardec*. Isso significava, e ainda significa, que meu trabalho deveria voltar-se, quase exclusivamente, para o texto kardeciano. Claro, como se verá, muitas vezes neste retorno a Kardec abre-se o diálogo com outros intérpretes de sua obra. Isso é inevitável e é salutar, já que muitas vezes, minha própria interpretação entrará em choque com representações correntes da figura do codificador e do modo como sua obra é lida pelas diversas vertentes do movimento espírita na atualidade. Para tais diálogos escolhi aqueles intérpretes que, a meu ver, se constituem como honrosa exceção à exegese catequética e de manual, muitas vezes, propostas pelas instâncias institucionalizadas do Espiritismo brasileiro. De fato, alguns dos autores com os quais trabalho se colocaram, ao menos em algum momento de suas vidas, como que à margem do movimento espírita *oficial* e hegemônico. Como é o caso, para ficarmos em apenas um exemplo, de Krishnamurti de Carvalho Dias.

Mas, tudo isso não explica, ainda, porque de minha opção por tratar nesta pesquisa do chamado *tríplice aspecto do Espiritismo*. De fato, esse tema não havia se colocado para mim como um problema até eu iniciar a leitura da *Revue Spirite*, o periódico fundado e mantido por Kardec ininterruptamente entre os anos de 1858 e 1869. Em minhas primeiras aventuras com o Espiritismo nos anos 90, na frequência àquelas reuniões públicas, nas palestras que então ouvia, a menção ao *tríplice aspecto* era constante. De fato, essa característica era apontada, muitas vezes, como o índice da superioridade do Espiritismo frente a outros modos de conhecimento, sejam eles *científicos*, *filosóficos* ou *religiosos*. Ou seja, ao apresentar-se o Espiritismo como sendo simultaneamente *científico*, *filosófico* e *religioso*, propunha-se que ele assumiria como suas as melhores características desses três tipos de conhecimento e, ao mesmo tempo, superaria as limitações e fraquezas dos mesmos, deixando-as para trás.

Apesar da estranheza que me causava, então, esse discurso que me parecia – e ainda parece – extremamente exagerado, nunca pensei diretamente nele como um problema a ser investigado. Os que o propunham sempre faziam referência a Kardec, como se esta fosse a

visão do Espiritismo por ele explicitamente defendida em seus escritos. No entanto, como eu dizia, ao principiar a leitura dos números da *Revue Spirite* deparei-me com uma intrigante declaração do próprio Kardec. No número de maio de 1859, ou seja, logo nos primeiros anos de seu envolvimento com a pesquisa dos fenômenos mediúnicos, o autor declara taxativamente: “

O espiritismo não é [...] uma religião. De outro modo, teria seu culto, seus templos, seus ministros. Sem dúvida cada um pode fazer para si uma religião de suas opiniões e interpretar à vontade as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova Igreja há uma distância. E creio, seria uma grande imprudência dele dar tal ideia.¹⁶

Ora, diante de tal declaração, como não pensar que todas as referências ao *tríplice aspecto do Espiritismo* que eu ouvira até então estivessem completamente equivocadas? Foi assim, a partir desta leitura e do questionamento por ela suscitado, que nasceu meu interesse em verificar na obra kardeciana se havia ou não respaldo para a definição corrente da natureza *tríplice* do Espiritismo. Nunca foi, portanto, meu interesse demonstrar se de fato o Espiritismo seria uma ciência, uma filosofia ou uma religião. Mas, sim, de verificar no texto kardeciano se a proposição do *tríplice aspecto* pode ou não encontrar ali o seu suporte.

Isto, contudo, não significa que me limitarei, neste trabalho, a apresentar o pensamento de Kardec em sua *literalidade*. Ao contrário, embora reconhecendo que certas afirmações de nosso autor sejam incontornáveis na consideração do tema que nos ocupa – como essa afirmação acima, por exemplo –, busquei realçar em vários momentos meu posicionamento crítico. Assim, por exemplo, não basta admitirmos que Kardec tenha negado que o Espiritismo fosse uma religião; ou que ele o tenha afirmado como uma *ciência positiva* e uma *filosofia racional* de bases empíricas. É preciso que nos questionemos sobre as razões que o levaram a fazer tais declarações.

Além disso, parece-me que, quando falamos em interpretar uma obra, como a de Kardec, que se estende por um longo período de tempo, corremos o risco de *dogmatizar* certos posicionamentos do autor sem contextualizá-los adequadamente no próprio

¹⁶ RS, Jan/1859. *Réfutation d'un article de l'Univers*. p. 136: “L'espiritisme n'est [...] une religion: autrement il aurait son culte, ses temples, ses ministres. Chacun sans doute peut se faire une religion de ses opinions, interpréter à son gré les religions connues, mais de là à la constitution d'une nouvelle Église, il y a loin, et je crois qu'il serait imprudent d'en donner l'idée”.

desenvolvimento da obra que buscamos interpretar. Ao longo desta pesquisa veremos alguns exemplos deste tipo de *dogmatização* no posicionamento de alguns intérpretes com os quais buscamos dialogar. No caso específico da obra kardeciana, creio, a primeira coisa que o intérprete precisa ter em mente é que as afirmações sobre determinado tema nos textos por ele escritos nem sempre serão as mesmas nos textos do período final de sua produção. Em alguns casos, poderão até serem aparentemente as mesmas, mas o autor as situará em novos quadros teóricos, dando-lhes um novo sentido ou ampliando o sentido originário. Afinal, a história do desenvolvimento de uma obra está relacionada tanto a fatores externos a ela, quanto à ampliação da compreensão do autor sobre determinados temas e sobre o próprio conjunto de seu trabalho. É o que ocorre, a meu ver, com a problemática do chamado *aspecto religioso* do Espiritismo, como se verá.

A fim de lidar com essa situação adotei dois expedientes. O primeiro deles é a periodização da obra kardeciana. Contudo, faço isso não propondo períodos arbitrários criados por mim, mas seguindo a orientação do próprio Kardec acerca do que ele chama de *períodos do Espiritismo*. Essa estratégia me permitiu compreender a lógica interna do desenvolvimento da obra de Kardec e o modo como ele vê e lida com sua própria obra. A segunda estratégia é o uso quase exclusivo dos textos originais. A intenção óbvia é que, com isso, pudéssemos ter um maior cuidado em buscar compreender o sentido que as expressões e palavras têm no contexto da própria obra. Ao problema resultante da distância histórica e cultural entre o autor e o intérprete busquei contorná-lo utilizando dicionários franceses do século XIX.¹⁷ Contudo, houve ainda outra dificuldade: um autor, em seu processo produtivo, pode dotar palavras, de uso já consagrado, de um sentido novo, específico para a sua obra, criando novos conceitos cujos significados ainda não estariam consignados em nenhum dicionário da época. A esta dificuldade tentei superá-la buscando compreender no contexto da obra kardeciana o sentido particular que ele dá a determinadas palavras.

Esclarecidos estes pontos, passemos agora a considerar a estrutura de desenvolvimento desta pesquisa. A tese está dividida em quatro capítulos com a seguinte distribuição:

¹⁷ Para atender a este critério utilizei fundamentalmente dois dicionários do século XIX. O primeiro deles foi a sexta edição do *Dictionnaire de l'Académie Française* [1835]. O segundo o *Dictionnaire de la Langue Française* de Émile Littré [1872-1877].

No Capítulo 1, intitulado *O Espiritismo em seu tríplice aspecto*, dedico-me a apresentar nosso autor e a descrever seus passos desde o envolvimento com os fenômenos mediúnicos até o lançamento de *Le Livre des Esprits*. Aproveito para tocar em alguns aspectos ainda controversos de sua biografia. Como, por exemplo, a denúncia feita pela *médium* Ruth-Céline Japhet, através de uma entrevista ao pesquisador russo Alexander Aksakov, de que Kardec teria se apropriado de material supostamente produzido através de sua mediunidade sem, contudo, lhe dar qualquer crédito nas obras em que dele se utilizara. Discuto também a importância da adoção do pseudônimo Allan Kardec como o marco inicial de uma *missão* que se tornou para nosso autor, a *missão de toda a sua vida*. Mostro, neste ponto da discussão como Kardec parece ter encarado o teor deste mandato, recebido por via mediúnica, como a possibilidade de realizar seu anseio pessoal de *promover uma reforma religiosa* e chegar, um dia, a *reunir todas as crenças*. No entanto, o ponto principal deste Capítulo é a discussão preliminar sobre o tema desta pesquisa. Neste sentido, proponho o debate em torno da origem da expressão *tríplice aspecto* para descrever a natureza do Espiritismo. A primeira constatação é que esta não é uma expressão original de Kardec, nem se encontra presente na obra de seus principais continuadores. Ela parece ter sido cunhada para exprimir o resultado das disputas doutrinárias no contexto do Espiritismo brasileiro, que tiveram lugar no final do século XIX e início do século XX. Em outras palavras: é a expressão da natureza do Espiritismo enunciada pelo grupo ideológico que saiu vencedor naquelas disputas, o chamado grupo dos *místicos*. Apesar de não encontrarmos qualquer referência direta ao chamado *tríplice aspecto* na obra kardeciana, como essa temática envolveria o problema em torno da identidade do Espiritismo, proponho um retorno a Kardec para uma investigação preliminar sobre como ele trataria esta questão. Para tanto discuto a criação e o uso da palavra Espiritismo, a fim de esclarecer seus sentidos e seu alcance na obra kardeciana. Depois, apresento minha leitura sobre o modo como os conceitos de *ciência*, *filosofia* e *religião* – que compõem o *tríplice aspecto* – se relacionam com conceito de Espiritismo e entre si dentro da obra de Kardec. O passo seguinte é a apresentação do *corpus kardeciano* e do que considero a ferramenta mais importante para a compreensão das etapas de desenvolvimento do pensamento de Kardec: sua proposta de *periodização da consolidação e expansão do Espiritismo*. Esta ferramenta nos oferecerá o pano de fundo sobre o qual todas as questões serão tratadas nos três capítulos seguintes, cada

um dos quais estará dedicado ao aprofundamento da investigação acerca dos conceitos de *ciência, filosofia e religião* em sua relação com o Espiritismo na obra de Kardec.

O Capítulo 2 é, portanto, dedicado à investigação do *conceito kardeciano de ciência*. Nosso foco se volta, sobretudo, ao período chamado *científico-filosófico* da obra kardeciana [1857-1861]. Este é o período em que Kardec se dedica a consolidar os *fundamentos doutrinários* do Espiritismo com a publicação de seus dois principais tratados: *Le Livre des Esprits* e *Le Livre des Médiuns*. Em geral, nestes anos, sempre que Kardec se propuser a definir a natureza do Espiritismo o fará em termos de um duplo aspecto científico-filosófico. No entanto, a meu ver, a principal marca deste período encontra-se justamente no desenvolvimento do que chamo de *precedência epistemológica* do conceito de *ciência* no conjunto da obra de Kardec. Esta *precedência* acabaria se tornando problemática, pois, como veremos, Kardec denominou o conjunto doutrinário supostamente extraído do *controle* do conteúdo das comunicações mediúnicas, de *filosofia*. Ora, segundo esse critério, a *filosofia espírita* não seria um saber autônomo, mas retiraria sua autoridade exclusivamente do fato de estar supostamente sustentada sobre *fatos empíricos* que a dotariam de um *aspecto científico*. O significado disso é que, segundo minha compreensão, Kardec proporá que a principal característica do Espiritismo será o seu caráter *positivo*. Ao menos neste período da composição de sua obra. Assim, o título deste Capítulo – *O Espiritismo como ciência positiva* – antecipa minha interpretação de que, para Kardec, o Espiritismo seria fundamentalmente uma *nova ciência positiva*. Esta *ciência* que ele chama de *psicologia*, teria sido construída sobre bases puramente empíricas e pela aplicação do método indutivo. Em seu desenvolvimento, este Capítulo busca estabelecer quais seriam, segundo Kardec, as características, os fundamentos e os elementos constituintes da *ciência nova do Espiritismo* (a delimitação de seu objeto, de seus métodos e dos instrumentos que sustentariam sua autoridade). Por fim, proponho no final do Capítulo, um questionamento sobre o posicionamento acrítico de Kardec acerca de sua objetividade na análise dos dados de sua pesquisa. Esse questionamento abrirá as possibilidades de desenvolvimento da reflexão sobre o *conceito kardeciano de filosofia*, no próximo Capítulo.

Minha intenção, no Capítulo 3, foi a de problematizar o *conceito de filosofia* aplicado por Kardec ao corpo doutrinário apresentado em seus dois tratados do período científico-filosófico. Isso porque, ao contrário do que ocorre com o *conceito de ciência*,

Kardec não demonstrou qualquer preocupação em apresentar uma definição do que seria propriamente a *filosofia espírita*. Apenas se limita em declará-la como uma *filosofia racional livre dos prejuízos do espírito de sistema*. O que, na prática, significa que a *filosofia espírita* seria o *resultado sistematizado* das pesquisas *empíricas* conduzidas por Kardec. Contudo, entre o *período científico-filosófico* e o *período religioso*, que teria se iniciado em 1864 com a publicação da *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme*, parece-me que Kardec propõe um alargamento do conceito de *filosofia espírita* para transformá-lo numa espécie de *traço de união* entre os dois períodos em questão. Se de um lado ele busca manter o *caráter científico* do Espiritismo e a *precedência epistemológica* deste conceito sobre o conceito de *filosofia*; por outro, ele precisa, ao colocar o Espiritismo no domínio da religião, ampliar a discussão para incluir na definição da natureza da *doutrina* o conceito de *revelação divina*. Essa ampliação das bases da discussão da identidade do Espiritismo implica a meu ver numa ampliação – que posteriormente se configurará como um completo deslocamento – de sua *fonte de autoridade*. Assim, se no *período científico-filosófico* esta autoridade se encontraria no uso do *método indutivo*; agora, no *período religioso*, a autoridade se deslocaria, aos poucos, para a ideia de que, em seu aparecimento, o Espiritismo seguiria um *plano providencial*. Penso que, esse deslocamento acabará por firmar a *doutrina espírita* com características próprias de uma *ciência teológica*, mais que de uma *filosofia*. Por isso, a forma interrogativa de seu título: *O Espiritismo: uma doutrina filosófica?*

Esta discussão anterior dará, em certa medida, o tom em que se desenvolverá o quarto e último Capítulo desta tese, intitulado *A Religião do Espiritismo*. Minha preocupação foi oferecer, neste capítulo, os elementos para compreendermos como Kardec teria passado da negação taxativa de que o Espiritismo fosse uma religião; para a admissão de que ele haveria de entrar em um *período religioso*. Para tanto, procurei elencar as razões pelas quais uma e outra coisa aconteceram. Além disso, foi preciso que investigássemos como, no contexto do *período religioso*, o conceito de autoridade da doutrina se instituiria sobre bases propriamente religiosas. Neste aspecto foi preciso retomar alguns elementos da discussão sobre a posição do Espiritismo como uma *nova revelação*, bem como nos debruçarmos mais demoradamente sobre o problema que envolve a suposta identidade do Espírito de Verdade e sobre como o conhecimento desta ampliaria a compreensão de Kardec sobre as relações entre o Espiritismo e o cristianismo. Na última seção deste capítulo, busquei demonstrar como nos textos finais

de Kardec sobre o problema religioso do Espiritismo ele muda sua atitude e abordagem do problema através da admissão, ainda que indireta, de que o Espiritismo fosse uma religião.

Por fim, uma última palavra sobre a forma final desta pesquisa. É intencional o tom ensaístico adotado na apresentação de seu resultado. Embora isso não seja muito comum e, até mesmo seja desaconselhável do ponto de vista dos protocolos da pesquisa acadêmica, não pude resistir ao impulso de dar à interpretação que agora se apresenta minha própria voz e ritmo. Isso se torna transparente no uso constante da primeira pessoa do singular ao invés da linguagem supostamente impessoal da terceira pessoa do singular ou do empolado *plural majestático*. O motivo óbvio dessa escolha é: marcar um posicionamento, assumir o caráter eminentemente pessoal dessa interpretação, uma vez que nunca tive a pretensão de que essa tese fosse apresentada como a mais acurada interpretação da obra kardeciana. Antes, é tão somente mais uma interpretação em meio a outras que já se fizeram. A intenção é que, em meio a tantas outras vozes, a minha também possa ser ouvida e que, com esse trabalho, eu possa entrar no diálogo oferecendo uma contribuição de algum modo significativa para o estudo da obra kardeciana e do Espiritismo.

CAPÍTULO 1

O ESPIRITISMO EM SEU TRÍPLICE ASPECTO

Tomaremos como ponto de partida para nossa reflexão a representação corrente do Espiritismo como sendo uma doutrina que possui um *tríplice aspecto*. Em sua apresentação mais comum esse *tríplice aspecto* segue a fórmula: ciência, filosofia e religião, que se constituirá o eixo desta pesquisa.¹⁸ No entanto, esta formulação está longe de ser considerada unanimemente válida pelos adeptos e não foi, ao longo da história do Espiritismo e de sua expansão no Brasil, a única a ser proposta.¹⁹ Contudo, qualquer que seja a fórmula empregada na definição da natureza da doutrina espírita todas recorrem à autoridade da obra de Allan Kardec [1804-1869] para fazê-lo.

Certamente nunca foi minha pretensão determinar a *correta* interpretação dessa obra, a fim de dirimir as divergências dentro do movimento espírita acerca do tema, ou oferecer, com esta tese, um subsídio para a defesa de qualquer posição. Como espero ter ficado claro na *Introdução*, parto da premissa que a obra kardeciana, ao longo de sua criação e de sua recepção, foi, aos poucos, se constituindo como um texto-fonte para o movimento articulado ao seu redor. E, exatamente por isso, é natural que interpretações múltiplas se formem a partir

¹⁸ É importante frisar que a escolha da ordem de tratamento para cada um dos diferentes *aspectos* do Espiritismo neste trabalho se deu, não apenas por causa da maior popularidade da fórmula *ciência-filosofia-religião*. Antes, defendo a opinião de que ela é a mais adequada por que, como veremos ao longo do desenvolvimento desta tese, para Kardec a *ciência* desfruta de uma precedência epistemológica sobre os demais *aspectos*. Isso, na prática, significará que, para nosso autor, somente por ser uma ciência o Espiritismo torna-se apto a estruturar-se como uma *filosofia livre do espírito de sistema* e uma *religião em sentido filosófico*. Neste momento, podemos apenas levantar uma suspeita de que o chamado *tríplice aspecto*, na obra kardeciana, assume o caráter de uma imagem especular dos *três estados* comteanos. Assim como para Auguste Comte a história do conhecimento se desenvolve em três estados – teológico, metafísico e positivo – a história do Espiritismo se desenvolveria, como se verá ainda nesse Capítulo, em períodos articulados na ordem inversa dos estados comteanos: primeiro haveria um prevalecimento da ciência (estado positivo), depois da filosofia (estado metafísico) e, por fim, da religião (estado teológico). A diferença parece estabelecer-se no fato de que, para Kardec, ao apresentar-se como *ciência* (e ciência positiva, como se verá no próximo Capítulo desta tese) o Espiritismo fundamentaria empiricamente as crenças que antes eram fruto da *especulação filosófica* e da *revelação religiosa*.

¹⁹ Outra formulação do chamado *tríplice aspecto*, atribuída a Afonso Angeli Torteroli, propõe que o Espiritismo seja caracterizado como ciência, filosofia e moral. Contudo, conforme veremos mais à frente, ainda neste Capítulo, a moral deve ser considerada como parte do aspecto filosófico da doutrina, e não como um elemento em separado ao lado dos demais. Além disso, há ainda os que, como Krishnamurti de Carvalho Dias, defendem não um *tríplice*, mas um *duplo aspecto* científico e filosófico, para o Espiritismo. O que todas essas interpretações da natureza do Espiritismo têm em comum é que as argumentações que lhes dão sustentação partem de leituras específicas – e, em minha opinião, ideologicamente motivadas – da obra kardeciana.

desta que se tornou um “[...] polo simbólico de identificação comum, a despeito dos diversos modos de vivenciar o espiritismo”.²⁰

A escolha dos três conceitos – ciência, filosofia e religião – como eixos da reflexão interpretativa da obra kardeciana não se deve, portanto, às históricas disputas institucionais e ideológicas no seio do movimento espírita brasileiro, seja no período de seu estabelecimento e consolidação no campo religioso brasileiro (entre 1860 e 1940), seja na atualidade. A motivação decorre unicamente da centralidade desses conceitos na obra de Kardec e do modo como o autor sempre os relaciona com a caracterização da natureza da doutrina e do movimento por ele iniciados. Dessa forma, submeter à análise a obra kardeciana à luz da temática do *tríplice aspecto* do Espiritismo lança-nos em cheio no problema da determinação de sua natureza e identidade, tal como pensadas por seu autor. E não mais que isso. O que não se configura como problema de fácil solução, uma vez que os modos como Kardec trata cada um desses conceitos em sua relação com o Espiritismo sofre variações ao longo dos doze anos em que se ocupou da consolidação da doutrina e do movimento a ela ligado.

Antes, porém, de entrarmos diretamente nesta discussão é necessário situarmos a questão tal como pode ser encontrada na obra kardeciana. Para tanto, faremos neste capítulo algumas considerações sobre quem foi Allan Kardec e como ele veio a se envolver com os fenômenos que movimentaram todo o Ocidente Europeu na segunda metade do século XIX. Além disso, na segunda parte do capítulo, discutiremos desde onde e a partir de quando o *tríplice aspecto* se coloca como problema, e ainda, se essa caracterização do Espiritismo corresponde, em alguma medida, ao pensamento original de Kardec, ou aí encontra referências que o sustentem. Na terceira parte, investigaremos os termos nos quais o fundador do Espiritismo coloca em questão a identidade ou a natureza fundamental da doutrina. E, por fim, na quarta e última parte, faremos uma breve discussão sobre a necessidade de restabelecer Kardec como verdadeiro autor da doutrina ao assumir o papel de *intérprete* do ensino atribuído aos Espíritos. Além disso, será necessário situar sua obra a partir do modo como ele mesmo encarou os períodos do desenvolvimento do Espiritismo rumo à concretização de seu objetivo máximo: a *renovação da humanidade*.

²⁰ LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados: Reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As Religiões no Brasil*. Continuidades e Rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 173.

1.1. De Rivail a Kardec: marcas de um itinerário

Na noite de 24 de março de 1856, em sua residência, na Rua dos Mártires nº 8, no apartamento de fundos, no 2º andar, Hippolyte Léon Denizard Rivail trabalhava em seu escritório, concentrado. Escrevia o livro que o tornou famoso no mundo todo. De repente, rompendo o silêncio, pequenas batidas reiteradas se fizeram ouvir. O professor tenta não lhes dar muita atenção e prossegue em seu trabalho. Mas as batidas persistem e parecem vir da parede que separa o escritório do cômodo vizinho. Elas mudam constantemente de lugar e, intrigado, Rivail se entrega a uma minuciosa exploração, de ambos os lados da parede. Cada vez mais intrigado percebe que, todas as vezes que recomeçava sua busca o ruído cessava. E, tão logo a abandonava, e voltava ao trabalho, novas batidas se faziam ouvir. Por volta das 22 horas, sua esposa, Amélie Boudet²¹ entra no gabinete de trabalho do marido e ouve também as batidas que se repetem, incessantes. Ambos, agora, se dedicam juntos a descobrir, sem sucesso, a origem dos ruídos que se prolongam até à meia-noite quando o casal resolve se recolher.

Apesar da estranheza do episódio, eles não têm medo. Há um ano, mais ou menos, que o Sr. Rivail vinha se ocupado na pesquisa dos fenômenos que ficaram conhecidos como *mesas girantes* ou *dançantes*. Ele contava, então, cinquenta anos; intelectual respeitado e de alguma notoriedade²², magnetizador²³ experiente, quando em 1854 ouviu falar pela primeira vez – segundo seu próprio relato²⁴ – dos fenômenos que conquistaram a Europa e o *mundo civilizado*. Estes fenômenos surgiram pela primeira vez no ano de 1848, na pequena

²¹ Amélie Gabrielle Boudet [1795-1883].

²² Consta que alguns dos livros didáticos de sua autoria foram utilizados em cursos da Universidade de Paris. Além disso, era membro do *Institut Historique*, da *Académie Royale des Sciences d'Arras*, da *Société des Sciences Naturelles de France*, dentre outras *société des savants* (Como se pode ler na folha de rosto de sua obra: RIVAIL, H. L. D.. *Cours complet théorique et pratique d'Arithmétique*. Paris: Pillet et al., 1847).

²³ **Magnetismo animal**, segundo o próprio Kardec: “(Do grego e do latim *magnes*, ímã) Assim chamado por analogia com o magnetismo mineral. Tendo a experiência demonstrado que essa analogia não existe ou é apenas aparente, essa denominação não é exata. Mas como ela está consagrada pelo uso universal, e como, além disso, o epíteto que se lhe acrescenta não permite equívoco, seria mais inconveniente que útil mudar esse nome. Algumas pessoas o substituem pela palavra *mesmerismo*, que até o presente ainda não prevaleceu” (KARDEC, Allan. *Definições Espíritas*. Niterói: Lachâtre, 1997. p.88). Conforme Henri Sausse: “Ainda cedo o Sr. Rivail se ocupou com os fenômenos do magnetismo. Ele tinha no máximo 19 anos quando, em 1823, se sentiu impelido a estudar as fases do sonambulismo, cujos mistérios perturbadores eram tidos por ele como no mais alto interesse” (SAUSSE, Henri. *Biografia de Allan Kardec*. Rio de Janeiro: FEB, 2012. p. 33). Posteriormente, o próprio Kardec reconhecerá no magnetismo um precursor do Espiritismo. Na *Revue Spirite*, março de 1858, escreverá: “O magnetismo preparou o caminho do Espiritismo, e os rápidos progressos desta última doutrina se devem, incontestavelmente, à vulgarização das ideias sobre a primeira” (RS, Mar/1858. *Le Magnétisme et le Spiritisme*, p. 91-92. Tradução minha).

²⁴ Cf.: KARDEC, Allan. *Ma première initiation au Spiritisme*. In: _____. *Oeuvres Posthumes*. Paris: Librairie des Sciences Spiritiques et Psychiques, 1912. p. 303-310.

Hydesville, estado de New York (USA); quando duas irmãs Margaret e Catherine Fox, também através de batidas nas paredes, tornaram-se as catalisadoras de um amplo movimento espiritual baseado na possibilidade de comunicação entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

Rivail, num primeiro momento não pôde acreditar no que seu amigo, Sr. Fortier, lhe contava sobre como havia sido descoberta uma nova propriedade no magnetismo: também as mesas podiam-se magnetizar! E nesse estado, elas giravam e se moviam à vontade. Embora, não considerasse a hipótese de todo impossível, já que o *fluido magnético*, sendo como uma espécie de eletricidade poderia fazer os corpos inertes se moverem; os relatos que lera nos jornais não o haviam convencido da veracidade do fenômeno.

Algum tempo depois, tendo reencontrado o mesmo amigo, toma conhecimento de que as mesas não apenas dançam e se movem após serem magnetizadas, mas também falam quando interrogadas. A isso respondeu Rivail: “Essa [...] é outra questão. Na qual acreditarei quando eu vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que ela possa tornar-se sonâmbula. Até lá, me permita ver aí apenas uma história para dormir em pé”.²⁵ Para ele o raciocínio todo é muito lógico: o movimento, puro e simples, poderia dar-se mediante a aplicação de uma força mecânica – a ação do *fluido magnético* sobre a mesa – e restringir-se, assim, a um fato puramente material. Parecia-lhe, portanto, absurdo atribuir inteligência a tal fenômeno. Anos depois, escrevendo suas memórias, Rivail fará de si a seguinte avaliação:

Eu estava na posição dos incrédulos de nossos dias que negam porque veem um fato que não compreendem. [...] Estava, então, diante de um fato inexplicado, aparentemente contrário às leis da natureza, e que minha razão rejeitava. Nada tinha visto ou observado ainda. Experiências, feitas na presença de pessoas honradas e dignas de fé confirmavam-me a possibilidade de um efeito puramente material. Contudo, a ideia de uma mesa *falante* não entrava em minha cabeça.²⁶

²⁵ KARDEC. *Ma première...* op. cit. 303-304 : “Ceci [...], est une autre question; j’y croirai quand je le verrai, et quand on m’aura prouvé qu’une table a un cerveau pour penser, des nerfs pour sentir, et qu’elle peut devenir somnambule ; jusque-là permettez-moi de n’y voir qu’un conte à dormir débout”.

²⁶ Idem. Ibidem. p. 304 : “J’étais dans la position des incrédulos de nos jours qui nient parce qu’ils ne voient qu’un fait dont ils ne se rendent pas compte. [...] J’en étais donc à la période d’un fait inexplicé, en apparence contraire aux lois de la nature, et que ma raison repoussait. Je n’avais encore rien vu ni rien observé ; les expériences, faites en présence de personnes honorables et dignes de foi, me confirmaient dans la possibilité de l’effet purement matériel, mais l’idée d’une table *parlante* n’entrait pas encore dans mon cerveau”.

As dúvidas e a desconfiança que tomaram Rivail nesse período apenas foram dirimidas no começo do ano seguinte. Primeiro num encontro com Sr. Carlotti que lhe falou de maneira exaltada, durante quase uma hora, sobre os fenômenos, sendo o primeiro a mencionar-lhe que estes se davam por meio da intervenção de Espíritos. No entanto, na ânsia de provar ao amigo a veracidade dos fatos, Carlotti, contou-lhe *tantas coisas surpreendentes* que apenas fez aumentar a dúvida.

Por volta de maio de 1855, Rivail participou de uma *séance* na casa da Sra. Roger, sonâmbula. Levou-o seu amigo Fortier que era também o magnetizador da anfitriã. Nessa sessão encontrou-se com o Sr. Pâtier e com a Sra. Plainemaison que lhe falaram dos fenômenos no mesmo sentido em que havia feito Carlotti. Contudo, frisa Rivail, num tom muito distinto do que ele se utilizara. Especialmente Pâtier que se lhe apresentava como homem de “caráter grave, frio e calmo”²⁷, causou-lhe forte impressão. Foi, então, convidado a assistir às experiências que fazia na casa de *madame* Plainemaison. E numa terça-feira do mesmo mês²⁸, Rivail teve seu primeiro encontro com as mesas que *giravam, saltavam e corriam*. Assistiu ainda na casa de Plainemaison ao que chamou de “[...] alguns ensaios muito imperfeitos de escrita mediúnica [...]”²⁹, que, no entanto, não deixavam possibilidade de dúvida. “Minhas ideias estavam longe de se fixarem, mas havia ali um fato que devia ter uma causa. Entrevi que, sob essas aparentes futilidades e das brincadeiras que se faziam desses fenômenos, havia algo sério, como a revelação de uma nova lei que me comprometi em estudar mais a fundo”³⁰. Foi frequentando as *séances* de *madame* Plainemaison que Rivail conheceu a família Baudin. E, a convite do próprio Sr. Baudin passou a frequentar as sessões semanais em sua casa, nas quais suas duas filhas – Caroline e Julie – atuavam como médiuns. Foi apenas aí que Rivail pôde começar a desenvolver as pesquisas que o levariam naquela noite de 25 de março de 1856 a trabalhar no livro que modificaria completamente sua vida.

Mas, até aquele momento, quem foi Hippolyte Léon Denizard Rivail? Seu biógrafo André Moreil, nos adverte que dele “[...] não existe verdadeira biografia [...]”³¹, pouco

²⁷ KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 305.

²⁸ Não se sabe o dia em que ocorreu esse primeiro contato de Rivail com os fenômenos mediúnicos porque, em seu manuscrito, o espaço reservado para essa informação permaneceu em branco.

²⁹ KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 305: “[...] quelques essais très imparfaits d’écriture médiumnique [...]”.

³⁰ Idem. *Ibidem*. p. 305-306 : “Mes idées étaient loin d’être arrêtées, mais il y avait là un fait qui devait avoir une cause. J’entrevis sous ces futilités apparentes et l’espèce de jeu que l’on faisait de ces phénomènes, quelque chose de sérieux, et comme la révélation d’une nouvelle loi que je promis d’approfondir”.

³¹ MOREIL, André. *Vida e Obra de Allan Kardec*. São Paulo: EDICEL, 1986. p. 19.

podemos saber sobre o pedagogo, nascido em Lyon a 03 de outubro de 1804³², filho de Jean Baptiste Antoine Rivail e de Jeanne Louise Duhamel. Segundo seu amigo, e também biógrafo, Maurice Lachâtre, Denizard Rivail era filho e neto de advogados; de uma família que se distinguiu no exercício desta profissão e na magistratura. E, no entanto, não quis seguir a carreira de seus ancestrais, desde cedo se dedicando ao estudo das ciências e da filosofia ³³.

Durante muito tempo sustentou-se entre os biógrafos a tese de que os Rivail fossem uma família tradicional de Lyon. Henri Sausse chega a afirmar que Denizard teria feito aí, nessa cidade, seus primeiros estudos.³⁴ No entanto, como afirma Lachâtre, embora tenha nascido em Lyon – e o registro de nascimento corrobora essa informação – sua origem remonta a Bourg en Bresse, cidade distante cerca de 60 quilômetros de Lyon.³⁵ A explicação para o fato de que Kardec tenha nascido em Lyon e não em Bourg en Bresse principia com o texto do registro de nascimento:

Aos doze de vindimário do ano treze./

Certidão de nascimento de Denisard, Hypolite Leon Rivail, nascido/ ontem à noite às sete horas, filho de Jean Baptiste Antoine Rivail/ homem de lei, residente em Bourg de L'Ain, e atualmente em/ Paris, e de Jeanne Louise Duhamel sua esposa*. O sexo da/ criança foi reconhecido como masculino. Testemunhas principais Syriaque/ Frederic Dittmar, Diretor do Estabelecimento de águas minerais/, na rua Sala, acima referida ³⁶, e Jean François Turge residente à mesma rua./ Por pedido de Pierre Rodamel, médico,/ residente à rua Saint Dominique, nº 78. Procedeu-se à leitura, e assinaram. Certificada por mim, prefeito, abaixo assinado/ * no momento/ em Lyon, rua Sala, nº 74. Inserção aprovada. [Seguem as assinaturas]³⁷

³² À época estava em uso o Calendário da Revolução. Dessa forma a *acte de naissance* de Kardec, registrada no dia 12 de Vindémiaire do ano Treze da República, dá como data do nascimento o dia anterior, portanto 11 do mesmo mês.

³³ LACHÂTRE, Maurice. *Nouveau Dictionnaire Universel*. Tome Premier. Paris: Docks de la Librairie, 1865. Verbete *Allan Kardec*. p. 199.

³⁴ Cf.: SAUSSE. op. cit. p. 28.

³⁵ Como próprio Kardec afirmou, categoricamente, ele nunca residiu em Lyon. Cf.: RS. Jun/1862. *Voilà comment on écrit l'histoire!* p. 180.

³⁶ Esta referência diz respeito à nota aditada à frase: “[...] Jeanne Louise Duhamel sua esposa*”, e a seu complemento que está abaixo, não acima, e que diz: “[...] * no momento/ em Lyon, rua Sala, nº 74”. Isso indica que o endereço do Estabelecimento de águas minerais, do qual Dittmar era o diretor, era o mesmo endereço onde Jeanne Duhamel estava hospedada quando deu à luz a seu filho.

³⁷ Tradução feita a partir da transcrição de cópia original do documento reproduzida em MARTINS, Jorge Damas; BARROS, Stenio Monteiro de. *Allan Kardec*. Análise de Documentos Biográficos. Niterói: Lachâtre, 1999. p. 26-27: “Du douze de vindémiaire de l’an treize./Acte de naissance de Denisard, Hypolite Leon Rivail, né/ hier soir à sept heures, fils de Jean Baptiste Antoine Rivail/ homme de loi, demeurant à Bourg de L’Ain, et actuellement à/ Paris, et de Jeanne Louise Duhamel son epouse*. Le sexe de/ l’efant a été reconnu masculin. Témoins majeurs Syriaque/ Frederic Dittmar, Directeur de L’Établissement des eaux minérales/, susdite rue Sala, et Jean François Turge demeurant même rue./ Sur la réquisition de Pierre Rodamel, médecin./ demeurant rue Saint Dominique, nº 78. Lecture faite, et/ ont signé. Constaté par moi maire soussigné / * de présent/ à Lyon, rue Sala, nº 74. Renvoy approuvé”.

Conforme lemos acima, a certidão afirma que Jean Baptiste Antoine Rivail, o pai, embora residente em Bourg de L'Ain³⁸, estava em Paris quando seu filho nasceu. Sua esposa, *de présent* estava em Lyon, na rua Sala, nº 74. Segundo pesquisa histórica de Martins e Barros³⁹, o nascimento de Kardec em Lyon, local distante da residência habitual da família se explica porque no referido endereço, à época, funcionava o *Établissement des eaux minérales*, de propriedade de *monsieur* Syriaque Frederic Dittmar. De acordo com estes autores, é possível entender que *madame* Duhamel, mãe de Denizard Rivail, por razões médicas se restabelecia no referido Estabelecimento e, completando o tempo de gestação, deu à luz ali mesmo. Passado algum tempo teria retornado a Bourg en Bresse, onde o menino foi batizado a 15 de outubro de 1805, na Igreja de Saint-Denis de la Croix-Rousse.⁴⁰

Aos 10 anos, Denizard Rivail foi enviado a Yverdon, Suíça, para estudar no Instituto de Educação fundado em 1805 por Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), e que, à época, era considerado escola modelo em toda a Europa. Nesta escola:

O menino Denizard Rivail [...] logo se revelou um dos discípulos mais fervorosos do insigne pedagogo suíço [...]. Possuidor de inteligência penetrante e alto espírito de observação, e, ainda mais, inclinado naturalmente para a solução dos importantes problemas do ensino e para o estudo das ciências e da filosofia, – Rivail cativou a simpatia e a admiração do velho professor, deste se tornando, pouco depois, eficiente colaborador.⁴¹

Não se sabe ao certo a data em que Rivail teria deixado Yverdon, mas segundo Wantuil e Thiesen é possível, se não provável, que isso tenha se dado apenas em 1822 e que teria chegado a Paris neste mesmo ano.⁴² Antes disso, supõem-se, ele teria permanecido em

³⁸ Ou Bourg en Bresse, no departamento de L'Ain.

³⁹ MARTINS, Jorge Damas; BARROS, Stenio Monteiro de. *Allan Kardec*. Análise de documentos biográficos. Niterói: Lachâtre, 1999. p. 33-39.

⁴⁰Cf.: WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*. Meticulosa Pesquisa Biobibliográfica. Volume I. Rio de Janeiro: FEB, 1979. p. 31.

⁴¹ WANTUIL, Zêus. *Grandes espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro: FEB, 2002. 4ª Ed. p. 17. *Apud* FEB. *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*. Tomo I. Rio de Janeiro: FEB, 2008. p. 53. Creio ser necessário aditar uma informação acerca desta *biografia* em três volumes: assim como as demais que nos servem de base, esta biografia composta por Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, ao traçar o perfil de Kardec, nas duas fases de sua vida, assume muitas vezes um tom acentuadamente hagiográfico. E, seguindo este tom, em várias passagens recompõe fatos da vida do biografado sem, contudo, apontar fontes documentais que sustentem determinada visão. É o que ocorre neste trecho específico, por exemplo. Não temos como confirmar todas essas informações com a segurança necessária para afirmar que as coisas aconteceram exatamente assim.

⁴² Idem, *ibidem*. p. 82.

Yverdon como submestre, ou mesmo como mestre de alunos. De qualquer forma, asseguram os biógrafos, sem deixarem, no entanto, muito claro como sabem disso, que em janeiro de 1823 Rivail estaria residindo na *rue de la Harpe*, “[...] um dos principais eixos da vida universitária parisiense”, onde “ficava o Liceu Saint-Louis [...] estabelecimento escolar dos mais florescentes e mais bem reputados da Universidade”.⁴³

Chegado, pois a Paris, envolveu-se imediatamente com o magistério e, aproveitando o tempo livre, ocupou-se de traduzir obras inglesas e alemãs, bem como em preparar seu primeiro livro didático: *Cours Pratique e Théorique d'Arithmétique, d'après la méthode de Pestalozzi, avec modifications*.⁴⁴ Esta foi, portanto, a primeira obra pedagógica publicada por Rivail. Outras se seguiram, e não foram poucas. Florentino Barrera enumera nada menos que vinte e uma [21] obras sobre educação, entre manuais didáticos, gramáticas e um escrito sobre política educacional.⁴⁵ Em meados de 1825 começa seu próprio empreendimento educacional: a *École de premier degré*. E, em 1832, firma o contrato de casamento com Amélie-Gabrielle Boudet, nove anos mais velha que ele e a companheira da vida inteira.⁴⁶ No contrato de casamento – *acte de mariage* – Hippolyte Léon Denizard Rivail aparece como *chef d'Institution* e morador da *rue de Sèvres*, nº 35. Trata-se aqui, do Instituto Técnico Rivail, que funcionava no mesmo endereço de residência de seu diretor.

Após a falência do Instituto Rivail, em virtude de dívidas de jogo contraídas por seu sócio no empreendimento, se dedica, para sobreviver, a fazer a contabilidade de três diferentes firmas; enquanto, continua seu trabalho de escritor e, ao mesmo tempo, oferece cursos gratuitos de química, física, astronomia e anatomia comparada.⁴⁷ Como autor, suas obras renderam-lhe algum capital e conforto; e, segundo Henri Sausse, se tivesse continuado sua carreira pedagógica “[...] poderia o Sr. Rivail levar uma existência feliz, honrada, calma, com sua fortuna reconstruída pela perseverança no trabalho e pelo brilhante êxito que lhe

⁴³ WANTUIL, Zéus; THIESEN, Francisco. op. cit. p. 82.

⁴⁴ RIVAIL, H. L. D. *Cours Pratique e Théorique d'Arithmétique, d'après la méthode de Pestalozzi, avec modifications*. Paris: Pillet-aîné, 1824. Esta obra foi publicada em dois tomos, no formato in-12, totalizando 624 páginas.

⁴⁵ BARRERA, Florentino. *Resumo Analítico das Obras de Allan Kardec*. São Paulo: USE / Madras, 2003. p. 169-170.

⁴⁶ Henri Sausse, ao comentar sobre a idade de Amélie Boudet afirma que ela era “nove anos mais velha do que o Sr. Rivail, porém aparentava ter dez anos a menos que ele”. (SAUSSE. *Biografia de Allan Kardec* op.cit. p. 13.)

⁴⁷ SAUSSE. *Biografia de Allan Kardec* op.cit. p. 32.

coroara os esforços”.⁴⁸ Contudo, conforme vimos acima, o encontro com as mesas dançantes e falantes, em 1855, desviou significativamente o curso dos acontecimentos.

José Herculano Pires afirma que: “Allan Kardec nasceu a 18 de abril de 1857, em Paris. Sua certidão de nascimento não foi passada em cartório, mas impressa nas oficinas do editor Didier e exposta ao público na sua livraria”.⁴⁹ Desta forma, “entre o nascimento de Denizard e o de Allan Kardec há meio século de distância”.⁵⁰ Em geral, a vida de Rivail/Kardec tem sido dividida pelos biógrafos em duas grandes partes: o período pré-espírita, ou pedagógico, e o período espírita.⁵¹ O primeiro se estendendo do nascimento em 1804 até o ano de 1854, quando Denizard Rivail teve, segundo sua própria narrativa, a primeira notícia sobre o fenômeno das mesas girantes. A partir daí até sua morte, em 1869, se estenderia o período propriamente espírita. O problema dessa distinção, apesar de sua validade, é que pode causar a falsa impressão de que as duas fases se dão a partir de uma radical ruptura entre Denizard Rivail e Allan Kardec. Quase como se fossem duas pessoas distintas, ou como se houvesse total solução de continuidade entre a atividade pedagógica de Rivail e a atividade espírita de Kardec.⁵² Ao contrário, como afirmam Aubrée e Laplantine, não se pode identificar qualquer “[...] ruptura entre o educador aplicado, discípulo de Pestalozzi, em busca das leis da natureza e o fundador do ‘espiritismo científico’, entre os cinquenta anos de vida profana de D.H.L. Rivail [...] e os quinze anos de vida espírita de Allan Kardec”⁵³; pois, “quando aborda o fenômeno das mesas girantes, nada leva a crer que é um homem novo que nele desperta, se encanta e se converte”.⁵⁴

Contudo, é inegável que tenha havido uma mudança significativa na vida do professor Rivail. Uma mudança cujo marco é a adoção de um novo nome ao publicar sua primeira obra espírita. “A adoção do nome Allan Kardec, que se acredita ser de origem celta, marca ritualmente a sua adesão”⁵⁵ ao novo conjunto de crenças, e se justifica “[...] por ter sido

⁴⁸ Idem, *ibidem*. p. 14.

⁴⁹ PIRES, José Herculano. *Quem foi Allan Kardec*. In: MOREIL, André. *op. cit.* p. 9.

⁵⁰ Idem, *ibidem*.

⁵¹ André Moreil fala em período profano e período espírita.

⁵² Na correção dessa falsa impressão é digno de nota o trabalho que Dora Incontri tem levado a cabo no resgate ao tom profundamente pedagógico que Kardec imprime a toda sua obra espírita. Chegando mesmo, na leitura dessa pesquisadora, ao ponto de dotar o próprio Espiritismo com os caracteres de uma “Pedagogia do Espírito”. (Cf.: INCONTRI, Dora. Apresentação. In: RIVAIL, Hippolyte Léon-Denizard. *Textos Pedagógicos*. São Paulo: Comenius, 1998. p. 8).

⁵³ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *A Mesa, o Livro e os Espíritos*. Gênese, Evolução e Atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009. p. 44-45.

⁵⁴ Idem, *ibidem*. p. 44.

⁵⁵ STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à Brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 37.

este seu nome numa encarnação anterior, conforme informação obtida por meio da comunicação de um ‘espírito’. Ritual próprio do meio religioso que acompanha processos de redefinição de *status*, a mudança de nome demarca a assunção de uma nova identidade social”⁵⁶. Sobre como teria se dado essa revelação conta-nos Henri Sausse:

Certa noite, seu Espírito protetor, Z, deu-lhe por um médium uma comunicação toda pessoal, na qual lhe dizia, entre outras coisas, tê-lo conhecido em uma precedente existência, quando, ao tempo dos druidas, vivam juntos nas Gálias. Ele se chamava, então, Allan Kardec, e, como a amizade que lhe votara só fazia aumentar, prometia-lhe esse Espírito secundá-lo na tarefa muito importante a que ele era chamado, e que facilmente levaria a termo.⁵⁷

Sabe-se, por meio do escrito autobiográfico que vem nos servindo de principal fonte, e publicado nas *Oeuvres Posthumes*, que a inicial Z. se refere ao Espírito Zéfiro, ligado à família Baudin, em casa de quem o fundador do Espiritismo realizou grande parte do trabalho que deu origem à sua obra capital.⁵⁸ Inclusive, neste mesmo volume, são publicadas comunicações obtidas nas primeiras sessões, várias delas tendo Zéfiro como protagonista, e todas versando sobre o então professor Rivail e o desenrolar de sua missão. No entanto, curiosamente, em nenhuma delas encontra-se qualquer referência a essa suposta vida entre os Druidas gauleses onde teria se chamado Allan Kardec. De fato, não há em toda sua obra publicada⁵⁹ qualquer menção a essa suposta revelação feita por Zéfiro, ou mesmo às motivações que o levaram a adotar um pseudônimo. A única exceção é a reprodução de Kardec, endereçada a Tiedman⁶⁰, que encontramos na biografia escrita por Wantuil e Thiesen. Nesta carta, Kardec fala sobre a adoção do pseudônimo:

⁵⁶ Idem. *Ibidem*.

⁵⁷ SAUSSE, Henri. *Biografia de Allan Kardec*. op. cit. p. 39.

⁵⁸ De fato, as filhas do casal Baudin foram duas das três principais *médiuns* às quais Kardec atribuiu o trabalho de confecção de *Le Livre des Esprits* (cf.: RS, Jan./1858. *Introduction*. p. 36). A terceira foi Ruth Céline Japhet.

⁵⁹ É de conhecimento geral entre a intelectualidade espírita que Silvino Canuto Abreu teria assumido a guarda do espólio literário não publicado de Allan Kardec pouco antes da Segunda Grande Guerra Mundial e o teria trazido consigo para o Brasil. Esse fato foi atestado por vários autores espíritas que testemunharam ter acessado esse arquivo em algum momento como um favor especial concedido pelo guardião do mesmo. Infelizmente, apesar de todos os esforços para contatar a família de Canuto Abreu, não me foi possível acessar esses arquivos para a complementação da pesquisa.

⁶⁰ A carta é datada de 27 de outubro de 1857 e, segundo os autores da biografia, o exemplar autógrafo pertence aos arquivos de raridades históricas do Espiritismo pertencente, à época, a Silvino Canuto Abreu. Hoje, esses arquivos permaneceriam sob os cuidados da família de Canuto Abreu.

Duas palavras ainda a propósito do pseudônimo. Direi primeiramente que neste assunto lancei mão de prática comum, uma vez que entre 100 escritores há sempre $\frac{3}{4}$ que não são conhecidos por seus nomes verdadeiros, com a diferença que a maioria toma nomes de pura fantasia, enquanto que Allan Kardec tem uma significação e que posso reivindicá-lo como meu em nome da doutrina. Digo mais: ele contém todo um ensinamento que me reservo o direito de tornar conhecido mais tarde. [...] Além disso, há uma razão que domina tudo: não tomei essa decisão sem antes consultar os Espíritos, uma vez que não faço nada sem seu conselho. Fiz isso várias vezes, por intermédio de diferentes médiuns; e eles não apenas autorizaram, mas aprovaram essa medida.⁶¹

Embora a narrativa de Sausse tenha sido adotada como a *versão canônica* do modo como Rivail chegou a adotar o pseudônimo Allan Kardec, ela não é a única. Segundo Anna Blackwell, amiga do casal Rivail e tradutora das obras de Kardec para o Inglês, a adoção do pseudônimo teria sido, sim, uma sugestão dos Espíritos. No entanto, outra é explicação para a sua origem. Não se menciona qualquer ideia de uma encarnação prévia de Rivail, e Blackwell explica, em uma nota, que Allan Kardec é “um antigo nome Bretão da família de sua mãe”.⁶²

Não nos interessa, aqui, entrar numa discussão que valide uma ou outra versão da origem do nome adotado por Rivail na nova fase de sua existência. Até porque, essas não são as únicas narrativas que biógrafos e pesquisadores da obra kardeciana apontam como explicações para a origem do pseudônimo⁶³, e toda a questão se perde em um monte de informações contraditórias de pessoas que conviveram com Kardec, ou em supostos documentos que se perderam ou não podem ser vistos ou consultados. O que me parece mais importante é questionar qual o significado do fato de a versão de Henri Sausse ter-se tornado dominante, em detrimento daquela defendida por Anna Blackwell, para se explicar a origem do nome Allan Kardec.

⁶¹ Apud: WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*. Pesquisa Bibliográfica e Ensaio de Interpretação. Vol II. Rio de Janeiro: FEB, 1980. Nota 26. p. 76-77: “Deux mots encore sur le pseudonyme. Je dirai d’abord qu’en cela j’ai suivi un usage (sic) reçu, puisque sur 100 écrivains il y a en a les $\frac{3}{4}$ qui ne sont pas connus sous leurs véritable nom, avec cette différence que la plupart prennent des noms de pure fantaisie, tandis que celui d’Allan Kardec a une signification et que je puis le revendiquer comme mien au nom de la doctrine. Je dis plus : il renferme tout un enseignement que je me réserve de faire connaître plus tarde. (...) Il y a d’ailleurs une raison qui domine tout : je n’ai point pris ce parti sans consulter les Esprits, puisque je ne fais rien sans leur avis. Je l’ai fait à plusieurs reprises et par différents médiums ; or, ils ont non seulement autorisé, mais approuvé cette mesure”.

⁶² “An old Briton name in his mother’s family”. BLACKWELL, Anna. *Translator’s Preface*. In: KARDEC, Allan. *The Spirits’ Book*. Brasília: FEB, s/d. p. 12.

⁶³ Recentemente o pesquisador espírita Eugenio Lara, que é membro-fundador do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc) e autor de vários livros e artigos sobre a história do pensamento espírita, disponibilizou-me texto seu ainda não publicado em que faz um levantamento das diferentes narrativas criadas para explicar a origem do nome Allan Kardec. Segundo este levantamento, haveria versões que falam que Allan Kardec seria a junção de dois nomes que foram seus em duas existências distintas. Outras que afirmam ter sido Allan Kardec druida; outros um *chefe de comunidade* ao tempo do imperador Júlio César. Para uns, Allan Kardec teria vivido na Bretanha, para outros na Escócia ou na antiga Armórica.

Segundo Aubrée e Laplantine, no que diz respeito a Kardec “[...] sua mudança de identidade deve ser relacionada com as preocupações que se manifestam na época pelo *passado da sociedade francesa*. Para um grande número de espíritas e também de ocultistas e de esoteristas franceses da segunda metade do século XIX e do começo do século XX, a referência à cultura celta torna-se fundamental”.⁶⁴ De fato, a inclinação em considerar o resgate do nome Allan Kardec como, ao mesmo tempo, um resgate da história do “gênio da raça” francesa aparece com clareza apenas em manifestações de seus seguidores, após sua morte. Essa interpretação transparece, por exemplo, no discurso de Pierre-Gaëtan Leymarie por ocasião da inauguração do monumento tumular em forma de *dólmen druídico*, exatamente um ano após a morte de Kardec.⁶⁵

Esta pedra druídica não é a personificação do orgulho: é um símbolo, um ponto de reunião. Quis a honrada viúva do mestre lembrar a todos os espíritas que Allan Kardec nada tinha inovado, e que, aplicando-se em analisar os laços íntimos que nos unem aos povos desaparecidos, havia encontrado nossa filiação paterna e espiritual nos nossos ancestrais, os gauleses.⁶⁶

Sentimento semelhante encontramos em Léon Denis que, em seu último livro, *Le Génie Celtique et le Monde Invisible*⁶⁷, escrito e publicado, segundo informações do próprio autor, por influência do Espírito Allan Kardec, “[...] a fim de demonstrar que o movimento espiritualista da atualidade nada mais é que o poderoso despertar das tradições da nossa raça”⁶⁸. E, fazendo eco às declarações de Leymarie, afirma:

O dólmen que, por sua vontade, se eleva sobre seu túmulo no Cemitério Père-Lachaise, tem ali um sentido preciso. A Doutrina Espírita, que o grande iniciador condensou e resumiu em suas obras por meio das comunicações dos espíritos, obtidas em todos os lugares do globo, coincide, em suas grandes linhas com o Druidismo e constitui um retorno às nossas tradições

⁶⁴ AUBRÉE; LAPLANTINE. op. cit. p. 42.

⁶⁵ Após sua morte em 31 de março de 1869, o corpo de Kardec foi enterrado no cemitério Montmartre. Exatamente um ano depois, os restos mortais foram transferidos para o cemitério Père-Lachaise e foi inaugurado um monumento tumular com a forma de um dólmen. A iniciativa partiu de Pierre-Gaëtan Leymarie e contou com o apoio de Amélie Boudet, viúva de Kardec. Não há qualquer evidência na obra kardeciana publicada de que tenha sido desejo de Kardec a construção de uma pedra tumular em forma de dólmen.

⁶⁶ LEYMARIE, Pierre Gaëtan. O Espiritismo na Antiguidade. In: KARDEC, Allan. *O Espiritismo em sua expressão mais simples e outros opúsculos de Kardec*. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 236.

⁶⁷ DENIS, Léon. *Le Génie Celtique et le Monde Invisible*. Paris: Éditions Jean Meyer, 1927.

⁶⁸ DENIS, Léon. *Prefácio de Léon Denis à edição de 1927*. In: SAUSSE. op. cit. p. 14.

étnicas, amplificadas pelo progresso do pensamento e da ciência e confirmadas pelas vozes do Espaço.⁶⁹

No entanto, não é perceptível na obra kardeciana uma preocupação explícita com essa perspectiva. Apenas em um momento, em abril de 1858, na *Revue*, Kardec menciona uma possível correlação entre as crenças espíritas e o druidismo. O artigo, que na verdade é uma longa transcrição de trechos de artigos publicados em *Le Magasin Pittoresque*, assinados por Jean Reynaud⁷⁰, os quais, por sua vez, reproduzem trechos inteiros do livro de Adolphe Pictet, *Le Mystère des Bardes*⁷¹, intitula-se *Le Spiritisme chez les Druides*⁷². A essa longa transcrição Kardec acrescenta sua opinião em alguns parágrafos a título de introdução e de conclusão. A intenção anunciada é a de ilustrar com um exemplo como elementos da doutrina espírita podem ser encontrados nas culturas antigas, e apenas isso. Como o fará com outras culturas e religiões em outras ocasiões naquele mesmo ano.⁷³

Desse modo, mesmo que durante sua vida – especialmente no último período dela – Kardec estivesse preocupado em estabelecer as relações de continuidade entre o Espiritismo e o Cristianismo e tenha dedicado, ao longo de toda sua carreira espírita, apenas um artigo às supostas relações entre Espiritismo e Druidismo; após sua morte passa a cumprir uma agenda que lhe é agora atribuída por seus continuadores: resgatar do esquecimento histórico o passado céltico ou gaulês da França, e, como também afirma Leymarie em seu discurso, “[...] reencontrar a grande tradição perdida”.⁷⁴

De certo modo toda essa expansão do significado do nome Allan Kardec, e de sua origem céltica ou gaulesa, encontra respaldo no significado imediato que a sua adoção, representada sob o signo da reencarnação, tem para a existência de Rivail. Como dissemos acima, a troca de nome em si mesma, marca uma mudança, certa ruptura entre a vida do pedagogo e a vida de *missionário-chefe* da revelação do Espiritismo. E é justamente nesse sentido que a versão de Anna Blackwell para o significado do nome se mostra como uma alternativa fraca. Apenas dizer que Rivail adota o nome de um ancestral não possui a mesma

⁶⁹ DENIS. *O Gênio Céltico...* op. cit. p. 15.

⁷⁰ REYNAUD, Jean. *Le Mystère des Bardes*. In : *Le Magasin Pittoresque*. Paris: 1857. p. 30-32.

⁷¹ PICTET, Adolphe. *Le Mystère des Bardes de l'île de Bretagne*. Joël Cherbuliez Éditeur: Genève, 1856.

⁷² RS, Avr/1858. *Le Spiritisme chez les Druides*. p. 95-108.

⁷³ Podemos citar como exemplo a própria *Introduction*, publicada no mês de Janeiro de 1858, na qual Kardec fala explicitamente sobre este tema. Além disso, há o artigo *La forêt de Dodone et la statue de Memnon* (RS, Fév/1858. p. 51-55); e outros.

⁷⁴ LEYMARIE. op. cit. p. 237.

força simbólica que afirmar que essa individualidade tem um passado que se liga misticamente, através da crença na reencarnação, à sua missão atual. E não apenas isso, essa mesma missão – ser o missionário-chefe da implantação da doutrina espírita no mundo –, de certa forma iniciada na encarnação como druida, não terminaria com sua morte em 1869. Pois, desde 1857 já lhe havia sido anunciada por Zéfiro uma nova encarnação a fim de concluir sua missão, o que não poderia fazer naquela existência. Diante de tal profecia, Kardec compreende que deverá reencarnar novamente entre o final do século XIX e o início do século XX.⁷⁵

Ora, dessa forma o nome Allan Kardec torna-se significativo não apenas por sua importância na biografia familiar de Rivail, mas ganha o peso simbólico da própria missão que ele tinha a realizar. Uma missão espiritual. E mesmo que, o autor de *Le Livre des Esprits* seja “[...] o oposto de um iluminado, de um iniciado ou de um profeta”⁷⁶; se “[...] encontramos a mesma postura quando o professor se torna um líder e quando o pedagogo dos jovens parisienses se transforma em educador do gênero humano [...]”⁷⁷; é igualmente verdadeiro que os horizontes divergem consideravelmente em amplitude. E, nem mesmo o relativo sucesso como pedagogo e professor é suficientemente forte para impedi-lo de se dedicar com exclusividade ao Espiritismo pelos quinze anos restantes de sua vida. Confiante na promessa de Zéfiro, de que o auxiliaria em sua missão, Kardec se torna missionário em tempo integral da doutrina e dos Espíritos.

Em 1868, poucos meses antes de sua morte, nosso autor relembra o que a publicação de sua obra capital provocou em sua vida.

Tirando-me da obscuridade, o Espiritismo veio lançar-me num novo caminho. Em pouco tempo eu me achei sendo arrastado por um movimento que não podia prever. Quando concebi o *Livro dos Espíritos*, minha intenção era a de permanecer desconhecido e não me colocar em evidência; no entanto, rapidamente isso se tornou impossível para mim. Tive que renunciar a meu gosto pelo isolamento, sob pena de ter que abdicar à obra iniciada e que crescia a cada dia. Foi-me necessário seguir o impulso e tomar as rédeas.

⁷⁵ A primeira comunicação que anuncia o *retorno* de Kardec em uma nova encarnação, a fim de completar a missão que iniciara, se dá – conforme seus registros – em 17 de janeiro de 1857, por Zéfiro, através de uma das meninas Baudin. Posteriormente, em 10 de junho de 1860, em comunicação assinada pelo Espírito de Verdade, através de uma médium identificada como senhorita Schimidt, há um novo anúncio da necessidade de uma nova vida. Isso a torna significativamente mais importante que a primeira, pois, como veremos no Capítulo 4 desta tese, Kardec acredita que sob o nome *Espírito de Verdade* comunica-se com ele o próprio Jesus de Nazaré. (Cf.: KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 344).

⁷⁶ AUBRÉE; LAPLANTINE. op.cit. p. 44-45.

⁷⁷ Idem. Ibidem.

Se meu nome possui agora alguma popularidade, certamente não fui eu que a procurei, pois é notório que eu não a devo nem à propaganda, nem à camaradagem da imprensa; e que nunca me aproveitei de minha posição e das minhas relações para me lançar no mundo, quando isso me teria sido tão fácil. Contudo, à medida que a obra crescia, um horizonte mais vasto se desdobrava diante de mim, lançando adiante seus limites. Compreendi, então, a vastidão de minha tarefa e a importância do trabalho que me restava fazer para completá-la. As dificuldades e os obstáculos, longe de me desencorajarem, redobram minha energia. Eu vi o objetivo e decidi atingi-lo com a ajuda dos bons espíritos. Sentia que não tinha tempo a perder e não me perdi nem em visitas inúteis, nem em cerimônias ociosas. Esta foi a obra da minha vida; eu lhe dei meu tempo, sacrifiquei meu repouso, minha saúde, porque o futuro estava escrito diante de mim em caracteres irrecusáveis.⁷⁸

Ou seja, próximo ao final de sua vida, Kardec tem plenamente desenvolvida a consciência de sua missão como *chefe do Espiritismo*. Ao menos, como dirá, para aqueles que se dispuseram a seguir suas instruções. Para ele, naquele momento, é muito clara sua posição: nunca impôs nada à crença de alguém; usou seu direito de publicar uma doutrina, como caberia a qualquer um que se dispusesse a fazê-lo. Contudo, espontaneamente as pessoas que se afinaram com sua proposta se aproximaram e o elegeram como seu *chefe e mestre* na doutrina. E ele assumiu o papel que as circunstâncias – a Providência ou o desejo de homens e Espíritos – lhe designavam. Àquela altura já havia publicado todas as obras que hoje são conhecidas como *pentateuco espírita*. Mas, não está satisfeito. Pensa que, após lançar as bases fundamentais da doutrina, é chegado o momento de *organizar* o movimento espírita mundial e unificá-lo.

Contudo, nos primeiros anos as coisas ainda não se apresentavam tão claramente a Rivail. Por isso, quando em 30 de abril de 1856⁷⁹, numa *séance* na casa de Roustan, onde fazia regularmente a revisão do material para *Le Livre des Esprits* em reuniões privadas, tendo como médium Céline Japhet, surpreendeu-se com o primeiro anúncio da missão que lhe estava reservada: “Não haverá mais religião, e haverá necessidade de uma mais verdadeira,

⁷⁸ RS, Déc/1868. *Constitution transitoire du Spiritisme*. p. 373 : “Le Spiritisme, en me tirant de l’obscurité, est venu me lancer dans une nouvelle voie ; en peu de temps je me suis trouvé entraîné dans un mouvement que j’étais loin de prévoir. Lorsque je conçus l’idée du *Livre des Esprits*, mon intention était ne point me mettre en évidence et de rester inconnu ; mais, promptement débordé, cela ne m’a pas été possible : j’ai dû renoncer à mes goûts de retraite, sous peine d’abdiquer l’oeuvre entreprise et qui grandissait chaque jour ; il m’a fallu en suivre l’impulsion et en prendre les rênes. Si mon nom a maintenant quelque popularité, ce n’est assurément pas moi qui l’ai recherché, car il est notoire que je ne la dois ni à la réclame, ni à la camaraderie de la presse, et que je n’ai jamais profité de ma position et de mes relations pour me lancer dans le monde, alors que celle m’eût été si facile. Mais, à mesure que l’oeuvre grandissait, un horizon plus vaste se déroulait devant moi, et en reculait les bornes ; je compris alors l’immensité de ma tâche, et l’importance du travail qui me restait à faire pour la compléter ; les difficultés et les obstacles, loin de m’effrayer, redoublèrent mon énergie ; je vis le but, et je résolus de l’atteindre avec l’assistance des bons Esprits. Je sentais que je n’avais pas de temps à perdre, et je ne le perdís ni en visites inutiles, ni en cérémonies oiseuses ; ce fut l’oeuvre de ma vie ; j’y donnai tout mon temps, j’y sacrifiai mon repos, ma santé, parce que l’avenir était écrit devant moi en caractères irrécusables”.

⁷⁹ Cf.: KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 316-317.

grande, bela e digna do Criador... Os primeiros fundamentos já foram colocados... Tu, Rivail, tens aí tua missão”.⁸⁰ Embora confesse não ter podido conter a emoção ao ser citado nominalmente, Rivail busca em outras ocasiões a confirmação do mandato que recebera. Já na semana seguinte, a 07 de maio⁸¹, novamente na casa de Roustan e através da mesma médium recebe a confirmação nos seguintes termos: “[...] se interrogas tuas aspirações, tuas tendências e o objeto quase constante de tuas meditações, isto não deve te surpreender. Deves realizar ⁸² **aquilo que tens sonhado desde há muito**. É necessário que trabalhes ativamente, a fim de que estejas preparado, pois o dia está mais próximo do que vós pensais”.⁸³

Rivail teria buscado ainda outra confirmação. No dia 12 de junho daquele mesmo ano⁸⁴, desta vez na casa do Sr. C...⁸⁵, tendo com médium a *mademoiselle* Aline C...⁸⁶, consulta o *Espírito Verdade*, que havia se apresentado como seu *guia espiritual* algum tempo antes ⁸⁷. Em sua pergunta Rivail reafirma seu compromisso de *contribuir para a propagação da verdade*, mas vê uma diferença grande entre ser *simples trabalhador e missionário-chefe* do Espiritismo. E declara não ver em si nada que justificasse tal favor, havendo outras pessoas que poderiam executar melhor esta tarefa. E, em sua resposta, o Espírito Verdade não apenas confirma o que já havia sido dito, como adverte a Rivail:

[...] **a missão dos reformadores é cheia de obstáculos e de perigos; a tua é dura**, te previno, pois se trata de agitar e de transformar o mundo inteiro. Não acredites que te seja suficiente a publicação de um livro, dois livros ou dez livros para ficares tranquilamente em tua casa. Não, será necessário engajar-te pessoalmente; suscitarás contra ti ódios terríveis; inimigos obstinados conjurarão tua morte; serás alvo de malevolência, de calúnia, de traição mesmo por parte daqueles que te parecerem os mais devotados. Tuas melhores instruções serão desvalorizadas e desnaturadas; mais de uma vez sucumbirás sob o peso da fadiga. Em resumo, será uma luta quase constante a que deverás sustentar, com o sacrifício de teu repouso, de tua

⁸⁰ Idem. Ibidem: “Il n’y aura plus de religion, et il en faudra une, mais vraie, grande, belle et digne du Créateur... Les premiers fondaments en sont déjà posés... Toi, Rivail, ta mission est là”.

⁸¹ Cf.: Idem. Ibidem. p. 317-318.

⁸² O verbo aqui é *accomplir* que tem o sentido de realizar algo inteiramente, completar. Interessante observar que a previsão é de que Kardec realizará completamente sua missão. Posteriormente, em outra comunicação, será dito a Kardec que ele não poderá realizar tudo em uma vida, mas que voltará em nova encarnação para completar seu trabalho.

⁸³ Idem. Ibidem. p. 318. “[...] si tu interroges tes aspirations, tes tendances, et l’objet presque constant de tes méditations, cela ne doit pas te surprendre. Tu dois accomplir **ce que tu as rêvé depuis longtemps** ; il faut que tu y travailles activement pour être prêt, car le jour est plus proche que vous ne pensez” (negrito meu).

⁸⁴ Idem. Ibidem. p. 322-326.

⁸⁵ Possivelmente seu amigo Carlotti.

⁸⁶ Segundo Silvino Canuto Abreu trata-se aqui de Aline Carlotti (Cf.: WANTUIL, Zêus. *As mesas girantes e o espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 312).

⁸⁷ Sobre o *Espírito Verdade* veja-se o Capítulo 4 desta tese.

tranquilidade, de tua saúde, e mesmo de tua vida, pois sem isso viverias por muito mais tempo. Pois bem! Mais de um recua quando, em lugar de uma via florida encontra sob seus passos apenas espinhos, pedras agudas e serpentes. Para tais missões, a inteligência não é o bastante. Para agradar a Deus, primeiramente, é preciso humildade, modéstia e desinteresse, porque ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos. A fim de lutar contra os homens é necessário coragem, perseverança e uma firmeza inabalável. É preciso ainda a prudência e o tato para conduzir as coisas a seu objetivo e não comprometer seu sucesso por meio de ações ou palavras intempestivas. Enfim, é necessário devotamento, abnegação e estar preparado a toda sorte de sacrifícios. [...] Como vês, tua missão está subordinada a condições que dependem de ti.⁸⁸

Destaco, nas citações acima, aquelas afirmações que melhor descrevem a missão delegada a Rivail: em primeiro lugar, trata-se do estabelecimento de uma religião mais verdadeira, grande, mais bela e digna do Criador. Em seguida, afirma-se que isto é algo sonhado por Rivail há muito tempo. Por fim, a missão que lhe foi delegada é descrita como “a missão dos reformadores”. Todos esses indícios apontam para algo que Maurice Lachâtre afirmou em 1862 sobre Kardec:

Nascido na religião católica, mas estudando em um país protestante, os atos de intolerância a que foi submetido por este motivo lhe fizeram conceber, desde a idade de 15 anos, a ideia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com a intenção de chegar à unificação das crenças. Contudo, faltava-lhe o elemento indispensável para a solução deste grande problema. O espiritismo, mais tarde, veio fornecer-lhe e imprimir uma direção especial a seus trabalhos.⁸⁹

⁸⁸ KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 323-324: “[...] **la mission des réformateurs est pleine d’écueils et de périls ; la tienne est rude**, je t’en préviens, car c’est le monde entier qu’il s’agit de remuer et de transformer. Ne crains pas qu’il te suffise de publier un livre, deux livres, dix livres, et de rester tranquillement chez toi ; non, il te faudra payer de la personne ; tu soulèveras contre toi des haines terribles ; des ennemis acharnés conjureront ta perte ; tu seras en butte à la malveillance, à la calomnie, à la trahison même de ceux qui te sembleront les plus dévoués ; tes meilleurs instructions seront méconnus et dénaturées ; plus d’une fois tu succomberas sous le poids de la fatigue ; en un mot c’est une lutte presque constante que tu auras à soutenir, et le sacrifice de ton repos, de ta tranquillité, de ta santé, et même de ta vie, car sans cela tu vivrais plus longtemps. Eh bien ! plus d’un recule quand, au lieu d’une route fleurie, il ne trouve sous se pas que des ronces, des pierres aiguës et des serpents. Pour de telles missions, l’intelligence ne suffit pas. Il faut d’abord pour plaire à Dieu, de l’humilité, de la modestie, et du désintéressement, car il abat les orgueilleux, les présomptueux et les ambitieux. Pour lutter contre les hommes il faut du corage, de la persévérance et une fermeté inébranlable ; il faut aussi de la prudence et du tact pour conduire les choses à propos, et ne pas en compromettre le succès par des mesures ou des paroles intempestives ; il faut enfin du dévouement, de l’abnégation, et être prêt à tous les sacrifices. [...] Tu vois que ta mission est subordonnée à des conditions qui dépendent de toi.” (Negrito meu).

⁸⁹ LACHÂTRE. *Nouveau Dictionnaire Universel*. op. cit. p. 199: “Né dans la religion catholique, mais élève dans un pays protestante, les actes d’intolérance qu’il eut à subir à ce sujet lui furent, dès l’âge de quinze ans, concevoir l’idée d’une réforme religieuse, à laquelle il travailla dans le silence pendant de longues années, avec la pensée d’arriver à l’unification des croyances ; mais il lui manquait l’élément indispensable à la solution de ce grand problème. Le spiritisme vint plus tard le lui fournir et imprimer une direction spéciale à ses travaux”.

Essa declaração, vinda do primeiro biógrafo de Kardec, o único a escrever sobre o fundador do Espiritismo durante sua vida e que, sendo seu amigo, provavelmente teve acesso direto a informações dadas pelo próprio biografado, não tem sido levada em consideração por aqueles que compreendem como uma deturpação do pensamento original de Kardec o reconhecimento de características religiosas no Espiritismo. Ou então, como o faz Krishnamurti de Carvalho Dias, declaram que Lachâtre teria se enganado acerca do interesse de Rivail/Kardec pelo estudo comparado das religiões e suposto haver aí “[...] um desejo místico [...] de ‘unificar as religiões’”.⁹⁰ Para Carvalho Dias, a *Religionswissenschaft*, ou “a ciência das religiões comparadas” como a denomina, “considerando-as como um só objeto formal, estudava comparativamente os cultos, as latrinas, as fés religiosas, como manifestações da crença no sagrado, no divino, a superação do profano e do humano [...]”⁹¹, poderia ter influenciado o jovem Rivail nos anos de sua formação.

No entanto, as evidências textuais apresentadas acima parecem indicar claramente que Lachâtre não se enganou: Rivail, desde os primeiros anos de seu trabalho espírita, e mesmo antes, acreditou ter sido designado para a missão de uma *reforma religiosa* visando a *unificação das crenças*. Cria também que o Espiritismo lhe assegurava uma *chave* para a realização deste trabalho, como podemos verificar no trecho abaixo em que ele mesmo, após descrever o método que teria utilizado em suas pesquisas, declara:

Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 e 16 anos. Compreendi em primeiro lugar a seriedade da exploração que iria empreender. Entrevi naqueles fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controverso do passado e do futuro da humanidade; **a solução que havia procurado por toda a minha vida**. Era, em resumo, toda uma revolução nas ideias e nas crenças. Cabia-me, pois, agir com circunspeção e não levemente; ser positivista e não idealista, para não deixar-me levar por ilusões.⁹²

Como se viu aqui, aquilo que Rivail *buscara durante toda a sua vida*, pode ter sido efetivamente a *reforma religiosa* anunciada por Lachâtre. No entanto, voltaremos

⁹⁰ DIAS, Krishnamurti de Carvalho. *Dois ensaios*. Vitória: edição do autor, 2000. p. 27.

⁹¹ Idem. *Ibidem*.

⁹² KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 307: “C’est ainsi que j’ai toujours procédé dans mes travaux antérieurs depuis l’âge de 15 à 16 ans. Je compris tout d’abord la gravité de l’exploration que j’allais entreprendre ; j’entrevis dans ces phénomènes la clef du problème si obscur et si controversé du passé et de l’avenir de l’humanité, **la solution de ce que j’avais cherché toute ma vie** ; c’était, en un mot, toute une révolution dans les idées et dans les croyances ; il fallait donc agir circumspection, et non légèrement ; être positiviste et no idéaliste, pour ne pas laisser aller aux illusions”. [Negrito meu]

oportunamente a essa discussão, com mais evidências que possam corroborar esse ponto de vista.⁹³ O que nos chama atenção aqui é que a adoção do novo nome, quando da publicação de *Le Livre des Esprits* – que Rivail toma como seu “em nome da doutrina” como afirmou na carta a Tiedman – torna-se um marco, a culminância de um processo iniciatório e a assunção da missão que lhe fora confiada por Deus através dos Espíritos. Profundamente significativa, a resposta dada por Rivail ao chamado que acreditava ter recebido assume a forma de uma prece:

Espírito verdade⁹⁴, eu vos agradeço por vossos sábios conselhos. Aceito tudo sem restrição e sem precauções. [...] Senhor, se vos dignastes lançar vossos olhos sobre mim para a realização de vossos desígnios, que seja feita a vossa vontade! Minha vida está em vossas mãos, dispõe de vosso servidor. Diante de tão grande tarefa eu reconheço a minha fraqueza; minha boa vontade nunca falhará, mas é possível que minhas forças me traiam. Supri a minha insuficiência; dai-me as forças físicas e morais que me serão necessárias. Sustentai-me nos momentos difíceis e com vosso auxílio e de vossos mensageiros celestes eu me esforçarei em atender a vossos desígnios.⁹⁵

Esta prece foi como o enunciado de um voto solene que o comprometeu até o último de seus dias com aquilo que chamou *a obra de sua vida*, à qual doou seu tempo e sacrificou seu repouso, sua saúde.⁹⁶

Como dizíamos anteriormente, foi na casa dos Baudin que as primeiras investigações ocorreram. Caroline e Julie Baudin eram médiuns e, por seu intermédio, se comunicava Zéfiro. E foi ali, naqueles encontros, que surgiu a ideia de transformar o ensino dos Espíritos em uma obra que os apresentasse como um *corpo doutrinário coeso*. Kardec conta que as reuniões eram muito numerosas e que os assuntos que ali eram tratados careciam de profundidade. Zéfiro, segundo seu juízo, não era um Espírito muito evoluído, contudo era muito bom e se dizia o protetor da família. Suas comunicações transitavam ora entre o humor

⁹³ No Capítulo 4 desta tese.

⁹⁴ O ano em que ocorreu essa sessão é 1856, havia pouco tempo que este Espírito havia se revelado a Kardec como seu *guia espiritual*. Nessa época o autor ainda se referia a ele dessa maneira. Posteriormente o nome atribuído a essa entidade será *Espírito de Verdade*.

⁹⁵ KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 324: “Esprit vérité, je vous remercie de vos sages conseils. J’accept tout sans restriction et sans arrière-pensée. [...] Seigneur ! Si vous avez daigné jeter les yeux sur moi pour l’accomplissement de vos desseins, que votre volonté soit faite ! Ma vie est entre vos mains, disposez de votre serviteur. En présence d’une aussi grande tâche, je reconnais ma faiblesse ; ma bonne volonté ne faillira pas, mais peut-être mes forces me trahiront-elles. Suppléez à mon insuffisance ; donnez-moi les forces physiques et morales qui me seront nécessaires. Soutenez-moi dans les moments difficiles, et avec votre aide et celle de vos célestes messagers, je m’efforcerai de répondre à vos vœux”.

⁹⁶ RS, Déc/1868. *Constitution transitoire du Spiritisme*.

e os bons conselhos; sabia ser espirituoso e mordaz. Kardec considera que este Espírito o auxiliou muito nos primeiros tempos de sua pesquisa; e, de fato, como se pode observar nos registros dos primeiros anos desta pesquisa Zéfiro se apresenta como um interlocutor constante de Kardec.⁹⁷

Tão logo começou a participar das reuniões na casa dos Baudin, Denizard Rivail imprimiu um novo ritmo aos trabalhos. Levava questões prontas sobre temas ligados à filosofia, à psicologia e à vida no mundo espírita. Aos poucos, e por sua influência, o clima de diversão que antes havia nesses encontros foi dando lugar à discussão de temáticas sérias e instrutivas. Segundo nosso autor, essas mesmas questões e suas respectivas respostas deram origem ao plano inicial de *Le Livre des Esprits*. No ano seguinte começou a frequentar também as *séances* que se realizavam na casa do Sr. Roustan, nas quais atuava como médium Ruth Céline Japhet. Em 1858, recordando esses primeiros meses de trabalho que antecederam a publicação daquele livro, Kardec escreverá no primeiro número da *Revue*:

Muitas vezes temos sido questionados acerca da maneira como obtivemos as comunicações que foram objeto do *Livre dos Espíritos*. Resumimos aqui, de bom grado, as respostas que temos dado a esse respeito, o que nos dará oportunidade de cumprir um dever de gratidão para com aquelas pessoas que de boa vontade nos prestaram seu concurso. [...] Como o temos explicado, as comunicações por meio de batidas, ou signologia⁹⁸, são muito lentas e muito incompletas para um trabalho de fôlego como esse. Por isso nunca empregamos esse meio; tudo foi obtido por meio da escrita e por intermédio de diversos médiuns psicógrafos. Nós mesmos preparamos as perguntas e coordenamos o conjunto da obra. As respostas são textualmente aquelas que foram dadas pelos Espíritos; e a maior parte foi escrita às nossas vistas, apenas algumas foram tomadas de comunicações que nos foram enviadas por correspondentes, ou que recolhemos por onde quer que tenhamos ido fazer estudos: nesse sentido, os Espíritos parecem ter multiplicado diante de nós os objetos de observação. [...] Os primeiros médiuns que auxiliaram nosso trabalho foram as senhoritas B***⁹⁹ cuja complacência nunca nos faltou. O livro foi escrito quase inteiramente por seu intermédio e na presença de numerosa audiência que assistia às sessões, tomada de mais vivo interesse. Mais tarde os Espíritos prescreveram sua completa revisão em encontros particulares, a fim de fazer todas as adições e correções que julgavam necessárias. Esta parte essencial do trabalho foi feita com a ajuda da senhorita Japhet que se dispôs com a maior boa-vontade e o mais

⁹⁷ KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 348-350.

⁹⁸ Mais tarde esse meio de comunicação por pancadas será chamado por Kardec de *tiptologia*.

⁹⁹ Trata-se aqui de Caroline e Julie Baudin.

completos desinteresse a todas as exigências dos Espíritos, pois eram eles que marcavam os dias e os horários de suas lições.¹⁰⁰

Interessante observar que esta versão dos fatos não difere daquela dada pelo próprio Kardec, alguns anos depois. No texto autobiográfico *Ma première Initiation au Spiritisme*, o autor fixará que o número dos *vários médiums* que o auxiliaram em “mais de dez”. Contudo, as meninas Baudin e Céline Japhet são, em ambos os textos, consideradas as principais colaboradoras.

Apesar da clareza com que Kardec narra esses primeiros dias de sua pesquisa, Henri Sausse apresenta um acréscimo, no mínimo, curioso. Segundo o biógrafo:

A estas informações [...] convém acrescentar que a princípio o Sr. Rivail, longe de ser um entusiasta dessas manifestações e absorvido por outras ocupações, esteve a ponto de abandoná-las, o que talvez tivesse feito se não fossem as insistentes solicitações dos Srs. Carlotti, René Taillandier, membro da Academia das Ciências, Tiedeman-Monthèse, Sardou, pai e filho, e Didier, editor, que acompanhavam havia cinco anos o estudo desses fenômenos e tinham reunido *cinquenta cadernos de comunicações diversas*, que não conseguiam pôr em ordem. Conhecendo as vastas e raras aptidões de síntese do Sr. Rivail, esses senhores lhe enviaram os cadernos, pedindo-lhe que tomasse conhecimento deles e os ordenasse.¹⁰¹

O incentivo final para essa empreitada teria advindo de Zéfiro que, como vimos, ao revelar a existência pregressa em que Rivail se chamara Allan Kardec, prometera-lhe toda a ajuda necessária para o cumprimento desta tarefa.¹⁰² Essa informação não encontra, na obra publicada de Kardec, nenhum indício de fidedignidade. Escrita e publicada em 1896 esta

¹⁰⁰ RS, Jan/1858. *Introduction*. p. 3: “On nous a souvent adressé des questions sur la manière dont nous avons obtenu les communications qui font l’objet du *Livre des Esprits*. Nous résumons ici d’autant plus volontiers les réponses que nous avons faites à ce sujet, que cela nous fournira l’occasion d’accomplir un devoir de gratitude envers les personnes qui ont bien nous prêter leur concours. [...] Comme nous l’avons expliqué, les communications par coups frappés, autrement dit par signologie, sont trop lentes et trop incomplètes pour un travail d’aussi longue haleine, aussi n’avons-nous jamais employé ce moyen ; tout a été obtenu par l’écriture et par l’intermédiaire de plusieurs médiums psychographes. Nous avons nous-mêmes préparé les questions et coordonné l’ensemble de l’ouvrage ; les réponses sont textuellement celles qui ont été données par les Esprits ; la plupart ont été écrites sous nos yeux, quelques-unes sont puisées dans les communications qui nous ont été adressées par des correspondants, ou que nous avons recueillies partout où nous avons été à même de faire études : les Esprits semblent à cet effet multiplier à nos yeux les sujets d’observation. [...] Les premiers médiums qui ont concouru à notre travail sont mademoiselle B*** dont la complaisance ne nous a jamais fait défaut ; le livre a été écrit presque en entier par leur entremise et en présence de nombreux auditeurs qui assistaient aux séances et y prenaient le plus vif intérêt. Plus tarde les Esprits en ont prescrit la révision complète dans de entretiens particuliers, pour y faire toutes les additions et corrections qu’ils ont jugées nécessaires. Cette partie essentielle du travail a été faite avec le concours de mademoiselle Japhet, qui s’est prêtée avec la plus grande complaisance et le plus complet désintéressement à toutes les exigences des Esprits, car ce sont eux qui assignaient les jours et heures de leurs leçons”.

¹⁰¹ SAUSSE. *Biografia de Allan Kardec*. op. cit. p. 39.

¹⁰² Idem, *ibidem*.

Biografia de Allan Kardec, de Henri Sausse, que durante muito tempo foi considerada a primeira e mais confiável fonte de informações sobre seu biografado, apresenta algumas imprecisões. A mais significativa é essa. Tudo indica que esse acréscimo feito por Sausse, referente à existência desses *cinquenta cadernos de comunicações* foi feito em resposta a uma polêmica surgida anos antes da publicação desta *Biografia*.

Em 1875, Alexander Aksakov publicou um artigo intitulado *Researches on the historical origin of the reincarnation speculations of French spiritualists*.¹⁰³ Neste artigo, Aksakov relata sua visita a Paris dois anos antes, quando, por meio de um amigo, encontrou-se e entrevistou Ruth Céline Japhet sobre os primeiros anos do *Espiritualismo* na França. Na ocasião, Japhet fez-lhe graves acusações contra Denizard Rivail. Segundo suas declarações ela teria conhecido Rivail em 1856, por meio de Victorien Sardou. À época ela atuava como médium em um grupo composto por Thierry, Taillandier, Tillman (Tiedman?), Ramón de la Sagia, Roustan e o próprio Sardou e seu filho. Ainda segundo as informações publicadas no artigo, Japhet seria a responsável por três quartos do material coligido por Kardec em *Le Livre des Esprits*, e apenas o restante se deveria à atuação das médiuns Baudin. E, continua Aksakov:

Após a publicação do *Livro dos Espíritos*, do qual Kardec não ofereceu à senhora Japhet sequer um exemplar, ele deixou o círculo e organizou outro em sua própria casa, tendo o senhor Roze como médium. Ao fazer isso, se apossou de um conjunto de manuscritos que tinha levado da casa da senhora Japhet valendo-se dos direitos de editor, nunca os devolvendo. Frente aos numerosos pedidos para que os devolvesse, contentava-se em responder: “Deixem-na ir à justiça contra mim”. Esses manuscritos foram, até certo ponto, utilizados na composição do *Livro dos Médiuns*, e cujo conteúdo foi obtido, segundo a senhora Japhet, através de comunicações mediúnicas.¹⁰⁴

¹⁰³ Este artigo foi originalmente publicado no *The Spiritualist Newspaper*, em 13 de agosto de 1875, e encontra-se reproduzido integralmente em: AKSAKOV, Alexander. *Researches on the historical origin of the reincarnation speculations of French spiritualists*. **Psypioneer**. Volume 4, No 11: November 2008. p. 253-257.

¹⁰⁴ AKSAKOV. *Researchs on historical...* op. cit. p. 255-256: “After the publication of the *Book of Spirits*, of which Kardec did not even present one copy to Madame Japhet, he quitted the circle and arranged another in his own house, M. Roze being the medium. When he thus left he possessed a mass of manuscript which he had carried off from the house of Madame Japhet, and he availed himself of the right of an editor by never giving it back again. To the numerous requests for its return which were made to him, he contented himself by replying, “Let her go to law with me.” These manuscripts were to some extent useful in the compilation of the *Book of Mediums*, of which all the contents, so says Madame Japhet, had been obtained through medial communications”.

Deste modo, a versão dada por Sausse parece responder, anos depois, às acusações de Japhet.¹⁰⁵ O biógrafo admite que *Le Livre des Esprits* foi composto com o auxílio de material coletado pelo grupo de Sardou e não apenas através da pesquisa feita diretamente por Rivail. No entanto, rebate a acusação de Japhet de que esse material, produzido por ela, lhe teria sido subtraído por Rivail, ao afirmar que, na verdade, tudo lhe foi entregue com pedidos insistentes de vários membros desse mesmo grupo, e referendado pelos Espíritos (através de Zéfiro), para que se ocupasse em colocar ordem naquele grande volume de comunicações.

Parece-me, no entanto, intrigante, que, na hipótese de realmente terem existido tais cadernos, Kardec não tenha feito qualquer referência aos mesmos. Em suas memórias nem sequer faz menção à suposta hesitação em entregar-se às pesquisas que deram origem à obra em questão. E, não apenas isso: no texto da *Revue* acima citado¹⁰⁶ há a declaração categórica de que ele mesmo teria preparado as questões e que as respostas publicadas seriam, textualmente, aquelas dadas pelos Espíritos.¹⁰⁷ E, acrescenta que a maior parte delas teria sido escrita em sua presença; apenas algumas comunicações teriam chegado a ele por outras vias. De modo que a versão de Sausse se apresenta como a negação formal das declarações do próprio Kardec. Diante desse quadro vislumbramos duas hipóteses: ou Kardec deliberadamente omitiu, por motivos que desconhecemos, essa informação em seus relatos autobiográficos; o que poderia corroborar aspectos da denúncia feita por Japhet e Aksakov tantos anos depois. Ou, ainda, a médium teria, por causa do ostracismo a que fora condenada pelos espíritas, dado vazão a seu ressentimento e mágoa na entrevista a Aksakov, transformando Kardec, que já havia morrido, em seu alvo.

¹⁰⁵ O artigo de Aksakov produziu reações contrárias imediatas. Em 27 de agosto de 1875 o jornal *The Spiritualist* publicou a resposta de Anna Blackwell (BLACKWELL, Anna. *The Origin of Allan Kardec's "Spirits' Book"*. In: **Psypioneer**. Volume 5, No 2: February 2009. p. 55-58). E, em 8 de outubro do mesmo ano, a carta-resposta de Pierre-Gaëtan Leymarie (LEYMARIE, Pierre-Gaëtan. *The Editor of the "Revue Spirite" on Allan Kardec*. **Psypioneer**. Volume 5, No 3: March 2009. p. 93-101).

¹⁰⁶ RS, Jan/1858.

¹⁰⁷ Essa declaração de Kardec levou Silvino Canuto Abreu a constatar uma diferença significativa entre as duas primeiras edições de *Le Livre des Esprits*. Na de 1857, declara o pesquisador, “[...] o papel dos Espíritos foi de amplitude e importância quase absolutas”, Kardec vê reduzido a *aluno diligente* e *secretário*. No entanto, Canuto Abreu não descarta o papel de intérprete desempenhado por Kardec: “Em seu trabalho de secretário, resumia ditados prolixos, interpretava sentenças lapidares ou desenvolvia respostas monossilábicas. Mas o resultado de sua redação só era incorporado ao texto depois de cuidadosamente examinado e corrigido, palavra por palavra, pelos Instrutores, durante o período de elaboração da Doutrina”. Na edição de 1860, o caso é diferente: “O papel do Homem sobreleva-se ao dos Espíritos. Os Instrutores ficam em segundo plano, como simples testemunhas informantes ou de ciência própria perante juiz severo e lúcido. [...] O Discípulo torna-se Mestre. Nivelase o Aprendiz com os Instrutores”. (ABREU, Silvino Canuto. *Notas do Tradutor*. In: Allan KARDEC. *O Primeiro Livro dos Espíritos*. São Paulo: Companhia Editora Ismael, 1957. p. VII-XXIX). No próximo tópico deste Capítulo teremos oportunidade de aprofundar a compreensão do papel de *intérprete* agora atribuído a Kardec.

O fato é que, algum tempo após a publicação de *Le Livre des Esprits*, Kardec se afastou dos núcleos que originariamente lhe tinham servido de campo de pesquisa. Conforme sua própria declaração: “Próximo ao final deste mesmo ano, as duas senhoritas Baudin se casaram; as reuniões cessaram e a família se dispersou. Mas, então, minhas relações começavam a se expandir, e os Espíritos multiplicaram, para mim, os meios de instrução para meus trabalhos posteriores”.¹⁰⁸ Também as referências a Céline Japhet desaparecem após a publicação do livro. A partir de então, Kardec passa a se ocupar do próprio grupo de pesquisas que se reúne, então em sua casa¹⁰⁹ e que se constituirá como núcleo para a fundação da *Société Parisienne d’Études Spiritistes* a 1º de abril de 1858, onde atuarão outros médiuns, com destaque para a jovem Ermance Dufaux e M. Roze.¹¹⁰ Contudo, por absoluta falta de evidências não nos é possível formar opinião sobre esse tema, que permanece, assim, como página obscura da história do Espiritismo.

Não foi minha intenção oferecer, aqui, uma biografia exaustiva de nosso autor. Apenas traçar alguns elementos que nos permitissem conhecer melhor este homem e como ele veio a se envolver com as pesquisas mediúnicas. Neste esforço, pudemos buscar compreender algumas de suas motivações e esclarecer alguns eventos de sua vida que influenciaram a composição de sua obra. Um breve excurso que nos desviou, por alguns momentos, de nosso objetivo. Mas, um excurso necessário, como se verá no desenvolvimento deste trabalho.

1.2. O *tríplice aspecto* como problema

Conforme anunciamos anteriormente, trata-se de interpretar a obra kardeciana à luz dos conceitos que compõem o chamado *tríplice aspecto* do Espiritismo. Durante a pesquisa, por várias vezes, me deparei com autores que atribuem ao próprio Kardec a formulação desta concepção tripartite da doutrina por ele criada. Por exemplo, para Dora Incontri, “ao contrário

¹⁰⁸ KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 310: “Vers la fin de cette même année, les deux demoiselles Baudin se marièrent ; les réunions n’eurent plus lieu, et la famille se dispersa. Mais alors mes relations commençaient à s’étendre, et les Esprits multiplièrent pour moi les moyens d’instruction pour mes travaux ultérieurs”.

¹⁰⁹ Cf.: Idem. Ibidem. p. 338-339.

¹¹⁰ Sobre os diversos períodos da vida e da atividade de Kardec, o pesquisador espírita Gustavo Leopoldo Rodrigues Daré apresentou, durante o XXI Congresso Espírita Pan-Americano, interessante trabalho intitulado *A dimensão microssocial da obra kardequiana*. Este trabalho, em vias de preparação para a publicação, lança luz sobre vários aspectos até então controversos do processo de composição do *corpus* kardeciano a partir das relações microssociais estabelecidas por seu autor no interior do movimento espírita nascente. Por especial deferência do autor, tive acesso a este material desde suas primeiras formulações, e, por causa disso, travamos algumas discussões ao longo do tempo de sua gestação. Ambos, a leitura e o debate, serviram como base para grande parte de minhas considerações neste Capítulo.

dos pesquisadores anglo-saxões, para quem o Espiritualismo era uma ciência experimental apenas, o Espiritismo para Kardec constitui-se de três aspectos [...]”.¹¹¹ Igualmente, a Federação Espírita Brasileira, em seu guia *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*, propõe que “o tríplice aspecto da Doutrina Espírita ressalta da própria conceituação que lhe dá Kardec [...]”.¹¹² No entanto, a verdade é que, embora tenha se tornado comum no meio espírita “[...] afirmar que o Espiritismo é ciência, filosofia e religião, ou tem um ‘tríplice aspecto’, englobando as três áreas”¹¹³; como afirma Silvio Seno Chibeni, “essa caracterização não pode ser encontrada exatamente nesses termos na obra de Kardec”.¹¹⁴ No entanto, continua Chibeni, ela é “[...] correta e, em sua essência, está presente no pensamento do criador do Espiritismo e de seus mais lúcidos continuadores”.¹¹⁵

Embora eu concorde com Chibeni no que diz respeito a completa ausência da temática do *tríplice aspecto* na obra kardeciana, a afirmação de que esta concepção estaria, em essência, presente no pensamento de Kardec, é algo que ainda precisaria ser averiguado. Na verdade, como veremos, Kardec muitas vezes negou que o Espiritismo pudesse ser considerado uma religião, dizendo que ele deveria ser tomado como uma *ciência filosófica* ou uma *filosofia de bases científicas*. Igualmente, não podemos encontrar na obra dos autores que comumente são considerados como *continuadores* de Kardec nenhuma formulação explícita deste tema.

Camille Flammarion [1842-1925], por exemplo, declara em suas *Mémoires*¹¹⁶, que havia se mantido afastado da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, da qual era membro desde 1861 e aonde chegou a atuar como médium, sobretudo, por não poder admitir que o Espiritismo pudesse se tornar a base de uma religião antes que os fenômenos fossem demonstrados e explicados cientificamente.¹¹⁷ E, no discurso que pronunciou nas exéquias de Kardec, afirmou que este teria “criado escola de feição pessoal”, insinuando que, por isso, animosidades ainda persistiam à época, entre *espíritas* e *espiritualistas*. No mesmo discurso,

¹¹¹ INCONTRI, Dora. *Pedagogia Espírita*. Um projeto brasileiro e suas raízes. Bragança Paulista: Comenius, 2006. p. 28.

¹¹² FEB. *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita...* op. cit. p. 31.

¹¹³ CHIBENI, Silvio Seno. *O Espiritismo em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso*. Parte I. Reformador, Agosto de 2003, p. 315-319.

¹¹⁴ Idem, *Ibidem*.

¹¹⁵ Idem, *Ibidem*.

¹¹⁶ FLAMMARION, Camille. *Mémoires biographiques et philosophiques d'un astronome*. Paris: Ernest Flammarion Éditeur, 1911. p. 495-499.

¹¹⁷ FLAMMARION. op. cit. p. 495.

Flammarion se refere ao Espiritismo kardeciano como uma *crença religiosa* que a muitos teria consolado. E define Kardec como “o bom senso encarnado”, possuidor de “razão reta e judiciosa” que “aplicava sem cessar à sua obra permanente às indicações íntimas do senso comum”, sem o que tal obra não poderia ter-se tornado tão popular.¹¹⁸ E arremata:

Conforme o próprio organizador desta pesquisa lenta e difícil previu, este complexo estudo deve entrar agora em seu período científico. [...]. Porque, meus Senhores, *o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência*, da qual apenas conhecemos o *abc*. O tempo dos dogmas acabou. A natureza abarca o Universo, e o próprio Deus, feito outrora à imagem do homem, não pode ser considerado pela metafísica moderna senão como *um Espírito na Natureza*.¹¹⁹

Flammarion propõe então, em sua fala, que a atenção deveria, agora, se voltar para os fenômenos físicos, até então negligenciados, para que se tornassem “objeto da crítica experimental” a fim de que pudessem ser dissecados, medidos e definidos.

No entanto, quando analisarmos o pensamento de Kardec, nos últimos anos de sua atividade espírita, notaremos que, ao contrário do que o astrônomo insinua, o fundador do Espiritismo não previra que este, deixando sua fase filosófica, deveria entrar em sua fase científica. Ao contrário, conforme veremos mais à frente, Kardec defendeu que o período científico-filosófico do Espiritismo esteve concentrado nos anos em torno da publicação de *Le Livre des Esprits* [1857].¹²⁰ E, a partir de 1863, previu que o Espiritismo se aproximava de um período religioso, não científico. O que Flammarion parece querer indicar, contudo, é que a obra de Kardec ainda não teria sido científica. O que se oculta por detrás do epíteto “bom senso encarnado” não é um elogio à capacidade científica de Kardec; antes se refere à sua capacidade de escrever atendendo “às indicações íntimas do senso comum”, ou seja, sua obra, até aquele momento, fora mais a de um divulgador, um popularizador, que propriamente a de um cientista. Sua insistência em não dar a devida atenção aos fenômenos físicos tornou-o fundador de uma “escola de feição pessoal”, reunindo em torno de si apenas os que com ele concordavam e, causando, divergências entre *espíritas* e *espiritualistas*. E, embora,

¹¹⁸ Idem. Ibidem.

¹¹⁹ Idem. Ibidem. p. 406-497. 498. “Comme l'organisateur de cette recherche lente et difficile l'a prévu lui-même, cette complexe étude doit entrer maintenant dans sa période scientifique. [...] Car, Messieurs, *le spiritisme n'est pas une religion, mais une science*, science dont nous connaissons à peine l'*abc*. Les temps des dogmes est fini. La nature embrasse l'Univers, et Dieu lui-même, qu'on a fait jadis à l'image de l'homme, ne peut être considéré par la métaphysique moderne que comme un *Esprit dans la Nature*”.

¹²⁰ De fato, até 1861 quando teria se iniciado, segundo Kardec, o *período de luta*.

gentilmente Flammarion afirme em dado momento, em consonância à nomenclatura kardeciana, que a doutrina espírita é filosófica; na verdade, o que ele parece ter em mente é a fundação, por Kardec, de uma doutrina teológica para um movimento religioso de amplas proporções. Com a morte de Kardec teria findado o tempo dos dogmas, a partir de então, declara Flammarion, o Espiritismo será uma ciência, ou não será nada!

Também Gabriel Delanne [1857-1926]¹²¹ defende a ideia de um Espiritismo exclusivamente científico. Em sua obra *O Fenômeno Espírita* [1893], afirma: “O Espiritismo é uma ciência cujo fim é a demonstração experimental da existência da alma e sua imortalidade, por meio de comunicações com aqueles aos quais impropriamente têm sido chamados mortos”.¹²² E vai adiante: “A escola positivista encerra-se na experimentação; imitemo-la: nenhuma necessidade temos de apelar para outros métodos, porque os fatos são obstinados, como diz o sábio Alfred Russel Wallace, e deles não é fácil desembaraçar-se”.¹²³ A ideia de Delanne é que, ao invés de “[...] apresentar aos incrédulos toda a doutrina formulada pelos Espíritos e codificada por Allan Kardec [...]”, se lhes apresente os trabalhos e testemunhos daqueles que são “[...] sumidades intelectuais no vasto domínio das ciências”.¹²⁴ Não é que Delanne rejeite Kardec, a quem dedica o presente livro e chama de *venerado mestre*. O que parece é que, ao colocar em evidência as pesquisas em desenvolvimento por volta do final do século XIX o autor coloca em evidência aquilo mesmo que Flammarion apontava como necessidade premente para o Espiritismo no momento do enterro de Kardec.

Ao contrário do que propõe Delanne, porém, Kardec pensava que os incrédulos deveriam ser primeiramente convencidos da possibilidade da existência dos fenômenos espíritas através do estudo da doutrina e da teoria da *ciência espírita*. Apenas após isso estariam aptos à exposição aos fenômenos em si mesmos. Como veremos¹²⁵ isso conferiria à doutrina uma precedência frente aos fatos. E, até mesmo explicaria o fato de Kardec dar maior valor às manifestações inteligentes que aos fenômenos físicos. Para Delanne, ao contrário, o melhor convencimento viria pela exposição aos fatos e não ao corpo doutrinário.

¹²¹ François-Marie Gabriel Delanne, era filho de Alexandre Delanne, que após descobrir o Espiritismo logo nos primeiros anos do estabelecimento da doutrina por Kardec tornou-se amigo íntimo deste. Gabriel cresceu, portanto, num lar espírita.

¹²² DELANNE, Gabriel. *O Fenômeno Espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 2006. p. 13.

¹²³ Idem. Ibidem. p. 14.

¹²⁴ Idem. Ibidem. Delanne cita como exemplos: Robert Hare; William Crookes; Alfred Russel Wallace; Oxon; Zöllner e Alexander Aksakov.

¹²⁵ No Capítulo 3 desta tese.

Isso se deve, suponho, à compreensão de que este mesmo corpo doutrinário, apresentado como fruto da *terceira revelação da lei de Deus* por Kardec, facilmente pudesse ser confundido com uma religião. Para que isso não ocorresse, portanto, os princípios espíritas deveriam ser submetidos ao estudo e ao livre exame. Diferentemente das religiões, fechadas em seu dogmatismo estreito, o Espiritismo, assim, poderia oferecer-se à humanidade como uma doutrina que conciliaria as exigências da ciência com a necessidade que a alma tem em crer; uma nova fé que satisfaz todas as exigências do ser humano. E, embora, o Espiritismo não seja de modo algum inimigo das religiões¹²⁶, ele mesmo não deveria ser confundido com uma, pois não teria nem dogmas, nem mistérios ou rituais. “É uma ciência de experimentação, da qual emanam consequências morais e filosóficas cuja importância é considerável”.¹²⁷

Outra, porém, parece ser a posição de Léon Denis [1846-1927]. Enquanto, por um lado, Flammarion de certa forma menospreza o suposto trabalho científico de Kardec reduzindo-o a um propagador, excelente no que fez, mas ainda sim, um propagador e não um cientista. E, por outro, Delanne o sobrevaloriza ficando preso a uma leitura fragmentada da obra kardeciana – aquela que reforça o caráter científico do Espiritismo – enquanto veladamente critica seu aspecto mais dogmático e, diria, religioso. Léon Denis, ao contrário, parece levar ambos os extremos em consideração. Assim como Delanne ele cita os grandes cientistas que se envolveram em pesquisas espíritas no final do século XIX e início do XX; mas, mantém seu apreço pela obra doutrinária de Kardec. E não nega que o Espiritismo possa ter um caráter religioso.

Imediatamente surge a pergunta: “Que és tu, ciência ou religião? Espíritos de pouco alcance, credes então que o pensamento há de seguir eternamente os carreiros abertos pelo passado?”. [...] Bastará nos elevemos acima dessas classificações arbitrárias para compreendermos que tudo se concilia e reconcilia numa visão mais alta.¹²⁸

O que podemos notar, com certeza, é que não houve da parte de nenhum desses três clássicos da intelectualidade espírita sequer a preocupação em definir a natureza do Espiritismo como dotada de um *tríplice aspecto*. Assim, como Kardec, cada um deles em algum momento viu-se frente à questão: o Espiritismo é uma religião? Com a exceção de Léon Denis, para quem

¹²⁶ Cf.: DELANNE. *O Fenômeno...* op. cit. p. 212.

¹²⁷ Idem. Ibidem. p. 201.

¹²⁸ DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. Rio de Janeiro: FEB, 2008. p. 33.

ciência e religião, como classificações arbitrárias, devem ser olhadas de um ponto de vista mais alto e reconciliadas entre si, e que, assim, o Espiritismo ficaria mais bem caracterizado; a resposta a essa pergunta tem sido dada pela negativa.

Na verdade, a criação da expressão *tríplice aspecto* para designar que a doutrina kardeciana como sendo simultaneamente ciência, filosofia e religião, deve-se a Carlos Imbassahy¹²⁹, e nasce no contexto das disputas doutrinárias e políticas do movimento espírita brasileiro no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. O que torna essa temática e os problemas dela decorrentes algo típico do Espiritismo brasileiro. Segundo Salomão Benchaya:

No Brasil, os primeiros líderes, procedentes do cristianismo, aos poucos impregnaram o movimento espírita com ideias e práticas do catolicismo. A chegada, ao Brasil, da obra “Os Quatro Evangelhos – Revelação da Revelação”, do advogado francês Jean Baptiste Roustaing, contemporâneo de Kardec, contribuiu, decisivamente, para a formação do chamado “espiritolicismo” (junção do Espiritismo com o Catolicismo).¹³⁰

Embora, seja verdadeira a influência da obra de Roustaing no Espiritismo brasileiro, como o próprio Benchaya admite “não se pode negar, por outro lado, que Kardec não tenha deixado uma ‘brecha’ para a leitura religiosa do Espiritismo”¹³¹ com a publicação de *Imitation de l’Évangile selon le Spiritisme* dois anos antes da publicação da obra de Roustaing. Por outro lado, os primeiros líderes brasileiros do movimento espírita eram procedentes do cristianismo tanto quanto o próprio Kardec e os demais pioneiros do Espiritismo. Claro, como já demonstrado em vários estudos sobre a instalação da doutrina e da organização inicial do movimento no Brasil, a recepção da obra kardeciana é influenciada pelas características do campo religioso local. Enquanto na França, Kardec, na formulação teórica da doutrina, se confronta exclusivamente com os posicionamentos teológicos oficiais do Catolicismo; no Brasil, desde o começo, o Espiritismo lidará com as múltiplas formas do Catolicismo popular já em processo desenvolvido de sincretismo com as matrizes religiosas

¹²⁹ Cf.: IMBASSAHY, Carlos. Espiritismo. In: _____. CRUZADA ESPIRITUALISTA. *Oito Syntheses Doutrinárias*. Rio de Janeiro: Cruzada Espiritualista. 1929. p. 133-192.

¹³⁰ BENCHAYA, Salomão J. *Da religião espírita ao laicismo*. A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2006. p. 55

¹³¹ Idem. *Ibidem*.

indígena e africana. Isso, certamente, dá ao Espiritismo brasileiro as características de um “Espiritismo à brasileira”, como afirma Sandra Jacqueline Stoll.¹³²

Contudo, apesar das peculiaridades adquiridas pelo Espiritismo ao aportar em terras brasileiras, e, apesar de tais peculiaridades representarem diferenças significativas entre este e sua matriz francesa, não é possível assegurar que tenha havido, a rigor, ruptura com o projeto kardeciano. Como veremos, mesmo preservando o tom cientificista de seu discurso identitário, no último período da vida de Kardec pode-se notar uma curva no sentido de acentuar o caráter religioso da doutrina. Mesmo ao considerarmos a polêmica travada entre Kardec e Roustaing, nos bastidores do movimento espírita francês, percebemos que, embora se revestisse de caráter doutrinário, na verdade, nunca se centrou na polêmica em torno da questão de saber se o Espiritismo era ou não uma religião.

Ao contrário, as disputas que podemos verificar nas primeiras décadas do Espiritismo brasileiro, são marcadas não apenas por questões doutrinárias, mas pela busca de hegemonia política e ideológica frente ao movimento espírita. De um lado, os místicos, grupo sob a liderança de Adolfo Bezerra de Menezes [1831-1900] e da Federação Espírita Brasileira (FEB), fundada a 1º de janeiro de 1884. E de outro, os científicos, liderados pelo advogado e jornalista italiano radicado no Brasil, Afonso Angeli Torteroli [1849-1928] que, junto a outros dissidentes da FEB, fundou o Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil no dia 4 de abril de 1894. Ambas as instituições tinham como objetivo declarado promover a união dos espíritas brasileiros, contudo, divergiam sobre a natureza do Espiritismo e sobre suas práticas. Como afirma Mauro Quintella, a maioria dos místicos apreciava a obra de Roustaing, enquanto, por outro lado, a maioria dos científicos não a aceitava.¹³³ Foi dessa forma que *Os Quatro Evangelhos* chegou a contribuir para essa disputa ideológica e política. Enquanto, por um lado os científicos defendiam que a doutrina espírita deveria ser compreendida como ciência, filosofia e moral; os febeanos, por sua vez, supervalorizavam seus aspectos religiosos encontrados na própria obra kardeciana, com o auxílio da leitura da *Revelação da Revelação* de Roustaing.¹³⁴

¹³² Cf.: STOLL, *Espiritismo à Brasileira*. op. cit.

¹³³ Cf.: QUINTELLA, Mauro. *História do Espiritismo no Brasil*. Apostila. p. 2.

¹³⁴ ROUSTAING, Jean-Baptiste. *Spiritisme Chrétien, ou révélation de la révélation, les quatre Évangiles suivis de commandements, expliqués en esprit et en vérité par les évangélistes assistés des apôtres, Moïse*. Paris : Librairie Centrale, 1866. Esta obra foi publicada em três volumes.

Foram anos de embate entre as duas facções até que, em 1897, o Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil encerrou suas atividades, os científicos se desarticularam e a FEB garantiu o controle hegemônico do movimento espírita brasileiro. Com isso, afirma Quintella: “Pouco a pouco, a ideia de que o Espiritismo era ciência, filosofia e religião foi se firmando. Essa tese interessava à Federação. Com ela, os espíritas mais racionalistas acabavam aceitando o lado religioso da Doutrina e a FEB perdia o qualificativo de mística. Isso facilitaria a união do movimento em torno da Federação e a irradiação da sua plataforma doutrinária”.¹³⁵ E, acrescenta: “Com a aceitação da tríade ciência-filosofia-religião, os termos místicos e científicos entraram em desuso até desaparecer. No entanto, a verdadeira paz e a completa união estavam longe de serem atingidas”.¹³⁶ Após silenciar os científicos, a FEB precisou apaziguar correntes internas que, embora aceitando o caráter religioso do Espiritismo, não viam com bons olhos o recurso à obra de Roustaing. Além disso, precisou enfrentar novamente a defesa do caráter laico da doutrina teria voltado à baila ainda duas vezes: primeiro “[...] de 1969 até 1973, com o Movimento Universitário Espírita; de 1978 em diante, com o apelidado ‘grupo de Santos’ [...]”.¹³⁷ E, mais recentemente, a polêmica novamente se instalou. No ano de 1986, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), afiliada da FEB, lançou o *Projeto Kardequizar*. E, em outubro do mesmo ano, no número 402 da Revista “A Reencarnação”, órgão oficial daquela federativa estadual, suscitou novamente a polêmica sobre o caráter religioso do Espiritismo, com o tema: *Espiritismo: Ciência e Filosofia. Até que ponto é Religião?*

Hoje, filiado à Confederação Espírita Pan-Americana [CEPA], o grupo que então presidia a FERGS, continua trazendo a debate as implicações doutrinárias da postura febeana. Assim como à época de científicos e místicos, grande parte dessa discussão encontra-se, hoje, polarizada em torno da problemática religiosa. A partir dessas duas representações institucionais dentro do movimento espírita pode-se delinear os dois posicionamentos conflitantes. De um lado, a FEB, que representa o setor numericamente mais expressivo do movimento no Brasil, continua defendendo o caráter religioso da doutrina em teórica igualdade com os demais *aspectos*. Digo *igualdade teórica* por que em todas as suas publicações, bem como na prática cotidiana dos centros federados, o que sobressai é a ênfase

¹³⁵ QUINTELLA. *História do Espiritismo no Brasil*. op. cit. p. 10.

¹³⁶ Idem. *Ibidem*.

¹³⁷ Idem. *Ibidem*.

na religiosidade de tipo emocional.¹³⁸ De outro lado, encontra-se a CEPA; grupo numericamente menos expressivo no Brasil, mas que conta com representações em vários Estados.¹³⁹ Para os membros dessa organização o Espiritismo, tal como criado por Kardec, não se constituiria como uma religião, mas tão somente uma doutrina filosófica de bases científicas, ou uma ciência filosófica.

No entanto, a partir das disputas ideológicas e políticas dentro do movimento espírita brasileiro, ainda no século XIX e no início do século XX, o chamado *tríplice aspecto* tornou-se a visão da maioria dos adeptos. De fato, a expressão *tríplice aspecto* apenas tornou-se de uso comum a partir de 1929, quando Carlos Imbassahy a cunhou em capítulo publicado na obra *Oito Syntheses Doutrinarias*, publicado pela Cruzada Espiritualista.¹⁴⁰ Para Imbassahy, “ha que encarar o espiritismo sob o seu triplice aspecto: o de sciencia, o de philosophia e o de religião”, pois, “afastar uma de suas faces é mutilal-o, e elle só pode ser comprehendido no conjuncto dessas tres actividades”.¹⁴¹ Em 1940, o *tríplice aspecto* recebeu a sanção do Espírito Emmanuel, guia espiritual do médium Chico Xavier, na obra *O Consolador*. Neste livro, diante da pergunta: “Apresentando o Espiritismo, na sua feição de Consolador prometido pelo Cristo, três aspectos diferentes: científico, filosófico, religioso, qual desses aspectos é o maior?”; teria respondido Emmanuel:

Podemos tomar o Espiritismo, simbolizando desse modo, como um triângulo de forças espirituais. [...] “A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a Doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam ao aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual”.¹⁴²

Como se vê, quem faz a pergunta já parte da aceitação tácita do *tríplice aspecto* atribuído ao Espiritismo. Da mesma forma o autor da resposta parte dessa pressuposição. Contudo, nota-se

¹³⁸ Como bem analisou Sandra Jacqueline Stoll, esse Espiritismo, devido à influência da obra e da personalidade do médium Chico Xavier, se consolidou com uma religiosidade similar àquela do catolicismo popular, através incorporação da noção cristã de santidade. (Cf.: STOLL. *Espiritismo à Brasileira*. op. cit.).

¹³⁹ Cf.: Segundo informações colhidas no site da entidade.

¹⁴⁰ IMBASSAHY. *Espiritismo*. op. cit.

¹⁴¹ Idem. *Ibidem*. p. 146. (Preservei a grafia original)

¹⁴² XAVIER, Francisco Cândido; EMMANUEL (Espírito). *O Consolador*. Rio de Janeiro: FEB, 2009. p. 13-14.

aqui que, diferentemente do que afirma Imbassahy, há um dentre os três aspectos que é maior que os demais. Na descrição de Emmanuel, o aspecto religioso tem proeminência sobre os demais, é o vértice superior do triângulo simbólico que representa a doutrina.

Em 1944, ao prefaciar o livro *Religião*, de Carlos Imbassahy, o então presidente da FEB, Guillon Ribeiro declara:

[...] se legítimo é no Espiritismo o caráter científico, dado que suas teorias se arrimam em vasta fenomenologia, cuja realidade e sentido se comprovam pela observação e pela experimentação científicas, essencial, fundamental e mais proeminente é o seu caráter religioso, porquanto, confirmando, desenvolvendo e clareando os ensinamentos do Cristianismo, mediante aquela fenomenologia e as revelações decorrentes dela, entre os seus objetivos capitais se encontra, resumindo-os, o de restituir ao termo “religião” o significado exato, o da dupla ligação que o amor a Deus e ao próximo, síntese da Religião, estabelece entre a criatura e o Criador.¹⁴³

E, completa mais adiante no mesmo texto: “Nenhuma outra doutrina [...] lhe pode disputar a qualidade de religião. Tão predominante é nele essa qualidade, que não há tê-lo por ‘uma’ religião, mas como ‘a’ Religião, no mais lato sentido do vocábulo”.¹⁴⁴

Como se vê, em grande medida, a questão do *tríplice aspecto* acaba centralizando-se na oposição entre ciência e religião, ou antes, na ênfase maior ou menor que se coloca sobre um e outro aspecto.

1.3. Kardec e a questão da identidade do Espiritismo

Tratar de temática do *tríplice aspecto* do Espiritismo lança-nos, portanto, no problema da determinação de sua identidade. Se não podemos encontrar no *corpus* kardeciano nenhuma indicação precisa de que o Espiritismo seja uma doutrina ao mesmo tempo científica, filosófica e religiosa, ou que possua um *tríplice aspecto*; como, então, está formulado nessa mesma obra a questão da identidade do Espiritismo? Que caminhos ele segue?

É certo que os conceitos de ciência, filosofia e religião estão aí implicados de alguma forma, ou os defensores da ideia de que “o *tríplice aspecto* da Doutrina Espírita ressalta da

¹⁴³ RIBEIRO, Guillon. *Proêmio*. In: Carlos IMBASSAHY. *Religião*. (Refutação às razões dos que combatem a parte religiosa em Espiritismo). Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 19-20.

¹⁴⁴ Idem. *Ibidem*. p. 21.

própria conceituação que lhe dá Kardec [...]”¹⁴⁵, não teriam como sustentar sua tese. Contudo, será que, como afirmou Chibeni, podemos encontrar na obra kardeciana os fundamentos essenciais dessa formulação da identidade do Espiritismo? Se sim, em que sentido isso se tornaria possível? A fim de tentarmos dar uma resposta provisória a esses questionamentos, a partir de agora, gostaria de propor duas linhas investigativas: a primeira seria investigar a origem da palavra *espiritismo*, seu alcance e seus significados de acordo com Kardec. Em seguida, colocarmos explicitamente a questão sobre o problema da identidade do Espiritismo em sua obra.

Durante muito tempo atribuiu-se a Kardec a criação da palavra *spiritisme* para designar a nova doutrina. De fato, ele mesmo sempre acreditou que havia sido assim.¹⁴⁶ No entanto, pesquisas recentes revelaram que o termo e seus correlatos, já eram utilizados quando o codificador publicou sua obra capital, *Le Livre des Esprits* [1857] e fez uso da palavra.¹⁴⁷ Tal circunstância, contudo, não retira de Kardec o mérito de haver sido o primeiro autor a atribuir ao termo um significado positivo, aplicando-o substantivamente para designar, em sentido amplo, a crença nos Espíritos e em suas manifestações, e de modo mais estrito, o corpo doutrinário por ele consignado em *Le Livre des Esprits*.

É isto que nos indicam os dois primeiros parágrafos do ensaio *Introduction a l'étude de la doctrine spirite*, publicado em 1860, juntamente com a segunda edição de *Le Livre des Esprits*, e como introdução desta obra. Em parte, ele é a reprodução do parágrafo que introduz igualmente a primeira edição de 1857; contudo, acrescido de maiores explicações sobre o posicionamento do Espiritismo diante do *espiritualismo*. Reproduzo abaixo, na íntegra, os referidos parágrafos que nos nortearão nesta etapa de nossa discussão.

Para coisas novas são necessárias palavras novas, assim o quer a clareza da linguagem, para evitar a confusão inseparável do múltiplo sentido dos

¹⁴⁵ FEB. *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*. op. cit. p. 31.

¹⁴⁶ No volume das *Oeuvres Posthumes* encontra-se consignada uma declaração de Kardec na qual afirma ter criado o termo espiritismo com o intuito de atender “às necessidades da causa” (Cf.: KARDEC, Allan. *Constitution du Spiritisme*. In _____. *Oeuvres Posthumes*. Paris: Librairie des Sciences Spiritiques et Psychiques, 1912. p. 437).

¹⁴⁷ Graças à indicação do pesquisador Vitor Moura Visoni, autor do blog “Obras Psicografadas” (<http://obraspsicografadas.haaan.com>), pude ter acesso à obra: BRONWSON, Orestes Augustus. *The Spirit-Rapper. An Autobiography*. Boston/London: Little, Brown and Company/Charles Dolman. 1854. Em seu Capítulo XX aparecem referências a certo “circle of Spiritualists or Spiritists” (p. 290), ao qual teria comparecido o Juiz Preston, a convite de um amigo, após a morte de sua esposa. No mesmo Capítulo, algumas páginas adiante (p. 294), a palavra *spiritism* é utilizada para se referir à necromancia. Igualmente na obra anônima: THE APOCATASTASIS, or *Progress Backwards*. A new “tract for the times”. Burlington: Chauncey Goodrich, 1854; o termo *spiritism* aparece cerca de dez vezes.

mesmos termos. As palavras *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm uma acepção bem definida. Dar-lhes uma nova para aplicá-las à doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. De fato, espiritualismo é o oposto de materialismo. Quem quer que creia haver em si outra coisa além de matéria é espiritualista; mas, não se segue daí que acredite na existência de Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Ao invés das palavras *espiritual* e *espiritualismo*, empregamos, para designar esta última crença, as palavras *espírita* e *espiritismo* cuja forma relembra a origem e o sentido radical, e, por isso mesmo, têm a vantagem de serem perfeitamente inteligíveis. Reservando, assim, à palavra *espiritualismo* sua acepção própria. Diremos, portanto, que a doutrina *espírita* ou o *espiritismo* tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do espiritismo serão *os espíritas*, ou, se o preferirem, *os espiritistas*. [...] Como especialidade, o *Livre des Espíritos* contém a doutrina *espírita*. Como generalidade ele se liga à doutrina *espiritualista* da qual representa uma das fases. Esta é a razão pela qual traz no cabeçalho de seu título as palavras: *Filosofia Espiritualista*.¹⁴⁸

Aqui, como se pode notar, Kardec define *Espiritismo* simplesmente como a crença na existência dos Espíritos e em sua comunicação com o *mundo visível*. Ao fazer isso, demarca os limites entre este e o *espiritualismo*, que seria a crença geral de que haja no humano algo mais que meramente matéria. Este último seria assim, seguindo uma definição bem ao modo dos dicionários, o oposto do materialismo. Erroneamente, essa distinção, fruto do preciosismo linguístico de Kardec – para quem o ideal seria que cada palavra designasse apenas uma ideia – foi algumas vezes confundida com uma tentativa de delimitar o *Espiritismo* frente ao *Moderno Espiritualismo*. Na verdade, uma leitura mais atenta do texto acima citado, bem como do restante da *Introduction*, torna claro que, para nosso autor, o *Espiritismo* e o chamado *Moderno Espiritualismo* são um e mesmo movimento, baseado nos mesmos fenômenos e na mesma crença. Em outras palavras, o que Kardec procura fazer é corrigir o

¹⁴⁸ KARDEC, Allan. *Le Livre des Esprits*. Contenant les principes de la Doctrine Spirite. Second Édition. Paris : Didier et Cie., 1860. p. III: “Pour les choses nouvelles il faut des mots nouveaux, ainsi le veut la clarté du langage, pour éviter la confusion inséparable du sens multiple des mêmes termes. Les mots *spirituel*, *spiritualiste*, *spiritualisme* ont une acception bien définie ; leur en donner une nouvelle pour les appliquer à la doctrine des Esprits serait multiplier les causes déjà si nombreuses d'amphibologie. En effet, le spiritualisme est l'opposé du matérialisme ; quiconque croit avoir en soi autre chose que la matière est spiritualiste ; mais il ne s'ensuit pas qu'il croie à l'existence des Esprits ou à leurs communications avec le monde visible. Au lieu des mots *spirituel*, *spiritualisme*, nous employons pour désigner cette dernière croyance ceux de *spirite* et de *spiritisme*, dont la forme rappelle l'origine et le sens radical, et qui par cela même ont l'avantage d'être parfaitement intelligibles, réservant au mot *spiritualisme* son acception propre. Nous dirons donc que la doctrine *spirite* ou le *spiritisme* a pour principes les relations du monde matériel avec les Esprits ou êtres du monde invisible. Les adeptes du spiritisme seront *les spirites* ou, si l'on veut, *les spiritistes*. [...] Comme spécialité, le *Livre des Esprits* contient la doctrine *spirite* ; comme généralité, il se rattache à la doctrine *spiritualiste* dont il présente l'une des phases. Telle est la raison pour laquelle il porte en tête de son titre les mots : *Philosophie spiritualiste*.” A partir de agora, todas as vezes que esta obra for citada, seguiremos o padrão: LE2, p. III-IV.

uso inadequado da palavra *espiritualismo* que vinha sendo aplicada à crença que agora nomeia como *espírita*.

Seu problema aqui é léxico, não ideológico. Demonstra isso o fato de que, alguns parágrafos adiante, na mesma *Introduction*, ao narrar “[...] em poucas palavras a série progressiva de fenômenos que deram origem a esta doutrina”¹⁴⁹, o codificador indica como provável início da manifestação ostensiva dos Espíritos no século XIX, os fatos que deram origem ao *Espiritualismo Moderno*, descritos anteriormente na *Introduction* de *Le Livre des Esprits*. Reforça essa interpretação o fato de que em 1862, no opúsculo *O Espiritismo em sua expressão mais simples*, ao tratar do *Histórico do Espiritismo*, afirmou Kardec: “Nos Estados Unidos da América, por volta de 1850, a atenção pública foi atraída para diversos fenômenos estranhos, que consistiam em ruídos, pancadas e movimentos de objetos, sem causa conhecida”.¹⁵⁰ Some-se a isso, o fato de Kardec sempre se referir ao movimento espiritualista americano e anglo-saxão com o nome de *Espiritismo*, contrariando, assim, o costume próprio a essas regiões.¹⁵¹ Como, por exemplo, ocorre no artigo *L'école spirite américaine*¹⁵², publicado em maio de 1864, na *Revue*, no qual Kardec se dispõe a explicar por que *a doutrina espírita não era a mesma* no antigo e no novo continente.¹⁵³ Começa dizendo que, embora as manifestações mediúnicas tenham sempre ocorrido, como fatos isolados, em todos os tempos e lugares; as manifestações ocorridas nos Estados Unidos, em pleno século XIX, teriam atingido uma escala tão vasta que teria se tornado capaz de chamar a atenção dos dois lados do Atlântico. Esta “invasão organizada”, como a denominaria anos depois Arthur Conan Doyle¹⁵⁴, teria ocorrido aí por escolha dos próprios Espíritos que viram na ampla liberdade existente naquele país uma oportunidade para a eclosão das ideias espíritas.

No entanto, continua, às vezes ocorre que uma ideia, nascida em determinado país ganhe maior desenvolvimento em outro. E, para ele, foi isso que aconteceu. Por causa daquilo que chama *le génie américain*, marcado pela excelência em tudo o que se refere ao comércio e às artes mecânicas, teria favorecido o surgimento e a manutenção do *Espiritismo*

¹⁴⁹ LE₂, p. VII: “[...] en peu de mots la série progressive des phénomènes qui ont donné naissance à cette doctrine”.

¹⁵⁰ KARDEC, Allan. *O Espiritismo em sua expressão mais simples*. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 21.

¹⁵¹ Cf.: RS, Juin/1860. *Le Spiritisme en Angleterre*. p. 167-171. RS, Avr/1869. *Profession de foi spirite américaine*. p. 98-108.

¹⁵² RS, Mai/1864. *L'école spirite américaine*. p.147-149.

¹⁵³ Idem. Ibidem. p. 147.

¹⁵⁴ DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritualismo*. De Swedenborg ao início do século XX. Brasília: FEB, 2013. p. 15.

experimental. Por outro lado, a Europa, mais inclinada às ciências morais e filosóficas, teria se tornado campo fértil para o desenvolvimento teórico e filosófico do Espiritismo. Desta forma, declara: “A América foi, portanto, o berço do Espiritismo, mas foi na Europa que ele cresceu e cursou suas humanidades. [...] A cada um seu papel segundo suas aptidões, e, a cada povo o seu, conforme seu gênio particular”.¹⁵⁵ Desta maneira, afirma Kardec, o que distinguiria uma e outra *escola* era tão somente a ênfase colocada na parte fenomênica ou na parte filosófica do Espiritismo.

Nem mesmo a discordância entre essas escolas no que tange ao dogma da reencarnação se configuraria como uma distinção séria o suficiente para se considerar Espiritismo e Moderno Espiritualismo como movimentos distintos. Ao contrário, Kardec encontrava-se convencido de que essa discordância, com o tempo, seria devidamente eliminada. Tão logo os Espíritos encontrassem as condições adequadas para levar à América seu ensino de forma completa.¹⁵⁶ Esta parece ter sido a compreensão de Kardec acerca das relações entre o Espiritismo e o Espiritualismo Americano até o final de sua vida, como podemos verificar no artigo *Profession de foi spirite américaine*, publicado no último número da *Revue* por ele preparado:

Qual é, portanto, a diferença entre o Espiritismo americano e o Espiritismo europeu? Seria porque um se chama *Espiritualismo* e o outro *Espiritismo*? Pueril questão de palavras sobre a qual seria inútil insistir. De ambos os lados vê-se a coisa de um ponto de vista elevado demais para se apegar a tamanha futilidade. É possível que ainda difiram em relação a alguns pontos de forma e detalhes, insignificantes e que se devem mais aos costumes e aos usos de cada país do que ao fundo da doutrina. O essencial é que haja concordância sobre os pontos fundamentais, e é isto que ressalta evidente da comparação acima.¹⁵⁷

Diante de tais evidências, parece-me, fica claro que ao distinguir entre *Espiritismo* e *espiritualismo*, na *Introduction* de 1860, Kardec não tinha em mente o *Moderno*

¹⁵⁵ RS, Mai/1864. *L'école spirite américaine*. p. 147-148: “L'Amérique a donc été le berceau du Spiritisme, mais c'est en Europe qu'il a grandi et fait ses humanités.[...] A chacun son rôle selon ses aptitudes, et à chaque peuple le sien, selon son génie particulier”.

¹⁵⁶ Cf.: RS, Fév/1862. *La Réincarnation en Amérique*. p. 50-51.

¹⁵⁷ RS, Avr/1869. *Profession de foi spirite américaine*. p. 105 : “En quoi le Spiritisme américain diffère-t-il donc du Spiritisme européen? Serait-ce parce que l'un s'appelle *Spiritualisme* et l'autre *Spiritisme*? Puérile question de mots sur laquelle il serait superflu d'insister. Des deux côtés on voit la chose d'un point trop élevé pour s'attacher à une pareille futilité. Peut-être différent-ils encore sur quelques points de forme et de détails, tout aussi insignifiants, et qui tiennent plus aux mœurs et aux usages de chaque contrée qu'au fond de la doctrine. L'essentiel est qu'il y ait concordance sur les points fondamentaux, c'est ce qui ressort avec évidence de la comparaison ci-dessus”.

Espiritualismo. Antes, com a palavra *espiritualismo* Kardec designa um posicionamento filosófico mais amplo, oposto ao materialismo, marcado pela crença de que há no ser humano algo além da matéria. Por isso, minha compreensão é que Kardec refere-se aqui ao *espiritualismo filosófico*, ou, à *philosophie spiritualiste* à qual quer filiar a doutrina espírita consignada em *Le Livre des Esprits*.

Além dessa percepção, os parágrafos iniciais da *Introduction*, acima citados, nos oferecem a possibilidade de percebermos que a palavra *espiritismo* encontra-se longe de ser, na obra kardeciana, uma palavra unívoca. Num primeiro momento, como deve ter-se entrevisto nas considerações acima, o termo designa *a crença nos Espíritos e nas suas manifestações*; além disso, indica ainda *a doutrina espírita*, entendida como produto do ensino dos Espíritos obtido por meio dessas manifestações. No entanto, subentendido no conceito de crença compartilhada pelos membros das escolas *americana e europeia* encontra-se ainda uma terceira acepção: a palavra *espiritismo* pode ser usada para designar também o *movimento* que, aos poucos se articula em torno da crença nos Espíritos e na sua comunicabilidade com o mundo visível. Assim, teríamos três sentidos sobrepostos ao conceito de *espiritismo* e esta palavra poderá ser utilizada na obra kardeciana para designar: (1) os fenômenos mediúnicos; (2) a doutrina espírita; (3) o movimento espírita.¹⁵⁸

Se os fenômenos formam a base da *ciência espírita* e a doutrina sua *filosofia*, a *organização do Espiritismo*, proposta por Kardec a partir de 1861, se configurará como verdadeiro processo de institucionalização do movimento espírita, visando sua unidade doutrinária. Conforme se verá, essa tríplice distinção entre fatos mediúnicos, doutrina espírita e movimento espírita se configurará como ferramenta importante para se compreender a articulação entre os conceitos de ciência, filosofia e religião na definição da identidade do Espiritismo. No Capítulo 4 desta tese discutiremos como, aliado a mudanças internas do pensamento kardeciano, este processo de institucionalização ajudará a configurar indícios do chamado *aspecto religioso* do Espiritismo.

Como vimos acima, e ao contrário do que afirma Sandra Jacqueline Stoll, o “ato semântico” através do qual Kardec distingue entre *Espiritismo* e *espiritualismo* em sua primeira e mais importante obra, não “[...] estabelece os termos da inserção do espiritismo no

¹⁵⁸ Embora esta não seja uma expressão pertencente ao léxico kardeciano, creio que a ideia encontra-se presente em suas obras quando, a partir de 1861, nosso autor principia a se preocupar com a *organização do espiritismo*. Por sua importância, este tema será mais bem desenvolvido no Capítulo 4, quando tratarmos do Espiritismo como religião.

contexto religioso da modernidade”.¹⁵⁹ Como se pode facilmente notar pela leitura do trecho retirado da *Introduction*, trata-se para Kardec de estabelecer o modo através do qual o Espiritismo se insere no contexto filosófico da modernidade. Assim, a opção pelo uso do vocábulo *espiritismo* e seus correlatos definiria antes o caráter de especialidade que a nova doutrina assume diante do *espiritualismo filosófico*. É o que indicam a aposição, no frontispício da segunda edição da obra, da expressão *Philosophie Spiritualiste*; bem como a modificação do objetivo da obra declarado nos *Prolégomènes* de “[...] estabelecer os fundamentos da verdadeira doutrina espírita, livre dos erros e de prejuízos [...]”¹⁶⁰, na primeira edição [1857]; para “[...] estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos prejuízos do espírito de sistema [...]”¹⁶¹, a partir da segunda [1860].

Para Kardec esta obra, *Le livre des Esprits*, possui o caráter de resultado filosófico de suas pesquisas empíricas. Conforme o autor descreve em seu relato autobiográfico, os fenômenos espíritas das mesas dançantes e falantes abriram-lhe a perspectiva de um campo inexplorado de pesquisa. E, em suas próprias palavras:

Eu apliquei a esta nova ciência, como já havia feito antes, o método experimental. Nunca parti de teorias pré-concebidas: observava atentamente, comparava, deduzia as consequências; dos efeitos buscava remontar às causas, pela dedução e o encadeamento lógico dos fatos, não admitindo uma explicação como válida enquanto não eliminasse todas as dificuldades da questão.¹⁶²

Neste parágrafo Kardec indica o método através do qual teria empreendido suas pesquisas e que resultaram na publicação de sua obra capital. Sua compreensão naquele momento e ao longo de todo o período em que se dedicou ao estudo, sistematização, divulgação e apologia

¹⁵⁹ STOLL. *Espiritismo à Brasileira*. op. cit. p.36. Na verdade, em minha opinião, o que estabelecerá os “termos de inserção” do espiritismo no contexto religioso da modernidade será a tentativa reiterada de enxertá-lo na árvore da tradição cristã-católica através da re-apropriação dos elementos constituintes desta tradição, da pretensão de continuidade com ela, apesar da retomada de elementos considerados “heréticos” pela mesma. Esta discussão será mais bem desenvolvida adiante, no Capítulo 4, quando trataremos do espiritismo como religião.

¹⁶⁰ KARDEC, Allan. *Le Livre des Esprits*. Contenant les principes de la Doctrine Spirite. Paris : Dentu, 1857. P. 30 : “[...] établir les fondements de la véritable doctrine spirite, dégagée des erreurs et de préjugés [...]”. Esta primeira edição da obra capital de Kardec quando for citada, a partir daqui, aparecerá com a abreviatura LE₁, seguida do número da página correspondente à citação.

¹⁶¹ LE₂, p. XLII: “[...] établir les fondements d’une philosophie rationnelle, dégagée des préjugés de l’esprit de système [...]”.

¹⁶² KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 307. “J’appliquai à cette nouvelle science, comme je l’avais fait jusqu’alors, la méthode de l’expérimentation ; je ne fis jamais de théorie préconçues : j’observais attentivement, je comparais, je déduisais les conséquences ; des effets je cherchais à remonter aux causes, par la déduction et l’enchaînement logique des faits, n’admettant une explication comme valable que lorsqu’elle pouvait résoudre toutes les difficultés de la question”.

da doutrina espírita era que: “O Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se pode estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais decorrentes dessas relações”.¹⁶³ Sendo assim, Kardec estabelece, em princípio, o que poderíamos chamar de um *duplo aspecto* para o Espiritismo.

Contudo, ao contrário do que possa parecer, estas definições afirmativas da natureza do Espiritismo não eliminam o caráter problemático do processo de formação identitária do mesmo. Enquanto abordagem teórica talvez isso seja suficiente, mas como estas definições feitas por Kardec lançam-no em um campo social mais amplo, onde ciência e filosofia gozam de representações mais ou menos definidas; além de afirmar positivamente a identidade da doutrina com estes âmbitos do conhecimento, será necessário também delimitar fronteiras para que o Espiritismo goze de alguma autonomia e se legitime frente a tais instâncias. E nesta delimitação, entrará em jogo uma terceira instância com a qual o Espiritismo precisa se confrontar, e frente a qual pretender se legitimar, a religião.¹⁶⁴

Se, por um lado, em seu esforço por criar uma identidade para a nova doutrina, Allan Kardec afirma a natureza desta como simultaneamente científica e filosófica; por outro lado delimita fronteiras frente a estes campos do conhecimento ao diferenciar o Espiritismo das ciências vulgares e da filosofia em geral. A seguir descreverei sucintamente os termos desta delimitação.

Em primeiro lugar é preciso que se diga: para Kardec o Espiritismo é uma ciência, mas as ciências nada podem dizer sobre ele. Como vimos, o codificador retira da pretensão de positividade dos fatos espíritas e do método que utiliza ao abordá-los a afirmação do caráter científico da doutrina. No entanto, para ele:

As ciências comuns repousam sobre as propriedades da matéria que se pode experimentar e manipular à vontade. Os fenômenos espíritas repousam sobre a ação de inteligências que têm sua vontade e nos provam a cada instante que não estão à disposição de nossos caprichos. As observações não podem, portanto, serem feitas do mesmo modo. Elas requerem condições especiais e

¹⁶³ KARDEC, Allan. *Qu'est-ce que le Spiritisme*. Introduction à la connaissance du monde invisible ou des Esprits. Sixième Édition. Paris : Ledoyen, Dentu, Fréd. Henri, 1865. p. 2. : “Le Spiritisme est à la fois une science d'observation et une doctrine philosophique. Comme science pratique, il consiste dans les relations que l'on peut établir avec les Esprits; comme philosophie, il comprend toutes les conséquences morales qui découlent de ces relations”.

¹⁶⁴ Em 1865, como veremos no Capítulo 4 desta tese, Kardec afirmará que foi a Igreja quem primeiro chamou o Espiritismo de *nova religião*, arrastando-o, assim, a este novo campo social.

outro ponto de partida, querer submetê-las a nossos procedimentos ordinários de investigação é estabelecer analogias que não existem. A ciência propriamente dita é, portanto, enquanto ciência, incompetente para se pronunciar na questão do espiritismo: não tem que se ocupar dele, e seu julgamento qualquer que seja, favorável ou não, nenhum peso teria. O espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que os sábios podem ter como indivíduos, abstração feita à sua qualidade de sábios. Mas, daí querer imputar a questão à ciência, seria o mesmo que pretender que a existência da alma fosse decidida por uma assembleia de físicos ou astrônomos. [...] Vê-se, portanto, que o espiritismo não é da alçada da ciência.¹⁶⁵

Ou, em outras palavras: o Espiritismo é ciência, mas não é da alçada da ciência, não podendo, pois, ser julgado por ela. Portanto, as *corporações científicas* nada têm a dizer sobre ele. No entanto, Kardec acredita que o Espiritismo, por sua vez, tenha algo a dizer às ciências, uma vez que amplia os horizontes das chamadas leis naturais. Ora, assim como as “ciências comuns”, ou a “ciência propriamente dita”, se ocupam em revelar as leis que regem o princípio material; o Espiritismo, a seu turno, teria a mesma missão no que toca às leis que regem o princípio espiritual. E este último, portanto, se configuraria como “[...] a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo [...]”.¹⁶⁶

O que se pode perceber neste contexto é que Kardec, intencionalmente ou não, preserva o Espiritismo de todo controle externo, mas o crê habilitado para avaliar todo conhecimento humano. É assim que o autor lida também com a relação entre Espiritismo e a chamada filosofia espiritualista. Como vimos, na *Introduction à l'étude de la doctrine spirite*, ao utilizar o termo *espiritismo*, Kardec se justifica dizendo que o faz para evitar confusões com o uso comum do termo *espiritualismo*, a que se refere como *o oposto do materialismo*, ou, em outros termos, o espiritualismo filosófico. De fato, Kardec crê que o Espiritismo supera em termos filosóficos tanto o materialismo quanto o espiritualismo. É o que se pode

¹⁶⁵ LE₂, p. XX-XXI: “Les sciences vulgaires reposent sur les propriétés de la matière qu’on peut expérimenter et manipuler à son gré ; les phénomènes spirites reposent sur l’action d’intelligences qui ont leur volonté et nous prouvent à chaque instant qu’elles ne sont pas à notre caprice. Les observations ne peuvent donc se faire de la même manière ; elles requièrent des conditions spéciales et un autre point de départ ; vouloir les soumettre à nos procédés ordinaires d’investigation, c’est établir des analogies qui n’existent pas. La science proprement dite, comme science, est donc incompétente pour se prononcer dans la question du spiritisme : elle n’a pas à s’en occuper, et son jugement quel qu’il soit, favorable ou non, ne saurait être d’aucun poids. Le spiritisme est le résultat d’une conviction personnelle que les savants peuvent avoir comme individus, abstraction de leur qualité des savants ; mais vouloir déférer la question à la science, autant vaudrait faire décider l’existence de l’âme par une assemblée de physiciens ou d’astronomes [...]. Vou voyez donc que le spiritisme n’est pas du ressort de la science”.

¹⁶⁶ KARDEC. *L’Évangile selon le Spiritisme*. Troisième Édition. Paris: Dentu, Fréd. Henri, 1866. p. 4-5. “Le *spiritisme* est la science nouvelle qui vient révéler aux hommes, par des preuves irrécusables, l’existence et la nature du monde spirituel, et ses rapports avec le monde corporel [...]”. A partir de agora esta obra será citada por sua abreviatura ES, seguida do número da página correspondente.

comprovar, por exemplo, quando o autor afirma em artigo da *Revue*, no número de Março de 1861: “O materialismo diz: não há nada fora da matéria. O espiritualismo diz: existe algo, mas não o prova. O Espiritismo diz: Existe algo, e o prova [...]. É o que faz que o Espiritismo reconduza tantos incrédulos ao espiritualismo”.¹⁶⁷

Assim, embora, sempre afirme, em todas as definições positivas da natureza e da identidade, seu caráter simultaneamente científico e filosófico, Kardec o faz tentando estabelecer o Espiritismo como um modo diferenciado do que considera a ciência e a filosofia em sentido comum. O mesmo pode ser dito em relação à religião. Embora toque no que Kardec considere os elementos essenciais de toda religião – a existência de deus, a imortalidade da alma e as penas e recompensas futuras –, para ele o Espiritismo de forma alguma deve ser confundido com uma nova religião. Assim como o faz com a ciência e a filosofia, a doutrina dos espíritos contribui para a história religiosa da humanidade ao retirar desta o seu caráter supersticioso e obscurantista. Posteriormente, contudo, chegará a prever que o Espiritismo passaria por um *período religioso*. E, por fim, poucos meses antes de sua morte, admitirá que o Espiritismo seja uma religião, mas apenas uma *religião em sentido filosófico*.¹⁶⁸

Diante de tais afirmações penso que o problema da identidade do Espiritismo na obra de Kardec se torna, assim, um pouco mais complexo. Anteriormente, tínhamos as afirmações diretas do autor de que o Espiritismo possuía uma dupla natureza, científica e filosófica. Agora temos que, para Kardec isso é verdade apenas em certas circunstâncias. Ou, pra ser mais exato, o Espiritismo é ciência, mas não é da alçada da ciência em sentido comum; é filosofia, mas não é filosofia em sentido estrito uma vez que foge ao aspecto especulativo desta em direção à *comprovação empírica* de seus postulados. Além disto, não é também uma religião uma vez que não implica num novo culto e não se funda sobre crenças irracionais. Embora, chegará a passar por um *período religioso* e, em última análise, possa ser chamado de religião em um sentido bem específico. Permanece, portanto, a questão: afinal, segundo Allan Kardec, o que é o Espiritismo?

Esta é, no entanto, uma pseudo-questão na medida em que pressupõe a possibilidade de se pensar o Espiritismo, a partir da obra kardeciana, em termos essencialistas. De fato, se

¹⁶⁷ RS, Mar/1861. *Petit bonhomme vit encore*. p. 70: “Le matérialisme dit: Il n'y a rien en dehors de la matière; le spiritualisme dit: Il y a quelque chose, mais il ne le prouve pas; le Spiritisme dit: Il y a quelque chose et il le prouve [...]; c'est ce qui fait que le Spiritisme ramène tant incrédules au spiritualisme”.

¹⁶⁸ Cf.: RS, Déc/1868.

pensarmos esta obra como um discurso que postula, dentre outras coisas, garantir para o Espiritismo seu *droit de cité* frente aos sistemas e instituições de representação acima referidos (ciência, filosofia e religião), ou seja, frente a instâncias de legitimação outras que não o próprio Espiritismo; podemos compreender como o recurso à linguagem específica a cada uma destas instâncias torna-se natural, e até mesmo necessário para a sua representação identitária. Não se trata, contudo, de pensar o Espiritismo como uma “[...] síntese histórica e conceitual do conhecimento [...]”¹⁶⁹ a partir de elementos como ciência, filosofia e religião, como sugere Herculano Pires. Mas, de pensar, isto sim, como a partir da interação da doutrina espírita com estes campos específicos dentro do campo social mais amplo, bem como com suas respectivas instituições, uma identidade é construída e reconstruída, a cada vez, num espaço de negociação instável e em constante mutação.

Em outras palavras, creio ser necessário tornar patente como, para Kardec, embora o Espiritismo lance mão de elementos dos discursos específicos da ciência, da filosofia e da religião, e busque com isso estabelecer a identidade da nova doutrina e do movimento espírita; recusa, por outro lado, toda identificação simplista que submetesse o Espiritismo ao controle destas instâncias. Ou ainda, é como se, para Kardec, o Espiritismo, com esta recusa, ocupasse um lugar privilegiado frente a tais instâncias. Um *lugar neutro* em meio a eventuais disputas que cada uma delas pode travar com as demais na busca por legitimação. O que, em minha opinião, significa que este autor pensa o lugar do Espiritismo como um *entre-lugar*, um lugar sob o signo da mediação, e somente assim.¹⁷⁰ Não se trataria, contudo de uma escolha pessoal de Kardec. Algo como uma decisão de preservar o Espiritismo de uma definição identitária de caráter essencialista. De fato, o que sucede é que não lhe resta outra opção frente ao movimento geral da Modernidade no sentido de uma progressiva diferenciação das instituições. E que marca, no que toca ao âmbito do conhecimento – representado nesta nossa discussão pela ciência, pela filosofia e pela religião – uma crescente valorização do discurso científico e racional, em detrimento de tudo que soa irracional, ou obscurantista.

¹⁶⁹ PIRES. *O Espírito e o Tempo*. Introdução antropológica ao Espiritismo. São Paulo: Paideia, 2005. p.113.

¹⁷⁰ Creio ser suficiente, a fim de ilustrar o modo como o Espiritismo se situa sob o signo da mediação, citar a importância desempenhada pela figura do *médium* na formulação da doutrina. A rigor, sem *mediunidade* não há Espiritismo, uma vez que nesta figura se dá, de maneira privilegiada, o encontro e a interação entre os mundos visível e invisível. Pertencendo a ambos os mundos, o *médium* não é apenas o veículo da comunicação, mas o lugar mesmo em que ela se dá. De igual maneira a doutrina, ela mesma, se coloca como o lugar de intermediação entre o passado e o futuro como o lugar onde as coisas assumem sua verdadeira significação.

Pode-se afirmar, portanto, que o Espiritismo segundo Allan Kardec, e de acordo com o descrito acima, se coloca numa postura ambígua de afirmação e de negação dos elementos constitutivos do discurso cultural hegemônico. Contudo, apesar de toda a ambiguidade que possamos encontrar na obra kardeciana a respeito do tema que nos ocupa, uma coisa é certa: não há, nessa mesma obra, qualquer formulação explícita do chamado *tríplice aspecto* comumente atribuído ao Espiritismo. Como vimos, a tomar literalmente o que afirma Kardec, apenas poderíamos falar de um *duplo aspecto* científico-filosófico.

De onde viria, portanto, a pretensão dos defensores do *tríplice aspecto* da doutrina de que tal formulação “[...] ressalta da própria conceituação que lhe dá Kardec [...]”¹⁷¹ Segundo o já citado manual de *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita* da FEB, tal fundamentação apareceria na *Conclusion* de *Le Livre des Esprits*, onde afirma Kardec: “O espiritismo se apresenta sob três diferentes aspectos: o fato das manifestações, os princípios de filosofia e de moral que deles decorrem, e a aplicação desses princípios”.¹⁷² Assim, a cada um desses *três diferentes aspectos* corresponderia um dos componentes do *tríplice aspecto* da doutrina espírita, respectivamente: ciência, filosofia e religião. De fato, esta citação parece indicar que Kardec teria falado, ao menos uma vez, acerca deste tema. Contudo, será fácil demonstrar que aquilo que Kardec descreve neste trecho de sua obra capital não está relacionado à temática em questão.

A tese central ali defendida é de que o Espiritismo não se resume às manifestações materiais que lhe deram origem. Com a publicação de *Le Livre des Esprits*, Kardec crê ter feito a brincadeira das *mesas falantes* entrar num âmbito novo e mais importante, o âmbito de uma doutrina filosófica que solucionasse todos os problemas que nenhuma outra filosofia até então pudera resolver. O trecho em questão encontra-se no parágrafo de número VII e, em sua integralidade diz o seguinte:

O espiritismo se apresenta sob três diferentes aspectos: o fato das manifestações, os princípios de filosofia e de moral que deles decorrem, e a aplicação desses princípios. Daí três classes, ou melhor, três graus de adeptos: 1º aqueles que creem nas manifestações e se limitam a constatar-las: é para eles uma ciência de experimentação; 2º aqueles que compreendem as consequências morais; 3º aqueles que praticam ou se esforçam em praticar esta moral. Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob o

¹⁷¹ FEB. *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*. op. cit.p. 31.

¹⁷² LE₂. p. 459: “Le spiritisme se presente sous trois aspects différents: le fait des manifestations, les principes de philosophie et de morale qui en découlent, et l’application de ces principes [...]”.

qual se contemple esses estranhos fenômenos, todos compreendem que surge toda uma nova ordem de ideias, cujas consequências só podem ser uma profunda modificação no estado da humanidade. Igualmente compreendem que esta modificação se dá no sentido do bem.¹⁷³

Como se pode notar, o texto fala de “três aspectos diferentes”, e não de um *tríplice aspecto*, o que me parece serem coisas distintas já que, tais aspectos são propostos por Kardec como diferentes pontos de vista a partir dos quais se definem diferentes classes, ou graus, de adesão à doutrina; e não definem a natureza a mesma do Espiritismo. Demonstra isso o fato de, logo em seguida ao parágrafo acima, Kardec apresentar uma lista que classifica em três graus os adversários do Espiritismo.

De maneira semelhante essas classificações são apresentadas em *Le Livre des Médiuns* consideravelmente ampliadas. Ali são apresentados quatro, e não três graus de adesão ao Espiritismo, além de um variado número de adversários (materialistas), incrédulos e indecisos.¹⁷⁴ Assim, Kardec distingue “entre os que se convenceram pelo estudo direto do Espiritismo”¹⁷⁵: 1º) os *espíritas experimentadores*, que se atém exclusivamente à observação das manifestações, desconsiderando a parte filosófica e considerando o Espiritismo apenas uma *ciência de observação*; 2º) os *espíritas imperfeitos*, os quais compreendem o alcance filosófico do Espiritismo, admiram sua moral, mas não a colocam em prática; 3º) os *verdadeiros espíritas*, ou *espíritas cristãos*, que não se contentando em admirar esta moral – que é a mesma moral evangélica – praticam e aceitam todas as suas consequências; 4º) os *espíritas exaltados*, aqueles que exagerando na confiança depositada nos fenômenos, com uma postura cega e muitas vezes pueril, aceitam com muita facilidade e sem nenhuma verificação de autenticidade qualquer revelação dos Espíritos, mesmo que contradiga a razão e o bom senso. Assim, caso a primeira classificação seja tomada como uma referência à natureza própria do Espiritismo, e não como o que realmente é – uma classificação dos modos

¹⁷³ LE₂. p. 459-461: “Le spiritisme se presente sous trois aspects différents: le fait des manifestations, les principes de philosophie et de morale qui en découlent, et l’application de ces principes; de là trois classes, ou plutôt trois degrés parmi les adeptes : 1º ceux qui croient aux manifestations et se bornent à les constater : c’est pour eux une science d’expérimentation ; 2º ceux qui en comprennent les conséquences morales ; 3º ceux qui pratiquent, ou s’efforcent de pratiquer cette morale. Quel que soit le point de vue, scientifique ou moral, sous lequel on envisage ces phénomènes étranges, chacun comprend que c’est tout un nouvel ordre d’idées qui surgit, dont les conséquences ne peuvent être qu’une profonde modification dans l’état de l’humanité, et chacun comprend aussi que cette modification ne peut avoir lieu que dans le sens du bien”.

¹⁷⁴ Cf.: KARDEC, Allan. *Le Livre des Médiuns*. Second Édition. Paris : Didier et Cie., 1862. p. 23-26.

¹⁷⁵ Idem, ibidem. p. 27-28.

de adesão de indivíduos à doutrina e sua visão particular em relação a ela –, não haveria motivo para, com base em *Le Livre des Médiums*, propor que o Espiritismo seja portador não de três, mas de quatro aspectos diferentes?

Ao mesmo tempo, voltando ao texto de *O Livro dos Espíritos*, Kardec deixa claro que, os três pontos de vista refletidos pelos três graus de adesão à doutrina, resumem-se em apenas dois: o científico (representado por aqueles para quem o Espiritismo é *apenas* uma ciência de observação); e o moral (representado tanto pelos que reconhecem suas implicações filosófico-morais sem, contudo, esforçar-se por praticá-las; quanto por aqueles que o fazem). Essa interpretação coincide com o que vimos anteriormente: toda vez que Kardec foi questionado acerca da identidade da doutrina espírita fez referência apenas a seus aspectos científico e filosófico. Como se pode ler na edição definitiva de *O que é o Espiritismo* anteriormente citada:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem de tais relações.¹⁷⁶

E, sendo assim, nem mesmo a interpretação de Afonso Angeli Torteroli que afirma ser o Espiritismo ciência, filosofia e moral parece sustentar-se. Já que a moral, para Kardec, encontra-se incluída no aspecto filosófico da doutrina.

Mais adiante, ainda no mesmo parágrafo VII da *Conclusion* de *Le Livre des Esprits*¹⁷⁷, após descrever os três tipos de adversários do Espiritismo, Kardec apresenta quatro efeitos ou resultados provocados pela doutrina espírita na vida de seus adeptos, qualquer que seja o seu grau de adesão. Para aqueles que se movem apenas segundo o ponto de vista científico, da mera observação dos fatos, o Espiritismo ofereceria a prova incontestada da existência de um mundo incorpóreo, o que surtiria o efeito de livrar o observador da influência das doutrinas materialistas. Mas, para aqueles que “compreendem o Espiritismo filosófico”¹⁷⁸, os efeitos são diferentes: em primeiro lugar desenvolve um “sentimento religioso naquele que, mesmo não sendo materialista, é indiferente às questões espirituais”.¹⁷⁹

¹⁷⁶ KARDEC. *Qu'est-ce que le Spiritisme*. op.cit. p. 2.

¹⁷⁷ Cf.: LE₂. p. 461-462.

¹⁷⁸ LE₂. p. 635.

¹⁷⁹ Idem, *ibidem*. p. 635.

Sentimento esse que o livra do medo da morte. Em seguida, o segundo efeito pode ser descrito como o surgimento de uma resignação frente às vicissitudes da vida. Afirma Kardec: “O Espiritismo dá a ver as coisas de tão alto, faz a vida terrena perder três quartas partes de sua importância, que o homem não se aflige tanto com as tribulações que a acompanham”.¹⁸⁰ Por fim, o terceiro efeito para aqueles que aceitam a importância da *filosofia espírita* é descrito como um estímulo à indulgência para com as falhas alheias. Em uma palavra, o Espiritismo desenvolve a virtude da caridade, que é o selo distintivo da moral espírita.

Importante notar que, embora Kardec fale que o Espiritismo gera naqueles que a ele aderem, considerando seu aspecto filosófico-moral, um sentimento religioso, ele não afirma que o Espiritismo seja uma religião. Como vimos anteriormente, nas seções anteriores desse Capítulo, positivamente o codificador se recusa a admitir tal possibilidade.¹⁸¹

Entretanto, algumas questões podem ser suscitadas: se Kardec tinha desde 1856, como vimos anteriormente, consciência de que sua missão seria promover uma *reforma religiosa*, por que por diversas vezes negou tão assertivamente que o Espiritismo fosse uma religião? E, por que, quando chega, enfim, a reconhecê-lo só o faz com tantas ressalvas? Seria porque, ao longo dos anos, seguisse a recomendação de seu *guia espiritual*, o Espírito de Verdade, para que nada revelasse?¹⁸² Ou, então, porque não estivesse à época completamente convencido de ter sido realmente incumbido dessa missão¹⁸³, e estivesse esperando o cumprimento da promessa por maiores esclarecimentos?¹⁸⁴ Ou ainda, seria por que, de seu ponto de vista, a fim de bem cumprir essa missão devesse preservar o Espiritismo de converter-se em uma nova seita religiosa?

A fim de podermos responder adequadamente esses questionamentos, bem como outros semelhantes e que dizem respeito aos demais conceitos que compõem o *tríplice*

¹⁸⁰ Idem, *ibidem*. p. 635-636

¹⁸¹ Ao menos até 1868 e, mesmo aí, com ressalvas.

¹⁸² Cf.: KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 322: “Não fale nunca de tua missão: este seria o meio de fazê-la fracassar. Ela não pode ser justificada senão quando a obra estiver completa. E tu, ainda, não fizeste nada. Se a completares, os homens, cedo ou tarde, saberão reconhecê-lo; pois, é pelos frutos que se reconhece a qualidade da árvore”. [Tradução minha]. No original: “Ne parle donc jamais de ta mission : ce serait le moyen de la faire échouer. Elle ne peut être justifiée que par l’oeuvre accomplie, et tu n’as encore rien fait. Si tu l’accomplis, les hommes sauront le reconnaître tôt ou tard eux-mêmes, car c’est aux fruits qu’on reconnaît la qualité de l’arbre”.

¹⁸³ Idem. *Ibidem*. p.322-323 : “Eu, certamente, não tenho qualquer desejo de me vangloriar de uma missão na qual eu mesmo tenho dificuldades em acreditar”. [Tradução minha]. No original: “Je n’ai certes nulle envie de me targuer d’une mission à laquelle je crois à peine moi-même”.

¹⁸⁴ Idem. *Ibidem*. p. 322 : “Saberás, mais tarde, coisas que te explicarão aquilo que te surpreende hoje”. [Tradução minha]. No original: “Tu sauras plus tard des choses qui t’expliqueront ce qui te surprendre aujourd’hui”.

aspecto, creio ser necessário nos dedicarmos por um instante à compreensão do *corpus kardeciano*, de sua historicidade e do papel de Kardec como seu autor.

1.4. O *corpus kardeciano* e os períodos do Espiritismo

Denomino, aqui, *corpus kardeciano* o conjunto completo das publicações espíritas feitas por Allan Kardec entre 1857 e 1869. Em geral, mesmo no movimento espírita, a ênfase maior recai sobre o chamado *pentateuco espírita*, os cinco principais tratados doutrinários escritos por Kardec¹⁸⁵, também conhecidos como *codificação espírita*.¹⁸⁶ No entanto, como nossa intenção é a de compreender o pensamento kardeciano em suas diversas fases de desenvolvimento, reduzir nosso objeto a esse pequeno número de livros, torna-se impensável. Mesmo que, por sua importância, eles possam ser considerados como grandes marcos na carreira espírita de seu autor, não poderíamos nos esquecer, por exemplo, dos doze volumes contendo a coleção integral dos anos em que Kardec esteve à frente da *Revue Spirite* [1858-1869]. Ou, então, dos opúsculos de divulgação doutrinária e do conjunto de textos e anotações publicados por seus discípulos em 1890 sob o título *Oeuvres Posthumes*. Cada uma dessas obras tem sua história – algumas com várias edições publicadas ao longo da vida do autor sofreram grandes ou pequenas modificações, inclusive nos títulos e na extensão –, cada uma refletindo, a seu modo, as preocupações e os interesses de Kardec, bem como os modos como ele encarou os conceitos que norteiam nossa pesquisa em cada época distinta do desenvolvimento da doutrina e do movimento por ele fundado.¹⁸⁷

¹⁸⁵ São estes, segundo a ordem de sua publicação: *Le Livre des Esprits* [1860]; *Le Livre des Médiuns* [1861]; *L'Évangile selon le Spiritisme* [1864]; *Le Ciel et l'Enfer selon le Spiritisme* [1865]; e, *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme* [1868]. Além desses tratados e da *Revue Spirite*, periódico mensal fundado em 1858 e que será dirigido e editado por Kardec até sua morte em 1869, compõem ainda o *corpus kardeciano*: a primeira edição de *Le Livre des Esprits* [1857]; *Instruction Pratique sur les manifestations spirites* [1858]; a brochura *Qu'est-ce que le Spiritisme* [1859]; a *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme* [1864]; além das pequenas brochuras de divulgação doutrinária: *Le Spiritisme à sa plus simple expression* [1862]; *Voyage Spirite de 1862*; *Résumé de la loi des phénomènes spirites ou première initiation à la usage des personnes étrangères à la connaissance du Spiritisme* [1864]; *Recueil de Prières extrait de l'Évangile selon le Spiritisme* [1866]; *Caractère de la révélation spirite* [1868]; *Catalogue Raisonné des Ouvrages pouvant servir à fonder une Bibliothèque Spirite* [1869]. Também o *Étude sur la poésie médianimique* [1867], publicado como Introdução à obra *Échos Poétiques d'outre-tombe*, de L. Vavasseur. E, por fim, o conjunto de textos e anotações publicados por seus discípulos em 1890 sob o título *Oeuvres Posthumes*.

¹⁸⁶ Deriva dessa expressão o epíteto de *codificador* frequentemente atribuído a Kardec.

¹⁸⁷ Não tenho a intenção de, ao longo deste trabalho, apresentar exaustiva história do desenvolvimento desta obra. No entanto, parece-me imprescindível que, de alguma forma, algumas das mudanças mais significativas do ponto de vista que nos ocupa aqui sejam devidamente ressaltadas. Dessa forma, essa seção de nosso trabalho apresentará a proposta de periodização da obra kardeciana, a partir da periodização que nosso autor oferece do processo de expansão do Espiritismo. Este expediente favorecerá o desenvolvimento de etapas posteriores da pesquisa.

Apesar da obviedade desta última observação, já que toda obra está situada histórica e existencialmente ligada às convicções de seu autor, refletindo, portanto, algo o *esprit du temps* e da *intentio auctoris*, ela é necessária por causa do lugar simbólico ocupado pela obra kardeciana no imaginário do movimento espírita. Encarada pelo próprio autor como fruto de uma *revelação providencial*, a doutrina espírita consignada no *corpus* kardeciano tem sido facilmente identificada como um saber a salvo das vicissitudes típicas de uma composição literária comum. Em outras palavras: a obra kardeciana, há muito, assumiu para a maior parte do movimento espírita o lugar ocupado pelos textos sagrados de outras religiões.¹⁸⁸ Em momento oportuno trataremos especificamente do significado do termo *revelação* aplicado por Kardec ao Espiritismo. Por agora, interessa-nos, sobretudo, a constatação de que essa dinâmica de recepção dos escritos de Kardec como depositários da *doutrina espírita*, entendida como um conjunto atemporal de conhecimentos revelado por “Espíritos superiores”, tem significativamente diminuído o valor desses escritos enquanto *obra* e, portanto, diminuído, ou mesmo praticamente anulado, o papel de Kardec como *autor*.¹⁸⁹

Essa representação, muitas vezes reforçada em pontos diversos da própria obra kardeciana, embora possa ser adequada ao adepto, para nossa pesquisa, se adotada, traria algumas consequências indesejadas. A primeira é, que vista sob essa perspectiva, a doutrina não conteria qualquer contradição ou erro; já que “[...] a falência total ou parcial da obra de Kardec [...]” representaria “[...] a falência total ou parcial dos Espíritos Superiores, particularmente do Espírito da Verdade, e conseqüentemente a falência dos ensinamentos do Cristo”.¹⁹⁰ Sendo assim, o *corpus* kardeciano deveria ser lido e interpretado de modo a minimizar as aparentes contradições, ou mesmo as falhas argumentativas, decorrentes do contexto específico em que a obra foi escrita; da falha pessoal de Kardec enquanto autor; ou mesmo da evolução de seu pensamento ao longo dos anos. Isso se tornará evidente, como veremos, na discussão do aspecto religioso do Espiritismo. Tanto aqueles que defendem ser o Espiritismo uma religião, como aqueles que renegam essa hipótese, partem do pressuposto, a meu ver equivocado, de que Kardec sempre sustentou o mesmo posicionamento sobre esse

¹⁸⁸ Refiro-me aqui às concepções religiosas de feição fundamentalista para as quais seus textos-fonte se constituem como *literal e completa* revelação de Deus.

¹⁸⁹ Muitas vezes, sob o epíteto de *codificador* os espíritas têm feito essa redução do papel de Kardec na consignação da doutrina apresentando-o como mero *organizador* ou *compilador* do ensino dos Espíritos Superiores.

¹⁹⁰ PIRES, José Herculano. *A pedra e o joio*. São Paulo: Cairbar, 1979. p. 9.

tema.¹⁹¹ Curiosamente, a segunda consequência, derivada desta primeira, seria, portanto, a inerrância de Kardec. Embora reduzido ao papel de coadjuvante na *revelação* da doutrina espírita ao mundo, Kardec teria sido, no cumprimento de sua missão providencial, o melhor instrumento dessa manifestação. Seu papel, reduzido ao de compilador fiel e objetivo do ensino dos Espíritos Superiores, lhe conferiria, assim, uma blindagem contra a crítica. E isso de tal modo que, para muitos, estabelece-se um novo axioma segundo o qual *fora de Kardec não há Espiritismo*.¹⁹²

Por isso, a fim de evitarmos essa leitura teologizante e de cunho fundamentalista do pensamento kardeciano, creio ser necessário assumir o conjunto de seus escritos como uma *obra*. O que significa admitir que o *corpus* kardeciano se ressenta das vicissitudes comuns a toda e qualquer obra literária. Além disso, significa que é necessário restabelecer Kardec como legítimo autor da doutrina expressa nesses escritos que levam a sua assinatura; mesmo que isso signifique, em grande medida, contrariar o que disse e escreveu Kardec a esse respeito. Tal postura nos colocará também na posição oposta à maioria dos intérpretes que, na qualidade de adeptos, tendem a, no máximo, admitir que Kardec seja coautor, ao lado dos Espíritos, da doutrina expressa em seus textos canônicos. Para assegurarmos o mínimo de violência possível àquilo que se compreende como a *intenção do autor* em sua obra; na consecução desses objetivos sugiro lançarmos mão de dois expedientes previstos pelo próprio Kardec.

O primeiro deles encontra-se na *Conclusão* da segunda edição de *Le Livre des Esprits*. A esta altura, em 1860, Kardec já acumulou alguma experiência em relação aos opositores da doutrina. Ele sabe, por exemplo, que muitos que a criticam nem mesmo se deram ao trabalho de conhecê-la. Negam sua possibilidade por mero preconceito, por *espírito de sistema*. Diante disso, dirige-se aos *adversários de boa-fé*, dizendo:

Seguramente se nós houvéssemos apresentado esta filosofia como obra de um cérebro humano, ela teria encontrado menos desdém e teria conquistado

¹⁹¹ Como, por exemplo, o faz Krishnamurti de Carvalho Dias, ao afirmar que: “Desde o primeiro contato (o episódio Carlotti, os contatos com Pâtier, Fortier e Roustan) até seu decesso, uma nota dominava tudo: Rivail apresentava o Espiritismo como matéria científica e filosófica, negava que fosse religiosa, embora reconhecesse a interação existente com essa área”. (DIAS, Krishnamurti de Carvalho. *Análise do Pensamento de Allan Kardec de 1855 a 1869*. Disponível em: <http://viasantos.com/pense/arquivo/1327.html>).

¹⁹² Para Krishnamurti de Carvalho Dias, por exemplo: “[...] o espiritismo é Kardec, é a Codificação, não as fantasias e os equívocos de ninguém”. (Cf.: DIAS, Krishnamurti de Carvalho. *O Laço e o Culto*. É o espiritismo uma religião? Santos: DICEP, 1985. p. 30).

a honra do exame daqueles que pretendem dirigir as opiniões. Mas ela vem dos Espíritos, que absurdo! Ela mal merece um de seus olhares [...]. Façam, se o quiserem, abstração de sua origem. Suponham que este *livro* seja a obra de um homem e digam em sua alma e consciência se, após tê-lo *seriamente* lido, se encontram aí matéria para zombaria.¹⁹³

Ora, como primeiro passo, sugiro que nos apropriemos aqui dessa “licença” dada por Kardec – embora não me veja como um adversário do Espiritismo, nem mesmo tenha a pretensão de julgá-lo ou ridicularizá-lo – e façamos *abstração da origem* por ele atribuída à doutrina. Coloquemos, por um momento, esta informação entre parênteses, a fim de nos proporcionarmos uma leitura contextualizada, não apenas de *Le Livre des Esprits*, mas de toda a sua obra. Contudo, é necessário não perdermos de vista que, mesmo atuando como autor, Kardec tem seu trabalho influenciado por aquilo que acredita ser a orientação dos Espíritos. Diante desse quadro, tendo em vista a necessidade de preservar de um lado o caráter autoral da obra em questão, e de outro, a importância daquilo que Kardec, como autor, pensa a respeito de si e de sua obra, creio que podemos encontrar um ponto de mediação atribuindo-lhe o papel de *intérprete* que, em meio a inúmeras fontes de informação, constrói seu pensamento a partir de seus próprios pressupostos e os apresenta à crítica dos leitores.

E, mais uma vez, o próprio Kardec é quem nos autoriza a estratégia quando declara: “C’est de la comparaison et de la fusion de toutes ces réponses coordonnées, classées, et **maintes fois remaniées** dans le silence de la méditation, que je formai la première édition du Livre des Esprits qui parut le 18 avril 1857”.¹⁹⁴ Gostaria de chamar a atenção para a expressão em negrito e que tem sido comumente traduzida como “muitas vezes retocadas”. Esta não é uma tradução incorreta embora, a meu ver, ela enfraqueça o sentido original do verbo francês *remanier*. Em sua etimologia este verbo remonta a *manier* que tem o sentido primeiro de *manipular, tocar com as mãos*. Daí, o *Dictionnaire de l’Académie Française* [1835] definir *remanier* como: manipular novamente, reparar, modificar, refazer. Sendo assim, talvez, a maneira mais acertada de compreender o sentido da declaração de Kardec seja o seguinte: “Da comparação e da fusão de todas as respostas coordenadas, classificadas e, muitas vezes, reparadas (modificadas, refeitas) no silêncio da meditação, que eu formei a primeira edição do

¹⁹³ LE₂, p. 449: “Assurément si nous eussions présenté cette philosophie comme étant l’oeuvre d’un cerveau humain, elle eût rencontré moins de dédains, et aurait eu les honneurs de l’examen de ceux qui prétendent diriger l’opinion ; mais elle vient des Esprits ; quelle absurdité ! c’est à peine si elle mérite un des leurs regards [...]. Faites, si vous le voulez, abstraction de l’origine ; supposez que ce *livre* soit l’oeuvre d’un homme, et dites en votre âme et conscience si, après l’avoir lu *serieusement* vous y trouvez matière à raillerie”.

¹⁹⁴ KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 310. (Negrito meu)

Livro dos Espíritos, publicada a 18 de abril de 1857”. Com isso, não quero dizer que Kardec tenha modificado as comunicações que alega terem sido a matéria prima de sua obra. Ao menos não no sentido de uma deliberada falsificação do conteúdo das mesmas a fim de atender seus interesses pessoais. No entanto, há modificações.¹⁹⁵

Uma analogia, talvez, ajude a tornar mais claro o que tenho em mente. Quem quer que tenha tido em mãos um livro de história da filosofia deve ter notado que logo nos primeiros capítulos são apresentadas as doutrinas filosóficas dos chamados filósofos *pré-socráticos* ou *fisiólogos*. Como sabemos, não existe, a rigor, a doutrina filosófica de Tales de Mileto, ou de Heráclito de Éfeso, por exemplo. De fato, a maioria dos textos que dispomos desses pensadores é insuficiente para se afirmar a existência de tal doutrina. O que se tem são fragmentos (frases, pedaços de frases, às vezes, uma única palavra) citados ou parafraseados por outros autores e filósofos. Uma lista tão variada que inclui pensadores como o grego Aristóteles e o cristão e pai da Igreja Clemente de Alexandria; e tão extensa que cobre o período desde o século IV a.C. até o século VI d. C. Assim, se tomarmos Heráclito como exemplo, é preciso que se diga que não há o livro *Sobre a natureza*, a ele atribuído.¹⁹⁶ Nem sabemos ao certo se ele escreveu mesmo um livro; ou, em caso afirmativo, se era esse mesmo seu título. Aquilo que nos manuais de história da filosofia é apresentado como a doutrina de Heráclito é tão somente uma interpretação mais ou menos arbitrária dos fragmentos encontrados e catalogados.¹⁹⁷ Diante de tais fontes, diferentes interpretações podem ser estabelecidas, a depender da ordem em que os fragmentos são considerados ou organizados, ou dos pressupostos filosóficos assumidos na leitura dos mesmos.

Agora, se olharmos o *modus operandi* de Allan Kardec, tal como por ele mesmo descrito, veremos que se passa algo muito semelhante ao que acontece com os historiadores da filosofia no caso acima. Kardec, ao publicar suas obras insistiu que a doutrina não era sua,

¹⁹⁵ A comparação, por exemplo, das respostas atribuídas por Kardec aos Espíritos às perguntas que coincidem nas duas primeiras edições de *Le Livre des Esprits* oferece um rico material demonstrativo do trabalho interpretativo de Kardec. Da mesma forma, podem-se notar significativas modificações em importante comunicação registrada em dois de seus principais tratados, a saber: *Le Livre des Médiuns* [1861] e *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme* [1864]. Para uma discussão minuciosa das diferenças presentes nessa comunicação veja-se o Capítulo 4 desta tese.

¹⁹⁶ O título *Péri Physeos* (em grego) é um título genérico atribuído a grande parte das supostas obras dos pensadores gregos originários.

¹⁹⁷ No início do século XX, o helenista alemão Hermann Alexander Diels (1848-1922) publicou a obra *Os fragmentos dos pré-socráticos*, na qual colecionou os fragmentos dos chamados pré-socráticos e os classificou, após tê-los retirado das obras onde se encontravam citados ou parafraseados. Posteriormente, Walther Kranz (1884-1960) acrescentou um comentário interpretativo aos fragmentos catalogados por Diels. Esta obra tornou-se, desde então, referência para todos os trabalhos críticos e interpretativos da filosofia antiga. A classificação DIELS-KRANZ, tornou-se normativa para todas as referências aos fragmentos.

mas dos Espíritos. No entanto, a confiar ainda em seus relatos, como se dá esse procedimento de codificação da doutrina dos Espíritos? Ele tem fragmentos de ensinamentos que vêm de fontes diversas e tem de arbitrariamente *codificá-los*, ordená-los. E o faz. Nós não podemos verificar se essa interpretação é a mais adequada porque não temos acesso às fontes kardecianas (especificamente não temos acesso ao conteúdo bruto das comunicações por ele interpretadas). Em outras palavras: penso que afirmar a existência da *doutrina de Heráclito* nas interpretações dos fragmentos a ele atribuídos, e afirmar que existe uma *doutrina dos Espíritos* na interpretação das comunicações recebidas por Kardec, possui o mesmo grau de incerteza. No entanto, podemos falar com tranquilidade, por exemplo, da *interpretação* heideggeriana dos fragmentos de Heráclito.¹⁹⁸ Assim também, creio, podemos falar da *interpretação* kardeciana dos *ensinamentos dos Espíritos*. Ainda que nós mesmos não estejamos prontos para reconhecer a existência factual de Espíritos e da possibilidade de sua comunicação conosco, não vejo motivos para duvidar que Kardec tenha, em seu labor doutrinário, se debruçado sobre material bruto produzido por outrem.¹⁹⁹

Além disso, se tomarmos a folha de rosto da primeira edição de *Le Livre des Esprits* [1857], poderemos ver que ali aparece a seguinte descrição da obra: “Écrit sous la dictée et publié par l’ordre d’Esprits Supérieurs” (Escrito sob o ditado e publicado por ordem de Espíritos Superiores). Nas edições seguintes essa descrição é substituída por: “Selon l’enseignement donné par les Esprits supérieurs à l’aide de divers médiums. Recueillis et mis en ordre par Allan Kardec” (Segundo o ensinamento dado pelos Espíritos superiores através de diversos médiums. Recolhidos e postos em ordem por Allan Kardec). Ora, uma doutrina *ditada* por alguém difere muitíssimo de uma doutrina *segundo os ensinamentos* de alguém.

O que desejo demonstrar com este exemplo é que, entre 1857 e 1860²⁰⁰ a compreensão de Kardec sobre o tema se modificou: de uma doutrina *ditada*, e portanto, literalmente *dos* Espíritos; para uma crescente tomada de consciência do papel do *homem* em

¹⁹⁸ Cf.: HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*. A origem do pensamento ocidental. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998. (Trad.: Márcia Sá Cavalcante Schuback).

¹⁹⁹ Não cabe, no escopo desta investigação, adentrar na questão sobre quem, de fato e sob quais condições, teria produzido o material que se converteu em fonte primária para Kardec em seu trabalho como intérprete.

²⁰⁰ E, muito além dessa data, pois em 1868, Kardec afirmou: “[...] a Doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as consequências e aplicações. Em suma, *o que caracteriza a revelação espírita é o fato de ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem*”. (Cf.: KARDEC, Allan. *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme*. Quatrième Édition. Paris : A. Lacroix, Verbeockhoven et Cie., 1868).

sua elaboração. Um papel fundamental já que os ensinamentos que lhe serviram de fonte precisaram ser recolhidos e postos em ordem (comparados e fundidos; classificados e muitas vezes modificados, reparados, etc.), numa clara indicação de que, em seu estado bruto, eles seriam insuficientes – seja por sua diversidade, seja por suas ambiguidades ou divergências explícitas – para formar uma doutrina (um sistema coeso) de caráter filosófico (racional).

Diante disso, creio ser possível concluir pela posição de Kardec como intérprete do ensino dos Espíritos, e conseqüentemente, autor da doutrina espírita. Num caso como este, o intérprete torna-se autor, pois, não é o mero reproduzidor de suas fontes. Ao contrário, envolve-se num processo criativo a partir do qual a interpretação é ordenada segundo procedimentos de controle e auto-controle oriundos do próprio material a ser interpretado. É algo como se houvesse um “princípio popperiano” da interpretação, a partir do qual nem toda expectativa de sentido projetada pelo intérprete é possível de ser confirmada.²⁰¹ Chamo a isso *a materialidade do texto*, já que no texto-fonte encontra-se o limite *material* a partir do qual toda e qualquer interpretação possível é construída.²⁰²

E Kardec reconhece a *materialidade* de suas fontes. Ao relatar o processo que deu origem à primeira edição de *Le Livre des Esprits*, afirma que as comunicações permitiram provar a existência do mundo espiritual, bem como conhecer sua constituição e seus costumes, num processo semelhante ao que poderíamos chamar de uma *etnografia do mundo dos Espíritos*. Pois, segundo descrição do próprio Kardec, cada Espírito se convertera, em razão de sua posição pessoal e de seus conhecimentos, em uma fonte de informação; exatamente como se chega a conhecer um país ao se interrogar seus habitantes de todas as classes e de todas as condições. Cada um informando de alguma peculiaridade; mas, nenhum deles, individualmente sendo capaz de informar tudo o que é preciso saber; *cabendo, portanto, ao observador formar uma visão de conjunto, a partir dos documentos recolhidos por meio dos diversos testemunhos, cotejando-os, coordenando-os e os controlando uns por meio dos outros.*²⁰³ Em outras palavras: *ao observador caberia eliminar possíveis divergências e contradições em meio à diversidade de relatos disponíveis.* A Kardec coube

²⁰¹ O filósofo italiano Umberto Eco fala da *intentio operis* (a intenção do texto, da obra) que serviria como este “princípio popperiano” para distinguir entre uma boa e uma má interpretação. (Cf.: ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Ou ainda: _____. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995).

²⁰² É desnecessário dizer que essa “materialidade do texto” é uma metáfora para a imposição de limites de sentido dados pelo texto a partir dos quais algumas interpretações tornam-se possíveis e outras impossíveis.

²⁰³ Cf.: KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 350-351.

este papel de tentar sanar tais discrepâncias e gerar uma concordância de fundo, mais que de forma (como ele mesmo gostava de afirmar), e retirar daí uma doutrina que se pretende filosófica (racional). Então, parece-me natural, afirmar que Kardec tenha, neste processo, se convertido no autor da doutrina.

O segundo ponto de apoio que buscaremos na obra kardeciana, a fim de a contextualizarmos mais adequadamente, é a *periodização da história do Espiritismo*. Neste esforço, livros e artigos de Kardec que tratam dos objetos de preocupação específica do autor em determinados momentos, se constituem como verdadeiros marcos indicativos de mudanças que se operam no modo como ele encara a expansão da doutrina e o estabelecimento do Espiritismo, enquanto movimento, em âmbito mundial.

Também aqui, a ideia nos vem de Kardec. Foi ele quem, pela primeira vez em 1858, identificou *quatro fases de propagação do Espiritismo*²⁰⁴: (1) o *período da curiosidade*, marcado pela atuação dos Espíritos batedores e cujo objetivo era chamar a atenção das pessoas para a realidade dos fenômenos e preparar o caminho para o próximo período chamado de (2) *período de observação* ou *período filosófico*. Nesta segunda fase o Espiritismo teria se *aprofundado e purificado*; a doutrina apareceria unificada e se constituiria como ciência. A esses dois períodos, que Kardec acreditava já terem se realizado, acrescentam-se (3) o *período de admissão*, quando o Espiritismo conquistaria um *lugar oficial* entre as *crenças universalmente reconhecidas*; e, (4) o *período de influência sobre a ordem social*, quando: “[...] a humanidade, sob a influência dessas ideias, entrará em nova via moral”.²⁰⁵ Uma influência que, afirma Kardec, deixará de ser meramente individual e “[...] agirá sobre as massas para o bem geral”.²⁰⁶ Essa lista sofrerá alterações em alguns momentos da obra kardeciana.²⁰⁷ Em sua versão definitiva, no entanto, que apareceu no número de Dezembro de 1863 da *Revue Spirite*²⁰⁸, e que nos servirá de guia neste passo de nossa reflexão, Kardec fala em seis períodos para se compreender a propagação do Espiritismo. São

²⁰⁴ Cf.: RS, Sep/1858. *Propagation du Spiritisme*. p. 242: “On peut assigner à la propagation du Spiritisme quatre phases ou périodes [...]”.

²⁰⁵ Idem. Ibidem: “[...] l’humanité, sous l’influence de ces idées, entrera dans une nouvelle voie morale”.

²⁰⁶ Idem. Ibidem: “[...] elle agira sur les masses pour le bien général”.

²⁰⁷ Na *Conclusion* da segunda edição de *Le Livre des Esprits* os períodos são reduzidos a três: curiosidade; raciocínio e filosofia; e, aplicação e consequências. Assim como, também aparecerá nessa versão reduzida em outros momentos.

²⁰⁸ RS, Déc/1863. *Période de la lutte*. p. 377-388.

eles: (1) *de curiosidade*; (2) *filosófico*; (3) *período de luta*; (4) *religioso*; (5) *intermediário*; e, (6) *período de renovação social*.

Assim como no primeiro modelo, os dois períodos iniciais já teriam acontecido. O *período de curiosidade* foi caracterizado pelas mesas girantes. O seguinte, *filosófico*²⁰⁹, iniciou-se com o lançamento de *Le Livre des Esprits*. Este fato, segundo Kardec, teria produzido uma significativa modificação no modo como o Espiritismo passou a ser encarado. Se, no começo, durante o período anterior, os fenômenos eram vistos como mera fonte de diversão e de consultas fúteis aos Espíritos, desde a publicação do livro, se lhe entreviu novos horizontes e objetivos. Igualmente, seu rápido progresso e divulgação serviram como gatilho para disparar o início do terceiro período, de luta, iniciado em 1861 com o *Auto de fé de Barcelona*²¹⁰ e que Kardec crê vivenciar enquanto escreve, embora já anteveja seu fim próximo. O que acontecerá com o advento de um novo período, o religioso, *determinado* pelo anterior.

O lançamento do livro *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme*²¹¹, em Abril de 1864, marca a meu ver o início do período religioso. É, portanto, um texto de passagem, mediação. Contudo, não da mediação entre o período de luta, imediatamente anterior ao que se inaugura; mas, como em um arco, a obra liga o período filosófico ao período religioso do Espiritismo. Dessa forma, o período de luta aparece como um longo interstício de três anos [1861-1864] nos quais Kardec não publicou nenhum grande tratado. O foco de sua atividade literária voltou-se para a *Revue* que se tornou a tribuna de onde rebateu os adversários que se levantaram contra o Espiritismo, sobretudo, desde as fileiras da Igreja Católica. Além disso,

²⁰⁹ Como se tornará evidente mais tarde (Capítulo 2), por suas características peculiares e pelas obras que abrange, esse período deveria ser chamado mais propriamente de período *científico-filosófico*. Aliás, se compararmos as duas periodizações acima citadas veremos que, na primeira, este mesmo período aparece como período de *observação* ou *filosófico*. Para Kardec as duas coisas deveriam ser consideradas de modo inseparável, já que, a *filosofia espírita* será o resultado da *ciência espírita*.

²¹⁰ O Auto de Fé de Barcelona: episódio ocorrido em 9 de Outubro de 1861, quando o bispo de Barcelona mandou queimar em praça pública cerca de trezentos volumes espíritas que haviam sido encomendados a Kardec por Maurice Lachâtre, que então era livreiro naquela cidade.

²¹¹ Esta obra, esgotada ainda no primeiro ano de sua publicação, tornou-se raríssima com sua substituição pelas novas edições intituladas apenas *L'Évangile selon le Spiritisme*. A mudança ocorreu, segundo Kardec, por insistência do editor Didier e de outras pessoas (Cf.: KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 352). A terceira e definitiva edição data de 1866. Também segundo o autor ela foi objeto de amplo remanejamento, com uma classificação mais metódica e mais clara do conteúdo. Nunca houve, até onde se saiba, uma tradução da primeira edição para a língua portuguesa; e não foi encontrado qualquer original disponível nas Bibliotecas e arquivos eletrônicos consultados para o levantamento bibliográfico dessa pesquisa. Contudo, no ano de 1979 uma edição fac-similar da mesma foi publicada pela editora da Federação Espírita Brasileira (FEB) como parte de um projeto de revitalização dos estudos da obra kardeciana no Brasil, que, infelizmente, não seguiu muito adiante. Uma reprodução desta edição especial foi-me disponibilizada, graças a uma especial deferência da senhora Ana Prado, bibliotecária do Setor de Obras Raras da Biblioteca da FEB.

publica duas edições, a 3ª [1862] e a 4ª [1863] de *Qu'est-ce que le Spiritisme*²¹², livro breve, no qual Kardec retratou muitas das polêmicas nas quais se envolvia na defesa da doutrina.

Mas, como dizíamos, a *Imitation* é um livro de ligação entre o período científico-filosófico e o período religioso. Isso fica claro logo nas primeiras páginas da *Introduction*. Primeiro Kardec coloca Sócrates e Platão como precursores da *ideia cristã e do Espiritismo*. É interessante observar que os Espíritos desses dois filósofos, assinam os *Prolégomènes* da segunda edição de *Le Livre des Esprits* ao lado do Espírito de Verdade.²¹³ Em segundo lugar, Kardec procura, ainda que tardiamente, resolver a questão do método de pesquisa do Espiritismo com o estabelecimento das regras que compõem o *controle universal do ensino dos Espíritos*.²¹⁴ E, por fim, mas não menos importante, no Capítulo I desta obra, em que trata das três revelações²¹⁵, Kardec insere alguns parágrafos onde discute a *aliança da ciência e da religião* através do Espiritismo. Diz Kardec:

A ciência e a religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as leis do mundo moral. Contudo, *ambas tendo o mesmo princípio, que é Deus*, não podem se contradizer. Se elas são a negação uma da outra, necessariamente, uma estará errada e a outra terá razão, pois Deus não pode desejar destruir sua própria obra. A incompatibilidade que se acreditava existir entre essas duas ordens de ideias, provém de um defeito de observação e de um demasiado exclusivismo de uma e outra parte. Daí um conflito de onde nasceram a incredulidade e a intolerância. [...] A ciência e a religião não puderam se entender até hoje porque, cada uma encarando as coisas de seu exclusivo ponto de vista, se repeliam mutuamente. Havia a necessidade de algo que preenchesse o vazio que as separava, um traço de união que as reaproximasse. Tal traço de união está no conhecimento das leis que regem o mundo invisível e suas relações com o mundo visível. Leis tão imutáveis quanto aquelas que regulam os movimentos dos astros e a existência dos seres. Uma vez constatadas pela

²¹² Este livro teve sua primeira edição em 1859, e a segunda em 1860. As duas edições às quais nos referimos acima apresentam o texto revisado das duas primeiras e vários acréscimos em relação a elas. Além dessas, Kardec ainda publicou a 5ª, sobre a qual não temos muitas informações; a 6ª, que estabelece o texto definitivo, em 1865; e a 7ª e a 8ª em 1868.

²¹³ Conforme se verá, no Capítulo 4 desta tese, por algum tempo Kardec parece ter suspeitado que a entidade que se lhe apresentava como seu guia espiritual, sob o pseudônimo Espírito de Verdade, fosse Sócrates. A esta altura, contudo, o enigma da identidade do Espírito de Verdade parece ter-se resolvido para Kardec; neste livro de 1864, ele já parece convicto que, sob esse nome, encontra-se a personalidade de Jesus, o que torna o recurso à autoridade filosófica de Sócrates e Platão ainda mais significativo no sentido da interpretação que propomos aqui.

²¹⁴ No próximo Capítulo teremos ocasião de refletir mais detidamente sobre a questão do método aplicado à pesquisa espírita. Como veremos ali, nem *Le Livre des Esprits* nem *Le Livre des Médiuns* (que seriam os locais mais apropriados) tratam dessa questão. Por isso disse acima que, em 1864, Kardec toca nesse assunto, ainda que tardiamente.

²¹⁵ A *teoria das três revelações*, como a tenho chamado, é o núcleo do caráter religioso do Espiritismo. De acordo com Kardec, o Espiritismo seria a terceira revelação da lei de Deus; e viria esclarecer e completar os ensinamentos do Cristo, a quem coube protagonizar a segunda revelação. Por sua vez, a primeira seria a revelação dada a Moisés e que fundou o judaísmo. Sobre as implicações desta teoria veja-se o Capítulo 4 desta tese.

experiência essas relações, fez-se uma nova luz e o materialismo foi vencido. [...] O *espiritismo* é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo invisível e suas relações com o mundo visível. Ele no-lo mostra não mais como uma coisa sobrenatural, mas como uma das forças vivas e incessantemente atuantes da natureza. Como a fonte de um grande número de fenômenos incompreendidos até agora e, por essa razão, relegados ao domínio do fantástico e do maravilhoso. [...] O espiritismo é a chave com a ajuda da qual tudo se explica facilmente.²¹⁶

Aqui, como se vê, o próprio Espiritismo é apresentado como *um traço de união* que preencheria o vazio entre a ciência e a religião. Ele se estenderia, então, como um termo intermediário, entre os extremos representados por dois tipos distintos de conhecimento: o conhecimento das leis da matéria e os das leis morais, ou espirituais. É uma *science nouvelle* que abarcaria, em si, o que ciência e religião têm de melhor e, através de sua mediação, livraria ambas de suas limitações, e os colocaria novamente em diálogo.

E não é apenas isso, além de estabelecer o vínculo entre o período filosófico e o período religioso, o lançamento da *Imitation de l'Évangile* cria todo um programa de pensamento a ser desenvolvido em seus dois últimos tratados, a saber, *Le Ciel et l'Enfer selon le Spiritisme* [1865] e *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme* [1868]²¹⁷. Penso que esses dois livros consolidam as características do período em questão. E, no que

²¹⁶ KARDEC, ALLAN. *Imitation*, p. 5-6: “La science et la religion sont les deux leviers de l’intelligence humaine ; l’une révèle les lois du monde matériel et l’autre les lois du monde moral ; mais *les unes et les autres ayant le même principe, qui est Dieu* ne peuvent se contredire ; si elles sont la négation l’une de l’autre, l’une a nécessairement tort et l’autre raison, car Dieu ne peut vouloir détruire son propre ouvrage. L’incompatibilité qu’on a cru voir entre ces deux ordres d’idées tient à un défaut d’observation et à trop d’exclusivisme de part et d’autre ; de là un conflit d’où sont nées l’incrédulité et l’intolérance. [...] La science et la religion n’ont pu s’entendre jusqu’à ce jour parce que, chacune envisageant les choses à son point de vue exclusif, elles se repoussaient mutuellement. Il fallait quelque chose pour combler le vide qui les séparait, un trait d’union qui les rapprochât ; ce trait d’union est dans la connaissance des lois qui régissent le monde invisible et ses rapports avec le monde visible, lois tout aussi immuables que celles qui règlent le mouvement des astres et l’existence des êtres. Ces rapports une fois constatés par l’expérience, une lumière nouvelle s’est faite : la foi s’est adressée à la raison, la raison n’a rien trouvé d’illogique dans la foi, et le matérialisme a été vaincu. [...] Le *spiritisme* est la science nouvelle qui vient révéler aux hommes, par des preuves irrécusables, l’existence et la nature du monde invisible et ses rapports avec le monde visible ; il nous montre, non plus comme une chose surnaturelle, mais comme une des forces vivas et incessamment agissantes de la nature, comme la source d’une foule de phénomènes incompris jusqu’alors et rejetés, par cette raison, dans le domaine du fantastique et du merveilleux. [...] Le spiritisme est la clef à l’aide de laquelle tout s’explique avec facilité”.

²¹⁷ Este *programa*, como o tenho chamado, aparece logo no primeiro parágrafo da *Introdução* da obra de 1864. Ali, Kardec divide as “matérias contidas nos Evangelhos”, primeiro em quatro partes: os atos ordinários da vida do Cristo, os milagres, as predições e o ensino moral, na primeira edição. Depois, a partir da edição de 1866, acrescenta, às quatro acima, uma quinta: as palavras que serviram de base para o estabelecimento dos dogmas da Igreja. Se compararmos esta lista com os títulos das obras subsequentes de Kardec, bem como com seu conteúdo efetivo, notaremos que *Le Ciel et l'Enfer* é um crítica – um julgamento, como diria Herculano Pires – ao dogmatismo da Igreja; assim como *La Genèse, les Miracles et les Prédications* atenderia explicitamente a duas das cinco partes acima listadas. Assim como *L'Évangile selon le Spiritisme* teria atendido à consideração da parte moral do ensino do Cristo.

toca ao último, prepara ao mesmo tempo a concretização dos períodos finais previstos por Kardec.

Ao final de 1868, poucos meses antes de sua morte, penso que Kardec preparava-se para o lançamento de um novo marco que iniciaria o período intermediário, e que eu chamaria, seguindo ideia dada pelo próprio Kardec, de *período de organização do Espiritismo*. Este período, marcado pelo projeto de *institucionalização do movimento espírita mundial*, tem na *Constitution Transitoire du Spiritisme*²¹⁸ seu primeiro esboço. O objetivo primário desse período seria a *unificação do movimento espírita mundial* e sua *organização* em vários níveis. Infelizmente, no ano seguinte, a morte interromperia os planos de Kardec que nunca pôde ver suas predições realizadas. Com sua morte o plano de *unificação* nunca foi cumprido.²¹⁹ E, talvez, nem mesmo o fosse se ele tivesse permanecido vivo mais alguns anos. As diferenças entre o Espiritismo, por ele fundado, e seus pares no Moderno Espiritualismo eram grandes demais para que se formasse algo como uma *liga espírita mundial* com sede em Paris, como ele parecia desejar. Por mais que Kardec tenha se esforçado para minimizar tais diferenças em função de seu projeto.

Embora não tenha visto aproximar-se o último período por ele previsto, e que expressa o objetivo máximo, a utopia espírita *par excellence*, Kardec nos legou uma descrição vívida do mesmo:

Nesta época todos os obstáculos à nova ordem de coisas desejada por Deus para a transformação da terra terão desaparecido. A geração que se levanta, imbuída de novas ideias, estará na plenitude de sua força e preparará a via daquela que inaugurará o triunfo definitivo da união, da paz e da fraternidade entre os homens unidos numa mesma crença pela prática da lei evangélica. Assim se verificarão as palavras do Cristo, uma vez que todas devem se cumprir, e algumas se cumprem neste momento, pois os tempos preditos chegaram. Mas será em vão que, tomando a figura pela realidade,

²¹⁸ RS, Déc/1868.

²¹⁹ Conforme o previsto (Cf.: KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 334-336; 344-345), Kardec morreu sem completar sua missão. Com base nessas mesmas previsões, em épocas distintas, várias *reencarnações* de Kardec foram constadas. Léon Denis, por exemplo, no *Prefácio* que escreveu em 1927 para a *Biografia de Allan Kardec* de Henri Sausse, afirmou: “Allan Kardec morreu em 1869. Disseram que ele havia reencarnado no Harvre em 1897, o que não é verdade. De fato, por que um Espírito de sua envergadura iria aguardar trinta anos para revelar suas faculdades e a missão providencial de que estava investido?” (In: Henri SAUSSE. *Biografia de Allan Kardec*. op. cit. p. 13-14). Mais recentemente, após a morte de Francisco Cândido Xavier [1910-2002], alguns membros do movimento espírita começaram a reivindicar para este, que foi o mais famoso médium brasileiro, o “título” de reencarnação de Kardec. A esse respeito, sugiro a leitura do livro de OLIVEIRA, Weimar Muniz de. *A volta de Allan Kardec*. Goiânia: FEEGO, 2008.

vocês procurarão sinais no céu. Tais sinais estão ao seu lado e surgem de todas as partes.²²⁰

Em complemento a essa descrição, deve ser lida toda a parte dedicada às *previsões segundo o Espiritismo* de seu último livro. Principalmente o Capítulo XVIII, intitulado *Les temps sont arrivés*, verdadeiro testamento espiritual de Kardec para o movimento espírita.

Todas essas questões, até aqui apenas mencionadas brevemente, serão a seu tempo desenvolvidas com maior profundidade. O que procurei mostrar nesse momento, no entanto, é base fundamental para essas futuras considerações: a obra kardeciana, produzida ao longo de doze anos, é uma construção feita e refeita aos poucos. Kardec não é apenas, como intérprete dos Espíritos, alguém que toma nota de uma doutrina pronta que lhe é ditada integralmente. Ao contrário, seu trabalho criativo é proeminente a ponto de podermos declará-lo *autor* e não apenas *secretário* dos Espíritos. Além disso, através das diversas interações que estabelece, seja no seio do próprio movimento espírita, seja na interação com elementos e instituições sociais como a Igreja e as Academias Científicas, por exemplo, sutis modificações vão se infiltrando na percepção que Kardec tem de sua própria obra. Conceitos serão revistos ao longo dos anos, alguns completamente modificados, principalmente aqueles que dizem respeito ao caráter religioso do Espiritismo. Muitas dessas modificações passarão despercebidas por seus intérpretes porque convivem pacificamente com as concepções mais antigas. Por exemplo: frente às críticas recebidas pelo conceito de *Espírito*, tal como enunciado em *Le Livre des Esprits*, sutis correções serão acrescentadas em obras posteriores. No entanto, nenhuma correção foi inserida na conceituação original naquele livro específico. Em nenhuma das doze edições que Kardec preparou e lançou de sua obra capital sequer uma nota foi adicionada a esse respeito, nenhum artigo foi publicado na *Revue* a fim de esclarecer

²²⁰ RS, Déc/1863. *Organisation du Spiritisme*. p. 379: “A cette époque, tous les obstacles au nouvel ordre de choses voulu par Dieu pour la transformation de la terre auront disparu ; la génération qui s’élève, imbue des idées nouvelles, sera dans toute sa force, et préparera la voie de celle qui inaugurerá le triomphe définitif de l’union, de la paix et de la fraternité entre les hommes confondus dans une même croyance par la pratique de la loi évangélique. Ainsi seront vérifiées les paroles du Christ, qui toutes doivent recevoir leur accomplissement, et dont plusieurs s’accomplissent à cette heure, car les temps prédits sont arrivés. Mais c’est en vain que, prenant la figure pour la réalité, vous chercherez des signes dans le ciel ; ces signes sont à vos côtés et surgissent de toutes parts”.

o problema, e o conceito permaneceu na forma de seu primeiro enunciado.²²¹ Desse modo, sem o recurso da periodização que liga a expansão externa e institucional do movimento espírita à leitura contextualizada da obra kardeciana, correríamos o risco de perder nuances importantes do pensamento de Kardec que indicam o plano geral que o impulsionou a não se contentar com a mera publicação de um livro, mas a dedicar completamente toda a sua vida a uma missão espiritual de alcance mundial.

Enfim, trata-se de interpretar a obra de Allan Kardec a partir dos conceitos de ciência, filosofia e religião tais como nela se encontram e tais como são relacionados pelo autor à doutrina por ele criada. A fim de cumprir este objetivo, os próximos três Capítulos tematizarão cada um desses conceitos a partir do quadro de periodização anteriormente apresentado. É minha convicção que Kardec, influenciado pela mentalidade positivista de sua época, tenha pensado cada um desses períodos como etapas de “[...] uma evolução necessária, no sentido de que os vários estágios e momentos têm de ser preenchidos necessariamente, e como uma evolução linear que implica sempre a superposição, o melhoramento, mas jamais rupturas, revoluções”.²²² E, neste sentido, penso ser tal periodização comparável à *lei dos três estados* proposta por Auguste Comte, haja vista que para esse filósofo:

A história é vista [...] como um conjunto de fases imóveis em si mesmas, que num contínuo se substituem umas às outras, de forma que cada estágio é superior ao anterior, decorrência necessária deste e preparação, também necessária, para o próximo estágio, até que se chegue, finalmente, ao estado superior.²²³

²²¹ Refiro-me, aqui, à polêmica iniciada por Émile Deschanel com a publicação de seu artigo *La Doctrine Spirite* no *Feuilleton du Journal des Débats* em seus números de 15 e 29 de novembro de 1860. O autor deste artigo provoca Kardec ao apontar uma contradição no conceito de Espírito enunciado em *Le Livre des Esprits*, especificamente na questão número 82 — onde se afirma que o Espírito não pode ser imaterial, mas de uma matéria “quintessenciada”; em outras palavras: o Espírito seria, em alguma medida, composto de matéria— o que abriria uma brecha para Deschanel afirmar que o Espiritismo é uma doutrina materialista. Não cabe aqui traçar o panorama completo da polêmica que provocará apenas uma resposta de Kardec na *Revue Spirite*, no número de março de 1861. No artigo *Petit bonhomme vit encore*, Kardec reafirmará que o Espiritismo é a antítese do materialismo, mas não fará qualquer menção a aparente contradição que Deschanel aponta em seu artigo. De forma indireta, o codificador voltará ao assunto em *Le Livre des Médiuns*, no quarto capítulo da primeira parte, ao tratar do que chama “o sistema da alma material”. Neste momento, ao invés de trabalhar criticamente o conceito de Espírito presente em seu tratado anterior, Kardec busca uma solução que não coloca em risco a definição anterior, que fora “revelada” por Espíritos Superiores, ao afirmar que este sistema que crê ser a natureza íntima da alma composta de matéria, não contrariaria nenhum dos princípios fundamentais da doutrina e que, portanto, seria indiferente ao espírita adotá-lo ou não. Mas, ele mesmo insiste que sua posição é que a natureza íntima da alma e o perispírito seriam distintas, e que, portanto, diferente da matéria. E declara: os Espíritos, em seu ensino, nunca teriam divergido quanto a isso.

²²² ANDERY, Maria Amália Pie Abib; SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. Há uma ordem imutável na natureza e o conhecimento a reflete: Auguste Comte (1798-1857). In: ANDERY, Maria Amália; et al. *Para compreender a ciência*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 376.

²²³ Idem. *Ibidem*. p. 377.

Minha leitura é que, de fato, os seis períodos da história do Espiritismo, podem ser resumidos em apenas três realmente significativos ou principais: os períodos científico-filosófico, religioso e de renovação social. Os demais – curiosidade, luta e intermediário – teriam caráter meramente preparatório ou de transição para a concretização dos primeiros. Desse modo, para Kardec, assim como para Comte, a história percorreria um caminho determinado “[...] no sentido de que cada estado leva a outro e no sentido de que seu fim está, também, estabelecido desde o princípio”.²²⁴ Contudo, diferentemente de Comte, Kardec vê nessa predeterminação a ação da Providência e de seus enviados, os Espíritos superiores. Mas, disso trataremos quando for o momento adequado.

Os dois próximos Capítulos terão como foco, respectivamente, os chamados *aspectos científico e filosófico do Espiritismo*. No primeiro deles [Capítulo 2] analisaremos o conceito de *ciência espírita* tal como podemos encontrá-lo na obra kardeciana e em suas raízes positivistas. No Capítulo seguinte [Capítulo 3] nos voltaremos para a análise do próprio *corpo doutrinário* que, conforme veremos, é para Kardec o principal resultado de suas pesquisas científicas. Do ponto de vista da periodização essas análises têm como referência o período *científico-filosófico*. Embora nosso trabalho não vá ficar restrito necessariamente às obras nele publicadas, como se verá, grande parte de nossas discussões se desenvolverá em torno aos dois grandes tratados que a meu ver sintetizam o pensamento de Kardec neste período: *Le Livre des Esprits*, principalmente a edição de 1860; e, *Le Livre des Médiums*, a segunda edição de 1862.

²²⁴ Idem. Ibidem. p. 376.

CAPÍTULO 2

O ESPIRITISMO COMO CIÊNCIA POSITIVA

A partir do que foi dito anteriormente, poderíamos afirmar que os dois próximos capítulos desta tese formam um *continuum* dentro do período *científico-filosófico*. Como vimos, ao discutir os modos como Allan Kardec descreve a identidade do Espiritismo em sua obra, muito mais fácil seria atribuímos à sua doutrina um *duplo aspecto* científico-filosófico, do que um *tríplice aspecto* científico-filosófico-religioso. Mas, como vimos também, o caminho fácil não parece ser o mais indicado para nossas reflexões. Apesar disso, gostaria de aproveitar a possibilidade de pensarmos, ainda que hipoteticamente, que os chamados aspectos científico e filosófico perfaçam um único aspecto a ser considerado a partir de agora, neste e no próximo capítulo. Minha proposta não se afasta, penso eu, daquilo que é a compreensão mesma de Kardec, pois é ele quem afirma categoricamente que “a ciência espírita compreende duas partes: uma experimental sobre as manifestações em geral, a outra filosófica sobre as manifestações inteligentes”.²²⁵ Por isso, a partir de agora, quando nos referirmos ao conceito de *ciência*, ou ao conceito de *filosofia*, ligando-os ao Espiritismo, não estaremos nos referindo aos anteriormente chamados aspectos científico e filosófico. Antes estaremos fazendo referência àquilo que Kardec chamou de *partes da ciência espírita*: por *ciência* entenderemos propriamente a parte *experimental*, e por *filosofia* aquela que se fundaria sobre as *manifestações inteligentes*.

Ora, no âmbito deste *duplo aspecto científico-filosófico*, o conceito de *ciência* parece possuir sobre o conceito de *filosofia*²²⁶ o que tenho chamado de *precedência epistemológica*. Pois, segundo Aécio Pereira Chagas, aquilo que estamos aqui denominando como *ciência espírita*, teria permitido estabelecer o fundamento lógico da *filosofia espírita*.²²⁷ Isso parece indicar que, no contexto da obra kardeciana, a *ciência espírita* daria à *filosofia espírita* sua

²²⁵ LE2. p. XXXIX: “La science spirite comprend deux parties: l’une expérimentale sur les manifestations en général, l’autre philosophique, sur les manifestations intelligentes. Quiconque n’a observé que la première est dans la position de celui qui ne connaîtrait la physique que par des expériences récréatives, sans avoir pénétré dans le fond de la science. La véritable doctrine spirite est dans l’enseignement donné par les Esprits [...]”.

²²⁶ E, como veremos posteriormente, também sobre o conceito de *religião*.

²²⁷ Segundo este autor: “O espiritismo é uma doutrina com aspectos científicos, filosóficos e religiosos, sendo que o primeiro, o fundamental, permitiu o estabelecimento lógico dos outros dois”. CHAGAS, Aécio Pereira. *Introdução à Ciência Espírita*. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004. p.9.

raison d'être e sua validade. O que significaria, na prática, que esta precisaria ter seus postulados metafísicos confirmados por alguma espécie de *ciência empírica* ou *positiva*. Embora se possa questionar o acerto dessa visão, pois ela parte de um pressuposto, a meu ver, equivocado: filosofia não seria um saber autônomo, mas dependeria, *logicamente*, da ciência para se sustentar; creio que este seja o modo como Kardec hierarquiza as instâncias de saber aqui em questão. Como espero poder demonstrar, a partir de agora e no próximo capítulo desta tese, esta *precedência epistemológica*, e somente ela, justificaria adequadamente a descrição do Espiritismo como uma *filosofia livre do espírito de sistema*. Para isso, e por isso, iniciamos agora de uma tentativa de compreensão do conceito de *ciência espírita* tal como aparece na obra kardeciana.

Além disso, se, como veremos neste capítulo, Kardec atribuiu ao Espiritismo, em termos gerais da história das ciências, o lugar de uma nova ciência no quadro das *ciências positivas*; como vimos no Capítulo anterior, também o Espiritismo terá sua própria história de expansão. E, no âmbito desta micro-história, com a publicação de *Le Livre des Esprits* em 1857, ele teria deixado para trás o *período da curiosidade*, que teria começado com os fenômenos americanos envolvendo as irmãs Fox e a vulgarização das mesas dançantes na Europa e no restante do mundo, e entrado definitivamente em seu estágio *científico-filosófico*. Assim, após conquistar a atenção de inúmeras pessoas em diversos países, uma nova fase teria se iniciado a 18 de abril de 1857. Fase esta que, por sua vez, teria se estendido até 1861, quando da ocasião do auto de fé de Barcelona que iniciou o *período de luta*, que analisaremos depois.

Sendo assim, entre 1857 e 1861 teríamos, segundo Kardec, o segundo *período* da história do Espiritismo moderno. Esta é uma fase fecunda do pensamento kardeciano, bastante produtiva. Temos aí depois da publicação da primeira obra, em 1858 a fundação da *Revue Spirite* e da *Société Parisienne d'Études Spirites*, bem como a publicação da *Instruction Pratique sur les Manifestations Spirites*; em 1859 a publicação da primeira edição de *Qu'est-ce que le Spiritisme*; em 1860 a segunda e definitiva edição de *Le Livre des Esprits*, com o dobro do tamanho da primeira e totalmente reescrita; e, no ano seguinte, a publicação de outro grande tratado, *Le Livre des Médioms*, que substitui definitivamente a *Instruction Pratique*. Como podemos observar, o chamado *período científico-filosófico* cobre uma parte significativa da produção kardeciana. Este é o tempo da construção dos fundamentos teóricos

do Espiritismo. Nesta fase os dois grandes tratados – *Le Livre des Esprits* e *Le Livre des Médiuns* – são os marcos principais. O primeiro apresenta o corpo doutrinário completo, a *partie philosophique* da ciência espírita. O segundo, no dizer do próprio Kardec, apresenta a *partie pratique*, para aqueles que quisessem se ocupar das manifestações seja como médium, seja como observador ou evocador.²²⁸ Se o primeiro traz em sua folha de rosto a inscrição *Philosophie Spiritualiste* como que a definir sua natureza; o segundo trará do mesmo modo a insígnia de *Spiritisme Expérimental*.

Embora a chamada *parte filosófica* tenha aparecido primeiro, para Kardec ela é o resultado da *parte experimental*. Por isso, neste Capítulo trataremos primeiro dos elementos que compõem a *parte experimental deste aspecto científico-filosófico do Espiritismo*. De fato, os testemunhos de Kardec dão conta de que os dois livros – e, portanto, as duas partes da *ciência espírita* de que os livros tratam – foram trabalhados simultaneamente e, posteriormente, separados.²²⁹ Assim, portanto, deveremos nos ocupar em refletir qual é o conceito de ciência que se encontra em jogo na afirmação desta identidade científica da nova doutrina. Quais seriam os fatores comuns que autorizam o codificador a certeza de que o Espiritismo seja uma ciência? O que significa a declaração de que este seja uma ciência *nova*? Que ciência seria esta? E, simultaneamente: quais os fatores colocam o Espiritismo além do alcance das *ciências vulgares*, a ponto de seu criador poder afirmar que estas nada têm a dizer sobre ele? Como se daria, segundo Kardec, o jogo de complementaridade entre as ciências propriamente ditas e o Espiritismo? Estas são questões que devem ser respondidas a partir de agora.

2.1. O Espiritismo: uma *nova* ciência?

²²⁸ LM. p. VII.

²²⁹ A segunda edição de *Le Livre des Esprits* traz uma nota explicativa na qual se pode ler: “O ensino relativo às manifestações propriamente ditas, e aos médiuns, forma de alguma maneira, uma parte distinta da filosofia e pode ser objeto de um estudo especial. Tendo recebido, esta parte, desenvolvimentos muito consideráveis em consequência da experiência adquirida, acreditamos dever fazer dela um volume distinto, contendo as respostas *dadas sobre todas as questões relativas às manifestações e aos médiuns*, assim como de numerosas observações sobre o *espiritismo prático*. Esta obra formará a sequência ou o complemento do LIVRO DOS ESPÍRITOS” [Tradução minha]. No original: “L’enseignement relatif aux manifestations proprement dites, et aux médiums, forme en quelque sorte une partie distincte de la philosophie, et qui peut être l’objet d’une étude spéciale. Cette partie ayant reçu des développements très considérables par suite de l’expérience acquise, nous avons cru devoir en faire un volume distinct, contenant les réponses *données sur toutes les questions relatives aux manifestations et aux médiums*, ainsi que de nombreuses remarques sur le *spiritisme pratique* ; cet ouvrage formera la suite ou le complément du LIVRE DES ESPRITS” (LE₂, p. II).

A fim de principiarmos a responder tais questões, curiosamente, não iremos nos remeter aos primeiros escritos de Kardec sobre o tema, mas àquela obra que, segundo cremos, inaugura o período *religioso*. Como disse no Capítulo anterior, a publicação da *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme*, em 1864, parece ser o marco inicial de tal período. E, como afirmei também, em sua *Introdução* e em seu primeiro Capítulo, essa obra parece estabelecer um arco que liga o período que se inicia com o período *científico-filosófico*.²³⁰ Por causa disso, creio, uma definição mais precisa do conceito kardeciano de *ciência* deve começar, retroativamente, do que ali se determina. Kardec declara nesta obra que o Espiritismo é “[...] a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo”.²³¹ E mais, o Espiritismo nos mostraria tal mundo “[...] não mais como algo sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e atuantes da natureza; como a fonte de um conjunto de fenômenos incompreendidos até agora e rejeitados, por esta razão, ao domínio do fantástico e do maravilhoso”.²³² E, em Novembro do mesmo ano, em artigo na *Revue Spirite*, afirma:

[...] o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa; tem sua fonte nos fatos da própria Natureza, em fatos positivos, que se produzem a cada instante sob os nossos olhos, mas cuja origem não se suspeitava. É, pois, um resultado da observação; numa palavra, uma ciência: a ciência das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; ciência ainda imperfeita, mas que se completa todos os dias por novos estudos e que, tende certeza, ocupará o seu lugar ao lado das ciências *positivas*. Digo *positivas*, porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.²³³

²³⁰ Embora essa não seja exatamente a nomenclatura adotada por Kardec, conforme defendi nos parágrafos anteriores, ela parece descrever melhor o aspecto *científico-filosófico* impresso pelo autor em suas primeiras publicações.

²³¹ ES. p. 4-5: “Le *spiritisme* est la science nouvelle qui vient révéler aux hommes, par des preuves irrécusables, l’existence et la nature du monde spirituel, et ses rapports avec le monde corporel ; il nous le montre, no plus comme une chose surnaturelle, mais, au contraire, comme une des forces vives et incessamment agissantes de la nature, comme la source d’une foule de phénomènes incompris jusqu’alors et rejetés, par cette raison, dans le domaine du fantastique et du merveilleux”.

²³² Idem. Ibidem.

²³³ RS. Nov/1864. p. 323: “[...] le Spiritisme n’est point une conception individuelle, un produit de l’imagination ; ce n’est point une théorie, un système inventé pour le besoin d’une cause ; il a sa source dans le faits de la nature même, dans des faits positifs, qui se produisent à chaque instant sous nos yeux, mais dont on ne soupçonnait pas l’origine. C’est donc un résultat d’observation, une science en un mot : la science des rapports du monde visible et du monde invisible ; science encore imparfaite, mais qui se complète tous les jours par des nouvelles études et qui prendra rang, soyez-en convaincus, à côté des sciences *positives*. Je dis *positives*, parce que toute science qui repose sur des faits est une science positive et non purement spéculative”.

Dentro do projeto kardeciano tais afirmativas têm um significado especial que precisa ser esclarecido. Seguiremos, para tanto, nesta análise o seguinte percurso: primeiramente tentaremos compreender como, no entender de Allan Kardec, o Espiritismo se coloca diante das ciências de seu tempo e como se limita com elas. Conforme dito no Capítulo anterior, esta delimitação é de extrema importância para que, no entender de Kardec, o Espiritismo ganhe autonomia diante dos *corps savants*, embora, em certo sentido, precise deles para garantir seu *droit de cité* no campo intelectual francês do século XIX.

Em seguida veremos como, no contexto deste campo intelectual, o modelo comteano de classificação das ciências será fundamental para a afirmação do Espiritismo e de sua inserção no conjunto das *ciências psíquicas* (ou da psicologia). Por fim verificaremos como, diante da classificação comteana das ciências positivas, esta pretensa autonomia do Espiritismo se firma, no entender de Kardec, pelo advento do *período psicológico* do desenvolvimento das ciências.

2.1.1. O Espiritismo diante das *ciências positivas*:

Dissemos acima que Kardec afirma que o Espiritismo, sendo resultado da observação, é, pois, uma ciência: “[...] a ciência das relações entre o mundo visível e o mundo invisível [...]”. Uma ciência que “[...] ocupará o seu lugar ao lado das ciências *positivas*”, uma vez que “[...] toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa”.²³⁴

Ora, o positivismo, mais do que meramente uma filosofia, “[...] representa amplo movimento de pensamento que dominou grande parte da cultura europeia, em suas manifestações filosóficas, políticas, pedagógicas, historiográficas e literárias [...], de cerca de 1840 a até quase as vésperas da Primeira Guerra Mundial”.²³⁵ Um movimento que, tendo como representantes mais significativos pensadores como Auguste Comte [1798-1857], na França; John Stuart Mill [1806-1873] e Herbert Spencer [1820-1903], na Inglaterra; Jakob Moleschott [1822-1893] e Ernst Heckel [1834-1919], na Alemanha; Roberto Ardigò [1828-1920], na Itália; acaba por situar-se em meio a tradições culturais diversas. Na França,

²³⁴ RS. Nov/1864. p. 323.

²³⁵ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. Do Romantismo até nossos dias. Volume III. 7ª Ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 295.

o positivismo inseriu-se no racionalismo, que se estende de do pensamento de Descartes até o Iluminismo.

[...] na Inglaterra, se desenvolveu inserindo-se na tradição empirista e utilitarista e, em seguida, entrelaçando-se com a teoria darwiniana da evolução; na Alemanha, assume a forma de cientificismo e de monismo materialista; na Itália, com Ardigò, aprofunda suas raízes no naturalismo renascentista, embora dê seus maiores frutos, dada a situação social da nação recém-unificada, no campo da pedagogia e também da antropologia criminal.²³⁶

Contudo, embora haja toda esta diversificação, pode-se considerar o movimento positivista a partir de traços ou características comuns a todos os seus segmentos, as quais podem ser resumidas em três aspectos fundamentais. A consideração atenta destes aspectos demonstrará que Allan Kardec vive e pensa a partir de uma *mentalidade positivista* presente no *esprit du temps* do século XIX, imprimindo, contudo, um rumo inesperado ao último deles.

Em primeiro lugar é preciso destacar o *primado da ciência e do método científico*: conhecemos somente aquilo que as ciências nos dão a conhecer, pois o *único método de conhecimento é o das ciências naturais*, o qual prima pela *identificação das leis causais e seu domínio sobre os fatos* e não se aplica somente ao estudo da *natureza*, mas também ao estudo da sociedade. A sociologia é, portanto, considerada a ciência dos *fatos naturais* que são as relações humanas e sociais. Por isto faz parte do programa filosófico positivista e é seu fruto qualificado.

O positivismo não apenas afirma a unidade do método científico e o primado desse método como instrumento cognoscitivo, mas também exalta a ciência como o único meio em condições de resolver, ao longo do tempo, *todos os problemas humanos e sociais* que até então haviam atormentado a humanidade.²³⁷

Conforme se verá, ainda neste Capítulo, e como afirma Herculano Pires, Kardec, “formado na tradição cultural do Século XVIII, herdeiro de Francis Bacon, René Descartes e Rousseau, compreendeu claramente que o problema do seu tempo repousava na questão do método”.²³⁸

²³⁶ Idem. Ibidem. p. 296.

²³⁷ REALE; ANTISERI. op. cit. p. 297.

²³⁸ PIRES. *A Pedra e o Joio*. op. cit. p. 18.

De fato, “esse problema se resumia no seguinte: a cultura clássica, religiosa e filosófica, desabava ao impacto do desenvolvimento das Ciências, sem a menor capacidade para enfrentar o realismo científico e salvar os seus próprios valores fundamentais”.²³⁹ Por isso, ao se deparar com os fenômenos das mesas que giravam, dançavam e falavam, o codificador afirmará a necessidade de “[...] ser positivista e não idealista [...]”²⁴⁰, para não se deixar iludir.

Em seguida, como segunda característica do positivismo, vem a *certeza do progresso irrefreável* que marca a *era do positivismo*. Um progresso que, às vezes, é visto como fruto da engenhosidade e do trabalho humano, e, por vezes, ao contrário, encarado como necessário e automático, ou *natural*; rumo a condições melhores de vida. Conforme se tornará patente, ao longo deste trabalho, tal certeza do progresso para Kardec se dará por um duplo movimento: 1) o progresso do homem – individual e socialmente – se dá por seu esforço nos sentidos do progresso moral e intelectual; 2) mas, paralelamente, acompanha a lei geral do progresso a que toda natureza se submete. É curioso observar como também para Kardec a marcha do progresso não pode ser contida. O melhor exemplo disto é a crença de que os indivíduos que não acompanharem o fluxo do progresso do planeta serão exilados para planetas inferiores na escala geral do progresso. Mas, mesmo os recalcitrantes, em algum momento, deverão se render ao fluxo do progresso. O progresso é, pois, uma *lei natural* da qual ninguém pode escapar.

Por fim, é preciso que se destaque o fato de que “a ‘positividade’ da ciência leva a mentalidade positivista a combater as concepções idealistas e espiritualistas da realidade, concepções que os positivistas rotulavam como metafísicas [...]”²⁴¹ Como assinalamos acima, esta última característica do movimento positivista, assim formulada, não pode ser aplicada ao pensamento de Kardec. Contudo, através da defesa da tese de que o Espiritismo amplia os domínios da ciência em *Qu’est-ce que le Spiritisme*²⁴², Kardec parece tentar abrir uma nova perspectiva de debate: segundo nosso autor, nega-se a realidade do princípio espiritual e dos fenômenos espíritas por uma falsa noção de que estes sejam algo de *sobrenatural*. Ora, partindo do axioma eminentemente positivista: *o sobrenatural não existe*; Kardec pretenderá

²³⁹ Idem. Ibidem.

²⁴⁰ KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 350.

²⁴¹ REALE; ANTISERI. op.cit., p. 298.

²⁴² Afirma Kardec que o Espiritismo “[...] ampliou [...] o domínio da ciência, é nisto que ele mesmo é uma ciência”. [Tradução minha]. No original: “[...] élargit [...] le domaine de la science, c’est en cela qu’il est lui-même une science [...]”. (QS. p. 28-29).

estabelecer, segundo minha percepção, algo como um *positivismo espiritualista*, no qual o método positivo possa ser aplicado também às *coisas metafísicas*.

Ao sustentar essa hipótese, no entanto, coloco-me na contramão do que defende Dora Incontri, uma das principais intérpretes do pensamento kardeciano da atualidade. Segundo a pesquisadora, em seu livro *Para entender Allan Kardec*, “quando Kardec pretende ter evidenciado a existência do espírito pela observação empírica dos fenômenos mediúnicos, ele o faz, não valendo-se dos moldes científicos de sua época, mas propondo uma **nova forma de ciência**”.²⁴³ De fato, no contexto desta declaração, indica-se a ideia de que ao afirmar o caráter científico do Espiritismo, Kardec o tenha feito, de certa forma, ultrapassando o modelo positivista de ciência, comum ao século XIX. Daí, a autora designar o Espiritismo kardeciano como uma *nova forma de ciência*, ou uma *ciência não-positivista*. Posteriormente, em *Pedagogia Espírita*, a autora esclarecerá melhor seu posicionamento:

Pela posição original de sua pesquisa, podemos interpretar a atitude de Kardec como a proposta de um novo paradigma (dentro do conceito de Kuhn), por lidar com uma nova ordem de fenômenos, constituir uma metodologia própria para interpretá-los e, afinal, por estar essa análise dentro de uma visão de mundo abrangente. Esse paradigma tem outros partidários nos séculos XIX e XX, mas ainda não alcançou o status de ciência oficial.²⁴⁴

Embora, em princípio, eu possa compreender a motivação da autora ao seguir o curso dessa interpretação – uma motivação apologética²⁴⁵ explicitamente assumida – é preciso nos questionarmos como seria possível conciliá-la com a afirmação categórica de Kardec, acima citada, em que nosso autor declara a vinculação inequívoca de seu trabalho e pesquisa ao modelo positivista de ciência.

Para Incontri, a crítica de Kardec à ciência de seu tempo, bem como sua recusa em se submeter aos pressupostos materialistas da mesma, que assinalamos acima, poderiam ser

²⁴³ INCONTRI. *Para entender Allan Kardec*. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004. p. 57. Negrito meu.

²⁴⁴ INCONTRI. *Pedagogia Espírita...* op. cit. p. 58.

²⁴⁵ INCONTRI. *Para entender Allan Kardec*. op. cit. p. 18. Por *motivação apologética* compreendo aqui a preocupação legítima de validar do Espiritismo para a contemporaneidade, não permitindo que ele seja *reduzido* a um mero produto de seu tempo. Em certo sentido, a apologia assim compreendida mostra-se como uma atualização do pensamento de Kardec, já que Incontri pretende substituir a referência à epistemologia positivista pela epistemologia kuhniana, supostamente mais adequada para se definir o que seria uma ciência. A meu ver, contudo, tal tentativa não faz jus ao pensamento original de Kardec. E, embora, a autora pretenda atribuir ao fundador do Espiritismo as intuições primárias que fundariam um novo paradigma científico, esta leitura só se sustentaria a partir de uma leitura parcial da obra kardeciana. Ampliar o escopo dessa discussão é um dos objetivos desta minha crítica.

tomadas como evidência de seu distanciamento do modelo positivista. No entanto, parece-me, isso reduziria a epistemologia positivista quase exclusivamente à recusa de seus proponentes e defensores em tratar de temas metafísicos, o que seria simplificar demasiadamente as coisas. É certo que, por sua ênfase nos fatos, na empiria e no método indutivo, o positivismo viu-se forçado a considerar que *objets métaphisicos* estivessem fora do escopo da ciência. E, claro, Kardec discorda disso. Contudo, haveria ainda outras duas características do pensamento positivista que o codificador partilharia em grande medida: a confiança na ciência e no método científico, e a crença na ideia do progresso irrefreável.

Podemos verificar, contudo, a força da influência da mentalidade positivista no pensamento de Kardec, a partir da leitura do texto que se tornou o *locus* clássico de sua crítica à ciência, tal como praticada pelas corporações científicas em sua época: a *Introduction à l'étude de la doctrine spirite*.²⁴⁶ Neste ensaio, após apresentar “[...] a série progressiva de fenômenos que deram origem a esta Doutrina [...]”²⁴⁷, e de descrever “[...] em poucas palavras os pontos mais importantes [...]”²⁴⁸ da mesma; Kardec se dispõe a analisar as objeções que se levantavam contra o Espiritismo.²⁴⁹ Nosso autor começa afirmando que, para muitos, a oposição das corporações científicas é, se não uma prova, ao menos um forte motivo de presunção contrária ao Espiritismo. Quanto a isso, declara: embora não desdenhe a opinião dos sábios, considera que essa opinião “[...] não pode representar, em todas as circunstâncias, uma sentença irrevogável”²⁵⁰, uma vez que “desde que a ciência sai da observação material dos fatos e trata de os apreciar e explicar, o campo está aberto às conjecturas. Cada um constrói seu sistemazinho, que deseja fazer prevalecer e o sustenta com obstinação”.²⁵¹

Para Dora Incontri, nessa passagem, Kardec estaria atenuando o cientificismo, quando aplicado ao Espiritismo, ao reconhecer o papel da “subjetividade humana na apreensão da ciência”.²⁵² No entanto, a meu ver, a declaração do codificador deveria ser lida antes como uma crítica ao subjetivismo praticado por alguns dentre os *sábios* membros das corporações científicas e que acabaria por afastar a ciência de seu caráter verdadeiramente

²⁴⁶ LE₂. p. III-XL.

²⁴⁷ LE₂, p. VII-X.

²⁴⁸ LE₂. p. XIV-XIX.

²⁴⁹ LE₂. p. XIX.

²⁵⁰ Idem. Ibidem: “[...] leur opinion ne saurait être en toutes circonstances un jugement irrévocable.”

²⁵¹ Idem. Ibidem. “Dès que la science sort de l’observation matérielle des faits, qu’il s’agit d’apprécier et d’expliquer ces faits, le champ est ouvert aux conjectures ; chacun apporte son petit système qu’il veut faire prévaloir et soutient avec acharnement.”

²⁵² INCONTRI. *Pedagogia Espírita...* op. cit. p. 56.

positivo. Se observarmos as linhas imediatamente posteriores à passagem acima, isso se tornará mais evidente. Kardec questiona: “Não vemos diariamente as opiniões mais contraditórias [...]” – fruto das conjecturas e do afastamento da observação material dos fatos – “[...] serem alternativamente preconizadas e rejeitadas, ora repelidas como erros absurdos e depois proclamadas como verdades incontestáveis?”.²⁵³ E acrescenta, quase como a responder ao impasse criado: “Os fatos, eis o verdadeiro critério de nossos julgamentos, o argumento sem réplica. Na ausência de fatos, a dúvida é a opinião do homem prudente”.²⁵⁴

Diante desse quadro, eu me pergunto: o que poderia haver de mais positivista? Pois, conforme afirmou Auguste Comte: “Todos os bons espíritos repetem, desde Bacon, que somente são reais os conhecimentos que repousam sobre fatos observados. Essa máxima fundamental é evidentemente incontestável, se for aplicada, como convém, ao estado viril de nossa inteligência”²⁵⁵, ou seja, após a chegada do espírito humano ao *estado positivo* de conhecimento. Em outras palavras, Comte encontra os fundamentos do conhecimento “[...] nos fatos, afirmando que o conhecimento científico é real porque parte do real, parte dos fatos tal como se apresentam e que, de resto, apresentam-se ao homem tal como são”.²⁵⁶ Por isso, é preciso, segundo este autor, reconhecer “[...] de agora em diante, como regra fundamental, que toda proposição que não seja estritamente redutível ao simples enunciado de um fato, particular ou geral, não pode oferecer nenhum sentido real e inteligível”.²⁵⁷ Se, até então, “a lógica especulativa [...] tinha consistido em raciocinar, de maneira mais ou menos sutil, conforme princípios confusos que, não comportando qualquer prova suficiente, suscitavam sempre debates sem saída”²⁵⁸, agora seria preciso circunscrever os esforços do conhecimento ao domínio “[...] da verdadeira observação, única base possível de conhecimentos verdadeiramente acessíveis, sabiamente adaptados a nossas necessidades reais”.²⁵⁹ Disso, “[...] de sua conformidade, direta ou indireta, com os fenômenos observados [...]”²⁶⁰, qualquer

²⁵³ LE₂. p. XIX: “Ne voyons-nous pas tous les jours les opinions les plus divergentes tour à tour préconisées et rejetées? Tantôt repoussées comme erreurs absurdes, puis proclamées comme vérités incontestables?”

²⁵⁴ Idem. Ibidem: “Les faits, voilà le véritable criterium de nos jugements, l’argument sans réplique ; en l’absence de faits, le doute est l’opinion du sage.”

²⁵⁵ COMTE. Curso de filosofia positiva. In: PESANDORES. *Auguste Comte*. São Paulo: Nov Cultura, 2000. p. 24.

²⁵⁶ ANDERY. Há uma ordem imutável... op. cit. p. 378.

²⁵⁷ COMTE. Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo In: PENSADORES. *Auguste Comte*. São Paulo: Nov Cultura, 2000. p. 76.

²⁵⁸ Idem. Ibidem.

²⁵⁹ Idem. Ibidem.

²⁶⁰ Idem. Ibidem.

tipo de conhecimento retiraria, seja qual for seu modo de proceder à descoberta de novos princípios – se racional ou se experimental, pouco importa –, sua verdadeira eficácia científica.

Assim, observando mais atentamente a crítica de Kardec às objeções das corporações científicas, parece-me que a mesma não trata de questionar a positividade do Espiritismo. Antes, o que me afigura é que o codificador esteja, com base nos princípios do pensamento positivista, colocando em questão o preconceito, a seu ver, injustificado dessas mesmas corporações em relação à *ciência espírita*. Em outras palavras, Kardec critica as corporações científicas, a partir de seus próprios pressupostos teóricos, por não aceitarem a cientificidade do Espiritismo. E, que pressupostos seriam esses?

Comte [...] não supõe que a mera acumulação de fatos leve à ciência e, fazendo o que acredita ser uma crítica ao empirismo, assume que os fatos acumulados, que são a base e a origem do conhecimento, só se transformam em conhecimento científico porque o homem os relaciona a hipóteses por meio do raciocínio. Assim, para ele, os fatos são acumulados pela observação, mas essa observação é submetida à imaginação, que permite relacionar tais fatos; relacioná-los para que estabeleçam as leis gerais e invariáveis a que estão submetidas. [...] O conhecimento científico é, portanto, para Comte, baseado na observação dos fatos e nas relações entre fatos que são estabelecidas pelo raciocínio. Essas relações excluem tentativas de descobrir a origem, ou uma causa subjacente aos fenômenos, e são, na verdade, a descrição das leis que os regem.²⁶¹

Assim, não se trataria da aplicação da imaginação para a formulação de hipóteses meramente especulativas. Antes, tais hipóteses surgiriam dos fatos e deveriam ser testadas pelos fatos. Ou, nas palavras do próprio Comte:

A pura imaginação perde assim, irrevogavelmente, sua antiga supremacia mental, e se subordina necessariamente à observação, de maneira a constituir um estado lógico plenamente normal, sem cessar, entretanto, de exercer, nas especulações positivas, ofício capital e inesgotável, para criar ou aperfeiçoar os meios de ligação definitiva ou provisória.²⁶²

Ora, a meu ver, isso não difere muito do que Kardec afirmou sobre como, ao afastar-se da observação material dos fatos, a ciência poderia perder-se em conjecturas e cada pesquisador

²⁶¹ ANDERY. Há uma ordem imutável... op. cit. p. 378-379.

²⁶² COMTE. Discurso... op. cit. p. 76

poderia, assim, defender seu *sistemazinho* encarnecidamente. E, de como apenas o retorno aos fatos poderia se constituir critério para o julgamento justo da verdade de cada um deles. Ou, ainda, como afirma em 1858: “Toda ciência deve basear-se em fatos, mas os fatos, por si sós, não constituem a ciência; ela nasce da coordenação e da dedução lógica dos fatos: é o conjunto das leis que os regem”.²⁶³ De resto, “quando surge um fato novo, que não tem relação com nenhuma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo, deve fazer abstração de sua ciência e dizer a si mesmo que se trata de um estudo novo, impossível de ser feito com ideias preconcebidas”.²⁶⁴

Desse modo, o limite que se impõe às *ciências vulgares* em relação à opinião que possam ter sobre o Espiritismo e que as tornam incompetentes para pronunciarem-se a respeito dele, seja positiva, seja negativamente, não se encontra, para Kardec, num modo supostamente diferente de fazer ciência. Antes, esse limite seria dado pelo objeto que se encontra sob análise e estudo nas diferentes *especialidades científicas*.

As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular à vontade; os fenômenos espíritas repousam sobre a ação de inteligências que têm vontade própria e que nos provam a todo instante não se acharem subordinadas ao nosso capricho. As observações, portanto, não podem ser feitas da mesma maneira; requerem condições especiais e um outro ponto de partida. Querer submetê-las a processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem.²⁶⁵

Ora, como acenamos anteriormente, é uma das características fundamentais do positivismo a defesa da unidade do método para todas as ciências. Tal característica pode gerar alguma confusão e nos levar a pensar que Kardec, por propor a existência de *uma nova ordem de fenômenos* e por se esforçar em *constituir uma metodologia própria para interpretá-los*²⁶⁶, estivesse propondo igualmente a saída do *paradigma positivista* em direção a uma *nova forma*

²⁶³ RE, Jan/1858. *Introduction*. p. 3: “Toute science doit être basée sur des faits; mais les faits seuls ne constituent pas la science; la science naît de coordination et de la déduction logique des faits; c’est l’ensemble des lois qui les régissent”.

²⁶⁴ LE₂. p. XXII.: “Lorsque surgit un fait nouveau qui ne ressort d’aucune science connue, le savant, pour l’étudier, doit faire abstraction de sa science, et se dire que c’est pour lui un étude nouvelle qui ne peut se faire avec des idées préconçues.”

²⁶⁵ LE₂. p. XX: “Les sciences vulgaires reposent sur les propriétés de la matière qu’on peut expérimenter et manipuler à son gré ; les phénomènes spirités reposent sur l’action d’intelligences qui ont leur volonté et nous prouvent à chaque instant qu’elles ne sont pas à notre caprice. Les observations ne peuvent donc se faire de la même manière ; elles requièrent des conditions spéciales et un autre point de départ ; vouloir les soumettre à nos procédés ordinaires d’investigation, c’est établir des analogies qui n’existent pas.”

²⁶⁶ Como parece ser o caso de Dora Incontri.

de ciência, ou a um novo paradigma científico. No entanto, é preciso compreender que a defesa positivista da *unidade de método* não significa a defesa de que todas as ciências devam seguir necessariamente os mesmos *procedimentos metodológicos de investigação*. Ao contrário, para Comte e para os positivistas

[...] procedimentos específicos são vistos como adaptados estreitamente aos objetos a que se referem. Assim, por exemplo, a química deve utilizar a experimentação, enquanto a biologia deve utilizar a comparação e a classificação. Essa unidade se refere, para Comte, à aplicação de procedimentos que levem à descoberta e descrição das leis que regem os fenômenos a partir dos fatos e do raciocínio que permitem relacioná-los segundo essas leis, a fim de alcançar um conhecimento positivo [...].²⁶⁷

Assim, ao reivindicar a peculiaridade dos procedimentos metodológicos na abordagem dos fenômenos mediúnicos, Kardec mais uma vez estaria criticando os cientistas de seu tempo que pretendiam avaliar este objeto de estudo sob o prisma de suas especialidades e com os procedimentos que lhes eram correspondentes. E, mais uma vez, estabelece suas críticas a partir do cânone positivista! Desse modo, ao que parece, haveria muito mais coisas que reforçam a inserção do pensamento kardeciano na mentalidade positivista de sua época, do que as que, supostamente, o levariam além dela. Sua intenção parece ter sido a de ampliar o paradigma científico de sua época, não através de uma *revolução científica* e da consequente *emersão de um novo paradigma*, mas, seguindo a lógica do progresso do conhecimento tal como defendida por Comte: pelo acúmulo de novas descobertas.

Se há, no entanto, um sinal de desconforto de Kardec em relação ao positivismo é o modo *a priori* segundo o qual os fenômenos mediúnicos teriam sido rejeitados pelas corporações científicas. Ao classificá-los como *sobrenaturais* essas corporações os teriam relegado ao limbo das superstições com as quais ninguém, em sã juízo, deveria se ocupar. E, quanto a isso, nosso autor se pronuncia taxativo:

O sobrenatural é aquilo que se encontra fora das leis da natureza. O positivismo, não admite nada fora de tais leis, mas, ele as conhece todas? Em todos os tempos, fenômenos cujas causas eram desconhecidas foram considerados sobrenaturais. Cada nova lei descoberta pela ciência fez recuar as fronteiras do sobrenatural. Pois bem, o espiritismo vem revelar uma nova lei segundo a qual a conversação com o Espírito de um morto repousa sobre

²⁶⁷ ANDERY. Há uma ordem imutável... op. cit. p. 385.

uma lei tão natural quanto aquela que a eletricidade permite estabelecer [uma conversação] entre dois indivíduos a cinco milhas de distância. Do mesmo modo os demais fenômenos espíritas. O espiritismo repudia, no que lhe concerne, todo efeito maravilhoso, ou seja, fora das leis da natureza. Ele não faz milagres nem prodígios, mas explica, em virtude de uma lei, certos efeitos tidos até agora como milagres e prodígios, e, por isso mesmo, lhes demonstra a possibilidade. Ele amplia, assim, o domínio da ciência, e é nisto que ele mesmo é uma ciência. Mas, a descoberta desta nova lei acarreta consequências morais. O código destas consequências o torna, simultaneamente, uma doutrina filosófica.²⁶⁸

E mais, não apenas Kardec insere o Espiritismo no *paradigma positivista*, mas admite que justamente o positivismo do século XIX torna possível a adoção do Espiritismo e que lhe franqueia, em parte, a rápida propagação que então experimentava.²⁶⁹

Contudo, pode-se ainda questionar: Kardec ao afirmar em 1864 que o Espiritismo seria “[...] a **ciência nova** que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo”²⁷⁰ não estaria acenando em direção a essa ideia de que a nova doutrina seria uma *nova forma de ciência*? Não seria possível, a partir desse trecho, sustentar a interpretação proposta por Dora Incontri? Pessoalmente não vejo como tal hipótese poderia ser demonstrada. A meu ver, o que Kardec parece querer indicar ao usar a expressão *science nouvelle* para referir-se ao Espiritismo é que este surge como uma *nova ciência* no quadro das *ciências positivas*; e não que Kardec pretendesse retirar o Espiritismo de sob a influência do modelo de ciência vigente no século XIX, marcado pelo positivismo. Esta leitura, proposta por Incontri, não me parece harmonizar com aquela outra declaração de nosso autor, anteriormente citada, segundo a qual o

²⁶⁸ QS, p. 28-29: “Le surnaturel est ce qui est en dehors des lois de la nature. Le positivisme n’admet rien en dehors de ces lois ; mais les connaît-il toutes ? Dans tous les temps, les phénomènes dont la cause était inconnue ont été réputés surnaturels ; chaque nouvelle loi découverte par la science a reculé les bornes du surnaturel ; eh bien ! le spiritisme vient révéler une nouvelle loi d’après laquelle la conversation avec l’Esprit d’un mort repose sur une loi tout aussi naturelle que celle que l’électricité permet d’établir entre deux individus à cinq cents lieues de distance ; et ainsi de tous les autres phénomènes spirites. Le spiritisme répudie, en ce qui le concerne, tout effet merveilleux, c’est-à-dire en dehors des lois de la nature ; il ne fait ni miracles ni prodiges ; mais il explique, en vertu d’une loi, certains effets réputés jusqu’à ce jour miracles et prodiges, et par cela même en démontre la possibilité. Il élargit ainsi le domaine de la science, c’est en cela qu’il est lui-même une science ; mais la découverte de cette nouvelle loi entraînant des conséquences morales, le code de ces conséquences en fait en même temps une doctrine philosophique”.

²⁶⁹ QS, p. 28 : “Eu vou mais longe, e digo que é precisamente o positivismo do século que faz adotar o espiritismo, e que é a ele, em parte, que se deve a sua rápida propagação; e não, como pretendem alguns, por causa de uma recrudescência do amor pelo maravilhoso e pelo sobrenatural. O sobrenatural desaparece diante da chama da ciência, da filosofia e da razão, tal como os deuses do paganismo desapareceram diante da luz do cristianismo” [Tradução minha]. No original: “Je vais plus loin, et je dis que c’est précisément le positivisme du siècle qui fait adopter le spiritisme, et que c’est à lui qu’il doit en partie sa rapide propagation, et non, comme quelques-uns le prétendent, à une recrudescence de l’amour du merveilleux et du surnaturel. Le surnaturel disparaît devant le flambeau de la science, de la philosophie et de la raison, comme les dieux du paganisme on disparut devant la lumière du christianisme”.

²⁷⁰ ES, p. 4.

Espiritismo “[...] ocupará o seu lugar ao lado das ciências *positivas*”.²⁷¹ Ao contrário, parece-me que essa afirmação de Kardec, se coaduna melhor com tudo quanto foi dito até agora em nossa reflexão.

A seguir, pretendo demonstrar como Kardec pensa essa inserção do Espiritismo no quadro geral das *ciências positivas*. Isso, talvez, esclareça melhor o ponto de vista aqui defendido.

2.1.2. Comte e o problema concernente à psicologia

O positivismo certamente não se resume a Comte e à sua filosofia. Contudo, na França, este é o nome que mais se destaca nesta corrente de pensamento e pode ser identificado como “[...] o iniciador do positivismo francês, o pai oficial da sociologia e, em certos aspectos, o expoente mais representativo da orientação positivista do pensamento”.²⁷² Segundo a historiadora Sofia Vanni Rovighi, apesar de a expressão *filosofia positiva* já estar presente no pensamento de Saint-Simon²⁷³, é “[...] Comte quem faz dele um uso mais amplo”.²⁷⁴ Pois bem, em seu *Curso de Filosofia Positiva* [1830] Comte afirma que:

[...] o caráter fundamental da filosofia positiva é tomar todos os fenômenos como sujeitos a *leis* naturais invariáveis, cuja descoberta precisa e cuja redução ao menor número possível constituem o objetivo de todos os nossos esforços, considerando como absolutamente inacessível e vazia de sentido para nós a investigação das chamadas *causas*, sejam primeiras, sejam finais. [...] Cada um sabe que, em nossas explicações positivas, até mesmo as mais perfeitas, não temos a pretensão de expor as *causas* geradoras dos fenômenos, posto que nada mais fariamos então além de recuar a dificuldade. Pretendemos somente analisar com exatidão as circunstâncias de sua produção e vinculá-las umas às outras, mediante relações normais de sucessão e de similitude.²⁷⁵

²⁷¹ RS. Nov/1864.

²⁷² REALE; ANTISERI. op.cit., p. 298.

²⁷³ Claude-Henri de Rouvroy, conde de Saint-Simon (1760-1825), nascido em Paris, de família nobre. Lutou na guerra da independência americana e, em seguida, viveu no México e visitou a Holanda e a Espanha. De volta à França, simpatizou com a Revolução de 1789 e, em nome dos ideais revolucionários, renunciou ao título de nobreza. Embora tenha começado a escrever apenas aos quarenta e três anos de idade, sua produção é vasta e íntegra, ao lado de Charles Fourier (1772-1837) e Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), o quadro dos teóricos do socialismo crítico-utópico, que se constituiu, na França do início do século XIX, a vanguarda do socialismo pré-marxista. Tendo sido apresentado a Comte em 1817, aceitou-o como colaborador em seus periódicos, sem permitir, contudo, que este assinasse seu nome nos artigos. Esta relação foi rompida em 1824 quando Comte passou de discípulo e secretário a adversário do antigo mestre.

²⁷⁴ ROVIGHI, Sofia Vanni. O Positivismo. In: _____. *História da Filosofia Contemporânea*. Do século XIX à neoescolástica. São Paulo: Loyola, 2004. p. 119.

²⁷⁵ COMTE. *Curso de Filosofia Positiva*. op. cit. p. 26.

Desse modo, a filosofia positiva, “[...] considera impossível a redução dos fenômenos naturais a um só princípio (Deus, Natureza, ou outro equivalente). Segundo Comte, a experiência nunca mostra mais do que uma limitada interconexão entre determinados fenômenos”.²⁷⁶ Ao contrário, “cada ciência ocupa-se apenas com certo grupo de fenômenos irreduzíveis uns aos outros”²⁷⁷, e, como vimos, a única unidade a que o conhecimento pode chegar é a de método. Seja qual for o campo em questão “[...] uma idêntica metodologia produz convergência e homogeneidade de teorias”.²⁷⁸ Dessa maneira a filosofia não deve ser compreendida como “[...] o conjunto de todas as ciências, as quais, quanto mais progredem, mais exigem especialização, mas é o estudo das ‘generalidades científicas’”.²⁷⁹ Antes, consiste em “[...] metodologia da ciência, uma lógica das ciências, diríamos hoje uma epistemologia”²⁸⁰, uma *filosofia da ciência*.

Se pudermos resumir o sistema comteano, poderemos distinguir *três temas básicos* que procuram responder ao núcleo da filosofia de Comte, o qual se “[...] radica na ideia de que a sociedade só pode ser convenientemente reorganizada através de uma completa reforma intelectual do homem”.²⁸¹ Em primeiro lugar tem-se o desenvolvimento da uma *teoria da história*, cuja síntese é apresentada na célebre *lei dos três estados*. Em seguida, tem-se uma *fundamentação e classificação geral das ciências positivas*. E, por fim, a *fundação de uma sociologia ou física social*, cujo duplo objeto é a determinação da estrutura e dos processos de progresso da sociedade. A fim de atendermos as exigências deste trabalho de pesquisa será necessário analisar, neste momento, os dois primeiros dos temas básicos da filosofia comteana, a fim de compreendermos como o Espiritismo, tal como pensado por Allan Kardec se situa frente à problemática do conhecimento em geral e como se enquadraria, segundo ele, no espectro das ciências positivas.²⁸²

²⁷⁶ GIANNOTTI, José Arthur. Vida e Obra. In: COMTE, Auguste. *Auguste Comte*. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 10.

²⁷⁷ Idem. *Ibidem*.

²⁷⁸ Idem. *Ibidem*.

²⁷⁹ ROVIGHI. *op.cit.* p. 127.

²⁸⁰ Idem. *Ibidem*. p. 128.

²⁸¹ GIANNOTTI. *op.cit.*, p. 8.

²⁸² O último tema – a fundação da sociologia ou física social – deverá ser retomado quando formos tratar, no Capítulo 4 desta tese, do *espiritismo como religião*, pela afinidade deste tema com a problemática da reforma social proposta por Comte. Além da afinidade com esta problemática, veremos ainda como Kardec propõe sua própria teoria dos três estágios no que se refere ao espiritismo, a partir de uma analogia da teoria comteana da história e a teoria kardeciana das três revelações.

Uma vez que, segundo sua convicção, a filosofia positiva integra o quadro geral dos conhecimentos humanos como o coroamento de seus esforços, Comte anuncia, já na Primeira Lição de seu *Cours de Philosophie Positive* [1830], que “para explicar convenientemente a verdadeira natureza e o caráter próprio da filosofia positiva [...]”, torna-se indispensável ter, de início “[...] uma visão geral sobre a marcha progressiva do espírito humano, considerado em seu conjunto, pois uma concepção qualquer só pode ser bem conhecida por sua história”.²⁸³ Desta necessidade surge, então, a *lei dos três estados* como “[...] uma grande lei fundamental, a que se sujeita por uma necessidade invariável [...] o desenvolvimento total da inteligência humana em suas diversas esferas de atividade, desde seu primeiro voo mais simples até nossos dias”.²⁸⁴ Uma lei que “[...] parece poder ser solidamente estabelecida quer na base de provas racionais fornecidas pelo conhecimento de nossa organização, quer na base de verificações históricas resultantes de um exame atento do passado”.²⁸⁵ Tal lei, que consiste no fato de “[...] que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes” e representaria, portanto, o processo mediante o qual

[...] o espírito humano, por sua natureza, emprega sucessivamente, em cada uma de suas investigações, três métodos de filosofar, cujo caráter é essencialmente diferente e mesmo radicalmente oposto: primeiro o método teológico, em seguida, o método metafísico, finalmente, o método positivo. [...] Daí três sortes de filosofia, ou de sistemas gerais de concepções sobre o conjunto de fenômenos, que se excluem mutuamente: a primeira é o ponto de partida necessário da inteligência humana; a terceira, seu estado fixo e definitivo; a segunda, unicamente destinada a servir de transição.²⁸⁶

Como podemos notar aqui, para Comte, cada um dos três métodos – teológico, metafísico e positivo – são *métodos do filosofar*. Cada um deles originaria três diferentes sortes de *filosofias* ou “sistemas gerais de concepções sobre o conjunto dos fenômenos”. E, cada um destes métodos e de seus respectivos sistemas se desenvolveria numa lógica que vai do concreto ao abstrato, de um predomínio da faculdade imaginativa à faculdade racional abstrata. Comte estabelece ainda, com o fim de constatar a exatidão da lei dos três estados e

²⁸³ COMTE. Curso de filosofia positiva. p. 22.

²⁸⁴ Idem. Ibidem.

²⁸⁵ Idem, Ibidem.

²⁸⁶ Idem. Ibidem.

seus respectivos sistemas, alguns critérios ou motivos gerais que podem ser divididos em dois grupos: *critérios de observação direta*, seja da história geral das ciências (geral), seja da observação do desenvolvimento da inteligência individual (específico); bem como *critérios baseados em observações ou considerações teóricas*, como aquela que define como necessária a existência, em cada época, “[...] de uma teoria qualquer para ligar os fatos, necessidade combinada com a impossibilidade evidente, para o espírito humano em sua origem, de formar teorias a partir de observações”.²⁸⁷

Por outro lado, seu esquema de classificação das ciências funda-se no critério da simplicidade do objeto: indo do mais simples ao mais complexo. E igualmente ressalta, além desse critério lógico (ou dogmático como ele afirma), o critério histórico para fazer compreender como são constituídas as ciências. No entanto, os objetos mais simples são igualmente os mais gerais, e assim, as ciências que possuem objetos mais simples servem de fundamento para aquelas de objetos mais complexos. Desse modo, em sua classificação, Comte enumera pela ordem de importância, cinco ciências: astronomia, física, química, fisiologia e sociologia. Todas elas ciências naturais que, desde Descartes e Newton, se assentariam sobre a matemática, a mais geral de todas as ciências.

Não haveria, como se vê neste esquema comteano de classificação das ciências, espaço para a psicologia. Tradicionalmente entendida como um discurso filosófico acerca da alma, para Comte, assim como para Kant antes dele²⁸⁸, é impossível para a psicologia sair do âmbito metafísico-especulativo rumo ao de uma ciência com pleno direito de cidadania, uma vez que o objeto desta não existiria como um fato observável. Ora, segundo Comte “[...] o estudo da filosofia positiva [...]” seria “[...] o único verdadeiro meio racional de pôr em evidência as leis lógicas do espírito humano [...]”.²⁸⁹ Assim, se fosse possível falar de uma *psicologia positiva* ela se caracterizaria antes como um “[...] estudo das funções intelectuais” do homem, e se desenvolveria em dois sentidos: primeiro pela “[...] determinação das condições orgânicas de que dependem” tais funções, no que se constituiria como “[...] parte essencial da anatomia e da fisiologia”. Em segundo lugar pelo “[...] estudo da marcha efetiva do espírito humano em exercício, graças ao exame dos processos realmente empregados para

²⁸⁷ Idem. *Ibidem*.

²⁸⁸ GOMES, Amádio. Uma ciência do psiquismo é possível? A psicologia empírica de Kant e a possibilidade de uma ciência do psiquismo. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, v. 17 - nº 1, p. 103-111, Jan./Jun. 2005. p. 104-105.

²⁸⁹ COMTE. Curso de Filosofia Positiva. op. cit. p. 33.

obter os diversos conhecimentos exatos que já adquiriu, o que constitui essencialmente o objeto geral da filosofia positiva [...]”.²⁹⁰ Tais seriam as duas vias gerais, e complementares uma à outra, “[...] pelas quais se pode chegar a algumas noções verdadeiras sobre os fenômenos intelectuais”. Ao contrário:

Percebe-se que de nenhuma perspectiva há lugar para essa psicologia ilusória, última transformação da teologia, que se tenta em vão reanimar hoje e que, sem perturbar nem o estudo fisiológico de nossos órgãos intelectuais, nem a observação dos processos racionais que dirigem efetivamente nossas diversas pesquisas científicas, pretende chegar à descoberta das leis fundamentais do espírito humano, contemplando-o ele próprio, a saber, fazendo completa abstração das causas e dos efeitos.²⁹¹

Comte parece fazer referência aqui à filosofia espiritualista francesa que, desde o século XVIII, segundo Leonardo Verga, procura “[...] salvaguardar o caráter peculiar da posição que o homem ocupa no mundo e, conseqüentemente, a necessidade de submetê-la a métodos de estudo adequados, que não podem ser reduzidos àqueles próprios das ciências da natureza”.²⁹² O século XVIII havia testemunhado o surgimento e o aperfeiçoamento de um método científico para os estudos médico-anatômicos e psíquicos da vida humana, com a conseqüente instauração de duas novas ciências, a fisiologia e a psicologia. “Com base nos bons resultados obtidos nesses campos, era forte a tentação de reduzir toda a vida humana, até a vida intelectual, a um fato fundamental, a sensação, para em seguida, reportá-la, por sua vez, a suas bases fisiológicas”.²⁹³ Ainda segundo este autor, em seu conjunto:

Os espiritualistas franceses estão de acordo quando enfatizam o que se perde no homem quando se tem dele uma concepção puramente cientificista. Antes de mais nada, perde-se sua interioridade, que confere significado não apenas ao homem mas a todas as outras coisas. De fato, interioridade significa capacidade de recolher-se em si mesmo, consciência, ou seja, o ato pelo qual percebemos a nós mesmos e o que é diferente de nós. A interioridade é, ainda, a sede da iniciativa, do princípio, da liberdade; de modo que o homem não é apenas passividade diante do mundo dos objetos e de seu corpo, mas também capacidade de agir sobre eles. Interioridade e liberdade fazem a pessoa, ou seja, o sujeito, no significado mais completo e mais profundo do termo. Tudo isso é expresso pelo termo francês *esprit* que resume duas

²⁹⁰ Idem. Ibidem. p. 34.

²⁹¹ Idem. Ibidem.

²⁹² VERGA, Leonardo. O Espiritualismo Francês. In: ROVIGHI, Sofia Vanni. *História da Filosofia Contemporânea*. Do século XIX à neoescolástica. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 159.

²⁹³ Idem. Ibidem. p. 159-160.

palavras inglesas *mind* e *spirit*, ou seja, aquilo que é propriamente *mental*, em um significado empírico e psicológico, e aquilo que é propriamente *espiritual*, em um significado metafísico.²⁹⁴

Assim, a partir deste conceito de *esprit* do espiritualismo, o qual abrange tanto o *mental* (num significado empírico e psicológico) quanto o *espiritual* (em significado metafísico), percebe-se que “[...] o âmbito da corrente poderia estender-se muito além dos limites do tempo acima lembrado, até abranger toda interpretação não-materialista do homem”.²⁹⁵

Ao contrário, para Comte, toda psicologia se tornaria ilusória justamente pela não positividade de seu objeto. Além disso, a crítica de Comte dirige-se, ao que chama de “[...] pretensão método psicológico [...]”²⁹⁶ que se constitui a partir do que os espiritualistas denominam *experiência interior*, ou *interioridade*. Para estes pensadores “[...] o primeiro contato com as realidades espirituais não ocorre por meio de conceitos, mas ao serem percebidas em seu próprio exercício; somente em um segundo momento, pela reflexão, tal experiência será traduzida em categorias filosóficas”.²⁹⁷ Comte, ao contrário considera tal procedimento “[...] radicalmente nulo em seu princípio”²⁹⁸ e afirma que conduz imediatamente a processos profundamente contraditórios.

De um lado, recomenda-se que vós vos isoleis, tanto quanto possível, de toda a sensação exterior; é preciso, então, impedir-vos todo trabalho intelectual; pois, se vós vos ocupásseis unicamente em fazer o cálculo mais simples, no que se converteria a *observação interior*? De outro lado, depois de ter, enfim, à força de precauções, atingido este estado perfeito de sono intelectual, vós devíeis vos ocupar em contemplar as operações que se executariam em vosso espírito, quando aí nada mais se passasse. [...] Os resultados de uma maneira tão estranha de proceder são perfeitamente conformes ao princípio. Há dois mil anos que os metafísicos cultivam assim a psicologia, e não puderam até agora concordar com uma única proposição inteligível e solidamente firmada. [...] A *observação interior* engendra quase tantas opiniões divergentes quantos indivíduos há que acreditam a ela se entregar. Os verdadeiros cientistas, homens votados aos estudos positivos, pedem, ainda em vão, a esses psicólogos para citar uma única descoberta real, grande ou pequena, que provenha desse método tão elogiado.²⁹⁹

²⁹⁴ Idem. Ibidem. p. 160.

²⁹⁵ Idem. Ibidem.

²⁹⁶ COMTE. Curso de Filosofia Positiva. op.cit. p. 35.

²⁹⁷ VERGA. op.cit. p. 161.

²⁹⁸ COMTE. Curso de Filosofia Positiva. op.cit. p. 35.

²⁹⁹ Idem. Ibidem.

A insuficiência deste método adviria, portanto, do fato de que assim como um olho não pode observar a si mesmo, é “[...] perceptível que, por uma necessidade invencível, o espírito humano pode observar diretamente todos os fenômenos, exceto os seus próprios”. Afinal, “[...] quem faria a observação? [...] O indivíduo pensante não poderia dividir-se em dois, um raciocinando enquanto o outro o visse raciocinar. O órgão observado e o órgão observador sendo, neste caso, idênticos, como poderia ter lugar a observação?”.³⁰⁰

Diante do impasse criado no embate entre espiritualismo filosófico e positivismo, Allan Kardec, ao criar o Espiritismo, tentará, de acordo com a perspectiva que venho defendendo, estabelecer sua própria síntese ao dedicar-se a comprovar a existência e sobrevivência do Espírito à morte, bem como a possibilidade de comunicação entre homens e Espíritos, com base em fatos empíricos. Se, por um lado, como fica claro na *Introduction à l'étude de la doctrine spirite*, a definição de Espírito por ele adotada se confunde com aquela definida pelo espiritualismo – ou seja, o princípio individual que reside em nós e que sobrevive à morte do corpo – por outro, a observação das manifestações deste princípio seja através do sonambulismo (magnetismo), seja através dos fenômenos mediúnicos (comunicação dos espíritos através de médiuns), tornar-se-ia a base de uma nova ciência: uma psicologia (no sentido de um estudo sobre a alma) calcada em bases positivas. Não se trata mais, portanto, da psicologia como disciplina de uma filosofia especulativa, mas, de uma ciência positiva que investigaria a vida espiritual com o máximo controle metodológico possível.

2.1.3. Kardec diante do problema da psicologia

Por sua defesa do espiritualismo, Kardec se posiciona frontalmente contra a tese comteana de que não há ciência psicológica possível por uma deficiência de objeto e de método.

[...] de fato, o espiritismo encontra-se inteiro na existência da alma e em seu estado após a morte. Ora, é completamente ilógico pensar que um homem deve ser um grande psicólogo só porque é um grande matemático, ou um grande anatomista. Este, ao dissecar um corpo, procura pela alma e, porque

³⁰⁰ Idem. Ibidem. p. 34.

não a vê esvair-se como um gás, conclui a partir daí que ela não existe, colocando-se em um ponto de vista exclusivamente material [...].³⁰¹

Tal posicionamento fica ainda mais claro quando o autor se dedica a esclarecer o sentido da palavra alma, visto que este termo seria, ao mesmo tempo, uma *clef de voûte* de toda doutrina moral e a base sobre a qual repousa naturalmente a doutrina espírita.

Na *Introduction à l'étude de la doctrine spirite* (em suas duas versões 1857-1860), verdadeira *acte de naissance* do Espiritismo, após Kardec ter estabelecido a relação entre a nova doutrina e o espiritualismo filosófico, ele passa, então a debater quais, dentre os três sentidos que encontra para a palavra alma, aquele que melhor se coaduna com o Espiritismo. Claro está, desde o princípio, que, sendo uma especialidade da filosofia espiritualista, o Espiritismo haverá de partir da mesma compreensão de que o termo alma designe “[...] um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte”.³⁰² E, corrobora essa certeza inicial ao afirmar que “essa doutrina, segundo a qual a alma é *causa* e não *efeito*, é a dos *espiritualistas*”.³⁰³ E faz isso para distinguir da compreensão segundo a qual “[...] a alma é o princípio da vida material orgânica; não tem existência própria e cessa com a vida: é o materialismo puro”.³⁰⁴ E continua, “[...] neste sentido e por comparação, dizem de um instrumento rachado, que não produz mais som, que ele não tem alma. Conforme essa opinião, a alma seria efeito e não uma causa”.³⁰⁵

Entre essas duas posições extremadas, segundo Kardec, estariam aqueles que “[...] pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma porção”.³⁰⁶ Dentro dessa opinião, explica o codificador, haveria apenas uma alma universal que se distribuiria em centelhas entre os diversos seres inteligentes do Universo e que os animaria ao longo de suas vidas. Contudo, ao fim destas vidas particulares, cada

³⁰¹ LE₂, p. XX: “[...] en effet, le spiritisme est tout entier dans l'existence de l'âme et dans son état après la mort; or il est souverainement illogique de penser qu'un homme doit être un grand psychologue, parce qu'il est un grand mathématicien, ou un grand anatomiste. L'anatomiste, en disséquant le corps humain, cherche l'âme, et parce qu'il ne la trouve pas sous son scalpel, comme il y trouve un nerf, ou parce qu'il ne la voit pas s'envoler comme un gaz, en conclut qu'elle n'existe pas, parce qu'il se place au point de vue exclusivement matériel [...]”.

³⁰² LE₂, p. IV: “[...] l'âme est un être moral, distinct, indépendant de la matière, et qui conserve son individualité après la mort”.

³⁰³ Idem. Ibidem.

³⁰⁴ LE₂, P. IV: “[...] l'âme est le principe de la vie matérielle organique; elle n'a point d'existence propre et cesse avec la vie: c'est le matérialisme pur”.

³⁰⁵ Idem. Ibidem: “Dans ce sens, et par comparaison, ils disent d'un instrument fêlé qui ne rend plus son: qu'il n'a pas d'âme. D'après cette opinion, l'âme serait un effet et non une cause”.

³⁰⁶ Idem. Ibidem: “D'autres pensent que l'âme est le principe de l'intelligence, agent universel dont chaque être absorbe une portion”.

centelha retornaria à fonte de onde proveio e perderia sua individualidade, confundindo-se no todo. Kardec pensa que, embora, esta posição acerca da alma se diferencie daquela do materialismo, superando-a, por admitir que “[...] há em nós algo mais do que matéria, restando alguma coisa após a morte [...]”³⁰⁷; se diferencia também da posição do espiritualismo, sendo inferior a esta, por que, ainda que reste algo de espiritual após a morte do corpo, “[...] é quase como se nada restasse, visto que, não tendo mais individualidade, não mais teríamos consciência de nós mesmos”.³⁰⁸ E conclui, “dentro desta opinião, a alma universal seria Deus, e cada ser uma porção da Divindade; é uma variedade do *panthéisme*”.³⁰⁹

A obviedade da escolha do conceito de alma com o qual trabalhará o Espiritismo não eliminaria para Kardec a necessidade de incluir os demais conceitos no léxico espírita. Assim, ao final desta discussão o codificador oferece a possibilidade de que as posturas materialista e panteísta façam parte do sistema espírita a partir de uma renomeação daquilo que indicam. Ao invés de identificar a alma com o princípio da vida material e orgânica, como o fazem os materialistas, falar-se-á de *princípio vital*, ou ainda, *alma vital*, o qual seria “[...] comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem”.³¹⁰ Mesmo que haja divergências quanto à origem deste *princípio vital*, uns o qualificando como “[...] uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se encontra sob certas circunstâncias”³¹¹, outros afirmando que “[...] ele reside num fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parte durante a vida, como vemos os corpos inertes absorvendo a luz [...]”³¹²; afirma Kardec:

Seja como for, há um fato que não se poderia contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e que ela independe da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de

³⁰⁷ Idem. Ibidem. p. IV: “[...] il y a en nous plus que matière, et qu’il reste quelque chose après la mort [...]”.

³⁰⁸ Idem. Ibidem: “[...] mais c’est à peu près comme s’il ne restait rien, puisque, n’ayant plus d’individualité, nous n’aurions plus conscience de nous-mêmes”.

³⁰⁹ Idem. Ibidem: “Dans cette opinion l’âme universelle serait Dieu, et chaque être une portion de la Divinité; c’est une variété du *panthéisme*”.

³¹⁰ Idem. Ibidem. p. V: “*Principe vital* le principe de la vie matérielle et organique, quelle qu’en soit la source, et qui est commun à tous les êtres vivants, depuis les plantes jusqu’à l’homme”.

³¹¹ Idem. Ibidem: “Pour les uns, le principe vital est une propriété de la matière, un effet qui se produit lorsque la matière se trouve dans certaines circonstances données [...]”.

³¹² Idem. Ibidem: “[...] selon d’autres, et c’est l’idée la plus commune, il réside dans un fluide spécial, universellement répandu et dont chaque être absorbe et s’assimile une partie pendant la vie, comme nous voyons les corps inertes absorber la lumière [...]”.

certas espécies orgânicas; finalmente que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma, dotada de um senso moral especial que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana.³¹³

Igualmente, ao princípio da inteligência da doutrina *panteísta*, poder-se-ia denominar *alma intelectual*, a qual seria comum aos animais e aos homens. E, por fim, a *alma espírita*, que designaria “[...] o princípio da nossa individualidade após a morte”³¹⁴, pertenceria exclusivamente aos seres humanos. Ora, para Kardec, “mesmo que esse ser não existisse e não passasse de um produto da imaginação, ainda assim seria preciso um termo para designá-lo”.³¹⁵ Contudo, ao eleger para o Espiritismo o conceito de alma vinculado ao espiritualismo filosófico, o codificador tenta estabelecer um vínculo entre o Espiritismo e uma vasta tradição filosófica que se debruçou sobre o problema da existência e da natureza da alma. Uma tradição que, bem compreendida, deveria tomar o nome de *psicologia racional* ou *metafísica*, como afirma Amádio Gomes:

A “história” da psicologia nos revela um esforço de distinção entre uma ciência do psiquismo e uma psicologia metafísica, dogmática, ao lado da teologia e da cosmologia. Denominada “Psicologia Racional” pela tradição metafísica vigente até o século XVIII, ela tinha por objeto a alma ou substância espiritual, cuja realidade supra-sensível não poderia então permitir uma abordagem pela via da experiência. E era justamente a experiência, a experiência sensível, comum a todos os homens, que garantiria a possibilidade de a psicologia, como a física, ser objetiva. Seguindo a “Revolução Copernicana”, a psicologia devia poder se sustentar na experiência e constituir-se, assim, como conhecimento objetivo, e abandonar as ilusões metafísicas da Psicologia Racional, que podiam se sustentar apenas nos dogmas da filosofia escolástica. Claramente a psicologia, desde o século XIX até nossos dias, é então psicologia experimental, distinta da psicologia metafísica pelo voto de constituir-se como ciência.³¹⁶

Dessa forma, o problema que se coloca para Kardec é bem objetivo: como se viu, de um lado as correntes positivistas que negam o caráter científico da psicologia por falta de um

³¹³ LE₂. p. V-VI : “Quoi qu'il en soit, il est un fait que l'on ne saurait contester, car c'est un résultat d'observation, c'est que les êtres organiques ont en eux une force intime qui produit le phénomène de la vie, tant que cette force existe ; que la vie matérielle est commune à tous les êtres organiques, et qu'elle est indépendante de l'intelligence et de la pensée ; que l'intelligence et la pensée sont les facultés propres à certaines espèces organiques ; enfin que, parmi les espèces organiques douées de l'intelligence et de la pensée, il en est une douée d'un sens moral spécial qui lui donne une incontestable supériorité sur les autres, c'est l'espèce humaine.”

³¹⁴ Idem. Ibidem: “[...] le principe de notre individualité après la mort”.

³¹⁵ Idem. Ibidem.p. V: “Cet être n'existerait-il pas, et ne serait-il qu'un produit de l'imagination, qu'il faudrait encore un terme pour le désigner”.

³¹⁶ GOMES. Uma ciência do psiquismo é possível? op. cit. p. 104-105.

objeto observável e por não se utilizarem do método das demais ciências positivas. De outro, havia a tradição espiritualista que, procurando preservar o *esprit* em sua dupla caracterização como *mente* (num significado empírico e psicológico) e como *espírito* (num significado metafísico), se recusava a reduzi-lo a um objeto dentre outros para a observação positiva e propunha o método especial baseado na *observação interior*. Diante disto como, sendo uma especialidade da *philosophie spiritualiste*, o Espiritismo poderia, ao mesmo tempo, reivindicar o título de *ciência de observação*?

No início desta seção colocamos uma citação de Kardec, uma afirmação feita em 1864, na qual declara “o *espiritismo* é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo”.³¹⁷ Chegou, pois, o momento em que devemos nos questionar explicitamente: que ciência nova seria esta? E como, para Kardec, ela se caracteriza?

Uma primeira indicação da resposta nos vem do modo como Kardec intitula o periódico por ele fundado para servir meio de comunicação e divulgação da doutrina, bem como para ser, segundo sua expressão, uma tribuna livre para a discussão dos princípios espíritas. A esta revista, que veio a lume em janeiro de 1858, Kardec deu o sugestivo nome de *Revue Spirite – Journal d’Études Psychologiques*. E para deixar bem clara a significação do subtítulo, escreve no artigo introdutório ao número de estreia:

Nosso quadro [...] compreende tudo quanto se liga ao conhecimento da parte metafísica do homem; nós a estudaremos em seu estado presente e no futuro, pois estudar a natureza dos Espíritos é estudar o homem, uma vez que ele deverá fazer parte, um dia, do mundo dos Espíritos. Eis por que acrescentamos, ao nosso título principal, o de *journal de estudos psicológicos*, a fim de fazer compreender toda a sua importância.³¹⁸

Ora, como havia definido anteriormente, a parte metafísica do homem diz respeito à sua alma, entendida como o princípio individual espiritual, independente da matéria e que sobrevive à morte do corpo. E, como irá definir no *Vocabulaire Spirite*, publicado junto ao livro *Instruction Pratique sur les manifestations spirites* [1858], por *psicologia* deve-se

³¹⁷ ES. p. 4.

³¹⁸ RS, Jan/1858. *Introduction*. p. 6: “Notre cadre [...] comprend tout ce qui se rattache à la connaissance de la partie métaphysique de l’homme ; nous l’étudierons dans son état présent et dans son état futur, car étudier la nature des Esprits, c’est étudier l’homme, puisqu’il doit faire un jour partie du monde des Esprits ; c’est pourquoi nous avons ajouté à notre titre principal celui de *journal d’études psychologiques*, afin d’en faire comprendre toute la portée.”

compreender uma “dissertação sobre a alma; ciência que trata da natureza da alma”³¹⁹. Seria então, segundo Kardec, o Espiritismo a ciência nova da psicologia? Uma ciência que tomando o objeto das especulações metafísicas, submetendo-o ao critério do método positivo, trataria da natureza da alma quer em seu estado presente, quer em seu estado futuro?

Para respondermos a esta questão partiremos do trecho de uma carta, enviada por um leitor à *Revue*, e do subsequente comentário a ela anexado por Kardec. Na referida carta, o leitor, identificado por Kardec apenas como *monsieur Georges*, propõe que um novo período estaria surgindo para a ciência, com a investigação dos fenômenos espíritas, um período por ele denominado de *período psicológico*.

Cada coisa tem seu tempo; o período que acaba de escoar-se parece ter sido especialmente destinado pelo Todo-Poderoso ao progresso das ciências matemáticas e físicas. E foi, provavelmente, tendo em vista dispor os homens a conhecimentos exatos que Ele se opôs, durante tanto tempo, à manifestação dos Espíritos. É como se tal manifestação pudesse ser prejudicial ao positivismo, que exigido pelo estudo da ciência. Em uma palavra, Ele quis habituar o homem a procurar, nas ciências de observação, a explicação de todos os fenômenos que deviam se produzir a seus olhos. O período científico parece , ter chegado a seu fim. Depois dos imensos progressos nele realizados, não seria impossível que o novo período que deve suceder-lhe houvesse sido consagrado pelo Criador às iniciações de ordem psicológica.³²⁰

Ao que Kardec acrescenta seu comentário:

Esta carta é do Sr. Georges [...], os elevados pontos de vista que desenvolve demonstram que a compreende [a doutrina espírita] em seu verdadeiro sentido; para ele a doutrina não se resume na crença nos Espíritos e em suas manifestações: é toda uma filosofia. Tal como ele, admitimos que entramos no período psicológico e achamos perfeitamente racionais as razões que ele nos oferece, sem crer, no entanto, que o período científico tenha dito sua última palavra. Ao contrário, acreditamos que este ainda nos reserva muitos

³¹⁹ KARDEC, Allan. *Instrução prática sobre as manifestações espíritas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006. p. 63.

³²⁰ RS, Avr/1858. *Période Psychologique*. p. 93: “Chaque chose a son temps ; la période qui vient de s'écouler semble avoir été spécialement destinée par le Tout-Puissant au progrès des sciences mathématiques et physiques, et c'est probablement en vue de disposer les hommes aux connaissances exactes qu'il se sera opposé pendant longtemps à la manifestation des Esprits, comme si cette manifestation eût dû nuire au positivisme que demande l'étude des sciences ; il a voulu, en un mot, habituer l'homme à demander aux sciences d'observation l'explication de tous les phénomènes qui devaient se produire à ses yeux. La période scientifique semble aujourd'hui s'épuiser, et, après les progrès immenses qu'elle a vus s'accomplir, il ne serait pas impossible que la nouvelle période qui doit lui succéder fût consacrée par le Créateur à des initiations de l'ordre psychologique.”

outros prodígios. Estamos numa época de transição, na qual os caracteres dos dois períodos se confundem.³²¹

Inevitável não nos recordarmos aqui da teoria dos três estados de Comte, anteriormente citada. José Herculano Pires, ao comentar os mesmos trechos acima, afirma que Kardec teria ampliado a lei comteana, para a *lei dos quatro estados*, posto que:

Kardec acrescenta a fase psicológica, em que as ciências se abrem para a descoberta e a afirmação do psiquismo como fenômeno (e não mais como epifenômeno), reconhecendo-lhe a autonomia e a realidade positiva, verificável, susceptível de comprovação experimental. [...] Com o espiritismo, portanto, a ciência mais complexa, a da alma, que Augusto Comte não considerava possível, abandonou também o caminho das deduções, como o fizeram as anteriores, para entrar no caminho das induções. É da observação dos fatos positivos que o Espiritismo parte para a comprovação da realidade extrafísica.³²²

E, muito embora seja questionável a afirmação de que, com o Espiritismo, “as ciências se abrem” para a realidade do fenômeno; ou que tenha, de fato, comprovado a “realidade extrafísica”; é preciso concordar que é assim que Kardec o enxerga e compreende: o Espiritismo é a ciência nova do novo período da história da humanidade. E esta ciência nova tem como *sobrenome*, psicologia.

Contudo, é ainda necessário ressaltar que Kardec pensa essa nova ciência para este novo período dentro dos quadros de referência do positivismo. Mesmo que Pires esteja correto em sua interpretação de que Kardec amplia, por exemplo, a lei dos três estados de Comte, será na referência indireta a esta lei que o fará. Portanto, não me parece consistente a interpretação que tenta definir o Espiritismo como uma *ciência não-positivista* ou que seus esforços como pesquisador o teriam levado a lançar as bases para um *novo paradigma científico*.

De fato, o que se pode perceber é que Kardec está firmemente convencido que o paradigma positivo – se é que posso me exprimir assim sem cometer anacronismo – é aquele

³²¹ RS, Avr/1858. *Période Psychologique*. p. 93: “Cette lettre est de M. Georges [...] les vues élevées qu'il développe montrent qu'il la comprend sous son véritable point de vue ; pour lui elle ne se résume pas dans la croyance aux Esprits et à leurs manifestations : c'est toute une philosophie. Nous admettons, comme lui, que nous entrons dans la période psychologique et nous trouvons les raisons qu'il nous donne parfaitement rationnelles, sans croire toutefois que la période scientifique ait dit son dernier mot ; nous croyons au contraire quelle nous réserve bien d'autres prodiges. Nous sommes à une époque de transition où les caractères des deux périodes se confondent.”

³²² PIRES. *O Espírito e o tempo*. op.cit. p. 141.

dentro do qual se desenvolve a *ciência espírita*. Se levarmos em conta que: “a tradição positivista [...], negava a validade dos juízos metafísicos, defendendo que o único conhecimento verdadeiro era o científico, cujas proposições eram verificáveis e objetivas”³²³; e que, “a meta do positivismo comteano era elaborar uma ‘ciência da ciência’, o que implicava a aceitação de uma ideia *a priori* de ciência, enquanto as diversas práticas científicas ficavam reduzidas a meros exemplos dessa ideia geral de ciência”³²⁴; e se compreendermos que “a afirmação de que as verdades científicas eram descrições objetivas de leis invariáveis levava à aceitação de que o progresso da ciência se fazia por acúmulo de conhecimento, havendo, portanto, uma evolução contínua do saber”³²⁵; então, ficará compreensível que, para Kardec, o Espiritismo amplie esse modelo de cientificidade ao indicar que, além do princípio material – objeto das diversas ciências positivas – existiria, ainda, o princípio espiritual. E que, ao apontar essa existência, supostamente tornando-a evidente por meio dos fenômenos espíritas, o Espiritismo amplie consideravelmente os horizontes deste paradigma científico sem, contudo, romper com ele e estabelecer um novo modelo.

No primeiro capítulo de *La Genèse*, intitulado *O Caráter da Revelação Espírita*, Kardec, imediatamente após declarar que “se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria malogrado, como tudo que surge antes do tempo”, afirma:

Todas as ciências se encadeiam e se sucedem segundo uma ordem racional. Nascer umas das outras, à medida que encontram um ponto de apoio nas ideias e nos conhecimentos anteriores. A astronomia, uma das primeiras a serem cultivadas, permaneceu nos erros da infância até o momento em que a física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais. A química, nada podendo sem a física, teve de segui-la de perto, para depois marcharem ambas de acordo, amparando-se uma à outra. A anatomia, a fisiologia, a zoologia, a botânica, a mineralogia apenas se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes que lhes trouxeram a física e a química. A geologia, nascida ontem, sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras ciências,

³²³ BULCÃO, Marly. *O Racionalismo da Ciência Contemporânea*. Introdução ao Pensamento de Gaston Bachelard. Aparecida: Ideias & Letras 2009. p. 19.

³²⁴ Idem. *Ibidem*.

³²⁵ Idem. *Ibidem*.

teria perdido seus verdadeiros elementos de vitalidade; ela só poderia vir depois daquelas.³²⁶

Assim, na cadeia das ciências positivas se enquadraria igualmente o Espiritismo, como uma psicologia de bases empíricas, que não “[...] descobriu nem inventou [...]” o princípio espiritual, “[...] mas foi o primeiro a demonstrar, por meio de provas irrecusáveis, a sua existência [...]”, e na sequencia, “[...] estudou-o, analisou-o e tornou-lhe evidente a ação”³²⁷.

*Ao elemento material, ele veio ajuntar o elemento espiritual. Elemento material e elemento espiritual, eis os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel desses dois elementos, explica-se facilmente uma grande quantidade de fatos até então inexplicáveis. O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos dois elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só poderia vir, portanto, depois da elaboração delas. E ele nasceu pela força das coisas, pela impossibilidade de tudo explicar unicamente com o auxílio das leis da matéria.*³²⁸

É interessante observar, portanto, que Kardec não questiona a validade do positivismo, mas sim seus limites *materialistas*. Tanto é assim que o codificador propõe o Espiritismo como uma ciência positiva que: 1) prova empiricamente, através dos fenômenos mediúnicos, a existência de um princípio espiritual independente da matéria; 2) demonstra que este princípio, bem como os fenômenos por ele provocados, está sujeito a leis invariáveis que podem ser conhecidas; 3) estando sujeito a leis invariáveis, faz parte do conjunto da Natureza, destruindo assim a impressão de que se trata de algo sobrenatural. A consequência disto é que ao contrário de Comte, que defende a sociologia ou *física social* como a *rainha das ciências*; Kardec propõe o Espiritismo como uma ciência com relativa superioridade frente às demais,

³²⁶ GMP. p. 11-12 :“Toutes les sciences s'enchaînent et se succèdent dans un ordre rationnel ; elles naissent les unes des autres, à mesure qu'elles trouvent un point d'appui dans les idées et dans les connaissances antérieures. L'astronomie, l'une des premières qui aient été cultivées, est restée dans les erreurs de l'enfance jusqu'au moment où la physique est venue révéler la loi des forces des agents naturels ; la chimie, ne pouvant lien sans la physique, devait lui succéder de près, pour ensuite marcher toutes deux de concert en s'appuyant l'une sur l'autre. L'anatomie, la physiologie, la zoologie, la botanique, la minéralogie ne sont devenues des sciences sérieuses qu'à l'aide des lumières apportées par la physique et la chimie. La géologie, née d'hier, sans l'astronomie, la physique, la chimie et toutes les autres, eût manqué de ses véritables éléments de vitalité ; elle ne pouvait venir qu'après.”

³²⁷ Idem. Ibidem. p. 12: “Le Spiritisme n'a ni découvert, ni inventé ce principe, mais le premier, il l'a démontré par des preuves irrécusables; il l'a étudié, analysé, et en a rendu l'action évidente”.

³²⁸ Idem. Ibidem. p. 12: “A l'élément matériel, il est venu ajouter l'élément spirituel. Élément matériel et élément spirituel, voilà les deux principes, les deux forces vives de la nature. Par l'union indissoluble de ces deux éléments, on explique sans peine une foule de faits jusqu'alors inexplicables. Le Spiritisme, ayant pour objet l'étude de l'un des deux éléments constitutifs de l'univers, touche forcément à la plupart des sciences ; il ne pouvait venir qu'après leur élaboration, et il est né, par la force des choses, de l'impossibilité de tout expliquer à l'aide des seules lois de la matière.”

posto que, toca na maior parte das ciências, tem poder de avaliá-las e superá-las, escapando, contudo, a seu controle efetivo.

Conforme se verá, a seguir, esta peculiar superioridade do Espiritismo frente às demais ciências se dá em função de seu objeto e não em função de uma divergência no modo de compreender o que seja a ciência ou quais os seus métodos.

2.2. Elementos constituintes da ciência *nova* do Espiritismo.

A discussão anterior sobre o *status* científico atribuído por Kardec ao Espiritismo nos indicou aquilo que se constitui como o objeto de suas pesquisas: o princípio espiritual individual, ou a alma. De acordo com a definição de psicologia, proposta pelo autor, como uma “[...] dissertação sobre a alma; ciência que trata da natureza da alma”³²⁹, Kardec concebe o Espiritismo como uma *psicologia* de bases empíricas, que “[...] compreende tudo quanto se liga ao conhecimento da parte metafísica do homem [...]”³³⁰. O que isso significa, de fato? Significa que Kardec interessa-se pelo estudo do espírito, mas não o faz como os antigos sistemas metafísicos – religiosos e filosóficos – a partir da revelação e do método especulativo. Antes, seu interesse volta-se exclusivamente para aquilo que se pode observar: a interferência do espírito sobre a matéria.³³¹ Ao eleger os *fenômenos mediúnicos* como objeto de sua *ciência*, Kardec coloca-se na melhor tradição científicista de seu tempo. Uma tradição que vem de Kant, com sua *Crítica da Razão Pura* e a distinção entre o que se pode conhecer (o *fenômeno*) e aquilo que se coloca além das possibilidades da razão conhecer (o *númeno*), e chega até ele por meio de Comte e do positivismo.³³² Para Marion Aubrée e François Laplantine, essa insistência no fenômeno daria ao Espiritismo o caráter de uma *metafísica*

³²⁹ KARDEC. *Instrução Prática...* op.cit. p. 63.

³³⁰ RE. Jan/1858. *Introduction*. p. 27.

³³¹ Cf.: LM. p. 59-66.

³³² Veja-se, por exemplo, a *interdição* feita em *Le Livre des Esprits* para as especulações acerca da natureza íntima de Deus (questão n. 14) e a afirmação, neste mesmo livro, de que ao homem este conhecimento estaria interdito por *lhe faltar um sentido* (questão n. 10). Igualmente, pode-se observar que, em *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme*, Kardec defende a possibilidade de um *conhecimento empírico* da existência de Deus: “A existência de Deus é [...] um fato adquirido não somente pela revelação, mas pela evidência material dos fatos” [Tradução minha]. No original: “L’existence de Dieu est [...] un fact acquis, non seulement par la révélation, mais par l’évidence matérielle des faits” (p. 52).

materialista.³³³ Eu discordo dessa nomenclatura. Creio ser mais acertado afirmar que Kardec propõe uma *metafísica positivista*, que seria fundamentada em fatos observáveis e interpretáveis pela razão, como vimos anteriormente.

Nos passos seguintes desta investigação, analisaremos os elementos constituintes desta *ciência espírita*. Ocuparemos-nos em melhor delimitar seu *objeto*, seu *método* e os instrumentos metodológicos que lhe garantiriam a universalidade de sua doutrina.

2.2.1. Delimitação do objeto:

Ao eleger o *princípio espiritual individual* como objeto para suas pesquisas, Kardec não faz qualquer inovação. Já que o mesmo não se constituía como exclusividade sua e da nova doutrina que propunha, pois, ao nascer, a 31 de março de 1848, o Moderno Espiritualismo já estabelecera o objeto primário das *pesquisas psíquicas*, como passaram a ser conhecidas as pesquisas em torno dos estranhos fenômenos que, conforme se alegava, eram produzidos mediante a intervenção das almas dos mortos.

Contudo, para Kardec, embora os pesquisadores americanos e ingleses estivessem muitíssimo interessados na parte *material* – principalmente naqueles que seriam classificados como fenômenos de efeitos físicos – não ligavam muita importância ao controle do conteúdo das mensagens que eram recebidas mediunicamente. Essa era, ao que parece, o modo corrente como pesquisadores franceses encaravam a contraparte anglo-saxônica do movimento Espiritualista. Um exemplo dessa postura, encontramos junto a Eugène Nus que, em sua obra *Choses de l'autre monde*, afirma:

Os americanos não são elevados a concepções tão gerais e tão altas. Individualistas e positivos em todas as coisas, eles utilizam para seu proveito pessoal o comércio com os espíritos, e lhes questionam, sobretudo, pelas regras do bem viver. Ora, ao que parece, do outro lado do Atlântico os mortos, tal como os vivos, entendem o bem viver cada qual à sua maneira. O espiritismo americano, *the modern spiritualism*, como eles o chamam, está disseminado em seitas e, salvo a crença nas comunicações de além-túmulo,

³³³ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos*. Gênese, evolução e atualidade do movimento espírita entre a França e o Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009. p. 54: “Deve-se buscar na física e não na metafísica o ponto de partida do espiritualismo moderno, que se proclama antimaterialista, mas que executa uma materialização das representações do Além”.

não há doutrina comum. Cada grupo tem seu código social e moral, completamente diferente dos demais, elaborado pelos bateadores.³³⁴

Como vimos no Capítulo anterior, em 1864, ao refletir sobre as diferenças e proximidades entre as escolas americana e europeia do Espiritismo, Kardec irá afirmar, no artigo *A escola espírita americana*³³⁵ que tais diferenças existem apenas por uma distinção no caráter dos povos. Sendo o “gênio americano” mais inclinado a “[...] tudo o que concerne ao comércio e às artes mecânicas [...]”³³⁶, e o europeu às “[...] ciências morais e filosóficas”³³⁷; a consequência, afirma o autor, é que “[...] o Espiritismo experimental estava sobre seu terreno na América, enquanto a parte teórica e filosófica encontravam na Europa elementos mais propícios ao seu desenvolvimento”.³³⁸ E, conclui: “A América foi, pois, o berço do Espiritismo, mas foi na Europa que ele cresceu e cursou suas humanidades. [...] A cada um o seu papel, conforme suas aptidões, e a cada povo o seu, segundo seu gênio particular”.³³⁹ E, como vimos, também no Capítulo 1, embora reconheça que Espiritismo e Espiritualismo Moderno sejam um único movimento, Kardec declara que, em comparação ao Espiritismo europeu “o que faltou aos Estados Unidos foi um centro de ação para coordenar os princípios. Não existe, a bem dizer, corpo metódico de doutrina; ali se encontram, como se pode ser convencido, ideias muito justas e de alto alcance, mas sem ligação”.³⁴⁰

Kardec desejou postar-se à contramão desta tendência que atribui à *escola americana*, e, como ele mesmo relatou, entreviu “[...] naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei [...]”.³⁴¹ Ofertava-se a *chave* para a compreensão de inúmeros fenômenos, até então,

³³⁴ NUS, Eugène. *Choses de l'autre monde*. 5ª Ed. Paris: Imprimerie G. Rougier, s/d. p. 166-167: “Les Américains ne se sont pas élevés à des conceptions si générales et si hautes. Individualistes et positifs en toutes choses, ils utilisent pour leur usage personnel le commerce avec les esprits, et leur demandent surtout des règles pour bien vivre. Or, il paraît que, de l'autre côté de l'Atlantique, les morts, comme les vivants, entendent le bien vivre chacun à sa façon. Le spiritisme américain, *the modern spiritualism*, comme ils l'appellent, s'est éparpillé en sectes et, sauf la croyance aux communications d'outre-tombe, n'a pas enfanté de doctrine commune. Chaque groupe a son code social et moral, tout différent des autres, élaboré par les frappeurs”. (Tradução minha).

³³⁵ RS, Mai/1864. *L'école spirite américaine*. p.147-149.

³³⁶ Idem. Ibidem. p. 147: “[...] tout ce qui concerne le commerce et les arts mécaniques [...]”.

³³⁷ Idem. Ibidem. : “[...] sciences morales et philosophiques [...]”.

³³⁸ Idem. Ibidem.: “[...] le Spiritisme expérimental était sur son terrain en Amérique, tandis que la partie théorique et philosophique trouvait en Europe des éléments plus propices à son développement [...]”.

³³⁹ Idem. Ibidem. p. 147-148: “L'Amérique a donc été le berceau du Spiritisme, mais c'est en Europe qu'il a grandi et fait ses humanités. [...] A chacun son rôle selon ses aptitudes, et à chaque peuple le sien, selon son génie particulier”.

³⁴⁰ RS. Avr/1869, p. 154.

³⁴¹ KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 297.

inexplicáveis. Trazia-se a evidência de que o mundo espiritual envolvia e interagia com o mundo corpóreo. Na verdade, por volta de 1855 quando Kardec começou a interessar-se pelos fenômenos mediúnicos, essa conclusão já era corrente na França. Para ele, após haver sido constatada a existência e a comunicabilidade dos Espíritos abria-se, no entanto, um imenso campo a ser explorado.³⁴²

O simples fato da comunicação com os Espíritos, o que quer que eles pudessem dizer, provava a existência do mundo invisível ambiente. Já era um ponto capital, um imenso campo aberto às nossas explorações, a chave de inúmeros fenômenos até então inexplicados. O segundo ponto, não menos importante, era conhecer o estado desse mundo, seus costumes, se assim nos podemos exprimir. Vi logo que cada Espírito, em razão da sua posição pessoal e de seus conhecimentos, me desvendava uma fase, exatamente como se chega a conhecer o estado de um país ao se interrogar os habitantes de todas as classes e de todas as condições; cada um podendo nos ensinar algo e, nenhum podendo individualmente nos ensinar tudo. Cabe ao observador formar o conjunto, com a ajuda dos documentos recolhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e comparados uns com outros. Agi, portanto, com os Espíritos, como eu o teria feito com os homens. Eles

³⁴² Segundo o pesquisador, Herivelto Carvalho, essa concepção do Moderno Espiritualismo como um movimento predominantemente fenomênico se deveu ao fato de que “[...] fora dos EUA, o que se noticiava e chamava a atenção a respeito do novo movimento era seu aspecto fenomênico, principalmente no que chamavam de efeitos físicos, tendo em vista que muitos médiuns saíram da América e correram o mundo fazendo apresentações numa modalidade particular de *show business*. Outros não chegavam a se portar tão comercialmente, mas faziam demonstrações em círculos fechados de seus dons, agindo como divulgadores da nova fé, tal como a médium americana Mary Heyden, que alegava produzir comunicações através de pancadas em objetos, sem o toque, os denominados ‘raps’, e foi a responsável pela divulgação do Espiritismo na Inglaterra, convencendo alguns homens ilustres como Robert Hare, Augustus de Morgan e Robert Chambers. Provavelmente esta característica exportada pelos americanos criou a ideia entre os Europeus de que o Espiritismo *yankee* era apenas uma fé, sem uma fundamentação doutrinária, baseada somente em fenômenos estranhos. Na realidade, além da larga importância dada aos aspectos fenomênicos, havia um desenvolvimento doutrinário bastante complexo, contendo conceitos inclusive muito semelhantes aos que Kardec divulgaria alguns anos mais tarde. Algumas expressões usadas por Kardec no *Livro dos Médiuns* tiveram origem na concepção doutrinária dos americanos, cujos nomes de maior destaque foram John Worth Edmonds, George T. Dexter, Emma Hardinge e Cora L. Hatch que bem antes da publicação de *O Livro dos Espíritos*, já haviam publicado livros contendo todo um sistema doutrinário. Um outro fator que demonstra também a existência de um corpo doutrinário formado, era a existência de inúmeros periódicos espíritas que faziam a divulgação dos princípios defendidos pelo movimento nascente. Kardec tinha um conhecimento raso acerca do trabalho desses pioneiros americanos, tanto que publicou um trecho da obra de Edmonds, traduzida por uma correspondente, na edição de setembro de 1859, da *Revista Espírita*, porém a citação a ele feita, também em outras edições, é superficial, o que demonstra pouco conhecimento por parte de Kardec, da complexidade da obra deste autor”. (Herivelto Carvalho vem desenvolvendo importante pesquisa histórica sobre o nascimento do Espiritismo e suas relações com o Moderno Espiritualismo. No momento trabalha em artigo a ser publicado brevemente sobre este tema. Atendendo a uma especial solicitação minha, o pesquisador aceitou conceder, no dia 15 de outubro de 2012, uma breve entrevista na qual antecipa alguns resultados de seu trabalho. Reproduzo aqui, com sua autorização, um trecho desse diálogo).

foram, para mim, do menor ao maior, meios de me informar e não *reveladores predestinados*.³⁴³

Dessa maneira, entre a exaustiva tarefa supostamente empreendida pelo Moderno Espiritualismo de comprovar a veracidade dos fenômenos e a igualmente extenuante tarefa de coligir, comparar e retirar todo um sistema de pensamento do ensino dado pelos espíritos, Kardec parece ter optado pela segunda.

Conforme declara, embora a *ciência espírita* compreenda duas partes: uma experimental, outra filosófica; quem houvesse observado somente a primeira, ficaria na posição daquele que conhecesse a física apenas por meio de experiências recreativas, e não entraria na *filosofia da ciência*. Assim, desde o princípio de suas investigações, Kardec teve consciência de que naqueles fenômenos aparentemente banais, poderia encontrar “[...] a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade [...]”, a solução que procurara ao longo de toda a sua vida, “[...] em suma, toda uma revolução nas ideias e nas crenças [...]”.³⁴⁴ Portanto, embora reconheça que o fundamento da *ciência espírita* seja “[...] a existência dos Espíritos e sua intervenção no mundo corporal”³⁴⁵, não faz da demonstração destes dois princípios o seu foco principal. Ao contrário, elege como seu objeto de estudo a “[...] natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”³⁴⁶, dando ênfase às “[...] consequências morais que dimanam dessas relações”³⁴⁷. Ora, a “verdadeira doutrina espírita está no ensinamento dado pelos Espíritos”³⁴⁸, e esta se encontra compilada em *Le Livre des Esprits* e desenvolvida em suas demais obras.

Essa ênfase dada por Kardec ao conteúdo dos fenômenos ou manifestações inteligentes, contudo, não invalida o que chamei no princípio deste Capítulo de *precedência*

³⁴³ Cf.: KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 308. O original diz : “Le seul fait de la communication avec les Esprits, quoi que ce soit qu'ils puissent dire, prouvait l'existence du monde invisible ambiant ; c'était déjà un point capital, un champ immense ouvert à nos explorations, la clef d'une foule de phénomènes inexpliqués ; le second point, non moins important, était de connaître l'état de ce monde, ses moeurs, si l'on peut s'exprimer ainsi ; je vis bientôt que chaque Esprit, en raison de sa position personnelle et de ses connaissances, m'en dévoilait une phase, absolument comme on arrive à connaître l'état d'un pays, en interrogeant les habitants de toutes les classes et de toutes les conditions, chacun pouvant nous apprendre quelque chose, et aucun, individuellement, ne pouvant nous apprendre tout ; c'est à l'observateur de former l'ensemble à l'aide de documents recueillis de différents côtés, collationnés, coordonnés et contrôlés les uns par les autres. J'agis donc avec les Esprits comme je l'aurais fait avec des hommes ; ils furent pour moi, depuis le plus petit jusqu'au plus grand, des moyens de me renseigner et non des *révélateurs prédestinés*”.

³⁴⁴ KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 307.

³⁴⁵ KARDEC. *Instrução Prática...* op. cit. p. 15.

³⁴⁶ QS. p. 2.

³⁴⁷ Idem. Ibidem. p. 2.

³⁴⁸ LE₂.p. 66: “La véritable doctrine spirite est dans l'enseignement donné par les Esprits [...]”.

epistemológica da ciência sobre a filosofia. Embora nosso autor afirme que a doutrina dos Espíritos, fruto de suas comunicações, seja o que de mais importante há para ser considerado em termos de Espiritismo; ao mesmo tempo, ele não renunciará às bases científicas que lhe dariam sustentação. Como veremos mais adiante, Kardec defende que todos os princípios que compõem a doutrina são validados a partir de um duplo controle a ser exercido pelo pesquisador sobre o conteúdo das comunicações que recebe e que lhe servem de material de pesquisa. Tal controle teria como objetivos: 1º) a criação de um *corpo doutrinário* que pudesse responder às questões que nenhuma outra filosofia, até então, respondera; 2º) a criação de um referencial teórico que pudesse consolidar o desenvolvimento das pesquisas espíritas.

O primeiro objetivo será concretizado com a publicação de *Le Livre des Esprits* [1860] e o segundo com a publicação de *Le Livre des Médiuns* [1861]. Esses dois grandes tratados comporiam, assim, o aspecto científico-filosófico do Espiritismo e consolidariam os fundamentos para o posterior desenvolvimento da doutrina e do movimento que se articulou em torno a ela. Ambos os elementos que compõem esse duplo aspecto – o elemento experimental e o elemento doutrinário – estando profundamente ligados entre si, serão tratados no próximo capítulo. Como critérios gerais as condições metodológicas deste controle se resumem, segundo o autor em: “[...] observar, comparar e julgar [...]”.³⁴⁹ A fim de esclarecer esta regra geral, algumas considerações sobre o método aplicado por Kardec na consideração de seu objeto se fazem, portanto, necessários.

2.2.2. Do método:

A preocupação com o método é uma das marcas da Modernidade. Desde o início do século XVII, com a publicação do *Novum Organum* [1620] de Francis Bacon [1561-1626] e do *Discurso do Método* [1637] de René Descartes [1596-1650], passando pelo *Diálogo sobre os dois maiores sistemas* [1632], no qual Galileu Galilei [1564-1642] fala da necessidade de “novos preceitos de arquitetura” para construir o edifício do saber; até o século XIX com as

³⁴⁹ KARDEC. *Ma première...* op.cit. p. 308: “Tais são as disposições com as quais empreendi, e sempre prossegui, meus estudos espíritas: observar, comparar e julgar, eis a regra constante que eu segui”. No original: “Telles sont les dispositions avec lesquelles j’ai entrepris, et toujours poursuivi mes études spirites: observer, comparer et juger, telle a été la règle constante que je suivie”.

formulações metodológicas do positivismo; uma longa lista de pensadores se debruçará sobre esta problemática. Em outras palavras:

Muito simplificada, poderíamos dizer que pelo menos desde o surgimento da ciência moderna, por volta do século XVII, acreditava-se que a Ciência consistia na catalogação neutra de um grande número de “fatos”, dos quais então resultariam, de maneira “espontânea”, certa e infalível, as leis gerais que o regem; a reunião de tais leis constituiria então uma teoria científica.³⁵⁰

Assim sendo, o método era considerado como a garantia da cientificidade de uma dada teoria. Tamanha preocupação se deve, sobretudo, à impressão de que o método da escolástica, seguido até então, induz a erros já que “[...] nas pesquisas particulares sobre os fenômenos naturais, frequentemente suscitadas por exigências técnicas, constata-se que as conclusões da física aristotélica são contestadas pela experiência”.³⁵¹

Contudo, “[...] o século XVII via na construção de ‘sistemas filosóficos’ a tarefa própria do conhecimento filosófico”³⁵², afirma Ernst Cassirer. E esclarece:

Para que lhe parecesse verdadeiramente “filosófico”, era preciso que o saber tivesse alcançado e estabelecido com firmeza a ideia primordial de um ser supremo e de uma certeza suprema intuitivamente apreendida, e que tivesse transmitido a luz dessa certeza a todo o ser e a todo o saber dela deduzido. É o que efetivamente ocorre quando, pelo método da demonstração e da dedução rigorosa, são mediamente ligadas à certeza primordial outras proposições, a fim de se percorrer, por meio dessa conexão mediata, toda a cadeia do cognoscível e de a encerrar sobre si mesma. Nenhum elo dessa cadeia pode ser separado do conjunto, nenhum deles se explica nem se conclui por si mesmo. A única explicação de que é suscetível consiste em sua “dedução” rigorosa e sistemática, a qual o reconduz à causa primeira do ser e da certeza, permitindo assim avaliar a distância a que se encontra em relação a essa causa primeira e ao número de elos intermediários que o separam dela.³⁵³

Este é o método, ou o modo de pensar, de Descartes e Malebranche, de Leibniz e Spinoza; marcado pelo *esprit de système*, no qual o pensamento se encaminha dos conceitos e axiomas para os fenômenos.

³⁵⁰ CHIBENI, Silvio Seno. “A excelência metodológica do Espiritismo”. *Reformador*, novembro de 1988, pp. 328-333.

³⁵¹ ROVIGHI. op.cit., p. 17.

³⁵² CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 24.

³⁵³ Idem. *Ibidem*.

Diferentemente, “[...] o século XVIII renunciou a esse modo e a essa forma de ‘dedução’, de derivação e de explicação sistemática”.³⁵⁴ Ao invés do *Discurso do Método*, de Descartes, a Era do Iluminismo “[...] apoia-se nas *Regulae philosophandi* de Newton para resolver o problema central do método da filosofia”.³⁵⁵ E, assim, a investigação logo toma rumos diferentes.

A via newtoniana não é da dedução pura, mas a da análise. Newton não começa por definir certos princípios, certos conceitos e axiomas universais, a fim de percorrer passo a passo, por meio de raciocínios abstratos, o caminho que leva ao conhecimento do particular, dos simples “fatos”. É na direção inversa que se move seu pensamento. Os *fenômenos* são o dado; os *princípios*, o que é preciso descobrir. [...] O encaminhamento do pensamento não vai, por conseguinte, dos conceitos e dos axiomas para os fenômenos, mas o inverso. A observação é o *datum*; o princípio, a lei, o *quaesitum*. É esse o novo *programa* metódico que deixa sua marca em todo o pensamento do século XVIII. O *esprit systématique* nem por isso é subestimado ou marginalizado; mas foi cuidadosamente distinguido do *esprit de système*. [...] Em contraste com este “espírito de sistema”, cumpre doravante estabelecer novos vínculos entre o espírito “positivo” e o espírito “racional”.³⁵⁶

Cumprir este programa, herdado do Iluminismo, foi a tarefa que o século XIX se esforçou por levar a cabo. E, como nos lembra Herculano Pires, Allan Kardec, “[...] formado na tradição cultural do século XVIII, [...], compreendeu claramente que o problema de seu tempo repousava na questão do método [...]”³⁵⁷, e, ao se deparar com o fenômeno das *mesas dançantes e falantes*, resolveu aplicar o método experimental na investigação destes *fatos* que “[...] escapam às leis da ciência vulgar [...]” e que revelam “[...] na causa que os produz a ação de uma vontade livre e inteligente”.³⁵⁸ É Kardec mesmo quem declara:

Apliquei a esta nova ciência, como o tinha feito até então, o método da experimentação. Nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos buscava remontar às causas pela dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não

³⁵⁴ Idem. Ibidem.

³⁵⁵ Idem. Ibidem.

³⁵⁶ Idem. Ibidem. p. 25.

³⁵⁷ PIRES. *A pedra e o joio...* op.cit. p.18.

³⁵⁸ LE2. p. XLI.

admitindo como válida uma explicação, senão quando ela pudesse resolver todas as dificuldades da questão.³⁵⁹

Contudo, como vimos no tópico anterior, quando tratamos da delimitação do objeto da *ciência espírita*, ao defrontar-se com os fenômenos espíritas Kardec fez uma opção epistêmica: ao invés de se debruçar sobre tentativas reiteradas de provar a veracidade dos fatos, que para ele já eram evidentes por si mesmos, partiu para o controle das comunicações obtidas a fim retirar daí uma filosofia que solucionasse o “[...] problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade [...]”.³⁶⁰ Em outras palavras, Kardec, compreendeu que a evidência da existência dos Espíritos, de sua comunicabilidade com os homens, tinha implicações de ordem filosófica e moral muito amplas. E que, ao interrogá-los, um novo mundo de conhecimentos possíveis se lhe abria. Assim, os Espíritos se converteram na *fonte* de um conhecimento novo sobre “[...] tudo quanto se liga ao conhecimento da parte metafísica do homem [...]”.³⁶¹ E este conhecimento, assim adquirido, se converte na *chave* que soluciona problemas que nenhuma outra filosofia pôde solucionar. Segundo Pires:

Kardec desenvolveu o seu método de pesquisa tendo por base o processo de comunicação. [...] A comunicação mediúnica abriu para o homem uma nova dimensão na sua concepção do mundo e da vida. E Kardec dedicou-lhe todo um tratado, com **O Livro dos Médiuns**, estabelecendo as regras metodológicas da comunicação entre os vivos da Terra e os supostos mortos do Além.³⁶²

Contudo, uma análise mais aprofundada deste livro nos mostra que isso que Pires está chamando de *regras metodológicas* na verdade não aparecem vinculadas propriamente a uma reflexão metodológica em sentido mais amplo. Claro, Kardec tem a preocupação de transmitir algo de sua experiência acumulada ao longo dos anos. No entanto, não encontramos em qualquer lugar deste tratado sobre a *parte experimental do Espiritismo* qualquer teoria do método, ou epistemologia, que servisse como validação dos conhecimentos adquiridos pela

³⁵⁹ KARDEC. *Ma première...* op.cit. p. 308: “J’appliquai à cette nouvelle science, comme je l’avais fait jusqu’alors, la méthode de l’expérimentation; je ne fis jamais de théories préconçues: j’observais attentivement, je comparais, je déduisais les conséquences; des effets je cherchais à remonter aux causes, par le déduction et l’enchaînement logique des faits, n’admettant une explication comme valable que lorsqu’elle pouvait résoudre toutes les difficultés de la question”.

³⁶⁰ Idem. *Ibidem*.

³⁶¹ RE. Jan/1858. *Introduction*. p. 6.

³⁶² PIRES. *A pedra e o joio...* op.cit. p. 19. (Negrito do autor)

pesquisa, garantindo-lhes universalidade. Curiosamente, existe em *Le Livre des Médiuns* um Capítulo intitulado *Méthode* que, vindo após dois outros em que Kardec tenta demonstrar que os Espíritos existem e que os fenômenos mediúnicos (que são o objeto da *ciência espírita*) fazem parte dos fenômenos naturais, gera no leitor a expectativa que aí serão tratadas explicitamente as regras e os parâmetros metodológicos práticos para quem deseje se iniciar na pesquisa espírita. Afinal, este tratado deveria versar, segundo o próprio autor, do *Espiritismo Experimental*. No entanto, essa expectativa é frustrada logo de início, pois neste Capítulo, trata-se não do método que regularia as pesquisas espíritas, mas do método para que todo adepto possa com sucesso fazer novos prosélitos.³⁶³ Da mesma forma, não encontramos em *Le Livre des Esprits* nenhuma reflexão mais aprofundada sobre seu método de trabalho.

Apenas em 1868, bem tardiamente, portanto, podemos encontrar sua declaração explícita de adesão ao método positivista.³⁶⁴ Ele afirma em *La Genèse, les Miracles et les Prédications*:

Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, ou seja, aplicando o método experimental. Fatos de uma nova ordem se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, lhes deduz as consequências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina. Concluiu pela existência dos Espíritos, quando esta existência resultou evidente da observação dos fatos, da mesma forma quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram depois confirmar a teoria, mas a teoria é que veio subsequentemente explicar e

³⁶³ LM, p. 21. Afirma Kardec: “O desejo de fazer prosélitos – desejo este que nunca será demasiado encorajar – é algo muito natural e louvável em todo adepto. Tendo em vista facilitar sua tarefa, nos propusemos examinar aqui o caminho mais seguro para atender a este objetivo, segundo nossa perspectiva, a fim de lhes pouparmos esforços inúteis”. No original: “Le désir très naturel et très louable de tout adepte, désir qu'on ne saurait trop encourager, est de faire prosélytes. C'est en vue de faciliter leur tâche que nous nous proposons d'examiner ici la marche la plus sûre, selon nous, pour atteindre ce but, afin de leur épargner des efforts inutiles”.

³⁶⁴ A citação anterior (vide: nota 359) é do volume das *Oeuvres Posthumes* que só foi publicada em 1890 por discípulos de Kardec. Isto torna a citação que virá a seguir a única vez em que Kardec trata explícita e diretamente da questão do método em uma de suas obras.

resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação.³⁶⁵

Qual a importância desta passagem? Ela corrobora de modo inequívoco com o que viemos defendendo até este momento: Kardec, embora reconheça as peculiaridades de seu objeto de pesquisa, compreende que o Espiritismo torna-se uma *ciência positiva* (que se desenvolve, portanto, dentro dos quadros teóricos do positivismo) por compartilhar com as demais *ciências positivas* o método experimental. E vai além, descrevendo-o com detalhes. Como se vê, toda a questão se resumiria a um programa científico absolutamente calcado sobre a ideia da possibilidade de uma *indução pura* e de uma racionalidade *livre de pré-juízos*. Kardec acredita, portanto, que todos os princípios doutrinários – mesmo o mais elementar deles, a *existência dos Espíritos* – teriam sido estabelecidos positivamente por uma cadeia indutiva plenamente objetiva.

Ao lermos o trecho da obra kardeciana acima citado, e que foi publicado em 1868, tem-se a impressão de ouvir o eco das declarações de Claude Bernard [1813-1878] feitas apenas três anos antes: “As ciências partem da observação fiel da realidade. Na sequência dessa observação, tiram-se leis. Estas são então submetidas a verificações experimentais e, desse modo, postas à prova. Estas leis testadas são enfim inseridas em teorias que descrevem a realidade”.³⁶⁶ E mesmo que se argumente que, ao contrário de Bernard que estaria preso ao modelo experimental das *ciências naturais*, Kardec propunha uma ciência mais próxima do que hoje chamamos de *ciências humanas*³⁶⁷; ainda assim, será preciso reconhecer que,

³⁶⁵ GMP. p. 9-10: “Comme moyen d'élaboration, le Spiritisme procède exactement de la même manière que les sciences positives, c'est-à-dire qu'il applique la méthode expérimentale. Des faits d'un ordre nouveau se présentent qui ne peuvent s'expliquer par les lois connues ; il les observe, les compare, les analyse, et, des effets remontant aux causes, il arrive à la loi qui les régit ; puis il en déduit les conséquences et en cherche les applications utiles. *Il n'établit aucune théorie préconçue* ; ainsi, il n'a posé comme hypothèses, ni l'existence et l'intervention des Esprits, ni le périsprit, ni la réincarnation, ni aucun des principes de la doctrine ; il a conclu à l'existence des Esprits lorsque cette existence est ressortie avec évidence de l'observation des faits ; et ainsi des autres principes. Ce ne sont point les faits qui sont venus après coup confirmer la théorie, mais la théorie qui est venue subséquentement expliquer et résumer les faits. Il est donc rigoureusement exact de dire que le Spiritisme est une science d'observations, et non le produit de l'imagination”.

³⁶⁶ BERNARD, Claude. *apud*. FOUREZ, Gérard. *A construção das ciências*. Introdução à filosofia e à ética das ciências. Bauru: UNESC, 1995. p.38.

³⁶⁷ Segundo Dora Incontri: “O objeto da ciência espírita é o Espírito [...]. Na ciência espírita, como aliás nas ciências humanas, em geral, o próprio objeto é sujeito do conhecimento. Mas, neste caso, trata-se de um sujeito transcendente e não apenas um sujeito social ou biológico. Os Espíritos desencarnados revelam-se, explicam-se, contribuem para esclarecer a sua participação no fenômeno mediúnico e os Espíritos encarnados – os homens portanto – pesquisam, indagam, formulam hipóteses, controlam as manifestações”. (INCONTRI. *Pedagogia Espírita*. op. cit. p. 29).

seguindo o *esprit du temps*, esta ciência tende a se representar a partir do modelo científico predominante nas primeiras. Como nos recorda o filósofo Hans-Georg Gadamer:

A autorreflexão lógica das ciências do espírito, que acompanha o seu efetivo desenvolvimento no século XIX, está completamente dominada pelo modelo das ciências da natureza. [...] As ciências do espírito compreendem a si mesmas por analogia à ciência da natureza, e isto tão decisivamente que o eco idealístico que acompanha o conceito de espírito e de ciência do espírito retrocede a um segundo plano. [...] Já a partir do contexto da *Lógica* de Mill percebe-se que não se trata de reconhecer uma lógica própria das ciências do espírito, mas de demonstrar, ao contrário, que também nesse âmbito o método indutivo, que está à base de toda a ciência experimental, tem validade única.³⁶⁸

E como ilustra o exemplo da obra *As regras do método sociológico* [1894] do sociólogo Émile Durkheim que, desejando fornecer à sociologia o estatuto de uma ciência autônoma, encara seu objeto, o *fato social*, como um elemento da *natureza* e, desse modo, poderia aplicar no estudo da *realidade social* um método análogo àquele aplicado pelas ciências da natureza. A sociologia deveria, assim, usando procedimentos metodológicos próprios, inspirado no método experimental (cujas bases são o indutivismo e o racionalismo), se dedicar ao estudo dos *fatos sociais*.³⁶⁹

Também a psicologia experimental que se desenvolveu ao longo do século XIX, grandemente influenciada pela pesquisa fisiológica de Johannes Müller [1801-1858], pagou seu tributo a essa dominação das ciências da natureza em questão de método. Assim: “Em meados do século XIX, os métodos das ciências naturais estavam sendo empregados para pesquisar fenômenos puramente mentais”.³⁷⁰ E, mesmo Wilhelm Wundt [1832-1920], considerado o *pai da psicologia moderna*, que elegeu como seu objeto de estudo a *consciência*, utilizava “[...] os métodos experimentais das ciências naturais, principalmente as técnicas empregadas pelos fisiologistas”.³⁷¹ Segundo Schultz: “Wundt adaptou esses métodos científicos de investigação para a nova psicologia e prosseguiu na sua pesquisa do mesmo modo como os cientistas físicos se dedicavam ao objeto de estudo de sua própria área”.³⁷²

³⁶⁸ GADAMER. *Verdade e Método I*. Traços Fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 37.

³⁶⁹ DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: EDIPRO, 2012.

³⁷⁰ SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Hellen. *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cengage Learning, 2009. p. 75.

³⁷¹ Idem. Ibidem. p. 83.

³⁷² Idem. Ibidem.

Diante do exposto e das evidências textuais apresentadas, – ainda que pese a crítica feita pelos filósofos da ciência do século XX ao indutivismo e ao racionalismo acrítico³⁷³ – não me parece possível haver mais dúvidas quanto ao caráter positivista que ressalta dos textos kardecianos que tratam da *ciência espírita*.

2.2.3. Dos instrumentos de controle do ensino dos Espíritos:

A concepção positivista do método, assumida por Kardec, é marcada, como se viu, pela confiança na *indução*, como meio de coleta de *fatos empíricos*, e nos poderes da *razão* em processá-los a partir de uma posição neutra, isenta de *pré-juízos*. Ora, como afirma em *Le Livre des Médiuns*, o Espiritismo seria uma teoria que não foi contradita nem pela razão, nem pela ciência. E, mais, é uma teoria *corroborada pelos fatos* e, assim, teria a *sanção da razão* e da experiência.³⁷⁴ Seria, portanto, essa suposta objetividade na consideração dos *fatos* que levou Kardec a afirmar reiteradamente que a doutrina espírita era a doutrina *dos Espíritos*, e não sua.

No entanto, como afirmei no Capítulo 1 desta tese, minha leitura diverge um pouco desta auto-representação assumida por Kardec. Como defendi ali, ainda que sumariamente, creio que mesmo considerando que o codificador tenha partido, no processo de composição da doutrina, do controle de informações oriundas de fontes produzidas por outrem³⁷⁵, não haveria por que deixar de considerá-lo o *autor* das obras doutrinárias que levam seu nome, bem como de seu conteúdo. Naquela ocasião, defendi meu ponto de vista a partir de uma *licença* concedida pelo próprio Kardec na *Conclusion* de *Le Livre des Esprits*, bem como de uma analogia entre o seu trabalho de pesquisa e aquele levado a efeito pelos historiadores da filosofia na consideração do pensamento dos chamados *pensadores originários*. Minha

³⁷³ Indutivismo, ou o *problema da indução*, foi combatido, por exemplo, por Karl R. Popper em sua obra *A lógica da pesquisa científica*. Todo questionamento da validade do método indutivo, tal como era proposto no século XIX, se resume na impossibilidade lógica do *salto indutivo*: como seria possível, a partir de observações particulares, chegar a postular leis científicas universais? O conceito de *racionalismo acrítico*, ou *racionalismo abrangente*, foi proposto também por Karl Popper que o definiu “[...] como a atitude da pessoa que diz: ‘Não me disponho a aceitar nada que não possa ser defendido por meio da argumentação ou da experiência’. Também podemos expressar essa ideia [...]”, afirma ele, “[...] sob a forma de um princípio: qualquer suposição que não possa ser sustentada pela argumentação ou a experiência deve ser descartada”. (POPPER, Karl. A defesa do racionalismo. In : _____. *Textos Escolhidos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. p. 34).

³⁷⁴ Cf.: LM, p. 5: “Estes fatos nós os encontramos no fenômeno das manifestações espíritas. os quais são, assim, a prova patente da existência e da sobrevivência da alma”. No original: “Ces faits, nous les trouvons dans le phénomène des manifestations spirites, qui sont ainsi la preuve patente de l’existence e de la survivance de l’âme”.

³⁷⁵ Sejam estas fontes os Espíritos — como alega Kardec —, ou os médiuns que afirmam agir por sua influência.

intenção, ali, foi a de reforçar o caráter interpretativo do trabalho kardeciano. E, neste contexto, fica impossível admitir que sua observação teria levado à inferência dos princípios doutrinários sem qualquer espécie de *pressupostos teóricos*, ou *teorias pré-concebidas*, como ele gosta de dizer.

Neste momento, creio ser necessário aprofundar um pouco mais esse questionamento a partir de uma crítica interna a esse indutivismo e racionalismo kardecianos. Norteará essa discussão a análise dos dois *instrumentos de controle do ensino dos Espíritos* propostos por Kardec como critérios de consolidação dos princípios doutrinários: (1) a *escala espírita* e o (2) *controle universal do ensino dos Espíritos*. O primeiro instrumento serviria como parâmetro a partir do qual os Espíritos comunicantes seriam classificados segundo seu grau de progresso moral e intelectual, e, portanto, estabeleceria o grau de confiabilidade de suas comunicações; e, o segundo serviria para eliminar os sistemas particulares e opiniões divergentes visando estabelecer a doutrina a partir de princípios universais concordantes.

Contudo, enquanto a *escala espírita* se faz presente explicitamente desde o princípio das reflexões kardecianas, em suas primeiras obras, passando por várias reformulações³⁷⁶; o *controle universal* só começa a ser elaborado de maneira mais sistemática, ao que parece, a partir de 1862.³⁷⁷ Claro, conforme afirmamos anteriormente, ao eleger o conteúdo das comunicações mediúnicas como objeto privilegiado de análise, Kardec já se coloca metodologicamente na postura de quem exerce um controle. Tal controle seria direcionado à linguagem das comunicações (o que teria criado a *escala espírita*) visando a eliminação de certos problemas decorrentes da impossibilidade de uma identificação positiva das personalidades que as assinariam. Mas, também, visando a filtragem do conteúdo das comunicações consideradas válidas e confiáveis, a fim de inferir delas os princípios

³⁷⁶ Encontramos a primeira versão da *escala espírita* já na *editio princeps* de *Le Livre des Esprits* [1857]. Posteriormente, encontramos outras versões na *Revue Spirite* de fevereiro de 1858 e na *Instruction Pratique sur les manifestations spirites* [1858]. A versão definitiva, contudo, encontramos apenas na segunda edição de *Le Livre des Esprits* [1860].

³⁷⁷ No ano de 1862, em artigo publicado na *Revue Spirite* com o título *Controle do Ensino Espírita*, Kardec descreve pela primeira vez esses dois instrumentos como estando articulados para a obtenção da verdade doutrinária: RS. Jan/1862, p. 17. *Contrôle de l'Enseignement Spirite*: “Se há um meio de chegar à verdade, seguramente é pela concordância e pela racionalidade das comunicações, auxiliadas pelos meios que temos de constatar a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos”. No original: “S’il est un moyen d’arriver à la vérité, c’est assurément par la concordance autant que par la rationalité des communications, aidées des moyens que l’on a de constater la supériorité ou l’infériorité des Esprits[...]”. A maturidade da reflexão kardeciana sobre o tema do *controle universal do ensino dos Espíritos*, contudo, se dará apenas em 1864 com a publicação do livro *Imitation de l’Évangile selon le Spiritisme*. Este foi um dos elementos que me levou a pensar que esta obra, em sua *Introdução* e no seu primeiro Capítulo, estabelece um arco que liga o período científico-filosófico ao período religioso que, naquele momento, se inicia. (Cf.: Capítulo 1).

doutrinários e teóricos que sustentariam o Espiritismo. Como descrito pelo próprio codificador, nos primeiros dias de sua pesquisa, seu trabalho foi o de comparar e fundir todas as respostas por ele obtidas nas sessões mediúnicas de que participava, após coordená-las, classificá-las e, muitas vezes, retocá-las.³⁷⁸

No entanto, aquilo que posteriormente será chamado por Kardec de *controle universal* se tornará uma realidade apenas após a ampla divulgação de sua obra e da expansão de segmentos do movimento espírita sob sua influência direta. Isso permitirá, ao contrário do que aconteceu nos primeiros dias de sua pesquisa, que Kardec passe a ter acesso ao material produzido por diversos centros ao redor do mundo.³⁷⁹ O que, em tese, ampliaria significativamente a coleta de dados. Mas, estou me antecipando. Vejamos, primeiro, como Kardec concebe cada um desses instrumentos.

1º) *A escala espírita:*

Como dissemos, a necessidade da classificação dos Espíritos comunicantes a partir do grau de seu progresso intelectual e moral surge por uma dificuldade que Kardec reconhece intransponível: a impossibilidade de se estabelecer com um índice de certeza razoável se o nome com que tais Espíritos se identificam durante o processo de comunicação mediúnica correspondem, de fato, àquela personalidade que designam. Desse modo, Kardec apresenta a *escala espírita* como um dos mais importantes princípios da doutrina: aquele que “[...] estabelece as diferentes ordens de Espíritos”³⁸⁰ e que se funda sobre “[...] suas qualidades íntimas”.³⁸¹ Sua importância reside no fato de que, tendo sido a doutrina fundada sobre as informações sobre o mundo invisível que teriam sido trazidas pelos Espíritos, é preciso compreender que um dos critérios para aferição da veracidade destas informações se encontra justamente em que o investigador conheça adequadamente seu interlocutor. Ora, um equívoco

³⁷⁸ Cf. : Capítulo 1, seção 1.4. O *corpus* kardeciano e os períodos do Espiritismo.

³⁷⁹ Em *L'Évangile selon le Spiritisme* [1864] Kardec declara: “Na nossa posição, recebendo as comunicações de cerca de mil centros espíritas sérios, disseminados sobre diversos pontos do globo, estamos em condições de ver os princípios sobre os quais esta concordância se estabelece. Foi esta observação que nos guiou até este dia e é, igualmente ela que nos guiará nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar”. No original: “Dans notre position, recevant les communications de près de Mille centres spirites sérieux, disséminés sur les divers points du globe, nous sommes à même de voir les principes sur lesquels cette concordance s’établit; c’est cette observation qui nous a guidé jusqu’à ce jour, et c’est également celle qui nous guidera dans les nouveaux champs que le Spiritisme est appelé à explorer”. (ES, p. XI-XII).

³⁸⁰ KARDEC. *Instrução Prática...* op.cit. p. 79.

³⁸¹ RS. Fev/1858, p. 43.

lamentável, segundo Kardec, seria o de considerar “[...] que uma entidade, pelo fato mesmo de ser um Espírito, devia possuir a ciência infusa e a suprema sabedoria [...]”³⁸²; equívoco que “[...] fez que muitas pessoas se julgassem de posse de um meio infalível de adivinhação”.³⁸³ De sua parte, ao relembrar os dias inaugurais de sua pesquisa, afirma:

Um dos primeiros resultados das minhas observações foi que os Espíritos, não sendo mais do que as almas dos homens, não possuíam nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência. Que o seu saber estava limitado ao grau, de seu avanço, e que, a opinião deles só possuía o valor de uma opinião pessoal. Esta verdade, reconhecida desde o princípio, preservou-me do grave escolho de crer na infalibilidade dos Espíritos e me impediu de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um único ou por alguns deles. [...] Agi, portanto, com os Espíritos, como eu o teria feito com os homens. Eles foram, para mim, do menor ao maior, meios de me informar e não *reveladores predestinados*.³⁸⁴

Diante deste quadro algumas questões se colocam: se há *maiores e menores* entre os Espíritos como, então, seria possível distingui-los? Quais seriam, pois, as características que ofereceriam segurança ao observador para filtrar suas mensagens? E, quais critérios poderiam ser utilizados na aferição desta distinção? Seriam critérios absolutos ou meramente relativos? Uma vez utilizados, tais critérios classificariam os Espíritos em categorias absolutas ou relativas? Foi considerando tais questionamentos que Kardec propôs o esquema classificatório que agora analisamos. Segundo sua compreensão, este esquema é similar a outros “[...] sistemas de classificação científica, os quais podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais e mais ou menos cômodos para a inteligência [...]”, mas, “[...] sejam, porém, quais forem, em nada alteram as bases da ciência”.³⁸⁵ E estabelece uma comparação:

Linneu, Jussieu e Tournefort tiveram, cada um, o seu método, e a botânica, não mudou por disso. É que nenhum deles inventou as plantas, nem seus

³⁸² KARDEC. *Instrução Prática*. op.cit., p. 79.

³⁸³ Idem. *Ibidem*.

³⁸⁴ KARDEC. *Ma première...* op.cit. p. 307-308: “Un des premiers résultats de mes observations fut que les Esprits, n’étant autres que les âmes des hommes n’avaient ni la souveraine sagesse, ni la souveraine science; que leur savoir était borné au degré de leur avancement, et que leur opinion n’avait que le valeur d’une opinion personnelle. Cette vérité reconnue dès le principe, me préserva du grave écueil de formuler des théories prématurées sur le dire d’un seul ou des quelques-uns. [...] J’agi donc avec les Esprits comme je l’aurais fait avec des hommes; ils furent pour moi, depuis le plus petit jusqu’au plus grand, des moyens de me renseigner, et non des *révélateurs prédestinés*”.

³⁸⁵ RS. Fev/1858, p. 37: “Il en est ici comme dans tous les systèmes de classifications scientifiques; ces systèmes peuvent être plus ou moins completes, plus ou moins rationnels, plus ou moins commodes pour l’intelligence, mais, quels qu’ils soient, ils ne changent rien au fonde de la science”.

caracteres, eles observaram as analogias, a partir das quais formaram os grupos ou classes. Foi assim que também procedemos. Não inventamos os Espíritos, nem seus caracteres; vimos e observamos, julgamo-los por suas palavras e atos, depois os classificamos pelas semelhanças. É o que qualquer um teria feito em nosso lugar.³⁸⁶

Assim, afirma Kardec, o critério foi a comparação entre suas palavras e atos. Um critério a ser aplicado “[...] sob o duplo ponto de vista intelectual e moral [...]”.³⁸⁷ Trata-se agora, portanto, de verificarmos como se daria, segundo Kardec, esta comparação entre os Espíritos com base no duplo critério das palavras e dos atos.

Em *Le Livre des Médiuns* há um capítulo intitulado *Identidade dos Espíritos*.³⁸⁸ Logo de imediato Kardec afirma que “a questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do espiritismo”.³⁸⁹ Como “[...] os Espíritos não nos apresentam um documento de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes emprestados [...]”³⁹⁰, esta questão da identidade “é, [...], uma das maiores dificuldades que apresenta o Espiritismo prático [...]”.³⁹¹ Ao levarmos em conta o critério de avaliação da linguagem dos Espíritos, parece ser primordial avaliar, em primeiro lugar, o nome com o qual eles se identificam. No entanto, para Kardec, “[...] em muitos casos, a identidade absoluta é uma questão secundária e sem importância real”.³⁹² A explicação para isto é que:

À medida que os Espíritos se purificam e se elevam na hierarquia, as características distintivas de suas personalidades se apagam, de certo modo, na uniformidade da perfeição; no entanto, nem por isso conservam menos as suas individualidades. É o que ocorre com os Espíritos superiores e com os Espíritos puros. Nessa posição, o nome que tiveram na terra, em uma das

³⁸⁶ Idem. Ibidem. p. 38: “Linnée, Jussieu, Tournefort, ont eu chacun leur méthode, et la botanique n’a pas changé pour cela; c’est qu’ils n’ont inventé ni les plantes, ni leurs caractères; ils ont observé les analogies d’après lesquelles ils ont formé les groupes et les classes. C’est ainsi que nous avons procédé; nous n’avons inventé les Esprits ni leurs caractères; nous avons vu et observé; les avons jugés à leurs paroles et à leurs actes, puis classés par similitudes; c’est ce que chacun eût pu faire à notre place”.

³⁸⁷ Idem. Ibidem. p. 37: “[...] sous le double rapport intellectuel et moral [...]”.

³⁸⁸ LM, Capítulo XXIV, *Identité des Esprits, Seconde Partie*, p. 327-351.

³⁸⁹ LM. p. 327: “La question de l’identité des Esprits est une des plus controversées, même parmi les adeptes du spiritisme [...]”.

³⁹⁰ Idem. Ibidem: “[...] c’est qu’en effet les Esprits ne nous apportent pas une acte de notoriété, et l’on sait avec quelle facilité certains d’entre eux prennent des noms d’emprunt [...]”.

³⁹¹ Idem. Ibidem: “[...] est-ce une des plus grandes difficultés du spiritisme pratique [...]”.

³⁹² Idem. Ibidem: “[...] dans beaucoup des cas, l’identité absolue est une question secondaire et sans importance réelle”.

milhares de existências corpóreas *efêmeras* pelas quais passaram, é coisa completamente insignificante.³⁹³

Apesar disto, Kardec se dispõe a analisar a questão a partir de duas situações. Em primeiro lugar tem-se o problema da identidade dos Espíritos que se apresentam como personagens antigos, e que “[...] é a mais difícil de se constatar, tornando-se muitas vezes mesmo impossível, e fica-se reduzido a uma apreciação puramente moral”.³⁹⁴ Por outro lado, “a identidade é muito mais fácil de ser constatada quando se trata de Espíritos contemporâneos, dos quais se conhece o caráter e os hábitos, porque são precisamente esses hábitos, que ainda não tiveram tempo de abandonar, por meio dos quais se fazem reconhecer. E, digamos logo, este é um dos sinais mais certos de identidade”.³⁹⁵

Se, contudo, o problema da identidade dos Espíritos é secundário, “[...] o mesmo já não se dá com a distinção a ser feita entre os bons e os maus Espíritos”.³⁹⁶

Em todas as comunicações instrutivas, é sobre esse ponto que devemos concentrar toda a atenção, porque só ele nos pode dar a medida da confiança que podemos depositar no Espírito que se manifesta, qualquer que seja o nome com que o faça. O Espírito que se manifesta é bom ou mau? A qual degrau da escala espírita ele pertence? Eis aí a questão capital.³⁹⁷

O ponto capital, a regra geral, da qual todas as demais condições para o discernimento dos Espíritos comunicantes derivariam, é que “[...] a linguagem dos Espíritos está sempre em razão com o grau de sua elevação”.³⁹⁸ E para ilustrar essa regra *invariável e sem exceção*,

³⁹³ Idem. Ibidem. p. 328: “A mesure que les Esprits se purifient et s’élèvent dans la hiérarchie, les caractères distinctifs de leur personnalité s’effacent en quelque sorte dans l’uniformité de perfection, et cependant ils n’en conservent pas moins leur individualité; c’est ce qui a lieu pour les Esprits supérieurs et les purs Esprits. Dans cette position, le nom qu’ils avaient sur la terre, dans une des mille existences corporelles *éphémères* par lesquelles ils ont passé, est une chose tout à fait insignifiante”.

³⁹⁴ Idem. Ibidem. p. 327: “L’identité de l’Esprit des personnages anciens est la plus difficile à constater, souvent elle même est impossible, et l’on en est réduit à une appréciation purement morale”.

³⁹⁵ Idem. Ibidem. p. 330: “L’identité est plus facile à constater quand il s’agit d’Esprits contemporaines dont on connaît le caractère et les habitudes, car ce sont précisément ces habitudes, dont ils n’ont pas encore eu le temps de se dépouiller, par lesquelles ils se font reconnaître, et disons tout de suite que c’est même là un des signes les plus certains d’identité”.

³⁹⁶ Idem. Ibidem. p. 334: “Si l’identité absolue des Esprits est, dans beaucoup de cas, une question accessoire et sans importance, il n’en est pas de même de la distinction des bons et de mauvais Esprits”.

³⁹⁷ Idem. Ibidem. p. 334: “Dans toutes les communications instructives, c’est donc sur ce point que doit se concentrer toute l’attention, parce que seul il peut nous donner la mesure de la confiance que nous pouvons accorder à l’Esprit qui se manifeste, quel que soit le nom sous lequel il le fasse. L’Esprit qui se manifeste est-il bon ou mauvais? A quel degré de l’échelle spirite appartient-il? là est la question capitale”.

³⁹⁸ Idem. Ibidem. p. 334.: “On peut poser comme règle invariable et sans exception, que *le langage des Esprits est toujours en raison du degré de leur élévation*”. (Itálico do autor)

Kardec propõe um símile: supondo que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são estranhas, ele julgará “[...] pelo estilo, pelas ideias, por uma porção de indícios [...]”, enfim, se “[...], aquelas pessoas são instruídas ou ignorantes, gentis ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais, etc.”.³⁹⁹ O mesmo deverá acontecer com relação aos Espíritos, “deve-se considerá-los como correspondentes que nunca vimos e se questionar o que pensaríamos do saber e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse tais coisas”.⁴⁰⁰ A partir daí Kardec irá propor um quadro de vinte seis meios para se reconhecer a qualidade dos Espíritos.⁴⁰¹ Um quadro cujo critério absoluto é descrito por Kardec da seguinte maneira:

Submetendo todas as comunicações a um escrupuloso exame, perscrutando e analisando o pensamento e as expressões, tal como se faz quando se trata de julgar uma obra literária; rejeitando, *sem hesitar*, tudo o que for contrário à lógica e ao bom senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito que supostamente está se manifestando, se desencorajará os Espíritos enganadores, os quais acabarão por se retirar, desde que fiquem bem convencidos de que não conseguirão nos enganar. **Repetimos: este é o único meio, porém ele é infalível, posto que não há comunicação má que possa resistir a uma crítica rigorosa.** Os bons Espíritos nunca se ofendem com ela, pois são eles mesmos no-la aconselham, já que não têm nada a temer do exame. Somente os maus se ofendem e procuram evitar a crítica, porque têm tudo a perder. Só por isso provam o que são.⁴⁰²

Assim, a análise do discurso, da linguagem empregada pelos Espíritos em suas comunicações, ofereceria ao observador um dos elementos fundamentais para a avaliação de seu maior ou menor adiantamento intelectual e moral.

Além disso, segundo o duplo critério estabelecido por Kardec anteriormente, há que levar em conta seus *atos*. Mas, como avaliar as ações de um Espírito? De maneira geral, assim

³⁹⁹ Idem. Ibidem: “[...] au style, aux pensées, à une foule de signes enfin il jugera celles qui sont instruites ou ignorantes, polies ou mal élevées, superficielles, profondes, frivoles, orgueilleuses, sérieuses, légères, sentimentales, etc.”.

⁴⁰⁰ Idem. Ibidem: “Il en est même des Esprits; on doit les considérer comme des correspondants qu’on n’a jamais vus, et se demander ce que l’on penserait du savoir et du caractère d’un homme qui dirait ou écrirait de pareilles choses”.

⁴⁰¹ Cf.: LM. p. 337-342.

⁴⁰² LM. p. 336: “En soumettant toutes les communications à un examen scrupuleux, en scrutant et en analysant la pensée et les expressions comme on le fait quand il s’agit de juger un ouvrage littéraire, en rejetant *sans hésiter* tout ce qui pèche par la logique et le bon sens, tout ce qui dément le caractère de l’Esprit qui est censé se manifester, on décourage les Esprits trompeurs qui finissent par se retirer, une fois bien convaincus qu’ils ne peuvent nous abuser. **Nous le répétons, ce moyen est le seul, mais il est infallible, parce qu’il n’y a pas de mauvaise communication qui puisse résister à une critique rigoureuse.** Les bons Esprits ne s’en offensent jamais, puisque eux-mêmes le conseillent, et parce qu’ils n’ont rien à craindre de l’examen; les mauvais seuls s’en formalisent et en dissuadent, parce qu’ils ont tout à perdre, et par cela même prouvent ce qu’ils sont”. (Negrito meu).

como aconteceria com a linguagem, estas se traduziriam pelos sentimentos e atos que inspiram. No entanto, haveria ainda outro critério, que avalia o grau de adiantamento dos Espíritos por meio da comparação entre os tipos de manifestações que os mesmos produziram. Quanto mais um Espírito se dedica a produzir manifestações físicas⁴⁰³, menos elevado ele parece ser. De fato, Kardec se utiliza de uma comparação bem direta: acaso, quem é a pessoa que executa tarefas físicas, o trabalhador ou o sábio?

Feito isso, estabelecidos os meios de comparação, é preciso compor o quadro a partir do estabelecimento de diferentes categorias, que contemplem cada um dos critérios assumidos previamente na avaliação da questão. Kardec apresentou diversas versões da *escala*: uma em Fevereiro de 1858 na *Revue*; outra, no mesmo ano, no livro *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas*; e, nas duas edições de *Le Livre des Esprits* [1857-1860]. Como as diferenças entre essas diversas versões é tão somente formal (nomenclatura e número das subdivisões dos três principais graus de classificação), não faremos aqui um estudo comparativo entre elas. Nossa atenção se voltará exclusivamente à versão que acabou sendo consagrada como definitiva, pela edição de 1860 de *Le Livre des Esprits*.

Kardec prevê em seu sistema de classificação três *ordens* de Espíritos, divididas em dez *classes* diversas. Em ordem inversa, a *Terceira Ordem* é a dos *Espíritos imperfeitos*, sobre os quais haveria uma maior predominância da matéria sobre o espírito e, conseqüentemente, seriam limitados tanto do ponto de vista moral (inclinados às más paixões) quanto do ponto de vista intelectual (com conhecimentos limitados do mundo espiritual). Esta ordem de Espíritos estaria subdividida em cinco *classes*: [10^a] Espíritos impuros; [9^a] Espíritos levianos; [8^a] Espíritos pseudo-sábios; [7^a] Espíritos neutros; [6^a] Espíritos batedores e perturbadores. A *Segunda Ordem* abrangeria os chamados *Espíritos bons*, nos quais haveria uma predominância do espírito sobre a matéria e um conseqüente aumento do desejo da prática do bem. Suas quatro *classes* seriam: [5^a] Espíritos benévolos; [4^a] Espíritos de ciência; [3^a] Espíritos de sabedoria; [2^a] Espíritos superiores. Por fim, a *Primeira Ordem*, dos *Espíritos Puros*, de *classe única* [1^a] que abrangeria os Espíritos que já não sofreriam qualquer influência da matéria e desfrutariam de uma superioridade intelectual e moral absolutas, em relação aos demais Espíritos de outras *ordens*.

⁴⁰³ Segundo Kardec, as manifestações físicas seriam aquelas em que o fenômeno mediúnico se traduziria em efeitos sensíveis, tais como: ruídos, pancadas, etc. Embora supostamente produzidas por Espíritos, elas não teriam necessariamente como objetivo transmitir uma mensagem inteligível (o que só ocorreria com nas *manifestações inteligentes*), mas serviriam para chamar a atenção para o fenômeno. (Cf: LM. p. 75ss).

Como se vê, o critério geral desta classificação é o nível de evolução, ou de progresso, que os Espíritos tenham alcançado ao longo de suas diversas existências. Tal evolução se dá pelos já falados eixos do avanço intelectual e moral, que se reflete num maior domínio do princípio espiritual sobre o princípio material nos hábitos e linguagem sobre aquela individualidade. Entre os Espíritos imperfeitos, por exemplo, seu caráter se revelaria por sua linguagem que apresentaria falhas tanto do ponto de vista moral (com linguagem frívola, maldosa ou por darem maus conselhos), quanto do ponto de vista intelectual (como no caso dos Espíritos pseudo-sábios que, embora tenham muitos conhecimentos, creem saber mais do que realmente sabem). Entre os Espíritos bons, da *Segunda Ordem*, entretanto, a situação seria diversa. Sua linguagem, em geral, é benevolente e, no caso dos Espíritos superiores (de 2ª classe), por exemplo, reuniriam em si ciência, sabedoria e bondade.

Contudo, pode-se questionar: se a avaliação da linguagem das comunicações com base no eixo do *avanço intelectual* pode ser algo relativamente fácil, possuindo, diríamos, até mesmo com certo grau de objetividade.⁴⁰⁴ O mesmo não poderá ser dito da avaliação a partir do eixo do *avanço moral*. Quais as bases para poder avaliar se uma comunicação é boa ou não do ponto de vista moral? Este me parece ser um critério demasiado subjetivo em que os pressupostos morais do codificador devem ter criado um filtro que o levou a selecionar algumas comunicações em detrimento de outras. É certo que Kardec não pensa assim já que,

⁴⁰⁴ Digo, certo grau de objetividade, e não uma *objetividade absoluta* como a pretensão de Kardec, porque, mesmo dentro da cultura ocidental europeia, a noção da racionalidade já sofreu inúmeras modificações significativas. Assim, como podemos verificar na *Revue Spirite* (Jun/1859, p. 162), Kardec questiona ao Espírito São Luís, considerado o diretor espiritual da *Société Parisienne d'Études Spirites* – um Espírito superior, portanto – se a *raça negra seria realmente inferior*. E teria recebido como resposta a declaração de que a *raça negra* desapareceria da Terra. Ora, hoje não teríamos problemas em qualificar essa resposta como insuficiente tanto do ponto de vista intelectual, quanto do ponto de vista moral. Anos depois, em 1862, também na *Revue* (RS, Avr/1862, p. 97-105), Kardec publica um artigo de sua autoria, intitulado *Phrénologie spiritualiste et spirite: Perfectibilité de la race nègre*, em que tenta responder, a partir da visão espírita e da, hoje desacreditada, frenologia se a *raça negra* poderia evoluir (seria perfectível) ou se estaria condenada por Deus à eterna inferioridade. Ora, o próprio questionamento é problemático, pois parte do pressuposto de que os negros, por terem sido escravizados, seriam inequivocamente inferiores aos caucasianos. Contudo, a resposta ao questionamento é ainda mais desconcertante. Afirma Kardec: “Os negros, portanto, como organização física, serão sempre os mesmos. Como Espíritos são, sem dúvida, uma raça inferior, ou seja, primitiva. São verdadeiras crianças com às quais se pode ensinar bem pouca coisa, embora através de cuidados inteligentes se possa sempre modificar certos hábitos, certas tendências, o que será um progresso que levarão a uma outra existência, e que lhes permitirá, mais tarde, tomar um envoltório em melhores condições. [...] Sob o mesmo envoltório, ou seja, com os mesmos instrumentos de manifestação do pensamento, as raças não são perfectíveis exceto em limites bastante estreitos. [...] Eis por que a raça negra, enquanto raça negra, corporalmente falando, não atingirá nunca o nível das raças caucasianas. No entanto, enquanto Espíritos, é outra coisa. Ela poderá vir a ser o que somos, apenas lhe será necessário o tempo e melhores instrumentos. É por isso que, mesmo em contato com a civilização, as raças selvagens permanecem sempre selvagens. Contudo, à medida que as raças civilizadas se expandem, as raças selvagens diminuem até desaparecerem completamente, tal como desapareceram as raças dos Caríbas, dos Guanches e outras”. [Tradução minha, pode-se conferir o original em RS, Avr/1862, p. 105]. Como se pode ver, no final, Kardec dá razão a São Luís. Ora, tanto a suposta comunicação do santo, quanto a apropriação dela por Kardec, são reflexos do racismo generalizado do século XIX, projeções das pré-concepções da época em que foram divulgadas, e que eram compartilhadas por inúmeros indivíduos.

na melhor tradição iluminista, acredita que a moral, sendo uma das leis invariáveis de Deus, pode ser conhecida objetivamente pela razão.

2º) *O controle universal do ensino dos Espíritos:*

Ao lado da *escala espírita*, o *controle universal do ensino dos Espíritos* tem sido considerado por alguns intérpretes como importante ferramenta metodológica para o estabelecimento da *ciência espírita*, em suas duas partes constituintes.⁴⁰⁵ Para Christiano Torchi, por exemplo:

O Espiritismo [...] não é uma concepção pessoal, nem o resultado de um sistema pré-concebido. É a resultante de *milhares de observações em todos os pontos do globo*, com o auxílio de inúmeros médiuns desconhecidos entre si, e que convergiram para um centro que as coligiu e coordenou (codificou).⁴⁰⁶

E, o manual do *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*, indica este *controle universal*, junto com a *generalidade* ou *universalidade*, como um dos critérios adotados por Kardec para assegurar a doutrina sua força e autoridade.⁴⁰⁷ Ora, é fato que, em *L'Évangile selon le Spiritisme*, Kardec fala sobre o *controle universal do ensino dos Espíritos* nesse mesmo tom entusiasmado. Chega mesmo a proclamar que todos os sistemas divergentes, “todas as pretensões isoladas cairão diante do **grande e poderoso critério do controle universal**”.⁴⁰⁸

No entanto, diferentemente da *escala espírita*, tal como afirmamos anteriormente, o *controle universal*, só foi apresentado na *Revue* como uma proposta metodológica no ano de 1862, através do artigo *Contrôle de l'Enseignement Spirite*.⁴⁰⁹ Tal proposta está ligada de modo explícito ao projeto de *Organisation du Spiritisme*⁴¹⁰, publicado no último número de 1861 da *Revue*. Neste texto, escrito para oferecer orientações para a formação e estruturação de grupos espíritas que se dispusessem a seguir a liderança de Kardec e os moldes dados por ele à *Société Parisienne d'Études Spiritistes*, nosso autor, após considerar os meios para a

⁴⁰⁵ As partes experimental e filosófica, conforme discutido no início deste Capítulo.

⁴⁰⁶ TORCHI. *Espiritismo passo a passo com Kardec*. Rio de Janeiro: FEB, 2009. p. 121.

⁴⁰⁷ Cf.: FEB. *Estudo sistematizado...* op. cit. p. 73.

⁴⁰⁸ ES. p. XV: “Toutes les pretensions isolées tomberont, par la force des choses, devant le **grand et puissant criterium du contrôle universel**”. (Negrito meu).

⁴⁰⁹ RS, Jan/1862, p. 16-18.

⁴¹⁰ RS, Déc/1861, p. 370-385.

formação de novos grupos, passa a tratar de “[...] várias questões importantes”.⁴¹¹ De fato, tais questões se resumem a apenas duas, que estão inter-relacionadas: 1º) a uniformidade doutrinária⁴¹²; 2º) a homogeneidade entre os participantes das reuniões.⁴¹³ Kardec trata aqui, neste artigo, através destes dois pontos, da unidade que deve presidir os grupos que se organizam em torno da doutrina por ele proposta. E, afirma:

A unidade de princípio, sendo um dos pontos importantes, não pode existir entre aqueles que, não tendo estudado, não puderam formar uma opinião. A primeira condição a ser imposta, se não se deseja ser distraído a cada instante por objeções ou por questões ociosas, é, portanto, o estudo prévio. A segunda é uma profissão de fé categórica e uma adesão formal à doutrina do *Livre des Espirites*, e tantas outras condições especiais que se julgarem convenientes.⁴¹⁴

Ora, como se pode notar, a uniformidade na doutrina e a homogeneidade entre os membros dos grupos passariam, ambas, pelo assentimento às bases doutrinárias criadas por Kardec em *Le Livre des Esprits*. Claro, sempre devemos nos lembrar de que, *neste texto*, o codificador está se dirigindo àqueles grupos que pretendem colocar-se sob sua orientação e da *Société* que dirige em Paris. Posteriormente, como veremos ao discutirmos o *período religioso do Espiritismo*, sua intenção de organizar o movimento espírita parece ampliar-se a fim de abarcar também outras *escolas espíritas*, como a do espiritualismo norte-americano, por exemplo. Contudo, mesmo neste contexto, não deixa de ser significativo que Kardec já tome suas obras (principalmente *Le Livre des Esprits* e *Le Livre des Médiums*) como ponto de convergência e concordância de um número expressivo (a maioria?) de espíritas ao redor do mundo.

Até o presente estas obras servem de regulador à imensa maioria dos Espíritas, e por toda parte são acolhidas com inequívoca simpatia; aqueles que delas quiseram se afastar puderam reconhecer, por seu isolamento e pelo número decrescente de seus partidários, que não tinham a seu favor a

⁴¹¹ RS, Déc/1861. p. 373. “La formation des groupes étant donc admise en principe, plusieurs questions importantes restent à examiner”.

⁴¹² Cf.: Idem. Ibidem. p. 373-374 .

⁴¹³ Cf.: Idem. Ibidem. p. 375 .

⁴¹⁴ Idem. Ibidem : “L’unité de principe étant un des points importants, cette unité ne peut exister chez ceux qui, n’ayant pas étudié, ne peuvent s’être formé une opinion. La première condition à imposer, si l’on ne veut être à chaque instant distrait par des objections ou par des questions oiseuses, c’est donc l’étude préalable. La seconde est une profession de foi catégorique, et une adhésion formelle à la doctrine du *Livre des Esprits*, et telles autres conditions spéciales qu’on jugera à propos”.

opinião geral. Esse assentimento dado pela maioria tem um peso considerável; é um julgamento que não poderia ser suspeito de influência pessoal, considerando-se que é espontâneo e pronunciado por milhares de pessoas que nos são completamente desconhecidas. Uma prova desse assentimento é que nos pediram para traduzi-las em diversas línguas: espanhol, inglês, português, alemão, italiano, polonês, russo e até mesmo na língua tártara. Podemos, pois, sem presunção, recomendar o seu estudo e prática às diversas reuniões espíritas, e isto com tanto mais razão porquanto são as únicas, até o momento, em que a ciência é tratada de maneira completa. Todas as que foram publicadas sobre a matéria não abordaram senão alguns pontos isolados da questão. De resto, não temos qualquer pretensão de impor nossas idéias; nós as emitimos como é nosso direito. Aqueles a quem elas convêm, as adotam; os outros as rejeitam, por ser também um direito que lhes assiste. Assim, as instruções que damos se destinam naturalmente aos que caminham conosco, para os que nos honram com o título de seu *chefe espírita*; e não pretendemos, de maneira alguma, regulamentar os que desejam seguir outra via.⁴¹⁵

Bem, ao tratar posteriormente do *controle do ensino espírita*, no já referido artigo de 1862, Kardec fará referência às conclusões do texto acima. Ali, mais uma vez, Kardec reitera que as bases do Espiritismo já estão consolidadas e que são admitidas pela grande maioria dos adeptos. Sua ideia, portanto, é a de criar uma *rede* de comunicação entre os grupos espíritas a fim de que pudessem juntos enfrentar o problema das questões ainda duvidosas, ainda não solucionadas; e para aquelas que o foram sem, contudo, encontrar uniformidade doutrinária.⁴¹⁶

⁴¹⁵ RS, Déc/1861. p. 374: “Jusqu'à présent ces ouvrages servent de régulateur à l'immense majorité des Spirites, et partout ils son accueillis avec une sympathie non équivoque; ceux qui ont voulu s'en écarter ont pu reconnaître, à leur isolement et au nombre décroissant de leurs partisans, qu'ils n'avaient pas pour eux l'opinion générale. Cet assentiment donné par le plus grand nombre est d'un grand poids; c'est un jugement qu'on ne saurait suspecter d'influence personnelle, puisqu'il est spontané et qu'il est prononcé par des milliers de personnes qui nous sont complètement inconnues. Une preuve de cet assentiment, c'est qu'on nous a demandé de les traduire en diverses langues: en espagnol, en anglais, en portugais, en allemand, en italien, en polonais, en russe et même en langue tartare. Nous pouvons donc, sans présomption, en recommander l'étude et la pratique aux diverses réunions spirites, et cela avec d'autant plus de raison, qu'ils sont les seuls, jusqu'à présent, où la science soit traitée d'une manière complète; tous ceux qui ont été publiés sur la matière n'ont touché que quelques points isolés de la question. Au reste, nous n'avons nullement la prétention d'imposer nos idées; nous les émettons, comme c'est notre droit; ceux qui elles conviennent les adoptent; les autres les rejettent, comme c'est aussi leur droit; les instructions que nous donnons sont donc naturellement pour ceux qui marchent avec nous, pour ceux qui nous honorent du titre de leur *chef spirite*, et nous ne prétendons en aucune façon régler ceux qui veulent suivre une autre voie”.

⁴¹⁶ RS, Jan/1862, p. 16 :“A organização que propusemos para a formação de grupos espíritas tem por objetivo preparar as vias que devem facilitar entre eles a comunicação mútua. Dentre as numerosas vantagens que deverão resultar dessas relações é necessário colocar em primeiro plano a unidade da doutrina que será a sua consequência natural. Esta unidade já esta feita, em grande parte, e as bases fundamentais do Espiritismo são admitidas, hoje, pela imensa maioria dos adeptos. Contudo, há ainda questões duvidosas; sejam aquelas que não foram resolvidas, seja aquelas que o foram em sentidos distintos para os homens e mesmo para os Espíritos”. No original: “L'organisation que nous avons proposée pour la formation des groupes spirites a pour but de préparer les voies qui doivent faciliter entre eux des rapports mutuels. Au nombre des avantages qui doivent résulter de ces rapports, il faut placer en première ligne l'unité de doctrine qui en sera la conséquence naturelle. Cette unité est déjà faite en grande partie, et les bases fondamentales du Spiritisme sont admises aujourd'hui par l'immense majorité des adeptes; mais il est encore des questions douteuses, soit qu'elles n'aient pas été résolues, soit qu'elles l'aient été dans des sens différents par les hommes, et même par les Esprits”.

Será, portanto, neste horizonte novo, em que principia a criar tal *rede* de maneira mais ordenada e pública, que Kardec proporá o método do *controle do ensino dos Espíritos*. Neste momento, ele ainda não receberá o adjetivo *universal* para defini-lo, o que só acontecerá em 1864, quando o tema, já amadurecido, for incluído por Kardec na *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme*. Este texto, portanto, se constitui como o *locus* canônico onde a questão é esclarecida. Com este texto em mãos, resta-nos responder a questão: em que consistiria, afinal, o *controle universal do ensino dos Espíritos*?

Basicamente, Kardec propõe duas formas complementares de *controle*: “O primeiro controle, sem dúvida, é o da razão, ao qual se deve submeter tudo quanto venha dos Espíritos [...]”, pois, “[...] toda teoria em manifesta contradição com o bom-senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possui, deve ser rejeitada, independentemente do nome respeitável com que venha assinada”.⁴¹⁷ Contudo, este controle é incompleto uma vez que a muitas pessoas faltaria a capacidade de fazê-lo e a outras sobraria arrogância em considerar que sua opinião seja critério infalível de verdade. Ora, o que fazer diante desta dificuldade? A resposta, para Kardec, seria tomar como guia a opinião da maioria.⁴¹⁸ “Assim se deve agir no que concerne ao ensino dos Espíritos, que nos fornecem eles mesmos os meios para tanto”.⁴¹⁹

Desse modo, afirma nosso autor, “a concordância no ensino dos Espíritos é [...] o melhor controle”⁴²⁰, desde que obtida dentro de algumas condições necessárias. A menos segura delas é fazer com que um único médium interrogue vários Espíritos. O problema ressalta evidente, pois, como vimos, a identificação dos Espíritos comunicantes é uma das principais dificuldades a ser vencida na prática do Espiritismo. Assim, o médium poderia estar sendo vítima de uma obsessão⁴²¹ ou, simplesmente, de um Espírito enganador que dissesse a mesma coisa, utilizando nomes diferentes. O mesmo poderia se dizer, assegura Kardec, sobre

⁴¹⁷ ES. p. X : “Le premier controle est sans contredit celui de la raison, auquel il faut soumettre, sans exception, tout ce qui vient des Esprits ; toute théorie en contradiction manifeste avec le bon sens, avec une logique rigoureuse, et avec les données positives que l’on possède, de quelque nom respectable qu’elle soit signée, doit être rejetée”.

⁴¹⁸ Cf. ES, p. X.

⁴¹⁹ Idem. Ibidem : “Ainsi doit-il en être à l’égard de l’enseignement des Esprits, qui nous fournissent eux-mêmes les moyens”.

⁴²⁰ Idem. Ibidem. “La concordance dans l’enseignement des Esprits est [...] le meilleur contrôle ; mais il faut encore qu’elle ait lieu dans certaines conditions”.

⁴²¹ Para Kardec a *obsessão* se daria através da influência de um Espírito sobre um indivíduo, sem o consentimento deste.

a possibilidade de utilizar diferentes médiuns de um mesmo centro.⁴²² Desse modo, afirma, “a única garantia séria de ensino está na concordância que existe entre as revelações feitas espontaneamente, por intermédio de um grande número de médiuns desconhecidos uns dos outros e em regiões diversas”.⁴²³ Pois, acrescenta, “a experiência prova que quando um princípio novo deve receber sua solução, ele é ensinado *espontaneamente* em diferentes lugares ao mesmo tempo, e de uma maneira idêntica, se não quanto à forma, ao menos quanto ao fundo”.⁴²⁴

Neste ponto, é importante retomarmos uma reflexão anteriormente iniciada: teria Kardec utilizado o *controle universal* na composição de suas duas obras basilares? De acordo com o que vimos dizendo, não, ele não fez uso desse critério nos primeiros anos de sua pesquisa. E isso por um motivo bem simples: quando em 1862 o codificador começa a discutir a implementação do *controle universal*, suas obras mais fundamentais já se encontram publicadas e seu nome já é amplamente conhecido. O *movimento espírita*⁴²⁵ já se encontra em fase de crescimento, ganhando a cada dia mais e mais adeptos, e o codificador vê nessa ampliação a oportunidade de criar uma rede de troca de informações para a validação dos conhecimentos já adquiridos por seu labor doutrinário, bem como para aqueles que ainda poderiam vir a ser consignados. Ora, a situação por volta de 1862 é completamente diferente daquela em que Kardec trabalhou nos primeiros anos de sua pesquisa. Naqueles dias iniciais, como vimos, seu trabalho se resumiu ao que pode coletar com a assistência direta de apenas três médiuns, e, eventualmente, com consultas a cerca de dez outros. Todos, contudo, residentes em Paris. Em outras palavras, não podemos afirmar que o *controle universal do ensino dos Espíritos*, ao contrário da *escala espírita*, tenha sido um expediente utilizado por Kardec na preparação de suas primeiras obras. Talvez, após o sucesso da primeira edição de *Le Livre des Esprits* [1857], suas referências e contatos tenham se ampliado e isso o tenha auxiliado na composição da segunda edição deste livro, bem como na de *Le Livre des Médiuns* [1861]. Contudo, possivelmente, não se tratava, ainda, dos aproximadamente mil

⁴²² Cf.: ES, p. X.

⁴²³ Idem. Ibidem: “*La seule garantie sérieuse de l’enseignement est dans la concordance qui existe entre les révélations faites spontanément, par l’entremise d’un grand nombre de médiums étrangers les uns aux autres, et dans diverses contrées*”. (Em itálico no original)

⁴²⁴ Idem. Ibidem, p. XI : “L’expérience prouve que lorsqu’un principe nouveau doit recevoir sa solution, il est enseigné *spontanément* sur différents points à la fois, et d’une manière identique, sinon pour la forme, du moins pour le fond”.

⁴²⁵ Entendemos por *movimento espírita*, neste contexto, somente os centros adeptos à doutrina kardeciana.

centros espíritas sérios aos quais faz referência em *L'Évangile selon le Spiritisme* [1864]. E, quando chega a esse número, seu pensamento já está amplamente divulgado e, portanto, as evidências que lhe chegam de todos esses lugares já sofreram, de certa forma, uma *contaminação cognitiva* por sua influência.

O ponto que desejo afirmar é que os fenômenos mediúnicos que produzem esse conteúdo doutrinário, bem como os critérios de análise e comparação dos mesmos, são de tal forma subjetivos, que se torna impossível atingir o grau de objetividade que Kardec deseja poder atingir com a aplicação do *método indutivo*. Aqui, se aplica a mesma leitura que foi feita em relação à *escala espírita*: tudo se baseia na análise da linguagem. Com base na crítica e classificação de acordo com maior ou menor grau de elevação intelectual e moral do comunicante, maior seria sua autoridade, e maior a adesão aos princípios propostos por este comunicante. Como vimos, assinam os *Prolégomènes* de *Le Livre des Esprits*, nada menos que: São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís, o Espírito de Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg, entre outros.⁴²⁶ Mesmo que, como prevê Kardec, esses nomes sejam apenas alegóricos e não designem os Espíritos que animaram essas personagens, uma vez que estão aí citados e caracterizados como Espíritos superiores, supõe-se que suas mensagens tenham sido analisadas por Kardec segundo os critérios da *escala espírita* e que, agora, apresentem certo grau de autoridade própria aos Espíritos dessa classe.

Ora, uma vez divulgados os ensinamentos assinados por essas *autoridades*, e tendo encontrado tais ensinamentos a adesão e a concordância dos leitores das obras kardecianas, o que impediria de que *a posteriori* médiuns influenciados por esse conhecimento comessem a produzir comunicações no mesmo sentido daquelas que ali foram consignadas? Não estaria, assim, comprometida de antemão a possibilidade do *controle universal*? Além disso, Kardec, pela popularidade alcançada com a divulgação de suas obras, tornou-se uma espécie de referencial do Espiritismo francês no mundo. O fato de essas comunicações serem enviadas a ele, e o fato de ele se colocar no papel de centralizador do trabalho de processamento dessas

⁴²⁶ Na *Nota XVII*, da primeira edição de *Le Livre des Esprits*, aparece a seguinte observação: “Vários Espíritos concorreram simultaneamente para estas instruções, às quais assistiam, tomando alternadamente a palavra, falando um em nome de todos. Entre os que animaram personagens conhecidas, citaremos: *João Evangelista, Sócrates, Fénelon, São Vicente de Paulo, Hahnemann, Franklin, Swedenborg, Napoleão I*; outros habitam esferas mais elevadas e, ou nunca viveram na Terra, ou aqui só apareceram em tempos imemoriais. Concebe-se que de tal reunião só podiam sair palavras graves, cheias de sabedoria; e esta sabedoria jamais se desmentiu um só momento, e nunca uma palavra equívoca e inconveniente lhe machucou a pureza”.

mesmas comunicações, não comprometeria a sua avaliação? Estando ele já comprometido com a doutrina enunciada em *Le Livre des Esprits*, não teria dificuldades em lidar com o contraditório que poderia surgir em meio a todo esse material? Infelizmente, não há como responder a essas questões, uma vez que, tendo se perdido seus arquivos, não podemos ter acesso ao material bruto usado por Kardec e avaliarmos o alcance de seu esforço hermenêutico e a influência de seus pressupostos na produção da doutrina.

Recapitulando: Kardec pensa o Espiritismo como uma ciência psicológica de bases empíricas, e pretende que esta ciência amplie o alcance do método positivo – fundamentado na observação e na teorização – ao estabelecer como seu objeto os fenômenos mediúnicos, reconhecendo, no entanto, a necessidade de desenvolver procedimentos metodológicos adequados às particularidades deste objeto. Como nos lembra Herculano Pires: “[...]o método experimental se aplicava apenas à matéria, excluindo-se o espírito que era considerado como imaterial e portanto inverificável”.⁴²⁷ E, no entanto, se havia fenômenos espíritas, tornava-se “[...] evidente que o espírito, manifestando-se na matéria, tornava-se acessível à pesquisa”.⁴²⁸

Tudo dependia, pois, do método. Era necessário descobrir um método de investigação experimental dos fenômenos espíritas. Era claro que esse método não podia ser o mesmo aplicado à pesquisa dos fenômenos materiais, considerados como os únicos naturais. Mas porque os únicos? Porque as manifestações do espírito eram consideradas como sobrenaturais, regidas por leis divinas.⁴²⁹

O que fez, então, Kardec? “Transformou o espírito, entidade metafísica, em objeto específico da pesquisa científica”⁴³⁰, esforçando-se por *naturalizar* o fenômeno ao declarar que *espírito* e *matéria* seriam dois dos três elementos constituintes do universo, e ambos regidos por *leis divinas*, que nada mais seriam do que *leis naturais*.

No âmbito daquilo que nomeará como *manifestações físicas* e *manifestações inteligentes*, Kardec fará uma opção epistêmica pela segunda categoria e verá nisso a oportunidade de compilar um *corpo doutrinário* coeso, uma *filosofia racional, livre dos*

⁴²⁷ PIRES. *A pedra e o joio...* op. cit., p.18.

⁴²⁸ Idem. Ibidem.

⁴²⁹ Idem. Ibidem.

⁴³⁰ Idem. Ibidem. p. 19.

preconceitos do espírito de sistema próprios ao pensamento especulativo. Além disso, se voltará para uma tentativa de compreensão dos próprios fenômenos, de suas *leis* e *mecanismos*. Tudo isso através do controle metódico das comunicações mediúnicas. Tal controle, descrito sumariamente como observar, comparar e julgar; e, posteriormente descrito de maneira mais minuciosa no último de seus grandes tratados; foi supostamente efetivado pelos instrumentos da *escala espírita* e do *controle universal do Ensino dos Espíritos*. Conforme acredita Kardec, o método indutivo e o uso isento da razão o ajudarão a compor o *corpo doutrinário* exposto em *Le Livre des Esprits*. No próximo capítulo analisaremos a pretensão anunciada de Kardec de constituir, com base nestes dois critérios metodológicos, uma *doutrina filosófica*.

CAPÍTULO 3

O ESPIRITISMO: UMA DOCTRINA FILOSÓFICA?

O capítulo anterior serviu-nos, não apenas para demonstrar o caráter positivista do conceito kardeciano de *ciência*, como era nosso objetivo; mas, também foi importante para consolidarmos a hipótese de que, segundo Kardec, ao menos no período compreendido entre os anos de 1857 e 1861, o Espiritismo pode ser descrito a partir de um *duplo aspecto científico-filosófico*. A consequência mais imediata da percepção desta característica do período em questão é que, muito embora nosso autor tenha declarado na *Conclusion* de sua obra capital que a força do Espiritismo não se encontraria nas *manifestações*, mas “[...] em sua filosofia, no apelo que faz à razão, ao bom senso”⁴³¹, a verdade é que, para Kardec, esta *filosofia* seria o resultado da pesquisa empírica levada a efeito pela aplicação do *método positivo* ao conteúdo das comunicações obtidas por meio de diversas *manifestações*. E, será graças a esta *precedência epistemológica* do conceito de *ciência*, que Kardec poderá propor que a *doutrina espírita* seja uma “[...] filosofia racional, livre dos preconceitos do espírito de sistema [...]”⁴³².

Este projeto kardeciano, expresso pela primeira vez em *Le Livre des Esprits*, implicaria, portanto, na propositura de um sistema racional fundado totalmente sobre a *indução*. Esta é, ao que parece, sua pretensão: uma *filosofia* que não se perdesse no âmbito da especulação abstrata, que não se fundamentasse em ideias *a priori*, mas que se construísse através da observação e coleta de *dados* que, posteriormente, fossem comparados e julgados a fim de que, a partir deles, o observador pudesse formar o conjunto. Desse modo, nenhum dos princípios da *doutrina* teria sido fruto de uma *teoria preconcebida*, mas o resultado de um processo indutivo no qual as evidências seriam as comunicações mediúnicas obtidas e submetidas ao controle exclusivo do próprio Kardec.⁴³³ E, deste trabalho de observação e

⁴³¹ LE₂, p. 457: “Seria fazer uma ideia bem falsa do espiritismo crer que ele retira sua força na prática das manifestações materiais; e que, assim, impedindo tais manifestações pode-se miná-lo por sua base. Sua força está em sua filosofia, no apelo que faz à razão, ao bom senso”. No original: “Ce serait se faire une bien fausse idée du spiritisme de croire qu’il puise sa force dans la pratique des manifestations matérielles, et qu’ainsi en entravant ces manifestations matérielles on peut le miner dans sa base. Sa force est dans sa philosophie, dans l’appel qu’il fait à la raison, au bon sens”.

⁴³² LE₂, p. XLI: “[...] philosophie rationnelle, dégagée des préjugés de l’esprit de système [...]”.

⁴³³ Cf.: RS, Déc/1868. *Constitution transitoire du Spiritisme*, p. 381-382

controle, teriam surgido os dois tratados basilares de toda a sua obra: *Le Livre des Esprits* [1860] e *Le Livre des Médiuns* [1861].⁴³⁴ Estes compreenderiam, respectivamente, as duas partes da *ciência espírita*: a *partie philosophique* e a *partie expérimental*. Nesta, Kardec apresenta um *modelo teórico* com classificações sobre os tipos de *manifestações*, de *médiuns* e de *mediunidades*; bem como algumas considerações práticas sobre o *modo de proceder* no *diálogo* com os Espíritos. Na primeira, Kardec parece utilizar o conceito de *filosofia* para referir-se à apresentação sistemática dos *fundamentos* doutrinários do Espiritismo, a partir dos quais se desdobrariam, a seu tempo, suas outras obras.⁴³⁵ Assim, a rigor, a *doutrina espírita* seria a *ciência* que explicaria os *princípios específicos* que, como *leis naturais*, regeriam o *elemento espiritual*, tal como, por sua vez o *elemento material* teria seu próprio conjunto de *leis* específicas que o regeriam. Além, é claro, de se apresentar como uma *filosofia* capaz de solucionar os problemas que, até então, nenhuma outra filosofia fora capaz de solucionar.⁴³⁶

No entanto, a partir da publicação de seu terceiro grande tratado, em 1864, Kardec parece ampliar o significado da expressão *filosofia espírita* propondo novos elementos para uma *meta-reflexão* sobre a natureza do Espiritismo. Com isto, sob o nome genérico de *filosofia*, a doutrina passaria também a abrigar a pretensão de ser um sistema portador de princípios universais capazes de oferecer um horizonte a partir do qual os saberes *científico* e *religioso* pudessem caminhar lado a lado. Claro, esta universalidade de princípios apenas seria assegurada se o Espiritismo, mantendo seu caráter de *ciência positiva*, pudesse se constituir como um terreno suficientemente neutro para a concretização daquele propósito. Isso significaria, na prática, a necessidade de que as diversas religiões – e nunca será demasiado ressaltar este plural – se conformassem ao discurso supostamente científico do Espiritismo. E, com isso, a *precedência epistemológica* que o conceito kardeciano de *ciência* possuiria sobre o conceito de *filosofia*, acabaria estendendo seu controle e influência também para o âmbito

⁴³⁴ Cada um destes tratados teve edições preliminares que posteriormente foram desenvolvidas. Em 1857, Kardec lançou a primeira edição de *Le Livre des Esprits*; e, em 1858, um livro intitulado *Instruction Pratique sur les Manifestations Spiritiques* que, posteriormente, foi substituído por *Le Livre des Médiuns*.

⁴³⁵ Cf.: KARDEC, Allan. *Le Ciel et l'Enfer ou la Justice Divine selon le Spiritisme*. Ledoyen, Dentu, Fréd. Henri, 1865. “O Livro dos Espíritos contém as bases fundamentais do espiritismo; é a pedra angular do edifício. Todos os princípios da doutrina nele se encontram colocados, até aqueles que devem constituir o seu coroamento. Mas, era necessário dar-lhes desenvolvimentos, deduzir-lhes todas as conseqüências e todas as aplicações, à medida que se desenvolviam por meio do ensino complementar dos Espíritos, e de novas observações. Foi o que fizemos no Livro dos Médiuns e no Evangelho segundo o espiritismo a partir de pontos de vista específicos. É o que fazemos nesta obra, segundo outra perspectiva, e é o que faremos sucessivamente naquelas obras que ainda publicaremos e que virão a seu tempo”. Tradução minha. As próximas citações desta obra serão feitas a partir de sua abreviatura seguida da página ou capítulo correspondente.

⁴³⁶ Cf.: LE2, p. 448.

da *religião*. O *saber religioso, teológico*, deixando de lado sua autonomia, passaria a ter validade apenas por caminhar *pari passu* com o Espiritismo.

Contudo, se observarmos bem, há aqui uma flagrante assimetria: na proposta de unir *ciência e religião*, o Espiritismo se manteria como uma *nova ciência*, mas não chegaria a se tornar uma *nova religião*. Na verdade, sua universalidade seria garantida justamente por este caráter *científico*. Se fosse *uma nova religião*, facilmente perderia sua isenção e objetividade, caindo na vala comum das *disputas dogmáticas*, o que seria preciso evitar. No entanto, seria preciso que, em algum de seus aspectos, o Espiritismo se apresentasse como uma *interface*, um *traço de união* nas palavras de Kardec, entre as duas formas de saber. Minha opinião é que este *traço* seria dado pelo chamado aspecto *filosófico* da *doutrina*. Seja por sua suposta capacidade de *oferecer soluções para os problemas humanos que, até então, nenhuma outra doutrina pudera apresentar*, seja por *fornecer às religiões um meio de sancionar seus dogmas por meio da razão e pela evidência dos fatos*.⁴³⁷ Ora, como afirma o codificador:

A ciência e a religião não puderam se entender até hoje porque, cada uma encarando as coisas de seu exclusivo ponto de vista, se repeliam mutuamente. Havia a necessidade de algo que preenchesse o vazio que as separava, **um traço de união** que as reaproximasse. Tal traço de união está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal. Leis tão imutáveis quanto aquelas que regulam os movimentos dos astros e a existência dos seres. Essas relações, uma vez constatadas pela experiência, uma nova luz se fez e o materialismo foi vencido.⁴³⁸

Mesmo que, como se pode observar aqui, Kardec não cite explicitamente o conceito de *filosofia espírita* para designar este *traço de união entre ciência e religião*; parece-me que este conceito está ali implícito na afirmação de que o mesmo se encontraria *no conhecimento das leis que regem o mundo invisível e suas relações com o mundo visível*. Ora, este conhecimento teria sido oferecido, conforme dissemos, nos tratados básicos do *sistema doutrinário espírita*. Em outras palavras, a *doutrina* ou *filosofia espírita* – compreendida tanto

⁴³⁷ Cf.: CE. *Chapitre I*.

⁴³⁸ ES. p. 6-7. “La science et la religion n’ont pu s’entendre jusqu’à ce jour, parce que, chacune envisageant les choses à son point de vue exclusif, elles se repoussaient mutuellement. Il fallait quelque chose pour combler le vide qui les séparait, **un trait d’union** qui les rapprochât ; ce trait d’union est dans la connaissance des lois qui règlent le monde spirituel et ses rapports avec le monde corporel, lois tout aussi immuables que celles qui règlent le mouvement des astres et l’existence des êtres. Ces rapports une fois constatés par l’expérience, une lumière nouvelle s’est fait : la foi s’est adressée à la raison, la raison n’a rien trouvé d’illogique dans la foi, et le matérialisme a été vaincu.”

como o *modelo teórico* que ofereceria a teoria explicativa dos fenômenos mediúnicos apresentada em *Le Livre des Médiuns*; quanto como o *corpo doutrinário* apresentado em *Le Livre des Esprits* – seria o *traço de união* entre as *duas alavancas do conhecimento humano*; e, deste modo, ofereceria ao século XIX a melhor arma contra o *materialismo* e suas consequências.

Contudo, um fato curioso acontece. Mesmo tentando manter a *precedência epistemológica* do conceito de *ciência* sobre os demais conceitos implicados nesta nova fase de compreensão da natureza do Espiritismo, Kardec precisará haver-se com o horizonte próprio ao conhecimento religioso e com sua fonte própria de *autoridade*. No caso específico da *tradição cristã* – à qual, como veremos, o codificador pretende vincular o Espiritismo – esta fonte de *autoridade* viria do conceito de *revelação divina*. Neste momento, para atender a esta demanda, Kardec faz com que o Espiritismo se apresente não apenas como *uma revelação*, mas como *a terceira revelação da lei de Deus*; fazendo, assim, que entrasse em seu *período religioso*. Desse modo, se no período chamado *científico-filosófico* [1857-1861] teria ocorrido o desenvolvimento da *ciência positiva* e o surgimento do Espiritismo como uma *doutrina filosófica*; com a aproximação do *período religioso* Kardec, embora mantendo a caracterização de seu sistema como uma *ciência positiva*, teria provocado um deslocamento na definição da natureza do Espiritismo, ao introduzir em sua definição, de maneira explícita, o conceito de *revelação*.

A meu ver, cumprindo seu papel de *mediação* entre estes dois grandes *períodos* o conceito de *filosofia* estaria, portanto, distendido entre dois polos opostos: *ciência e religião*; o *dado empírico* e a *revelação divina*. É como se, tal como ocorre na teoria comteana dos três estados do conhecimento, mas em sentido inverso, a *filosofia* ou *metafísica* espírita se configurasse como um meio de transição entre a *ciência* e a *religião* espíritas.⁴³⁹ Contudo, se no pensamento comteano a transição prepara o pensamento para o *estado positivo* (o estado definitivo da inteligência humana) através da abstração dos elementos que, no estado teológico, apresentavam-se como *personalidades divinas e sobrenaturais*; no pensamento kardeciano essa transição se dará a partir da própria consolidação do Espiritismo como

⁴³⁹ Para Comte, “[...] o espírito humano, por sua natureza, emprega sucessivamente, em cada uma de suas investigações, três métodos de filosofar [...]: primeiro, o método teológico, em seguida, o método metafísico, finalmente, o método positivo. Daí três sortes de filosofia, ou de sistemas gerais de concepções sobre o conjunto de fenômenos, que se excluem mutuamente: a primeira é o ponto de partida necessário da inteligência humana; a terceira, seu estado fixo e definitivo; a segunda, unicamente destinada a servir de transição”. (COMTE. Curso de Filosofia Positiva. op. cit. p. 22).

ciência positiva, o que o tornaria meio eficaz para a fundamentação empírica daqueles princípios que, antes, eram fruto da *especulação filosófica* ou da *revelação religiosa*.

Desta forma, o conceito kardeciano de *filosofia espírita*, parece passar a se configurar como apenas *um híbrido*, um *terceiro* sem muita identidade, entre dois outros conceitos mais fortes. Este conceito *fraco* de filosofia, compreendido como um saber sem autonomia, tensionado entre os conceitos de *ciência empírica* e de *revelação divina*, poderia ainda ser chamado de *filosofia*? Esta é a questão que tentaremos responder neste capítulo. E, para atender a este objetivo, o dividiremos em duas grandes seções. Cada uma delas devendo tratar do *conceito kardeciano de filosofia*, respectivamente, sob a perspectiva oferecida pelos períodos *científico-filosófico* e *religioso*. Nossa pretensão é que, ao final, possamos ser conduzidos, no próximo capítulo, à reflexão sobre este último período e sobre a *religião do Espiritismo*.

3.1. A filosofia espírita no período científico-filosófico

Nosso objetivo é, portanto, problematizarmos o conceito de *filosofia* aplicado por Kardec à doutrina espírita por ele consignada em seus tratados, tal como fizemos com o conceito de *ciência* no capítulo anterior, a fim de melhor compreendê-lo. A primeira providência neste sentido deveria ser encontrarmos a *definição kardeciana de filosofia*. Contudo, após observarmos atentamente, percebemos que este conceito não possui, na obra kardeciana, a mesma transparência que o conceito de *ciência*. Ou seja, não pudemos encontrar qualquer referência mais precisa acerca da natureza da *filosofia espírita*, como pudemos encontrar sobre o caráter positivo da *ciência espírita*. Embora, como dissemos no Capítulo 1, Kardec vincule o Espiritismo ao cenário filosófico de sua época dizendo que ele se filiaria à *Philosophie Spiritualiste*, isto parece não dizer muito além de uma obviedade: o Espiritismo defende a existência de um princípio espiritual independente da matéria e se coloca, com isso, no campo oposto ao do *materialismo*. Quanto ao método, contudo, ele se distanciaria da *filosofia espiritualista* ao tentar estabelecer-se como uma *psicologia de bases empíricas* dentro dos moldes que já discutimos no Capítulo 2. Desse modo, começamos esta nossa investigação sem um conceito preliminar do que seja a *filosofia espírita*. Sabemos, contudo, a partir do que já foi dito acerca do *período científico-filosófico*, que ela se identifica com a

doutrina espírita e que esta seria, supostamente, o resultado das pesquisas empíricas de Kardec. Sabemos também que, como nos informa nosso autor, esta *doutrina* teria a pretensão de se configurar como uma *filosofia racional, livre dos preconceitos do espírito de sistema*. Neste sentido, creio que nossa atual investigação deva principiar pelo esclarecimento destas características.

3.1.1. O Espiritismo como *doutrina sistemática*

Como vimos anteriormente, o *sistema doutrinário* espírita, também chamado por Kardec de *science spirite*, compõe-se de duas grandes divisões, conforme previsto pelo próprio autor: a *Partie Philosophique*, apresentada em *Le Livre des Esprits* [1860], que contém os *princípios fundamentais* da doutrina espírita; e a *Partie Expérimental*, cujo *locus* é *Le Livre des Médiuns* [1861].⁴⁴⁰ Se, na obra de 1861, Kardec se propõe a oferecer um *guia* para o *Espiritismo prático*, através da elaboração de um modelo teórico para a prática da *ciência espírita*; no tratado de 1860 a perspectiva é outra. Esta diferença, a meu ver, é o que justificaria a denominação de *Partie Philosophique* dada por Kardec aos assuntos tratados neste volume. Por isso, grande parte de nossas reflexões a partir de agora tomarão esta obra como principal referência. Mesmo que, eventualmente, recorramos a outros textos de nosso autor para fundamentar nossa interpretação, sempre que nos referirmos à *doutrina* ou *filosofia espírita* estaremos nos referindo aos *princípios e fundamentos* ali assentados.

Em sua primeira edição, *Le Livre des Esprits* pretendia apenas “[...] estabelecer os fundamentos da verdadeira doutrina espírita [...]”; na edição seguinte, contudo, Kardec busca esclarecer melhor o significado deste propósito. Como discutimos no primeiro capítulo desta tese, nosso autor faz inserir na folha de rosto desta segunda edição a inscrição *Philosophie Spiritualiste*. Com este simples ato e com a adição de um novo parágrafo na *Introduction*, Kardec delimita a especialidade da nova doutrina, ao mesmo tempo em que a vincula ao *espiritualismo* entendido como um posicionamento filosófico oposto ao materialismo. Além disso, Kardec insere também uma sutil modificação nos *Prolégomènes*: a partir de agora, a obra teria como objetivo “[...] estabelecer os fundamentos de uma **filosofia racional, livre**

⁴⁴⁰ Quanto às demais obras, segundo palavras do próprio autor, elas seriam um *complemento das aplicações do Espiritismo sob pontos de vista específicos*. Cf.: CE. *Préface*; GMP. *Introduction*.

dos preconceitos do espírito de sistema [...]⁴⁴¹ É a mesma *doutrina* que é rerepresentada de modo ampliado e desenvolvido, uma vez que “[...] os princípios não sofreram qualquer modificação [...]⁴⁴², exceto por um reduzido número de exceções. Mas, agora Kardec a define e apresenta como uma *philosophie rationnelle*, ou seja, *sistemática*.

A pretensão anunciada de que esta *filosofia* esteja *livre dos preconceitos do espírito de sistema*, portanto, não deveria nos levar a pensar, como o faz Dora Incontri, que Kardec estivesse postulando uma espécie de *filosofia não-sistemática*.⁴⁴³ Já tivemos a oportunidade de discutir, no capítulo anterior, o significado da expressão *espírito de sistema* e suas implicações em relação ao uso do método dedutivo na construção de *sistemas filosóficos* fundados sobre princípios estabelecidos *a priori*, como certezas intuitivamente apreendidas; e, também, de distingui-la do *esprit systématique*, mais amplo, e que compreenderia inclusive *sistemas filosóficos* que se pretendiam totalmente indutivos, segundo o modelo das *Regulae philosophandi* de Newton. Ora, uma análise, ainda que superficial, da *Table des Matières* de *Le Livre des Esprits* à luz desta distinção demonstra que Kardec, ao repudiar o *esprit de système* não estaria, de forma alguma, rejeitando o *espírito sistemático*. Apenas estaria reafirmando a ideia de que a *doutrina* seria fruto da aplicação do método indutivo sobre o conteúdo das comunicações mediúnicas que lhe serviram de matéria prima; ou seja, que os princípios desta *doutrina* não teriam sido estabelecidos *a priori*, mas *todos* eles teriam sido construídos pelo método de *observar, comparar e julgar*; partindo dos *fatos, dos fenômenos*, em direção a princípios e leis universais. Então, como o título desta seção sugere, a primeira característica acerca da *filosofia espírita*, que podemos perceber neste período da produção kardeciana, é que ela se apresenta como um *corpo doutrinário sistemático*.

Quais seriam, no entanto, as características deste *corpo de doutrina* que nos autorizariam a chamá-lo de *sistema*? Em sentido geral, concordo com o que afirma Herculano Pires, para quem, o Espiritismo em seu aspecto de *doutrina* se apresenta como “[...] uma forma de concepção geral do Universo e da Vida [...]⁴⁴⁴, nisso se diferenciando das ciências particulares “[...] que não podem abranger o conjunto”⁴⁴⁵ Neste sentido, se levarmos em conta a influência da mentalidade positivista sobre Kardec, é possível que ele tenha pensado

⁴⁴¹LE₂, p. XLII. Negrito meu.

⁴⁴²LE₂, p. I: “[...] les principes n’aient subi aucun changement [...]”

⁴⁴³ Cf.: INCONTRI. *Para entender Allan Kardec*. op. cit. p. 61-73.

⁴⁴⁴ PIRES. *O Espírito e o Tempo...* op. cit. p. 143.

⁴⁴⁵ Idem. *Ibidem*.

em consonância com Comte para quem a cada época histórica seria necessária “[...] uma teoria qualquer para ligar os fatos [...]”, uma teoria que fornecesse o fundamento e a coesão necessários ao conhecimento produzido por aquela época.⁴⁴⁶ Uma teoria que seria tanto mais universal quanto mais amplo fosse seu escopo e quanto exato fosse o método aplicado na sua elaboração. É possível que, assim como Comte, Kardec tenha identificado no passado religioso e filosófico da humanidade uma deficiência no conhecimento causada pela “[...] impossibilidade para o espírito humano em sua origem, de formar teorias a partir de observações”⁴⁴⁷, uma deficiência que só seria de fato eliminada com o advento do período *positivo*. Pergunto-me, então, se ao identificar o Espiritismo como uma *filosofia sistemática de bases positivas*, Kardec não teria em vista que este pudesse cumprir o papel de tal teoria para o século XIX.

Isto, porque, segundo me parece, ao contemplar sua época, Kardec tenha constatado que as igrejas e religiões tradicionais falharam em sua missão de fornecer esse poderoso horizonte de unidade. E que o mesmo tenha ocorrido com as filosofias especulativas. A falha de ambas teria sido não haver seguido o *esprit du temps* e o progresso da ciência. De um lado, a recusa por parte das religiões em acompanhar os avanços da ciência e mesmo, muitas vezes, condená-los, teria provocado seu ostracismo e crescente descrédito entre os homens de razão. Por outro, o *esprit de système*, que, desde o século XVII, norteava a construção de *sistemas dedutivos de pensamento*, identificando-a como a tarefa própria do conhecimento filosófico, ao invés de acatar a exigência de um conhecimento indutivamente produzido, sem teorias preconcebidas, teria tornado a filosofia igualmente impotente frente ao avanço do *materialismo*. Este mal do século que é uma doutrina que mal ousa se confessar⁴⁴⁸, que nem mesmo chega a se constituir como sistema; verdadeira “aberração da inteligência”⁴⁴⁹, e cujos adeptos “[...] se acobertam com o manto da razão e da Ciência”⁴⁵⁰; teria no Espiritismo o seu “[...] mais temível antagonista [...]”.⁴⁵¹

⁴⁴⁶ COMTE. Curso de Filosofia Positiva. op.cit., p. 24.

⁴⁴⁷ Idem. Ibidem.

⁴⁴⁸ LE₂. p. 449.

⁴⁴⁹ Idem. Ibidem. p. 63.

⁴⁵⁰ Idem. Ibidem. p. 449.

⁴⁵¹ Idem, ibidem.

Se a religião, apropriada no princípio aos conhecimentos limitados dos homens, tivesse sempre seguido o movimento progressivo do espírito humano, não haveria incrédulos, porque está na própria natureza do homem a necessidade de crer. E ele crerá desde que receba o alimento espiritual em harmonia com as suas necessidades intelectuais. O homem quer saber de onde veio e para onde vai. Se lhe mostrarem um fim que não corresponda às suas aspirações nem à ideia que ele faz de Deus, nem aos dados positivos que a ciência lhe fornece; se, além disso, para atingir o seu objetivo, impõem-lhe condições que sua razão não lhe demonstra a utilidade, ele tudo rejeita. O materialismo e o panteísmo parecem-lhe ainda mais racionais, porque aí ao menos se discute e se raciocina; raciocínio falso, é verdade, mas o homem prefere raciocinar em falso a não raciocinar de forma alguma.⁴⁵²

Haveria, portanto, uma espécie de lacuna, um vazio e um conseqüente desespero frente à incerteza quanto ao futuro da humanidade. Kardec, seguindo tendências de sua época, chama a esse vazio e desespero de *néantisme*. A perspectiva do *nada*, da aniquilação do homem no momento de sua morte, abriria espaço para a imoralidade e egoísmo; reduziria o olhar do homem ao imediatismo da vida e, ao contrário do que se supunha, não conduziria ao progresso e à felicidade, mas à barbárie generalizada. Nessa lacuna, nesse espaço vazio é que o Espiritismo deveria se inserir e firmar sua identidade. A *indigência* do século XIX parece resultar, portanto, da falta de um *horizonte teórico* que fosse, ao mesmo tempo, suficientemente abrangente para livrar o homem da estreiteza do olhar materialista, e suficientemente rigoroso para se sustentar sobre bases científicas. Já que sem o recurso a um fundamento metafísico quedariam inexplicados problemas fundamentais da existência humana no mundo, e, assim, este mesmo mundo seria irracional, o que é completamente inimaginável para Kardec e sua forte veia racionalista.

Dar uma resposta a este estado de coisas parece ter sido o *impulso fundamental* que gerou em Kardec a altíssima *expectativa de sentido* acerca das manifestações mediúnicas que ele manifestou, segundo suas memórias, já nos primeiros dias de sua pesquisa.

Entrevi, sob aquelas aparentes futilidades e na espécie de jogo que se fazia destes fenômenos, algo de sério e como que a revelação de uma nova lei que me prometi aprofundar. [...] Compreendi, em primeiro lugar, a gravidade da

⁴⁵² CE. p. 9-10. “Si la religion, appropriée dans le principe aux connaissances bornées des hommes, avait toujours suivi le mouvement progressif de l’esprit humain, il n’y aurait point d’incrédules, parce qu’il est dans la nature de l’homme d’avoir besoin de croire, et il croira si on lui donne une nourriture spirituelle en harmonie avec ses besoins intellectuels. Il veut savoir d’où il vient et où il va ; si on lui montre un but qui ne répond ni à ses aspirations ni à l’idée qu’il se fait de Dieu, ni aux données positives que lui fournit la science ; si de plus on lui impose pour l’atteindre des conditions dont sa raison ne lui démontre pas l’utilité, il repousse le tout ; le matérialisme et le panthéisme lui semblent encore plus rationnels, parce que là on discute et l’on raisonne ; on raisonne faux, il est vrai, mais il aime encore mieux raisonner faux que de ne pas raisonner du tout.”

exploração que iria empreender. Entrevi nestes fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da humanidade, a solução que eu havia buscado toda minha vida. Era, em uma palavra, toda uma revolução nas ideias e nas crenças [...].⁴⁵³

Desse modo, ao entrar em contato com os estranhos fenômenos que movimentam a Paris dos oitocentos, e ao observá-los mais proximamente, Kardec se convence de haver ali encontrado uma prova irrefutável para a sobrevivência do Espírito após a morte. Portanto, nas mesas que giravam e falavam, e que ao serem questionadas afirmavam se tratassem de Espíritos dos mortos, retirou Kardec, como ele mesmo afirma, “[...] uma ciência completa, bem como a solução de problemas que até então nenhuma filosofia pudera resolver”⁴⁵⁴, e a evidência que, por fim, eliminaria o mal do materialismo.

Assim, como se pode notar, grande parte da motivação kardeciana para a sistematização da doutrina teria nascido do confronto com a necessidade de ajudar sua época a superar as mazelas do *néantisme* e do *materialismo*. O que significaria, na prática, a tentativa de corroborar as *bases da religião* – a existência de Deus, a imortalidade da alma e as penas e recompensas futuras – por meio da *razão* e dos *fatos*.

[...] não devemos esconder que o ceticismo, a dúvida e a indiferença, apesar dos esforços da religião, ganham terreno dia a dia; isso é positivo. Se a religião é impotente contra a incredulidade, é que lhe falta alguma coisa para combatê-la, de tal sorte que se ela permanecer na imobilidade, em pouco tempo estaria infalivelmente ultrapassada. O que lhe falta neste século de positivismo, em que se procura compreender antes de crer, é a sanção de suas doutrinas por meio de fatos positivos; é também a concordância de certas doutrinas com os dados positivos da ciência. Se ela diz ser branco o que os fatos dizem ser negro, é preciso optar entre a evidência e a crença cega. **É nestas circunstâncias que o Espiritismo vem opor um dique à invasão da incredulidade, não somente pelo raciocínio e pela perspectiva**

⁴⁵³ KARDEC. *Ma première...* op. cit. 306.307. “J’entrevis sous ces futilités apparentes et l’espèce de jeu que l’on se faisait de ces phénomènes, quelque chose de sérieux, et comme la révélation d’une nouvelle loi que je me promis d’approfondir. [...] Je compris tout d’abord la gravité de l’exploration que j’allais entreprendre ; j’entrevis dans ces phénomènes la clef du problème si obscur et si controversé du passé et de l’avenir de l’humanité, la solution de ce que j’avais cherché toute ma vie ; c’était, en un mot, toute une révolution dans les idées et dans les croyances [...]”

⁴⁵⁴ LE2. p. 448.

dos perigos que acarreta, mas pelos fatos materiais, tornando visíveis e tangíveis a alma e a vida futura.⁴⁵⁵

Os fatos. “Contra fatos, não há argumentos”, repetirá incansavelmente Kardec. No Espiritismo os fatos são importantes porque oferecem a evidência da imortalidade da alma, após sua separação do corpo; bem como da possibilidade de comunicação entre vivos e mortos. Mas, os fatos não esgotam, para Kardec, aquilo que o Espiritismo é. Nem mesmo seriam poderosos o suficiente para convencer o materialista convicto, já que “no Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva, não é seu ponto de partida [...]”.⁴⁵⁶ Pois, não sendo os Espíritos nada além das alma dos homens já livres do corpo, como alguém que não admite ter em si uma alma poderia vir a admitir a existência de Espíritos e a possibilidade de sua manifestação? Poderia ter em torno de si um amontoado de provas as mais palpáveis e as recusaria todas, já que não admite o princípio. Por isso, segundo Kardec, mais importante que os fenômenos é a *filosofia* que deles decorre. Como afirma no *Épilogue* da primeira edição de *Le Livre des Esprits*: “A verdadeira doutrina espírita está no ensinamento dado pelos espíritos [...]”.⁴⁵⁷ E, para demonstrar este ponto, nosso autor falará de pessoas que não viram qualquer fenômeno e se tornaram adeptos pela força da racionalidade da *doutrina*, pois “[...] para eles a filosofia é o principal, não passando as manifestações de simples acessório”.⁴⁵⁸ Essa filosofia lhes explicaria aquilo que nenhuma outra jamais foi capaz de explicar e lhes satisfaria a razão pela lógica de seus argumentos, preenchendo, assim, o vazio deixado pelo materialismo. É, pois, a *filosofia espírita*, com seu caráter *racional* e *sistemático* que ofereceria aquela *solução* para a grande ameaça do *materialismo*. Assim, a *filosofia espírita*, além de uma *doutrina* fundada sobre fatos e segundo o método positivo, seria ainda um *sistema* que visa uma explicação total da realidade.

⁴⁵⁵ CE. p. 4 : “[...] il ne faut pas se dissimuler que le scepticisme, le doute, l'indifférence, gagnent chaque jour du terrain, malgré les efforts de la religion ; ceci est positif. Si la religion est impuissante contre l'incrédulité, c'est qu'il lui manque quelque chose pour la combattre, de telle sorte que si elle restait dans l'immobilité, en un temps donné elle serait infailliblement débordée. Ce qui lui manque dans ce siècle de positivisme, où l'on veut comprendre avant de croire, c'est la sanction de ces doctrines par des faits positifs ; c'est aussi la concordance de certaines doctrines avec les données positives de la science. Si elle dit blanc et si les faits disent noir, il faut opter entre l'évidence et la foi aveugle. **C'est dans cet état de choses que le Spiritisme vient opposer une digue à l'envahissement de l'incrédulité, non seulement par le raisonnement, non seulement par la perspective des dangers qu'elle entraîne, mais par les faits matériels, en faisant toucher du doigt et de l'oeil l'âme et la vie future.**” (Negrito meu).

⁴⁵⁶ LM. p. 22: “Dans le spiritisme, la question des Esprits est secondaire et consécutive ; ce n'est point le point de départ [...]”.

⁴⁵⁷ LE₁. p. 158.

⁴⁵⁸ KARDEC, Allan. *Viagem Espírita em 1862 e outras viagens de Kardec*. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 34.

3.1.2. O conceito de *doutrina* e suas implicações dogmáticas

Uma vez estando a doutrina estabelecida em seu caráter *sistemático* devemos voltar nossa atenção, agora, para o que tenho considerado como caracteres dogmáticos presentes no estabelecimento dos princípios fundamentais do Espiritismo. Princípios estes que, como se verá posteriormente, regeriam sua *sistematicidade*.

Neste sentido, a primeira coisa que precisamos afirmar é que, sim, o *corpo doutrinário* possui um grau elevado de coesão e lógica interna. Suas partes constituintes tendem, apesar de algumas lacunas inevitáveis, a se constituir como um *sistema* com alto grau de razoabilidade. Desde que sejam admitidos, *a priori*, os seus dois fundamentos: a existência de Deus e a imortalidade da alma. Segundo o próprio Kardec, sendo estes dois princípios consequência um do outro eles constituiriam “[...] a base de todo edifício [...]” e, por isso, antes de qualquer *discussão espírita* “[...] precisamos saber se o nosso interlocutor admite essa base [...] não como simples *probabilidade*, mas como coisa evidente, incontestável [...]”. Admitida esta base, “[...] a existência dos Espíritos decorrerá muito naturalmente [...]”⁴⁵⁹; assim como todos os demais princípios do Espiritismo. É verdade que, para Kardec, a existência da alma tem “[...] no *espiritualismo* a sua demonstração teórica e dogmática e, no *Espiritismo*, a demonstração positiva”⁴⁶⁰, e que, por isso, pode-se pensar que para convencer um incrédulo bastaria apresentar-lhe os fatos. Contudo, nosso autor declara que, em sua experiência, nem sempre é assim. Pois, ao contrário do que se possa pensar:

No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva, não constituindo seu ponto de partida. [...] Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é a existência da alma. Ora, como pode o materialista admitir a existência de seres que vivem fora do mundo material, quando ele próprio acredita não ser mais que matéria? Como pode crer na existência de Espíritos ao seu redor, quando não acredita ter um em

⁴⁵⁹ LM. p. 27.

⁴⁶⁰ LM. p. 22.

si? Em vão se amontoarão aos seus olhos as provas mais palpáveis; ele as contestará todas, já que não admite o princípio.⁴⁶¹

Embora, em seguida Kardec divida os *materialistas* em duas categorias – os materialistas por *espírito de sistema* e os que o seriam *por indiferença* – o ponto aqui parece permanecer o mesmo: os *fatos* não seriam suficientes para formar uma opinião favorável à existência dos Espíritos e de sua comunicabilidade, se já não houver no sujeito a aceitação *a priori* da existência da alma. É preciso, antes que um incrédulo se torne *espírita* que ele se torne *espiritualista*. Seria, então, necessário antes do *convencimento* pelos *fatos*; o convencimento *teórico e dogmático*.

Muito cauteloso Kardec dirá que esta regra comporta exceções. Que a cada indivíduo aplicar-se-ia um método de convencimento diferente. Mas, quando alguém se convence apenas por presenciar algumas *manifestações materiais*, isso indicaria a existência de outra causa que o tornaria menos relutante. Talvez, esse incrédulo pudesse ser classificado como um *materialista por indiferença* ou *por falta de coisa melhor*. Alguém que não seria materialista por uma escolha; que deseja crer e a quem a incerteza atormenta. Falando sobre este tipo, afirma Kardec:

Há neles uma vaga aspiração pelo futuro; mas esse futuro lhes foi apresentado com cores que a sua razão não pode aceitar. Daí a dúvida e, como consequência da dúvida, a incredulidade. Para eles, portanto, a incredulidade não constitui um sistema. Logo que lhes apresentardes alguma coisa racional, eles a aceitarão com ardor. Esses podem nos compreender, porque estão mais perto de nós do que eles próprios imaginam.⁴⁶²

⁴⁶¹ LM. p. 22: “Dans le spiritisme, la question des Esprits est secondaire et consécutive ; ce n'est pas le point de départ [...]. Les Esprits n'étant autre chose que les âmes des hommes, le véritable point de départ est donc l'existence de l'âme. Or, comment le matérialiste peut-il admettre que des êtres vivent en dehors du monde matériel, alors qu'il croit que lui-même n'est que matière ? Comment peut-il croire à des Esprits en dehors de lui, quand il ne croit pas en avoir un en lui ? En vain accumulerait-on à ses yeux les preuves les plus palpables, il les contestera toutes, parce qu'il n'admet pas le principe.”

⁴⁶² LM. p. 24: “Il y a en eux une vague aspiration vers l'avenir ; mais cet avenir leur a été présenté sous des couleurs que leur raison ne peut accepter ; de là le doute, et, comme conséquence du doute, l'incrédulité. Chez eux l'incrédulité n'est donc point un système ; aussi présentez-leur quelque chose de rationnel, et ils l'acceptent avec empressement ; ceux-là peuvent donc nous comprendre, car ils sont plus près de nous qu'ils ne le croient sans doute eux-mêmes.”

Para eles, “[...] a crença não é de todo nula; há um gérmen latente, abafado pelas ervas más, e que uma centelha pode reavivar. É o cego a quem se restitui a vista e que se alegra por tornar a ver a luz; é o náufrago a quem se lança uma tábua de salvação”.⁴⁶³

O ponto que desejo ressaltar aqui é: os *fenômenos mediúnicos* não se colocariam, segundo essas afirmações de Kardec, como o ponto primário da aceitação do Espiritismo. Não é que os fatos sejam absolutamente inquestionáveis e as conclusões de quem os observa, não importando quem seja, inclinem-se sempre para a mesma direção. Na verdade, podemos pensar que, ao contrário do que sempre advogou, Kardec esteja admitindo, ainda que por vias um pouco tortuosas, que ele mesmo quando observou os fenômenos estava imbuído de *prejuízos* oriundos de sua crença prévia na existência e na imortalidade da alma. E que essa sua premissa *a priori* teria influenciado suas conclusões. Da mesma forma que a negação *a priori* da existência de um princípio espiritual que sobreviva à morte do corpo determinaria as conclusões dos *materialistas por espírito de sistema*, como os chama, frente ao mesmo conjunto de fenômenos.

O mesmo pode ser dito em relação à existência de Deus que é assumida por Kardec dogmaticamente com um dos princípios mais fundamentais da doutrina. Como afirma em *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme*: “Deus, sendo a causa primeira de todas as coisas, a origem de tudo que existe, a base sobre a qual repousa o edifício da criação, é o ponto que importa considerar antes de tudo”.⁴⁶⁴ E, de fato, desde a primeira edição de *Le Livre des Esprits* o conceito de Deus tem sido o alicerce sobre o qual Kardec construiu seu sistema. Toda a sua lógica se baseia na existência de Deus e em seus atributos. Dentro de seu sistema doutrinário, somente isso impediria que o mundo fosse um fenômeno completamente irracional tanto do ponto de vista do funcionamento da *natureza* quanto do ponto de vista de sua *finalidade*. É o conceito de Deus que garante a Kardec a regularidade do mundo físico e do mundo moral. É por meio deste conceito que a doutrina se tornaria uma espécie de *teodiceia* fundada sobre a ideia da reencarnação. Um princípio, aliás, que sendo fruto dos anteriores, se constitui como o *dogma* que melhor caracterizaria a peculiaridade da *doutrina espírita* frente a outros *corpos doutrinários*. Não é a toa que, como veremos, ao tentar inserir

⁴⁶³ LM. p. 24. “[...] la croyance n'est pas absolument nulle ; c'est un germe latent étouffé par de mauvaises herbes, mais qu'une étincelle peut ranimer ; c'est l'aveugle à qui on rend la vue, et qui est joyeux de revoir la lumière, c'est le naufragé à qui l'on tend une planche de salut.”

⁴⁶⁴ GMP. p. 48: "Dieu étant la cause première de toutes choses, le point de départ de tout, le pivot sur lequel repose l'édifice de la création, c'est le point qu'il importe de considérer avant tout”.

o Espiritismo na tradição judaico-cristã, será de fundamental importância promover a concordância entre este *dogma* e o *dogma* da ressurreição da carne, admitido, sobretudo, pela Igreja.

O problema aqui, no entanto, é que Kardec não admite que a *doutrina espírita* seja uma *doutrina dogmática*. Sim, é verdade que as bases do *corpo doutrinário* do Espiritismo sejam sempre apresentadas por nosso autor a partir de dois princípios: *Deus* e a existência da alma. No entanto, ele também afirma que:

O Espiritismo não coloca como princípio absoluto senão aquilo que foi demonstrado com evidência, ou que ressalta logicamente da observação. [...] O Espiritismo, marchando com o progresso, nunca será ultrapassado, porque se novas descobertas lhe demonstrassem que está errado sobre um ponto, ele se modificaria sobre este ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita.⁴⁶⁵

Como poderia ser *dogmática* uma doutrina que se coloca nessa disposição? De fato, para Kardec, “diante de declarações tão inequívocas e categóricas como essas [...] caem todas as alegações de tendência ao absolutismo e à autocracia de princípios, todas as falsas assimilações que pessoas prevenidas ou mal informadas atribuem à doutrina”.⁴⁶⁶

No entanto, Kardec não esclarece quais aspectos da *doutrina* estariam, de fato, sujeitos ao progresso científico. Certamente, não se trata aqui dos *princípios fundamentais da doutrina*, mas das implicações deles decorrentes ou de princípios que poderíamos chamar de secundários. Por exemplo, não se trata de acompanhar a ciência naquilo que ela poderia ter a dizer em relação à existência dos Espíritos e de sua comunicabilidade, já que em relação a isso, o próprio Kardec já havia declarado que “a ciência propriamente dita, como ciência, é [...] incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e seu julgamento, seja qual for, favorável ou não, nenhum peso poderá ter”.⁴⁶⁷ Da mesma forma, as *corporações científicas* não teriam poder para decidir sobre a existência de Deus. O que significa que, ao menos, esses dois *princípios básicos* ou *fundamentais* do Espiritismo se

⁴⁶⁵ GMP. 38-39: “Le Spiritisme ne pose donc en principe absolu que ce qui est démontré avec évidence, ou ce qui ressort logiquement de l'observation.[...]. Le Spiritisme, marchant avec le progrès, ne sera jamais débordé, parce que, si de nouvelles découvertes lui démontraient qu'il est dans l'erreur sur un point, il se modifierait sur ce point; si une nouvelle vérité se révèle, il l'accepte”.

⁴⁶⁶ GMP. p. 39. Nota 1. “Devant des déclarations aussi nettes et aussi catégoriques que celles [...] tombent toutes les allégations de tendance à l'absolutisme et à l'autocratie des principes, toutes les fausses assimilations que des gens prévenus ou mal informés prêtent à la doctrine”.

⁴⁶⁷ LE₂. p. XX.

encontrariam a salvo de qualquer controle externo por parte da ciência. E que, na prática, haveria princípios doutrinários aceitos como *princípios absolutos* e que não estariam *demonstrados com evidências* ou que *decorressem logicamente da observação* dos fatos. Antes, eles precisariam ser admitidos *a priori* a fim de que as evidências pudessem ser aceitas.

A meu ver, essa admissão *a priori* de princípios fundamentais reforçaria o caráter *dogmático* da *doutrina*, ao mesmo tempo em que possibilitaria desconstruir um elemento da obra kardeciana, que foi sistematicamente inflacionado pelo próprio autor, e que tem influenciado interpretações até nossos dias. Este elemento, já mencionado algumas vezes, é a pretensa supremacia do conceito de *ciência positiva*, sua precedência epistemológica, sobre outros conceitos aplicados e aplicáveis ao Espiritismo. Como já esclarecemos, para Kardec, o Espiritismo seria, sobretudo, uma *ciência positiva* e seu resultado, a *doutrina espírita*, teria sido construído a partir de uma observação isenta dos *fatos*. De acordo com essa perspectiva, *todos* os princípios que sustentariam a *doutrina* teriam sido estabelecidos pelo uso rigoroso do *método indutivo*. Ou seja, teriam sido estabelecidos sem qualquer *teoria preconcebida*. Isso nos leva à necessidade de reavaliarmos o papel de Kardec na chamada *codificação*. É o que procuraremos fazer no próximo tópico.

3.1.3. Allan Kardec, o codificador

Como temos dito: o projeto fundamental de Kardec foi o de criar um sistema doutrinário que não se perdesse em abstrações tal como os sistemas filosóficos tradicionais. Seu ideal de objetividade e de racionalidade passava, portanto, pela tentativa de construção de um *corpo teórico* para o Espiritismo totalmente fundado sobre o *método indutivo*. Esta visão idealizada do papel desempenhado pelo método na elaboração deste *corpo teórico* tem reflexos importantes na compreensão de seu papel enquanto *autor* da doutrina. Para alguns, inclusive para o próprio Kardec, esta suposta ausência absoluta de pressupostos na elaboração da doutrina, seria um elemento que fortaleceria a reivindicação de um caráter científico para o Espiritismo. No entanto, as análises anteriores nos abriram a possibilidade de desconstruirmos essa pretensão de nosso autor. Não apenas é possível que Kardec tenha tido seus pressupostos ao entrar em contato com os *fenômenos mediúnicos*, como creio ser possível apontar alguns

dos mais significativos. O primeiro deles, discutido no tópico anterior, diz respeito ao prévio posicionamento *espiritualista* de Kardec. Sua admissão tácita da existência de Deus e da imortalidade da alma como pressupostos indispensáveis para a compreensão e aceitação das evidências trazidas pelas manifestações mediúnicas teria influenciado, a meu ver, suas observações daqueles fenômenos; na mesma medida em que, como ele mesmo admite, um ateu e materialista sofreria influência de seu posicionamento prévio. Em outras palavras, na sua tentativa ingênua de evitar pressupostos, em tudo inevitáveis, Kardec teria apenas aplicado os seus de maneira inconsciente e acrítica.⁴⁶⁸

Por causa desta compreensão de seu papel na criação da *doutrina*, ao longo da história da recepção de seus escritos Kardec tem sido chamado de *o codificador*. A referência mais antiga que encontramos do uso deste termo é a obra de Gabriel Delanne, *Le Phénomène Spirite* [1893].⁴⁶⁹ De lá pra cá o termo consagrou-se de tal forma que acabou por se tornar, na prática, um substituto bastante usado para o nome deste autor. Nós mesmos, ao longo deste trabalho, temos usado muitas vezes este epíteto para designá-lo, embora, como veremos num sentido mais amplo que o comum. O que me parece muito adequado, pois, se nós compreendermos a palavra *codificação* como um processo mediante o qual os dados brutos das comunicações foram *transformados sistematicamente e agregados* para formar *unidades de sentido* no conjunto de um sistema racionalmente ordenado⁴⁷⁰; compreenderemos, igualmente, porque Kardec insiste sempre que seu papel na elaboração da doutrina tenha se resumido a isto: coordenar as informações supostamente trazidas pelos Espíritos, a fim de que tal *racionalidade* se estabeleça de maneira inequívoca. Conforme declara: “Aquilo em que o autor pôde exercer real influência foi o desejo e a vontade de se esclarecer, a ordem e a sequência metódicas que imprimiu ao trabalho, permitindo assim que os Espíritos lhe dessem um ensinamento completo e regular, como faria um professor ao ensinar uma ciência, seguindo o encadeamento das ideias”.⁴⁷¹ E, o resultado deste *ensino completo e regular*, aparece pela primeira vez em 1857, com a publicação da *editio princeps* de *Le Livre des*

⁴⁶⁸ Cf.: POPPER, Karl R. Tem a história alguma significação? In: _____. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Tomo 2. Itatiaia: Belo Horizonte, 1998. p.269. (Trad.: Milton Amado).

⁴⁶⁹ DELANNE. *O Fenômeno Espírita*. p. 14.

⁴⁷⁰ Cf.: BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011. p. 133.

⁴⁷¹ LE1, p. 170: “Mais ce par quoi l’auteur dû exercer une influence réelle, c’est par le désir et la volonté de s’éclairer, par l’ordre et la suite méthodiques qu’ils a mis dans son travail, ce qui a permis aux esprits de lui donner un enseignement complet et régulier, comme le ferait un professeur enseignant une science en suivant l’enchaînement des idées”.

Esprits, sob a forma de um *sistema doutrinário* cujos fundamentos já estão plenamente articulados. Nos *Prolégomènes* desta edição, Kardec enuncia com as seguintes palavras o objetivo da obra e seu papel na sua elaboração:

Este livro [...] foi escrito por ordem e sob o ditado de espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos da verdadeira doutrina espírita, isenta de erros e de preconceitos. Nada encerra que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido submetido a seu controle. A ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como a forma material de algumas partes da redação constituem obra unicamente daquele que recebeu a missão de o publicar.⁴⁷²

Se observarmos com atenção podemos ver como Kardec, aqui, atribui aos Espíritos a fonte dos ensinamentos que deram origem ao *Livro* e a si mesmo o mérito da elaboração metódica *das matérias*. Deste modo, aquilo que se constitui como a *sistematicidade* da doutrina, sua apresentação formal, seria o produto do trabalho de Kardec, *o codificador*.

No entanto, conforme visto no primeiro capítulo desta tese, temos considerado Kardec o autor das obras doutrinárias que levam seu nome, muito embora ele mesmo sempre tenha insistido que a *doutrina* contida em seus livros seja dos Espíritos, e não sua. Isso porque, como dissemos então, mesmo que não estejamos preparados para admitir a realidade das comunicações mediúnicas, podemos tranquilamente admitir que Kardec tenha agido, em seu esforço para o estabelecimento da *doutrina*, como o *intérprete* de textos produzidos por fontes diversas. Ora, ao admitirmos isso, entramos em conflito com a pretensão do próprio Kardec de que seu trabalho, sendo fruto de uma observação imparcial, não possa ser reduzido a *apenas uma interpretação*, mas seria a expressão objetiva das verdades que os Espíritos desejaram transmitir.

A meu ver, contudo, esse aparente conflito surge de uma *consciência metodológica* fortemente influenciada pela pretensão iluminista, que o positivismo do século XIX assume como sua, de que qualquer conhecimento só se tornaria válido quando baseado na ausência completa de *pressupostos* e na expressão de uma racionalidade autônoma. Desse modo, como vimos, Kardec, filho de seu tempo, “[...] formado na tradição cultural do século XVIII [...]”,

⁴⁷² LE₁, p. 29-30: “Ce livre [...] il a écrit par l’ordre et sous la dictée d’esprits supérieurs pour établir les fondements de la véritable doctrine spirite, dégagée des erreurs e des préjugés; il ne renferme rien qui ne soit l’expression de leur pensée et qui n’ait subi leur contrôle. L’ordre et la distribution méthodique des matières, ainsi que la forme matérielle de quelques parties de la rédaction, sont seuls l’œuvre de celui qui a reçu mission de le publier”.

como bem recorda Herculano Pires, “[...] compreendeu claramente que o problema de seu tempo repousava na questão do método [...]”⁴⁷³, e assumiu esta agenda como sua.

Tal entendimento do método, no entanto, torna-se problemático não apenas porque não retrata o que acontece em todo fenômeno hermenêutico, mas porque, se fosse possível de ser alcançada, tal suspensão absoluta de preconceitos seria indesejável. Como afirma Karl Popper:

A razão de ser seletiva toda descrição, falando em linhas gerais, está na infinita riqueza e variedade dos possíveis aspectos dos factos de nosso mundo. A fim de descrever essa infinita riqueza, temos à nossa disposição apenas um número finito de uma série finita de palavras. Assim, poderemos descrevê-la tão extensamente como quisermos; nossa descrição será sempre incompleta, uma simples seleção, aliás pequena, dos factos que se apresentam para descrição. Isso mostra que não só é impossível evitar um ponto de vista seletivo, como também inteiramente indesejável tentar fazê-lo, pois, se pudéssemos fazê-lo, não obteríamos uma descrição mais “objetiva”, mas apenas um simples montão de enunciados completamente desconexos. Mas, sem dúvida, um ponto de vista é inevitável; e a tentativa ingênua de evitá-lo pode apenas conduzir a iludir-se a si mesmo e à aplicação não-crítica de um ponto de vista inconsciente.⁴⁷⁴

Assim, se as coisas tivessem se passado com Kardec tal como ele descreve; se, no processo de construção da doutrina espírita, ele não possuísse qualquer ideia prévia do que poderia encontrar nos fenômenos e nas comunicações com que trabalhava; se ao menos não houvesse nele uma expectativa de sentido ou de racionalidade subjacente àqueles fenômenos que se dispusera investigar, todo seu trabalho teria sido infrutífero.

É por acreditar nesta *completa isenção* que, para se defender da acusação de que ao ensinarem a teoria da reencarnação os Espíritos/médiuns estariam tão somente atendendo à sua expectativa prévia de sentido no que toca ao problema da preexistência da alma e sua destinação, Kardec afirma:

Quando a doutrina da reencarnação nos foi ensinada pelos Espíritos, estava tão distante do nosso pensamento que, sobre os antecedentes da alma havíamos construído um sistema completamente diferente, partilhado, aliás, por muitas pessoas. Sob esse aspecto, portanto, a Doutrina dos Espíritos nos surpreendeu profundamente; diremos mais: contrariou-nos, porque virou de ponta cabeça as nossas próprias ideias. Como se pode ver, estava longe de

⁴⁷³ PIRES. *A Pedra e o Joio*. op. cit. p. 18.

⁴⁷⁴ POPPER, Karl R. Tem a história alguma significação? In: _____. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Tomo 2. Itatiaia: Belo Horizonte, 1998. p.269. (Trad.: Milton Amado).

refleti-las. Mas isso não é tudo: nós não cedemos ao primeiro choque; combatemos, defendemos nossa opinião, levantamos objeções e não nos rendemos senão à evidência, e quando percebemos a insuficiência de nosso sistema para resolver todas as dificuldades suscitadas pela questão.⁴⁷⁵

Igualmente, ao apresentar como exemplo do método empírico aplicado à construção da doutrina, o princípio doutrinário segundo o qual há Espíritos comunicantes que acreditam não estarem mortos, Kardec não está indicando que trabalhou absolutamente sem pressupostos. Ao contrário, podemos encontrá-los em abundância: o pressuposto da existência de Espíritos; o da possibilidade de comunicação entre eles e os homens (encarnados); o de que é possível conhecer o que se dá após a morte através destas comunicações; o de que o método científico (positivo) pode ser aplicado às *coisas metafísicas*, etc. E, mesmo que se argumente (e se acredite) que tais pressupostos foram estabelecidos *cientificamente* por Kardec; ainda assim são pressupostos sem os quais afirmar que no mundo dos Espíritos há Espíritos que acreditam ainda estarem vivos, não faria qualquer sentido.

Mesmo a existência e comunicabilidade dos Espíritos – princípio básico da doutrina espírita, estabelecido, segundo Kardec, a partir da análise das manifestações físicas e pela demonstração de sua causa inteligente – não foram encaradas por Kardec a partir de uma ausência completa de pressupostos. Leia-se nos primeiros parágrafos do ensaio autobiográfico *A minha primeira iniciação no Espiritismo*, publicado no volume das *Obras Póstumas*, a descrição de como Kardec recebe a notícia das mesas girantes. Seu *ceticismo* inicial, como ele gosta de descrever, não representa ausência de pressupostos. Antes, representa um preconceito bem caracterizado, calcado numa compreensão dos fenômenos à luz da teoria do magnetismo animal.

O que tais exemplos tornam patente? Que, ao contrário do que afirma, Kardec possuía sim, pressupostos e expectativas de sentido no momento da formulação da doutrina. Como disse anteriormente, defendo a tese de que Kardec é o intérprete de fontes de informação diversas, muitas vezes fragmentárias, que se fossem simplesmente colocadas lado a lado, não formariam um todo coerente. O que os exemplos demonstram, portanto, é que

⁴⁷⁵ RS, Nov/1858, p. 295-296: “[...] lorsque la doctrine de la réincarnation nous a été enseignée par les Esprits, elle était si loin de notre pensée que nous nous étions fait sur les antécédents de l’âme un système tout autre, partagé, du reste, par beaucoup de personnes. La doctrine des Esprits, sous ce rapport, nous a donc surpris; nous dirons plus, contrarié, parce qu’elle renversait nos propres idées; elle était loin, comme on le voit, d’en être le reflet. Ce n’est pas tout; nous n’avons pas cédé au premier choc; nous avons combattu, défendu notre opinion, élevé des objections, et ce n’est qu’à l’évidence que nous nous sommes rendu, et lorsque nous avons vu l’insuffisance de notre système pour résoudre toutes les questions que ce sujet soulève”.

Kardec, o intérprete, não se deixou prender por seus pressupostos. Ao contrário, frente aos textos das comunicações a serem interpretados, realiza uma revisão – não sem antes defender seu ponto de vista peculiar – de sua expectativa de sentido e do esboço de totalidade por ele projetado, numa autêntica *performance* hermenêutica de suas fontes.

Dito isso, no entanto, uma questão permanece: para além desses exemplos específicos, Kardec, ao tomar contato com os fenômenos mediúnicos, entreviu neles uma *racionalidade subjacente*. Esta percepção o levou a expressar aquela ampla *expectativa de sentido* de que já falamos anteriormente:

Entrevi, sob aquelas aparentes futilidades e na espécie de jogo que se fazia destes fenômenos, algo de sério e como que a revelação de uma nova lei que me prometi aprofundar. [...] Compreendi, em primeiro lugar, a gravidade da exploração que iria empreender. Entrevi nestes fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da humanidade, a solução que eu havia buscado toda minha vida. Era, em uma palavra, toda uma revolução nas ideias e nas crenças [...].⁴⁷⁶

O impacto dessas primeiras sessões foi tão intenso que Kardec se convenceu a dedicar o restante de sua vida à pesquisa e divulgação da mensagem dos Espíritos. Diante desse quadro, me questiono: qual seria a origem desta racionalidade que Kardec enxerga nessas manifestações que, a princípio, serviram apenas como causa de diversão e entretenimento para seus contemporâneos? Claro, como dissemos anteriormente⁴⁷⁷, Kardec vê seu trabalho como uma espécie de *etnografia do mundo espírita*; como se ele coletasse relatos de homens e mulheres de todas as classes sociais de uma sociedade desconhecida e buscasse, com isso, estabelecer-lhe os costumes e estruturas sociais, tratando de lhes dar uma forma inteligível. Em outras palavras, e como ele sempre repete: não sendo os Espíritos nada além que a alma dos seres humanos, livres de seus corpos; a racionalidade dos discursos obtidos através das supostas comunicações mediúnicas viria desta humanidade compartilhada entre Espíritos e o pesquisador.

⁴⁷⁶ KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 306. 307. “J’entrevis sous ces futilités apparentes et l’espèce de jeu que l’on se faisait de ces phénomènes, quelque chose de sérieux, et comme la révélation d’une nouvelle loi que je me promis d’approfondir. [...] Je compris tout d’abord la gravité de l’exploration que j’allais entreprendre ; j’entrevis dans ces phénomènes la clef du problème si obscur et si controversé du passé et de l’avenir de l’humanité, la solution de ce que j’avais cherché toute ma vie ; c’était, en un mot, toute une révolution dans les idées et dans les croyances [...]”

⁴⁷⁷ No Capítulo 1.

No entanto, não se trata apenas disso. A seus olhos, a rapidez com que os fenômenos se espalharam pelo mundo indicaria, mais do que um simples objeto de pesquisa. Os *fenômenos espíritas modernos* estariam destinados a causar uma verdadeira “[...] revolução nas ideias e nas crenças [...]”. Desse modo, embora “as comunicações entre o mundo espírita e o mundo corporal estejam na natureza das coisas e não se constituam como um fato sobrenatural [...]” – por isso haveria traços e relatos de sua ocorrência junto a todos os povos e em todas as épocas da história da humanidade – os fenômenos modernos se apresentariam de forma generalizada e patente “[...] para todo o mundo”.⁴⁷⁸ Isso porque segundo o anunciado pelos próprios Espíritos: “[...] chegaram os tempos marcados pela providência para uma manifestação universal [...]”⁴⁷⁹; e que, tendo recebido de Deus a missão “[...] de instruir e de esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da humanidade”⁴⁸⁰, eles seriam os “[...] ministros de Deus e os agentes de sua vontade”.⁴⁸¹ O ponto que desejo demonstrar aqui é que, embora Kardec defenda a *naturalidade dos fenômenos mediúnicos*, que daria à sua observação seu caráter científico; ele igualmente defende a ideia de que, no século XIX, estaria ocorrendo uma *universalização* destas manifestações. E tal *universalização* – uma *invasão organizada* como dirá tempos depois Arthur Conan Doyle⁴⁸² – se daria em função da *vontade Divina* e assumiria, portanto, um *caráter providencial*. O mesmo caráter providencial que nós podemos observar, conforme já discutido no primeiro capítulo desta tese, na crescente consciência de Kardec acerca de sua *missão*. Este é um elemento forte, praticamente onipresente, na composição da obra kardeciana. Igualmente, a mesma ideia estará presente – e ganhará força – quando Kardec, a partir de 1864, trouxer o conceito de *terceira revelação da lei de Deus* para o centro interpretativo de sua obra.

Isso me leva a questionar o que Kardec pretendia dizer quando identificou a *doutrina dos Espíritos* com uma *filosofia racional*. Sim, é verdade que no processo de estabelecimento da *doutrina* Kardec se debruçará sobre questões ligadas à tradição filosófica. Como afirma Silvio Seno Chibeni, nosso autor fará referências “[...] a tópicos tratados pelos filósofos, como a existência e atributos de Deus, a distinção alma-corpo, as ideias inatas, o livre-arbítrio, a

⁴⁷⁸ LE₁. p. 29.

⁴⁷⁹ Idem, *Ibidem*.

⁴⁸⁰ Idem, *Ibidem*.

⁴⁸¹ LE₁. p. 29. “Les esprits annoncent que les temps marqués par la Providence pour une manifestation universelle sont arrivés, et qu’étant les ministres de Dieu et les agents de sa volonté, leur mission est d’instruire et d’éclairer les hommes en ouvrant une nouvelle ère pour la régénération de l’humanité.”

⁴⁸² DOYLE. *História do Espiritualismo*. op. cit. p. 15.

objetividade dos critérios morais, etc.”.⁴⁸³ E, sempre que o fizer, proporá que o Espiritismo soluciona os problemas relativos a esses tópicos de maneira mais racional e plausível que outros sistemas e doutrinas. É certo, também, que Kardec reivindica o uso do *método positivo* na consolidação de seu *sistema doutrinário*, como vimos no capítulo anterior. No entanto, me pergunto se a ideia de fundo de que o aparecimento do Espiritismo cumpriria um propósito providencial; e a ideia de que a *doutrina* poderia ser o fruto de uma *revelação* também providencial; não a associariam, mais propriamente, ao conceito de *teologia* do que ao conceito de *filosofia*, tal como proposto por Kardec. Este questionamento deverá dar o tom dos próximos passos de nossa investigação.

3.2. A filosofia espírita no período religioso

Nossas considerações devem começar pela admissão explícita de que Kardec *nunca* afirmou que a *doutrina dos Espíritos* fosse uma *teologia*. Ao contrário, em todos os momentos, até o fim de sua vida, nosso autor sempre declarou que o Espiritismo, em seu aspecto doutrinário, era uma *filosofia de bases positivas* ou uma *ciência filosófica*. Dito isso é preciso ainda esclarecer que, portanto, a denominação *teologia espírita* com que buscamos, a partir de agora, caracterizar a doutrina em questão é fruto de meu esforço interpretativo da obra kardeciana. Ou seja, embora esta não seja uma conceituação própria de Kardec, creio que ela encontre na obra deste autor as razões suficientes para ser sustentada com propriedade.

Contudo, se é assim, por que Kardec teria evitado chamar sua *doutrina* de *teologia*? No capítulo anterior discutimos como o codificador encontrava-se sob a influência da mentalidade positivista de vertente comteana, típica do século XIX francês. Ora, por causa desta influência, é possível que Kardec tenha considerado o conceito de *teologia* sob uma perspectiva semelhante à de Comte, para quem esta seria um *tipo de filosofia*.⁴⁸⁴ Um tipo insuficiente de conhecimento, contudo, próprio ao estágio inicial do desenvolvimento da inteligência humana e fundado sobre a crença de que todas as anomalias aparentes no

⁴⁸³ CHIBENI. O Espiritismo em seu tríptico aspecto: científico, filosófico e religioso. Parte I. **Reformador**, agosto de 2003. p. 38-39.

⁴⁸⁴ Segundo a definição de Comte, teria havido três *sortes de filosofia* ou de *sistemas gerais de concepções sobre o conjunto dos fenômenos*: a *teologia*, a *filosofia* ou *metafísica* e a *ciência positiva*. O primeiro marcaria o *ponto de partida* necessário à inteligência humana; o *terceiro* seu estado definitivo; e, o *segundo* marcaria a transição entre os dois. (Cf.: COMTE. Curso de Filosofia Positiva. op. cit. p. 22).

universo se dariam devido à interferência de *agentes sobrenaturais*.⁴⁸⁵ E, como vimos acima, Kardec crê que os fenômenos mediúnicos sejam fenômenos naturais, que escapariam completamente ao domínio do *sobrenatural*; e, como tais, deveriam possuir uma explicação dentro do quadro geral das *leis da natureza*, sendo, portanto, objeto de uma *ciência positiva*.

Por outro lado, assumir explicitamente o caráter teológico da doutrina equivaleria a negar seu *caráter científico* e assumir, também explicitamente, que o Espiritismo seria uma *nova religião*. Fato que, como veremos no próximo capítulo, Kardec nega veementemente em sua polêmica com o abade François Chesnel. Como discutimos também no capítulo anterior, o *conceito de ciência* desfruta de uma precedência epistemológica sobre o conceito de *filosofia* dentro da obra de Allan Kardec. Essa precedência se torna patente na exigência de que aquilo que Kardec nomeia como *filosofia espírita*, que nada mais é que a própria *doutrina* consignada em *Le Livre des Esprits*, seja construída a partir da aplicação do método indutivo. Para Kardec essa seria a condição para que a doutrina espírita pudesse ser considerada uma *filosofia racional, livre dos prejuízos do espírito de sistema*; uma doutrina construída a partir de uma *objetividade exemplar* na qual nenhuma ideia pré-concebida tomasse parte ou interferisse em qualquer nível. Este caráter *positivo* excluiria qualquer possibilidade, portanto, de que a *doutrina* fosse encarada como uma *doutrina teológica*.

No entanto, como dissemos acima, Kardec tem, ao mesmo tempo em que trabalha na elaboração do *corpo doutrinário* que aparecerá com a publicação de seu primeiro tratado espírita, um crescente sentido de que é o portador de uma *missão providencial*. Uma *missão* que possui fortes características de um mandato carismático de cunho religioso. Na verdade, ao que tudo indica, Kardec assume a missão de promover, com o Espiritismo, verdadeira *reforma religiosa*. Sendo assim, nosso quadro se tornaria ainda mais complexo e problemático. Como poderia Kardec ao mesmo tempo ver-se como portador de uma *missão de reforma religiosa*, organizador de uma *doutrina teológica*, e se recusar terminantemente em admitir que o Espiritismo fosse uma *nova religião*? Acredito que, de certa maneira, o debate neste capítulo do caráter *teológico* da *doutrina espírita* nos colocará na direção certa para a solução de tais problemas.

⁴⁸⁵ COMTE. Curso de Filosofia Positiva. op. cit. p. 22. “No estado teológico, o espírito humano, dirigindo essencialmente suas investigações para a natureza íntima dos seres, as causas primeiras e finais de todos os efeitos que o tocam, numa palavra, para os conhecimentos absolutos, apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de seres sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo”.

Antes de qualquer coisa, precisamos estabelecer as bases do debate. Para tanto, é necessário que retomemos um aspecto importante, que foi intencionalmente omitido, quando discutimos no capítulo anterior a ideia do *controle universal do ensino dos Espíritos*, proposta por Kardec em 1864 com a publicação de *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme*. Um aspecto que, agora, quando pretendemos fazer avançar um pouco mais nossa compreensão do conceito kardeciano de *filosofia*, confrontando-a com o conceito de *teologia espírita*, se torna imprescindível discutirmos. Nesta mesma obra, ao propor o *controle universal* como uma ferramenta metodológica para o estabelecimento de novos princípios doutrinários, Kardec tem em mente que estes mesmos princípios, bem como toda a *doutrina*, sejam fruto de uma *revelação providencial*. Não é que ele utilize o termo *revelação* em sentido figurativo, como se se tratasse de princípios que fossem meramente *descobertos* por meio da pesquisa. Antes, a ideia de fundo é que os Espíritos estariam seguindo uma espécie de *desígnio divino* para a plena manifestação da doutrina a qual seria, então, a *terceira revelação da lei de Deus* em missão de complementaridade e sucessão às revelações *mosaica* e *cristã*. Esta é uma das razões, embora não seja a única, que nos leva a defender esta obra – que posteriormente se intitulará *L'Évangile selon le Spiritisme* – como o livro inaugural do *período religioso* do Espiritismo, previsto por Kardec em 1863.

Embora a ideia de que o Espiritismo cumpriria um propósito providencial já estivesse presente no pensamento de Kardec desde 1857, me parece que a admissão explícita de que o mesmo seria um grande *evento revelatório* tenha criado algumas dificuldades para nosso autor. Isto porque, praticamente desde o começo de suas pesquisas, ele havia negado com veemência que o Espiritismo fosse uma *nova religião*. Ora, estando o conceito de *revelação* inegavelmente ligado ao pensamento religioso – e o próprio Kardec admite isso, como veremos – afirmar que o Espiritismo seria uma *nova revelação* não equivaleria a dizer que ele estaria a caminho de se tornar uma *nova religião*? Não seria essa, igualmente, a consequência lógica de admitir que o Espiritismo estivesse prestes a entrar num *período religioso*? Como conciliar esta nova informação, esta *nova via*, com o que já havia sido construído até o momento em termos da compreensão da natureza da doutrina? Poderia ainda se chamar de *ciência filosófica* uma doutrina que estaria fundada sobre um *evento revelatório*? Não seria melhor, antes, nomeá-la como uma *ciência teológica*?

Alguns destes questionamentos só terão sua resposta no próximo capítulo, quando investigaremos diretamente a questão religiosa na obra kardeciana. No entanto, não poderíamos deixar de mencioná-los aqui, já que a partir de agora iremos considerar o modo como Kardec proporciona uma ampliação do sentido da expressão *filosofia espírita* a fim de abarcar o conceito de *revelação divina*. A fim de bem compreendermos este processo, faz-se necessário que, durante toda a discussão que virá, não nos esqueçamos de um fato extremamente relevante. Como dissemos no Capítulo 1 desta tese, há indícios em *L'Évangile selon le Spiritisme* que demonstram a preocupação de Kardec com a continuidade de sua obra. Através de elementos diversos, o codificador se preocupa em construir um vínculo que ligasse o novo livro, e o período que ele inaugura, ao período *científico-filosófico*. Sua preocupação parece ser a de preservar, na medida do possível, a representação anterior da doutrina como fruto de um trabalho investigativo científico. Assim, por exemplo, sua preocupação *metodológica* tardia e o estabelecimento das regras do *controle universal* a que nos referimos anteriormente. Além disso, mais voltado para o aspecto propriamente *filosófico* do período anterior, Kardec apresenta Sócrates e Platão como precursores da *ideia cristã* e do *Espiritismo*.⁴⁸⁶ Esta é uma medida importante, uma vez que estes dois pensadores gregos teriam participado, como Espíritos superiores, do processo que deu origem a *Le Livre des Esprits*. Essas precauções, a meu ver, representam um esforço de continuidade no discurso. Sim, o Espiritismo está entrando em uma nova fase, seu *período religioso*, mas isso não significaria, a rigor, uma ruptura com as fases anteriores. Ao contrário, parece-me mesmo haver uma ideia de fundo de que a entrada do Espiritismo neste novo período se trataria, na verdade, de um avanço em relação aos períodos anteriores. Como podemos verificar no seguinte trecho, no qual Kardec, ao tratar do tema da *concordância universal*, afirma:

⁴⁸⁶ Uma das maneiras através da qual Kardec tenta inserir a doutrina por ele criada no contexto mais amplo da história da filosofia e do espiritualismo filosófico é através dos nomes de autores clássicos do pensamento ocidental presentes na *obra da codificação*. Se olharmos atentamente a lista desses autores veremos ali nomes como Sócrates e Platão, por exemplo, a quem Kardec atribui o título de precursores *da ideia cristã e do espiritismo*. Contudo, o Sócrates de Kardec é um Sócrates convertido em símbolo, um Espírito cristianizado; não o “homem de carne e osso [...] o cidadão ateniense nascido em 469 a.C. e condenado à morte e executado no ano 399 a. C. [...]”, como diria Werner Jaeger. É o Sócrates convertido em *mártir pré-cristão*, quem sabe até um *santo pagão*, cuja *doutrina* teria preparado terreno para a *ideia cristã* e para o *Espiritismo*. O Sócrates de Kardec lhe vem através do imaginário iluminista para o qual o filósofo se convertera em *guia*, “[...] apóstolo da liberdade moral, separado de todo dogma e de toda a tradição [...], evangelista da nova religião terrena e de um conceito de bem-aventurança atingível nesta vida mercê da força interior do homem e baseada, não na graça, mas na incessante tendência ao aperfeiçoamento do nosso próprio ser” (JAEGER, Werner. Sócrates. In: _____. *Paideia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 493-494).

Na nossa posição, recebendo as comunicações de cerca de mil centros espíritas sérios, disseminados sobre diversos pontos do globo, estamos em condições de ver os princípios sobre os quais esta concordância se estabelece. Foi esta observação que nos guiou até este dia e é, igualmente ela que nos guiará nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar. Foi assim que, estudando atentamente as comunicações vindas de diversos lados, tanto da França quanto do estrangeiro, reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que ele tende a entrar por **um novo caminho** e que lhe chegou o momento de dar um passo para adiante.⁴⁸⁷

Assim, nesse momento, para compreendermos essa *nova via* em que o Espiritismo deveria entrar a partir de 1864, creio ser necessário que nos voltemos para dois aspectos do conceito kardeciano de *filosofia* que se desenvolvem a partir de então. Um desses aspectos é o confronto com a *fonte de autoridade da tradição cristã* e a admissão de que o Espiritismo seja a *terceira revelação da lei de Deus*. O outro aspecto, não menos importante, é a tentativa levada a efeito por Kardec de apresentar o Espiritismo como uma *chave* de leitura daquela mesma *tradição*, tornando-o, assim, uma espécie de *médium* do cristianismo para o século XIX e para a *nova era da humanidade*. A seguir discutiremos cada um desses aspectos.

3.2.1. O Espiritismo como *fonte*: o problema da revelação

Como dissemos, a fim de promover a passagem do Espiritismo de seu período *científico-filosófico* para o período *religioso*, Kardec precisaria conciliar suas reflexões anteriores sobre a natureza da doutrina com a nova realidade que agora se apresenta. O principal desafio será, parece-me, conciliar as duas fontes de autoridade de saberes tão díspares quanto *ciência* e *religião*. Se o primeiro retiraria sua autonomia e autoridade da aplicação do *método positivo* aos *fatos*, para deles inferir *leis universais*; a *religião*, por sua vez, fundada sobre o conceito de *revelação* dependeria, exclusivamente, da autoridade *daquele que fala em nome de Deus*. A primeira providência tomada por Kardec foi sugerir que a *filosofia espírita* pudesse reaproximar as duas formas de saber. Afinal, “ambas [...] *tendo o mesmo princípio, que é Deus*, não podem contradizer-se”.⁴⁸⁸ Este é um ponto importante que, posteriormente, será

⁴⁸⁷ ES, p. XI-XII: “Dans notre position, recevant les communications de près de mille centres spirites sérieux, disséminés sur les divers points du globe, nous sommes à même de voir les principes sur lesquels cette concordance s'établit ; c'est cette observation qui nous a guidé jusqu'à ce jour, et c'est également celle qui nous guidera dans les nouveaux champs que le Spiritisme est appelé à explorer. C'est ainsi qu'en étudiant attentivement les communications venues de divers côtés, tant de la France que de l'étranger, nous reconnaissons, à la nature toute spéciale des révélations, qu'il y a tendance à entrer dans **une nouvelle voie**, et que le moment est venu de faire un pas en avant.”

⁴⁸⁸ ES. p. 6.

retomado por Kardec: Deus é o real ponto de conexão entre *ciência e religião*. Será também o ponto comum que ambas terão com a *filosofia espírita*, como se verá.

Assim, Kardec precisará se haver, diante da pretensa *precedência epistemológica* da *ciência espírita* sobre a *filosofia e a religião*, com o conceito de *revelação*. Um conceito forte que, embora possa ser associado a significados mais corriqueiros como, por exemplo, o de “[...] descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida”⁴⁸⁹; está, inegavelmente, ligado ao âmbito da religião. A saída encontrada – afirmar não apenas que o Espiritismo seria *uma revelação*, como seria ainda *a terceira revelação da lei de Deus* – parece ter-lhe gerado alguns problemas, como dissemos acima. Para solucioná-los, penso, foi preciso que Kardec aplicasse ao conceito de *revelação* uma extensão tão ampla que ele pudesse se abrigar em si todas as formas de conhecimento. E aí, novamente, a precedência epistemológica do conceito de ciência se faz sentir. Admitindo a existência da *revelação religiosa* na *revelação espírita*, subordinada, contudo, ao método positivo das ciências, Kardec teria tentado preservar a coerência do discurso no interior de sua obra. Mas, estamos nos precipitando. Antes de concluirmos algo sobre este tema, precisamos investigar as origens do conceito de *terceira revelação da lei de Deus*, aplicado por Kardec ao Espiritismo no princípio do período *religioso* de sua história.

Que o Espiritismo cumpriria um propósito providencial na história é uma crença que Kardec sempre defendeu. Nos *Prolégomènes* da primeira edição de *Le Livre des Esprits* isso fica bastante claro.⁴⁹⁰ Assim como fará Arthur Conan Doyle anos mais tarde em *The History of Spiritualism*⁴⁹¹, Kardec afirma que relatos das manifestações ostensivas entre o mundo espírita e o mundo corporal estão presentes em todas as épocas da história da humanidade. No entanto, segundo este autor, se os fenômenos que ocorreram a partir de 1848, nos Estados Unidos, e que deram origem ao *Moderno Espiritualismo*, e, conseqüentemente, ao

⁴⁸⁹ GMP, p. 2: “*Revelar*, derivado da palavra *véu* (do latim *velum*), significa literalmente *retirar o véu*; e, em sentido figurado: descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida”. No original: “*Révéler*, dérivé du mot *voile* (du latin *velum*), signifie littéralement *ôter le voile*; et, au figuré, faire connaître une chose secrète ou inconnue”.

⁴⁹⁰ LE₁, p. 29-30: “Os espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal, e que, sendo os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, a sua missão é instruir e esclarecer os homens, inaugurando uma nova era para a regeneração da humanidade”. No original: “Les esprits annoncent que les temps marqués par la Providence pour une manifestation universelle sont arrivés, et qu’étant les ministres de Dieu et les agents de sa volonté, leur mission est d’instruire et d’éclairer les hommes en ouvrant une nouvelle ère pour la régénération de l’humanité”.

⁴⁹¹ O livro foi publicado originalmente em dois volumes em 1926. No Brasil, a primeira tradução desta obra feita por Júlio Abreu Filho, assumiu erroneamente o título de *História do Espiritismo*. Recentemente a editora da Federação Espírita Brasileira lançou nova tradução, de autoria de José Carlos da Silva Silveira, que corrige este equívoco.

Espiritismo, possuiriam as características de uma “invasão organizada”; para Kardec, essa *invasão* tem o caráter de uma *manifestação universal* e cumpre, como se viu acima, um *plano providencial*. Os Espíritos superiores seriam os “ministros de Deus e agentes de sua vontade”; e *Le Livre des Esprits*, a coletânea de seus ensinamentos. No entanto, embora a palavra *revelação* ainda não seja utilizada aqui, seu conceito já se encontra implícito na própria noção acima descrita.

De fato, a problematização do tema só acontecerá explicitamente com a inclusão da *teoria das três revelações*⁴⁹² no cânone kardeciano em 1864. A raiz dessa *teoria*, no entanto, data de 1861, e tem sua origem numa série de comunicações que teriam sido obtidas por um médium de Mulhouse. Kardec publicará essas comunicações nos números de março e setembro da *Revue*, omitindo propositalmente o nome do médium, chamando-o apenas de Sr. R..., fiel a seu princípio de que a identidade dos correspondentes seria preservada.⁴⁹³

A primeira comunicação, publicada no número de março, é introduzida por um trecho da carta do próprio Sr. R... no qual esclarece os motivos que o teriam levado a consultar seu Espírito protetor Mardoché R... a fim de solucionar uma dúvida que lhe ocorrera. Afirma o médium:

Em primeiro lugar devo lhe dizer que professo o culto israelita e que, naturalmente, levado às ideias religiosas nas quais fui educado. Eu havia notado que, em todas as comunicações feitas pelos Espíritos, estava sempre em questão apenas a moral pregada pelo Cristo e que nunca se falava da lei de Moisés. Eu me dizia, contudo, que os mandamentos de Deus, revelados por Moisés, pareciam-me ser o o fundamento da moral cristã; que o Cristo havia sido capaz de ampliar seu quadro e desenvolver suas consequências, mas que o germe estava na lei ditada no Sinai. Perguntei-me, então, se a menção, tão frequentemente repetida, da moral do Cristo, embora a Moisés não lhe fosse estranha, não proviria do fato que a maior parte das

⁴⁹² Por *teoria das três revelações* designo a ideia geral de que a história da humanidade teria sido marcada por três grandes revelações divinas. Emile Littré, em seu *Dictionnaire de la langue française* (1872-1877), no verbete *révélation*, registra o uso frequente da expressão *les trois révélations* para fazer referência à religião judaica, à religião cristã e à religião muçulmana. Em apoio a essa afirmação, Littré cita o *Émile* de Jean-Jacques Rousseau. É curioso observar que Kardec dá um novo sentido a essa expressão, atribuindo ao Espiritismo o lugar de *terceira revelação*. Posteriormente, Kardec desqualificará o Islã como uma genuína revelação: “Apenas constatamos as duas grandes revelações sobre as quais se apoia o Cristianismo: a de Moisés e a de Jesus, porque tiveram uma influência decisiva na Humanidade. O islamismo pode ser considerado como um derivado de concepção humana do mosaísmo e do Cristianismo. Para acreditar a religião que queria fundar, Maomé teve que se apoiar sobre uma **pretensa revelação divina**” (RS, Avr/1866, p. 100). O lugar de terceira revelação teria ficado assim vacante até o advento do Espiritismo.

⁴⁹³ “Não daremos o conhecer os nomes das pessoas que nos enviarem as comunicações, a não ser que, para isto sejamos formalmente autorizados” (RS, Jan/1858, p. 6).

comunicações recebidas emanavam de Espíritos que haviam pertencido à religião dominante e se elas não seriam uma lembrança de ideias terrenas.⁴⁹⁴

O Espírito, atendendo seu chamado, lhe explica que, sim, a moral evangélica é a moral mais pura, mais elevada e está destinada a aproximar todos os homens, tornando-os irmãos. Além disso, pela prática generalizada de tal moral, a Terra se tornaria morada para *Espíritos superiores* aos que à época a habitavam. Explica, ainda, que Moisés fora enviado por Deus para torná-lo conhecido de todos os povos, e não apenas dos hebreus. Mas, a moral ensinada por Moisés estava circunscrita e era apropriada ao grau de adiantamento da humanidade de seu tempo e que ele se propunha regenerar. No entanto, “os mandamentos de Deus, dados por intermédio de Moisés, carregam os germes da moral cristã bem compreendida [...]”.⁴⁹⁵ E, conclui: “Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá”.⁴⁹⁶

Em setembro do mesmo ano, sob o título *Um Espírito Israelita a seus Correligionários*⁴⁹⁷, Kardec publica na *Revue* três novas comunicações produzidas pelo mesmo *médium*, desta vez assinadas pelo Espírito Edouard Pereyre. O teor das duas primeiras é bem semelhante ao da comunicação assinada por Mardoché R..., possuindo, no entanto, o formato de cartas dirigidas a outros judeus pedindo-lhes que abracem o Espiritismo. O argumento central desta solicitação é baseado na seguinte assertiva: “Hoje é, pois, necessário alargar as bases do ensino; aquilo que a lei de Moisés vos ensinou já não é suficiente para fazer a humanidade avançar e Deus não quer que permaneçais sempre no mesmo ponto, uma vez que, o que era bom há 5000 anos já não o é mais hoje”.⁴⁹⁸ E, continua:

Pois bem! Chegaram os tempos, meus amigos, em que Deus quer que vós alargueis o quadro de vossos conhecimentos. O próprio Cristo, apesar de ter

⁴⁹⁴ RS. Mar/1861, p. 91: “Je dois d’abord vous dire que je professe le culte israélite, et que je suis naturellement porté aux idées religieuses dans lesquelles j’ai été élevé. J’avais remarqué que, dans toutes les communications faites par les Esprits, il n’était toujours question que de la morale chrétienne prêchée par le Christ, et qu’il n’était jamais parlé de la loi de Moïse. Je me disais cependant que les commandements de Dieu, révélés par Moïse, me paraissaient être le fondement de la morale chrétienne; que le Christ avait pu en élargir le cadre, en développer les conséquences, mais que le germe était dans la loi dictée au Sinaï. Je me suis demandé alors si la mention, si souvent répétée de la morale du Christ, bien que celle de Moïse n’y fut pas étrangère, ne provenait pas du fait que la plupart des communications reçues émanaient d’Esprits ayant appartenu à la religion dominante, et si elles ne seraient pas un souvenir des idées terrestres”.

⁴⁹⁵ Idem. Ibidem. p. 92: “Les commandements de Dieu donnés par Moïse portent le germe de la morale chrétienne la plus entendue [...]”.

⁴⁹⁶ Idem. Ibidem: “C’est Moïse qui a ouvert la voie; Jésus a continué l’œuvre; le Spiritisme l’achèvera”.

⁴⁹⁷ RS. Set/1861. *Un Esprit israélite à ses correligionnaires*. p. 280-288.

⁴⁹⁸ Idem. Ibidem. p. 281: “Il faut donc aujourd’hui élargir les bases de l’enseignement; ce que la loi de Moïse vous appris ne suffit plus pour faire avancer l’humanité, et Dieu ne veut pas que vous restiez toujours au même point, car ce qui était bon il y a 5,000 ans ne l’est plus aujourd’hui”.

feito avançar em um passo a lei mosaica, não disse tudo porque não teria sido compreendido, mas lançou as sementes que deveriam ser colhidas e aproveitadas pelas gerações futuras. Deus, na sua infinita bondade, vos envia hoje o Espiritismo, cujas bases estão todas na lei bíblica e na lei evangélica, para vos elevar e ensinar que vos ameis uns aos outros.⁴⁹⁹

A terceira e última comunicação desta série, contudo, é a mais elaborada do ponto de vista que nos ocupa. Ela apresenta a *teoria das três revelações* de maneira explícita e com sua lógica plenamente articulada, tal como será assumida por Kardec posteriormente em *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme* e no primeiro capítulo de *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme*. Em seu fundamento encontra-se a crença, tipicamente espírita, de que a história se desenvolve em sentido progressivo e com um fim ordenado por Deus, segundo sua providência, para que se cumpra a perfeição intelecto-moral de todos os Espíritos. Ao longo dessa história, periodicamente, Deus teria enviado personagens – Espíritos mais avançados – a fim de acelerar o progresso humano através de seu ensino e da revelação das leis divinas. Tudo isso é feito de modo também progressivo, de acordo com o grau de adiantamento da humanidade a cada período da história. Contudo, ao invés de concordar com o positivismo comteano, para o qual a fase teológica do pensamento fora substituída com vantagem pelos estados filosófico e positivo, Kardec aponta a possibilidade de que também o pensamento religioso é passível de progresso e capaz de colocar-se em dia com os métodos científicos, dando assim, a razão de sua existência.

Dessa forma, teria havido três revelações: a primeira veio a lume com Moisés, e teve como consequência a religião *israelita* ou *judaica*, a primeira, segundo o texto, a trazer aos homens a ideia de um *Deus espiritual*. Até então, os homens teriam adorado apenas os astros e outros fenômenos naturais, ou então, os animais.⁵⁰⁰ A *segunda revelação* teria vindo com Jesus que teria retomado a missão de Moisés para continuá-la, desenvolvê-la e torná-la apropriada ao progresso até então obtido pela humanidade. Seus ensinamentos teriam levado dezoito séculos para se expandirem e se tornarem amplamente conhecidos; e seu resultado foi o *cristianismo*.⁵⁰¹ A *terceira revelação* estaria se dando com o Espiritismo, no momento em

⁴⁹⁹ Idem. Ibidem. p. 281: “Eh bien! mes amis, les temps sont arrivés où Dieu veut que vous élargissiez le cadre de vos connaissances. Le Christ lui-même, quoi qu’il ait fait faire un pas en avant à la loi mosaïque, n’a pas tout dit parce qu’il n’aurait pas été compris, mais il a jeté des semences qui devaient être recueillies et mises à profit par les générations futures. Dieu, dans sa bonté infinie, vous envoie aujourd’hui le Spiritisme dont toutes les bases sont dans la loi biblique et dans la loi évangélique, pour vous élever et vous apprendre à vous aimer les uns les autres”.

⁵⁰⁰ Cf.: RS, Sep/1861, p. 286.

⁵⁰¹ Cf.: RS, Sep/1861, p. 287.

que os homens, agora, mais avançados; portando aspirações mais nobres, encontram-se capazes de concorrer ao estabelecimento da *fraternidade universal*.

O impacto destas comunicações no pensamento kardeciano é inegável, pois, como já dissemos, com a publicação da *Imitation de l'Évangile a teoria das três revelações* encontrará seu lugar canônico na obra do fundador do Espiritismo. Nesta obra, Kardec, repetindo as comunicações de Mulhouse, declara ser o Espiritismo “[...] la troisième révélation de la loi de Dieu [...]”⁵⁰², em linha de sucessão contínua e de complementaridade com as revelações mosaica e cristã. Com isto Kardec teria situado o Espiritismo como o desenvolvimento histórico e profético não apenas do cristianismo, como afirma Herculano Pires, mas de toda a tradição judaico-cristã.⁵⁰³

No entanto, a inserção explícita da ideia de que o Espiritismo seria a *terceira revelação da lei de Deus* pode ter soado problemática para muitos seguidores de Kardec. Já dissemos como, nos primeiros anos, ao descrever a natureza do Espiritismo, Kardec sempre declarara tratar-se a doutrina de uma filosofia de bases científicas, ou, uma ciência filosófica. De fato, nosso autor sempre fizera questão de afirmar sua convicção de que o Espiritismo não era uma nova religião. Como poderia agora falar dele de uma *nova revelação*? Não está este conceito indelevelmente ligado à ideia religiosa? Seria, portanto, necessária uma explicação. Essa explicação, no entanto, não veio imediatamente, demorou ainda dois anos para ser esboçada pela primeira vez. Apenas em 1866, Kardec se dispôs a tratar novamente do tema no artigo *De la révélation*.⁵⁰⁴ E, posteriormente, as ideias defendidas neste artigo serão desenvolvidas e publicadas como o já citado primeiro capítulo de *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme* [1868], com o título *Caractères de la révélation spirite*.⁵⁰⁵ Estes dois textos são peças-chave na reflexão que faremos mais adiante sobre o suposto caráter *teológico* da doutrina espírita. Antes, porém, de aprofundarmos esta reflexão

⁵⁰² IE. p. 7: “A lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés; a do Novo Testamento, no Cristo; o Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas ele não está personificado em nenhum indivíduo pois é o produto do ensino dado, não por um homem, mas pelos Espíritos, que são *as vozes do céu*, sobre todos os pontos da terra, e por uma multidão inumerável de intermediários [...]”. No original: “La loi de l’Ancien Testament est personnifiée dans Moïse ; celle du Nouveau Testament l’est dans le Christ ; le Spiritisme est la troisième révélation de la loi de Dieu, mais il n’est personnifié dans aucun individu, parce qu’il est le produit de l’enseignement donné, non par un homme, mais par les Esprits, qui sont *les voix du ciel*, sur tous les points de la terre, et par une multitude innombrable d’intermédiaires [...]”.

⁵⁰³ Cf.: PIRES, José Herculano. *Mediunidade*. Conceituação de Mediunidade e Análise dos Seus Problemas Atuais. São Paulo: Paideia, 2002. p.127.

⁵⁰⁴ RS, Avr/1866, p. 97-105.

⁵⁰⁵ Este texto foi publicado também na *Revue* em setembro de 1867 como uma prévia do livro a ser lançado no ano seguinte. E, posteriormente, foi editado em *separata* por Kardec.

específica, gostaria de acrescentar outra peça argumentativa sobre o modo como esta *terceira revelação da lei de Deus* ofereceria, segundo Kardec, uma *chave* para a leitura do *passado* e do *futuro* da humanidade e, principalmente, da tradição cristã.

3.2.2. O Espiritismo como *chave* para o passado e para o futuro da humanidade

Como afirmamos, enquanto uma *doutrina sistemática* o Espiritismo kardeciano se propunha ser “[...] uma forma de concepção geral do Universo e da Vida [...]”⁵⁰⁶, ou, uma *doutrina* que fornecesse ao século XIX uma nova ferramenta para o resgate do fundamento metafísico do real, ameaçado pelo *néantisme*. Além disso, no século do *materialismo*, Kardec almeja que o Espiritismo se torne “[...] a **chave** do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da humanidade [...]”.⁵⁰⁷

Assim, num primeiro momento, quando do princípio de sua atividade espírita, nosso autor trabalhou com a possibilidade de que o Espiritismo oferecesse de modo privilegiado uma *chave explicativa* para os relatos sobre ditos *fenômenos sobrenaturais* que povoam o imaginário humano desde os tempos mais remotos. Como podemos verificar nos *Prolégomènes de Le Livre des Esprits*, para Kardec: “As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corporal estão na natureza das coisas e não constituem nenhum fato sobrenatural, é por isso que se lhes encontra os vestígios entre todos os povos e em todas as épocas [...]”.⁵⁰⁸ Também nos primeiros números da *Revue Spirite* encontramos Kardec preocupado em demonstrar que, embora os fenômenos em questão tenham se produzido em sua época “Ainda que os fenômenos de que nos ocuparemos tenham sido produzidos, de maneira mais geral, nestes últimos tempos, tudo prova que eles tenham existido desde tempos mais antigos”.⁵⁰⁹ E acrescenta:

A existência dos Espíritos, e suas observações no mundo corporal, está atestada e demonstrada não mais como um fato excepcional, mas como um princípio geral, em Santo Agostinho, São Jerônimo, São João Crisóstomo, São Gregório Nazianzeno e muitos outros Pais da Igreja. Essa crença forma,

⁵⁰⁶ PIRES. *O Espírito e o Tempo*. op. cit. p. 143.

⁵⁰⁷ KARDEC. *Ma première*. p. 350. Negrito meu.

⁵⁰⁸ LE₂. p. XLI: “Les communications entre le monde spirite et le monde corporel sont dans la nature des choses, et ne constituent aucun fait surnaturel, c’est pourquoi on en trouve la trace chez tous les peuples et à toutes les époques [...]”.

⁵⁰⁹ RS. Jan/1858. *Introduction*. p. 3: “Bien que les phénomènes dont nous aurons à nous occuper se soient produits en ces derniers temps d’une manière plus générale, tout prouve qu’ils ont eu lieu dès les temps les plus reculés”.

além disso, a base de todos os sistemas religiosos. Admitiram-na os mais sábios filósofos da Antiguidade: Platão, Zoroastro, Confúcio, Apuleio, Pitágoras, Apolônio de Tiana e tantos outros. Nós a encontramos nos mistérios e nos oráculos, entre os Gregos, os Egípcios, os Indianos, os Caldeus, os Romanos, os Persas, os Chineses. Vemo-la sobreviver a todas as vicissitudes dos povos, a todas as perseguições e desafiar todas as revoluções físicas e morais da humanidade. Mais tarde a encontramos entre os adivinhos e feiticeiros da Idade Média, nos Willis e nas Walkírias dos escandinavos, nos Elfos dos teutões, nos Leschios e nos Domeschios Doughi dos Eslavos, nos Ourisks e nos Brownies da Escócia, nos Poulpicans e nos Tensarpoulicts dos bretões, nos Cemís dos Caraíbas, em resumo, em toda a falange de ninfas, de gênios bons e maus, nos silfos, gnomos, fadas e duendes, com os quais todas as nações povoaram os espaços. Encontramos a prática das evocações entre os povos da Sibéria, no Kamtchatka, na Islândia, entre os indígenas da América do Norte e os aborígenes do México e do Peru, na Polinésia e até entre os estúpidos selvagens da Nova Holanda. [...] Quaisquer que sejam os absurdos que cercam essa crença e a desfiguram segundo os tempos e os lugares, não se pode discordar de que ela parte de um mesmo princípio, mais ou menos desfigurado. Ora, uma doutrina não se torna universal, não sobrevive a milhares de gerações, não se implanta de um polo a outro, entre os povos mais diversificados, pertencentes a todos os graus da escala social, se não estiver fundada em algo de positivo. O que será esse algo? É o que nos demonstram as recentes manifestações. Procurar as relações que possam existir entre tais manifestações e todas essas crenças, é buscar a verdade. A história da Doutrina Espírita, de certo modo, é a história do espírito humano; teremos que estudá-la em todas as fontes, que nos fornecerão uma mina inesgotável de observações tão instrutivas quanto interessantes, sobre fatos geralmente pouco conhecidos. Essa parte nos dará oportunidade de explicar a origem de uma porção de lendas e de crenças populares, nelas separando o que toca à verdade, à alegoria e à superstição.⁵¹⁰

⁵¹⁰ RE, Jan/1858 p. 4-5: “L'existence des Esprits, et leurs observations dans le monde corporel, est attestée et démontrée, non plus comme un fait exceptionnel, mais comme un principe général, dans saint Augustin, saint Jérôme, saint Chrysostome, saint Grégoire de Nazianze et beaucoup d'autres Pères de l'Eglise. Cette croyance forme en outre la base de tous les systèmes religieux. Les plus savants philosophes de l'antiquité l'ont admise : Platon, Zoroastre, Confucius, Apulée, Pythagore, Apollonius de Tyane et tant d'autres. Nous la trouvons dans les mystères et les oracles, chez les Grecs, les Egyptiens, les Indiens, les Chaldéens, les Romains, les Perses, les Chinois. Nous la voyons survivre à toutes les vicissitudes des peuples, à toutes les persécutions, braver toutes les révolutions physiques et morales de l'humanité. Plus tard nous la trouvons dans les devins et sorciers du moyen âge, dans les Willis et les Walkiries des Scandinaves, les Elfes des Teutons, les Leschies et les Domeschies Doughi des Slaves, les Ourisks et les Brownies de l'Ecosse, les Poulpicans et les Tensarpoulicts des Bretons, les Cémiss des Caraïbes, en un mot dans toute la phalange des nymphes, des génies bons et mauvais, des sylphes, des gnomes, des fées, des lutins dont toutes les nations ont peuplé l'espace. Nous trouvons la pratique des évocations chez les peuples de la Sibérie, au Kamtchatka, en Islande, chez les Indiens de l'Amérique du Nord, chez les aborigènes du Mexique et du Pérou, dans la Polynésie et jusque chez les stupides sauvages de la Nouvelle-Hollande. De quelques absurdités que cette croyance soit entourée et travestie selon les temps et les lieux, on ne peut disconvenir qu'elle part d'un même principe, plus ou moins défiguré ; or, une doctrine ne devient pas universelle, ne survit pas à des milliers de générations, ne s'implante pas d'un pôle à l'autre chez les peuples les plus dissemblables, et à tous les degrés de l'échelle sociale, sans être fondée sur quelque chose de positif. Quel est ce quelque chose ? C'est ce que nous démontrent les récentes manifestations. Chercher les rapports qu'il peut y avoir entre ces manifestations et toutes ces croyances, c'est chercher la vérité. L'histoire de la doctrine spirite est en quelque sorte celle de l'esprit humain ; nous aurons à l'étudier à toutes ses sources, qui nous fourniront une mine inépuisable d'observations aussi instructives qu'intéressantes sur des faits généralement peu connus. Cette partie nous donnera l'occasion d'expliquer l'origine d'une foule de légendes et de croyances populaires, en faisant la part de la vérité, de l'allégorie et de la superstition.”

E, será por isso que, neste mesmo ano de 1858, publicará vários artigos nos quais encontrará traços do Espiritismo em várias lendas, histórias e no pensamento de pensadores do passado.⁵¹¹

No entanto, se no começo de seu envolvimento com os fenômenos mediúnicos, Kardec se preocupa em encontrar os *traços* da doutrina nas épocas mais remotas da história da humanidade e entre todos os povos; com muito mais afínco se dedicará a estabelecer um vínculo especialmente forte entre a nova doutrina e a tradição cristã. Já na segunda edição de *Le Livre des Esprits*, em 1860, Kardec manifesta o interesse de, a partir do ponto de vista do Espiritismo, reinterpretar as fontes da tradição cristã. Naquele momento ele apresenta alguns indicativos de como se daria essa apropriação hermenêutica.⁵¹² Contudo, somente a partir do lançamento da *Imitation de l'Évangile*, assim como ocorre com o conceito de *revelação*, este movimento se torna, a meu ver, mais intenso e assume um horizonte mais bem definido.

Portanto, a partir deste momento, Kardec assumirá como parte fundamental de sua missão uma releitura das *fontes cristãs*. Este *programa*, cuja concretização se estenderá também por suas próximas obras, é indiretamente anunciado já nas primeiras linhas da *Introduction* à obra de 1864 ao dividir os assuntos contidos nos Evangelhos em cinco partes⁵¹³: *os atos ordinários da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas da Igreja e o ensino moral*. Se compararmos essa lista de assuntos com as três últimas obras de Kardec, poderemos vislumbrar sua tentativa de consecução desse programa. Se em *Imitation de l'Évangile* Kardec foca sua atenção ao *ensino moral do Cristo*; em *Le Ciel et l'Enfer* [1865] faz uma crítica aos dogmas cristãos da vida após a morte; e, em *La Genèse, les Miracles et les Prédications* [1868], como o

⁵¹¹ Cf.: *A Floresta de Dodona e a Estátua de Memnon* (RS, Fev/1858); *Platão: a Doutrina da Escolha das Provas* (RS, Fev/1858); *O Espiritismo entre os Druidas* (RS, Avr/1858).

⁵¹² Refiro-me, aqui, especificamente ao ensaio teológico *Considérations et concordances bibliques touchant la création* (LE₂, §59) no qual Kardec procura estabelecer, como o título indica, a *concordância* entre a teoria espírita da criação – proposta nos parágrafos anteriores – e o relato bíblico. Conforme afirma, algumas pessoas poderiam objetar que a *teoria dos Espíritos* estaria em contradição com o relato bíblico. No entanto, segundo sua opinião, esta contradição seria *apenas aparente*; e sua causa seriam os equívocos de interpretação do texto sagrado. Na verdade, a teoria bíblica não estaria errada, mas teria sido mal interpretada por aqueles que tomam em *sentido literal* aquilo que ela descreveria em *linguagem figurada* ou *alegórica*. A meu ver, Kardec já manifesta aqui uma preocupação em manter a autoridade do *texto bíblico* ao assegurar que as aparentes contradições que ele traria, seriam apenas uma espécie de *lapsus linguae*: diria respeito apenas às palavras, mas não ao conceito. Isto está completamente de acordo com o que afirmará posteriormente acerca das *revelações divinas*. Assim, toda *revelação* que for contradita pelos fatos não deve ser atribuída a Deus, pois o caráter essencial de *toda revelação divina* é o de *eterna verdade*.

⁵¹³ Cf.: ES, p. III. Esta foi umas das poucas diferenças incluídas por Kardec a partir da segunda edição da obra. Quando ainda se intitulava *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme*, falava-se apenas em *quatro partes*, e não *cinco* como se vê acima. Naquela primeira edição estaria excluída a divisão que fala das *palavras do Cristo que teriam servido como base para o estabelecimento dos dogmas da Igreja*.

próprio título demonstra, além de se ocupar com o problema da *gênese* dos princípios material e espiritual (com referências explícitas à *Gênese* bíblica), dedica-se também a interpretar os *milagres e as predições* contidos nos Evangelhos à luz do Espiritismo.⁵¹⁴

Alguns parágrafos após apresentar essa divisão, Kardec esclarece a motivação para empreender este programa de reinterpretação:

Muitos pontos do Evangelho, da *Bíblia* e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da **chave** que nos faculte compreender o seu verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já puderam convencer-se os que o estudaram seriamente, e como todos o reconhecerão, melhor ainda, mais tarde. O Espiritismo se encontra por toda parte na antiguidade e em todas as idades da humanidade. Em toda parte encontramos seus vestígios: nos escritos, nas crenças e nos monumentos. É por isso que, se ele abre horizontes novos para o futuro, projeta luz não menos viva sobre os mistérios do passado.⁵¹⁵

Ora, esta ideia de que textos tradicionais, principalmente aqueles ligados a tradições religiosas, necessitem de uma *chave* de leitura e interpretação para serem adequadamente compreendidos não é uma ideia nova ou original. O pensamento ocidental conhece, pelo menos desde Platão e Aristóteles, tentativas de interpretação racional dos mitos. Segundo Jean Grondin, a necessidade de uma “[...] interpretação só aparece quando um sentido estranho, ou percebido como estranho, deve ser tornado compreensível. Desta forma, o interpretar é um modo de tornar compreensível, ou um modo de traduzir um sentido estranho em algo compreensível [...]”.⁵¹⁶ E é motivada, na maioria das vezes, por razões de ordem moral, racional, e, por certo utilitarismo. No primeiro caso, o intérprete trata de eliminar o aspecto escandaloso da literatura mítica. Por exemplo. Divindades cruéis, acossadas por paixões demasiado humanas, causam desconforto e não podem ser postas como modelos morais. Precisaríamos, portanto, de serem moralizadas pela interpretação adequada. No segundo, semelhante ao primeiro, é preciso demonstrar que o mito se coaduna com uma visão racional

⁵¹⁴ Teria ficado faltando, a meu ver, um tratado que versasse sobre *os atos ordinários da vida do Cristo*. Contudo, em *Oeuvres Posthumes* podemos encontrar um escrito que se aproxima muito disso. Trata-se do *Estudo sobre a natureza do Cristo*, que busca desconstruir o dogma da *divindade de Jesus*.

⁵¹⁵ ES. p. V: “Beaucoup de points de l’Evangile, de la Bible et des auteurs sacrés en général, ne sont intelligibles, beaucoup même ne paraissent irrationnels que faute de la clef pour en comprendre le véritable sens ; cette clef est tout entière dans le Spiritisme, ainsi qu’ont déjà pu s’en convaincre ceux qui l’ont étudié sérieusement, et ainsi qu’on le reconnaîtra mieux encore plus tard. Le Spiritisme se retrouve partout dans l’antiquité et à tous les âges de l’humanité : partout on en trouve des traces dans les écrits, dans les croyances et sur les monuments ; c’est pour cela que, s’il ouvre des horizons nouveaux pour l’avenir, il jette une lumière non moins vive sur les mystères du passé.”

⁵¹⁶ GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999. p. 49.

do mundo, que possui, portanto, certo grau de confiabilidade. Por fim, como os intérpretes não queriam (ou mesmo não podiam) dispensar a autoridade dos antigos, buscavam a tradição como fonte de legitimação para sua *cosmovisão* a fim de produzir uma sensação de continuidade aliada à inovação. Dessa maneira, afirma Grondin:

[...] foram sobretudo experiências de quebra da tradição que faziam germinar o problema da interpretação e de sua teoria hermenêutica para um renovado destaque. Assim, por exemplo, foi desenvolvida, na filosofia pós-aristotélica, uma teoria da interpretação alegórica dos mitos, para submeter os mitos desconhecidos e chocantes a uma valorização racionalizante, que transformava um sentido estranho numa nova atualidade.⁵¹⁷

O uso da *alegoria* – uma figura do discurso através da qual a comunicação do sentido se daria de maneira indireta (diz-se algo, para dar a entender algo diverso), e na qual o sentido literal aponta para um sentido ainda mais profundo a ser descoberto por meio da *alegorese*, ou seja, “[...] o processo explícito de interpretação, a recondução da letra à vontade de sentido que nela se comunica (a rigor: a conversão da alegoria)”⁵¹⁸ – foi amplo também no Cristianismo Primitivo na interpretação dos escritos do Antigo Testamento. Segundo Grondin, a primitiva cristandade “[...] desde o início esteve exposta ao particular desafio inerente ao anúncio de Jesus e à sua implícita relativização da lei judaica”.⁵¹⁹

A partir de sua doutrina, a lei mosaica e sobretudo sua profética esperança messiânica já não podiam ser entendidas literalmente. Mas, já que Jesus apelava explicitamente para a sua autoridade, a tradição judaica também não podia ser simplesmente posposta. Recomendava-se, pois, interpretá-la alegoricamente e reelacioná-la (sic) integralmente com a pessoa de Jesus. Jesus era o espírito, a partir do qual a letra do Antigo Testamento devia ser interpretada. [...] o messianismo judaico levava [...] a esperar por um poderoso soberano, que haveria de restaurar o reino dos judeus em sua antiga magnificência, e não um messias que se estabelecesse acima da lei e morresse crucificado como um blasfemo. Aqui não era possível sofismar sobre o sentido literal das Escrituras. Por isso, precisava ser proposta uma interpretação alegórica, com ajuda da chave hermenêutica, a qual era fornecida pela pessoa de Jesus.⁵²⁰

⁵¹⁷ Idem, *ibidem*. p. 50.

⁵¹⁸ Idem, *ibidem*. p. 59.

⁵¹⁹ Idem, *ibidem*. p. 64.

⁵²⁰ Idem, *ibidem*. p. 64-65.

Se é verdade, como afirma o sociólogo Maurice Halbwachs, que “[...] para melhor mostrar a originalidade da doutrina cristã, os fundadores do Cristianismo, em particular São Paulo, o opuseram ao Judaísmo tradicional: por meio de termos retirados do Antigo Testamento, e pela interpretação de profecias das quais os Judeus não entendiam senão o sentido literal [...]”⁵²¹; e se, em seus textos fundacionais, “[...] a oposição entre fariseus e cristãos, entre o Judaísmo ortodoxo e a religião do Filho do homem é evocada incessantemente [...]”⁵²², tornando, assim, a história do Cristianismo nascente a história de sua diferenciação do Judaísmo; é também verdade que, sem se destacar frente à tradição judaica, tal história seria mal compreendida. E, ainda, se esta oposição não contivesse em si os germes de uma aparente atualização – se as profecias e a lei mosaica não fossem interpretadas à luz da figura de Jesus – em outras palavras, se o Cristianismo nascente não se inserisse na *linhagem judaica*, “[...] se não tivesse se apresentado como a continuação, em certo sentido, da religião hebraica, pode-se questionar se teria podido se constituir como religião”.⁵²³

Similarmente ao que sucedeu com os fundadores do Cristianismo, Kardec encontra no Evangelho, e na Bíblia como um todo, lacunas de sentido que pretende preencher com a prática da *alegorese* à luz do Espiritismo. Assim, quando Jesus afirma: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar. Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena [...]”⁵²⁴; o fundador do Espiritismo compreende que: “Se, portanto, o Espírito de Verdade devia vir mais tarde para ensinar todas as coisas, é que Cristo não dissera tudo; se ele vem relembrar o que o Cristo disse, é que o seu ensino foi esquecido ou mal compreendido”.⁵²⁵ Para ele, Jesus “falou de tudo mas em termos mais ou menos explícitos. Para apanhar o sentido de certas palavras suas, era necessário que novas ideias e novos conhecimentos lhes trouxessem a chave, e essas ideias não podiam surgir antes que o espírito humano houvesse alcançado um certo grau de maturidade”.⁵²⁶ Portanto:

O Espiritismo vem no tempo marcado realizar a promessa do Cristo: o Espírito de Verdade preside a seu estabelecimento. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que o

⁵²¹ HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994. p. 185.

⁵²² Idem. Ibidem. p. 185.

⁵²³ Idem. Ibidem. p. 185.

⁵²⁴ Jo 16, 12-13. (Todas as citações bíblicas foram retiradas de: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2000).

⁵²⁵ ES. p. 87.

⁵²⁶ Idem. Ibidem, p. 5.

Cristo só disse por parábolas. Disse o Cristo: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir”. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque fala sem figuras e sem analogias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, enfim, trazer a suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos aqueles que sofrem, apresentando uma causa justa e um fim útil a todas as dores. [...] O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da terra, onde o homem expia o seu passado. [...] Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba de onde vem, para onde vai e porque está na terra; convoca aos verdadeiros princípios da lei de Deus e consolação pela fé e pela esperança.⁵²⁷

Um exemplo poderá nos ajudar a compreender o modo como se efetiva a prática da *alegorese* bíblica nas obras de Kardec. No Capítulo IV de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, intitulado *Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo*. Diante de evidências textuais como o episódio em que, após sua Transfiguração, os discípulos o questionam acerca da volta do profeta Elias, como sinal da era messiânica; e Jesus lhes declara que Elias já havia voltado, e eles compreenderam que ele falava de João Batista.⁵²⁸ Ou, ainda, diante do relato do encontro de Jesus com Nicodemos, no qual o Nazareno teria feito a declaração que dá título ao capítulo⁵²⁹, o fundador do Espiritismo se esforça por demonstrar que mesmo o dogma da reencarnação encontra referência nos Evangelhos, e afirma:

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. [...] As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque eles não tinham senão vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Acreditavam que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato pudesse se dar. Designavam com a palavra *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. De fato, a *ressurreição* supõe o retorno à vida do corpo que morreu, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corporal,

⁵²⁷ ES. p. 87.88.: “Le spiritisme vient au temps marqué accomplir la promesse du Christ : l'Esprit de Vérité préside à son établissement ; il rappelle les hommes à l'observance de la loi ; il enseigne toutes choses en faisant comprendre ce que le Christ n'a dit qu'en paraboles. Le Christ a dit : «Que ceux-là entendent qui ont des oreilles pour entendre ;» le spiritisme vient ouvrir les yeux et les oreilles, car il parle sans figures et sans allégories ; il lève le voile laissé à dessein sur certains mystères ; il vient enfin apporter une suprême consolation aux déshérités de la terre et à tous ceux qui souffrent, en donnant une cause juste et un but utile à toutes les douleurs. [...] Ainsi le spiritisme réalise ce que Jésus a dit du consolateur promis : connaissance des choses qui fait que l'homme sait d'où il vient, où il va, et pourquoi il est sur la terre ; rappel aux vrais principes de la loi de Dieu, et consolation par la foi et l'espérance.”

⁵²⁸ Cf.: Mt 17, 10-13; Mc 9, 11-13.

⁵²⁹ Cf.: Jo 3, 1-12.

mas em outro corpo especialmente formado para si e que nada tem de comum com o antigo.⁵³⁰

Igualmente encontra também referências presentes no Antigo Testamento⁵³¹ as quais também comenta, e conclui:

Não é, pois, duvidoso que, sob o nome de *ressurreição*, o princípio da reencarnação era uma das crenças fundamentais dos Judeus, e que foi confirmado por Jesus e pelos profetas de maneira formal; donde se segue que negar a reencarnação é renegar as palavras do Cristo. [...] Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, a maioria das máximas do Evangelho são ininteligíveis. Eis porque deram origem a interpretações tão contraditórias. Esse princípio é a chave que lhes restituirá o verdadeiro sentido.⁵³²

Os exemplos poderiam se multiplicar, tanto no sentido de demonstrar as interpretações de textos do Antigo quanto do Novo Testamento. No entanto, creio que por agora o exemplo apresentado seja suficiente para demonstrar que, no processo de formação de sua identidade frente à tradição cristã, a doutrina espírita, tal como formulada por Kardec, apareceria como *meio* de interpretação/tradução da tradição cristã para o século XIX.⁵³³

Mas, não apenas isso. Como vimos, Kardec pensa ainda o Espiritismo como a *chave* para o *futuro da humanidade*. Como um evento que ocorre num determinado *presente* ele não apenas *atualizaria* o passado ao ressignificá-lo, como *determinaria* o *futuro* ao abri-lhe novas possibilidades. É por isso que Kardec dedicará toda a última parte de seu último tratado – *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme* – para reler as *predições do Evangelho* à luz da nova doutrina. E, não somente as *profecias* ou *predições* que Kardec

⁵³⁰ ES. p. 35: “La réincarnation faisait partie des dogmes juifs sous le nom de *résurrection* [...]. Les idées des Juifs sur ce point, comme sur beaucoup d'autres, n'étaient pas clairement définies, parce qu'ils n'avaient que des notions vagues et incomplètes sur l'âme et sa liaison avec le corps. Ils croyaient qu'un homme qui a vécu pouvait revivre, sans se rendre un compte précis de la manière dont la chose pouvait avoir lieu ; ils désignaient par le mot *résurrection* ce que le spiritisme appelle plus judicieusement *réincarnation*. En effet, la *résurrection* suppose le retour à la vie du corps qui est mort, ce que la science démontre être matériellement impossible, surtout quand les éléments de ce corps sont depuis longtemps dispersés et absorbés. La *réincarnation* est le retour de l'âme ou Esprit à la vie corporelle, mais dans un autre corps nouvellement formé pour lui, et qui n'a rien de commun avec l'ancien.”

⁵³¹ Cf.: Is 29, 19; Jó 14, 10.14.

⁵³² ES. p. 41.42. “Il n'est donc pas douteux que, sous le nom de *résurrection*, le principe de la réincarnation était une des croyances fondamentales des Juifs ; qu'il est confirmé par Jésus et les prophètes d'une manière formelle ; d'où il suit que nier la réincarnation, c'est renier les paroles du Christ. [...] Sans le principe de la préexistence de l'âme et de la pluralité des existences, la plupart des maximes de l'Évangile sont inintelligibles ; c'est pourquoi elles ont donné lieu à des interprétations si contradictoires ; ce principe est la clef qui doit leur restituer leur véritable sens.”

⁵³³ Esta ideia de que sob o nome de *ressurreição* a Bíblia, de fato, falaria sobre o *dogma da reencarnação*, já se encontra em *Le Livre des Esprits*, segunda edição, nas questões 1010 e 1011.

identifica que anunciariam o *advento* do próprio Espiritismo, e do Espírito de Verdade, que preside a seu aparecimento; mas, também aquelas que versariam sobre o chamado *período de renovação social*, previsto por ele em 1863. Novamente, aqui, é a perspectiva de uma *tradição cristã* reapropriada, esclarecida pela nova visão doutrinária que dá o tom da reflexão kardeciana.

O trecho do livro a que nos referimos, intitulado *Les Prédications selon le Spiritisme*, ocupa os três últimos capítulos⁵³⁴ deste que é tido por muitos espíritas como *o mais científico dos livros de Kardec*. Este trecho, contudo, tem sido muitas vezes esquecido em várias tentativas de interpretação da obra kardeciana. Não encontrei durante esta pesquisa nenhum autor que se demorasse um pouco mais sobre ele. No entanto, a meu ver, configura-se como uma fonte riquíssima para compreendermos como Kardec pensava a identidade do Espiritismo no último ano de sua vida. Em minha opinião, estes três capítulos – e, dentre eles, especialmente o último – representam o *testamento espiritual* de Kardec; pois, como se verá, eles ilustram de maneira exemplar o papel a ser desempenhado pelo Espiritismo no momento em que “[...] grandes acontecimentos irão se completar para a regeneração da humanidade”.⁵³⁵ Em outras palavras: Kardec vê, finalmente, o grande objetivo do Espiritismo previsto há muitos anos, na primeira edição de *Le Livre des Esprits*, se aproximar de sua concretização; e registra, nesta última obra, suas impressões sobre este grande acontecimento. Ora, como vimos anteriormente⁵³⁶, ao descrever o que aconteceria no *período de renovação social*, Kardec afirma que neste período, “[...] se verificarão as palavras do Cristo, uma vez que todas devem receber seu cumprimento, e muitas se cumprem neste momento, pois os tempos preditos chegaram”.⁵³⁷

⁵³⁴ Os capítulos: XVI – *Théorie de la prescience*; XVII – *Prédications de l'Évangile*; XVIII – *Les temps sont arrivés*.

⁵³⁵ GMP. p. 430: “Les temps marqués par Dieu sont arrivés, nous dit-on de toutes parts, où de **grands événements vont s’accomplir pour la régénération de l’humanité**”.

⁵³⁶ No Capítulo 1.

⁵³⁷ RE. Déc/1863, p. 379: “Nesta época, todos os obstáculos à nova ordem de coisas desejadas por Deus para a transformação da terra terão desaparecido. A geração que se eleva, imbuída de novas ideias, estará em plena força e preparará via daquilo que irá inaugurar o triunfo definitivo da união, da paz e da fraternidade entre os homens confundidos numa mesma crença pela prática evangélica. Assim se verificarão as palavras do Cristo, uma vez que todas devem receber seu cumprimento, e muitas se cumprem neste momento, pois os tempos preditos chegaram”. No original: “A cette époque, tous les obstacles au nouvel ordre de choses voulu par Dieu pour la transformation de la terre auront disparu ; la génération qui s’élève, imbue des idées nouvelles, sera dans toute sa force, et préparera la voie de celle qui inaugurerá le triomphe définitif de l’union, de la paix et de la fraternité entre les hommes confondus dans une même croyance par la pratique de la loi évangélique. Ainsi seront vérifiées les paroles du Christ, qui toutes doivent recevoir leur accomplissement, et dont plusieurs s’accomplissent à cette heure, car les temps prédits sont arrivés.”

Gostaria de chamar a atenção para esta última afirmativa. No livro das *Prédications*, Kardec se dedicará a interpretar-lhes o significado a partir de uma passagem do Evangelho na qual Jesus teria dito: “Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão”.⁵³⁸ Afirma Kardec: “As palavras de Jesus não passarão porque em todos os tempos serão verdadeiras. O seu código moral será eterno, porque encerra as condições do bem que conduz o homem ao seu destino eterno”.⁵³⁹ Além disso, *todas as predições* feitas por Jesus, igualmente deveriam se concretizar. Como explica no Capítulo XVI, Kardec compreende que a capacidade de prever acontecimentos futuros é um dos atributos dos Espíritos *desmaterializados*, com alto progresso moral e intelectual. Ora, sendo Jesus *o Espírito puro por excelência*⁵⁴⁰, ele a possuiria em mais alto grau, de modo que, nele, a *visão espiritual e penetração do pensamento* eram *permanentes*.⁵⁴¹ Por isso, muito embora nosso autor questione se as palavras de Jesus teriam chegado até nossos dias *puras e isentas de falsas interpretações*, não duvida de que *todas elas* deverão se cumprir. Assim, “o que *não passará* é o verdadeiro sentido das palavras de Jesus; o que *passará* é o que os homens construíram sobre o sentido falso que deram a essas mesmas palavras”.⁵⁴² No entanto, “após dezoito séculos, tendo chegado à idade viril, a humanidade está madura para compreender o que o Cristo apenas falou de leve, porque então, como ele próprio disse, não o teriam compreendido”.⁵⁴³ E, como vimos acima, o Espiritismo é a *chave* para a compreensão deste *verdadeiro sentido*. Isto porque, ele mesmo seria o cumprimento de uma das mais importantes *profecias* de Jesus: o anúncio do advento do Consolador e de sua própria segunda vinda, no *final dos tempos*.

Esta predição é, sem contradição, uma das mais importantes do ponto de vista religioso, porque constata, sem qualquer equívoco, que, *Jesus não disse tudo o que tinha a dizer*, visto que não o teriam compreendido nem mesmo seus apóstolos, já que era a elas que ele se dirigia. [...] Sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade*, ele anunciou a vinda daquele que *havia de ensinar todas as coisas* e de *rememorar* o que Ele disse, pois seu

⁵³⁸ Mt 24, 35.

⁵³⁹ GMP. p. 405: “Les paroles de Jésus ne passeront point, parce qu’elles seront vraies dans tous les temps; son code moral sera éternel, parce qu’il renferme les conditions du bien qui conduit l’homme à sa destinée éternelle”.

⁵⁴⁰ Cf.: LM. p. 475.

⁵⁴¹ Cf.: GMP. 402

⁵⁴² GMP. p. 406: “Ce qui *ne passera pas*, c’est le sens vrai des paroles de Jésus; ce qui *passera*, c’est ce que les hommes ont bâti sur le sens faux qu’ils ont donné à ces mêmes paroles”.

⁵⁴³ Idem. Ibidem. p. 408: “Après dix-huit siècles l’humanité, arrivée à l’âge viril, est mûre pour comprendre ce que Christ n’a fait qu’effleurer, parce que, comme il le dit lui-même, il n’aurait pas été compris”.

ensinamento não estava completo. Além disso, não apenas previu que se teria esquecido o que ele disse, mas que se o teria desnaturado, uma vez que o Espírito de Verdade deveria lhes *recordar* e, de acordo com Elias, *restabelecer todas as coisas*, ou seja, [colocando-as] segundo o verdadeiro pensamento de Jesus.⁵⁴⁴

Ora, como já lemos anteriormente, Kardec acreditou que o Espiritismo teria vindo, no tempo e nas condições previstas por Jesus, para cumprir a *promessa do Consolador*. Esta, ao contrário do que anunciaria a Igreja, não teria ocorrido quando do dia de Pentecostes, por meio da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. Para Kardec, embora se possa dizer que “[...] o Espírito Santo os inspirou, que lhes abriu a inteligência, que desenvolveu neles as aptidões mediúnicas que deviam lhes facilitar a missão [...]”⁵⁴⁵, não teria lhes ensinado nada além do que Jesus já havia ensinado e, portanto, não teria cumprido o que ele anunciara acerca do *Consolador*. Ao contrário, o Espiritismo realizaria todas as condições do *Consolador* prometido:

Não é uma doutrina individual, uma concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É o produto do ensino coletivo dos Espíritos, a que preside o Espírito de Verdade. Nada suprime do Evangelho: o completa e o elucida. Com o auxílio das novas leis que revela, em conjunto com as leis à da ciência, faz compreender o que era ininteligível e faz que se admita a possibilidade daquilo que a incredulidade considerava inadmissível. Teve seus precursores e seus profetas, que pressentiram sua vinda. Pela sua força moralizadora, ele prepara o reinado do bem sobre a terra. [...] A doutrina de Moisés, incompleta, permaneceu circunscrita ao povo judeu; a de Jesus, mais completa, se espalhou por toda a terra, por meio do Cristianismo, mas não converteu a todos; o Espiritismo, ainda mais completo, tendo raízes em todas as crenças, converterá a humanidade.⁵⁴⁶

⁵⁴⁴ Idem. Ibidem. p. 414.415: “Cette prédiction est, sans contredit, l'une des plus importantes au point de vue religieux, car elle constate de la manière la moins équivoque que *Jésus n'a pas dit tout ce qu'il y avait à dire*, parce qu'il n'aurait pas été compris, même de ses apôtres, puisque c'est à eux qu'il s'adresse. [...] Il annonce sous le nom de *Consolateur* et d'*Esprit de Vérité* celui qui doit *enseigner toutes choses* et faire *ressouvenir* de ce qu'il a dit : donc son enseignement n'était pas complet ; de plus, il prévoit qu'on aura oublié ce qu'il a dit, et qu'on l'aura dénaturé, puisque l'*Esprit de Vérité* doit en faire *ressouvenir*, et, de concert avec Elie, *rétablir toutes choses*, c'est-à-dire selon la véritable pensée de Jésus.”

⁵⁴⁵ GMP. p. 417: “[...] le Saint-Esprit les a inspirés, qu'il a pu ouvrir leur intelligence, développer en eux les aptitudes médianimiques qui devaient faciliter leur mission [...]”.

⁵⁴⁶ GMP. p. 416. “Ce n'est point une doctrine individuelle, une conception humaine ; personne ne peut s'en dire le créateur. C'est le produit de l'enseignement collectif des Esprits auquel préside l'Esprit de Vérité. Il ne supprime rien de l'Évangile : il le complète et l'éclaire ; à l'aide des nouvelles lois qu'il révèle, jointes à celles de la science, il fait comprendre ce qui était inintelligible, admettre la possibilité de ce que l'incrédulité regardait comme inadmissible. Il a eu ses précurseurs et ses prophètes, qui ont pressenti sa venue. Par sa puissance moralisatrice, il prépare le règne du bien sur la terre. [...] La doctrine de Moïse, incomplète, est restée circonscrite dans le peuple juif ; celle de Jésus, plus complète, s'est répandue sur toute la terre par le christianisme, mais n'a pas converti tout le monde ; le Spiritisme, plus complet encore, ayant des racines dans toutes les croyances, convertira l'humanité.”

Além disso, e associado a essa previsão do *advento do Consolador*, Kardec fala, ainda sobre a previsão feita por Jesus acerca de *sua segunda vinda*. O Espiritismo seria, além de uma *doutrina consoladora*, o portador dos *sinais precursores desta segunda vinda* e do *final dos tempos*. Contudo, tal como ocorreria com as demais profecias de Jesus, estas também precisariam ser bem compreendidas através da chave que o próprio Espiritismo ofereceria. Ora, como essa temática está, a meu ver, profundamente associada ao nome alegórico do Espírito que presidiria o aparecimento do Espiritismo (o *Espírito de Verdade*), creio que sua elucidação ficará mais bem colocada no próximo capítulo, quando poderemos investigar quem Kardec imaginava estar por trás deste nome e qual seu papel específico nos acontecimentos aqui em questão.

3.2.3. *Revelação e teologia* no Espiritismo

No início desta seção suscitamos um questionamento em torno da possibilidade de caracterizarmos a *doutrina espírita*, ao menos no período *religioso* do Espiritismo, como uma *doutrina teológica*. Nisto estaríamos contrariando a *letra* da obra kardeciana; contudo, segundo creio, preservariamos seu *espírito*, aquilo que se nos afigura como sendo sua *intenção*. Não falo, aqui, de que esta seria a *intentio auctoris*, como a definimos na *Introdução* desta tese. Até porque Kardec sempre foi muito claro em reafirmar sua posição de que o Espiritismo seria tão somente uma *filosofia de bases científicas*. Antes, creio, se trataria da *intentio operis*; no sentido dado por Umberto Eco a esta expressão.⁵⁴⁷ Ao nos apropriarmos dela – desta *intenção*, quero dizer – estaríamos apontando a *direção* para a qual *tenderia* o *corpus* kardeciano. Essa direção, prevista pelo próprio Kardec, seria o que poderíamos caracterizar, sob o nome de *período da renovação social*, como a *utopia espírita*. Como este seria o objetivo último da *revelação espírita*, “[...] inaugurar uma nova era para a regeneração da humanidade [...]”⁵⁴⁸, *todos* os demais *períodos* teriam sido vistos por Kardec como etapas necessárias para atingi-lo. Diante disso, parece-me razoável considerar que o *período*

⁵⁴⁷ Cf.: ECO. *Os limites da interpretação*. op. cit.

⁵⁴⁸ LE₂. p. XLI.

religioso cumpriria um papel bastante específico neste processo. Este papel seria, a meu ver, o de se constituir como *terreno neutro* para a *união de todos homens numa crença única*.⁵⁴⁹

Antes, porém, de chegarmos a esta conclusão, precisamos estabelecer a cadeia argumentativa que a sustentaria. E isso passa, a meu ver, pela construção do conceito de *teologia espírita* como o conceito que melhor caracterizaria a *doutrina* e o *sistema kardecianos*. Por estar relacionado ao chamado *aspecto religioso* do Espiritismo, o tema da *teologia espírita* ainda é bastante polêmico. Intérpretes com orientações divergentes sobre a questão religiosa no Espiritismo terão sobre este tema opiniões, compreensivelmente, também divergentes. Deste modo, por exemplo, para Herculano Pires, o tema da *teologia espírita* faria parte do *aspecto religioso* do Espiritismo. E, muito embora, reconheça que, justamente por isso, entende que a afirmação da existência de tal teologia seja problemática uma vez que "falar de teologia espírita é escandalizar alguns setores doutrinários, que só compreendem o Espiritismo como filosofia de bases científicas e consequências morais"⁵⁵⁰; ele não se nega a fazê-lo e afirma, ousadamente, que "a teologia espírita se estende por toda a codificação".⁵⁵¹

Aqui, contudo, precisamos compreender bem o que Herculano Pires está compreendendo como *teologia* e como este conceito se aplica, a seu ver, ao Espiritismo. Fiel à tradição interpretativa da obra kardeciana pelo viés do *tríplice aspecto*, Pires entende o Espiritismo como *ciência, filosofia e religião*. A *teologia espírita* seria tão somente um elemento dentro deste último aspecto e em um sentido bastante preciso: o de uma *teologia racional*. Ou seja, de uma *teologia* derivada da reflexão filosófica e que teria por tema Deus, seus atributos e suas relações com o homem. Assim, para este intérprete, a *teologia espírita* representaria *parte da doutrina*, e não seu todo. No entanto, admite que:

[...] *O Livro dos Espíritos* começa pela definição de Deus, e portanto como uma tratado teológico. Sua primeira pergunta é esta: "O que é Deus?" E a primeira resposta dada pelos Espíritos está formulada como a pedra angular da teologia espírita: "Deus é a inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas." Todo o primeiro capítulo do livro básico do Espiritismo é dedicado ao estudo de Deus. Um capítulo teológico, portanto. [...] Após a afirmação da existência de Deus, *O Livro dos Espíritos* trata do problema dos atributos de Deus. A seguir, das relações de Deus com o mundo e com os homens. Este problema das relações vai ser amplamente desenvolvido por Kardec, não só na continuidade do livro básico, mas também nas demais

⁵⁴⁹ Cf.: GMP. p. 410-412.

⁵⁵⁰ PIRES. *O Espírito e o Tempo*. op. cit. p. 166.

⁵⁵¹ Idem. Ibidem. p. 167.

obras da Codificação. Há alguns livros escritos especialmente para esclarecer o assunto, como *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *A Gênese, os Milagres e as Predições* e *O Céu e o Inferno*. Livros teológicos [...] que nos dão toda a estrutura de uma teologia racional, abrindo perspectivas para o desenvolvimento em várias direções: o estudo da concepção de Deus através dos tempos; das relações dessa concepção com a moral; do desenvolvimento do ateísmo e do sentimento religioso no mundo moderno; das possibilidades espíritas da compreensão de Deus e do desenvolvimento da mística espírita, ou seja, da experiência psicológica da prece e do conseqüente desenvolvimento do sentimento de Deus entre os espíritas; dos atributos de Deus em relação com o processo evolutivo; e assim por diante.⁵⁵²

Dois temas da *teologia clássica* estariam, segundo seu ponto de vista, fora do âmbito da *teologia espírita*: “[...] o da natureza de Deus e o da Criação do Mundo”.⁵⁵³ De fato, segundo *Le Livre des Esprits*, estes temas seriam inalcançáveis para a atual capacidade cognitiva do ser humano.⁵⁵⁴ Desse modo, de acordo com Herculano Pires, a teologia espírita seria “[...] a parte da doutrina que trata de Deus, que procura estudá-lo, dentro das limitações da nossa capacidade cognitiva”.⁵⁵⁵ Para além desta, porém, a *teologia espírita* implicaria “[...] ainda a existência da revelação. [...] O homem pode receber informações de Deus a respeito de problemas que sua razão não alcança”.⁵⁵⁶

Outro, porém, é o posicionamento de Krishnamurti de Carvalho Dias que se poderia enquadrar no número daqueles que, segundo Herculano Pires, “[...] só compreendem o Espiritismo como filosofia de bases científicas e conseqüências morais”.⁵⁵⁷ Aquele autor, não apenas nega que o conceito espírita de revelação seja teológico, como nega que o Espiritismo, na obra kardeciana, possa ser compreendido e interpretado a partir do viés do *tríplice aspecto*.⁵⁵⁸ Para Carvalho Dias:

Kardec não chama ao espiritismo de “terceira revelação” no mesmo sentido religioso que essa palavra tem. [...] Há dois sentidos para a palavra revelação. O que é místico, religioso, sagrado, o sentido teológico de

⁵⁵² Idem. Ibidem. p. 167.

⁵⁵³ Idem. Ibidem.

⁵⁵⁴ Cf.: LE₂. Questões: 10-16; 37-42.

⁵⁵⁵ PIRES. *O Espírito e o Tempo*. op. cit. p.167.

⁵⁵⁶ Idem. Ibidem. p.168.

⁵⁵⁷ Idem. Ibidem. p. 166.

⁵⁵⁸ Carvalho Dias chama o viés interpretativo do *tríplice aspecto* de um *dogma* com *duas versões*. A primeira *religiosista* (sic), cuja fórmula *ciência, filosofia e religião* adotamos neste trabalho; a segunda, *moralista*, que substituiria o terceiro termo pelo conceito de *moral*. Ambos os modelos, porém, compartilhando do *elemento formal e sacral da trinaridade*, se confundiam como uma coisa só, uma vez que *religião* e *moral* acabavam, na prática, por se equivaler como sinônimos. (Cf.: DIAS, Krishnamurti de Carvalho. *Dois Ensaios*. op. cit. p. 7).

revelação, primeiro. [...] E há o sentido profano, laico, científico, tecnológico, no qual Kardec se enquadrou. [...] Kardec expõe, isto é, revela, naquele texto (“Caráter da Revelação Espírita”) o que se deve entender por tal expressão – a terceira revelação, mas infelizmente os espíritas não compreendem a relatividade desse conceito e pensam teologicamente, religiosamente, que só houve até agora três revelações, o que não foi precisamente o que Rivail pretendia significar.⁵⁵⁹

Além disso, o argumento de que o Espiritismo possuiria elementos teológicos por propor um estudo sobre Deus, seus atributos e suas relações com o mundo e com o homem, levantado por Herculano Pires, é refutado por Carvalho Dias que afirma que tais temas – além de outros como a imortalidade da alma, por exemplo – pertencem, antes, ao domínio do espiritualismo, “[...] contexto que precede as religiões [...]”⁵⁶⁰, e portanto, “pelo fato de referir, abordar, aqueles temas, não chega um corpo de ideias a ser, forçosamente, religioso, de modo exclusivo”.⁵⁶¹

O contexto geral do espiritualismo admite alternativas, enseja opções: pode-se ser religioso ou laico, na crença em aqueles temas. Há um modo religioso de crer neles, como há um modo alternativo, laico, distinto, de neles crer. [...] O espiritismo é um modo particular de espiritualismo, não é o espiritualismo inteiro. Dentro deste, concorre o espiritismo com as demais faixas espiritualistas, das quais a religião é apenas uma delas, por sinal a menos bem dotada. Por isso é que Kardec declarava que o espiritismo assenta sobre as bases das religiões, pois de fato todos rolam naquele contexto geral espiritualista. [...] O espiritismo é espiritualismo laico, profano, quanto às proposições doutrinárias, e perfeitamente civil na sua institucionalização, na sua pragmática. [...] As religiões são espiritualismo místico, piedoso, sagrado, eclesiástico, tanto na doutrina que é dogmática, quanto nas instituições e práticas, que incluem liturgia, clero, pompa, materialidades, o que configura o culto, inerente a elas, das quais não podem se apartar.⁵⁶²

Além disso, continua Carvalho Dias, “o espiritismo pensa Deus através de conceitos puros, finos, desligados de qualquer angústia de forma [...], como esse admirável par de afirmações: ‘Deus é a causa primeira, a inteligência suprema’. Isso não é um pensamento religioso realmente; há diferença imensa entre o modo confessional de conceber Deus e o que é típico do espiritismo”.⁵⁶³

⁵⁵⁹ DIAS, Krishnamurti de Carvalho. *O Laço e o Culto*. op. cit. p. 24.25.

⁵⁶⁰ Idem. Ibidem. p. 27.

⁵⁶¹ Idem. Ibidem. p. 28.

⁵⁶² Idem. Ibidem. p. 28.

⁵⁶³ Idem. Ibidem. p. 29.

Como se vê, temos aqui duas opiniões fortemente opostas. Ambas, contudo, baseadas na obra kardeciana. A primeira, de Herculano Pires, defende a possibilidade de uma *teologia espírita* com base na sustentação de seu *aspecto religioso*; a segunda, de Carvalho Dias, nega as duas possibilidades. Mas, o que diz, de fato, Kardec? Em primeiro lugar, é necessário que se repita aqui, o codificador nunca se referiu ao Espiritismo em seu sentido de doutrina como uma *teologia*. Dessa forma, a interpretação dada por Pires é, portanto, uma escolha hermenêutica de sua inteira responsabilidade. O mesmo ocorrendo com chamado *aspecto religioso* do Espiritismo. Neste sentido, Carvalho Dias parece ter razão: se tomarmos a obra kardeciana em sua literalidade fica difícil sustentar a interpretação dada por Herculano Pires. No entanto, e este é um ponto importante, o fato de Kardec nunca identificar a *doutrina espírita* como uma *teologia*, e sempre preferir o uso do termo *filosofia* para caracterizá-la, é suficiente para afirmarmos que a *doutrina espírita* não seja uma *teologia* e que o Espiritismo não seja uma *religião*? Para Carvalho Dias, sim, pois “[...] o espiritismo é Kardec, é a Codificação, não as fantasias e os equívocos de ninguém”.⁵⁶⁴ Mas, pessoalmente, considero esta atitude de um profundo *fundamentalismo*. E, para ser mais claro, de um *fundamentalismo* do tipo *religioso* que sacraliza a obra do codificador, estabelecendo-a como *criterium* infalível de caracterização do Espiritismo, seja em seu sentido doutrinário, seja no sentido de *movimento social*. A primeira decorrência prática desta compreensão, a meu ver, é que um pesquisador espírita não conseguiria escapar do *círculo exegético da obra kardeciana*. E, quando se aventurasse por novas pesquisas, no campo mediúnico, por exemplo, filtraria todas as supostas evidências coletadas para aceitar apenas aquelas que corroborassem os princípios que nesta obra estivessem estabelecidos. Essa consequência, no entanto, me parece ser justamente o oposto do que Carvalho Dias pretendia com sua interpretação.

Mas, dizíamos, Kardec apenas caracteriza a *doutrina espírita* como uma *filosofia* fundada sobre o método positivo. Isso, contudo, não eliminaria as características *teológicas* do sistema kardeciano. Como bem recorda Herculano Pires, a base fundamental deste sistema é a afirmação axiomática da existência de Deus. Para Kardec a existência de uma divindade providente é uma evidência inegável e um princípio *a priori*. Muito embora possamos, acompanhando seu raciocínio, encontrar argumentos para a defesa desta posição inicial, todos esses argumentos são propostos para justificar *a posteriori*, uma crença que é assumida

⁵⁶⁴ Idem. Ibidem. p. 30.

dogmaticamente. E não apenas a crença em Deus, como também a crença na imortalidade da alma deve ser aceita dogmaticamente, como vimos anteriormente neste mesmo capítulo.

Para mim, no entanto, o ponto mais forte para a afirmação de que a *doutrina espírita* em sua totalidade, e não apenas uma parte de um de seus *aspectos*, seja *teológica* é a atribuição do conceito de *revelação divina* para caracterizar a sua natureza. De certa forma, essa perspectiva se afasta tanto daquela defendida por Herculano Pires – para quem o *fato revelatório* aparece quase como um detalhe da *teologia filosófica espírita* –, quanto do posicionamento de Carvalho Dias que, não apenas nega o chamado *aspecto religioso* do Espiritismo, como também nega que o conceito kardeciano de *revelação* seja um conceito teológico. Minha interpretação se construirá, portanto, por um viés distinto aos defendidos por esses dois grandes pensadores espíritas.

Começemos, então, por uma tentativa de melhor compreendermos o conceito kardeciano de *revelação*. Como eu disse anteriormente, o tema é tratado por Kardec de maneira ostensiva principalmente em dois textos: no artigo *De Révélation*, publicado na *Revue Spirite* em abril de 1866; e no primeiro capítulo de *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme*, em 1868. Em nenhum destes dois textos, no entanto, parece-me que Kardec tencionasse propor *dois conceitos distintos de revelação* que se excluíam mutuamente, tal como proposto por Carvalho Dias. Considero que esta leitura se baseia num equívoco interpretativo derivado de uma *decisão prévia* a respeito do tema. Neste caso específico uma decisão tomada com base na convicção anteriormente adquirida pelo intérprete de que o Espiritismo não é e não pode ser uma *religião*. E, muito embora, essa *pré-compreensão* tenha sido assumida pelo intérprete em questão a partir das reiteradas negativas de Kardec acerca do caráter religioso do Espiritismo, ela se torna problemática porque não leva em consideração, sequer como hipótese, que o codificador possa ter, ao longo do tempo, mudado sua opinião.⁵⁶⁵ Ora, segundo penso, essa mudança ocorreu. Contudo, não ao modo de uma ruptura, como já tive ocasião de afirmar neste mesmo capítulo; e, sim como um exercício de continuidade do discurso previamente empreendido. Deixarei, contudo, o exame dessas possíveis modificações para o próximo capítulo, quando formos tratar mais acuradamente sobre a questão do *aspecto religioso* do Espiritismo.

⁵⁶⁵ De fato, Carvalho Dias acredita que “desde o primeiro contato (o episódio Carlotti, os contatos com Pâtier, Fortier e Roustan) até seu decesso, uma nota domina tudo: Rivail apresentava o Espiritismo como matéria científica e filosófica, negava que fosse religiosa, embora reconhecesse a interação com essa área”. DIAS, Krishnamurti de Carvalho. *Análise do Pensamento de Allan Kardec*. op. cit.

Bem, se não há nos textos em questão a oposição proposta por Carvalho Dias entre dois conceitos de *revelação* – um *teológico* e outro *laico* – como deveríamos encarar o fato de que, nestes mesmos textos, Kardec fale, por um lado, de *revelação em sentido científico e filosófico*; e, por outro, fale de *revelações no sentido específico da fé religiosa*? Minha opinião é que, muito embora possa parecer à primeira vista que Kardec esteja falando de tipos opostos de revelação, uma análise mais acurada do tema revelará que, na verdade, tratar-se-ia mais propriamente, aqui, de *meios* distintos de um mesmo e universal *processo revelatório*. Esta hipótese me ocorreu, sobretudo, após examinar o primeiro parágrafo do artigo de 1866, no qual, pela primeira vez, Kardec considera o tema com mais cuidado. Este parágrafo afirma o seguinte:

A revelação, em sentido litúrgico, implica uma ideia de misticismo e de maravilhoso. O materialismo a rejeita naturalmente uma vez que ela pressupõe a intervenção de poderes e de inteligências extra-humanas. Afora a negação absoluta, muitas pessoas se questionam em nossos dias: Houve ou não uma revelação? A revelação é necessária? Trazendo aos homens a verdade completa, não teria como efeito impedi-los de usar suas faculdades, já que ela os dispensaria do trabalho de pesquisa? Essas objeções nascem da falsa ideia que se faz da revelação. Tomemo-la, primeiramente, em sua acepção mais simples, para segui-la até seu ponto mais elevado.⁵⁶⁶

Chamou-me a atenção, neste trecho, o modo como Kardec propõe que se faça uma releitura *corretiva* do conceito *revelação*, a fim de estabelecer o seu verdadeiro significado, contrapondo-o à *falsa ideia* que comumente se faz do tema e da qual derivariam tanto a negação absoluta do materialismo, quanto as objeções sobre a real necessidade e os limites da revelação. Para tanto, assume como tarefa preliminar desconstruir os preconceitos que sustentariam esta compreensão equivocada, partindo “[...] de sua acepção mais simples, para segui-la até seu ponto mais elevado”. Somente com a condição dessa desconstrução seria possível justificar o lugar específico da *revelação espírita* na economia geral das revelações.

O primeiro preconceito a ser desconstruído é a *negação materialista*. Uma negação que coincide, é preciso que se diga, com a definição comteana do conceito de *teologia*: a

⁵⁶⁶ RS, Avr/1866, p. 97.: “La révélation, dans le sens liturgique, implique une idée de mysticisme et de merveilleux. Le matérialisme la repousse naturellement, parce qu’elle suppose l’intervention de puissances et d’intelligences extrahumaines. En dehors de la négation absolue, beaucoup de personnes se posent aujourd’hui ces questions : Y a-t-il eu ou non une révélation ? La révélation est-elle nécessaire ? En apportant aux hommes la vérité toute faite, n’aurait-elle pas pour effet de les empêcher de faire usage de leurs facultés, puisqu’elle leur épargnerait le travail de la recherche ? Ces objections naissent de la fausse idée que l’on se fait de la révélation. Prenons-la d’abord dans son acception la plus simple, pour la suivre jusqu’à son point plus élevé.”

revelação não pode ser real porque seu acontecimento derivaria da intervenção de seres sobrenaturais. Para Kardec, o equívoco deste posicionamento derivaria, na verdade, não de uma efetiva impossibilidade do acontecimento revelatório, mas do *sentido litúrgico*⁵⁶⁷ que daria a falsa impressão de que no conceito de revelação estariam implicadas noções como *misticismo e maravilhoso*. Ora, para Kardec, o misticismo (ou seja, a pretensão de receber diretamente de Deus revelações religiosas)⁵⁶⁸ e o maravilhoso (a suspensão das leis naturais, ou milagre), não podem sustentar o conceito de revelação. Isto porque, embora a intervenção direta de Deus nas leis naturais não seja, a rigor, uma impossibilidade – por causa de sua onipotência –, não se justificaria racionalmente. Por que Deus criaria leis para, em seguida, revogá-las? E se questiona:

Há revelações diretas de Deus aos homens? Esta é uma questão que nós não ousaríamos resolver de maneira absoluta, nem afirmativamente nem negativamente. A coisa não é radicalmente impossível, mas nada dá dela uma prova certa. O que não se poderia duvidar, é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se penetram de seu pensamento e o podem transmitir. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica à qual pertencem e o grau de seu saber pessoal, eles podem retirar de seus próprios conhecimentos, ou os receber de Espíritos mais elevados, até mesmo dos mensageiros diretos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, às vezes têm sido tomados pelo próprio Deus.⁵⁶⁹

Ora, dirá posteriormente Kardec, se a revelação se dá muitas vezes por meio da interferência de Espíritos mais elevados os quais poderiam ser tomados pelo próprio Deus, ela não sairia propriamente do domínio humano, já que os Espíritos seriam tão somente as almas dos homens. Para aqueles que conhecem bem o Espiritismo, afirma Kardec, tais fenômenos nada

⁵⁶⁷ Kardec usa o termo *liturgique*, mas não explicita muito bem seu conceito. A rigor, *litúrgico* é o adjetivo associado ao substantivo *liturgia*. E é isso que todos os dicionários da época, consultados para essa pesquisa (cf.: Dictionnaire d'autrefois), registram. Ora, a *liturgia* é definida como a *ordem do culto*, sua organização. Neste contexto não faz muito sentido se falar *no sentido litúrgico da revelação*, melhor seria falar *no sentido teológico da palavra*.

⁵⁶⁸ O Dicionário LITTRÉ afirma que o vocábulo *mysticisme* é um neologismo, sem indicar, contudo, as circunstâncias de seu aparecimento. Segundo o dicionarista, a principal acepção da palavra é “[...] croyance religieuse et philosophique, qui admet des communications secrètes entre l’homme et la divinité”. É cita COUSIN (Victor ?), para quem “le mysticisme, dans sa signification la plus générale, est cette prétention de connaître Dieu sans intermédiaire, et en quelque sorte face à face”.

⁵⁶⁹ RS, Avr/1866, p. 100: “Y a-t-il des révélations directes de Dieu aux hommes ? C’est une question que nous n’oserions résoudre ni affirmativement ni négativement d’une manière absolue. La chose n’est point radicalement impossible, mais rien n’en donne la preuve certaine. Ce qui ne saurait être douteux, c’est que les Esprits plus rapprochés de Dieu par la perfection se pénètrent de sa pensée et peuvent la transmettre. Quant aux révélateurs incarnés, selon l’ordre hiérarchique auquel ils appartiennent et le degré de leur savoir personnel, ils peuvent puiser leurs instructions dans leurs propres connaissances, ou les recevoir d’Esprits plus élevés, voire même des messagers directes de Dieu. Ceux-ci, parlant au nom de Dieu, ont pu parfois être pris pour Dieu lui-même.”

têm de sobrenatural, uma vez que todos eles encontrar-se-iam inscritos na própria lei natural.⁵⁷⁰

O segundo preconceito que precisaria ser desconstruído para chegarmos ao *correto conceito de revelação* seria aquele que questiona a necessidade e os limites da *revelação*. *Teria havido, de fato, revelações? A humanidade necessitaria delas? Havendo revelações, uma vez que elas trariam à humanidade o conhecimento total da verdade, isso não nos desestimularia à pesquisa?* A resposta à primeira pergunta é simples: sim, para Kardec teria havido não apenas um *evento revelatório*, mas vários. Dentre os quais as revelações *mosaica* e *cristã* teriam sido as mais importantes.⁵⁷¹ Como já discutimos, o Espiritismo seria a *terceira* destas grandes *revelações*. Kardec está tão convencido da ocorrência de *revelações* que nem mesmo se esforça por demonstrar que elas tenham realmente acontecido. Isso jamais será colocado em questão.

Na verdade, este ponto parece-lhe suficientemente óbvio a partir do *sentido* mais simples da palavra, dado por sua etimologia; e que é o marco inicial da reflexão kardeciana: “*Revelar*, derivado da palavra *véu* (do latim *velum*), significa literalmente *desvelar*; e, em sentido figurado: descobrir, fazer conhecer uma coisa secreta ou desconhecida”.⁵⁷² Derivado destes sentidos primários, o sentido mais corriqueiro é dado pelo uso cotidiano e indiscriminado do termo para descrever toda coisa ignorada que nos é trazida ao conhecimento e de toda ideia nova que nos é ensinada e que, antes, ignorávamos. Assim, por exemplo, as diversas *ciências* ao dar a conhecer as *leis da natureza* seriam para a humanidade *revelações*. E, neste sentido primário, haveria uma *revelação* que ocorreria de maneira *incessante*. Igualmente, nesta mesma acepção, o *professor* desempenharia diante de seus *alunos* o papel de um *revelador*. Pois:

Ele lhes ensina aquilo que não sabem, aquilo que eles não teriam nem tempo nem a possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trouxeram, cada qual,

⁵⁷⁰ Poderíamos questionar, contudo: se, em última análise, toda revelação se dá por vontade de Deus, se o conhecimento que ela traz é verdadeiro porque foi instituído por Deus sob a forma de *leis da natureza*, não seria o caso de admitirmos que ao menos um *ser extra-humano* teria participação nos processos revelatórios? E, isso não daria a todo processo uma *fonte sobrenatural*? Para mim, as respostas a essas questões devem ser positivas. A menos que se pretenda que Deus seja parte da *natureza*, ou o seu *todo*. O que não parece ser o caso, para Kardec.

⁵⁷¹ RS. Avr/1866. p. 143. “Apenas constatamos as duas grandes revelações sobre as quais se apoia o cristianismo: a de Moisés e a de Jesus, porque tiveram uma influência decisiva na Humanidade”.

⁵⁷² GMP. p. 2.

seu contingente de observações, das quais tomam proveito aqueles que vieram depois deles. O ensino é, portanto, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feita por homens que as conhecem a outros que as ignoram, e que, sem isso, as teriam sempre ignorado.⁵⁷³

Aqui podemos notar, claramente, a marca do *pedagogo* Rivail. Em seu sentido mais simples *revelar* seria como a *transmissão de conhecimentos específicos*, sejam eles científicos ou morais (filosóficos). Este é um ponto importante, porque ao nos debruçarmos sobre o primeiro capítulo de *La Genèse, les Miracles et les Prédiction selon le Spiritisme* podemos perceber que uma nota domina toda a discussão: o conceito kardeciano de *revelação* é construído sobre um pano de fundo *pedagógico-educacional*. Ou seja, não apenas em seu sentido *comum e primário*, a revelação se diz como *transmissão de conhecimentos*. Mesmo nos sentidos *superiores* isso se daria. Havendo, no entanto, diferenças significativas quanto ao conteúdo e ao método das diversas *revelações*. E, neste sentido, o exemplo do professor é a porta de acesso aos graus mais altos do conceito em questão. Pois, assim como um professor transmite a seus alunos, de maneira sistemática e segundo um plano prévio, os conhecimentos que domina; da mesma maneira a humanidade estaria sendo educada, em todos os níveis de conhecimento, segundo um *plano providencial*. E, da mesma forma que o professor adéqua o conteúdo a ser transmitido à capacidade intelectual de seus alunos, através da escolha do método mais adequado para determinada faixa etária; Deus, o *grande educador da humanidade*, ao longo da história teria adequado seus métodos de *revelação* ao desenvolvimento moral e intelectual de seus educandos.⁵⁷⁴

Mas, qual seria a necessidade das *revelações*? A humanidade não poderia progredir por si mesma em conhecimento? Segundo Kardec:

Os homens, incontestavelmente, progridem por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência. Mas, deixados às próprias forças, este progresso é muito lento se não forem ajudados por homens mais avançados, como o estudante

⁵⁷³ GMP. p. 3.: “Il leur enseigne ce qu'ils ne savent pas, ce qu'ils n'auraient ni le temps ni la possibilité de découvrir eux-mêmes, parce que la science est l'oeuvre collective des siècles et d'une multitude d'hommes qui ont apporté, chacun, leur contingent d'observations, et dont profitent ceux qui viennent après eux. L'enseignement est donc, en réalité, la révélation de certaines vérités scientifiques ou morales, physiques ou métaphysiques, faite par des hommes qui les connaissent à d'autres qui les ignorent, et qui sans cela les eussent toujours ignorées.”

⁵⁷⁴ Há muitas similaridades entre a *teoria kardeciana da revelação* e o pensamento de Gotthold Ephraim Lessing sobre as relações entre *revelação* e a *educação da humanidade*. Devido às limitações deste trabalho não pudemos, aqui, traçar uma comparação entre os dois autores. Remeto o leitor, portanto, à obra do segundo: LESSING, Gotthold Ephraim. *The Education of human race*. London: Kegan Paul, Trench, Trübner e Co., 1896.

o é por seus professores. Todos os povos tiveram seus homens de gênio que vieram, em épocas diversas, dar uma impulsão e retirá-los da inércia.⁵⁷⁵

Desse modo, o *homem de gênio* seria para a humanidade o que o *professor* é para sua classe de alunos. A diferença, ressalta Kardec, é que o professor não seria senão um *revelador de segunda ordem*, ele apenas ensinaria aquilo que coube ao *homem de gênio* descobrir por si mesmo. Este último, portanto, seria o *revelador primitivo* das verdades científicas ou morais que o professor, depois, ensinaria a seus alunos. A ele caberia trazer ao mundo o conhecimento que, aos poucos, se vulgariza. O que estes dois tipos de *reveladores* teriam em comum? Ambos *ensinam* o que sabem e contribuem para o progresso daqueles que não possuem conhecimentos científicos ou filosóficos. E, prossegue:

Desde que se admita a solícitude de Deus com suas criaturas, por que não se admitiria que Espíritos, por sua energia e pela superioridade de seus conhecimentos, capazes de fazer avançar a humanidade, se encarnem pela vontade de Deus tendo em vista auxiliar o progresso em um sentido determinado; que eles recebam uma missão, como um embaixador a recebe de seu soberano? Este é o papel dos grandes gênios.⁵⁷⁶

Assim, como se vê, a chamada *revelação científica* faria parte de um *plano providencial* para *educar a humanidade*. E os *homens de gênio* viriam para ensinar aos homens o que ignoram e o que continuariam a ignorar por muito tempo ainda se fossem deixados entregues aos seus próprios esforços. Desse modo, estes *reveladores primitivos* das verdades científicas⁵⁷⁷ seriam Espíritos mais avançados em conhecimento que se encarnariam para fazer com que a humanidade progreda no mesmo sentido. E não apenas isso, pois, “Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, ele pode, com mais razão, suscitá-los para as

⁵⁷⁵ GMP. p. 4. “Les hommes progressent incontestablement par eux-mêmes et par les efforts de leur intelligence ; mais, livrés à leurs propres forces, ce progrès est très lent, s’ils ne sont aidés par des hommes plus avancés, comme l’écolier l’est par ses professeurs. Tous les peuples ont eu leurs hommes de génie qui sont venus, à diverses époques, donner une impulsion et les tirer de leur inertie.”

⁵⁷⁶ GMP. p. 4. “Dès lors qu’on admet la sollicitude de Dieu pour ses créatures, pourquoi n’admettrait-on pas que des Esprits capables, par leur énergie et la supériorité de leurs connaissances, de faire avancer l’humanité, s’incarnent par la volonté de Dieu en vue d’aider au progrès dans un sens déterminé ; qu’ils reçoivent une mission, comme un ambassadeur en reçoit une de son souverain ? Tel est le rôle de grands génies.”

⁵⁷⁷ GMP. p. 3-4: “O homem de gênio é um Espírito que viveu muito tempo e que, por conseguinte, adquiriu e progrediu mais que aqueles que são menos avançados. Ao se encarnar, ele traz aquilo que sabe, e como ele sabe muito mais que os outros, sem ter necessidade de aprender, ele é chamado homem de gênio. Mas, o que ele sabe é mais o fruto de um trabalho anterior e não o resultado de um privilégio”. No original: “L’homme de génie est un Esprit qui a vécu plus longtemps; qui a, par conséquent, plus acquis et plus progressé que ceux qui sont moins avancés. En s’incarnant, il apporte ce qu’il sait, et comme il sait beaucoup plus que les autres, sans avoir besoin d’apprendre, il est ce qu’on appelle homme de génie. Mais ce qu’il sait n’en est pas moins le fruit d’un travail antérieur et non le résultat d’un privilège.”

verdades morais, que são um dos elementos essenciais do progresso. Estes são os filósofos cujas ideias atravessam os séculos”.⁵⁷⁸ Em todo caso, quer se tratem de *reveladores* de verdades científicas ou de verdades filosóficas (morais), esses indivíduos seriam como *missionários* ou *messias*, por cumprirem um *desígnio divino*.

Ora, segundo Kardec, algo semelhante ocorreria no tocante às *revelações religiosas*:

No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode saber por si mesmo, nem descobrir com o auxílio dos seus sentidos e cujo conhecimento lhe é dado Deus ou por seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados, designados sob o nome de profetas ou *messias*, isto é, *enviados* ou *missionários*, que têm a *missão* de transmiti-la aos homens. Considerada sob esse ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta e é aceita sem controle, sem exame, nem discussão.⁵⁷⁹

Como podemos observar há certa similaridade entre os dois sentidos dados ao conceito de revelação. Ambos cumprem um propósito providencial e são levados a efeito por *missionários* encarregados desta tarefa por Deus. Igualmente podemos observar algumas diferenças. Se, na *revelação científica* o conteúdo diz respeito a coisas que os homens poderiam chegar a conhecer por si mesmos, por meio de sua razão ou dos sentidos; na *revelação religiosa*, o conhecimento trazido pelos *messias* diria respeito às *coisas espirituais* que não poderiam ser conhecidas por outro meio. Por isso, a *revelação religiosa* tem sido considerada como *revelação em sentido específico*. E, também por esse motivo, seu fundamento tem sido considerado o *argumento de autoridade*. O *profeta* ou *messias* tem sido considerado um indivíduo especial, um mestre, cuja palavra seria o critério último da verdade.

No entanto, Kardec chama a atenção para o fato de que, apesar da pretensão de autoridade dos *profetas* e *messias*, mesmo eles não detinham a verdade absoluta e cometeram erros. Isso porque suas doutrinas estiveram limitadas pelo tempo e pelas circunstâncias em

⁵⁷⁸ GMP. p. 5. “Si Dieu suscite des révélateurs pour les vérités scientifiques, il peut, à plus forte raison, en susciter pour les vérités morales, qui sont un des éléments essentiels du progrès. Tel sont les philosophes dont les idées ont traversé les siècles.”

⁵⁷⁹ GMP. p. 5: “Dans le sens spécial de la foi religieuse, la révélation se dit plus particulièrement des choses spirituelles que l’homme ne peut savoir par lui-même, qu’il ne peut découvrir au moyen de ses sens, et dont la connaissance lui est donné par Dieu ou par ses messagers, soit au moyen de la parole directe, soit par l’inspiration. Dans ces cas, la révélation est toujours faite à des hommes privilégiés, désignés sous le nom de prophètes ou *messias*, c’est-à-dire *envoyés*, *missionnaires*, ayant *mission* de la transmettre aux hommes. Considérée sous ce point de vue, la révélation implique la passivité absolue ; on l’accepte sans contrôle, sans examen, sans discussions.”

que eles viveram, bem como por suas características pessoais e pelas características dos povos aos quais se dirigiram. Porém, afirma Kardec:

Apesar dos erros de suas doutrinas, eles ao menos agitaram os espíritos, e por isso mesmo semearam os germes do progresso que, mais tarde deveriam florescer, ou que um dia florescerão, ao sol do Cristianismo. É, portanto, equívoco que se lhes lance anátemas em nome da ortodoxia, pois virá um dia em que todas essas crenças, tão diversas em sua forma, mas que repousam, na realidade, sobre um mesmo princípio fundamental: Deus e a imortalidade da alma; se fundirão numa grande e vasta unidade, quando a razão tiver triunfado sobre os preconceitos.⁵⁸⁰

Além disso, Kardec ressalta que as religiões que destas doutrinas derivaram, muitas vezes se corromperam e se converteram em instrumentos de dominação. O papel de *profeta* foi alvo da ambição de *pretensos reveladores* ou *messias*⁵⁸¹, cuja intenção era apenas a de explorar a credulidade para satisfazer seu orgulho, sua ganância ou sua indolência. Nem mesmo a religião cristã pode ficar livre destes parasitas. No entanto, é também verdade que, como se vê acima, todas elas deverão progredir à luz da *revelação cristã*.

A meu ver, é a partir do que foi dito acima que devemos compreender o lugar específico da *revelação espírita* na economia das revelações. Alguns intérpretes do pensamento kardeciano que negam o *aspecto religioso* do Espiritismo argumentam que, ao aplicar o conceito de *revelação* ao Espiritismo a intenção de nosso autor não era de vinculá-lo ao sentido religioso ou teológico. O principal exemplo é, como vimos, o posicionamento defendido por Krishnamurti de Carvalho Dias. É dele, também, a declaração abaixo:

Revelação para teólogos e crentes piedosos pode ser aquilo que já vimos – a comunicação sobrenatural entre Deus e o homem – [...]. Na pedagogia, revelar é expor, informar, ensinar, passar dados e noções, educar também. **O conceito espírita de revelação não é o teológico, o religioso, que se confundem com um sentido mágico. É um sentido lógico, técnico, que eu chamaria de informático.** [...] Professores revelam, informam, passam informações para os seus discípulos, na sala de aula. Revelar é isso, para Kardec. É exatamente sua etimologia: desvelar, tirar de sob o véu, expor.⁵⁸²

⁵⁸⁰ GMP, p. 5-6: “Malgré les erreurs de leurs doctrines, ils n’en ont pas moins remué les esprits, et par cela même semé des germes de progrès qui, plus tard, devaient s’épanouir, ou s’épanouiront un jour au soleil du Christianisme. C’est donc à tort qu’on leur jette l’anathème au nom de l’orthodoxie, car un jour viendra où toutes ces croyances, si diverses pour la forme, mais qui reposent en réalité sur un même principe fondamental : Dieu et l’immortalité de l’âme, se fondront dans une grande et vaste unité, lorsque la raison aura triomphé des préjugés.”

⁵⁸¹ Ao que parece, Kardec refere-se aqui, implicitamente, ao fundador do Islã.

⁵⁸² DIAS. *O Laço e o Culto...* op. cit. p. 24-25. (Negrito meu).

Como vemos, embora ele reconheça que no conceito kardeciano de revelação esteja pressuposto uma relação *pedagógica*, ele novamente cria uma oposição entre este sentido e o sentido *teológico*. No entanto, creio que devemos nos voltar novamente para Kardec em busca da conceituação que ele mesmo propõe e, que a meu ver, difere muita da proposta por Carvalho Dias. No texto de 1868, após discutir todos os sentidos acima – da revelação em sentido comum até o sentido especificamente religioso –, e de declarar que o Espiritismo é *uma importante revelação*, Kardec afirma:

Por sua natureza a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desejo premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, já que hoje estão maduros para compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas dado a todo o mundo pela mesma via; por não serem os que o transmitem e os que o recebem *seres passivos*, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa; por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o controle, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe colocam sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, das quais ele próprio retira as consequências e aplicações. Em uma palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é que a fonte é divina, que a iniciativa parte dos Espíritos, e que a elaboração é fruto do trabalho do homem.*⁵⁸³

Se observarmos bem, a definição do que temos chamado de *revelação religiosa* – ou, como diz Kardec, a revelação *no sentido específico da fé religiosa* – coincide exatamente com a definição do aspecto *divino* da revelação espírita. Em ambos os casos elas seriam fruto de

⁵⁸³ GMP. p. 8-9: “Par sa nature, la révélation spirite a un double caractère : elle tient à la fois de la révélation divine et de la révélation scientifique. Elle tient de la première, en ce que son avènement est providentiel, et non le résultat de l’initiative et d’un dessein prémédité de l’homme ; que les points fondamentaux de la doctrine sont le fait de l’enseignement donné par les Esprits chargés par Dieu d’éclairer les hommes sur des choses qu’ils ignoraient, qu’ils ne pouvaient apprendre par eux-mêmes, et qu’il leur importe connaître, aujourd’hui qu’ils sont murs pour les comprendre. Elle tient de la seconde, en ce que cet enseignement n’est le privilège d’aucun individu, mais qu’il est donné à tout le monde par la même voie ; que ceux qui le transmettent et ceux qui le reçoivent ne sont point des êtres *passifs*, dispensés du travail d’observation et de recherche ; qu’ils ne font point abnégation de leur jugement et de leur libre arbitre ; que le contrôle ne leur est point interdit, mais au contraire recommandé ; enfin, que la doctrine *n’a point été dictée de toutes pièces ni imposée à la croyance aveugle* ; qu’elle est déduite par le travail de l’homme, de l’observation des faits que les Esprits mettent sous ses yeux, et des instructions qu’ils lui donnent, instructions qu’il étudie, commente, compare, et dont il tire lui-même les conséquences et les applications. En un mot, *ce qui caractérise la révélation spirite, c’est que la source en est divine, que l’initiative appartient aux Esprits, et que l’élaboration est le fait du travail de l’homme.*”

uma iniciativa divina, providencial, e seria executada por meio dos *profetas*, *messias* ou *mensageiros* enviados por Deus. No caso da *revelação espírita*, esses *messias* seriam tanto aqueles que a transmitem [os Espíritos], quanto aquele que a recebe [o homem]. Lembremos que, no caso específico de Kardec, há uma missão divina a ser cumprida na recepção e na elaboração dos princípios doutrinários. Além disso, tanto a *revelação religiosa* quanto a *revelação divina* trariam à humanidade conhecimentos que não seriam possíveis de serem adquiridos nem por meio da razão nem por meio dos sentidos. Em outras palavras, a *revelação divina*, ou a *revelação no sentido específico da fé religiosa*, complementaria aquilo que falta à capacidade humana de adquirir conhecimento.

No entanto, a fim de que este conhecimento se tornasse acessível, Deus usaria *meios naturais* para sua *revelação*. Tais meios, a cada época, se adaptariam ao grau de progresso geral da humanidade. E, seria por isso, que nas *revelações religiosas* anteriores ao Espiritismo, a atitude geral era a de *passividade* diante da *autoridade* do *messias* ou *profeta*. Como afirma o próprio Kardec:

As duas primeiras revelações só podiam resultar de um ensino direto. Como os homens não estivessem ainda bastante adiantados a fim de concorrerem para a sua elaboração, elas tinham que ser impostas pela fé na autoridade da palavra do mestre. Contudo, notam-se entre as duas bem sensível diferença, devida ao progresso dos costumes e das ideias, ainda que tenham sido feitas ao mesmo povo e no mesmo ambiente, mas, com cerca de dezoito séculos de intervalo. [...] A terceira revelação, vinda numa época de emancipação e de maturidade intelectual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se conforma em representar um papel passivo, em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa, tinha de ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre-exame.⁵⁸⁴

E, seria exatamente isso que diferenciaria a *revelação espírita* – a *terceira revelação da lei de Deus* – das revelações que vieram antes dela; mesmo as duas grandes revelações que a precederam histórica e profeticamente. Em outras palavras: o *conteúdo* da *revelação espírita*

⁵⁸⁴ GMP, p. 31: “Les deux premières révélations ne pouvaient être que le résultat d'un enseignement direct ; elles devaient s'imposer à la foi par l'autorité de la parole du maître, les hommes n'étant pas assez avancés pour concourir à leur élaboration. Remarquons, toutefois, entre elles une nuance bien sensible qui tient au progrès des mœurs et des idées, bien qu'elles aient été faites chez le même peuple et dans le même milieu, mais à près de dix-huit siècles d'intervalle. [...] La troisième révélation venue à une époque d'émancipation et de maturité intellectuelle, où l'intelligence développée ne peut se résoudre à un rôle passif, où l'homme n'accepte rien en aveugle, mais veut voir où on le conduit, savoir le pourquoi et le comment de chaque chose, devait être à la fois le produit d'un enseignement et le fruit du travail, de la recherche et du libre examen.”

seria fruto de uma *revelação divina, religiosa*; mas, sua *forma* de elaboração ocorreria segundo os *métodos* de qualquer outra *ciência positiva*, como vimos no Capítulo 2 desta tese.

Ora, minha compreensão é que a melhor designação para a *ciência* que se ocupa em fornecer aos dados de uma *revelação divina* uma apresentação racional e sistemática seja a de *teologia*, e não *filosofia*. E não apenas por isso. Como vimos também Kardec teria tentado enxertar o Espiritismo na árvore da tradição judaico-cristã, ao tomá-lo como a *terceira revelação da lei de Deus*, e ao pretender que somente com seu advento as palavras dos Evangelhos poderiam ser compreendidas em seu sentido *primitivo* e segundo as intenções de Jesus. Assim, ainda que falemos de uma *teologia de bases positivas*, para ficarmos no âmbito da concepção epistemológica kardeciana, creio que o mais adequado será tratarmos, a partir de agora, a doutrina kardeciana como uma *teologia*.

Como vimos, o fato de Kardec não usar essa nomenclatura, preferindo a ideia de uma *filosofia espírita*, possivelmente se dê por causa da própria influência da mentalidade positivista sobre seu pensamento. Contudo, parece-me haver ainda outra razão: Kardec acredita que o Espiritismo, além de oferecer o *terreno neutro* para a reaproximação entre *ciência* e *religião*, crê também que ele poderá, segundo a mesma perspectiva, promover a *união de todas as religiões numa crença única*. Este, contudo, será um tema para o próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

A RELIGIÃO DO ESPIRITISMO

Nos dois capítulos precedentes discutimos os conceitos de *ciência e filosofia* no contexto do que se convencionou chamar de período *científico-filosófico do Espiritismo* [1857-1861]. O último capítulo, no entanto, legou-nos um problema. Como era nossa intenção, principalmente a partir de sua segunda seção, refletimos sobre o conceito kardeciano de *filosofia* como um conceito que favoreceria a transição entre o período *científico-filosófico* e o período *religioso*, que teria tido início no ano de 1864 com a publicação da *Imitation de l'Évangile*. Nossa análise levou-nos a questionar a correção da expressão *filosofia espírita* utilizada por Kardec para designar o *sistema doutrinário* por ele proposto. Como este sistema teria como *fonte* um *evento revelatório*, avaliado por nosso autor, como uma *importante revelação* de caráter *divino e científico*, propusemos que, mais adequadamente, pensássemos a *doutrina espírita* como uma *ciência teológica*. Como discutimos ali, Kardec parece ter se esquivado de utilizar essa nomenclatura por um preconceito pessoal em relação ao saber teológico, oriundo da influência positivista que permeia seu pensamento. No entanto, ela pareceu-nos mais adequada diante do quadro que se nos desenhava a partir da leitura de sua obra.

O efeito mais importante dessa releitura proposta é que ela nos possibilitará explicar neste capítulo, de maneira razoavelmente econômica, a aparente contradição que surge ao considerarmos por um lado as negativas reiteradas que Kardec faz, no período *científico-filosófico*, da natureza religiosa da doutrina por ele fundada; e, por outro, a declaração feita em 1863 de que o Espiritismo preparava-se para entrar num *período religioso*. Além, é claro, de explicar-nos a presença, em toda a *kardeciana*, de elementos fortemente ligados à religião.⁵⁸⁵

⁵⁸⁵ Tais como: o modo como Kardec tenta – principalmente a partir da publicação de *L'Évangile selon le Spiritisme*, em 1864 – inserir o Espiritismo na árvore da tradição cristã, a partir da *teoria das três revelações*; o fato de que três de suas cinco principais obras cuidarem de fornecer uma *correta interpretação* das fontes e dos dogmas do cristianismo, principalmente da tradição Católico-Romana; a recomendação e o uso da prece como rito mínimo de culto à divindade e aos Espíritos superiores; o conceito de revelação e o próprio conceito de doutrina.

Nossa hipótese aqui é que, na obra de Kardec, as relações entre Espiritismo e religião passariam por, ao menos, duas fases distintas de compreensão. Se, no início, durante o período científico-filosófico, a caracterização da identidade doutrinária se dá pela oposição ciência *versus* religião (o Espiritismo não seria uma religião *porque* seria uma *ciência positiva*), não parece verdadeira a impressão de que o problema será sempre colocado dessa maneira por nosso autor. Ora, com a entrada do Espiritismo no período *religioso*, parece-nos inevitável o questionamento: se, durante o *período científico-filosófico*, Kardec caracterizou a doutrina como uma *ciência filosófica*, não seria possível presumir que, ao admitir a chegada de um *período religioso* para o Espiritismo, ele estivesse abrindo a possibilidade de caracterizá-lo como uma *religião*? Teria Kardec mudado de opinião? É o que parece à primeira vista, pois em 1868, chegará a afirmar que sim, o Espiritismo é religião, embora *religião em sentido filosófico*.

Contudo, a resposta a esse questionamento não me parece ser tão simples. Muito mais do que o mero registro de uma mudança de opinião, a meu ver, a obra kardeciana registra uma tentativa de nosso autor em harmonizar as compreensões aparentemente irreconciliáveis acima. Creio que Kardec se esforçará, sem abrir mão de caracterizar o Espiritismo como *ciência positiva* nem como *filosofia livre do espírito de sistema*, por encontrar um lugar condizente, junto a essas duas características, para a *religião do Espiritismo*. E, dessa forma, poderá continuar negando ser o Espiritismo *uma* religião ainda que, simultaneamente, o afirme como *religião*. A meu ver, essa aparente ambiguidade só poderá ser compreendida a partir de uma adequada contextualização da obra kardeciana conforme a ideia, que propusemos no primeiro capítulo desta tese, de que, em seu desenvolvimento e expansão, o Espiritismo – e, conseqüentemente, o pensamento de Kardec – passaria por diferentes fases ou períodos sucessivos e progressivos⁵⁸⁶, e cujo ápice se daria com o chamado *período de renovação social*. Representando este período, para Kardec, o *objetivo último da revelação espírita*, sua *utopia*; creio que o período *religioso* deva ser compreendido sob a perspectiva de um período de transição, assim como todos os demais, para a concretização da *regeneração da humanidade*.

Deste modo, alguns dos elementos, que foram analisados na segunda parte do capítulo anterior, precisam agora de um complemento. Neste sentido, dividiremos este

⁵⁸⁶ Cf.: Capítulo 1.

capítulo em quatro partes: num primeiro momento trataremos do *conceito de religião* no chamado período *científico-filosófico*. Focaremos nossa discussão na polêmica que envolveu Kardec e o abade François Chesnel em torno do caráter religioso do Espiritismo. Em seguida precisaremos determinar as características do período religioso, bem como as razões que teriam levado Kardec a admitir sua proximidade, mesmo após ter negado taxativamente que o Espiritismo fosse uma *nova religião*. O passo seguinte será averiguarmos as fontes de autoridade tipicamente religiosas que Kardec reivindica para a doutrina dentro do período religioso. Para tanto, suscitaremos uma discussão sobre a suposta identidade do Espírito de Verdade, apontado como *guia espiritual* do próprio Kardec e como Espírito responsável pela revelação do Espiritismo. Por último, discutiremos o modo como, em seus últimos escritos Kardec abre uma brecha para o desenvolvimento da *religião do Espiritismo*, a partir de seu projeto de institucionalização.

4.1. O problema da religião no período científico-filosófico

A fim de compreendermos como se desenvolve a visão de Kardec acerca da relação entre Espiritismo e religião ao longo dos anos em que se dedicou à criação da doutrina devemos, em primeiro lugar, voltar nossa atenção para os princípios elementares que regem essa relação e que estão consignados em *Le Livre des Esprits*. Embora não haja nesta obra qualquer menção explícita à questão que aqui nos move, podemos verificar que o segundo capítulo, do *Livro Terceiro*, trata daquilo que Kardec chama de *lei de adoração*. Após haver estabelecido, no capítulo anterior, que a lei natural – dividida entre leis físicas e leis morais – é a lei de Deus, agora Kardec se preocupa em sustentar que, no conjunto das leis morais, a lei de adoração (ou a lei que regeria as relações do homem com Deus) tem proeminência sobre as demais. Tal como o decálogo, que principia com o mandamento do amor a Deus, as leis morais também começariam pelo reconhecimento da existência da divindade e pelo reconhecimento de nossa dependência dela. Desse modo, a lei de adoração teria suas raízes naquilo que Kardec considera um *sentimento inato*, assim como o próprio sentimento da existência de Deus, e poderia ser encontrada na *consciência do homem*.⁵⁸⁷

⁵⁸⁷ Cf.: LE₂, p. 277-279.

Ora, não sendo mais que "a elevação do pensamento até Deus"⁵⁸⁸, a adoração não exigiria, a rigor, a prática de qualquer culto exterior. Seria, antes, uma *ação do coração*, um exercício ligado à intenção e não a práticas rituais. Contudo, essa sua característica não seria impedimento ou não poderia servir como proibição para o *culto exterior* ou *público*. Antes, desde que não se configure como *vão simulacro*, o culto comunitário poderia servir como um catalisador as intenções individuais, fazendo-as ganhar mais força e efetividade, pela reunião de pensamentos.⁵⁸⁹ De fato, o que determinaria a eficácia de um culto comunitário não seria a sua forma, mas uma espécie de *correta intenção* por parte dos participantes.⁵⁹⁰

Embora não possamos encontrar, em nenhuma parte de *Le Livre des Esprits* ou de outra das obras kardecianas, algo como uma *teoria espírita da religião*, podemos entrever aí as bases que poderiam sustentá-la. Enquanto culto organizado, a religião teria sua origem no duplo sentimento inato acima descrito. Ela seria, de maneira muito elementar, uma espécie de expressão deste sentimento e, de modo mais desenvolvido, em sua forma mais *madura*, a institucionalização de uma determinada forma de adoração e das crenças a ela associadas. Essa concepção elementar nunca será abandonada por Kardec. De fato, como veremos, em 1868, no mesmo texto em que concorda afirmar o caráter religioso do Espiritismo, Kardec a retoma e explica a partir do conceito de *laço moral*. Ela também estará presente quando de suas críticas às religiões instituídas por seu espírito sectário e dogmático que as teriam impedido de acompanhar o progresso do conhecimento e da ciência, o que teria acabado por afastar de si as pessoas mais esclarecidas, lançando-as no ateísmo e no materialismo.

Mas, sobre ela igualmente fundamenta sua visão de que, assim como outras formas de conhecimento, também o conhecimento religioso deve estar submetido à lei do progresso e que, para tempos novos, uma nova forma de religião deveria prevalecer. Baseado nessa ideia do progresso das ideias religiosas é que Kardec pode apresentar o Espiritismo como o mais poderoso auxiliar das religiões. De fato, ele acredita que muitos conhecimentos religiosos

⁵⁸⁸ Idem. Ibidem. p. 277.

⁵⁸⁹ Idem. Ibidem. p. 279.

⁵⁹⁰ É o que encontramos como uma das respostas à questão 654 de *Le Livre des Esprits* na qual Kardec pergunta se Deus teria preferência por alguma forma específica de adoração: "Não questione [...] se há uma forma de adoração mais conveniente que outra, pois isso seria o mesmo que perguntar se seria mais agradável a Deus ser adorado em uma língua do que em outra. Eu lhe digo mais: os cantos não chegam a ele senão pela porta do coração". No original: "No demandez [...] pas s'il y a une forme d'adoration plus convenable, car ce serait demander s'il est plus agréable à Dieu d'être adoré dans une langue plutôt que dans une autre. Je vous dis encore une fois: les chants n'arrivent à lui que par la porte du cœur". (LE 2. p. 279)

mais primitivos se baseariam numa compreensão equivocada de fenômenos que o Espiritismo teria conseguido, enfim, desmistificar.

O homem, possuindo instintivamente a intuição de um poder superior, foi levado, desde todos os tempos, a atribuir à ação *direta* deste poder os fenômenos cuja causa lhe era desconhecida, e que passavam a seus olhos como prodígios e efeitos sobrenaturais. Esta tendência é considerada pelos incrédulos como a consequência do amor que tem a humanidade pelo maravilhoso, mas eles não procuram a fonte desse amor pelo maravilhoso. Tal fonte encontra-se tão somente na intuição mal definida de uma ordem extra-corporal de coisas.⁵⁹¹

Isso teria acontecido, por exemplo, com o *politeísmo*. Como os antigos não tivessem uma explicação suficiente para os fenômenos que presenciavam, atribuíram-nos aos deuses que passavam, então, a adorar. No entanto, afirma Kardec:

Com o progresso da ciência e do conhecimento das leis da natureza, tais fenômenos têm, pouco a pouco, passado do domínio do maravilhoso para o dos efeitos naturais. De tal sorte que aquilo que ontem parecia sobrenatural, hoje já não o é mais; e aquilo que hoje ainda assim é considerado, não o será mais amanhã. Os fenômenos que dependem da manifestação dos Espíritos, por sua própria natureza forneceram um largo contingente de fatos considerados maravilhosos; mas, deveria chegar um tempo no qual a lei que os rege se tornasse conhecida, eles entrariam, como os demais, na ordem dos fatos naturais. Este tempo chegou e o Espiritismo, ao tornar conhecida tal lei, dá a chave da maior parte das passagens incompreendidas das Escrituras sagradas que a isso fazem alusão e aos fatos tidos como maravilhosos.⁵⁹²

Desta forma, como afirmara Maurice Lachâtre, tendo se interessado desde a juventude pelo problema das religiões, Kardec teria encontrado no Espiritismo a *chave* que imprimiria "uma direção especial a seus trabalhos". Como vimos, no capítulo anterior, este problema configurado como o anseio pela unificação das crenças, a fim de que se cumprissem *as*

⁵⁹¹ OP. P. 39-40. : “L’homme, ayant instinctivement l’intuition d’une puissance supérieure, a été porté, dans tous les temps, à attribuer à l’action *directe* de cette puissance les phénomènes dont la cause lui était inconnue, et qui passaient à ses yeux pour des prodiges et des effets surnaturels. Cette tendance est considérée par des incrédules comme la conséquence de l’amour de l’homme pour le merveilleux, mais ils ne cherchent pas la source de cet amour du merveilleux; elle est tout simplement dans l’intuition mal définie d’un ordre de choses extra-corporel”.

⁵⁹² Idem. Ibidem: “Avec le progrès de la science et la connaissance des lois de la nature, ces phénomènes ont peu à peu passé du domaine du merveilleux dans celui des effets naturels, de telle sorte que ce qui semblait jadis surnaturel ne l’est plus aujourd’hui et que ce qui l’est encore aujourd’hui ne le sera plus demain. Les phénomènes dépendant de la manifestation des Esprits, par leur nature même, ont dû fournir un large contingent aux faits réputés merveilleux ; mais il devait venir un temps où la loi qui les régit étant connue, ils rentreraient, comme les autres, dans l’ordre des faits naturels. Ce temps est venu, et le Spiritisme, en faisant connaître cette loi, donne la clef de la plupart des passages incompris des Ecritures sacrées y faisant allusion, et des faits regardés comme miraculeux”.

palavras de Jesus, só poderia ser resolvido pelo Espiritismo se este se apresentasse como um *terreno neutro* em termos de disputas dogmáticas. É, por isso, que Kardec defendia que o Espiritismo não poderia ser *uma nova religião*; pois, se o fosse, se colocaria como mais uma seita dogmática a disputar, no campo das opiniões, seu direito de cidadania. Ao contrário, sendo uma *ciência positiva*, se imporia pela realidade dos fatos e, assim, promoveria a *unificação* desejada.

É o que podemos constatar em sua polêmica com o Abade François Chesnel, em 1859. Este religioso católico, escrevendo ao periódico *L'Univers*, criticou o Espiritismo no artigo *Une religion nouvelle à Paris*, no dia 13 de abril de 1859. Em maio do mesmo ano Kardec publicou uma réplica na *Revue Spirite*, precedida do artigo de Chesnel na íntegra. Em seguida, a 28 de maio, o abade publicou, novamente em *L'Univers*, a réplica de Kardec, seguida de sua tréplica; à qual Kardec responderá no número de junho de sua *Revue*, dando por encerrada a discussão. Essa polêmica, em tudo tão significativa, foi reproduzida em seus argumentos principais por Kardec no opúsculo *Qu'est-ce que le Spiritisme*, publicada naquele mesmo ano. Nesta obra de divulgação doutrinária, denominado genericamente de *o visitante*, o abade Chesnel terá uma resposta minuciosa e categórica: o Espiritismo não é uma religião porque se apoia sobre fatos observáveis. É, portanto, uma ciência. A ciência “[...] de tudo aquilo que diz respeito ao conhecimento dos Espíritos ou do mundo invisível”.⁵⁹³

Em resumo, a posição de Chesnel é que o Espiritismo seria uma religião porque, além de estar fundado sobre *doutrinas reveladas*, possuiria ainda um *culto mínimo*, mas muito eficaz, que serviria para colocar os adeptos em contato com o *mundo sobrenatural* e com o *infinito*. Este culto teria “[...] reuniões periódicas, iniciadas pela invocação de um santo canonizado”⁵⁹⁴ e teria como prática central a *necromancia*.⁵⁹⁵ Por outro lado, *absorveria o cristianismo*, considerando-o dentre todas as formas religiosas, do presente ou do passado, *a mais elevada, pura e perfeita*; e se proporia a ampliar seu alcance, dando-lhe sua verdadeira

⁵⁹³ QS, p. 2. No original: “[...] la science de tout ce qui se rattache à la connaissance des Esprits ou du monde invisible”.

⁵⁹⁴ Refere-se ao “Espírito” São Luís de França, considerado por Kardec como *presidente espiritual* da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

⁵⁹⁵ Cf. : CHESNEL, François. *Une religion nouvelle à Paris*. **L'Univers**. N° 102. 13 Avril 1859. 27° Année. p. 1-2 : “Aujourd’hui, nous possédons sous le même titre un corps de doctrines *révélées*, qui va se complétant peu à peu et un culte fort simple, il es vrai ; mais d’une efficace merveilleuse, puisqu’il mettrait les dévots en communication réelle, sensible et presque permanente avec le monde spirituelle. [...] Ce culte a des assemblées périodiques qui s’ouvrent par l’invocation d’un saint canonisé”.

interpretação e completando aquilo que lhe falta para que ficasse em dia com o progresso da ciência e da razão.

Seríamos levados a crer que uma religião que consiste exclusivamente na evocação dos mortos fosse muito hostil à Igreja Católica, que nunca deixou de interditar a prática da necromancia. Mas tais sentimentos mesquinhos, por mais naturais que pareçam, são completamente estranhos, asseguram-nos, ao coração dos espiritualistas. Esses, de bom grado, fazem justiça ao Evangelho e a seu Autor; admitem que Jesus tenha realmente vivido, agido, falado e sofrido como os nossos quatro Evangelistas narram. A doutrina evangélica é verdadeira; mas esta revelação, da qual Jesus foi o instrumento, longe de excluir todo o progresso, deve ser completada. Será o espiritualismo que dará ao Evangelho a sã interpretação que lhe falta e o complemento que aguarda há dezoito séculos.⁵⁹⁶

Para tanto, aponta o abade, haveria apenas dois empecilhos: a autoridade da Igreja e o dogma das penas eternas. Após isso, este primeiro artigo prossegue, em tom cáustico, associando o *espiritualismo* a correntes *heréticas* do cristianismo e ao magnetismo animal, e criticando o alcance das *revelações obtidas* por meio dos médiuns, as quais, segundo o autor, não ultrapassariam os limites do que já era conhecido, não indo além do que estudos e pesquisas já teriam descoberto. Além disso, a evocação dos mortos – ou dos *demônios* – teria como efeito apenas *confirmar* doutrinas já condenadas pela Igreja. O que, para Chesnel, significa tão somente que o avanço do *espiritualismo* se daria por causa da ignorância *em matéria de religião*. E conclui:

Seja como for, no espetáculo que hoje nos é dado, não há outra coisa senão uma evolução do magnetismo, que se esforça por tornar-se uma religião. [...] Guardemo-nos de atribuir à nova seita mais importância do que ela tem realmente. Mas, a fim de evitar o exagero que tudo amplia, não caiamos mais na mania de negar ou de minimizar todas as coisas.⁵⁹⁷

⁵⁹⁶ Idem. Ibidem : “On serait porté à croire qu’une religion qui consiste uniquement dans l’évocation des morts est trop hostile à l’Église catholique, qui n’a jamais cessé d’interdire la pratique de la nécromancie. Mais ces sentiments étroits, tout naturels qu’ils paraissent, n’en sont pas moins étrangers, assure-t-on, au coeur des spiritualistes. Ils rendent volontiers justice à l’Évangile et son Auteur ; ils avouent que Jésus a vécu, agi, parlé, souffert comme nos quatres Évangélistes le racontent. La doctrine évangélique est vraie ; mais cette révélation dont Jésus fut l’organe, loin d’exclure tout progrès, a besoin d’être complétée. C’est le spiritualisme qui donnera à l’Évangile la saine interpretation qui lui manque et le complément qu’il attend depuis dix-huit siècles”.

⁵⁹⁷ CHESNEL. Op. Cit.: “Quoi qu’il en soit, il n’y a pas autre chose, dans le spectacle qui nous est donné aujourd’hui, qu’une évolution du magnétisme qui s’efforce de devenir une religion. [...] Gardons-nous d’attribuer à la nouvelle secte plus d’importance qu’elle n’en a réellement. Mais pour éviter l’exagération qui grossit tout, ne tombons pas non plus dans la manie de nier et d’amoindrir toutes choses.”

A posição de Kardec é que o artigo do *abade* Chesnel “[...] contém um erro grave e pode dar uma ideia muito falsa seja do espiritismo em geral, seja em particular do caráter e do objeto dos trabalhos da Sociedade parisiense de estudos espíritas”⁵⁹⁸, e afirma que tal erro seria proveniente “[...] de um estudo incompleto da matéria”.⁵⁹⁹ O codificador ataca, num primeiro momento, os argumentos contra a mediunidade e relativos à relação entre o Espiritismo e o magnetismo, propostos pelo *abade*, antes de chegar ao que considera a *parte mais grave* do artigo do eclesiástico, e sobre a qual nos deteremos com maior cuidado.

Intitulais vosso artigo: *Uma religião nova em Paris*. Supondo que tal fosse, de fato, o caráter do espiritismo, haveria aí um primeiro erro, visto que ele está longe de se circunscrever a Paris. Ele conta com muitos milhões de adeptos espalhados pelas cinco partes do mundo, e Paris nem mesmo foi o foco primitivo. Em segundo lugar: o Espiritismo é uma religião? É fácil demonstrar o contrário.⁶⁰⁰

Do ponto de vista do *Espiritismo em geral*, a fim de demonstrar sua tese, Kardec apresentará quatro contra-argumentos à afirmação de que a nova doutrina seja uma religião. Em primeiro lugar declara que sendo o Espiritismo fundado sobre a existência do mundo invisível, formado por seres incorpóreos que povoariam o espaço que nada mais seriam que as almas dos mortos, as quais exerceriam influência sobre os homens e exerceriam tarefas ativas no mundo moral, e até mesmo no mundo físico, não deixaria, portanto, de fazer parte do domínio natural.

O espiritismo está, portanto, na natureza, e, pode-se dizer que, em certa ordem de ideias, ele é uma potência, como a eletricidade o é segundo outro ponto de vista, como a gravitação universal também o é. [...] Ele nos desvela o mundo dos invisíveis, como o microscópio nos desvelou o mundo dos infinitamente pequenos que nem suspeitávamos.⁶⁰¹

⁵⁹⁸ RS. Mai/1859. *Réfutation d'un article de l'Univers*.p. 129 : “[...] contient une erreur grave et peut donner une idée très fautive soit du spiritisme en général, soit en particulier du caractère et de l'objet des travaux de la Société parisienne des études spirites”.

⁵⁹⁹ Idem. Ibidem. p.132: “[...] une étude incomplète de la matière”..

⁶⁰⁰ Idem. Ibidem. p. 135: “Vous intitulez votre article : *Une religion nouvelle à Paris*. En supposant que tel fût en effet le caractère du spiritisme, il y aurait là une première erreur, attendu qu’il est loin d’être circonscrit dans Paris. Il compte plusieurs millions d’adhérents répandus dans le cinq parties du monde, et Paris n’en a pas été le foyer primitif. En second lieu est-ce une religion ? Il est aisé de démontrer le contraire.”

⁶⁰¹ Idem. Ibidem: “Le spiritisme est donc dans la nature, et l’on peut dire que, dans un certain ordre d’idées, c’est une puissance, comme l’électricité en est à une autre point de vue, comme la gravitation universelle est une autre. [...] Il nous dévoile le monde des invisibles, comme le microscope nous a dévoilé le monde des infiniment petits que nous ne soupçonnions pas.”

Os fenômenos que se apresentariam como a fonte do Espiritismo, estariam presentes na história de todos os povos e apenas a ignorância e a imaginação teriam feito deles algo de sobrenatural. O Espiritismo, ao contrário, ao utilizar o *método positivo* para a investigação destes fenômenos estaria lançando uma luz sobre todo um conjunto de questões, até então, não resolvidas. “Seu verdadeiro caráter, portanto, é o de uma *ciência* e não o de uma religião [...]”.⁶⁰² Para Kardec, demonstra isso, o fato do Espiritismo contar, àquele momento, com aderentes de *todas as crenças* e que não renunciaram, ao tornarem-se espíritas, às suas convicções:

[...] católicos fervorosos, que não deixaram de praticar os deveres de seu culto; protestantes de todas as seitas; israelitas; muçulmanos e, até mesmo, budistas e brahmanistas. Há de tudo, exceto materialistas e ateus, porque tais ideias são incompatíveis com as *observações* espíritas.⁶⁰³

O segundo argumento, derivado dessa observação, diz que o Espiritismo não é uma religião posto que “[...] repousa sobre princípios gerais independentes de toda questão dogmática”.⁶⁰⁴ Como dissemos, este ponto é muito importante, posto que é com base nele, principalmente, que Kardec reivindicará para o Espiritismo o caráter de *neutralidade* exigido para promover, a seu tempo, a *unificação de todas as crenças* em princípios comuns a todas: a existência de Deus, a imortalidade da alma e as penas e recompensas futuras. Um fato que, para Kardec, na verdade já estaria ocorrendo, como se vê acima.

O terceiro defende que a *ciência espírita* teria consequências morais, como todas as demais *ciências filosóficas*, e que tais consequências se dão no sentido do cristianismo porque esta seria “[...] de todas as doutrinas a mais esclarecida, a mais pura [...]” e é por essa razão que, dentre todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos seriam os mais aptos a

⁶⁰² Idem. Ibidem. p. 136: “Son véritable caractère est donc celui d’une *science* et non d’une religion [...]”. p. 136.

⁶⁰³ Idem. Ibidem: “[...] catholiques fervents qui n’en pratiquent pas moins tous le devoirs de leur culte, des protestants de toutes les sectes, des israélites, des musulmans et jusqu’à bouddhistes et des brahmistes ; il y a de tout, excepté des matérialistes et des athées, parce que ces idées sont incompatibles avec les *observations* spirites”.

⁶⁰⁴ Idem. Ibidem: “Le spiritisme repose donc sur des principes généraux indépendants de toute question dogmatique”.

compreender a verdadeira essência do Espiritismo.⁶⁰⁵ E, o quarto e último argumento, relativo ao *Espiritismo em geral*, diz que: “O espiritismo não é uma religião: de outra forma teria seu culto, seus templos, seus ministros”. Para Kardec, “cada um pode, sem dúvida, fazer uma religião de suas opiniões, interpretar à vontade as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova Igreja há uma grande distância e não creio que seja prudente sugerir tal ideia”.⁶⁰⁶

Em resumo, o espiritismo se ocupa da observação dos fatos e não das particularidades de uma ou outra crença; da pesquisa das causas, da explicação que estes fatos podem dar de fenômenos conhecidos tanto de ordem moral, quanto de ordem física. E não impõe nenhum culto a seus partidários, assim como a astronomia não impõe o culto aos astros, nem a pirotecnia o culto ao fogo. Além disso: do mesmo modo que o sabeísmo nasceu da astronomia mal compreendida, o espiritismo, mal compreendido na antiguidade, foi a fonte do politeísmo. Hoje, graças às luzes do cristianismo, nós podemos julgá-lo mais adequadamente. Ele nos põe em guarda contra os sistemas errôneos, frutos da ignorância; e a própria religião pode dele tomar a prova palpável de muitas verdades contestadas por certas opiniões. Eis por que, ao contrário da maioria das ciências filosóficas, um de seus efeitos é reconduzir às ideias religiosas aqueles foram desviados por um ceticismo exagerado.⁶⁰⁷

Ora, como podemos notar, o ponto central de todos os argumentos seria: o Espiritismo não é uma religião *porque* é uma ciência positiva. E, como tal, se colocaria acima das disputas *dogmáticas*, julgando tudo sob a perspectiva das leis naturais que investigaria. Podemos notar que Kardec faz questão de estabelecer analogias com outras ciências. Compara a mediunidade ao microscópio; o Espiritismo à eletricidade, à gravitação universal e à astronomia; e declara que a *Société*, que preside não era um templo religioso. De fato, tendo

⁶⁰⁵ Idem. Ibidem: “Ele tem, é verdade, consequências morais como todas as ciências filosóficas. Estas consequências se dão no sentido do cristianismo porque, dentre todas as doutrinas, o cristianismo é a mais esclarecida, a mais pura. E é por esta razão que, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos a compreender-lhe a verdadeira essência”. No original: “Il a, il est vrai, ces conséquences morales comme toutes les sciences philosophiques ; ces conséquences sont dans le sens du christianisme, parce que le christianisme est de toutes les doctrines la plus éclairée, la plus pure, et c’est pour cette raison que de toutes les sectes religieuses du monde, les chrétiens sont les plus aptes à le comprendre dans sa véritable essence”.

⁶⁰⁶ Idem. Ibidem: “Chacun sans doute peut faire une religion de ses opinions, interpréter à son gré les religions connues, mais de là à la constitution d’une nouvelle Église, il y a loin, et je crois qu’il serait imprudent d’en donner l’idée”.

⁶⁰⁷ Idem. Ibidem. p. 136.: “En résumé, le spiritisme s’occupe de l’observation des faits, et non des particularités de telle ou telle croyance, de la recherche des causes, de l’explication que ces faits peuvent donner de phénomènes connus, dans l’ordre moral comme dans l’ordre physique, et n’impose pas plus un culte à ses partisans que l’astronomie n’impose le culte des astres, ni la pyrotechnie celui du feu. Bien plus : de même que le sabéisme est né de l’astronomie mal comprise, le spiritisme, mal compris dans l’antiquité, a été la source du polythéisme. Aujourd’hui que, grâce aux lumières du christianisme, nous pouvons le juger plus sainement, il nous met en garde contre les systèmes erronés, fruits de l’ignorance ; et la religion elle-même peut y puiser preuve palpable de beaucoup de vérités contestées par certaines opinions ; voilà pourquoi, contrairement à la plupart des sciences philosophiques, un de ses effets est de ramener aux idées religieuses ceux qui sont égaré par un scepticisme exagéré.”

sido registrada junto ao poder público como *sociedade científica*, a *Société* proibia em seus estatutos que seus membros se ocupassem de questões religiosas. Se, no entanto – questiona Kardec – antes de seus encontros evoca o nome de Deus e apela aos bons Espíritos, o que isso provaria? E responde: “Que nós não somos ateus; mas isso não implica de forma alguma que sejamos religionários”.⁶⁰⁸ Em outras palavras, assim como fizera no tocante a afirmar o caráter *científico-filosófico* da doutrina Kardec, nos primeiros anos de sua obra, nega que o Espiritismo seja uma *religião* a partir do mesmo recurso autoritativo: o *método positivo* em que este se sustentaria o colocaria numa posição *neutra*, acima de toda *disputa dogmática*, mesmo quando tratasse de temas ligados à religião.

Por fim, para Kardec a *acusação* de Chesnel – de que o Espiritismo seria uma *nova religião* – é tão grave, deste ponto de vista, que colocaria em risco o sentido mesmo da fé professada pelo religioso. Após citar o exemplo de como a ciência teria questionado a narrativa bíblica da criação e como a Igreja, a princípio resistente à ideia, teve que se render à evidência dos fatos que corroboraram a teoria científica, Kardec argumenta em seu segundo texto ao *abade*:

Dá-se o mesmo com o espiritismo. Se o considerais como uma religião, é que a vossos olhos ele não é católico. Ora, segui bem meu raciocínio. De duas coisas, uma: ou ele é uma realidade, ou é uma utopia. Se for uma utopia, não há com que se preocupar, porque ele cairá por si mesmo. Se for uma realidade nem toda a ira o impedirá de existir, da mesma forma que outrora a terra não foi impedida de girar. Se há verdadeiramente um mundo invisível que nos rodeia; se podemos nos comunicar com este mundo e dele obter ensinamentos sobre o estado daqueles que o habitam – e todo o espiritismo está aí contido – dentro em pouco isto nos parecerá tão normal quanto ver o sol em pleno meio-dia ou encontrar milhares de seres vivos e invisíveis numa gota de água límpida. Esta crença se tornará tão comum que vós mesmos sereis forçados a vos render à evidência. Se, a vossos olhos, esta

⁶⁰⁸ Idem. Ibidem. p. 137: “Que nous ne sommes pas des athées ; mais cela n’implique nullement que nous soyons des religionnaires [...]”. Uma palavra sobre a tradução do termo *religionnaire*: o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* registra o vocábulo *religionário*, por mim utilizado na tradução, como sinônimo de *sectário de uma religião*. Por sua vez, o *Dictionnaire critique de la langue française* [1787-1788], de Jean-François Féraud, registra no verbete *religionnaire* a origem do termo. Segundo o dicionarista, este nome era atribuído aos Calvinistas na França e afirma tratar-se de um anglicismo. Já o *Dictionnaire de l’Académie Française*, desde sua primeira edição em 1694, registra a grafia *religionnaire*, e fornece a seguinte significação em sua 6ª edição [1835]: “Dizia-se, nos tempos das guerras de religião, daquele, ou daquela, que fazia profissão da religião reformada”. Certamente, aqui, Kardec não faz referência ao uso literal da palavra. Contudo, seu uso nesse contexto, parece indicar a ideia de que um *religionário* seria alguém inclinado a formar *seita*. Ou seja, alguém com o propósito de separar-se da religião hegemônica – ou das religiões já estabelecidas – e criar sua própria religião pessoal, com base em suas próprias opiniões. Desse modo, a frase acima, indicaria que os adeptos do Espiritismo, os membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, colocavam-se em questões religiosas, entre dois extremos: a negação absoluta da divindade e a formação sectária de uma nova religião. Ou seja, eram teístas e, nessa condição, cada qual preservaria sua adesão à tradição religiosa de sua preferência ou a tradição alguma.

crença é uma nova religião, ela está fora do catolicismo; pois ela não pode ser ao mesmo tempo católica e uma religião nova. Se, pela força das coisas e da evidência, esta crença se tornar geral – e não pode ser de outro modo, já que se trata de uma lei da natureza – , segundo vosso ponto de vista já não existirão mais católicos, e vós mesmos não sereis mais católico, pois sereis forçado a fazer como todo mundo. Eis, senhor abade, o terreno sobre o qual nos arrasta vossa doutrina [...].⁶⁰⁹

Assim, ao invés de combater o Espiritismo, a religião deveria aproveitar-se das evidências que ele lhe traria a fim de reafirmar, num tempo de incredulidade, a veracidade de seus postulados básicos. Esse argumento será, ainda, reafirmado por Kardec na *Conclusion* da segunda edição de *Le Livre des Esprits*:

O espiritismo não é obra de um homem. Ninguém pode se dizer seu criador, pois ele é tão antigo quanto a criação. Encontra-se por toda a parte, em todas as religiões, e, mais ainda na religião católica, e com mais autoridade que em todas as outras, pois, no catolicismo se encontra o princípio de tudo: os Espíritos de todos os degraus, suas comunicações ocultas e patentes com os homens, os anjos guardiões, a reencarnação, a emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, as visões, as manifestações de todo gênero, as aparições, até as aparições tangíveis. No que toca aos demônios, estes não são outra coisa senão os maus Espíritos, e, salvo a crença que os primeiros estão votados perpetuamente ao mal, enquanto a via do progresso não está interdita aos outros; não há entre eles senão uma diferença de nome.⁶¹⁰

⁶⁰⁹ RS. Jui/1859. *Réponse à la réplique de M. l'abbé Chesnel dans l'Univers*. p. 191-192: “ Il en est de même du spiritisme; si vous le regardez comme une religion nouvelle, c'est qu'à vos yeux il n'est pas catholique. Or, suivez bien mon raisonnement. De deux choses l'une: ou c'est une réalité, ou c'est une utopie. Se c'est une utopie, il n'y a pas à s'en préoccuper, parce qu'il tombera de lui-même; si c'est une réalité, toutes les foudres ne l'empêcheront pas d'être, pas plus qu'elles n'ont jadis empêché la terre de tourner. S'il y a véritablement un monde invisible qui nous entoure, si l'on peut communiquer avec ce monde et en obtenir des renseignements sur l'état de ceux que l'habitent, et tout le spiritisme est là dedans, avant peu cela paraîtra aussi naturelle que de voir le soleil en plein midi ou de trouver des milliers d'êtres vivants et invisibles dans une goutte d'eau limpide; cette croyance deviendra si vulgaire que vous-même serez forcé de vous rendre à l'évidence. Se, à vos yeux, cette croyance est une religion nouvelle, elle est en dehors du catholicisme; car elle ne peut être à la fois la religion catholique et une religion nouvelle. Si, par la force des choses et de l'évidence, elle devient générale, et il ne peut en être autrement si c'est une des lois de la nature, à votre point de vue il n'y aura plus de catholiques, et vous-mêmes ne serez plus catholique, car vous serez forcé de faire comme tout le monde. Voilà, monsieur l'abbé, le terrain sur lequel nous entraîne votre doctrine [...].”

⁶¹⁰ LE2. p. 458: “Le spiritisme n'est pas l'oeuvre d'un homme ; nul ne peut s'en dire le créateur, car il est aussi ancien que la création ; il se trouve partout, dans toutes les religions, et dans la religion catholique plus encore, et avec plus d'autorité, que dans les toutes autres, car on y trouve le principe de tout : les Esprits de tous les degrés, leurs rapports occultes et patents avec les hommes, les anges gardiens, la réincarnation, l'émancipation de l'âme pendant la vie, la double vue, les visions, les manifestations de tout genre, les apparitions, et mêmes les apparitions tangibles. A l'égard des démons, ce ne sont autre chose que les mauvais Esprits, et, sauf la croyance que les premiers sont voués au mal à perpétuité, tandis que la voie du progrès n'est pas interdite aux autres, il n'y a entre eux qu'une différence de nom.” É curioso observarmos que, aqui, Kardec desconsidera de maneira evidente as diferenças entre o dogma católico da *ressurreição da carne* e o dogma espírita da *reencarnação*, tratando-os como se fossem uma mesma doutrina. A fonte disso talvez esteja na questão 1010 de *Le Livre des Esprits*, na qual o Espírito São Luís afirma esta identidade.

Diante desse quadro esparso, afirma Kardec, a *ciência espírita moderna* apenas ofereceria as ferramentas necessárias para retirar essas crenças do âmbito da superstição em que a ignorância as lançara, reunindo estes princípios, anteriormente esparsos e expressos apenas em *termos alegóricos*, em uma explicação feita a partir de termos adequados, dentro de uma estrita lógica *positiva*.

Contudo a partir de 1863, apesar dessa negativa contundente do caráter religioso do Espiritismo, Kardec passou a admitir que o Espiritismo estivesse se aproximando de um *período religioso*. Assim, a questão fundamental que se coloca neste Capítulo permanece em aberto: se, durante o período *científico-filosófico* Kardec afirmou tratar-se o Espiritismo de uma *nova ciência filosófica*; não seria possível, por analogia, dizer que, em admitindo a necessidade de um *período religioso*, nosso autor tenha indiretamente admitido, contrariando seu posicionamento original, que o Espiritismo pudesse ser uma *nova religião*? Na tentativa de chegarmos a uma resposta, analisaremos a seguir o modo como Kardec compreende o surgimento e a necessidade do *período religioso*.

4.2. O período religioso

Quando em dezembro de 1863 Kardec propôs, pela primeira vez, que o Espiritismo passaria por um período religioso (após passar pelos períodos da curiosidade, científico-filosófico e de luta) não creio que ele estivesse se referindo a algum acontecimento distante no tempo e no espaço como, por exemplo, “[...] o desenvolvimento do espiritismo evangélico no Brasil [...]”⁶¹¹ a partir das primeiras décadas do século XX. Nem, tampouco, uma referência à “[...] tendência ao sincretismo com religiões tradicionais, que as pessoas e os grupos manifestam ao ter os primeiros contatos com o espiritismo [...]”⁶¹²; ou a uma “[...] fase de misticismo religioso ou predominância da mística judaico-cristã [...]”⁶¹³ no movimento espírita. Tais compreensões não correspondem ao sentido progressivo da história que Kardec herda do positivismo. Antes, a meu ver, o que o texto *Période de la lutte*, lido à luz de outras passagens da obra kardeciana, dá a entender é que, assim como os três primeiros períodos descritos se

⁶¹¹ SANTOS, Dalmo Duque dos. *Nova História do Espiritismo*. Dos precursores a Chico Xavier. Limeira: Editora do Conhecimento, 2010. p. 249.

⁶¹² Idem. *Ibidem*.

⁶¹³ Idem. *Ibidem*.

completaram velozmente, e a propagação do Espiritismo pelo mundo se deu de maneira vertiginosa, como nunca aconteceu com nenhuma outra doutrina⁶¹⁴; os três últimos também não tardariam a se completar. Naquele texto, ao falar sobre a perseguição que caracteriza o período da luta, Kardec assume um tom profundamente profético e declara:

Espíritas, não vos inquieteis, pois a saída não é duvidosa; a luta é necessária e o triunfo será o mais retumbante. Disse e repito: eu vejo a meta, sei quando e como será alcançada. Se vos falo com esta segurança é porque para isso tenho razões sobre as quais a prudência quer que me cale; mas, vós as conhecereis um dia.⁶¹⁵

Assumindo-se que o objetivo, a respeito do qual Kardec afirma saber quando e como será atingido, seja aquele que descreve o período da “[...] *renovação social* que abrirá a era do século vinte”⁶¹⁶; pode-se presumir que Kardec previa que tanto o período *religioso* quanto o *intermediário* se completariam entre o ano da publicação do texto [1863] e o fim do século XIX.

Interessante observar que, embora Kardec não tenha fornecido qualquer descrição de como seriam os períodos *religioso* e *intermediário*, ele nos oferece uma vívida descrição daquele que nomeia período da renovação social. Confirmando, assim, a ideia de que podia vê-lo claramente.

Nesta época todos os obstáculos à nova ordem de coisas desejada por Deus para a transformação da terra terão desaparecido. A geração que se levanta, imbuída de novas ideias, estará na plenitude de sua força e preparará a via daquela que inaugurará o triunfo definitivo da união, da paz e da fraternidade entre os homens unidos numa mesma crença pela prática da lei evangélica. Assim se verificarão as palavras do Cristo, uma vez que todas devem se cumprir, e várias se cumprem neste momento, pois os tempos preditos chegaram. Mas será em vão que, tomando a figura pela realidade,

⁶¹⁴ Cf.: RS. Déc/1863. *Période de la lutte*. p. 377: “[...] la rapidité de ses progrès fut telle qu’aucune doctrine philosophique ou religieuse n’en offre d’exemple”.

⁶¹⁵ Idem. Ibidem. p. 378: “Spirites, soyez donc sans inquietude, car l’issue n’est pas douteuse ; la lutte est nécessaire, et le triomphe n’en sera que plus éclatant. J’ai dit, e je le répète : je vois le but, je sais quand e comment il sera atteint. Si je vous parle avec cette assurance, c’est que j’ai pour cela des raisons sur lesquelles la prudence veut que je me faise, mais vous les connaîtrez un jour.”

⁶¹⁶ Idem. Ibidem.

vocês procurarão sinais no céu. Tais sinais estão ao seu lado e surgem de todas as partes.⁶¹⁷

Em outro momento trataremos explicitamente da aspiração utópica que se configura nessa descrição do último período do Espiritismo. Por agora, gostaria que nos detivéssemos em tentar explicitar melhor quando teria começado o chamado *período religioso* do Espiritismo e quais as suas características. O artigo de 1863, como dito acima, não nos fornece muitas informações; apenas deixa claro que “a luta determinará uma nova fase do Espiritismo e conduzirá ao quarto período, que será o *período religioso*”⁶¹⁸ Ora, Kardec está convicto de que, enquanto escreve, o Espiritismo encontra-se em pleno período de luta.⁶¹⁹ Isso significa que o período posterior se lança para um futuro, como vimos, não muito distante. Minha compreensão – e tentarei aqui demonstrar sua validade – é que a nova fase a que se refere Kardec principia com o lançamento do livro *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme* [1864].⁶²⁰ Defendo, portanto, que a publicação desta obra inaugura o *período religioso* previsto por Kardec. E mais, defendo que este período não se esgota com a publicação deste livro, mas abarca todos os últimos anos da vida de Kardec. Para mim, seus dois últimos grandes tratados espíritas, a saber, *Le Ciel et l'Enfer selon le Spiritisme* [1865] e *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme* [1868] consolidam as características do período em questão. E, no que toca a este último livro, prepararia ao mesmo tempo a concretização do objetivo final expresso nas características do *período de renovação social*.

Assim, para entendermos de que forma a publicação do tratado de 1864 teria dado início ao *período religioso*, creio precisarmos compreender de que maneira o *período da luta* determinaria a entrada do Espiritismo nessa nova fase de seu desenvolvimento. Kardec entende que desde que assumiu o *status* de sistema filosófico, com a publicação de *Le Livre des Esprits* [1857] o Espiritismo, como todas as novas ideias, despertara a atenção feroz de alguns adversários.

⁶¹⁷ Idem. Ibidem. p. 379: “A cette époque, tous les obstacles au nouvel ordre de choses voulu par Dieu pour la transformation de la terre auront disparu ; la génération qui s'élève, imbue des idées nouvelles, sera dans toute sa force, et préparera la voie de celle qui inaugurerá le triomphe définitif de l'union, de la paix et de la fraternité entre les hommes confondus dans une même croyance par la pratique de la loi évangélique. Ainsi seront vérifiées les paroles du Christ, qui toutes doivent recevoir leur accomplissement, et dont plusieurs s'accomplissent à cette heure, car les temps prédits sont arrivés. Mais c'est en vain que, prenant la figure pour la réalité, vous chercherez des signes dans le ciel ; ces signes sont à vos côtés et surgissent de toutes parts.”

⁶¹⁸ Idem. Ibidem. p. 379: “La lutte déterminera une nouvelle phase du Spiritisme et amènera la quatrième période, qui sera la *période religieuse*”.

⁶¹⁹ Idem. Ibidem. p. 378. “Nous sommes donc em plein dans la période de la lutte [...]”.

⁶²⁰ Obra que, posteriormente, ficou conhecida como *L'Évangile selon le Spiritisme*.

[...] porque toda grande ideia não pode se estabelecer sem ferir interesses; é necessário que ela se estabeleça e as pessoas deslocadas não a podem ver com bons olhos. Além disso, ao lado das pessoas interessadas estão aqueles que, por sistema, sem motivos precisos, são adversários natos de tudo quanto é novo.⁶²¹

Kardec parece repetir aqui a crítica que, desde o princípio de sua atividade espírita, dirige aos cientistas: eles negam o Espiritismo por *espírito de sistema*. Ou seja, negam-no porque negam *a priori* a própria possibilidade da existência do princípio espiritual e, conseqüentemente, negam a existência dos Espíritos e sua comunicabilidade. Ou seja, os cientistas em geral seriam contra o Espiritismo por serem *a priori* materialistas.⁶²²

No entanto, Kardec percebe que um novo tipo de adversários se levanta contra sua doutrina. Esses mesmos são os que, nos primeiros anos, duvidaram da vitalidade do Espiritismo e não lhe dirigiram muita atenção, mas que quando perceberam seu crescimento e propagação em todas as classes sociais e em todas as partes do mundo; quando viram que assumia seu lugar entre as crenças, ficaram seriamente alarmados. Descritos por Kardec como “[...] os interessados em manter ideias antigas [...]”⁶²³, tais pessoas teriam iniciado verdadeira *cruzada* contra o Espiritismo. Nesta conjuntura, segundo Kardec, começou o período da luta, cujo sinal e marco inicial seria o *auto de fé de Barcelona*, ocorrido a 9 de outubro de 1861.

Este episódio teve três protagonistas: Maurice de Lachâtre [1814-1900], Allan Kardec e, o então bispo de Barcelona, Antonio Palau y Termes [1806-1862]. Em 1861, Lachâtre⁶²⁴ escreveu a Kardec solicitando a remessa de diversos títulos espíritas que pretendia comercializar em sua livraria em Barcelona. A encomenda foi atendida por Kardec, através do correspondente de Lachâtre em Paris, que enviou a Barcelona dois caixotes contendo 300 volumes não apenas de obras suas, mas também de outros autores e editores espíritas

⁶²¹ RS. Déc/1863. *Période de la lutte*. p. 378: “[...] parce que toute grande idée ne peut s’établir sans froisser des intérêts ; il faut qu’elle se place, et les gens déplacés ne peuvent la voir d’un bon oeil ; puis, à côté des gens intéressés sont ceux qui, par système, sans motifs précis, sont les adversaires-nés de tout ce qui est nouveau.”

⁶²² Tratamos disso no Capítulo 2 desta tese.

⁶²³ RS. Déc/1863. *Période de la lutte*. p. 378.

⁶²⁴ Conta-se que Lachâtre, sobre quem já fizemos referência nesta tese como amigo e primeiro biógrafo de Kardec, havia se radicado na cidade espanhola de Barcelona como livreiro para escapar de perseguição empreendida pelo regime de Napoleão III, que o teria condenado a seis anos de prisão devido a publicação de seu *Dictionnaire Universel Illustré* [1852-1856].

franceses.⁶²⁵ Apesar de tudo haver sido feito de acordo com todas as exigências legais da alfândega espanhola, inclusive o pagamento das taxas de importação pelo destinatário, a autoridade alfandegária suspendeu a liberação da encomenda e determinou que as obras fossem avaliadas pelo bispo Antonio Palau y Termes⁶²⁶, que as considerou imorais e contrárias à fé católica, condenando-as a serem destruídas pelo fogo em praça pública.

Após receber a notícia da interdição e condenação das obras pelo bispo Termes, Kardec tentou reaver o material através de um pedido de reexportação da remessa com a alegação de que, sendo de origem francesa, embora fosse legítimo à autoridade espanhola impedir sua entrada em seu país, não cabia à mesma o direito à sua destruição. No entanto, tal pedido foi negado, sem a restituição das taxas alfandegárias pagas pelo destinatário. Segundo Kardec, o bispo Termes ao tomar conhecimento do pedido de reexportação teria assim respondido: “*A Igreja católica é universal; e o governo não pode consentir que estes livros, sendo contrários à fé católica, pervertam a moral e a religião de outros países*”.⁶²⁷

Como as reclamações acima, apresentadas por via diplomática, não surtiam qualquer efeito, Lachâtre perguntou a Kardec se valeria o esforço de recorrer a instâncias superiores. Mesmo sendo de opinião que se consumasse a arbitrariedade, Kardec resolveu consultar seu *guia espiritual*⁶²⁸, que lhe teria respondido:

Você tem o direito de reclamar estas obras e, certamente, obteria sua restituição se se dirigisse ao Ministro de Assuntos estrangeiros da França. Mas, meu conselho é que aquilo que resultará deste auto-de-fé é um bem maior do que produziria a leitura de alguns volumes. A perda material não é nada perto da repercussão que semelhante acontecimento dará à doutrina. Você compreende o quanto uma perseguição tão ridícula e tão retrógrada poderá fazer progredir o Espiritismo na Espanha. As ideias se espalharão

⁶²⁵ As informações sobre os acontecimentos que culminaram no auto de fé de 9 de outubro de 1861 foram compiladas a partir da *Revue Spirite* (Nov/1861, *La queue du moyen age*. Auto-da-fé des ouvrages Spirites à Barcelone. p. 321-325), e do volume das *Oeuvres Posthumes* (1912, p. 345-349). De acordo com a listagem publicada naquele artigo da *Revue* havia volumes da *Revue Spirite*, de *Le Livre des Esprits*, *Le Livre des Médiuns* e de *Qu'est-ce que le spiritisme*, todos de autoria de Kardec. Além destes, havia ainda volumes da *Revue Spiritualiste*, de Piérard; do *Fragment de sonate dicté par l'Esprit de Mozart*; de *Lettre d'un catholique sur le Spiritisme*, do Dr. Grand ; da *Histoire de Jeanne d'Arc*, ditada *par elle même* e recebida pela médium Ermance Dufaux ; e exemplares do livro *La Réalité des Esprits démontrée par l'écriture directe* do Barão de Guldenstubbé.

⁶²⁶ Kardec informa nas *Oeuvres Posthumes* que na Espanha a autoridade eclesiástica detinha poderes de “polícia livreira”, podendo, portanto, censurar qualquer obra.

⁶²⁷ RS. Nov/1861. *La queue du moyen âge*. p. 322: “*L'Église catholique est universelle, et ces livres étant contraire à la foi catholique, le gouvernement ne peut consentir qu'ils aillent pervertir la morale et la religion des autres pays*”. Itálico no original.

⁶²⁸ O *Espírito de Verdade*.

com tamanha velocidade, e as obras serão procuradas com mais solicitude do que se lhes poderá queimar. Tudo está bem.⁶²⁹

Teria, ainda, aconselhado Kardec a somente escrever sobre o assunto após a execução do auto de fê.

A sentença foi cumprida, conforme previamente determinado pelo eclesiástico, no dia 9 de outubro de 1861, às 10h30min na esplanada da cidade de Barcelona. No mesmo lugar onde eram executados os criminosos condenados à morte. Tudo teria sido feito sob as vistas de um padre paramentado portando uma cruz e acompanhado por *inumerável multidão* que vaiava e gritava: “A bas l’inquisition!”. E, acatando a orientação de seu *guia*, somente em novembro o assunto é publicado na *Revue*. Na conclusão do artigo, afirma o autor:

Examinando este caso do ponto de vista de suas conseqüências, diremos, inicialmente, não haver dúvida de que nada poderia ter sido mais benéfico ao Espiritismo. A perseguição sempre foi proveitosa à ideia que quiseram proscrever: pois exalta a sua importância, chama a atenção sobre ela e a torna conhecida por quantos a ignoravam. Graças a esse zelo imprudente, todo o mundo na Espanha vai ouvir falar do Espiritismo e quererá saber o que ele é; isso é tudo quanto desejamos. Podem queimar-se livros, mas não se queimam as ideias; as chamas das fogueiras as superexcitam, em vez de abafar. Aliás, as ideias estão no ar, e não há Pireneus altos o suficiente para as deter. Quando uma ideia é grande e generosa encontra milhares de pulmões prestes a aspirá-la. Façam o que quiserem, o Espiritismo já tem numerosas e profundas raízes na Espanha; as cinzas da fogueira vão fazê-las frutificar. Mas não é somente na Espanha que se produzirá tal resultado: o mundo inteiro sentirá o contragolpe. [...] Espíritas de todos os países! Não esqueçais esta data: 9 de outubro de 1861; ela será marcada nos anais do Espiritismo. Que ela seja para vós um dia de festa, e não de luto, porque é a garantia de vosso próximo triunfo!⁶³⁰

⁶²⁹ KARDEC. *Ma première...* p. 346: “En droit, tu peux réclamer ces ouvrages et tu en obtiendrais certainement la restitution en t’adressant au Ministre des Affaires étrangères de France. Mais mon avis est qu’il résultera de cet auto-da-fé un plus grand bien que ne produirait la lecture de quelques volumes. La perte matérielle n’est rien auprès du retentissement qu’un pareil fait donnera à la doctrine. Tu comprends combien une persécution aussi ridicule et aussi arriérée pourra faire progresser le Spiritisme en Espagne. Les idées s’en répandront avec d’autant plus de rapidité, et les ouvrages seront recherchés avec d’autant plus d’empressement qu’on les aura brûlés. Tout est bien.”

⁶³⁰ RS. Nov/1861. *La queue du moyen âge*. p. 323: “Si l’on examine cette affaire au point de vue de ses conséquences, nous dirons d’abord qu’il n’y a eu qu’une voix pour dire que rien ne pouvait être plus heureux pour le Spiritisme. La persécution a toujours été profitable à l’idée qu’on a voulu proscrire ; par là on en exalte l’importance, on éveille l’attention, et on la fait connaître de ceux qui l’ignoraient. Grâce à ce zèle imprudent, tout le monde, en Espagne, va entendre parler du Spiritisme et voudra savoir ce que c’est ; c’est tout ce que nous désirons. On peut brûler des livres, mais on ne brûle pas les idées ; les flammes des bûchers les surexcitent au lieu de les étouffer. Les idées, d’ailleurs, sont dans l’air, et il n’y a pas de Pyrénées assez hautes pour les arrêter ; et quand une idée est grande et généreuse, elle trouve des milliers de poitrines toutes prêtes à l’aspirer. Quoi que l’on ait fait, le Spiritisme a déjà de nombreuses et profondes racines en Espagne ; les cendres de ce bûcher vont les faire fructifier. Mais ce n’est pas en Espagne seulement que ce résultat sera produit, c’est le monde entier qui en ressentira le contrecoup. [...] Spirités de tous les pays ! n’oubliez pas cette date du 9 octobre 1861 ; elle marquera dans les fastes du Spiritisme ; qu’elle soit pour vous un jour de fête et non de deuil, car elle est le gage de votre prochain triomphe !”

É a este episódio⁶³¹ que Kardec se referirá em 1863 como tendo sido um sinal do *período de luta e perseguição* contra a nova doutrina. Consoante seu sentimento à época dos acontecimentos, nosso autor reafirma sua convicção de que a data seria um marco da história do Espiritismo: seu batismo de fogo. Uma data a ser celebrada e não lamentada pelos espíritas. Até então, assegura Kardec, o Espiritismo havia sido alvo do sarcasmo da incredulidade; a partir do início desse período o riso é substituído pela crítica colérica. “Desde este momento os ataques assumiram um caráter de violência inaudita. A palavra de ordem foi dada: sermões furibundos, mandamentos, anátemas, excomunhões, perseguições individuais, livros, brochuras, artigos de jornais, nada foi poupado, nem mesmo a calúnia”.⁶³² Neste trecho fica claro, portanto, quem são aqueles que estão interessados em manter ideias antigas e que promovem tal cruzada contra a nova doutrina: os membros do clero Católico Romano, cuja personificação é o bispo de Barcelona.⁶³³

Kardec entrevê no recrudescimento da perseguição, que agora assume características de uma *perseguição religiosa* contra o Espiritismo, um sinal de sua grande importância. Por isso não lamenta a luta que dela advém. Ao contrário, exorta os espíritas a prosseguirem corajosamente e a se rejubilarem do mesmo modo que os primeiros mártires cristãos o faziam ao se sacrificarem em nome de sua convicção. E dirá mais adiante, no artigo de 1863, que os espíritas, ao testemunharem os golpes mais baixos provocados por aqueles que os perseguem, deveriam se alegrar, pois tais coisas sinalizariam que o triunfo estava próximo. É importante notar como, a partir da determinação dos adversários que protagonizam esse período de luta,

⁶³¹ Kardec narra o fato de acordo com um relato que lhe teria sido enviado pessoalmente por alguém que assistiu à execução da sentença. Não cita, porém, o nome de seu “informante”, talvez por medo de que o mesmo sofra represálias da Igreja espanhola.

⁶³² RS. Déc/1863. *Période de la lutte*. p. 378: “Dès ce moment les attaques prirent un caractère de violence inouïe ; le mot d’ordre fut donné : sermons furibonds, mandements, anathèmes, excommunications, persécutions individuelles, livres, brochures, articles de journaux, rien ne fut épargné, pas même la calomnie”

⁶³³ Parece-me profundamente significativo que, cerca nove meses após os acontecimentos do *Auto-de-fé*, tendo o bispo de Barcelona vindo a falecer, Kardec, segundo seu próprio relato, tenha pensado em promover a evocação do Espírito de Palau y Termes na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*. No entanto, antecipando-se a este desejo, o bispo teria, então, dado comunicação espontânea, na qual se mostrou profundamente arrependido. (RS, Aoû/1862). É como se a morte houvesse lhe convertido por meio do remorso, enfim, às ideias que perseguira. Kardec, analisando a suposta comunicação, afirma: “Quando vivo, o bispo de Barcelona, via o Espiritismo através de um prisma particular, que lhe desnaturava as cores ou, melhor dizendo, não o conhecia. Agora o vê sob sua verdadeira luz e lhe sonda as profundezas. Caído o véu, já não é para ele uma simples opinião, uma teoria efêmera, que se pode sufocar nas cinzas: é um fato; é a revelação de uma lei da Natureza, lei irresistível como a força da gravitação, lei que deve, pela força das coisas, ser aceita por todos, como tudo que é natural. Eis o que agora compreende e que o fez dizer que ‘as ideias que quis queimar o queimarão’. Dito de outra forma, será tragado pelos preconceitos que o tinham levado a condená-las”. Este exemplo demonstra como a convicção de Kardec sobre o futuro do Espiritismo se sustentava na garantia de que, mais cedo ou mais tarde, todos o teriam de aceitar, não como mera opinião ou teoria, mas como lei natural, pela “força das coisas”.

toda a linguagem de Kardec se adequa ao contexto da religião. A perseguição torna-se uma cruzada; os espíritas se assemelham aos primeiros mártires cristãos; e o próprio Kardec, contrariando sua habitual circunspeção, fala como um profeta.

Tal situação esclarece de que maneira, para Kardec, a luta determinará uma nova fase para o Espiritismo e o conduzirá ao período religioso. Conforme declarará, alguns anos depois, em 1865:

[...] a Igreja, rejeitando sistematicamente os espíritas que retornavam a ela, os forçou a se retrair sobre si mesmos. Pela natureza e pela violência de seus ataques, ela ampliou a discussão e a levou para um terreno novo. O espiritismo que era apenas uma doutrina filosófica, ela o engrandeceu ao apresentá-lo como um temível inimigo. Foi a própria Igreja, enfim, que o proclamou uma nova religião. Era um equívoco, mas a paixão não raciocina.⁶³⁴

Kardec acredita, portanto, que o chamado período religioso seja fruto da reação dos espíritas que, rechaçados pela Igreja Católica Romana, retroagiram frente à natureza e à violência dos ataques à doutrina que professavam e que esperavam não entrar em contradição com sua fé católica. Foi a Igreja que conduziu o Espiritismo – até então “uma simples doutrina filosófica” – para o “terreno novo” do campo social da religião.

Em 1859, na polêmica com o abade Chesnel, Kardec já havia alertado para o equívoco que seria declarar o Espiritismo uma nova religião.⁶³⁵ Tal atitude colocaria os representantes da Igreja em situação extremamente complicada, pois, uma vez que o Espiritismo estaria inscrito dentre as leis naturais e, por isso, acabaria se impondo como crença comum tanto quanto outras conquistas da ciência, também os eclesiásticos (e o próprio Chesnel) teriam de se curvar à evidência. Ora, ao declarar o Espiritismo uma nova religião, ou seja, ao colocá-lo como contrário ao catolicismo, a autoridade eclesiástica correria o risco de, no futuro, confrontar-se com o esvaziamento e, conseqüentemente, com o fim do catolicismo. Agora, em 1865, Kardec diagnostica que o equívoco foi perpetrado. A Igreja, recusando a participação dos espíritas que dela haviam se aproximado (ou que nunca tinham se afastado)

⁶³⁴ QS. p. 83: “[...] l’Église en repoussant systématiquement les spirites qui revenaient à elle les a forcés de se replier sur eux-mêmes ; par la nature et la violence de ses attaques, elle a élargi la discussion et l’a portée sur un nouveau terrain. Le spiritisme n’était qu’une simple doctrine philosophique ; c’est elle-même qui l’a grandi en le présentant comme un ennemi redoutable ; c’est elle enfin que l’a proclamé religion nouvelle. C’était une maladresse, mais la passion ne raisonne pas.”

⁶³⁵ Cf.: RS, Jui/1859. *Réponse à la réplique de M. l’abbé Chesnel, dans l’Univers*.p. 191- 192.

os fez retroceder. Arrastou, com esta sua atitude, o Espiritismo para o novo terreno, assinando, assim, sua própria sentença de morte.

No volume das *Oeuvres Posthumes* há o registro de uma suposta comunicação datada de 9 de agosto de 1863, cujo tema é o livro *Imitation de l'Évangile* que Kardec preparava então. Eis um trecho bastante significativo desta comunicação:

Eis que se aproxima a hora em que te será necessário declarar abertamente o Espiritismo tal como é, e mostrar a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. Aproxima-se a hora em que deverás proclamar, à face do céu e da terra, o Espiritismo como a única tradição realmente cristã, a única instituição verdadeiramente divina e humana. Ao te escolherem, os Espíritos sabiam da solidez de tuas convicções, e que tua fé resistiria, como um muro de bronze, a todos os ataques.⁶³⁶

E, algumas páginas adiante, em comunicação datada de 30 de setembro de 1863, e intitulada simplesmente *L'Église* e assinada pelo *Esprit d'E*.⁶³⁷, se afirma:

Chegou a hora em que a Igreja deve prestar contas do depósito que lhe foi confiado, da maneira como ela pratica os ensinamentos do Cristo, do uso que faz de sua autoridade, enfim, do estado de incredulidade ao qual ela conduziu os espíritos. Chegou a hora em que ela deva entregar a César o que é de César e assumir a responsabilidade de todos os estes atos. Deus a julgou e a reconheceu imprópria, daqui por diante, à missão de progresso que cabe a toda autoridade espiritual. Apenas por uma transformação absoluta ela poderia viver, mas, ela se resignará a tal transformação? Não, visto que já não seria mais a Igreja. Para assimilar as descobertas feitas pela ciência, lhe seria necessário renunciar aos dogmas que lhe servem de fundamentos. A fim de voltar à prática rigorosa dos preceitos do Evangelho, deverá renunciar ao poder e à dominação, trocar o fausto e a púrpura pela simplicidade e humildade apostólicas. Ela se encontra entre duas alternativas: se se

⁶³⁶ OP. p. 353-354: “Voilà que l’heure s’approche où il te faudra ouvertement déclarer le Spiritisme pour ce qu’il est, et montrer à tous où se trouve la véritable doctrine enseignée par le Christ ; l’heure approche où, à la face du ciel et de la terre tu devras proclamer le Spiritisme comme la seule tradition réellement chrétienne, la seule institution véritablement divine et humaine. En te choisissant, les Esprits savaient la solidité de tes convictions, et que ta foi, comme un mur d’airain, résisterait à toutes les attaques.”

⁶³⁷ Possivelmente *Erasto*, que teria sido discípulo de Paulo, um Espírito amplamente citado por Kardec em várias ocasiões.

transforma, se suicida; se permanece estacionária, sucumbe sob as garras do progresso.⁶³⁸

Como declarará Herculano Pires, na introdução à sua tradução de *Le Ciel et l'Enfer*, trata-se de um julgamento do qual a Igreja Católica sairá condenada. A publicação das três últimas obras da *codificação* seria como que a publicação dos autos do processo iniciado com a *Imitation de l'Évangile*.

Será que Kardec referia-se a essas previsões quando afirmou com tanta certeza sobre o futuro triunfo do Espiritismo? Será que seriam estas as fontes de sua convicção que, em 1863, não podia revelar ainda, por prudência, mas que um dia os espíritas conheceriam? Não o sabemos. No entanto, parece-me relevante assinalar que estas comunicações, bem como todas as demais que se encontram nessa parte das *Oeuvres Posthumes* – bem como o relato autobiográfico *Ma première Initiation au Spiritisme* – foram publicadas como *Extraits in-extenso* dos manuscritos deixados por Kardec do *Livro das predições relativas ao Espiritismo*, no qual estava trabalhando quando de sua morte em 1869.

O que tais revelações nos dizem? Em primeiro lugar que a Igreja Católica teria falhado em sua missão divina e que o Espiritismo deveria, então, tomar-lhe o lugar de *verdadeira instituição divina e humana, a única tradição realmente cristã*. Não por escolha sua, ou por fatalidade, mas pela intransigência da própria Igreja em acompanhar o progresso. E, aqui, não há margem para dúvida: ao Espiritismo caberia restabelecer *a prática rigorosa dos preceitos do Evangelho* e cumprir a missão de progresso que cabe a *toda autoridade religiosa*, assimilando *as verdades e as descobertas da ciência* superando, assim, o apego a dogmas que não se sustentariam mais ante o progresso da humanidade e que causariam a descrença. A meu ver, portanto, será diante deste quadro de previsões que se tornou imperioso para Kardec assumir que o futuro reservaria ao Espiritismo um *período religioso necessário*,

⁶³⁸ OP, p. 356-357: “L’heure est venue où l’Église doit rendre compte du dépôt qui lui a été confié, la manière dont elle a pratiqué les enseignements du Christ, de l’usage qu’elle a fait de son autorité, enfin de l’état d’incrédulité où elle a conduit les esprits ; l’heure est venue où elle doit rendre à César ce qui est à César et encourir la responsabilité de tous ces actes. Dieu l’a jugée, et il l’a reconnue impropre désormais à la mission de progrès qui incombe à toute autorité spirituelle. Ce ne serait que par une transformation absolue qu’elle pourrait vivre ; mais à cette transformation se résignerait-elle ? Non, car alors elle ne serait plus l’Église ; pour s’assimiler les vérités et les découvertes de la science, il faudrait renoncer aux dogmes qui lui servent de fondements ; pour revenir à la pratique rigoureuse des préceptes de l’Évangile, il lui faudrait renoncer au pouvoir, à la domination, échanger le faste et la pourpre contre la simplicité et l’humilité apostoliques. Elle est entre deux alternatives ; si elle se transforme, elle se suicide ; si elle reste stationnaire, elle succombe sous les étreintes du progrès.”

assim como todos os demais, para o cumprimento de seu objetivo máximo: *a renovação social da humanidade*.

Contudo, de onde viria tal prerrogativa de o Espiritismo reivindicar para si o lugar de *autoridade espiritual* deixado vago pela Igreja Católica? Quais seriam suas fontes próprias de autoridade? Ou, será que o advento de um *período religioso* se resumiria a apenas isso: uma curva forçada por um agente externo? Não faria parte da natureza intrínseca do Espiritismo o caráter religioso e cristão que Kardec lhe desenha em suas três últimas obras? E, como cumpriria esta sua tarefa? Ora, como vimos, no *período científico-filosófico* o recurso à autoridade do discurso positivista foi, em grande medida, uma resposta dada por Kardec à rejeição sofrida pelo Espiritismo por parte das corporações científicas e às suas acusações de que a doutrina, baseando-se numa crença irracional, representava um retorno à superstição e à crença no sobrenatural. A fim de rebater tais acusações, Kardec defendeu que não haveria irracionalismo no Espiritismo moderno. Isso poderia ter ocorrido no passado quando os homens, desconhecendo as causas de fenômenos aparentemente inexplicáveis, os atribuíam a ação de agentes sobrenaturais. Contudo, no século XIX, o Espiritismo científico e filosófico – esclarecido, portanto – teria *naturalizado* tais fenômenos ao decifrar as leis que os comandariam.

Ainda neste *período*, ao se deparar com as críticas provindas de setores da religião cristã, Kardec utilizará o mesmo recurso à autoridade do Espiritismo como *ciência positiva* para sustentar o lugar da nova doutrina frente às religiões. Foi o que pudemos verificar na polêmica com o *abade* François Chesnel, onde Kardec defendeu que, por causa de sua posição como *ciência*, o Espiritismo se posicionaria em *terreno neutro*, fora das disputas dogmáticas e, justamente por isso, não seria uma religião. Antes, como vimos acima, seria um *poderoso auxiliar das religiões*. Mas, também, seu crítico.

No entanto, ao chegar o Espiritismo a seu *período religioso*, Kardec percebeu que tal expediente não seria suficiente para validar seu posicionamento crítico e, ainda, consolidar a ampla renovação religiosa que lhe parecia estar no destino da doutrina. Ao que parece, percebeu que seria também necessário o recurso a uma fonte de autoridade mais propriamente religiosa. Por isso, creio que a proposição da *teoria das três revelações* em 1864, discutida no Capítulo 3 desta tese, se torna um elemento extremamente significativo para caracterizar o *período religioso* e, porque não dizer, o caráter *teológico* do Espiritismo. Além disso, ganha

igualmente relevância, como se verá, a investigação da convicção de Kardec acerca da identidade de seu *guia espiritual*, o Espírito de Verdade. Assim, se no *período científico-religioso* a *escala espírita* e o *controle universal* foram apresentados como instrumentos capazes de validar o Espiritismo de seu ponto de vista *científico-filosófico*; creio que os dois expedientes acima serviriam para validá-lo do ponto de vista *religioso*. É o que pretendo demonstrar a seguir.

4.3. A terceira revelação e o Espírito de Verdade

Em nossa discussão anterior sobre o *problema da revelação espírita*, chegamos a mencionar a importância do Espírito de Verdade para o *advento providencial do Espiritismo*. Segundo Kardec, esta *entidade espiritual* estaria *presidindo* a implantação da doutrina e o crescimento do movimento que em torno dela se articulava. Dissemos que haveria, inclusive, uma relação entre este Espírito e as profecias evangélicas relativas à *segunda vinda de Jesus* e o *final dos tempos*. Mas deixamos suspensa a discussão naquele momento para, enfim, retomá-la agora, no contexto da discussão do problema religioso do Espiritismo.

Como veremos a seguir, a crença de Kardec acerca da identidade deste Espírito acabaria por se impor como uma importante fonte de autoridade e de legitimação do Espiritismo como *herdeiro espiritual do cristianismo*. Neste sentido, considero muito significativo que como *Préface* da obra *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme*, que inaugura o período religioso, Kardec tenha escolhido uma mensagem assinada pelo Espírito de Verdade e que tenha afirmado, em nota, que esta escolha se deveu porque tal mensagem resumiria, ao mesmo tempo, “[...] o verdadeiro caráter do Espiritismo e o objetivo desta obra [...]”.⁶³⁹ Diz a mensagem:

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, como um imenso exército que se movimenta ao receber o comando, espalham-se por toda a superfície da terra e, semelhantes a estrelas que caem do céu, eles vêm iluminar o caminho e abrir os olhos aos cegos. [...] Em verdade, eu vos digo, são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos. [...] As grandes vozes do céu ressoam como o som da trombeta, e os coros dos anjos se reúnem. Homens, nós vos convidamos ao divino concerto. Que vossas mãos tomem a lira; que vossas vozes se unam e

⁶³⁹ IE. p. I.

que, num hino sagrado, elas se estendam e vibrem de um extremo a outro do universo. [...] Homens, irmãos a quem amamos, estamos perto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do vosso coração, fazendo as vontades do Pai, que está nos céu: "Senhor! Senhor!" E podereis entrar no reino dos céus.⁶⁴⁰

Se, como afirmamos anteriormente, o objetivo da obra em questão é o de oferecer uma *chave* para a correta interpretação dos textos evangélicos e inserir o Espiritismo na tradição judaico-cristã através da *teoria das três revelações*. O verdadeiro caráter do Espiritismo poderia ser descrito, segundo este *Prefácio*, como *uma manifestação universal dos Espíritos do Senhor*, a fim de *restabelecer todas as coisas no seu verdadeiro sentido*. Ora, dado o teor desta obra, e daquelas que se lhe seguirão, quase totalmente voltadas para os ditos de Jesus nos Evangelhos, para a *alegorese* dos mesmos *segundo o Espiritismo*, podemos compreender que a proposta kardeciana, aqui, é a de devolver o cristianismo à sua pureza original. Parece-me ser este o *verdadeiro caráter do Espiritismo* a que Kardec se refere.

Mais adiante, nessa mesma obra, nosso autor apresentará este *Espírito de Verdade* como aquele que *presidiria* ao aparecimento do Espiritismo.⁶⁴¹ Talvez, por isso, sua importância e o reconhecimento que lhe dá Kardec ao colocar uma mensagem sua como *Prefácio* deste livro específico. Mas qual seria a verdadeira identidade deste Espírito que se apresenta, investido de tanta autoridade, sob este nome claramente alegórico? Tendo se

⁶⁴⁰ Idem. Ibidem: “Les Esprits du Seigneur, qui sont les vertus des cieux, comme une immense armée qui s'ébranle dès qu'elle en a reçu le commandement, se répandent sur toute la surface de la terre ; semblables à des étoiles qui tombent du ciel, ils viennent éclairer la route et ouvrir les yeux des aveugles. [...] Je vous le dis en vérité, les temps sont arrivés où toutes choses doivent être rétablies dans leur sens véritable pour dissiper les ténèbres, confondre les orgueilleux et glorifier les justes. [...] Les grandes voix du ciel retentissent comme le son de la trompette, et les chœurs des anges s'assemblent. [...] Hommes, nous vous convions au divin concert ; que vos mains saisissent la lyre ; que vos voix s'unissent, et qu'en un hymne sacré elles s'étendent et vibrent d'un bout de l'univers à l'autre. Hommes, frères que nous aimons, nous sommes près de vous ; aimez-vous aussi les uns les autres, et dites du fond de votre coeur, en faisant les volontés du Père qui est au ciel : « Seigneur ! Seigneur ! » et vous pourrez entrer dans le royaume des cieux.”

⁶⁴¹ ES. p. 87: “O espiritismo vem no tempo marcado cumprir a promessa do Cristo: **o Espírito de Verdade preside ao seu estabelecimento**; ele convida os homens à observância da lei; ele ensina todas as coisas ao fazer compreender aquilo que o Cristo disse apenas em parábolas”. No original: “Le spiritisme vient au temps marqué accomplir la promesse du Christ : **l'Esprit de Vérité préside à son établissement** ; il rappelle les hommes à l'observance de la loi ; il enseigne toutes choses en faisant comprendre ce que le Christ n'a dit qu'en paraboles”. Importante observar que, a esta altura, diferente do que acontecia nos primeiros anos de sua atividade espírita, Kardec não mais pensa o Espírito de Verdade como seu *guia espiritual*. A partir de agora é mais do que isso: é o *guia*, o presidente, de toda a *terceira revelação*. Esta mudança de perspectiva lhe rendeu, da parte de Jean-Baptiste Roustaing, seu contemporâneo, uma crítica severa. Para ROUSTAING, Kardec que, no princípio de sua atividade espírita fora instrumento dos Espíritos Superiores, teria, após 1861, se corrompido por causa do sucesso de sua obra. Os muitos contatos, na França e no estrangeiro, seguidos do reconhecimento como “mestre do espiritismo” e “chefe da doutrina”, teriam provocado em Kardec vaidade e “sentimentos de supremacia pessoal”. E, completa: “Assim, o *protetor* que estivera ligado à sua pessoa e à sua missão, que era a princípio somente *um ilustre filósofo da antiguidade*, foi substituído pelo próprio ESPÍRITO DE VERDADE”. (“Ainsi, le *protecteur* qui avait été attaché à sa personne et à sa mission, qui n'était dans le principe qu'un *illustre philosophe de l'antiquité*, fut remplacé par l'ESPRIT DE VÉRITÉ lui-même”. Cf.: ROUSTAING, J.-B. *Les Quatres Evangiles de J.-B. Roustaing*. Réponses a ses critiques et a ses adversaires. Bordeaux: J. Durand, 1882.p. 33).

apresentado, logo nos primeiros tempos do envolvimento de Kardec com os fenômenos mediúnicos, como seu *espírito protetor* ou *guia espiritual*, o Espírito de Verdade estaria intimamente relacionado à missão específica que o codificador entende ter-lhe sido designada pela Providência. Por isso, nosso autor sempre manifestou interesse em descobrir-lhe a verdadeira identidade escondida sob o nome altamente simbólico de *Verdade*.

As primeiras referências que encontramos a este Espírito dentro da obra kardeciana podem ser lidas nas *Oeuvres Posthumes*. No registro da sessão de 11 de dezembro de 1855, na casa dos Baudin, podemos ver Kardec consultando o Espírito Zéfiro nos seguintes termos: “Há, no mundo dos Espíritos, um que seja para mim um gênio bom?”. E, diante da resposta positiva, questiona: “Quem foi ele sobre a terra?”. – “Um homem justo e sábio”, teria respondido novamente Zéfiro.⁶⁴² Mais adiante, no mesmo dia, Kardec insiste junto a este Espírito: “Há algum tempo, quando evocamos S, nós lhe perguntamos se ele poderia ser o gênio protetor de um de nós, ele respondeu: “Que um de vós se mostre digno e eu estarei com ele: Z vo-lo dirá”. Crê que eu seja merecedor deste favor?”⁶⁴³

Diante da declaração anterior de que seu *bom gênio* teria sido “um homem justo e sábio”, e da aparente reticência de Zéfiro em declarar abertamente sua identidade, Kardec recorda-se do incidente acima e insinua que, talvez, esse protetor fosse o espírito S. Zéfiro, respondendo à questão feita, afirma somente que se Kardec o quiser S. poderá ser para ele este protetor. Bastando apenas : “Fazer todo o bem que puder e suportar as penas da vida com coragem”.⁶⁴⁴ Contudo, quem seria S, para Kardec? E, qual sua relação com a identidade do Espírito de Verdade? A resposta a essa questão não é de todo simples.

Na noite de 24 de março de 1856, Kardec estivera em seu escritório trabalhando quando, segundo seus próprios relatos⁶⁴⁵, ouviu pancadas nas paredes ao seu redor durante quatro horas consecutivas.

A princípio, não prestei nenhuma atenção nestas batidas, mas como elas persistissem, com mais força, mudando de lugar, fiz uma exploração

⁶⁴² KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 310

⁶⁴³ Idem. Ibidem. p. 311: “Lorsque, il y a quelque temps, nous avons évoqué S, et que nous lui avons demandé s’il pourrait être le génie protecteur de l’un de nous, il a répondu : « Que l’un de vous se montre digne et je serai avec lui : Z. Vous le dira ; » me crois-tu capable de cette faveur ?”

⁶⁴⁴ Idem. Ibidem. p. 311.

⁶⁴⁵ Temos duas versões deste relato. A primeira do livro *Instruction Pratique sur les manifestations spirites* [1858]; e a segunda nas *Oeuvres Posthumes*. Esta última traz o registro do suposto diálogo entretido por Kardec com seu *guia espiritual* que passa a se identificar com o nome alegórico *Verdade*.

minuciosa dos dois lados da divisória. Escutei para ver se elas provinham de outro pavimento e não descobri nada. O que havia de singular é que, a cada vez que eu me punha a investigar, o ruído cessava, e recomeçava, assim que eu retomava o trabalho.⁶⁴⁶

Assim, depois de averiguar cuidadosamente a origem dessas pancadas, sem nada descobrir, decidi recolher-se. No dia seguinte, em sessão na casa dos Baudin, tendo como médium uma das filhas do casal, Kardec narrou o fato e pediu uma explicação. Teria sido lhe dito que se tratava de seu *espírito familiar*⁶⁴⁷ que tentava se comunicar. Em seguida é instigado a perguntar diretamente a este Espírito a causa e a urgência dessa comunicação. Interrogado, o Espírito teria indicado erros no trabalho que Kardec realizava na noite anterior, chegando a indicar as linhas onde tais erros poderiam ser encontrados. Curiosamente, contudo, a primeira pergunta feita por Kardec não foi sobre o conteúdo da comunicação pretendida na noite anterior; mas, sobre a identidade deste que, naquele dia, se apresentava como seu *guia espiritual*. Por sua importância, as partes do diálogo referentes ao problema da identidade deste espírito valem a transcrição:

P. – Meu Espírito familiar, quem quer que sejas, agradeço-te por me teres visitado. Poderias dizer-me quem és? – *R.* – Para ti, eu me chamarei *A Verdade*, e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, eu estarei à tua disposição. [...] *P.* – O nome *Verdade* que tomas é uma alusão à verdade que procuro? – *R.* – Pode ser. Ou, ao menos é um guia que te protegerá e ajudará. [...] *P.* – Terás animado algum personagem conhecido sobre a terra? – *R.* – Eu te disse que, *para ti*, serei a Verdade. E este *para ti* significa discrição. Não saberás mais nada a respeito.⁶⁴⁸

Esses trechos mostram como era importante, para Kardec, conhecer a identidade daquele que se apresentava como seu *guia*. O nome alegórico *Verdade* pareceu-lhe, conforme dirá

⁶⁴⁶ KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 312: “Je n’y prêtais d’abord aucune attention ; mais comme ces coups persistaient avec plus force, en changeant de place je fis une exploration minutieuse des deux côtés de la cloison, j’écutai s’ils provenaient d’un autre étage et ne découvris rien. Ce qu’il y avait de particulier, c’est que chaque fois que je faisais des recherches, le bruit cessait, et recommençait aussitôt que je me remettais à travailler.”

⁶⁴⁷ Um dos argumentos que se usa para desacreditar que este espírito pudesse ser, posteriormente, identificado por Kardec como Jesus é o uso da expressão *espírito familiar*. No entanto, tal argumento pode ser facilmente refutado por uma nota do próprio Kardec, aposta ao diálogo, que diz: “A cette époque on ne faisait pas de distinctions entre les diverses catégories d’Esprits sympathiques; on les confondait sous la dénomination générale d’Esprits familiers”. (KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 313)

⁶⁴⁸ KARDEC. *Ma première...* op. cit. p. 313-314: “*Dem.* – Mon Esprit familier, qui que vous soyez, je vous remercie d’être venu me visiter ; voudriez-vous me dire qui vous êtes ? – *Rép.* Pour toi, je m’appellerai *La Vérité*, et tous les mois, ici, pendant un quart d’heure, je serai à ta disposition. [...] *Dem.* – Le nom de *Vérité* que vous prenez est-il une allusion à la vérité que je cherche ? – *Rép.* Peut-être ; ou du moins c’est un guide qui te protégera et t’aidera. [...] *Dem.* – Avez-vous animé quelques personnage connu sur la terre ? – *Rép.* Je t’ai dit que *pour toi*, j’étais la Vérité ; ce *pour toi* voulait dire discrétion : tu n’en sauras pas davantage.”

posteriormente, encobria a identidade de “[...] um ilustre filósofo da Antiguidade”.⁶⁴⁹ Não esclarece, contudo, quem seria este filósofo. Supondo-se que se trate aqui do mesmo S anteriormente citado, e não há porque acreditar que se trate de outro personagem, fica, a meu ver, aberta a possibilidade de que estejamos aqui tratando do filósofo grego Sócrates. Certamente se poderá contra-argumentar que essa é uma hipótese improvável, já que poderia se tratar de qualquer outro filósofo antigo cujo nome começasse pela letra S. E, de fato, preciso concordar que não há, na obra publicada de Kardec, qualquer evidência comprobatória de que ao se referir a S., Kardec falasse de Sócrates. No entanto, a ostensiva presença deste filósofo ao longo de toda obra kardeciana, seja assinando mensagens, seja como personagem fundamental da história⁶⁵⁰, são um indício da importância atribuída por nosso autor a este filósofo. O que torna, ao menos, plausível a compreensão de que a referência a S. possa ser lida como indicando o *pai da filosofia* no Ocidente.⁶⁵¹

No entanto, ainda que Kardec tenha crido assim nos primeiros anos de dedicação ao Espiritismo, em 1860 as coisas parecem ter se modificado. Como se pode verificar, ao final dos *Prolégomènes* da segunda edição de *Le Livre des Esprits*, quando Kardec transcreve os termos em que os Espíritos superiores lhe transmitiram a missão de escrever o livro, aparecem as *assinaturas* dos seguintes Espíritos: São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís, o Espírito de Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg, etc, etc. Isso nos mostra que, se a princípio Kardec chegou a acreditar que Sócrates pudesse ser o Espírito *Verdade*, em algum momento entre 1858 (quando da publicação da *Instruction Pratique*) e a publicação da segunda edição de sua obra capital, essa convicção deixou de existir.⁶⁵² Contudo, não há nesta obra nenhum indício de qual seria a nova convicção de

⁶⁴⁹ KARDEC. *Instrução prática...* op. cit. p. 102.

⁶⁵⁰ Em *L'Évangile selon le Spiritisme* [1864] Kardec apresentará Sócrates e Platão como precursores do cristianismo e do espiritismo.

⁶⁵¹ Uma informação interessante a esse respeito, provinda de duas fontes testemunhais independentes, talvez possa lançar alguma luz sobre este assunto. A primeira fonte é Carlos de BRITO IMBASSAHY que, em seu livro *Quem pergunta quer saber* (1993, p. 25), declara haver nos arquivos de Silvino Canuto Abreu uma “[...] comunicação informativa dada ao próprio Kardec na qual se esclarecia que ele, Kardec, fora Platão e que seu guia que, por vezes, se assinava com um simples “S” não era senão o próprio Sócrates: o professor sempre orientando os estudos do seu dileto aluno”. A segunda, é a médica espírita Marlene Nobre, em entrevista ao jornal *Folha Espírita* (Jun/1998) declara que, por intermédio de Canuto Abreu, teria tido acesso a documento autógrafa de Kardec onde este teria declarado: “[...] depois que Zéfiro me contou que fui Platão é que pude compreender melhor a minha missão”. (Apud. OLIVEIRA, 2008, p. 120). Apesar de controversa, uma vez que não foi possível ter acesso aos referidos arquivos que, agora, estariam em posse da família de Canuto Abreu, essa informação pode indicar que, ao menos durante algum tempo, Kardec tenha acreditado que Sócrates pudesse ser realmente a individualidade escondida sob o nome alegórico *Verdade*.

⁶⁵² A lista de nomes parece indicar não apenas que Sócrates e o Espírito de Verdade seriam, na compreensão do autor, individualidades distintas; mas, ainda, que Kardec não poderia ser Platão reencarnado. (Ver nota anterior).

Kardec acerca da identidade de seu *guia espiritual*. Exceto, talvez, a grafia do nome da entidade em questão. Se nos primeiros anos de seu trabalho de pesquisa, como podemos verificar nas *Oeuvres Posthumes*, Kardec se refere a este Espírito apenas como *a Verdade* ou *Espírito Verdade*; a partir de 1860 o nome surge grafado com sua forma definitiva: *Esprit de Vérité*. Como veremos, esse detalhe, aparentemente insignificante, poderá ser lido, à luz de textos posteriores, como uma indicação de que uma nova convicção sobre a identidade deste Espírito já se formara na mente de Kardec.

O primeiro desses textos, e talvez o mais explícito deles, é um trecho de *Le Livre des Médiuns*. No Capítulo IV da Primeira Parte desta obra Kardec, ao analisar os diversos sistemas explicativos para os fenômenos espíritas, refere-se ao que chama de *sistema uniespírita* ou *monoespírita* que consistiria na “[...] crença de que apenas um Espírito se comunica com os homens, e que este Espírito seria o *Cristo*, que é o protetor da terra”.⁶⁵³ No entanto, argumenta Kardec, tal sistema *otimista*, assim como sua versão *pessimista* que atribuiria todas as comunicações não ao Cristo, mas ao diabo; não se sustentaria diante da imensa variedade de comunicações obtidas. Algumas destas, Kardec nos assegura, da mais absoluta trivialidade, até mesmo grosseiras; outras, em linguagem sublime e extremamente consoladora. Além disso, haveria ainda aquelas que, por sua linguagem ou por oferecer fatos que atestariam a identidade de amigos ou parentes mortos, não deixariam dúvidas aos destinatários. Para todas essas comunicações, os adeptos do sistema *monoespírita*, diriam se tratar de um mesmo Espírito comunicante. Contudo, pondera Kardec:

[...] eles não dizem porque os outros Espíritos não podem se comunicar, nem com qual motivação o **Espírito de verdade** viria nos enganar, se apresentando sob falsas aparências, abusar de um pobre mãe lhe fazendo crer, equivocadamente, que tem ao seu lado o filho pelo qual chora. A razão se recusa a admitir que o **Espírito-Santo entre todos** se rebaixasse para representar semelhante comédia.⁶⁵⁴

Aqui, o *Cristo* é identificado como o *Espírito de Verdade*, o *Espírito Santo entre todos*. Neste mesmo capítulo, apenas algumas linhas acima, Kardec já o chamara de *Espírito*

⁶⁵³ LM, p 51: “[...] consiste dans la croyance qu’un seul Esprit se communique aux hommes, et que cet Esprit est le *Christ*, qui est le protecteur de la terre”.

⁶⁵⁴ LM, p. 52: “[...] ils ne disent pas pourquoi les autres Esprits ne peuvent pas se communiquer, dans quel but l’**Esprit de vérité** viendrait nous tromper en se présentant sous des fausses apparences, abuser une pauvre mère en lui faisant croire mensongèrement qu’il est l’enfant qu’elle pleure. La raison se refuse à admettre que l’**Esprit-Saint entre tous** s’abaisse à jouer une pareille comédie.” (Os negritos são meus).

do bem por excelência.⁶⁵⁵ Isto me parece ser a indicação incontestável de que, para Kardec, aquele Espírito que se apresentara nos primeiros anos de seu trabalho espírita como seu *guia espiritual*, e que ele então suspeitara ser *S*, na verdade, não seria ninguém menos que o próprio Jesus, a quem chama *o Cristo*.⁶⁵⁶ Não podemos ter certeza de quando ou de como tal convicção se formou para Kardec, mas é patente, pelas indicações que encontramos em suas obras posteriores, que essa convicção foi sustentada pelo fundador do Espiritismo até seus últimos dias de vida.⁶⁵⁷

Uma das evidências do que acabo de dizer é a re-publicação de mensagem mediúnica assinada pelo Espírito Jesus de Nazaré, e originalmente publicada em *Le Livre des Médiums*, no livro *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme* onde aparece assinada pelo *Esprit de Vérité*. Esta mensagem cria um elo de continuidade entre a obra de 1861 e esta última que, como viemos afirmando, inaugura o período religioso predito por Kardec em 1863 e, conseqüentemente, dada a morte prematura de Kardec em 1869, o último ciclo de seu pensamento.

No entanto, há intérpretes que não aceitam essa relação entre as duas mensagens como uma evidência de que Kardec acreditasse que o *Espírito de Verdade* fosse, de fato, o Cristo. Para Jorge Rizzini, por exemplo, a explicação mais plausível seria que Kardec em algum momento teria consultado o *Espírito de Verdade* sobre a autenticidade da mensagem assinada por Jesus, e seu guia teria não apenas atestado sua procedência, como teria ainda assinado ele mesmo o texto corrigido deixando patente que “[...] fora ele mesmo quem a trouxera à Terra, visto que não havia, é claro, necessidade da presença de Jesus para que fosse transmitida”.⁶⁵⁸ Ou seja, para Rizzini, embora a mensagem seja autêntica, o que significa que seu autor seria mesmo Jesus, sua transmissão teria sido feita pelo *Espírito de Verdade*, que

⁶⁵⁵ LM, p. 52.

⁶⁵⁶ Nas *Oeuvres Posthumes* encontra-se, entre os registros das primeiras reuniões, nota explicativa de Kardec após um de seus diálogos com o Espírito *Verdade*, na qual se lê: “A proteção deste Espírito, **cuja superioridade eu então estava longe de suspeitar**, nunca, de fato, me faltou” (negrito meu).

⁶⁵⁷ A revista *Universo Espírita* (n. 54, ano 5, 2008, p. 7) publicou, em sua seção *Questione*, informação supostamente contida nos mesmos arquivos de Silvino Canuto Abreu, já mencionados, de que em uma de suas cartas, depois de comentar as dificuldades que estaria enfrentando na divulgação do espiritismo, Kardec teria afirmado que, por meio de comunicação mediúnica, teria sido informado de que o Espírito de Verdade era, de fato, Jesus nos seguintes termos: “Não sei se conseguiria ter calma e controlar minha emoção se soubesse antes que o Espírito com quem conversei semanalmente era o meigo rabino de Nazaré”. O texto foi publicado na revista sem indicação de autoria. No entanto, através de correspondência pessoal com o então editor do periódico, Paulo Henrique de Figueiredo, eu pude apurar ser o mesmo o autor do referido texto. Nessa correspondência Figueiredo assegurou-me haver tido acesso ao conteúdo do documento onde consta a declaração acima, bem como a outros documentos autógrafos do fundador do espiritismo.

⁶⁵⁸ RIZZINI, Jorge. *Kardec, irmãos Fox e outros*. Capivari: EME, 1995. p. 13.

seria assim um Espírito de menor envergadura que o primeiro e que teria sido *enviado* por ele para falar em seu nome. Assim, ainda segundo Rizzini, haveria na obra kardeciana mensagens de autoria do próprio *Espírito de Verdade* e mensagens de Jesus por ele transmitidas.⁶⁵⁹

Não seria de todo impossível que Kardec pensasse assim, embora eu considere o fato pouco provável. Rizzini desconsidera evidências importantes ao sustentar sua tese. Além daquela retirada de *Le Livre des Médiums*, existe outra que, por sua clareza, deveria ser considerada. Trata-se de uma comunicação publicada no número de dezembro de 1864 da *Revue* e assinada pelo *Espírito de Verdade*. O tema da mensagem é a recente publicação do livro *Imitation de l'Évangile*. Abaixo transcrevo seu primeiro parágrafo:

Acaba de aparecer um novo livro; é uma luz mais brilhante que vem clarear a vossa marcha. **Há dezoito séculos, por ordem de meu Pai, vim trazer a palavra de Deus aos homens de boa vontade.** Esta palavra foi esquecida por um grande número, e a incredulidade, o materialismo vieram abafar o bom grão que eu tinha depositado em vossa terra. Hoje, por ordem do *Eterno*, os bons Espíritos, seus mensageiros, vêm a todos os pontos do globo fazer ouvir a trombeta retumbante. Escutai suas vozes; são destinadas a vos mostrar o caminho que conduz aos pés do Pai celestial. Sede dóceis aos seus ensinamentos; os tempos preditos são chegados; todas as profecias serão cumpridas.⁶⁶⁰

Destaquei acima a frase: “Eu vim, há dezoito séculos, por ordem de meu Pai, trazer a palavra de Deus aos homens de boa-vontade” com o propósito de chamar a atenção para o uso da primeira pessoa. Inegavelmente, quem quer que tenha escrito esta mensagem, quer dar a entender que se trata de Jesus. Porém, como nosso interesse é o de compreender qual a convicção de Kardec a respeito da identidade do *Espírito de Verdade*, mais importante que a mensagem em si mesma é a observação aditada por nosso autor. Depois de ressaltar que não leva em consideração o nome com que se identificam os Espíritos que assinam as mensagens, sobretudo aqueles que assinam o nome de *seres mais elevados*, Kardec afirma não poder garantir a autenticidade da identidade da assinatura da mensagem, mais do que de qualquer outra. E completa:

⁶⁵⁹ Cf.: RIZZINI. op. cit. p. 14.

⁶⁶⁰ RS, Déc/1864, p. 399: “Un nouveau livre vient de paraître ; c’est une lumière plus brillante qui vient éclairer votre marche. **Il y a dix-huit siècles je suis venu, par ordre de mon Père, apporter la parole de Dieu aux hommes de volonté.** Cette parole a été oubliée du plus grand nombre, et l’incrédulité, le matérialisme, sont venus étouffer le bon grain que j’avais déposé sur votre terre. Aujourd’hui, par ordre de l’*Eternel*, les bons Esprits, ses messages, viennent sur tous les points du globe faire entendre la trompette retentissante. Écoutez leurs voix ; ce sont celles destinées à vous montrer le chemin qui conduit aux pieds du Père céleste. Soyez dociles à leurs enseignements ; les temps prédits sont arrivés ; toutes les prophéties seront accomplies.”

Diremos, contudo, que não se pode negar a elevação do pensamento, a nobreza e a simplicidade das expressões, a sobriedade da linguagem e a ausência de toda superfluidade. Se se a compara às que são dadas na *Imitação do Evangelho* (prefácio e capítulo III: *O Cristo Consolador*), e que levam a mesma assinatura, ainda que obtidas por médiuns diferentes e em épocas diversas, nota-se entre elas uma analogia impressionante de tom, de estilo e de pensamentos, o que acusa uma origem única. Para nós, dizemos que *pode ser* do *Espírito de Verdade*, porque é digna dele, enquanto temos visto massas assinadas por este nome venerado ou o de Jesus, cuja prolixidade, verbosidade, vulgaridade, por vezes mesmo a trivialidade das ideias, traem a origem apócrifa aos olhos dos menos clarividentes.⁶⁶¹

Assim, a base do argumento de Rizzini, para quem, se observarmos “[...] as três mensagens finais do VI capítulo, a última do Capítulo XX e a que serviu de prefácio para ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’ [...], são de autoria do Espírito de Verdade”⁶⁶², cai através do próprio Kardec. Já que este considera que a mensagem que aparece como *Préface* e as que se encontram no capítulo *Le Christ consolateur* (sem fazer qualquer distinção entre a primeira, que Rizzini atribui a Jesus *através* do Espírito de Verdade, e as três últimas que, segundo este mesmo autor, seriam *de fato*, da autoria deste último), como provenientes de uma fonte única.

Se há, aqui, uma ressalva a ser feita ela deveria se colocar a partir da frase: “[...] nous en avons vu des masses signées de ce nom vénéré ou de celui de *Jésus* [...]”. Kardec não estaria aqui fazendo uma distinção entre o Espírito de Verdade e Jesus? Afinal, se refere a um e outro nome. No entanto, parece-me, a ambiguidade desta construção deveria ser lida sob a perspectiva aberta pela linguagem utilizada na mensagem. Quando o suposto autor da mensagem fala de si mesmo com uma linguagem que remete imediatamente o leitor à linguagem de Jesus nos Evangelhos; e quando Kardec assegura que, justamente pela análise da linguagem, pode-se atestar uma mesma e única fonte para todas as comunicações por ele publicadas e assinadas com o nome *Espírito de Verdade*, não estaria o fundador do Espiritismo atestando que essa fonte única seria, de fato, a autora daquelas mensagens? Se,

⁶⁶¹ RS, Déc/1864, p. 400: “Nous dirons toutefois qu’on ne peut y méconnaître l’élévation de la pensée, la noblesse et la simplicité des expressions, la sobriété du langage, l’absence de toute superfluité. Si on la compare à celles qui sont rapportées dans l’*Imitation de l’Évangile* (préface, et chap. III : *Le Christ consolateur*), et qui portent la même signature, quoique obtenues par des médiums différents et à diverses époques, on remarque entre elles une analogie frappante de ton, de style et des pensées qui accuse une source unique. Pour nous, nous disons qu’elle *peut être* de l’*Esprit de vérité*, parce qu’elle est digne de lui ; tandis que nous en avons vu des masses signées de ce nom vénéré ou de celui de *Jésus*, dont prolixité, la verbiage, la vulgarité, parfois même la trivialité des idées, trahissent l’origine apocryphe aux yeux des moins clairvoyants.” Kardec comete um equívoco: o capítulo cujo título é *Le Christ consolateur* não é o III, mas o VI.

⁶⁶² RIZZINI. *Kardec...* op. cit. p. 14.

para Kardec, houvesse dúvida acerca da identidade entre uma e outra personalidade não teria deixado isso mais claro em sua observação? Parece-me que, segundo essa perspectiva, a construção linguística *ce nom véneré ou de celui de Jésus* deveria ser lida não como se Kardec tratasse de duas personalidades distintas, mas de dois nomes que se referem à mesma personalidade que seria a *fonte única* de todas as mensagens assinadas ora com um, ora com outro. E, embora, Kardec se resguarde de assegurar a identidade do suposto autor, não se exime de afirmar: a linguagem não é indigna dele, portanto, é possível que seja ele mesmo.

Aliás, um dos marcos da linguagem assumida pelo Espírito de Verdade é justamente a referência a fatos e ditos de Jesus nos Evangelhos. Assim, como nesta mensagem publicada na *Revue* aparece a referência à vida e missão de Jesus *há dezoito séculos*, quando ele teria, *por ordem de seu Pai*, vindo à Terra para *trazer a palavra de Deus aos homens de boa-vontade*; a comunicação que liga *Le Livre des Médiuns à Imitation de l'Évangile* começa da seguinte maneira:

Venho, vosso Salvador e vosso juiz; venho, como outrora, em meio aos filhos transviados de Israel; venho trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O espiritismo, como antigamente minha palavra, deve recordar aos materialistas que acima deles reina imutável a verdade: Deus bom, o Deus grande que faz germinar a planta e que levanta as ondas. Eu revelei a doutrina divina; como um ceifeiro, tenho recolhido em feixes o bem esparso na humanidade, e disse: Vinde a mim, vós todos que sofreis!⁶⁶³

A esta mensagem Kardec adita, assim como àquela que analisamos anteriormente, uma observação. O teor delas é semelhante: Kardec se exime de atestar definitivamente a identidade do suposto autor (que aqui aparece como *Jesus de Nazaré*), mas ressalta que, tendo sido obtida por um dos melhores médiuns da *Sociedade Espírita de Paris*, há uma *incontestável superioridade da linguagem e das ideias* deixando, contudo, a cada leitor a

⁶⁶³ LM, p. 474: “Je viens, moi, ton Sauveur et ton juge ; je viens, comme autrefois, parmi les fils égarés d'Israël ; je viens apporter la vérité et dissiper les ténèbres. Ecoutez-moi. Le spiritisme, comme autrefois ma parole, doit rappeler aux matérialistes qu'au-dessus d'eux règne l'immuable vérité : Dieu bon, le Dieu grand qui fait germer la plante et qui soulève les flots. J'ai révélé la doctrine divine ; j'ai comme un moissonneur, lié en gerbes le bien épars dans l'humanité, et j'ai dit : Venez à moi, vous tous qui souffrez !” É importante notar, aqui, que Kardec ao republicar esta comunicação em 1864 faz várias modificações no texto original, publicado em 1861. Ele suprime, às vezes, frases e parágrafos inteiros. Outras vezes, troca palavras ou inverte as construções frasais, mudando o sentido original do texto. O exemplo deste primeiro parágrafo é bastante ilustrativo. Na versão publicada em 1864 ele aparece editado da seguinte maneira: “Je viens, comme autrefois, parmi les fils égarés d'Israël, apporter la vérité et dissiper les ténèbres. Ecoutez-moi. Le spiritisme, comme autrefois ma parole, doit rappeler aux incrédules qu'au-dessus d'eux règne l'immuable vérité : le Dieu bon, le Dieu grand qui fait germer la plante et soulève les flots. J'ai révélé la doctrine divine ; j'ai, comme un moissonneur, lié en gerbes le bien épars dans l'humanité, et j'ai dit : Venez à moi, vous tous qui souffrez !” (IE. p. 84 ; ES. p. 88-89). Como se pode notar, Kardec suprime completamente a primeira frase do texto (“Je viens, moi, ton Sauveur et ton juge [...]”); e troca a palavra *matérialiste* por *incrédules*.

liberdade de julgar por si se *aquele de quem ela traz o nome, não a desaprovava*.⁶⁶⁴ Contudo, resta a pergunta: se Kardec mesmo não confiasse na autenticidade teria publicado a mesma mensagem em duas de suas mais importantes obras?⁶⁶⁵

Assim como Jorge Rizzini, o pesquisador Carlos de Brito Imbassahy não acredita que Kardec tenha considerado em algum momento que Jesus fosse seu *guia*, o Espírito de Verdade. Em sua argumentação, este autor baseia-se no texto evangélico⁶⁶⁶ muitas vezes utilizado por Kardec, para sustentar a tese de que o Espiritismo seja o Consolador prometido por Jesus.

Não é muito óbvio que Jesus tenha sido o Espírito de Luz que guiou Kardec na trilha espírita porque, senão, em vez de dizer que **mandaria** o Espírito de Verdade, Ele teria afirmado que **voltaria como** Espírito em Verdade para completar sua “Boa Nova”. Além do mais, se Ele, como Mestre e Guia da Civilização Ocidental pode dispor de entidades elevadíssimas para grandes tarefas – como os missionários – por que não admitir que também o fizesse para transmitir a mensagem complementar do Além? [...] Sócrates parece ter um grande destino na formação filosófica e social da nossa civilização. Portanto, é bem mais provável que seja ele o mentor de toda a Codificação.⁶⁶⁷

O argumento é, basicamente, o mesmo utilizado por Rizzini que, ao responder à pergunta “o Espírito de Verdade é o Cristo?”, afirma categoricamente: “Não. Se fosse, jamais teria dito aos apóstolos: ‘... eu rogarei ao Pai e Ele vos enviará outro Consolador, para que fique eternamente conosco: o Espírito de Verdade...’”.⁶⁶⁸ De fato, esta é a formulação do texto

⁶⁶⁴ Cf.: LM, p. 476.

⁶⁶⁵ Observação importante: quando publicada em *Le Livre des Médiuns*, a comunicação assinada por Jesus de Nazaré aparece no Capítulo XXXI, intitulado *Dissertations Spirites*, na parte dedicada às comunicações que podem ser consideradas autênticas, por sua linguagem e teor. Distintas, pois, das chamadas *comunicações apócrifas* analisadas posteriormente, no mesmo Capítulo.

⁶⁶⁶ Jo 14, 15-17.26: sabemos, por uma nota de Kardec no Capítulo IV do livro *Imitation de l'Évangile* (1864, p. 3) que ele consultou, ao menos, três traduções distintas da Bíblia para suas pesquisas: a de OSTERWALD (1847); a de SACY (1843) e a de LAMENNAIS (1846). Após consultar as três referidas traduções, percebi que a citação em questão foi retirada da de SACY: “¹⁵ Si vous m'aimez, gardez mon commandements; ¹⁶ et je prierai mon Père, et il vous donnera un autre Consolateur, a fin qu'il demeure éternellement avec vous : ¹⁷ l'Esprit de vérité, que le monde ne peut recevoir, parce qu'il ne le voit point, et qu'il ne le connaît point. Mais pour vous, vous le connaîtrez, parce qu'il demeurera avec vous, et qu'il sera en vous. [...] ²⁶ Mais le Consolateur, qui est le Saint-Esprit, que mon Père enverra en mon nom, vous enseignera toutes choses, et vous fera ressouvenir de tout ce que je vous ai dit”. Contudo, Kardec insere uma pequena e, quase, imperceptível modificação no texto de SACY. No versículo 16 SACY utiliza o verbo *donner* [dar], flexionado no futuro simples *il donnera* [ele dará]. Kardec o substitui pelo verbo *envoyer* [enviar], flexionado como *il enverra* [ele enviará]. A *Bíblia de Jerusalém* oferece a seguinte tradução: “Se me amais, observareis meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos enviará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher porque não o vê nem o conhece. Vós o conheceis porque permanece convosco. [...] Mas o Paráclito, o Espírito Santo vos ensinará tudo o que eu vos disse” (Bíblia de Jerusalém, 2000).

⁶⁶⁷ BRITO IMBASSAHY, Carlos de. *Quem pergunta quer saber*. São Paulo: Petit, 1993. p. 24.

⁶⁶⁸ RIZZINI. *Kardec...* op. cit. p. 12.

evangélico, como pode ser encontrada nas mais diversas traduções, e Kardec a preservou ao citá-la. Contudo, o mais importante para nós, aqui, não é a averiguação do que Jesus teria dito, mas, perceber *como* Kardec interpreta o texto em questão. E, nesse caso, a primeira coisa a ser observada é: para Kardec, o *Consolador* e o *Espírito de Verdade* são realidades distintas. O primeiro termo refere-se a uma *doutrina consoladora*, ou seja, ao próprio Espiritismo; o segundo nomeia aquele que *preside ao seu estabelecimento*.⁶⁶⁹ Ou seja, imediatamente, a interpretação kardeciana afasta-se do sentido direto do texto do *Evangelho de João*. E faz isso, porque acredita que não se possa garantir que as palavras de Jesus tenham chegado até os dias atuais “[...] puras e completamente livre de falsas interpretações [...]”.⁶⁷⁰

No Capítulo XVII de *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme*, Kardec oferece sua completa interpretação sobre esta e outras passagens do *Evangelho de João*.⁶⁷¹ Para nosso autor, a predição do advento do *Consolador* e do *Espírito de Verdade* é uma das mais importantes do *ponto de vista religioso*, pois ela indicaria, sem sombra de dúvida, que Jesus não teria dito o que teria de dizer. Desse modo, as religiões fundadas sobre os Evangelhos não poderiam reivindicar a posse da verdade absoluta, completa. Ao fazerem isso contradizem o próprio Jesus que anuncia “[...] sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade* aquele que deve vir e ensinar todas as coisas, e fazer lembrar aquilo que ele havia dito; pois, seu ensino não estava completo”[...].⁶⁷² Ora, se à época em que falava Jesus as pessoas não estavam completamente preparadas para tudo o que ele teria para dizer, não

⁶⁶⁹ Aqui temos, ainda, mais uma evidência de que, para Kardec, o Espírito de Verdade e Jesus seriam a mesma individualidade. Comparem-se as duas seguintes passagens da obra de 1864. Primeiro esta, colocada logo no primeiro capítulo do livro, e na qual Kardec fala sobre a relação entre o Espiritismo e Jesus: “De même que Christ a dit: « Je ne viens point détruire la loi, mais l’accomplir ; » le spiritisme dit également : « Je ne vien point détruire la loi chrétienne, mais l’accomplir. » Il n’enseigne rien de contraire à ce qu’enseigne le Christ, mais il développe, complète et explique, en termes clairs pour tout le monde, ce que n’avait été dit que sous la forme allégorique ; il vient accomplir aux temps prédits ce qui Christ a annoncé, et préparer l’accomplissement des choses futures. **Il est donc l’oeuvre du Christ qui préside lui-même, ainsi qu’il la pareillement annoncé, à la régénération qui s’opère, et prépare le règne de Dieu sur la terre.**” (ES, p. 5-6). Como se vê aqui, e como discutimos no Capítulo 3, Kardec aplica o mesmo princípio hermenêutico utilizado pelos primeiros cristãos em sua releitura do judaísmo, para reler e reinterpretar os ensinamentos de Jesus nos Evangelhos. Esta estratégia reforçaria a ideia de que o Espiritismo seria *a terceira revelação da lei de Deus*. No entanto, gostaria aqui de chamar a atenção para o uso do verbo *présider*, aplicado tanto ao Cristo quanto ao *Espírito de Verdade*, como podemos ler nesta segunda passagem: “Le spiritisme vient au temps marqué accomplir la promesse du Christ : **l’Esprit de Vérité préside à son établissement** ; il rappelle les hommes à l’observance de la loi ; il enseigne toutes choses en faisant comprendre ce que le Christ n’a dit qu’en paraboles” (ES, p. 87). Embora se possa fazer uma distinção dizendo que o primeiro presidiria à *regeneração que se opera e que prepara o reino de Deus na terra*; enquanto o segundo presidiria tão somente *ao estabelecimento do Espiritismo*; é preciso ressaltar que, da comparação dos textos depreende-se que ambos são um e o mesmo projeto. O advento do Espiritismo, presidido pelo *Espírito de Verdade*, é obra do Cristo e prepara a implantação do reino de Deus na Terra.

⁶⁷⁰ GMP, p. 405.

⁶⁷¹ Jo 16, 7-14.

⁶⁷² GMP, p. 414.

seria razoável defender que em alguns anos elas estariam aptas para tanto. Tampouco que, apenas cinquenta dias após a morte de Jesus, em Pentecostes, a promessa do Consolador fosse cumprida.⁶⁷³ Segundo Kardec: “[...] desde o Cristo até nossos dias não se produziu nenhuma grande revelação que completasse o Evangelho e que elucidasses suas partes obscuras [...]”⁶⁷⁴, o que indicaria claramente, segundo Kardec, a promessa ainda não havia sido cumprida. Ao menos até aquele momento.

Qual deverá ser este enviado? Dizendo: “Pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador”, Jesus indica claramente que este Consolador não seria ele próprio. De outro modo teria dito: “Voltarei para completar aquilo que eu vos tenho ensinado”. Depois acrescenta: *A fim de que fique eternamente convosco e ele estará em vós*. Este Consolador não pode ser entendido como uma individualidade encarnada que pudesse permanecer eternamente conosco, muito menos estar em nós. Compreende-se melhor como uma doutrina que, de fato, quando é assimilada, pode estar eternamente em nós. O *Consolador* é, portanto, no pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador deve ser o *Espírito de Verdade*.⁶⁷⁵

Como se pode observar, Kardec também parte da compreensão de que Jesus e o *Consolador* por ele prometido sejam realidades distintas. No entanto, diferentemente de Brito Imbassahy e de Rizzini, ele faz ainda uma distinção entre o *Consolador* e o *Espírito de Verdade*. O primeiro, uma doutrina; o segundo, seu inspirador. Isso fica ainda mais claro no parágrafo seguinte:

O *Espiritismo* realiza, como demonstrado [...], todas as condições do *Consolador* prometido por Jesus. [...] É o produto do ensino coletivo dos Espíritos ao qual preside o Espírito de Verdade. Ele não suprime nada do Evangelho: ele o completa e elucida. Com a ajuda das novas leis que revela, em conjunto com as da ciência, ele faz compreender aquilo que era inteligível, leva a admitir a possibilidade daquilo que a incredulidade considerava inadmissível. Ele teve seus precursores e seus profetas, que

⁶⁷³ Cf.: GMP, p. 417.

⁶⁷⁴ GMP, p. 415.

⁶⁷⁵ GMP, p. 415-416: “Quel doit être cet envoyé ? Jésus disant : « Je prierai mon Père et il vous enverra un autre Consolateur, » indique clairement que ce n’est pas lui-même ; autrement il aurait dit : « Je reviendrai compléter ce que je vous ai enseigné. » Puis il ajoute : *A fin qu’il demeure éternellement avec vous, et il sera en vous*. Ceci ne saurait s’entendre d’une individualité incarné qui ne peut demeurer éternellement avec nous, et encore moins être en nous, mais se comprend très bien d’une doctrine qui, en effet, lorsqu’on se l’est assimilée, peut être éternellement en nous. Le *Consolateur* est donc, dans la pensée de Jésus, la personification d’une doctrine souverainement consolante, dont l’inspirateur doit être l’*Esprit de Vérité*.”

pressentiram sua chegada. Por sua força moralizadora, ele prepara o reino do bem sobre a terra.⁶⁷⁶

Aqui, Kardec repete o que já havia dito anteriormente⁶⁷⁷: o Espírito de Verdade preside ao estabelecimento do Espiritismo, o *Consolador*, prometido por Jesus.

Contudo, creio ser necessário juntar a essa distinção, outros elementos que reforcem a tese que estamos defendendo sobre a identidade do Espírito de Verdade. Conforme discutimos no capítulo anterior, Kardec acredita que todas as palavras do Cristo deveriam se cumprir – pois seriam verdadeiras em quaisquer épocas⁶⁷⁸– e que, de fato, muitas estariam se cumprindo naquele momento, pois os tempos preditos pelo Evangelho haviam chegado.⁶⁷⁹ Toda a questão se resumiria, portanto, em possuir ou não a chave para a verdadeira compreensão destas palavras, principalmente daquelas de cunho profético como é o caso das previsões nos Evangelhos. Ora, no papel de *Consolador* prometido por Jesus e de *terceira revelação da lei de Deus*, o Espiritismo seria a chave que faltava para uma adequada compreensão daquelas palavras e predições. Desse modo, para Kardec é verdadeira a afirmação: os tempos chegaram! Os tempos da renovação moral da humanidade, assim como o tempo previsto para *a segunda vinda do Cristo*. Kardec tratará desse tema e de sua relação com o Espiritismo no mesmo livro das *Prédications selon le Spiritisme*⁶⁸⁰, ao qual já nos referimos. No mesmo Capítulo XVII, acima citado, Kardec se dispõe a fazer a exegese das predições relativas ao *segundo advento do Cristo* [§§ 43-46]⁶⁸¹, analisando seus *sinais precursores* [§§ 47-61]⁶⁸², bem como as profecias acerca do *juízo final* [§§ 62-67].⁶⁸³ E, embora leve em consideração questões como a possibilidade de que os textos evangélicos não reproduzam as palavras exatas de Jesus, ou que o sentido das mesmas tenha se perdido através

⁶⁷⁶ GMP. p. 416: “Le *Spiritisme* réalise, comme cela été démontré [...], toutes les conditions du *Consolateur* promis par Jésus. [...] C’est le produit de l’enseignement collectif des Esprits auquel préside l’Esprit de Vérité. Il ne supprime rien de l’Évangile : il complète et l’élucide ; à l’aide des nouvelles lois qu’il révèle, jointes à celles de la science, il fait comprendre ce qui était inintelligible, admettre la possibilité de ce que l’incrédulité regardait comme inadmissible. Il a eu ses précurseurs et ses prophètes, qui ont pressenti sa venue. Par sa puissance moralisatrice, il prépare le règne du bien sur la terre.”

⁶⁷⁷ ES. p. 87.

⁶⁷⁸ GMP. p. 405.

⁶⁷⁹ RS. Déc/1863, p. 379.

⁶⁸⁰ Título da terceira grande divisão da obra *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme*.

⁶⁸¹ Mt 16, 24-28; Mc, 14, 60-63.

⁶⁸² Mt 24, 6-8; Mc 13, 12-13; Mt 24, 15-22. 29-34; Mc 13, 32; Jo 16, 20-22; Mt 24, 11-14; At 2, 17-18.

⁶⁸³ Mt 25, 31-46.

das sucessivas traduções⁶⁸⁴, sua real chave de leitura e interpretação será a presumida contribuição trazida pelo Espiritismo enquanto *terceira revelação da lei de Deus*.

Um exemplo disto é dado pela exegese de texto retirado do *Evangelho segundo Mateus*, de acordo com o qual Jesus teria afirmado: “Em verdade vos digo que alguns dos que aqui estão não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem vindo em seu Reino”.⁶⁸⁵ Para Kardec, tais palavras, se tomadas textualmente, indicariam flagrante contradição, posto que certamente, quando ele viesse, nenhum deles estaria vivo.⁶⁸⁶ Certamente não seria possível que Jesus tivesse se enganado numa previsão desta natureza. Sobretudo, porque esta em particular lhe dizia respeito pessoalmente e, porque, outras de suas predições, como a destruição de Jerusalém e a dispersão dos judeus, teriam se cumprido em seu tempo.⁶⁸⁷

A contradição, no entanto, se tornaria apenas aparente se, ao tomarmos tais palavras de forma literal, pudéssemos dispor da chave para sua correta interpretação. Kardec encontra essa chave no que chama de *lei da reencarnação*. Para o fundador do Espiritismo Jesus não pôde ensinar explicitamente sobre a reencarnação aos judeus porque estes não estariam, à época, preparados para este ensinamento. Mas, esta lei, estudada e trazida à luz pelo Espiritismo, ofereceria a *chave* para compreendermos a aparente contradição nas palavras do *Evangelho segundo Mateus*:

Uma vez que elas não podem ser aplicadas às pessoas dos apóstolos, é evidente que se referem ao reino futuro do Cristo, ou seja, ao tempo em que sua doutrina, mais bem compreendida, será a lei universal. Dizendo-lhes que *alguns daqueles que estavam ali presentes* veriam seu advento, isso só poderia ser entendido no sentido de que eles viveriam novamente nesta época. Mas os Judeus imaginavam que veriam tudo o que Jesus anunciava e tomavam suas alegorias ao pé da letra.⁶⁸⁸

Assim, Jesus, como tivesse uma visão mais ampla que os demais homens de sua época, por ser um Espírito avançado, em missão específica na Terra⁶⁸⁹, na verdade, ao falar do presente

⁶⁸⁴ GMP. p. 419.

⁶⁸⁵ Mt 16, 28

⁶⁸⁶ GMP. p. 418.

⁶⁸⁷ GMP. p. 419

⁶⁸⁸ GMP. p. 419-420: “Puisqu’elles ne peuvent s’appliquer à la personne des apôtres, il est évident qu’elles se rapportent au règne future du Christ, c’est-à-dire au temps où sa doctrine, mieux comprise, sera la loi universelle. En leur disant que *quelques-uns de ceux qui sont présents* verront son avènement, cela ne pouvait s’entendre que dans le sens qu’ils allaient revivraient à cette époque. Mais le Juifs se figuraient qu’ils allaient voir tout que Jésus annonçait, et prenaient ses allégories à la lettre.”

⁶⁸⁹ Cf.: GMP. p. 381-394.

estaria constantemente fazendo alusão ao futuro.⁶⁹⁰ Contudo, o que nos importa no momento é o significado desse método exegético, e o modo como, a partir dele, Kardec estabelece a relação entre o *advento* do Espiritismo e a *segunda vinda do Cristo*. Ora, para nosso autor:

[...] o advento do Espiritismo, coincidindo com outras circunstâncias, pela influência que deve forçosamente exercer sobre as ideias, realiza uma das mais importantes predições de Jesus. Ele é, além disso, claramente anunciado segundo o que podemos ler nos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão”. [...] Eis o anúncio inequívoco da vulgarização d mediunidade, que se revela em nossos dias em indivíduos de todas as idades, de todos os sexos e todas as condições, e, por conseguinte, da manifestação universal dos Espíritos, pois, sem os Espíritos não haveria médiuns. E isto, ele diz, acontecerá *nos últimos tempos*. Ora, uma vez que não chegamos ao fim do mundo, mas ao contrário, à sua regeneração, é necessário entender por essas palavras os últimos tempos do mundo moral, que acaba.⁶⁹¹

Desse modo, segundo Kardec, todos os *sinais precursores do segundo advento do Cristo* coincidiriam também com os sinais testemunhados à época do aparecimento do Espiritismo no mundo, de sua manifestação. O que nos levaria à seguinte questão: teria a *segunda vinda do Cristo*, de acordo com o pensamento de Kardec, se dado junto com o advento do Espiritismo? Ou este estaria somente *preparando-o*, como o precursor de um acontecimento ainda por vir?

Para respondermos a estas questões, creio ser importante relermos o primeiro parágrafo da comunicação publicada em *Le Livre des Médiuns* e, posteriormente, com algumas modificações em *l'Évangile selon le Spiritisme* antecedida do subtítulo *Avénement de l'Esprit de Vérité*:

Venho, como outrora em meio aos filhos transviados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me! O espiritismo, como antigamente minha palavra, deve recordar aos materialistas que acima deles reina imutável a verdade: Deus bom, o Deus grande que faz germinar a planta e

⁶⁹⁰ Cf.: GMP, p. 420.

⁶⁹¹ GMP, p. 426: “[...] l'avénement du Spiritisme, coïncidant avec d'autres circonstances, réalise une de plus importantes prédictions de Jésus, par l'influence qu'il doit forcément exercer sur les idées. Il est, en outre, clairement annoncé dans celle qui est rapporté aux Actes des apôtres : « Dans les derniers temps, dit le Seigneur, je répandrai de mon Esprit sur toute chair ; vos fils et vos filles prophétiseront. » [...] C'est l'annonce non équivoque de la vulgarisation de la médiumnité, qui se révèle de nos jours chez des individus de tout âge, de tout sexe et de toutes conditions, et par suite de la manifestation universelle des Esprits, car sans les Esprits il n'y aurait pas de médiums. Cela, est-il dit, arrivera *dans les derniers temps* ; or, puisque nous ne touchons pas à la fin du monde, mais au contraire à sa régénération, il faut entendre par ces mots : les derniers temps du monde moral qui finit”.

que levanta as ondas. Eu revelei a doutrina divina; como um ceifeiro, tenho recolhido em feixes o bem esparso na humanidade, e tenho dito: Vinde a mim, vós todos que sofreis!⁶⁹²

Mesmo que, nesta segunda versão da comunicação Kardec tenha excluído a frase “Je viens, moi, ton Sauveur et ton juge [...]”, presente em 1861, não me parece poder haver qualquer dúvida mais sobre a identidade Jesus, oculta sob o nome *Espírito de Verdade*. A rigor, o advento deste deveria ser, portanto, compreendido como o *segundo advento* do Cristo. E todos os *sinais precursores* desta *segunda vinda*, lidos alegoricamente, apontariam para a *manifestação* do Espiritismo no século XIX: o Filho do Homem vindo sobre as nuvens, em grande majestade, cercado de anjos e ao som de trombetas; o anúncio das grandes catástrofes: da queda das estrelas do céu ao aniquilamento do mundo.⁶⁹³ Teria sido por isso que, segundo Kardec, ao anunciar sua *segunda vinda*, Jesus disse que viria *na glória de seu Pai*⁶⁹⁴; significando com isso que viria, não em um *corpo de carne* ou *personificando o Consolador*; mas, que haveria de vir *em Espírito*.⁶⁹⁵ Haveria, no entanto, grandes verdades ocultas sob essas alegorias, afirma Kardec:

Há, em primeiro lugar, a predição das calamidades de todo gênero que assolarão e dizimarão a humanidade. Calamidades engendradas pela luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Em segundo lugar, a da difusão, por toda a terra, do Evangelho *restabelecido em sua pureza primitiva*; depois, a do reino do bem, que será o da paz e da fraternidade universal, que resultará do código de moral evangélico, posto em prática por todos os povos. Será verdadeiramente o reino de Jesus, pois que Ele presidirá à seu estabelecimento, e os homens viverão sob a égide da sua lei. Será o reino da felicidade, pois, Ele diz: “depois dos dias de aflição, virão os de alegria”.⁶⁹⁶

Assim, diante deste quadro, as previsões sobre o *fim dos tempos* também precisariam ser relidas e reinterpretadas. Não mais compreendidas como um real *fim do mundo*, sua

⁶⁹² IE. p. 84 ; ES. p. 88-89.

⁶⁹³ Cf.: Gen, p. 501-506.

⁶⁹⁴ Mt 16, 24-28.

⁶⁹⁵ Cf.: GMP. p. 418.

⁶⁹⁶ GMP. p. 423-424: “C'est, d'abord, l'annonce des calamités de tout genre qui frapperont l'humanité et la décimeront ; calamités engendrées par la lutte suprême entre le bien et le mal, la foi et l'incredulité, les idées progressives et les idées rétrogrades. Secondement, celle de la diffusion, par toute la terre, de l'Évangile *rétabli dans sa pureté primitive* ; puis, le règne du bien, qui sera celui de la paix et de la fraternité universelle, sortira du code de morale évangélique mis en pratique par tous les peuples. Ce sera véritablement le règne de Jésus, puisqu'il présidera à son établissement, et que les hommes vivront sous l'égide de sa loi ; règne de bonheur, car, dit-il, « après les jours d'affliction viendront les jours de joie ».”

destruição, pois, não seria racional, segundo Kardec, supor que Deus destruiria o mundo no momento em que ele, enfim, encontraria o caminho da prática dos ensinamentos do Evangelho e provocaria uma significativa melhora moral na humanidade.⁶⁹⁷ Isso, a rigor, traria a vitória do bem sobre o mal e, na verdade, deveria iniciar uma espécie de *era dourada* para a Terra. A era que, em 1857, Kardec já denominara de *era de regeneração da humanidade*. “É, pois, o fim do *mundo velho*, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez, por todas as más paixões [...]”⁶⁹⁸, que o Cristo teria aludido, ao dizer: “Quando o Evangelho for pregado em toda a Terra, então é que virá o fim”.⁶⁹⁹

Lido à luz desta conclusão, o *Préface* da obra de 1864, que citamos anteriormente e que, segundo Kardec, resumiria o verdadeiro caráter do Espiritismo, nos aparece sob uma nova perspectiva:

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, como um imenso exército que se movimenta ao receber o comando, espalham-se por toda a superfície da terra e, semelhantes a estrelas que caem do céu, eles vêm iluminar o caminho e abrir os olhos aos cegos. [...] Em verdade, eu vos digo, são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos. [...] As grandes vozes do céu ressoam como o som da trombeta, e os coros dos anjos se reúnem. Homens, nós vos convidamos ao divino concerto. Que vossas mãos tomem a lira; que vossas vozes se unam e que, num hino sagrado, elas se estendam e vibrem de um extremo a outro do universo. [...] Homens, irmãos a quem amamos, estamos perto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do vosso coração, fazendo as vontades do Pai, que está nos céu: "Senhor! Senhor!" E podereis entrar no reino dos céus.⁷⁰⁰

⁶⁹⁷ Uma coisa ressalta da passagem citada acima: Kardec realmente acreditava que *os tempos previstos* nos evangelhos para o *fim dos tempos* haviam chegado em sua época. Tanto assim que nas *Oeuvres Posthumes* existe um registro, datado de 24 de janeiro de 1860, no qual Kardec estima que teria ainda dez anos para concluir seus trabalhos em relação à doutrina. A este registro, em dezembro de 1866, Kardec aditou a seguinte nota: “Já publiquei quatro volumes substanciosos, sem falar de coisas acessórias. Os Espíritos pedem com insistência para que eu publique *A Gênese* em 1867, antes das perturbações. Durante **o período da grande perturbação** terei de trabalhar nos livros complementares da Doutrina, que só deverão aparecer depois da **forte tormenta** e para os quais precisarei de três ou quatro anos. Isso nos leva, o mais cedo, a 1870, isto é, cerca de dez anos”. (OP, p. 385). Esta passagem testemunha o quanto Kardec estava envolvido, nos últimos anos de sua vida, com a expectativa da chegada de uma grande transformação ao mundo. Esta expectativa, de teor místico e milenarista, projetava para o século XX a responsabilidade de uma *nova era* para a humanidade.

⁶⁹⁸ GMP. p. 425.

⁶⁹⁹ GMP. p. 425. Referência ao trecho do *Evangelho segundo Mateus*: “E este Evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testemunho para todas as nações. E então virá o Fim” (Mt 24, 14).

⁷⁰⁰ IE. p. I. / ES. p. II.

Ela vincula o livro que inaugura o período *religioso* do Espiritismo, ao cumprimento de *todas* as previsões dos Evangelhos atribuídas a Jesus. Ora, como dissemos, a apresentação do Espiritismo como *terceira revelação da lei de Deus* e o estabelecimento da *identidade do Espírito de Verdade*, se converteriam nas bases da pretensão de Kardec de que sua doutrina e o movimento que em torno dela se articulavam, seriam legitimamente os sucessores históricos e proféticos do cristianismo. Ao contrário, portanto, do que teria ocorrido no período *científico-filosófico*, a doutrina retiraria sua autoridade não do *método* de sua elaboração, mas do fato de que o próprio Jesus presidiria à sua *revelação*.

4.4. O Espiritismo: uma *nova religião*?

“O Espiritismo, que é o cristianismo apropriado ao desenvolvimento da inteligência e livre dos abusos, crescerá do mesmo modo sob a perseguição, porque ele também é uma verdade”⁷⁰¹, assim descreve Kardec em 1865 a ligação entre as duas últimas grandes revelações. Como vimos, o *período religioso* teria se iniciado a partir da *luta* travada contra a nova doutrina pela Igreja, especialmente a Católica Romana, à qual Kardec já havia identificado como portadora de *todos* os princípios espíritas.⁷⁰² Desse modo, a Igreja teria lançado o Espiritismo em um novo terreno, fazendo com que deixasse de lado seu caráter de *simples doutrina filosófica*, tornando-o *uma nova religião*. Contudo, como viemos analisando neste capítulo, o Espiritismo teria entrado em seu período *religioso* não apenas por uma pressão externa, haveria algo em sua natureza que o teria inclinado nessa direção. Algo que, às vezes, Kardec parece não conseguir ou não querer enxergar. Ao insistir nos *laços* que uniriam Espiritismo e cristianismo; ao colocar o primeiro como uma versão aprimorada do segundo; ao identificar o *advento do Espiritismo* como o momento histórico previsto nos Evangelhos para a *segunda vinda do Cristo*; Kardec estaria, a meu ver, fortalecendo o caráter teológico da doutrina, e, conseqüentemente, favorecendo que o movimento social articulado ao seu redor, enfim, se organizasse como uma *instituição religiosa* plenamente constituída.

Nos próximos passos de nossa investigação gostaria de demonstrar como o início do *período religioso* parece ter modificado o modo como Kardec encarava a problemática

⁷⁰¹ RE, Jun/1865, p. 188: "Le Spiritisme, qui est le christianisme approprié au développement de l'intelligence et dégagé des abus, grandira de même sous la persécution, parce que lui aussi est une vérité".

⁷⁰² LE2. Conclusion.

religiosa do Espiritismo. Embora, conforme veremos a seguir, ele ainda tenha tentado manter a coerência interna de sua obra, criando uma espécie de artifício com o qual poderia, ao mesmo tempo, negar que o Espiritismo fosse *uma religião* e afirmar que ele seria *religião*; em 1868 parece menos reticente ao tratar do tema. O Espiritismo que, em 1864 foi proposto por ele como um *traço de união* entre *ciência* e *religião*, agora se apresentaria descrito como *religião em sentido filosófico*. Essa expressão, que tem gerado alguma controvérsia entre os intérpretes da obra kardeciana e tem sido utilizada tanto para negar quanto para afirmar o caráter religioso do Espiritismo, a meu ver, ainda carece de um melhor entendimento. Buscar esse entendimento é o que faremos no primeiro tópico dessa seção.

Em seguida precisaremos problematizar uma distinção que fizemos no primeiro capítulo desta tese a respeito dos *três sentidos* que se encontram implicados na palavra Espiritismo: *fenômenos*, *doutrina* e *movimento*. Focaremos nossa análise, principalmente no último deles, para compreendermos o alcance da proposta kardeciana de *organização do Espiritismo*. Nossa intenção é a de, com isso, mostrarmos que todo o processo de nascimento e consolidação do Espiritismo, protagonizado por Kardec, culminaria na *emergência de um novo movimento social* que, por suas características, acabaria por se configurar como uma *nova religião*, tal como previra o abade Chesnel, em 1859.

4.4.1. Uma *religião em sentido filosófico*

A 1º de Novembro de 1868, diante da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, Allan Kardec, como era seu costume, pronunciou um discurso na *Sessão Anual Comemorativa do dia dos Mortos*. O título dessa comunicação – posteriormente publicada na *Revue Spirite*⁷⁰³ – foi: *O Espiritismo é uma religião?*; o que a torna fonte fundamental para nossa discussão. Por ter sido publicado apenas alguns meses antes da morte de seu autor, este texto muitas vezes tem sido apontado como o posicionamento definitivo de Kardec acerca do problema religioso do Espiritismo.

De fato, como o título sugere, Kardec pretende responder de forma categórica ao questionamento sobre a natureza religiosa do Espiritismo. Ao que me parece, contudo, sua preocupação não é mais dizer *se* o Espiritismo seria uma religião; mas, sim, justificar *como*

⁷⁰³ RS. *Le Spiritisme est-il une religion?* Déc/1868. p. 353-362.

ele poderia sê-lo. Tal como viemos afirmando, a inserção explícita de características inquestionavelmente religiosas em seus escritos parece ter gerado para Kardec um problema em torno da coerência interna de sua obra. Se, no período *científico-filosófico*, nosso autor havia definido a identidade do Espiritismo com base em sua *diferença* frente à religião, como, agora, poderia agregar ao mesmo tais características? Como poderia insistir na necessidade de que o Espiritismo entrasse num período *religioso* e continuar negando que ele seria uma *nova religião*? Creio que este texto, a seu modo, pretende responder a tais questionamentos.

A primeira coisa que podemos notar ao lermos o *discurso* é que Kardec tenta abordar o problema do caráter religioso do Espiritismo por um novo viés. Não mais pela negação, mas pela afirmação. Por isso dizíamos acima que se trata antes de justificar *como* o Espiritismo pode ser chamado de *religião*, mais do que discutir novamente *se* ele o seria. Sim, dirá Kardec, o Espiritismo é *religião*, mas é preciso compreender bem o que esta palavra significa aqui. Segundo ele haveria, sob esta palavra, *duas ideias diferentes*: primeiro a *opinião geral*, ou o sentido comum, que ligaria a palavra *religião* à experiência geral das *religiões positivas* com seu culto, templos, hierarquias, dogmas, etc. A segunda, que seria a única aplicável ao Espiritismo, uma ideia geral, baseada no sentido etimológico da palavra *religião*, espécie de *gênero* do qual a *religião em sentido comum* seria uma especialidade, e que poderíamos chamar, em consonância com seu pensamento, de *religião em sentido filosófico*. No entanto não apenas a *religião em sentido comum* estaria incluída neste *gênero* a que nos referimos. Antes, poder-se-ia falar, segundo Kardec, em *religião política*, ou na *religião da amizade* e na *religião da família*. Isto porque “[...] a palavra *religião* quer dizer *laço*. Uma religião, em sua acepção larga e verdadeira, é um laço que *religa* os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças [...]”.⁷⁰⁴ Neste sentido:

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, essencialmente moral, que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunhão de vistas e de sentimentos, *a fraternidade e a solidariedade*, a indulgência e a benevolência mútuas. [...] Se é assim, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores! No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos gloriamos disto, porque é a doutrina que funda os laços da fraternidade e

⁷⁰⁴ Idem. Ibidem. p. 358: “[...] le mot *religion* veut dire *lien*; une religion, dans son acception large et vraie, est un lien qui *relie* les hommes dans une communauté de sentiments, des principes et croyances [...]”.

da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da natureza.⁷⁰⁵

Assim, embora preserve, em sua definição, a generalizada etimologia da palavra religião que remete sua origem ao latim *religare* (religar), ele a converte numa *religação horizontal*, entre iguais que compartilhariam um mesmo conjunto de *sentimentos, de princípios e de crenças*. E, como podemos perceber, tal como havia feito anteriormente com o conceito de *revelação*, Kardec procura ampliar o sentido da palavra *religião* a fim de que ela, quando aplicada ao Espiritismo, não o apresentasse como “[...] mais uma edição, uma variante, se se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; [...] as ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou”.⁷⁰⁶

Ora, para escapar disto é que Kardec tenta construir este conceito alternativo sob o qual poderia encampar o Espiritismo. No entanto, sua tentativa de propor o Espiritismo como uma espécie de *religião laica*, diferente das *religiões históricas*, contempladas pelo *sentido comum da palavra*, parece ter ainda outra motivação. Já tivemos oportunidade de sugerir, no primeiro capítulo desta tese, que Kardec teria desde sua adolescência cultivado o desejo de promover uma *reforma religiosa* visando à *unificação de todas as crenças*. Este fato, descrito por Maurice Lachâtre em seu *Dictionnaire Universel* e nunca contestado por Kardec, pode ser a chave da compreensão do esforço empreendido pelo codificador em livrar o Espiritismo do epíteto de *religião* em seu sentido *forte*.

Como dissemos, Kardec acredita que com o advento do Espiritismo teria tido início o cumprimento de todas as profecias de Jesus acerca do *fim dos tempos*: a chegada do Consolador, a segunda vinda de Jesus, a nova era de regeneração da Humanidade. Há, no entanto, outra profecia que nós ainda não discutimos. Trata-se do seguinte dito atribuído a Jesus pelo *Evangelho segundo João*: “Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil:

⁷⁰⁵ Idem. Ibidem. p. 358-359: “Le lien établi par une religion, quel qu'en soit l'objet, est donc un lien essentiellement moral, qui relie les coeurs, qui identifie les pensées, les aspirations, et n'est pas seulement le fait d'engagements matériels qu'on brise à volonté, ou de l'accomplissement de formules qui parlent aux yeux plus qu'à l'esprit. L'effet de ce lien moral est d'établir entre ceux qu'il unit, comme conséquence de la communauté de vues et de sentiments, *la fraternité et la solidarité*, l'indulgence et la bienveillance mutuelles. [...] S'il en est ainsi, dira-t-on, le Spiritisme est donc une religion ? Eh bien, oui ! sans doute, Messieurs ; dans le sens philosophique, le Spiritisme est une religion, et nous nous en glorifions, parce que c'est la doctrine qui fonde les liens de la fraternité et de la communion de pensées, non pas sur une simple convention, mais sur les bases les plus solides : les lois mêmes de la nature.”

⁷⁰⁶ Idem. Ibidem. p. 359.

devo conduzi-las também; elas ouvirão a minha voz; então haverá um só rebanho, um só pastor”⁷⁰⁷; ao qual Kardec compreende como a predição de que “[...] os homens, um dia se unirão por uma crença única [...]”.⁷⁰⁸ Esta união, por difícil que pareça devido às grandes diferenças que existem entre as diversas religiões, a seu antagonismo e pretensão de verdade absoluta, deveria se dar, segundo Kardec, “[...] pela força das coisas, porque se tornará uma necessidade, a fim de que se estreitem os laços de fraternidade entre as nações [...]”, bem como “[...] pelo desenvolvimento da razão humana [...], pelo progresso das ciências [...]”.⁷⁰⁹

Contudo, a fim de que esta unidade pudesse se dar, as religiões precisariam se encontrar em um terreno neutro, espécie de *solo comum* a todas. E, muito embora, neste capítulo de *La Genèse*, Kardec não diga claramente que o Espiritismo seja este *terreno neutro*, há razões para acreditarmos que seja este o ponto que defenda. Isso porque quando afirmava ser o Espiritismo o maior auxiliar das religiões, sempre fez questão de frisar que assim o era porque ele comprovaria os *fundamentos comuns a todas as religiões*: Deus, imortalidade da alma e vida após a morte. Da mesma forma, agora, no *discurso* de 1868, ao falar sobre a *religião do Espiritismo*, apresentará o seu *Credo* – e ele usa exatamente esta palavra – como a “[...] religião que pode conciliar-se com todos os cultos, isto é, com todas as formas de adorar a Deus”.⁷¹⁰

O ponto ao qual desejo chamar atenção aqui é o seguinte: Kardec teria evitado chamar o Espiritismo de *religião* porque, segundo sua compreensão, até aquele momento todas as religiões teriam se tornado dogmáticas e sectárias. Assim, se ele declarasse o Espiritismo como uma *nova religião*, isso acabaria por levá-lo a essa vala comum das disputas dogmáticas. E, mesmo tendo que admitir a proximidade de um período religioso para o Espiritismo, tendo de admitir que, sim, ele poderia ser chamado de *religião*, ainda deseja preservar a doutrina como o *terreno neutro* onde *todas as crenças poderiam se unir*. O problema aqui é que Kardec não leva em conta que aquilo que ele chama de *dogmas* seria, de fato, o *Credo* de cada uma dessas religiões que ele pretende unificar sob o *Credo* do Espiritismo. Ora, não sendo este *Credo* senão o conjunto de suas crenças distintivas de uma religião – esse o sentido originário da palavra *dogma* –, ao propor que as demais religiões,

⁷⁰⁷ Jo 10,16.

⁷⁰⁸ GMP. p. 410.

⁷⁰⁹ Idem. Ibidem. p. 410.

⁷¹⁰ RS. *Le Spiritisme est-il une religion?* Déc/1868. p. 361.

abrindo mão de suas próprias crenças, adotassem os princípios espíritas, Kardec estaria propondo que elas abrissem mão de suas identidades e se tornassem, em última análise, espíritas. Ou seja, que se convertessem.

Este parece ser o caso relativo à Igreja Católica, a grande interlocutora e adversária do Espiritismo religioso, segundo o próprio Kardec. Como se sabe, o dogma da ressurreição da carne é um dos dogmas centrais desta forma de cristianismo. E, como vimos, Kardec se propôs a reinterpretar este dogma a fim de harmonizá-lo com o dogma, caracteristicamente espírita, da reencarnação. No entanto, nem mesmo no chamado Espiritualismo Moderno, que como o Espiritismo estava fundado sobre os fenômenos mediúnicos, a aceitação da reencarnação foi unânime. Arthur Conan Doyle, em sua *História do Espiritualismo*, publicada em 1926, mais de cinquenta anos após a morte de Kardec, chama atenção para este fato:

A filosofia espírita distingue-se pela crença de que nosso progresso espiritual se efetua por meio de uma série de encarnações. [...] Os espiritualistas da Inglaterra não têm decisão firmada sobre a reencarnação. Alguns a aceitam, muitos não. A atitude geral é no sentido de que, como não se pode provar a doutrina da reencarnação, é melhor excluí-la da política ativa do Espiritualismo.⁷¹¹

Kardec tinha consciência de que este dogma, característico de sua doutrina, não era aceito unanimemente pelos espiritualistas. Chegou mesmo a teorizar sobre os porquês da divergência no ensino dos Espíritos na França e nos Estados Unidos:

De todos os princípios da doutrina, o que encontrou mais oposição na América – e por América deve entender-se exclusivamente os Estados Unidos – foi o da reencarnação. Pode mesmo dizer-se que é a única divergência capital, prendendo-se as outras mais à forma do que ao fundo, e isto porque ali os Espíritos não a ensinaram. Expliquemos os motivos disto. Os Espíritos procedem em toda parte com sabedoria e prudência; para se fazerem aceitar, evitam chocar muito bruscamente as ideias preconcebidas. Não irão dizer de chofre a um muçulmano que Maomé é um impostor. Nos Estados Unidos o dogma da reencarnação teria vindo chocar-se contra os preconceitos de cor, tão profundamente enraizados naquele país; o essencial era fazer aceitar o princípio fundamental da comunicação do mundo visível com o mundo invisível; as questões de detalhe deveriam vir a seu tempo. Ora, é indubitável que esse obstáculo acabará por desaparecer, e que um dos

⁷¹¹ DOYLE. *História do Espiritualismo*. op. cit. p. 431.434.

resultados da guerra atual será o gradativo enfraquecimento de preconceitos, verdadeira anomalia numa nação tão liberal.⁷¹²

Embora Kardec, aqui, limite a divergência doutrinária com o movimento espiritualista dos Estados Unidos – nós sabemos, graças a Conan Doyle, que não se tratava *exclusivamente* de uma postura adotada naquele país – seu raciocínio é bastante ilustrativo. Sua convicção de que, estando os princípios do Espiritismo inscritos na *lei divina* ou *natural* eles acabariam se impondo a todos pela *força das coisas*, era tão intensa, que ele não podia admitir a divergência entre os supostos ensinamentos dos Espíritos nos dois países como uma questão relevante e, simplesmente, limitou-se a aplicar um argumento *ad hoc* para evitá-la.

De forma semelhante, por não aceitarem os princípios espíritas, as religiões são descritas por Kardec como instituições *conservadoras*, que reivindicam a exclusividade da *verdade absoluta*, e que, embora afirmem desejar a *unidade das crenças*, cada uma delas “[...] se vangloria de que essa unidade se fará em seu proveito e nenhuma admite a possibilidade de fazer qualquer concessão às suas crenças”.⁷¹³ Ora, como dizíamos, para Kardec: “A fim de chegarem à unidade, as religiões terão que se encontrar num terreno neutro, se bem que comum a todas; para isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios, maiores ou menores, conforme a multiplicidade de seus dogmas particulares”.⁷¹⁴ Sendo assim, se Kardec admitisse que o Espiritismo seria mais uma religião dentre outras, isso significaria que a ele também caberia fazer concessões. Ao contrário, reafirmando seu caráter *científico*, supostamente objetivo e *supra-dogmático*, o Espiritismo poderia propor a si mesmo como aquele *terreno neutro*, no qual a união se tornaria possível.

No estado atual da opinião e dos conhecimentos, a religião, que terá um dia de reunir todos os homens sob a mesma bandeira, será aquela que melhor satisfizer à razão e às legítimas aspirações do coração e do espírito; que não

⁷¹² RS. Mai/1864, p. 201-202: “De tous les principes de la doctrine, celui qui a rencontré le plus d'opposition en Amérique, et par l'Amérique il faut entendre exclusivement les États-Unis, c'est celui de la réincarnation ; on peut même dire que c'est la seule divergence capitale, les autres tenant plutôt à la forme qu'au fond, et cela, parce que les Esprits ne l'y ont pas enseigné ; nous en avons expliqué les motifs. Les Esprits procèdent partout avec sagesse et prudence ; pour se faire accepter, ils évitent de choquer trop brusquement les idées reçues ; ils n'iront pas dire de but en blanc à un musulman que Mahomet est un imposteur. Aux États-Unis, le dogme de la réincarnation serait venu se heurter contre les préjugés de couleur, si profondément enracinés dans ce pays ; l'essentiel était de faire accepter le principe fondamental de la communication du monde visible et du monde invisible ; les questions de détail devaient venir en leur temps. Or, il n'est pas douteux que cet obstacle finira par disparaître, et qu'un des résultats de la guerre actuelle sera l'affaiblissement graduel de préjugés qui sont une anomalie chez une nation aussi libérale.”

⁷¹³ GMP. p. 411.

⁷¹⁴ Idem. Ibidem.

for em nenhum ponto desmentida pela ciência positiva; que, em vez de se imobilizar, acompanhe a humanidade em sua marcha progressiva, sem nunca se deixar ultrapassar; que não for exclusivista, nem intolerante; que for emancipadora da inteligência, só admitindo a fé fundamentada; aquela cujo código de moral for o mais puro, o mais racional, o mais de harmonia com as necessidades sociais, o mais apropriado, enfim, a fundar sobre a terra o reino do bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais.⁷¹⁵

Deste modo, ao qualificar o Espiritismo como *religião em sentido filosófico*, Kardec estaria, mais uma vez, tentando reafirmar a *precedência epistemológica* da *ciência espírita* sobre o domínio do saber religioso, tal como o fizera anteriormente através do conceito de *revelação*. Poderia tê-la chamado também de *religião científica*, já que insiste que o Espiritismo *fundamentaria cientificamente* as bases das religiões históricas. Em outras palavras: o Espiritismo seria algo como uma *meta-religião*, a única capaz de *unir os homens em torno de uma mesma crença*. Mas, ainda assim, uma *nova religião*.

4.4.2. A organização do Espiritismo

Quando, em 1868, Kardec finalmente aceita chamar o Espiritismo de religião, mas religião em *sentido filosófico*, ou seja, ideal, plenamente moral e não sectária; uma questão invariavelmente se coloca: uma religião assim não deveria ser uma religião exclusivamente individual e individualista? Obviamente, esta não é a intenção de Kardec. Todo o *discurso* de 1868 fala da *religião* como fundada sobre a comunhão de pensamentos, do *laço* que uniria os homens entre si e em torno a *sentimentos, princípios e crenças*. Ou seja, para Kardec, por sua própria definição, a *religião* é algo que se faz numa *comunidade*.

Como vimos, ao definir o Espiritismo como *religião em sentido filosófico*, Kardec tem em mente o que considera uma das missões de sua vida e do próprio Espiritismo: *unir a humanidade em torno a uma única crença*. Contudo, como vimos também, o próprio *movimento espiritualista* parece estar dividido. De um lado os espíritas com sua crença na reencarnação; de outro os *espiritualistas americanos* que não teriam dela recebido o ensino

⁷¹⁵ Idem. Ibidem. p. 411-412: “Dans l'état actuel de l'opinion et des connaissances, la religion qui devra rallier un jour tous les hommes, sous un même drapeau, sera celle qui satisfera le mieux la raison et les legitimes aspirations du coeur et de l'esprit ; qui ne sera sur aucun point démentie par la science positive ; qui, au lieu de s'immobiliser, suivra l'humanité dans sa marche progressive sans se laisser jamais dépasser ; qui ne sera ni exclusive ni intolérante ; qui sera émancipatrice de l'intelligence en n'admettant que la foi raisonnée ; celle dont le code de morale sera le plus pur, le plus rationnel, le plus en harmonie avec les besoins sociaux, le plus propre enfin à fonder sur la terre le règne du bien, par la pratique de la charité et de la fraternité universelles.”

por parte dos Espíritos. Até a nomenclatura os diferenciava. Por um lado, o nome Espiritismo não foi adotado fora do círculo de influência de Kardec e de sua obra. Por outro, nosso autor insistia em se referir aos *espiritualistas* em geral como *espíritas*, e à sua crença como Espiritismo. Assim, por exemplo, o artigo que citamos acima, no qual Kardec aponta a diferença acerca da crença na reencarnação na América e na Europa, se intitula *A Escola Espírita Americana*. Tais posturas, de um e outro lado, parecem ter gerado alguma animosidade. O que teria levado Camille Flammarion, em seu discurso pronunciado frente ao túmulo aberto de Kardec, acusá-lo de ter *criado uma escola de feição pessoal*. O fato é que havia divisão e Kardec reconhecia isto. Ora, diante deste quadro, como poderia o Espiritismo cumprir sua missão de *unir as crenças* se ele mesmo encontrava-se dividido? Como ele seria o *laço* para a *unificação das religiões*, se não fortalecesse seus próprios *laços* internos?

Como gesto de boa-vontade, Kardec publica no número de abril de 1869, o último antes de sua morte, um artigo intitulado *Profissão de fé espírita americana*. Neste artigo, com base numa *declaração de princípios* que teria sido aprovada na *quinta convenção nacional* dos espiritualistas americanos, Kardec se propõe a comparar o conjunto das crenças da *escola espírita americana* e o da *escola espírita europeia*. Após colocar lado a lado estes dois *credos*, afirma:

Em que, então, o Espiritismo americano difere do Espiritismo europeu? Seria porque um se chama *Espiritualismo* e o outro *Espiritismo*? Pueril questão de palavras, sobre a qual seria supérfluo insistir. Dos dois lados a coisa é vista de um ponto de vista muito elevado para se prender a semelhante futilidade. Podem ainda divergir quanto a alguns pontos de forma e detalhe, muito insignificantes, e que se devem mais aos meios e aos costumes de cada país, do que ao fundo da doutrina. O essencial é que haja concordância sobre os pontos fundamentais, e é o que ressalta da comparação acima.⁷¹⁶

O ponto de divergência a que Kardec se refere e parece querer minimizar é, ainda, o dogma da reencarnação. No entanto, ele se trai em seu gesto, ao expender as últimas páginas de seu artigo para defender sua posição. E, finalmente, após lembrar que já havia explicado em

⁷¹⁶ RS. Avr/1869. p. 105: “En quoi le Spiritisme américain diffère-t-il donc du Spiritisme européen ? Serait-ce parce que l'un s'appelle *Spiritualisme* et l'autre *Spiritisme* ? Puérile question de mots sur laquelle il serait superflu d'insister. Des deux côtés on voit la chose d'un point trop élevé pour s'attacher à une pareille futilité. Peut-être diffèrent-ils encore sur quelques points de forme et de détails, tout aussi insignifiants, et qui tiennent plus aux mœurs et aux usages de chaque contrée qu'au fond de la doctrine. L'essentiel est qu'il y ait concordance sur les points fondamentaux, c'est ce qui ressort avec évidence de la comparaison ci-dessus.”

outras ocasiões as causas da resistência dos americanos à reencarnação, aponta para o que teria sido o *defeito* do espiritualismo americano em comparação ao Espiritismo: “O que faltou aos Estados Unidos foi um centro de ação para coordenar os princípios. Não existe, a bem dizer, corpo metódico de doutrina [...]”⁷¹⁷, uma deficiência que, graças ao próprio Kardec, o Espiritismo não teria.

Embora desajeitada, esta iniciativa de aproximação entre as *duas escolas* reflete, a meu ver, uma preocupação que tomou Kardec nos últimos anos de sua vida. A fim de que o Espiritismo pudesse, de fato, causar o impacto na história a que estava destinado seria necessário promover a sua *unificação* enquanto um *movimento social* de nível mundial. O que significaria, na prática, a realização de duas condições: 1) a unificação doutrinária; 2) a organização do Espiritismo.⁷¹⁸ Vejamos como Kardec expressa esta preocupação:

Um dos maiores obstáculos capazes de entravar a propagação da doutrina seria a falta de unidade. O único meio de evitá-la, se não quanto ao presente, pelo menos quanto ao futuro, é formulá-la em todas as suas partes e até nos mais minuciosos detalhes, com tanta precisão e clareza, que toda interpretação divergente se torne impossível.⁷¹⁹

E, para ilustrar o mal que causaria a falta de unidade doutrinária para o Espiritismo compara-o ao cristianismo, afirmando que “se a doutrina do Cristo provocou tantas controvérsias, se ainda agora se acha tão mal compreendida e tão diversamente praticada, é porque Jesus se limitou a um ensinamento oral [...]”⁷²⁰, o que teria levado seus apóstolos a interpretar seus ensinamentos de maneira diversa, segundo suas próprias ideias e interesses. No entanto,

Se ele houvesse formulado a organização da Igreja cristã com a precisão de uma lei ou de um regulamento, é incontestável que isso teria evitado a maior

⁷¹⁷ Idem. Ibidem. p. 106.

⁷¹⁸ Cf.: KARDEC, Allan. *Projet – 1868*. In: _____. *Oeuvres Posthumes*. op. cit. p. 390.: “Dois elementos deverão concorrer para o progresso do Espiritismo: o estabelecimento teórico da doutrina e os meios de popularizá-la”.

⁷¹⁹ Idem. Ibidem. p. 389: “Un des plus grands obstacles qui peuvent entraver la propagation de la doctrine serait le défaut d'unité ; le seul moyen de l'éviter, sinon pour le présent, du moins pour l'avenir, c'est de la formuler dans toutes ses parties et jusque dans les plus minutieux détails, avec tant de précision et de clarté que toute interprétation divergente soit impossible.”.

⁷²⁰ Idem. Ibidem.

parte dos cismas e das querelas religiosas, assim como a exploração que foi feita da religião, em proveito das ambições pessoais.⁷²¹

Ora, afirma Kardec, esta experiência colhida do passado deveria mostrar o melhor caminho a seguir no caso do Espiritismo. Sua compreensão, portanto, é que “[...] aquele que fundou a teoria pudesse ao mesmo tempo impulsioná-la, porque então haveria mais unidade”.⁷²² E completa:

Sob este aspecto, a Sociedade deve necessariamente que exercer uma grande influência, conforme o disseram os próprios Espíritos; sua ação, porém, não será realmente eficaz senão quando ela servir de centro e de ponto de ligação de onde parta um ensino preponderante sobre a opinião pública. Para isso falta-lhe uma organização mais forte e elementos que ela ainda não possui.⁷²³

A seguir, Kardec traça um *projeto* que, se concretizado, poderia transformar a *Societade Parisiense de Estudos Espíritas* em um centro e ponto de ligação entre os espíritas, caso os recursos financeiros, que na ocasião lhe faltavam, de alguma forma fossem providenciados.

Contudo, a criação deste *estabelecimento central* com seus departamentos e serviços, não é a única preocupação de Kardec no tocante à *organização do Espiritismo*. Ao lado deste pequeno projeto publicado no volume das *Oeuvres Posthumes* e que se concentra, basicamente, na organização de um espaço administrativo e educacional para o *movimento espírita*; Kardec teve de pensar igualmente na organização do próprio movimento. Neste sentido é significativo que, no mesmo volume da *Revue* em que publicou a comunicação *O Espiritismo é uma religião?*, ele tenha publicado, na sequência a *Constitution transitoire du*

⁷²¹ Idem. Ibidem: “S’il eût formulé l’organisation de l’Eglise chrétienne avec la précision d’une loi ou d’un règlement, il est incontestable que cela eût prévenu la plupart des schismes et des querelles religieuses, ainsi que l’exploitation qui a été faite de la religion au profit des ambitions personnelles.”

⁷²² Idem. Ibidem. p. 390.

⁷²³ Idem. Ibidem. p. 391: “Sous ce rapport, la société doit nécessairement exercer une grande influence, ainsi que l’ont dit les Esprits eux-mêmes, mais son action ne sera réellement efficace que lorsqu’elle servira de centre et de point de ralliement d’où partira un enseignement prépondérant sur l’opinion publique. Pour cela il lui faut une organisation plus forte et des éléments qu’elle ne possède pas.”

Spiritisme, como um audacioso projeto de *unificação* do Espiritismo mundial que pretendia levar a efeito.⁷²⁴ Infelizmente, a morte o alcançou antes de sua concretização.

Tomando-a como referência e olhando retrospectivamente a obra kardeciana, no entanto, a *Constitution* se apresenta como o ponto mais maduro de um longo processo que se iniciou com a fundação da *Société Parisienne d'Études Spiritiques* em 1858. Criada por Kardec como uma instituição científica, a *Sociedade* tornou-se, em relativamente pouco tempo, um modelo de organização para grupamentos espíritas em toda a França. Conseqüentemente, Kardec foi elevado ao papel de *chefe espírita* por todos esses grupos que se organizaram em torno de sua obra e de sua *Sociedade*. As chamadas *viagens espíritas* se constituem um poderoso exemplo de como essa liderança carismática de Kardec foi se estabelecendo.⁷²⁵ Uma liderança que não se limitou aos espíritas franceses, contudo. Devido ao grande alcance da *Revue Spirite* e, através dela, dos livros de Kardec, sociedades espíritas de vários países começaram a enviar cartas a Paris requisitando sua *filiação* à *Société*.

Por causa dessas muitas requisições, em 1861 Kardec publicou um artigo intitulado *Organisation du Spiritisme*⁷²⁶, no qual tenta estabelecer princípios fundamentais de *unidade* e *organização* para aqueles grupos que manifestaram o interesse de se *unirem* à *Société* e de se colocar sob a orientação de seu fundador. Este texto, dividido em 25 (vinte e cinco) parágrafos, trata desde o modo como *adeptos isolados* poderiam *espalhar a luz em seu redor* e formar novos grupos [§2]; até, a maneira como, em uma cidade que já possuísse vários grupos organizados, se poderia criar um *grupo central*, formado por *delegados de todos os outros grupos* [§18]. O ponto mais importante deste artigo, no entanto, diz respeito não à parte, propriamente, institucional do processo de *organização*. Antes, para Kardec, o mais importante seria a *unidade* e a *concordância* doutrinária. Para Kardec, independente da forma

⁷²⁴ RS. Déc/1868. Existem duas versões da *Constitution*. A primeira, publicada na *Revue* [Dezembro de 1868], leva o título de *Constitution transitoire du Spiritisme*, como citamos acima. A segunda, publicada no volume das *Oeuvres Posthumes*, chama-se somente *Constitution du Spiritisme*. Esta última, muito mais longa que a primeira, vem precedida do *Projet – 1868* em que Kardec fala da posição da *Société Parisienne d'Études Spiritiques* como futuro *estabelecimento central* para o Espiritismo. Por essa razão, penso que este pequeno texto que precede a versão definitiva da *Constitution* deve ser contado como parte do *projeto de institucionalização* ou de *organização* do Espiritismo.

⁷²⁵ Foram, ao todo, cinco viagens [1860, 1861, 1862, 1864 e 1867], quase todas exclusivamente em território francês. A exceção se deve à de 1864 que incluiu, além de Douai [França], as cidades de Bruxelas e Antuérpia, na Bélgica. A maior delas, no entanto, cobriu em 1862 num período de sete semanas vinte e uma localidades pelo interior da França, incluindo aí: Lyon, Toulouse, Bordeaux, Tours e Orléans. Esta viagem mereceu de Kardec a publicação de um opúsculo contendo suas *impressões gerais* sobre a viagem, bem como alguns de seus *discursos* e demais pronunciamentos por ocasião das visitas às sociedades espíritas nessas cidades.

⁷²⁶ RS. *Organisation du Spiritisme*. Déc/1861. p. 370-385.

organizacional que os grupos adotarem, eles poderão alcançar a *uniformidade da doutrina* se concordarem quanto aos fundamentos a serem adotados.

Será completa em todos os que seguirem a linha traçada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. Um contém os princípios da filosofia da ciência; o outro, as regras da parte experimental e prática. Estas obras estão escritas com bastante clareza, de modo a não ensejar interpretações divergentes, condição essencial de toda doutrina nova.⁷²⁷

Claro, afirma Kardec, “[...] as instruções que damos se destinam naturalmente aos que caminham conosco, para os que nos honram com o título de seu *chefe espírita* [...]”.⁷²⁸ No entanto, para que estes alcancem, além da unidade meramente formal, a *uniformidade doutrinária* e a *homogeneidade* que vem pela *comunhão de pensamentos*, “[...] a primeira condição a impor [...] é o estudo prévio. A segunda é uma profissão de fé categórica e uma adesão formal à doutrina de *O Livro dos Espíritos* [...]”.⁷²⁹ Já tivemos oportunidade de falar sobre isso no Capítulo 2, no tópico em que discutimos o *controle universal do ensino dos Espíritos*. Como dissemos ali, um dos objetivos desse primeiro projeto organizacional proposto por Kardec seria criar uma *rede mundial* de grupos que pudessem trocar informações e se auxiliarem mutuamente.

O ponto que gostaria de ressaltar agora, a respeito deste artigo, é o fato de que Kardec publicamente aceita o título de *chefe espírita* que lhe é atribuído por seus seguidores. E, com isso, aceita que seja necessário criar essa *rede espírita* com os grupos que se afinarem às suas ideias e da *Sociedade* por ele fundada. Neste primeiro momento, contudo, o papel institucional da *Sociedade* é reduzido ao de *estabelecer relações de confraternidade* com os grupos afins. E, apenas isso.

Como Sociedade iniciadora e central, ela pode estabelecer com os outros grupos ou Sociedades relações puramente científicas, limitando-se aí o seu papel; não exerce qualquer controle sobre essas sociedades, que em nada dependem dela e ficam inteiramente livres para se constituírem como bem o entenderem, sem ter de prestar contas a ninguém, e sem que a Sociedade de

⁷²⁷ RS. Déc/1861. p. 374: “Elle sera complète chez tous ceux qui suivront la ligne tracée par le *Livre des Esprits* et le *Livre des Médiuns* : l'un contenant les principes de la philosophie de la science ; l'autre, les règles de la partie expérimentale et pratique. Ces ouvrages sont écrits avec assez de clarté pour ne pas donner lieu à des interprétations divergentes, condition essentielle de toute nouvelle doctrine.”

⁷²⁸ Idem. Ibidem.

⁷²⁹ Idem. Ibidem. p. 378.

Paris tenha que se imiscuir no que for em seus negócios. A Sociedades estrangeiras podem, assim, formar-se sobre as mesmas bases, declarar que adotam os mesmos princípios, sem depender senão pela concentração dos estudos, dos conselhos que lhe podem pedir e que aquela terá prazer em dar.⁷³⁰

Não se trataria, portanto, de *filiação* ou de *solidariedade material*, como dirá depois. Mas de um *laço moral* fundado sobre a simpatia e a afinidade das ideias. A única exigência, portanto, seria o estudo de *Le Livre des Esprits* e *Le Livre des Médiums* e uma *profissão de fé categórica em seus princípios*. Ao tomar essas providências para uma organização solidária que preservasse, contudo, a autonomia daqueles que a ela aderissem, Kardec estaria também preservando a *Société Parisienne* em vários sentidos. Por exemplo, do ponto de vista legal ou econômico a *Sociedade* por ele fundada não teria qualquer responsabilidade sobre as atividades públicas de outros grupos ou sociedades.

Kardec, contudo, sabia que esta era uma organização mínima; embora também tenha admitido que “no estado atual das coisas esta é a única organização possível do Espiritismo. Mais tarde as circunstâncias poderão modificá-la, mas nada deve ser feito intempestivamente; já é muito que em tão pouco tempo os adeptos se tenham multiplicado para chegar a esse resultado”. E completa:

Há nesta simples disposição um quadro que pode estender-se ao infinito, pela simples disposição das engrenagens. Não procuremos complicá-las, com medo de encontrar obstáculos. Aqueles que acharem por bem conceder-nos sua confiança podem estar seguros que não os deixaremos para trás e que cada coisa virá a seu tempo. Somente a eles, como dissemos, nós dirigimos estas instruções, não tendo qualquer pretensão de nos impor a quem não caminhe conosco.⁷³¹

⁷³⁰ Idem. Ibidem. p. 383: “Comme Société initiatrice et centrale, elle peut établir avec les autres groupes ou Sociétés des rapports purement scientifiques, mais là se borne son rôle; elle n’exerce aucun contrôle sur ces Sociétés, qui ne relèvent d’elle en aucune façon, et restent entièrement libres de se constituer comme elles l’entendent, sans avoir à en rendre compte à personne, et sans que la Société de Paris ait à s’immiscer en quoi que ce soit dans leurs affaires. Les Sociétés étrangères peut donc se former sur les mêmes bases, déclarer qu’elles adoptent les mêmes principes, sans relever autrement que par la concentrations des études, les conseils qu’elles peuvent lui demander, et que celle-ci se fera toujours un plaisir de leur donner”.

⁷³¹ RS. Déc/1861, p. 384: “Il y a dans cette simple disposition un cadre qui peut s’étendre à l’infini, par la simplicité même des rouages ; ne cherchons donc pas à les compliquer, de peur de rencontrer des obstacles. Ceux qui veulent bien nous accorder quelque confiance peuvent être assurés que nous ne les laisserons pas en arrière, et que chaque chose viendra en son temps. C’est à eux seuls, comme nous l’avons dit, que nous nous adressons dans ces instructions, n’ayant pas la prétention de nous imposer à ceux qui ne marchent pas avec nous.”

No entanto, apesar de se pretender uma *organização simples e sem burocracia*, com este primeiro arranjo Kardec se assume publicamente como *líder carismático* – ou *chefe espírita* – de um movimento que se expandia de maneira muito rápida. Seu papel será, em primeiro lugar, o de *orientador* daqueles grupos que assim o desejassem.

Bem, ao que parece, em 1868 Kardec já está plenamente convicto de sua posição de *liderança*. E, logo nos primeiros parágrafos da *Constitution*, recordando os primeiros dias de sua carreira espírita, declara:

Tirando-me da obscuridade, o Espiritismo veio lançar-me num novo caminho. Em pouco tempo eu me achei sendo arrastado por um movimento que não podia prever. Quando concebi o *Livro dos Espíritos*, minha intenção era a de permanecer desconhecido e não me colocar em evidência; no entanto, rapidamente isso se tornou impossível para mim. Tive que renunciar a meu gosto pelo isolamento, sob pena de ter que abdicar à obra iniciada e que crescia a cada dia. Foi-me necessário seguir o impulso e tomar as rédeas. Se meu nome possui agora alguma popularidade, certamente não fui eu que a procurei, pois é notório que eu não a devo nem à propaganda, nem à camaradagem da imprensa; e que nunca me aproveitei de minha posição e das minhas relações para me lançar no mundo, quando isso me teria sido tão fácil. Contudo, à medida que a obra crescia, um horizonte mais vasto se desdobrava diante de mim, lançando adiante seus limites. Compreendi, então, a vastidão de minha tarefa e a importância do trabalho que me restava fazer para completá-la. As dificuldades e os obstáculos, longe de me desencorajarem, redobram minha energia. Eu vi o objetivo e decidi atingi-lo com a ajuda dos bons espíritos. Sentia que não tinha tempo a perder e não me perdi nem em visitas inúteis, nem em cerimônias ociosas. Esta foi a obra da minha vida; eu lhe dei meu tempo, sacrifiquei meu repouso, minha saúde, porque o futuro estava escrito diante de mim em caracteres irrecusáveis.⁷³²

Será, portanto, nesta posição de *líder* que Kardec se preocupará, entre outras coisas, com a continuidade de sua obra e com transmissão do carisma para uma próxima liderança. Como podemos ler nas *Oeuvres Posthumes*, no ano de 1860 ele faz, com base em revelações que lhe teriam sido feitas por vários Espíritos, uma estimativa da *duração de seus trabalhos* – e da

⁷³² RS, Déc/1868, *Constitution transitoire du Spiritisme*, p. 373: “Le Spiritisme, en me tirant de l’obscurité, est venu me lancer dans une nouvelle voie ; en peu de temps je me suis trouvé entraîné dans un mouvement que j’étais loin de prévoir. Lorsque je conçus l’idée du *Livre des Esprits*, mon intention était ne point me mettre en évidence et de rester inconnu ; mais, promptement débordé , cela ne m’a pas été possible : j’ai dû renoncer à mes goûts de retraite, sous peine d’abdiquer l’oeuvre entreprise et qui grandissait chaque jour ; il m’a fallu en suivre l’impulsion et en prendre les rênes. Si mon nom a maintenant quelque popularité, ce n’est assurément pas moi qui l’ai recherché, car il est notoire que je ne la dois ni à la réclame, ni à la camaraderie de la presse, et que je n’ai jamais profité de ma position et de mes relations pour me lancer dans le monde, alors que celle m’eût été si facile. Mais, à mesure que l’oeuvre grandissait, un horizon plus vaste se déroulait devant moi, et en reculait les bornes ; je compris alors l’immensité de ma tâche, et l’importance du travail qui me restait à faire pour la compléter ; les difficultés et les obstacles, loin de m’effrayer, redoublèrent mon énergie ; je vis le but, et je résolus de l’atteindre avec l’assistance des bons Esprits. Je sentais que je n’avais pas de temps à perdre, et je ne le perdais ni en visites inutiles, ni en cérémonies oiseuses ; ce fut l’oeuvre de ma vie ; j’y donnai tout mon temps, j’y sacrifiai mon repos, ma santé, parce que l’avenir était écrit devant moi en caractères irrecusables.”

sua vida, fica subentendido – para o período dos próximos de dez anos.⁷³³ E, como podemos ler também nessa mesma obra, ao menos desde o ano de 1861, Kardec manifesta uma preocupação com quem seria seu sucessor à frente do Espiritismo.⁷³⁴ Ora, em 1868, faltando dois anos para completarem-se os dez anos previstos, Kardec considera que o *movimento espírita* esteja maduro para um nível superior de organização que garantisse a manutenção do que fora conquistado até aquele momento, bem como sua propagação sistematizada. Neste quadro ressurgem a preocupação com quem o sucederia. Vejamos abaixo como ele manifesta esta preocupação:

A necessidade de uma direção central superior, guardiã vigilante da unidade progressiva e dos interesses gerais da doutrina, é tão evidente, que já causa inquietação não se ver, ainda, surgir no horizonte, o seu condutor. Compreende-se que, sem uma autoridade moral, capaz de centralizar os trabalhos, os estudos e as observações, de dar a impulsão, de estimular os zelos, de defender os fracos, de sustentar os ânimos vacilantes, de ajudar com os conselhos da experiência, de fixar a opinião sobre os pontos incertos, o Espiritismo correria o risco de caminhar à deriva. Não somente na direção essa direção é necessária, como também preciso se faz que preencha condições de força e de estabilidade suficientes para afrontar as tempestades.⁷³⁵

Mas, quem estaria à altura de ocupar este lugar que, até o momento, fora ocupado por Kardec? Quem teria a força moral e o carisma necessário? O próprio Kardec honestamente admite não ver ninguém *surgir no horizonte* que pudesse herdar seu *carisma* e sua *posição*. Como, então, proceder, já que se trataria de uma *necessidade*.

A proposta de Kardec é a constituição de um *comitê central* ou *conselho superior permanente* que pudesse ocupar *burocraticamente* o lugar de *chefe do Espiritismo*. Este *corpo administrativo* composto, sugestivo e simbolicamente, por, no máximo, *doze membros titulares*, ficaria responsável pelos diversos *departamentos* da administração material dos bens do Espiritismo, bem como a responsabilidade de manter a *unidade da doutrina*, promover seu desenvolvimento e sua *propagação*. Seus membros, incluindo aí o próprio Kardec, se

⁷³³ OP. p. 384-385

⁷³⁴ OP. p. 394-397.

⁷³⁵ RS. Déc/1868. p. 378-379: “La nécessité d'une direction centrale supérieure, gardienne vigilante de l'unité progressive et des intérêts généraux de la doctrine, est tellement évidente que l'on s'inquiète déjà de ne pas voir encore de conducteur poindre à l'horizon. On comprend que, sans une autorité morale, capable de centraliser les travaux, les études et les observations, de donner l'impulsion, de stimuler le zèle, de défendre le faible, de soutenir les courages chancelants, d'aider des conseils de l'expérience, de fixer l'opinion sur les points incertains, le Spiritisme courrait risque de marcher à la dérive. Non-seulement cette direction est nécessaire, mais il faut qu'elle soit dans des conditions de force et de stabilité suffisantes pour braver les orages.”

vezariam anualmente na sua presidência, mediante sorteio. E teriam suas atividades supervisionadas e controladas pelos *congressos* (reuniões periódicas, compostas por delegados de todas as instituições associadas à *comissão central*), que, por sua vez, seriam convocados em caráter ordinário e extraordinário pela própria *comissão*.

O comitê, ou conselho superior, será, pois, a cabeça, o verdadeiro chefe do Espiritismo, chefe coletivo, que nada poderá sem o consentimento da maioria, e, em certos casos, sem o de um congresso ou assembleia-geral. Suficientemente numeroso para se esclarecer por meio da discussão, não o será bastante para que haja confusão. [...] Fica bem entendido que aqui se trata de autoridade moral, no que concerne à interpretação e aplicação dos princípios morais da doutrina, e não de um poder disciplinar qualquer. Essa autoridade será, em matéria de Espiritismo, o que é a de uma academia, em matéria de ciência.⁷³⁶

Este último ponto da citação acima é de fundamental importância. A comparação desta *comissão* com as academias científicas, bem ao gosto de Kardec, não nos parece de todo acertada. Claro, como ele mesmo dirá, em termos de organização local, as diversas sociedades nos diversos países, deverão gozar de liberdade. Contudo, sua insistência em que haja *unidade de princípios*, a necessidade de estabelecer uma *ortodoxia* frente à qual não seja mais possível o *cisma* e a *formação de seitas*, dá-lhe, antes, a configuração de uma instituição religiosa. De fato, para Kardec, esta proposta de *organização* atenderia a uma demanda dos próprios espíritas e que é descrita nos seguintes termos:

Nosso objetivo é estabelecer um primeiro **laço** entre os espíritas, que o desejam desde muito tempo e se lastimam de seu isolamento. Ora, esse **laço**, sem o qual o Espiritismo, permanecendo no estado de opinião individual, sem coesão, só pode existir com a condição de se religar a um centro por uma **comunhão de vistas e de princípios**. Este centro não é uma *individualidade*, mas um foco de atividade coletiva, agindo no interesse geral e na qual a autoridade pessoal se apaga.⁷³⁷

⁷³⁶ Idem. Ibidem. p. 383: “Le comité, ou conseil supérieur, sera donc la tête, le véritable chef du Spiritisme, chef collectif ne pouvant rien sans l'assentiment de la majorité, et, dans certains cas, sans celui d'un congrès ou assemblée générale. Suffisamment nombreux pour s'éclairer par la discussion, il ne le sera pas assez pour qu'il y ait confusion. [...] Il est bien entendu qu'il s'agit ici d'une autorité morale, en ce qui concerne l'interprétation et l'application des principes de la doctrine, et non d'un pouvoir disciplinaire quelconque. Cette autorité sera, en matière de Spiritisme, ce qu'est celle d'une académie en matière de science.”

⁷³⁷ Idem. Ibidem. p. 392: “Notre but est d'établir un premier **lien** entre les Spirites, qui le désirent depuis longtemps et se plaignent de leur isolement. Or, ce **lien**, sans lequel le Spiritisme, restant à l'état d'opinion individuelle, sans cohésion, ne peut exister qu'à la condition de se rattacher à un centre par une **communauté de vues et de principes**. Ce centre n'est point une *individualité*, mais un foyer d'activité collective, agissant dans l'intérêt général, et où l'autorité personnelle s'efface.”. (Negrito meu)

Ora, se lermos o trecho acima, atentando para as palavras em destaque, perceberemos certo ar de familiaridade com o texto do *discurso*, analisado no tópico anterior. A *organização do Espiritismo* seria, portanto, a concretização do *laço moral* que ligaria os Espíritas em torno de seu *Credo* ou conjunto de princípios e crenças distintivas. Ou, em outras palavras: a *institucionalização do Espiritismo* conduziria à *religião do Espiritismo*.

Assim será com o Espiritismo organizado. Os Espíritas do mundo inteiro terão princípios comuns, que os ligarão à grande família pelo laço sagrado da fraternidade, mas cuja aplicação poderá variar conforme as regiões, sem que, por isto, seja rompida a unidade fundamental, sem formar seitas dissidentes que se atirem a pedra e o anátema, o que seria antiespírita em alto grau. Poderão, pois, se formar, e inevitavelmente se formarão, centros gerais em diferentes países, sem outro laço além da comunhão de crença e a solidariedade moral, sem subordinação de um ao outro, sem que o da França, por exemplo, tenha a pretensão de impor-se aos Espíritas americanos e reciprocamente.⁷³⁸

No entanto, é preciso que se reafirme aqui: Kardec não crê, e o mais importante, não quer que o *Espiritismo* se caracterize como uma *religião em sentido comum* ou *usual*. Principalmente porque, como já havia afirmado em 1859 para o abade Chesnel, se fosse assim, ele teria seu culto, seus templos e ministros. Porém, este argumento continuamente repetido, a meu ver, não se sustentaria, pois, os termos que Kardec propõe para comparação seriam equivocados. Nenhuma religião teria nascido portando todas essas características. Possuir ritos estabelecidos, templos instituídos e hierarquias sacerdotais, e mesmo uma dogmática altamente enrijecida, são características de movimentos religiosos maduros, institucionalizados. Não se poderia mesmo encontrá-las completamente evoluídas em movimentos religiosos emergentes como parece ser o caso do Espiritismo naqueles primeiros doze anos. Ora, “grande parte a História da Religião tem sido [...] história dessa tensão entre instituições tradicionais e movimentos emergentes, bem como o processo desses movimentos se estabelecerem como instituições [...]” e, eventualmente, “[...] se tornarem tradições

⁷³⁸ Idem. Ibidem. p. 393-394: “Ainsi en sera-t-il du Spiritisme organisé. Les Spirités du monde entier auront des principes communs qui les rattacheront à la grande famille par le lien sacré de la fraternité, mais dont l'application pourra varier selon les contrées, sans, pour cela, que l'unité fondamentale soit rompue, sans former des sectes dissidentes se jetant la pierre et l'anathème, ce qui serait antispirite au premier chef. Il pourra donc se former, et il se formera inévitablement, des centres généraux en différents pays, sans autre lien que la communauté de croyance et la solidarité morale, sans subordination de l'un à l'autre, sans que celui de France, par exemple, ait les prétentions de s'imposer aux Spirités américains et réciproquement.”

dominantes”.⁷³⁹ E, se observarmos bem todo o processo de *revelação e codificação* da doutrina; o conflito entre Espiritismo e Igreja, que teria levado o primeiro a seu período *religioso*; bem como seu processo de institucionalização acima descrito; poderia ser comparado com o nascimento de outras religiões históricas. Nunca, porém, com uma religião já madura, como é o caso do Catolicismo Romano.

Aliás, o próprio Kardec a isso nos autoriza ao comparar, na citação que abre esta seção, o Espiritismo ao cristianismo nascente. Ao propor que o Espiritismo seja o cristianismo adaptado às exigências do século XIX, livre dos abusos, restaurado em seu verdadeiro sentido; ao ver no Espiritismo o cumprimento de *todas* as predições e profecias dos Evangelhos; ao colocá-lo sob a direção do próprio Jesus que, sob o nome alegórico Espírito de Verdade, estaria preparando o mundo para um período áureo de regeneração da humanidade. Em suma, ao vincular o Espiritismo à tradição cristã, através de um mecanismo de ruptura e continuidade, Kardec o teria colocado na posição de um movimento de reforma religiosa. Não, contudo, a reforma por ele desejada, em que o Espiritismo se configurasse como um terreno neutro onde todas as religiões pudessem se encontrar. Mas, como uma *reforma* do próprio cristianismo.

⁷³⁹ MARIZ, Cecília Loreto. Instituições tradicionais e movimentos emergentes. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013. p. 301-317. p. 301.

CONCLUSÃO

OS TEMPOS SÃO CHEGADOS!

Estamos nos encaminhando para a conclusão desta pesquisa que começou com o questionamento acerca da identidade do Espiritismo nos escritos de seu fundador, Allan Kardec. Um questionamento que elegeu, como via de acesso ao conjunto desses escritos, três conceitos: *ciência, filosofia e religião*. Juntos, estes conceitos têm sido apresentados como os componentes do que se convencionou chamar de *tríplice aspecto do Espiritismo*. A ideia por trás desta tríplice configuração é que, por sua natureza, o Espiritismo seria uma doutrina simultaneamente científica, filosófica e religiosa. Embora não haja, na obra kardeciana, qualquer menção explícita ao *tríplice aspecto* como possibilidade de compreensão da identidade ou natureza do Espiritismo, muitas vezes ele tem sido apresentado como tendo ali sua fundamentação e origem. Nosso principal objetivo, portanto, foi o de verificar se esta opinião se sustenta.

Conforme relatei na *Introdução*, por muito tempo, eu mesmo acreditei que a ideia de que o Espiritismo fosse ao mesmo tempo *ciência, filosofia e religião* encontrava-se presente na obra de Kardec. Até que me deparei, na leitura dos primeiros anos da *Revue Spirite*, com sua declaração taxativa de que o Espiritismo não era uma religião. Depois desse primeiro impacto, com o aprofundamento da leitura de suas outras obras, a dúvida sobre a validade de atribuir-se à obra e ao trabalho de Kardec a origem do *tríplice aspecto* tornou-se ainda mais aguda ao ponto de converter-se num propósito de investigação. Esta tese é, portanto, o resultado deste impulso investigativo. Um resultado muito maior e mais amplo do que esperado, diante da simplicidade do meu questionamento. Não por mérito meu, é bom que se diga, mas pela vastidão e complexidade do pensamento deste homem que consagrou seus doze últimos anos de existência ao que acreditou ser *a obra de sua vida*.

O ritmo desta investigação – que compreendo como um trabalho de leitura e interpretação dos textos-fonte da tradição espírita – foi marcado pela periodização da obra de Kardec, feita em sintonia com os períodos por ele mesmo demarcados para a expansão e consolidação do Espiritismo. A fim de facilitar a retomada dos passos de desenvolvimento desta tese, relembremos rapidamente cada um desses *períodos* e suas características.

Na versão que adotamos desta *periodização*, a última proposta por nosso autor, a história do Espiritismo – e da obra de Kardec – estaria dividida em seis fases ou períodos. O primeiro deles, chamado de *período da curiosidade*, teria se dado aproximadamente entre 1848 e 1856, e abrangeria desde a primeira manifestação ostensiva dos fenômenos mediúnicos em Hydesville, nos Estados Unidos, até sua expansão pelos salões da Europa como jogos de entretenimento. Teria sido a fase das *mesas girantes*. Foi o contato com estes fenômenos, em 1855, que teria levado o pedagogo, então conhecido por seu nome civil Hippolyte Léon Denizard Rivail, a se envolver com a pesquisa da mediunidade e do desenvolvimento de suas consequências. O resultado destas pesquisas seria a publicação de *Le Livre des Esprits* em 1857, fato que marca, segundo seu autor, o início do segundo *período* do Espiritismo. Este período, chamado por Kardec, alternadamente, de *científico* ou *filosófico*⁷⁴⁰, teria se iniciado, como dissemos, em 1857, e se estendido até o *auto-de-fé* de Barcelona, em 1861. Nesta fase o Espiritismo teria deixado definitivamente seu caráter lúdico e se configurado como uma *filosofia de bases científicas*. Para Kardec este é um período de profícua produção. Seus dois principais tratados – *Le Livre des Esprits* e *Le Livre des Médiums* –, que representam os pilares da doutrina por ele codificada, foram escritos e publicados neste intervalo de tempo.

Após o *auto-de-fé de Barcelona* [1861] teria se iniciado o terceiro período, denominado *período de luta*. Esta fase teria sido caracterizada pelo aumento do conflito religioso entre o Espiritismo e a Igreja Católica Romana. Por isto, nesta fase a produção de Kardec teria se restringido à *Revue Spirite* e aos textos de polêmica e de apologia da doutrina frente aos ataques que vinha recebendo. Kardec não define o tempo de duração deste e dos demais períodos que o sucederiam, contudo, minha interpretação é que a *luta* teria se estendido entre os anos de 1861 e 1864, e teria se configurado como um período intermediário entre o segundo período (*científico-filosófico*) e o quarto, nomeado como *período religioso*. As características deste período teriam sido a vinculação explícita do Espiritismo à tradição cristã, através da *teoria das três revelações* e do esforço exegético de Kardec em torno das fontes daquela tradição, especialmente dos Evangelhos (dos ensinamentos morais do Cristo, de seus milagres e predições) e dos dogmas da Igreja. Segundo minha compreensão, Kardec teria proposto o Espiritismo como uma *chave hermenêutica* a partir da qual o cristianismo se

⁷⁴⁰ Neste trabalho nos referimos constantemente a este período como *científico-filosófico*.

apresentaria ao século XIX livre dos abusos e as falsas interpretações, e seria recuperado em seu sentido originário. O *período religioso* teria se iniciado, assim, com a publicação da *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme*; e seria seguido por uma quinta fase, chamada de *período intermediário*. Como seu nome indica – e Kardec não nos dá mais nenhuma informação sobre esta fase – o *período intermediário* ligaria seu predecessor ao sexto e último, chamado de *período da renovação social*. E que, para nós, seria mais bem caracterizado como o *horizonte utópico* do Espiritismo kardeciano.

Como pudemos notar, ao longo deste trabalho, Kardec desde a publicação de seu primeiro tratado espírita, em 1857, tem diante dos olhos uma expectativa de um futuro grandioso para o Espiritismo. Sempre esteve convicto de que a doutrina, que atribuía completamente aos Espíritos, cumpria um papel providencial na história e que, com sua revelação, iniciava-se uma *nova era para a regeneração da humanidade*. E, mais, como discutimos no Capítulo 1 desta tese, desde o começo de suas pesquisas Kardec mostrou-se convicto de estar, ele mesmo, cumprindo um papel providencial, uma *missão divina*, que lhe fora delegada pelos Espíritos superiores encarregados por Deus para trazerem ao mundo aquela doutrina.

Marcado por forte influência positivista, Kardec sempre buscou assegurar que o Espiritismo estivesse a salvo do que chamava de *misticismo* e das *crenças dogmáticas*, ou seja, sem justificação racional. Por isso, os fenômenos mediúnicos lhe eram tão caros, ao menos no princípio: eles eram a *prova material* indiscutível da sobrevivência e da comunicabilidade da alma, o dado positivo que faltava para a consolidação dos princípios espiritualistas e das crenças religiosas numa época marcada pela descrença, pelo materialismo e pelo niilismo. A *renovação social* que o Espiritismo prometia era, portanto, a extinção desses males que ameaçavam a paz e o progresso da humanidade. Como outros *sistemas utópicos* do século XIX, o Espiritismo kardeciano oferecia uma visão grandiloquente sobre o que a humanidade poderia esperar do século XX que se aproximava. De conteúdo acentuadamente religioso, contudo, esta *utopia espírita* viria marcada pela expectativa do cumprimento das promessas ou predições do Evangelho sobre o fim dos tempos e a segunda volta de Jesus. O próprio Espiritismo, como vimos, seria o cumprimento de uma dessas profecias e traria consigo os sinais precursores da *nova era* que se aproximava. Uma era que seria marcada pela vivência concreta da *fraternidade universal*.

Minha impressão, após este longo estudo que agora se encerra, é que toda a obra kardeciana tenha sido composta a partir desta visão de futuro que seu autor possuía. Em vários momentos de seus escritos, Kardec nos deixa perceber que ele segue um plano, um programa bem estabelecido. E, embora ele mesmo não conhecesse, a princípio, todos os detalhes deste plano, nunca perdeu de vista o objetivo que, como ele mesmo disse, estava escrito diante de seus olhos *em caracteres inegáveis*. Por isso não hesitou em consagrar completamente os últimos doze anos de sua existência à compilação e divulgação da doutrina que atribuiu aos Espíritos. Esta foi *a obra de sua vida*. E creio que não seja impreciso afirmarmos, usando de sua própria terminologia, que, apesar da modéstia com que sempre se referia a si mesmo, Kardec viu-se elevado à posição de *primeiro* entre os *messias do Espiritismo*.

Neste trabalho procurei apresentar o problema que nos moveu inicialmente – a problemática do *tríplice aspecto do Espiritismo* – à luz desta compreensão *utópica* do papel a ser por ele desempenhado no futuro da humanidade. No entanto, era-nos necessário também acompanhar o modo como tais questões, aos poucos, eram expostas e desenvolvidas ao longo do processo de construção da obra kardeciana. Deste modo, focando nossa atenção no modo como Kardec articula os conceitos de *ciência, filosofia e religião* ao conceito de Espiritismo; utilizando sua proposta de *periodização* acima descrita como marcos referenciais de sua produção; buscamos compreender como nosso autor pensa a identidade do Espiritismo.

No Capítulo 1, em nossa discussão preliminar do problema da identidade do Espiritismo na obra kardeciana, afirmei que, ao longo do trabalho, seria necessário tornar evidente o modo como Kardec, lançando mão de elementos dos discursos específicos da *ciência*, da *filosofia* e da *religião*, ao refletir sobre a identidade do Espiritismo, simultaneamente recusaria toda identificação simplista que reduzisse a nova doutrina a qualquer um desses conceitos. A meu ver, naquele momento, esta atitude demonstraria que, para Kardec, o Espiritismo ocuparia um lugar privilegiado frente a essas formas de conhecimento. Entendia que era como se Kardec pensasse o lugar próprio ao Espiritismo como um *entre-lugar*, um lugar sob o signo da mediação. Em resumo: um *lugar neutro* em meio a eventuais disputas que cada uma destas formas de saber poderia travar com as demais como na sua busca por legitimação.

Ora, ao longo do desenvolvimento deste trabalho pudemos observar que essa hipótese, de certa forma, se confirmou. Embora seja verdade que Kardec tenha sempre reafirmado a *precedência epistemológica* do conceito de *ciência positiva* na definição da identidade do Espiritismo; também é verdade que sempre defendeu que o Espiritismo possuía um alcance muito mais amplo que as *demais ciências*. Ao provar a existência e a comunicabilidade dos Espíritos *por meio de provas irrecusáveis*, como dizia, o Espiritismo se abriria para questões *filosóficas e religiosas*, sem, contudo, pretender se submeter às formas tradicionais da *filosofia especulativa* e da *religião*.

Em relação à primeira, o Espiritismo se diferenciaria por suas supostas *bases empíricas*. Tendo como base os *fenômenos mediúnicos inteligentes* controlados em seu conteúdo pela aplicação de um método de *codificação*, o Espiritismo não se constituiria como uma doutrina especulativa. Seria, ao contrário, fruto da aplicação do método positivo, como ocorreria, segundo Kardec, com todas as demais ciências. O resultado deste processo de *codificação*, no qual Kardec se propunha a analisar criticamente o conteúdo das diversas mensagens provindas de diversas fontes, seria, portanto, um sistema racional capaz de apresentar soluções que nenhuma outra filosofia ou doutrina fora capaz, antes dele.

Em sua relação com a religião, também marcada pela *precedência epistemológica* de seu aspecto científico, o Espiritismo se apresentaria como o mais poderoso auxiliar para as diversas *religiões*, uma vez que lhes ofereceria a confirmação positiva de seus princípios fundamentais: *Deus*, a *imortalidade da alma* e as *penas e recompensas da vida futura*. Deste modo, colocando o discurso religioso em dia com a *ciência*, o Espiritismo contribuiria para despertar nos indivíduos o sentimento religioso numa época em que, segundo o diagnóstico de nosso autor, o ateísmo e o materialismo cresciam a olhos vistos.

Em todos os sentidos, o Espiritismo se colocaria, portanto, acima das representações comuns de *ciência*, *filosofia* e *religião*. Colocando-se nesta posição privilegiada, fora dos problemas e das limitações destas três formas de conhecimento, o Espiritismo seria capaz, não apenas de contribuir separadamente para o progresso de cada uma delas, mas também poderia oferecer um horizonte teórico a partir do qual elas se reencontrassem numa perspectiva mais ampla. Foi assim com a proposta de firmar o Espiritismo, no período *científico-filosófico*, como uma *ciência filosófica*, ou uma *filosofia de bases científicas*. Com a proposta de que a doutrina pudesse se constituir como *traço de união* entre *ciência* e *religião*; no início do

período *religioso*. E, por fim, com a proposta de *unificar todas as crenças*. Em todos estes momentos, Kardec encarava o Espiritismo como algo diferente das representações comuns dos aspectos envolvidos. É uma ciência, mas não em sentido comum. É uma filosofia, mas não uma filosofia especulativa. É uma religião, mas não se iguala às religiões históricas. E em todos esses momentos, Kardec fala do Espiritismo como um *terreno neutro*. Um lugar *intermediário* entre elementos *aparentemente* opostos.

No entanto, além de confirmar nossa hipótese inicial, este estudo interpretativo da obra kardeciana, através do exercício de uma *crítica imanente*, mostrou-nos que, embora Kardec continuasse a insistir na *precedência epistemológica do conceito de ciência* para definir a natureza do Espiritismo, ao menos a partir de 1864, com a publicação da *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme* e o consequente início do período religioso, nota-se uma acentuada ênfase nas características religiosas da doutrina. Nosso autor reforça os laços do Espiritismo com a tradição cristã e reitera que o mesmo seria a *chave* para a correta interpretação das fontes desta tradição; além disso, passa a identificar o Espiritismo como a *terceira revelação da lei de Deus*. Com base nesses desenvolvimentos questionamos se mais do que uma *filosofia*, como pretendia Kardec, a *doutrina espírita*, sendo fruto de uma revelação providencial, não seria mais bem definida como uma *teologia*. Este foi o ponto que nos levou, no Capítulo 4, a questionarmos sobre a natureza religiosa do Espiritismo.

Como vimos naquele capítulo, o fato é que o ano de 1864 marca um ponto de virada no pensamento de Kardec sobre a problemática da identidade do Espiritismo. Nas palavras do próprio *codificador*, havia chegado o momento de o Espiritismo entrar por uma *nova via*. Ora, como vimos no Capítulo 2, no chamado período *científico-filosófico* a doutrina havia sido definida por Kardec a partir do que poderíamos chamar de um *duplo aspecto*, que contemplaria apenas os conceitos de *ciência e filosofia*. E, o mais importante, pela via da negação de seu caráter religioso. Mas, após o período de *luta* que teria sido marcado, principalmente, pelo embate entre o Espiritismo e o Catolicismo, Kardec vê-se em meio a uma grande polêmica religiosa. Esta polêmica teria repercutido nos *bastidores espirituais* do Espiritismo, conforme mostramos no Capítulo 4, ao gerar *comunicações* que condenavam a Igreja por traição ao projeto evangélico e, ao mesmo tempo, colocavam o Espiritismo como seu substituto.

Deste modo, o período *religioso* teria sido o período em que, pela força das coisas, como Kardec costumava dizer, o Espiritismo seria consagrado como *verdadeira instituição divina e humana, a única tradição realmente cristã*. Sua autoridade para tomar este lugar antes ocupado pela Igreja, conforme discutimos, derivaria do fato de a doutrina ser a *terceira revelação da lei Deus, o Consolador prometido*, que estaria se manifestando sobre a *presidência* e a *inspiração* do Espírito de Verdade. Este Espírito, ninguém menos que o próprio Jesus em sua prometida segunda vinda, estaria preparando a humanidade para o novo passo de seu progresso moral e intelectual, e para a implantação do *reino de Deus na Terra*. Em outras palavras: o Espiritismo seria a *única tradição realmente cristã*, pois, no tempo previsto, estaria recuperando, após dezoito séculos de desvios, o verdadeiro sentido do ensino de Jesus. E faria isso sob a autoridade do próprio Jesus.

Como pretender que, dotado de tantas características religiosas, o Espiritismo não fosse ele mesmo uma *nova religião*? Kardec parece ter acreditado que para que o Espiritismo pudesse ser chamado de religião, ele teria de ser como que a *encarnação da religião natural* dos iluministas. E isto em sentido bastante estrito: uma religião baseada no conhecimento das *leis naturais* que regeriam o *mundo espiritual*. Mas, uma religião sem templos, sem cultos, sem hierarquias. Uma religião supra-dogmática, diferente das demais e capaz de reuni-las em torno a um único *Credo*. Uma *religião em sentido filosófico*, como ele preferia; mas, a meu ver, uma *nova religião*.

De fato, minha compreensão é que, a partir de uma dinâmica de *ruptura* e de *continuidade*, Kardec teria apresentado o Espiritismo, no último período de sua produção, como uma *reforma* do cristianismo. Principalmente o cristianismo de matriz Católico-Romana que, segundo sua própria convicção, conteria em germe todos os princípios do Espiritismo. Através de sua proposta de releitura da memória social da tradição cristã, o Espiritismo kardeciano se coloca em tensão com a representação hegemônica do cristianismo francês. Por isso a reação do Catolicismo se torna algo tão significativo para Kardec. E, por isso, sua contrarreação e a ruptura que se seguiu. Se a Igreja não aceita o auxílio que lhe está prestando o Espiritismo; se excomunga os espíritas e os afasta de suas celebrações, que os espíritas, então, se liguem pelos laços da verdadeira caridade, em torno dos *verdadeiros* ensinamentos do Cristo.

Kardec foi um homem de seu tempo. E, como tal acreditou ler o futuro em *caracteres inegáveis*. Encarou a história como um grande processo providencial, regido por leis divinas imutáveis e por uma incessante relação entre *vivos* e *mortos*. Ao longo deste processo, que segue sempre na direção do progresso, a Divindade, através de grandes *eventos revelatórios* periódicos, provocaria o aceleração do avanço de nossos conhecimentos seja em *ciência*, em *filosofia* ou em matéria de *religião*. Kardec acreditou estar vivenciando, não como mero espectador, mas como protagonista um desses tempos de crise e de renovação para a humanidade. Convicto de que cumpria um mandato divino passou, no transcurso dos doze anos em que se dedicou ao Espiritismo, de modesto professor e escritor a *líder carismático* em torno do qual todo um movimento de ideias se articulou. Não sabemos ao certo a extensão de sua influência, mas, a confiar em seus relatos, seus correspondentes e seguidores contavam-se aos milhares, espalhados por diversos países. E tinha planos grandiosos para o Espiritismo! Acreditou, até o último de seus dias, que os tempos previstos pelas Escrituras haviam chegado e que o Espiritismo seria a grande alavanca desta renovação. Não um fim em si mesmo, mas um meio para um novo estágio para a humanidade. A morte lhe interrompeu o sonho.

Tomada de empréstimo a Kardec, a frase que dá título a esta Conclusão expressa o momento final dessas minhas reflexões. Espero que elas, apesar de suas evidentes limitações, possam contribuir para as discussões acadêmicas acerca do Espiritismo e de seu fundador.

REFERÊNCIAS

ABREU, Silvino Canuto. *O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária*. São Paulo: Edições LFU, 1992.

_____. *Notas do Tradutor*. In: Allan KARDEC. *O Primeiro Livro dos Espíritos*. São Paulo: Companhia Editora Ismael, 1957. p. VII-XXIX.

AKSAKOV, Alexander. *Researches on the historical origin of the reincarnation speculations of French spiritualists*. **Psypioneer**. Volume 4, No 11: November 2008. p. 253-257. Disponível em: <http://www.woodlandway.org/PDF/PP4.11November08..pdf>.

ALMEIDA, Angélica A. S. *Uma fábrica de loucos: psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950)*. Tese (Doutorado em História). UNICAMP: Campinas, 2007.

AMORIM, Deolindo. *Análises Espíritas*. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

_____. *Africanismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: Léon Denis, 2005.

_____. *Espiritismo e Criminologia*. Rio de Janeiro: Léon Denis, 2006.

_____. *O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas*. Rio de Janeiro: Léon Denis, 2005.

ANDERY, Maria Amália Pie Abib; SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. Há uma ordem imutável na natureza e o conhecimento a reflete: Auguste Comte (1798-1857). In: ANDERY, Maria Amália; et al. *Para compreender a ciência*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 371-391.

ARAÚJO, Augusto. Identidade e Fronteiras do Espiritismo na obra de Allan Kardec. **Horizonte**, v. 8 n. 16, p. 117-135, jan./mar.2010. (Em Edição). (Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/issue/view/81/showToc>).

ARMSTRONG, Karen. *Em defesa de Deus*. O que a religião realmente significa. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. São Paulo, 2010.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos*. Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre a França e o Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRERA, Florentino. *Resumo Analítico das Obras de Allan Kardec*. São Paulo: Madras, 2003.

BENCHAYA, Salomão J. *Da religião espírita ao laicismo: A trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2006.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BERTRAND, I. *La Religion Spirite*. Son Dogme, sa Morale et ses Pratiques. Paris : Librairie Bloud et Barral, 1898.

BEVIR, Mark. *A lógica da história das ideias*. Bauru: EDUSC, 2008. (Trad.: Gilson César Cardoso de Sousa).

BÍBLIA DE JERUSALÉM, A. São Paulo: Paulus, 2000.

BLACKWELL, Anna. *The Origin of Allan Kardec's "Spirits' Book"*. In: **Psypioneer**. Volume 5, No 2: February 2009. p. 55-58. Disponível em: <http://www.woodlandway.org/PDF/PP5.2February09.pdf>

BRITO IMBASSAHY, Carlos de. *Quem pergunta quer saber*. São Paulo: Petit, 1993.

BRONWSON, Orestes Augustus. *The Spirit-Rapper: An Autobiography*. Boston/London: Little, Borwn and Company/Charles Dolman. 1854.

BULCÃO, Marly. *O Racionalismo da Ciência Contemporânea*. Introdução ao Pensamento de Gaston Bachelard. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

CAMARGO, C. P. F. *Kardecismo e Umbanda*. Uma interpretação sociológica. São Paulo: Pioneira, 1961.

CAMPETTI SOBRINHO, Geraldo (Coord.). *Revista Espírita 1858 – 1869*. Índice Geral. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: UNICAMP, 1997.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O Mundo Invisível*. Cosmologia, Sistema Ritual e Noção de Pessoa no Espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CHAGAS, Aécio Pereira. *Introdução à Ciência Espírita*. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004.

CHESNEL, François. *Une religion Nouvelle à Paris*. **L'Univers**. Union Catholique. N° 102 – 27° Année. Mercredi, 13 Avril 1859. Edition Quotidienne. Paris. p. 1-2.

_____. *Une religion Nouvelle à Paris. L'Univers*. Union Catholique. N° 146 – 27° Année. Mercredi, 28 Mai 1859. Edition Quotidienne. Paris. p. 3-4.

CHIBENI, Silvio Seno. “O Espiritismo em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso”. Parte I. *Reformador*, agosto de 2003. p. 37-41 (315-319).

_____. “O Espiritismo em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso”. Parte II. *Reformador*, setembro de 2003. p. 38-41 (356-359).

_____. “O Espiritismo em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso”. Parte III. *Reformador*, outubro de 2003. p. 39-41 (397-399).

_____. “O Paradigma espírita”. *Reformador* de junho de 1994, pp. 176-180.

_____. “Ciência Espírita”. *Revista Internacional de Espiritismo*, março 1991, pp. 45-52.

_____. “A excelência metodológica do Espiritismo”. *Reformador*, novembro de 1988, pp. 328-33 e dezembro de 1988, pp. 373-78.

COMTE, Auguste. *Curso de Filosofia Positiva*. In: PENSADORES. *Auguste Comte*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p.19-68.

_____. Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo In: PENSADORES. *Auguste Comte*. São Paulo: Nov Cultura, 2000. p. 76.

DAMAZIO, Sylvia F. *Da Elite ao Povo*. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DELANNE, Gabriel. *Le Spiritisme devant la Science*. Centre Lyonnais Allan Kardec. (Disponível em: <http://spirite.free.fr>).

_____. *Le Phénomène Spirite*. Temoignage de savants. Centre Lyonnais Allan Kardec. (Disponível em: <http://spirite.free.fr>).

_____. *O Fenômeno Espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

_____. *L'Évolution Animique*. Centre Lyonnais Allan Kardec. (Disponível em: <http://spirite.free.fr>).

DENIS, Léon. *Depois da morte*. Exposição da doutrina dos espíritos. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

_____. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

_____. *O problema do ser, do destino e da dor*. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

_____. *No invisível*. Espiritismo e mediunidade. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

_____. *Le Génie Celtique et le Monde Invisible*. Paris: Éditions Jean Meyer, 1927.

DESCHANEL, Émile. *La Doctrine Spirite*. In : Feuilleton du Journal des Débats. Revue de Quinzaine. **Journal des Débats Politiques et Littéraires**. Paris, Jeudi, 15 Novembre 1860. p. 1-2.

_____. *La Doctrine Spirite*. In : Feuilleton du Journal des Débats. Revue de Quinzaine. **Journal des Débats Politiques et Littéraires**. Paris, Jeudi, 29 Novembre 1860. p. 1-2.

DIAS, Krishnamurti de Carvalho. *O Laço e o Culto*. É o espiritismo uma religião? Santos: DICESP, 1985.

_____. *Dois ensaios*. Vitória: edição do autor, 2000.

_____. *Análise do Pensamento de Allan Kardec de 1855 a 1869*. Disponível em: <http://viasantos.com/pense/arquivo/1327.html>

DOYLE, Athur Conan. *A história do Espiritualismo*. De Swedenborg ao início do século XX. Brasília: FEB, 2013. (Trad. José Carlos da Silva Silveira)

_____. *História do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2007. (Trad.: Júlio de Abreu Filho)

_____. *A nova revelação*. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

DU MARSAIS, César Chesnau; et al. *Filosofia Clandestina*: Cinco tratados franceses do século XVIII. São Paulo: Martins, 2008. (Trad.: Regina Schöpke; Mauro Baladi).

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: EDIPRO, 2012.

ECO, Umberto. *Os Limites da Interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ELIADE, Mircea. Gioachino da Fiore: um novo teólogo da história. In: _____. *História das crenças e das ideias religiosas*. Volume III. De Maomé à Idade das Reformas. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 108-113.

ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodiceia*. A crise da fé em Deus e o problema do mal. São Paulo: Paulinas, 2004.

FEB. *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*. Programa Fundamental. Tomo I. 2ª Ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

_____. *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*. Programa Fundamental. Tomo II. 1ª Ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

_____. *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*. Programa Complementar. Tomo Único. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

FLAMMARION, Camille. *Mémoires biographiques et philosophiques d'un astronome*. Paris : Ernest Flammarion, 1912.

_____. *As forças naturais desconhecidas*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2011.

FOUREZ, Gérard. *A construção das ciências*. Introdução à filosofia e à ética das ciências. Bauru: UNESC, 1995. (Trad.: Luiz Paulo Rouanet)

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

_____. *Hermenêutica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GIANNOTTI, José Arthur. Vida e Obra. In: COMTE, Auguste. *Auguste Comte*. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 5-14.

GIBIER, Paul. *O Espiritismo*. Faquirismo ocidental. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos*. Uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GOMES, Amádio. Uma ciência do psiquismo é possível? A psicologia empírica de Kant e a possibilidade de uma ciência do psiquismo. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 17 - nº 1, p. 103-111, Jan./Jun. 2005.** p. 104-105.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris : Albin Michel, 1994.

_____. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. (Trad.: Beatriz Sidou).

HARRISON, Peter. “‘Ciência’ e ‘Religião’: Construindo os Limites”. *REVER*, março de 2007. p.1-33. (http://www.pucsp.br/rever/rv1_2007/p_harrison.pdf).

HENRY, John. *A Revolução Científica e as Origens da Ciência Moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Trad. Maria Luiza X. de A. Borges).

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Maurice Halbwachs (1877-1945). In : HERVIEU-LÉGER, Danièle ; WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e Religião*. Aparecida : Ideias e Letras, 2009. p. 215-254.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.) *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 9-23. (Trad.: Celina Cardim Cavalcante).

IMBASSAHY, Carlos. *Religião*. Refutação às razões dos que combatem a parte religiosa em espiritismo. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

_____. Espiritismo. In: CRUZADA ESPIRITUALISTA. *Oito Syntheses Doutrinarias*. Rio de Janeiro: Cruzada Espiritualista, 1929. p. 133-192.

_____. *A Missão de Allan Kardec*. Curitiba: Federação Espírita do Paraná, 1988.

INARDI, Massimo. *A História da Parapsicologia*. Lisboa: Edições 70, 1979. (Trad.: A. J. Pinto Pinheiro)

INCONTRI, Dora. *Para entender Allan Kardec*. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004.

_____. *Pedagogia Espírita*. Um projeto brasileiro e suas raízes. Bragança Paulista: Comenius, 2006.

INCONTRI, Dora; GRZYBOWSKI, Przemysław (Ed.). *Kardec Educador*. Textos Pedagógicos de Hippolyte Léon Denizard Rivail. Bragança Paulista: Comenius, 2005.

INSTITUTE DE FRANCE. *Dictionnaire de l'Académie Française*. Sixième Édition. Tome Premier. Paris: Firmin Lidot, 1835.

_____. *Dictionnaire de l'Académie Française*. Sixième Édition. Tome Second. Paris: Firmin Lidot, 1835.

JAEGER, Werner. Sócrates. In: _____. *Paideia*. A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 493-580.

KARDEC, Allan. *Le Livre des Esprits*. Contenant les principes de la Doctrine Spirite. Paris: E. Dentu, 1857.

_____. *O Livro dos Espíritos*. Contém os Princípios da Doutrina Espírita. Edição Histórica Bilingue da Primeira Edição de 1857. Brasília: FEB, 2013. (Trad.: Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Le Livre des Esprits*. Contenant les principes de la Doctrine Spirite. Second Édition. Paris: Didier et Cie., 1860.

_____. *The Spirits' Book*. Containing the principles of spiritist doctrine. Rio de Janeiro: FEB, s/d. (Trad.: Anna Blackwell).

_____. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Le Livre des Médiuns*. Ou Guide de Médiuns et des Évocateurs. Seconde Édition. Paris: Didier et Cie., 1862.

_____. *O Livro dos Médiuns*. Ou Guia dos Médiuns e Evocadores. Rio de Janeiro: FEB, 2008. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme*. Paris : Ledoyen, Dentu, Fréd. Henri, 1864.

_____. *L'Évangile selon le Spiritisme*. Troisième Édition. Paris : Dentu, Fréd. Henri, 1866.

_____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2008. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Le Ciel et l'Enfer ou la Justice Divine selon le Spiritisme*. Paris : Ledoyen, Dentu, Fréd. Henri, 1865.

_____. *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2009. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *La Genèse, les Miracles e les Prédications selon le Spiritisme*. Quatrième Édition. Paris: A. Lacroix, Verboeckhoven et Cie., 1868.

_____. *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2009. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Oeuvres Posthumes*. Paris: Librairie des Sciences Spiritiques et Psychiques, 1912.

_____. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2009. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Revue Spirite*. Journal d'Études Psychologiques. Première Année – 1858. Paris: Bureau, 1858.

_____. *Revue Spirite*. Journal d'Études Psychologiques. Deuxième Année – 1859. Paris: Bureau, 1859.

_____. *Revue Spirite*. Journal d'Études Psychologiques. Troisième Année – 1860. Paris: Bureau, 1860.

_____. *Revue Spirite*. Journal d'Études Psychologiques. Quatrième Année – 1861. Paris: Bureau, 1861.

_____. *Revue Spirite*. Journal d'Études Psychologiques. Cinquième Année – 1862. Paris: Bureau, 1862.

_____. *Revue Spirite*. Journal d'Études Psychologiques. Sixième Année – 1863. Paris: Bureau, 1863.

_____. *Revue Spirite*. Journal d'Études Psychologiques. Septième Année – 1864. Paris: Bureau, 1864.

_____. *Revue Spirite*. Journal d'Études Psychologiques. Huitième Année – 1865. Paris: Bureau, 1865.

_____. *Revue Spirite*. Journal d'Études Psychologiques. Neuvième Année – 1866. Paris: Bureau, 1867.

_____. *Revue Spirite*. Journal d'Études Psychologiques. Dixième Année – 1867. Paris: Bureau, 1868.

_____. *Revue Spirite*. Journal d'Études Psychologiques. Onzième Année – 1868. Paris: Bureau, 1869.

_____. *Revue Spirite*. Journal d'Études Psychologiques. Deuxième Année – 1869. Paris: Société Anonyme, 1869.

_____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Primeiro – 1858. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Segundo – 1859. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Terceiro – 1860. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Quarto – 1861. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Quinto – 1862. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Sexto – 1863. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Sétimo – 1864. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Oitavo – 1865. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Nono – 1866. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Décimo – 1867. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Décimo Primeiro – 1868. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Décimo Segundo – 1869. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Primeiro – 1858. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Qu'est-ce que le Spiritisme*. Introduction à la connaissance du monde invisible ou des Esprits. Ledoyen : Paris, 1859.

_____. *Qu'est-ce que le Spiritisme*. Guide de l'observateur novice dans les manifestations spirites. Quatrième Édition. Ledoyen, Dentu, Fréd. Henri : Paris, 1863.

_____. *Qu'est-ce que le Spiritisme*. Introduction à la connaissance du monde invisible Sixième Édition. Ledoyen, Dentu, Fréd. Henri : Paris, 1865.

_____. *O que é o Espiritismo*. Introdução ao conhecimento do mundo invisível. FEB: Rio de Janeiro, 2009. (Trad.: Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Voyage Spirite em 1862*. Centre Lyonnais Allan Kardec. (Disponível em: <http://spirite.free.fr>).

_____. *Viagem Espírita em 1862*. O Clarim: Matão, 1968. (Trad.: Wallace Leal V. Rodrigues).

_____. *Viagem Espírita em 1862 e outras viagens de Kardec*. FEB: Rio de Janeiro, 2007. (Trad.: Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Le Spiritisme a sa plus simples expression*. Centre Lyonnais Allan Kardec. (Disponível em: <http://spirite.free.fr>).

_____. *O Espiritismo na sua expressão mais simples*. FEB: Rio de Janeiro, 2007. (Trad.: Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Instrução Prática sobre as manifestações espíritas*. FEB: Rio de Janeiro, 2006. (Trad.: Evandro Noleto Bezerra).

_____. *Definições Espíritas*. Lachâtre: Niterói, 1997.

_____. *Catalogue raisonnée des ouvrages pouvant servir a fonder une Bibliothèque Spirite*. Paris : Librairie Spirite et des Sciences Psychologiques, 1869.

_____. Étude sur la poésie méliancolique. In: VAVASSEUR, L. *Échos poétiques d'autre tombe*. Librairie Centrale: Paris, 1867. p. VI-XVI

LACHÂTRE, Maurice. *Nouveau Dictionnaire Universel*. Panthéon Littéraire et Encyclopédie Illustrée. Tome Premier. Paris : 1867.

LANTIER, Jacques. *O Espiritismo*. Lisboa : Edições 70, 1980. (Trad. : António José Massano)

LAUSTER, Jörg. *Religião como interpretação da vida*. São Paulo: Loyola, 2009. (Trad.: Alfred J. Keller)

LESSING, Gotthold Ephraim. *The Education of Human Race*. London: Kegan Paul, 1896. (Trad.: Fred. W. Robertson)

LEWGOY, Bernardo. Representação de ciência e religião no espiritismo kardecista. **Civitas**. Porto Alegre. v. 6. n. 2. p.151-167. jul-dez 2006.

LEX, Ary. *Pureza doutrinária*. São Paulo: FEESP, 1988.

LEYMARIE, Pierre Gaëtan. O Espiritismo na Antiguidade. In: KARDEC, Allan. *O Espiritismo em sua expressão mais simples e outros opúsculos de Kardec*. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 236-239.

_____. *The Editor of the "Revue Spirite" on Allan Kardec*. **Psypioneer**. Volume 5, No 3: March 2009. p. 93-101. Disponível em: <http://woodlandway.org/PDF/PP5.3March09..pdf>

LOEFFLER, Carlos Friedrich. *Fundamentação da Ciência Espírita*. Niterói: Lachâtre, 2005.

MACHADO, Ubiratan. *Os Intelectuais e o Espiritismo*: de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Lachâtre, 1997.

MARIOTTI, Humberto. *Codificação Espírita superada?* Curitiba: Federação Espírita do Paraná, 1964.

MARIZ, Cecília Loreto. Instituições tradicionais e movimentos emergentes. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/ Paulus, 2013. p. 301-317.

MARTINS, Jorge Damas; BARROS, Stenio Monteiro. *Allan Kardec*. Análise de Documentos Biográficos. Niterói: Lachâtre, 1999.

MIRANDA, Hermínio C. *Nas fronteiras do além*. Rio de Janeiro: FEB, 2011.

_____. *Reencarnação e Imortalidade*. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

MONROE, John Warne. *Laboratories of Faith*. Mesmerism, Spiritism and Occultism in Modern France. Ithaca: Cornell University Press, 2008.

MOREIL, André. *Allan Kardec sa vie, son oeuvre*. Centre Lyonnais Allan Kardec. (Disponível em: <http://spirite.free.fr>).

MOREIL, André. *Vida e obra de Allan Kardec*. São Paulo: EDICEL, 1986. (Trad.: Miguel Mailliet).

NUNES, Beatriz Helena P. Costa et. al. *Em torno a Rivail*. O mundo em que viveu Allan Kardec. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004.

NUS, Eugène. *Choses de l'autre monde*. 5ª Ed. Paris : Imprimerie G. Rougier, s/d.

OLIVEIRA, Weimar Muniz de. *A volta de Allan Kardec*. Goiânia: FEEGO, 2008.

PAREYSON, Luigi. *Verdade e Interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PEREIRA, André. O Espiritismo e a Tradição Cristã. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 17-35, 2007. (Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2009/06/4-3.pdf>).

_____. *A plausibilidade da ordo amoris espírita no contexto da crise ética contemporânea*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Juiz de Fora: 2009. 342p.

PICTET, Adolphe. *Le Mystère des Bardes* de l'île de Bretagne. Genève: Joël Cherbuliez Éditeur, 1856.

PIRES, José Herculano. *O Espírito e o Tempo*. Introdução antropológica ao Espiritismo. São Paulo: Paideia, 2005.

_____. *Introdução à Filosofia Espírita*. São Paulo: Paideia, 2005.

_____. *Curso dinâmico de Espiritismo*. O grande desconhecido. São Paulo: Paideia, 2000.

_____. *Ciência espírita e suas aplicações terapêuticas*. São Paulo: Paideia, 1988.

_____. *Mediunidade*. Conceituação da Mediunidade e Análise dos Seus Problemas Atuais. São Paulo: Paideia, 2002.

_____. *A pedra e o joio*. São Paulo: Cairbar, 1975.

POPPER, Karl R. *A sociedade aberta e seus inimigos*. O fascínio de Platão. Tomo 1. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. (Trad.: Milton Amado).

_____. *A sociedade aberta e seus inimigos*. A preamar da profecia: Hegel, Marx e a colheita. Tomo 2. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. (Trad.: Milton Amado).

_____. *Textos Escolhidos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. (Trad.: Vera Ribeiro)

PRANDI, Reginaldo. *Os mortos e os vivos*. Uma introdução ao espiritismo. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

QUINTELLA, Mauro. *História do Espiritismo no Brasil*. Apostila.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. Do Romantismo até nossos dias. Volume III. 7ª Ed. São Paulo: Paulus, 2005.

REIS, Ademar Arthur C. dos. (et al.). *A CEPA e a atualização do Espiritismo*. Porto Alegre: CCEPA, 2001. p. 207-216.

RIBEIRO, Guillon. *Proêmio*. In: Carlos IMBASSAHY. *Religião*. (Refutação às razões dos que combatem a parte religiosa em Espiritismo). Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 19-20.

RIZZINI, Jorge. *Kardec, irmãs Fox e outros*. Capivari: EME, 1995.

RODRÍGUEZ, Victor Gabriel. *O Ensaio como Tese*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ROUSTAING, J.-B. *Les Quatres Évangiles de J.-B. Roustaing*. Réponses a ses critiques et a ses adversaires. Bordeaux : J. Durand, 1882.

ROVIGHI, Sofia Vanni. O Positivismo. In: _____. *História da Filosofia Contemporânea*. Do século XIX à neoescolástica. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 119-158.

SANTOS, Dalmo Duque dos. *Nova História do Espiritismo*. Dos precursores a Chico Xavier. Limeira: Editora do Conhecimento, 2010.

SAUSSE, Henri. *Biografia de Allan Kardec*. Rio de Janeiro: FEB, 2012. (Trad.: Evandro Noleto Bezerra).

SHARP, Lynn L. *Secular Spirituality*. Reincarnation and Spiritism in Nineteenth-Century France. Lanham: Lexington Books, 2006.

SILVA, Fábio Luiz. A utopia espírita: a cidade espiritual Nosso Lar. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido. *Espiritismo e religiões afro-brasileiras*. História e Ciências Sociais. São Paulo: UNESP, 2011. p. 5-32.

SINA, Mario. O Iluminismo Francês. In: ROVIGHI, S.V. *História da Filosofia Moderna*. Da revolução científica a Hegel. São Paulo: Loyola, 1999. p. 331-394.

SOUTO MAIOR, Marcel. *Kardec*. A biografia. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SOUZA, Hebe Laghi de. *Darwin e Kardec: um diálogo possível*. Campinas: Allan Kardec, 2007.

STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à Brasileira*. São Paulo/Curitiba: EDUSP/Órion, 2003.

SWEDENBORG, Emanuel. *Arcana Coelestia e Apocalipsis Revelata*. São Paulo: Hedra, 2008. (Trad.: John Lionel O’Kuinghtons Rodríguez)

THE APOCATASTASIS, or *Progress Backwards*. A new “tract for the times”. Burlington: Chauncey Goodrich, 1854.

TORCHI, Christiano. *Espiritismo passo a passo com Kardec*. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

TRÍAS, Eugenio. Pensar a religião: o símbolo e o sagrado. In: DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni. *A Religião*. O Seminário de Capri. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. p.109-124.

VERGA, Leonardo. O Espiritualismo Francês. In: ROVIGHI, Sofia Vanni. *História da Filosofia Contemporânea*. Do século XIX à neoescolástica. São Paulo: Loyola, 1999. p. 159-229.

VILHENA, Maria Angela. *Espiritismos*. Limiares entre a vida e a morte. São Paulo: Paulinas, 2008.

WALLACE, Alfred Russel. *O Aspecto Científico do Sobrenatural*. Niterói: Lachâtre, 2003. (Trad.: Jäder dos Reis Sampaio)

_____. *Diálogo com os céticos*. Bragança Paulista: 2011. (Trad.: Jäder dos Reis Sampaio).

WANTUIL, Zêus. *As mesas girantes e o espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*. Meticulosa pesquisa bibliográfica. Volume I. Rio de Janeiro: FEB, 1979.

_____. *Allan Kardec*. Pesquisa bibliográfica e ensaios de interpretação. Volume II. Rio de Janeiro: FEB, 1980.

_____. *Allan Kardec*. Pesquisa bibliográfica e ensaios de interpretação. Volume III. Rio de Janeiro: FEB, 1980.

WASHINGTON, Peter. *O babuíno de madame Blavatsky*. Rio de Janeiro: Record, 2000. (Trad. Antonio Machado).

WEBER, Max. A dominação carismática e sua transformação. In: _____. *Economia e Sociedade*. Fundamentos da sociologia compreensiva. Volume 2. São Paulo: UNB/Imprensa Oficial, 2004. p. 323-362.

_____. *Sociologia das Religiões*. São Paulo: Ícone, 2010. (Trad.: Cláudio J. A. Rodrigues).

_____. A Sociologia da Autoridade Carismática. In: _____. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982. p. 283-291.

WEISBERG, Barbara. *Falando com os mortos*. As irmãs americanas e o surgimento do espiritismo. Rio de Janeiro: Agir, 2011. (Trad.: Luciana Persice)

XAVIER, Francisco Cândido; EMMANUEL (Espírito). *O Consolador*. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

ZIMMERMANN, Zalmino. *Espiritismo, século XXI*. Campinas: Allan Kardec, 2011.